

.....

Nota Explicativa

*E*ntre os livros estrangeiros sobre o nosso país existem alguns que foram escritos mais com o intuito de atacar e desmoralizar que criticar imparcialmente o Brasil. Muitos já foram traduzidos e publicados e não deixaram de provocar, como é compreensível, uma certa reação da parte do grande público nem sempre possuidor de serenidade e espírito crítico suficiente para ouvir uma opinião maldosa, analisá-la e destruí-la com argumentos sérios e desapaixonados. O próprio do homem superior, isento de complexo de inferioridade, é ouvir a crítica, mesmo infundada, sem se alterar.

Muitos desses livros não deixam de ter o seu interesse. Nem tudo neles é diatribe. Há sempre muito ensinamento útil e, quando escrito no século passado, retratam usos abolidos, hábitos e situações posteriormente corrigidas. São documentos históricos que, comentados com critério, têm um valor muito grande para o estudo da nossa evolução.

O livro de Carl Seidler cabe, certamente, nessa categoria. O seu autor, aventureiro alemão, vindo ao Brasil com intuito de fazer fortuna rápida, aqui chegando viu seus sonhos desfeitos. De volta à terra natal escreveu um livro cheio de animosidade sobre o país que não o tornara milionário...



Mas nem tudo no livro de Seidler é mentira e animosidade. Muita coisa há que, vista hoje em dia, com a perspectiva de um século, retrata a época tumultuosa da formação de nossa nacionalidade. É preciso, entretanto, que seja criticado com conhecimento dos fatos relatados e traduzidos com exatidão. É o que foi feito nesta edição pelos eminentes General Bertoldo Klinger e Coronel Paula Cidade, tão conhecedores dos assuntos tratados pelo ex-oficial alemão a serviço de D. Pedro I.

RUBENS BORBA DE MORAIS

.....

Ao Leitor

AS POPULAÇÕES BRASILEIRAS EM PRINCÍPIOS DO SÉCULO XIX
– O PROBLEMA DO POVOAMENTO E AS PROVIDÊNCIAS DE D. JOÃO VI
– CONTINUIDADE ADMINISTRATIVA NO GOVERNO DE D. PEDRO I
– SCHÄFFER, AGENCIADOR DE COLONOS E DE SOLDADOS
– AS RIQUEZAS SÓ PODEM SER ACUMULADAS PELO TRABALHO
DEMORADO E PERSISTENTE. – OS VENCIDOS DA VIDA TERMINAM
POR SE INSURGIR CONTRA A NOSSA GENTE – VULGARIZAÇÃO DA
OBRA LITERÁRIA DOS MERCENÁRIOS DE 1827

*H*á mais de um século, quando o alemão Carlos Seidler escreveu este livro, outros estrangeiros, seguindo a mesma trilha, divulgaram observações sensacionais sobre o nosso país. Note-se que ainda nos adiantamos nos limiares do Brasil independente, ou mesmo do Brasil colônia.

O que eles viam era o meio da rua e não o interior dos lares, espécie de templo, naqueles dias mais do que hoje, cerrado à curiosidade estranha.

Carlos Seidler, como o seu compatriota Bösché,* não se desviava da rota seguida por dois outros visitantes não menos célebres, Rugendas e Debret; por isso descreveu certos aspectos de nossa vida colonial como

* Eduardo Teodoro Bösché, autor do livro *Quadros Alternados*.

estes últimos a pintaram, apenas com um pouco menos de negros e de cenas sórdidas. No entanto, não tem sido pequeno o interesse que entre os estudiosos têm despertando esses trabalhos. Não falta mesmo quem, para dar pasto à curiosidade, tenha obtido algumas traduções parciais de certos trechos dessas obras, escolhidos entre os mais escabrosos. Depois disso, fazendo abstração das idéias da época sobre o que hoje chamamos higiene, não poucos se horrorizam com os quadros traçados por esses graúcos censores estrangeiros. Esquecem-se, porém, que lá na Europa daqueles tempos a água era muito mais conhecida para beber do que para lavar...

Neste livro, escrito por um homem que viveu dez anos entre nós e que teve por conseqüência muito tempo para nos observar de perto, transparecem as mágoas dos desiludidos da primeira corrente migratória alemã, em que se confundiam, sem se ajustar, colonos e soldados.

Tínhamo-nos feito donos de uma formidável extensão de terras, sem dispor de meios para povoa-las rapidamente. Por muitos e muitos anos bordamos a costa do mar, fazendo apenas incursões para sondagem do interior. Os obstáculos naturais e as grandes linhas d'água, inflúindo de modo bem diverso, canalizavam os movimentos humanos. Mas, no fim de contas, quando as conveniências internacionais chegaram a transformar a colônia no elemento preponderante de um grande império, constituído pelo Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, encontramos do lado de cá do Atlântico em situação difícil no que diz respeito ao sério problema das populações. Para um total de cinco milhões e trezentos e quarenta mil habitantes, existiam aproximadamente quatro milhões de pretos, índios e mulatos.

Tem assim uma explicação razoável a impressão causada pelas massas populares aos estrangeiros que nos visitavam, quer se tratasse de eruditos de renome, quer de simples observadores, tão modestos como os mercenários alemães que escreveram depois sobre o Brasil.

Malte-Brun, em 1830, no seu *Tableau Statistique du Brésil*, dá 1.347.000 de brancos, para 3.993.000 de pretos ou mestiços.

Entre nós, poucos escritores terão se preocupado com as proúteis consequências destes números, que chocaram pela sua brutalidade aos observadores alienígenas. Lapouge, por exemplo, profetizou a formação de um grande império negro entre nós. Errou?

Se learmos em consideração os dados que possuía, para oferecer uma solução a semelhante problema, é forçoso confessar que não.

Já vimos o predomínio numérico da raça preta e sabemos além disso que é muito prolífera. O primeiro dos fatores que influíram na arianização da nossa gente foi a chamada seleção cósmica. Eschuege, estudando a natalidade e a mortalidade das populações mineiras, pelo ano de 1821, chega a conclusões que uma valiosa obra recente reduz à base centesimal, para melhor ser apreciada.¹ Vê-se aí que os coeficientes de natalidade e mortalidade são, respectivamente, para as raças branca e preta: de cem brancos nascem 4,04 e morrem 2,83 enquanto que de cem pretos nascem 4,76 e morrem 5,38. Em se tratando de escravos, a mortalidade se eleva assustadoramente a 6,86 por cento.

Tomando, porém, por base os únicos dados com que esses estrangeiros podiam jogar imediatamente – o crescimento paralelo atribuído a essas populações inconfundíveis e a importação em larga escala de pretos – pode-se fazer uma demonstração matemática da tese de Lapouge. Não deixaria de agravar a situação a facilidade de cruzamento existente, pelos pendores da raça portuguesa, que conduziriam a minoria branca a ser absorvida, fatalmente.

Falharam, porém, os sombrios prognósticos dos velhos escritores e viajantes, pela combinação feliz de fatores cósmicos com os dados novos a serem considerados em semelhante problema.

Cessado o tráfico de pretos, que deslocava as populações africanas de uma para outra margem do Atlântico, o país continuaria coberto de desertos, apesar do crescimento vegetativo dos dois grupos em presença.

Foi aí que esse grande príncipe, que foi D. João VI, adotou a resolução de substituir a condenada corrente preta pelo melhor sangue branco, introduzindo no problema – consciente ou inconscientemente – os

elementos que haviam de transformar em absurdos risíveis os cálculos, realmente certos, dos pessimistas do começo do século passado.

“A carta régia de 23 de setembro de 1811, escreve Agenor de Roure,² dirigida a D. Diogo de Sousa, governador da capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, mandava conceder dez e meia léguas quadradas, ou três e um quarto de raiz ou lado, em sítio junto de algum rio navegável, até ao mar, e que não fosse totalmente areento, ao irlandês Quan e a seus três filhos James Wesse Quan, Edmundo Pierre Quan e Thomaz Quan, pois muito convinha que eles viessem estabelecer-se com uma colônia de irlandeses industriais e agricultores.”

Uma permanência de menos de três anos no Rio de Janeiro permitira ao príncipe lusitano encontrar a única solução perfeita para semelhante problema. Entraram em suas cogitações – quando o elemento lusitano se mostrava insuficiente para cobrir os vastos trechos do planeta em que flutuava a bandeira das quinas – os irlandeses, os suíços e certamente os alemães. Em 1816 é a Bahia, em 1818 é a região em que hoje se ergue Nova Friburgo, em 1824 é a onda teutônica, a abordar em boa hora as plagas do Rio Grande do Sul, onde fora precedida de uma tuga de ilhéus de nação lusa.

As agitações políticas que varreram a face da Terra após Waterloo e que o Congresso de Viena não pôde impedir, fazendo ruir os impérios coloniais sul-americanos, vieram de fato alterar em seu aspecto, porém, não anular, as diretrizes da administração no que diz respeito ao magno problema. Passamos a importar, além de braços para a lavoura e para as artes, soldados para a guerra.

O encerramento, ainda recente, do cido guerreiro do imperador dos franceses deixara disponível abundante matéria-prima, de fácil aquisição. D. Pedro I, a quem se deparavam graves problemas de ordem interna, resolveu-se a criar um exército de que parte, pelo menos, não se achasse ligada à terra brasileira. Para isso mandou agenciar na Europa, no que não se afastava das linhas gerais da solução adotada por seu pai, agricultores e soldados.

Aparece então, emergindo a cabeça do dião de nossa história, o esertíssimo Schiäffer, Jorge Antônio Schiäffer, cuja vida é mal conhecida e que tantos ódios despertou nos desiludidos da aventura emigratória.

Parece ter sido um aventureiro de alto bordo. Gozava da confiança do imperador e de sua virtuosa esposa, que se dignava escrever-lhe, tratando-o de "seu único amigo" e de "excelente Schiäffer". Alberto Rangel dá-lhe o título de doutor e escreve a seu respeito: "Agente secreto do imperador em 1824, encarregado dos negócios do Brasil nas cidades hanseáticas e Saxônia baixa, nos ducados de Medemburgo, de Oldemburgo e na Dieta da Confederação germânica em Frankfurt-sobre-o-Meno, a 9 de abril de 1827, com o ordenado anual de quatro contos de réis; agente de colonização e recrutamento, major da imperial guarda de honra." ³ Pelo menos, até a recolta das tropas estrangeiras servia a contento. A imperatriz escrevia-lhe a 15 de março de 1825: "O imperador está extraordinariamente satisfeito com os soldados, e os cavalos causaram-lhe um prazer extraordinário. E le os foi ver mais de cem vezes nestes dois dias, etc." E logo adiante, acrescenta: "o imperador disse-me ter dado ordens ao Felisberto Brandt para que sustentasse V. M. com todo o ouro em barra e encarregou-me de lhe dizer que pode V. M. comprar imediatamente o cavalo branco de Steiner, perto de Lubeck, e os dois cavalos castanhos, de Illefeld, perto de Brandenburg" ³, etc.

Por essas linhas, verifica-se que Schiäffer tomava parte em intrigas diplomáticas, agenciava colonos, recrutava soldados e comprava cavalos para o régio galopador. Além disso, era honrado com a confiança da imperatriz, que lhe escrevia cartas do próprio punho.

De quando datariam os conhecimentos do senhor Schiäffer com a família imperial é o que por enquanto ninguém pode dizer ao certo. Ele já aparece envolvido, como um dos seus empresários, com as colônias Leopoldina e Frankental, criadas na Bahia em 1816.

Dele escreveu Afonso de Taunay, no tomo 87 da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, apoiando-se em Adalberto Chamisso, que durante três anos viajou à volta do mundo, no

*brigue Rurik, que o aventureiro havia promovido nas ilhas de Havaí uma grande agitação. Adianta mais, que era médico. Em 1815 chegou Schiäffer a uma das Sandwich, à ilha de Sitcha, dizendo-se delegado de Baranoff para colheita de material científico naquela zona do Pacífico. Mais tarde fizera-se representante de uma empresa russo-americana. Angariara a simpatia do rei Cameanêia e percorrera então o arquipélago havaiano. Nesta ocasião, dois navios russos, ancorados na ilha de Uaiú apossaram-se desta terra, igando o seu paillão, em sinal de posse. Rengiram os canacas, apoiados e dirigidos por alguns europeus, sendo os arrogantes estrangeiros obrigados a embarcar. Não se sabe ao certo, acrescenta o Conde Chamisso, a parte que ao doutor Schiäffer coube nestes fatos. Contra ele existia, contudo, entre os naturais, grande indignação.*⁴

Não desanimara, entretanto, o intrigante com este primeiro fracasso. Passando a visitar a parte ocidental do arquipélago, conseguiu, com as suas manobras, que o chefe Tamari se revoltasse contra o seu soberano, colocando-se sob a proteção da bandeira russa. Ainda desta vez foi infeliz. Em 1817, ao passar de novo a expedição Kotzebue por Havaí, soube-se que o chefe rebelde expulsara o aventureiro, submetendo-se a Cameanêia.

De volta a S. Petersburgo, tentou interessar o Czar Alexandre I numa série de aventuras, mas este não lhe deu importância. Foi aí que a sua imaginação se voltou para o Brasil.

A sua atividade, como contratador de braços para a lavoura ou para a guerra, pode ser encarada segundo três fases. Na primeira, os contratos são feitos sem autorização oficial, na segunda intervem o consulado brasileiro de Bremen e na terceira e última, provavelmente pelo aumento da oferta, o governo contratante não chegou, como nos casos anteriores, a especificar as concessões feitas aos colonos ou aos soldados.

A imprensa alemã apareceu recheada de anúncios enumerando as vantagens, realmente convidativas, oferecidas pelo governo brasileiro, pelas quais os imigrantes gozariam de privilégios não concedidos aos nacionais: 1º) passagens pagas pelo governo brasileiro; 2º) concessão gratuita de 400

braças de terras em quadro, ou 160.000 de superfície; 3º) subsídio diário de um franco, ou 160 réis, a cada colono, no primeiro ano, e metade no segundo; 4º) cada família teria, em proporção com o número de pessoas, arvalos, bois, ovelhas, etc...

Por cima de tudo isso, afetando interesses muito mais sérios, a concessão imediata da qualidade de cidadão brasileiro, inteira liberdade de culto e a isenção de pagamento de impostos por dez anos.

O imigrante adquiria automaticamente todos os direitos políticos, sem ficar sujeito ao ônus que regularmente caía sobre os demais cidadãos. Avaliam-se as conseqüências futuras de tão lezíana oferta, quando se verifica que baseado nisso o ministro prussiano junto ao nosso governo pretendeu, em 1863, transformar a região de S. Leopoldo num feudo de seu rei.

Os anúncios espalhafatosos de Schäffer levantaram justificadas desconfianças de boa parte da opinião alemã, principalmente de sua imprensa, máxime por ser o contratador de má reputação em sua pátria.

Certamente, o agente imperial não se limitava a perceber os quatro contos anuais, fixados por D. Pedro I, apesar desta quantia ser relativamente elevada para uma época em que um major, somados o soldo e a gratificação de comando da tabela de 29 de abril de 1823, ganhava apenas \$75.000 mensais.

*Pela correspondência do Marquês de Barbacena, vê-se que as promessas da imperatriz não foram uãs. Schäffer foi chamado a Londres pelo velho titular, em começos de 1825, a fim de ajustar suas contas, relativas a cinco expedições de emigrantes já feitas até aquela data. "Na minha correspondência com ele", escreve Barbacena para o Rio, "sempre me queixei amargamente das despesas, mas em abono da verdade devo declarar a V. Ex.^a que em minha consciência entendo terem sido moderadas, e que em nenhuma outra parte será possível obter gente com menor despesa. Nos cinco navios mandou ele 1.838 pessoas vestidas e algum armamento e tendo para isso recebido de mim ££ 12,14 – despesa sem dúvida mais que moderada, etc."*⁵

Sobre a personalidade nada ilustre do agenciador de colonos e soldados, o autor dos Quadros Alternados escreveu algumas páginas terríveis, apresentando-o ao povo alemão como bêbado, charlatão, mentiroso, egoísta e tratante. Quando foi tê-lo para alistar-se ao serviço do Brasil, encontrou-o, já de manhã cedo, cercado de garrafas vazias...

Quatro semanas após a recolta das tropas estrangeiras, voltou Schiäffer ao Rio, onde foi obrigado a esconder-se, para fugir à sanha vingativa dos seus compatriotas desiludidos. Th. Bösch conta que, não obstante, o encontrou em uma casa, na Armação, em companhia de um grupo de oficiais dos mais dissolutos, sempre às voltas com o álcool. “Tive o prazer pouco intejável”, acrescenta o escritor mercenário, “de ver frequentemente o grande apóstolo, porém, sempre entre as ruínas de uma noite orgiaca, rodeado de garrafas e das mais decussas e libertinas pessoas. Este homem vivia numa eterna bebedeira; não havia absolutamente nexo no que dizia. Era a sua linguagem uma algaravia.”⁶

Se acrescentarmos que noutro trecho o pinta como sendo alto, de olhos pardos e penetrantes, fisionomia antipática, teremos feito o seu retrato, que aliás o mesmo autor dedara ter visto numa parede da casa da Armação, acompanhado da legenda – Navegador Mundial.

Carl Seidler, como se há de ver mais adiante, acusa-o de ter tosquiado numerosas ovelhas inocentes, para “tecer um pelego quente para si próprio”. Se dermos crédito a este autor, Schiäffer tentou, sem o conseguir, entrar para o serviços dos reis da Espanha, de Portugal e da Rússia, tendo antes disso se intitulado pachá turco.

Perseguido na Alemanha, desacreditado no Brasil, que fim teria tomado o famoso arrebanhador de homens para exportação?

Navegador mundial, como ele mesmo se intitulava, decerto não lhe faltou um canto cômodo do Planeta para viver – e beber, se é que tinha o bolso cheio, como tudo faz crer. Talvez tenha ido passar os primeiros tempos no interior do Brasil, para fazer esquecer o que dele se dizia, solução que mais ou menos transparece nas páginas dos Quadros Alternados.

Tauray atanga que terminou seus dias, minados pelo álcool, miseravelmente, como auxiliar das antequeses dos botocados do rio Doce.

As maldições lançadas sobre a cabeça do célebre aventureiro e os sofrimentos de milhares e milhares de imigrantes, com o tempo caíram no olvido; o que resta, de tudo isso, são os frutos. A corrente, depois de sofrer um colapso, de novo avolumou-se. Ao norte, ao centro e principalmente ao sul, multiplicaram-se os grupos arianos, que transbordaram dos descampados para as cidades. O território nacional pôde ser com muita propriedade comparado a uma retorta, no bojo da qual como que se renovava para nós a obra da Criação. A vitória do elemento branco, um século depois da independência, é inegável. Para uma população de mais de quarenta milhões de habitantes, os negros puros já são raros e os mestiços relativamente pouco numerosos.

Hoje em dia, nenhum observador estrangeiro poderia dizer que somos ou que seremos ainda um grande império negro.

Surge, porém, outro problema, de ordem moral. Teodoro Roosevelt focalizou perfeitamente este assunto, quando assinalou as duas soluções tipo que se defrontam na América. De um lado, os arianos da América do Norte guardando a pureza das linhas ancestrais, com a desvantagem de enquistar em seu seio a massa negra, de outro, os do Brasil, assimilando a minoria negra, trazendo para dentro de suas próprias veias essa gota de sangue africano.

Aos sociólogos, justamente apreensivos pelo que diz respeito às conseqüências do cruzamento com uma raça inferior, poderíamos responder com o argumento da inexistência relativa de raças puras. A uniformidade de vários tipos étnicos parece que resulta mais do meio cósmico e da persistência do caldeamento do que da pureza do sangue. O caráter do nosso povo não pode, pois, deixar de ser a resultante das tendências de várias raças que o formaram, medidas pela expressão numérica de cada uma e moldadas pelas condições especiais do meio físico. Diferenciada pela compressão dos tipos superiores em presença, a componente preta passará a não influir na mentalidade da raça, graças também à sua insignificância.

Dos estrangeiros das primeiras letras, os que ficaram ou tão se fundindo no velho tronco lusitano, ou já se fizeram absorver produzindo uma elite que predomina em todos os sentidos, principalmente no comércio e nas indústrias do país.

Esse belo remate da obra fecunda de D. João VI foi precedido, obedecendo a uma lei natural, de outras fases, em que se operou a seleção que nos conduziu aos poucos ao estado atual.

O traumatismo de ordem moral que vitimou não poucos dos adventícios dos primeiros anos do Brasil independente, pode ser considerado uma enfermidade agravada pela propaganda interesseira de Schüffer, que levava em seu bojo três defeitos capitais: não esclarecia as verdadeiras condições locais, prometia vantagens superiores aos recursos do país, arrebanhava indiferentemente vagabundos, bandidos, bêbados intemperados, mendigos e galés tirados dos presídios, a par de elementos sãos e de boa vontade, cujo trabalho rude devia assim começar por dominar as asperezas do meio social em que se achavam.

Foi assim que a nascente povoação de S. Leopoldo teve os seus dias amargurados e o presidente da província do Rio Grande, para livrá-la dos maus elementos, lançou mão dos mal comportados para formar companhias e esquadrões de soldados alemães.

Dessa onda humana, todos tinham os seus projetos, mais ou menos grandiosos. O que certamente não figurava nos cálculos de qualquer deles era o tempo necessário para reunir uma fortuna, mesmo modesta, em qualquer parte do mundo, as dificuldades de todo gênero a serem vencidas, o suor, as lágrimas e muitas vezes o sangue com que se argamassam as situações pessoais vantajosas.

As riquezas proporcionadas aos portugueses pelo saque brutal da Índia e aos espanhóis pela conquista do México e do Peru, têm origem na vitória militar dos inteiros. Já se vê que os homens contratados para servir entravam no país sob condições bem diversas. Para vencer, só podiam

razoavelmente contar com a fecundidade da terra, com o tempo e com a sua energia.

Acontecia, porém, o que foi acontecer a todos os emigrantes: os que tinham ainda não haviam saído do país natal e pensavam no dia venturoso do regresso, abarrotados de riquezas. Ora, há mais de dois mil anos já havia dito um poeta grego que os trabalhos são o preço por que os mortais pagam o bem-estar que fruem.

Os que desconhecem esta verdade não podem deixar de ser vencidos na luta pela vida, tal como aconteceu ao próprio Carlos Seidler: "Assim estava lançada a minha sorte", escreveu ele mesmo em seu livro, "como servo de um novo tirano estrangeiro eu me considerei altamente feliz – e poderia tê-lo sido." Pena é que ele não houvesse dito o que esperava obter de D. Pedro e de Dona Leopoldina.

Ao tempo em que foi escrito este livro, soprava entre nós uma rajada de vida nova; fervilhavam as intrigas políticas e os projetos de engrandecimento material. Paradoxalmente, as sociedades, agitadas por um pandemônio de idéias, arquitetavam sistemas políticos que entravam em conflito com as suas próprias tendências históricas. Todos tinham as melhores receitas para aliviar a Nação dos males que a afligiam, mas não era fácil aplicá-las, pela falta de acordo entre os pretensos taurinaturgos. Fundamentalmente, havia republicanos e monarquistas, porém, dentro de cada uma dessas ordens de idéias, quantas divergências! Separatistas, unionistas, restauradores, constitucionalistas, absolutistas e, sobre todos, os oportunistas.

No fim de contas, ninguém se entendia.

Compreende-se cada vez melhor o estado d'alma daquela pobre gente. Embrechados no meio sul-americano, entcolidos no turbilhão desordenado das nascentes nacionalidades, muitos imigrantes não puderam se adaptar às condições do país e tiveram de voltar à pátria, quando não caíram ao longo da estrada – desiludidos e cheios de ressentimentos. Vindos os que se destinavam ao exército com a pretensão de ocupar os postos mais elevados, sobrepondo-se à massa mais modesta, constituída pelos elementos nacionais, viram-se alguns anos mais tarde

afogados pela onda nacionalista que se avolumara, para muitos deles com menosprezo de seus inegáveis serviços ao país.

Em 1830 foram extintos os corpos de estrangeiros e desse modo dissipadas as suas últimas esperanças.

Mas, no Brasil desse tempo tudo estava por fazer, sendo a escolha do meio de vida apenas uma questão de bom senso, ou de aptidões especiais. Os rústicos teriam os campos, onde a terra é sempre grata aos que a regam com o seu suor; os operários as cidades, onde a mão-de-obra escassa proporcionava facilmente o pão de cada dia aos homens de ofícios; aos cultos não faltavam ocupações adequadas aos seus conhecimentos.

Exemplos não nos faltam. Dentre esses mercenários, um dos mais apazes, como soldado e como oficial de estado-maior, foi esse Seueloh, que nos deu as suas admiráveis Reminiscências^{}. Não lhe conhecemos o começo nem o fim da vida, mas o seu arquivo, que está na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, permite-nos acompanhar boa parte de sua existência, após haver deixado o exército. Velho usurário, viveu pelo menos até a guerra do Paraguai, tendo deixado incompleta uma História que começou a escrever desta luta.*

Pois bem. Redondo de lamúrias de velha socina, legou-nos um diário íntimo, pelo qual se vê que como professor de línguas ganhava a vida folgadoamente, chegando a acumular algum dinheiro, que emprestava a prêmio.

Pode-se então dizer que o mal que abateu os vencidos da vida que se retiraram do Brasil odiando a gente e caluniando a terra, era deles mesmos.

Verifica-se mais uma vez o acerto do provérbio estranho: à quelque chose malheur est bon. O despeito mal sopitado dos mais cultos mercenários da época de D. Pedro I serviu para criar uma interessante literatura, que só agora, cem anos mais tarde, pôde ser vulgarizada no Brasil. A tradução deste livro, que em boa hora Klinger acaba de fazer,

^{*} Tradução brasileira completa pelo General B. Klinger. Notas de F. de Paula Cidade. *Revista Militar Brasileira*, nº 1, de 1936. Rio.

não precisa de recomendações especiais, porque chama por si mesmo a atenção dos estudiosos.

É, porém, uma necessidade que os livros dos mercenários alemães sejam anotados, não só porque foram escritos cheios de rancor, como porque os seus autores raramente dispuseram de documentos oficiais para compulsar. O leitor desprevenido poderia perfilhar idéias errôneas, o que deve ser evitado, se se deseja que o trabalho agrade e ao mesmo tempo seja útil.

O autor dos *Zehn Jahre in Brasilien* diz-se 2º tenente do 27º Batalhão de Caçadores da organização de 1824, mas o seu nome não figura nas “relações de mostra” datadas do Passo de S. Lourenço, logo após a batalha de 20 de fevereiro de 1827, existentes no Arquivo Nacional. Duas hipóteses podem então ser feitas: ou o autor não se achava no sul do país nessa época, porque parece que um contingente desse corpo ficou no Rio, ou ali usava de outro nome. No primeiro caso, é provável que não tenha assistido à batalha que descreve.

De qualquer modo, o seu livro encerra aspectos pitorescos de nossa vida civil e militar de há um século atrás. Escrito em 1833 ou 34, registra impressões de um observador de condições modestas, que escreve o que sente e o que sentem os que o cercam, que diz exatamente o que anda na boca do povo, embora tenha muitas vezes, por esse modo, a se afastar da verdade.

O que se passa com o autor dos *Dez anos no Brasil*, sob o ponto de vista de certas incertezas que registra, não obstante a sua condição de observador contemporâneo, é por demais comum para causar estranheza. Os acontecimentos, vistos por certos prismas, desfigurados pelas informações tendenciosas, condimentados pelas suposições da maledicência que se transformam em boatos, aparecem ao grande público comumente deformados.

Em se tratando de operações militares, aí mais do que em qualquer outro ramo da administração pública, a assistência, a gente da platéia, não compreende, em regra, o que se passa nos bastidores. Cada qual vê apenas uma mescla do cenário, onde se projeta o que mais de perto lhe interessa. Só os indivíduos que se acham colocados em planos superiores podem abranger com a vista o conjunto dos acontecimentos.

Assim se explica a diferença que existe entre os escritos de um Seueloh, que fez parte do estado-maior de um comandante-em-chefe, e os dos escritores como Carlos Seidler.

Não obstante, quem queira compreender uma época não pode desprezar o contingente valiosíssimo da mentalidade dominante, que chegou a constituir uma parte do ambiente em que os fatos mais interessantes se desenvolveram.

CORONEL F. DE PAULA CIDADE –
Ex-professor de história militar

NOTAS AO CAPÍTULO AO LEITOR

-
- 1 *Recenseamento do Brasil*, de 1920.
 - 2 *O Centenário de Nova Friburgo*, por Agenor de Roure. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, tomo 83.
 - 3 *D. Pedro I e a Marquesa de Santos*, por Alberto Rangel.
 - 4 Posteriormente à feitura deste trabalho, apareceu a obra *Motivos de História Diplomática*, de Mário de Vasconcelos, que encerra um interessante estudo da atividade diplomática de Schäffer, que o autor grafa Schaeffer.
 - 5 *Vida do Marquês de Barbacena*, por Antônio A. de Aguiar.
 - 6 *Quadros Alternados*, por Ed. Th. Bösche.

N. do T. – Este Eduardo Teodoro Bösche foi também autor de um *Novo Dicionário portátil das línguas portuguesa e alemã*, em dois volumes, do qual o tradutor conhece a 2ª edição, feita em Hamburgo, em 1876, “Em casa do editor-proprietário Roberto Kittler”, a qual se encontrava à venda no “Rio de Janeiro, em casa de Eduardo e Henrique Laemmert”.

H. Michaelis no prefácio de seu dicionário alemão-português cita a este de Bösche, edição de 1876, entre os poucos seus antecessores, de que se serviu. Segundo os anúncios da casa editora anexos ao dicionário de Bösche, verifica-se que este publicou diversas outras obras para vulgarização da língua portuguesa na Alemanha: *Neue portugiesische Sprachlehre*, *Portugiesisch-brasilianischer Dolmetscher*, *Der Kleine Portugiese*.

Pela reclama de um deles fica-se sabendo que o autor teve “completo ensino universitário na Alemanha” e viveu mais de dez anos no Brasil e em Portugal.

.....

Prefácio

Numa época em que o velho mito bíblico do Dilúvio se renova com uma significação moderna a ponto de se transmutar a tinta, em água; o barco do poeta ou o casco do navio soçobrado duma existência, em arca de Noé; o colo esguio dum ganso, em asas de pombo com ramos de oliveira; e os resíduos, em Monte Ararat; numa época em que com as badaladas de páscoa se expande por toda a Alemanha uma nota, formidável migração de povos, na qual os livros e os jornais fazem o papel dos velhos bárbaros; em que a palavra impressa domina e oprime com o seu cetro de ferro todas as classes da sociedade humana – há de parecer ousadia que um leigo pretenda usurpar assento e voto na república dos escritores; porém, aqui precalece nem a nobreza de sangue, nem o favor humano, nem a antiguidade: a voz da verdade, a representação fiel de cenas cheias de acontecimentos, o eco desataviado de sons cheios, a tradução conscienciosa, de uma língua estranha, de longe, trazida com a sua História através do passado e do presente – só isso dá o bastante merecimento pois Clio, dantes a musa da História, hoje a Parca da crônica do dia, muitas vezes, quando felizmente em sua profunda meditação, deixa o jovem, mal amadurecido, muito viajado e muito experimentado, pers-

crutar occultamente os seus pergaminhos, ao passo que afasta com o seu estilete encantado o ancião muito lido e muito instruído.

Por isso escrevi este livro e por isso ele há de ser lido.

O Brasil sempre suscitou múltiplo interesse, primeiramente como terra privilegiada das fábulas européias de mil e uma noites, depois como império constitucional aportuguesado e, por fim, enxotado o seu Senhor, e como para não sair da fábula, qual corpo que se adorna de penas de parão.

O breve reinado de D. Pedro em Portugal; sua morte súbita; as numerosas versões falsas espalhadas a seu respeito e de sua vida; as exageradas notícias de jornais das quais até hoje não se colhe senão a satisfação do desejo de saber algo a esse respeito; a louca sofreguidão emigratória dos meus patrícios ainda não atenuada; o interesse histórico universal do decênio e o interesse político do dia; tudo isso me solicitara fortemente a relatar sem sonegação nem alteração, em palavras simples, tudo quanto exatamente observei durante dez anos de minha permanência no Brasil e a seu serviço, como testemunha ocular favorecido pela minha posição, pelas minhas vastas relações pessoais na corte do Rio de Janeiro, pelas minhas muitas campanhas e viagens ao interior e às suas mais inacessíveis florestas.

Esta a origem, este o objeto da presente obra, que não tem pretensão de elevado caráter científico, e cujo autor nutre apenas o desejo íntimo de informar e ao mesmo tempo distrair o seu leitor.

Verdade e variedade são as estrelas polares pelas quais alegremente me guiei nesta difícil empresa; só me atrevo a relatar quanto eu mesmo vi e vivi, sem embargo à minha imperícia de escritor e ao meu diminuído conhecimento da língua materna, diminuição decorrida de minha longa ausência; assim preenchendo na medida de minhas forças certas lacunas que existem igualmente em nossa Geografia, História Natural e Universal, até mesmo na estatística e nas finanças.

Nestas páginas descrevi a variada vida social do Rio de Janeiro, com os seus milhares de ramificações; o comércio de escravos e a vida dos

negros; a vida militar e a dos colonos, antes de D. Pedro, durante o seu reinado e depois dele; a floresta virgem com a história aventureira dos seus animais e as tribos indígenas, em breve realçadas mas não-domadas; a guerra contra Buenos Aires e as funestas campanhas, as perturbações intestinas do Império; as agitações nas câmaras; as revoltas das tropas estrangeiras e sua dissolução final; D. Pedro como imperador, como particular e como ex-imperador.

Se uma ou outra vez a minha individualidade sobressai demasiado, é um defeito atenuado pelo exemplo forte dos escritores mais novos e que será desculpado facilmente, suponho, em circunstâncias como as presentes.

O público alemão, certo, não negará o meu zelo e atribuirá algumas fraquezas deste livro mais à minha situação do que à falta de cuidado.

Blankemburgo, 10 de março de 1835.

CARL SEIDLER

Brocken¹⁰ podia servir de degrau e a Virgem¹¹ de braço de cadeira; negros brancos e europeus negros; belas damas, que conjugavam a grandeza espanhola com o ardor amoroso da italiana; finalmente, um imperador que, qual engraçado macaquinho, saltara sobre o leão morto, a fingir de leão.

Isso não haveria de seduzir o jovem? Para ver semelhantes raridades eu teria circunavegado dez vezes o mundo com Kotzebue & Cia., contanto que não naufragássemos no Cabo Norte.

Enquanto durar a pilhéria, o Brasil é o maior reino da sabedoria, do catolicismo e da superstição que se traduz em milagres; o Brasil é na bíblia da nova História Universal o homem rico que morre miseravelmente como Lázaro – *laceratus [sic]*,¹² esfarrapado e mutilado. O Brasil é a terra da natureza, que, como toda cornucópia da felicidade, desperta exagerado despotismo, mas jamais o tolera por muito tempo; é o jardim do Paraíso depois do pecado de Adão e do episódio das folhas de figueira; D. Pedro I por causa de seus pecados foi expulso do ofendido éden e uma criancinha brinca como querubim com a espada chamejante que lhe puseram às mãos.

O futuro é a figura de Sais,¹³ que se não pode impunemente desvendar; presente e passado são as arestas da pirâmide triangular em que está gravado em caracteres de fogo o nome de Jeová. O que eu vi e observei durante dez anos está aqui registado e pode-se considerar este livro como ilustração a anexar à cartilha, à História do mundo e da humanidade, pois que fiz escovar e guardar o uniforme brasileiro para me dedicar como mestre-escola e reformador a ensinar à geração mais velha os milagres do mais recente passado.

Eu quisera ver o mundo no seu período de desenvolvimento aventureiro e considerei o Brasil como foco da grande câmara escura, como primeiro dos tubos sonoros, profundamente cavado, no órgão do presente; quisera figurar em algum papel, fosse embora apenas de espectador e estatístico. Olho tem todo aquele que não for cego, e quem aprendeu a escrever pode manejar uma pena para reproduzir fiel e conscienciosamente aquilo que tiver apreendido com seus próprios sentidos. É uma confissão a Deus, naturalmente confissão luterana, na qual a palavra não se faz inteiramente corpo, mas também não se desfaz em ar. Quem entender de escrever as memórias de seu tempo tem de ir à confissão,

sem tremer nem vacilar, e relatar tudo de acordo com sua convicção, tudo que lhe pareça contribuir para esclarecimento da sua geração.

Com isto fica feita a minha confissão, espontânea e sem afetação, qual segundo Rousseau, e cada um dos seus leitores saberá que cometi uma tolice quando a 6 de outubro de 1825 deixei minha pátria sonolenta e minha carreira ainda mais sonolenta para tentar minha sorte no Novo Mundo, levado por meus sonhos de moço, como um moderno *chevalier sans peur et sans reproche* [sic].

Tarde da noite cheguei a Hamburgo, e Hamburgo precisa ser vista à luz da noite. É uma cidade livre, onde todo tolo tem de pagar para passar nas portas da cidade,¹⁴ e que por isso ostenta três torres no seu escudo. É o porto e a bolsa da Alemanha, tal qual Elba é a língua da Alemanha. Dela vai-se ao mar e o Canal¹⁵ conduz ao Oceano, e a terra dos sonhos fica muito além do eterno balanço das ondas.

Não faltavam navios ancorados em Hamburgo; era a primeira vez que eu via o mar e um navio. Aluguei um bote para ir à cidade das velas. Tinha a impressão de que todos os navios me pertenciam, e de que eu era o doge na hora da sagração no golfo de Veneza: cabia-me escolher onde com o meu dinheiro comprar um lugar na câmara, debaixo das asas do cisne.

Havia três navios a partir para o Rio de Janeiro; agradou-me o *Carolina*, comandante Von Wettern; um bonito trimastre, que calava no mar e bracejava alto nas nuvens. Acertamo-nos em 26 luíses.

Misterioso e indolente, a bordo larga a flâmula de variadas cores, ali estava também, qual tentadora sereia que faz por encantar os cavaleiros errantes, um cargueiro, atestado, no qual me prometiam passagem grátis. Mas eu conhecia o Major Schäffer, o moderno Robinson, que vendia o sangue de seus conterrâneos, à procura de um monte de ouro e de um canal de açúcar, e que tão bem soube explorar para os seus fins egoísticos a fúria aventureira da mocidade alemã. Foi Schäffer quem tosquiu¹⁶ tantas ovelhas inocentes para tecer um pelego quente para si próprio; Schäffer, o Dom Quixote político que sucumbiu vergonhosamente na luta contra o moinho de vento de idéias libertárias não amadurecidas, o qual depois de viver alguns anos numa ilha deserta do Oceano Pacífico, depois de intitular-se pachá turco, qual renegado da fidelidade e da fé, depois de

tentar em balde seduzir os potentados da península e da Rússia para os seus planos aventureiros de colonização, finalmente se vendeu a D. Pedro, com couro e cabelo, como a um amo adequado; Schäffer, o agenciador sem consciência, para quem palavra e assinatura não eram sagradas; Schäffer, o moderno vendedor de almas, que procurou introduzir na Alemanha, não sem êxito, em sentido oposto, o proibido tráfico de negros.

No desenrolar da narrativa há de reconhecer-se que nessa descrição não vai palavra de exagero pois que já nesse tempo, sendo eu apenas adolescente, já julgava acertadamente o Major Von Schäffer. Não me move nenhum preconceito cego, nem ódio pessoal, pois jamais estive em qualquer situação de subordinado a ele; minha entrada como oficial ao serviço imperial brasileiro, como membro duma legião alemã no Novo Mundo, teve lugar sem sua intervenção ou recomendação, por ordem especial de D. Pedro. A minha convicção a respeito dele nasceu num período muito posterior, e será explanada num capítulo próprio, referente ao problema da emigração e da colonização, especialmente a respeito da colônia de S. Leopoldo.

A 16 de novembro levantamos ferros e meu coração ficou aliviado, pois meu espírito ainda não sofria enjôo do mar, nem haviam sucumbido minhas esperanças. Como uma flecha singrava a alegre *Carolina*, com seu peito levantado e as bordas largas, pela maré montante, qual tímida menina que o namorado persegue. Em breve estávamos na dianteira dos outros dois navios. Entretanto o vento favorável se tornara furacão; pelo menos assim me parecia, mas o capitão e os marinheiros garantiam que era apenas um temporal. No mar e de noite, um temporal sempre é algo de imponente; sem querer, pensa-se no versículo da bíblia: “O espírito estava sobre as águas.”

É espetáculo singular a festa das bodas entre as ondas azuladas do Elba, tangidas por forte vento, e o mar do Norte. Soberbas elas, elevavam-se com silenciosa dignidade em seu vestido de noiva feito de espuma, cabeça meio inclinada de pudor, olhos chorosos ourelados dum véu de caniços, para depois, ardentes de amor, ao amplexo do amante mais forte deixarem-se cair no grande, alto e fofo leito do mar intérmino. Cada vez mais subiam as vagas, as gaivotas voavam em torno de nós com suas profecias de mau agouro, e até o práctico que devíamos desembarcar em Cuxhaven temia não poder tocar em terra, com a violência do

mar. É realmente de admirar a ousadia com que esses homens afrontam o elemento enraivecido apenas em seu barquinho raso com dois remos e um pedacinho de pano de vela; e não menor é a admiração que merece a perícia com que na mais violenta tempestade, submergindo e emergindo como cisnes, se tornam verdadeiros senhores livres do mar.

Logo apareceu o navio do práctico; baixou-se um bote, preso ao navio por forte cabo e o esforço físico de dois homens o arrastou em menos de duas horas para bordo do nosso trimastre. O práctico saltou para o bote e em poucos minutos os corajosos pilotos tinham alcançado o porto seguro; e nós, a todo pano, tanto quanto possível obedecendo à bússola, rumamos para a terra das esperanças e sonhos, o Brasil.

A tempestade enfurecia-se cada vez mais, porém não era inconstante, e o tempo não mudava de cor; mas a sua cor era melancólica, peculiar ao inverno e às nuvens de neve quando pela primeira vez no ano vão descer com geada e gelo. Despertava o mundo de Ossian e singulares vultos de névoa perpassavam em cavalos fumegantes; a fantasia é um pássaro que voa mais depressa que o mais veloz navio.

A ilha de Helgoland, a St. Helena do mar do Norte, emergiu com suas paredes rochosas nuas, e as ondas arremessadas mais alto cantavam desarmonicamente as baladas de navios soçobrados, narravam as fábulas da dominação dinamarquesa e inglesa.

Muito eu tinha ouvido falar de banhos de mar e prelibado o prazer de experimentar seu maravilhoso poder curativo, mas um trimastre na tempestade não é adequado a navio banhista e para um neófito do mar como eu.

Finalmente, calaram-se os tubos sonoros do órgão da natureza, como que extenuados. Durante oito dias só vimos o sol, como em má câmara escura, embarcado e sem raios. O furacão recuperou as forças e tornou a moer a sua velha melodia predileta, que a todos nos tirava as vistas e o ouvido. Era uma dança divertida; a água do mar alcançava o cesto da gávea e os marinheiros agarravam-se aos cabos para não serem arrastados às ondas.

Juntava-se a isto o enjôo do mar, o velho, inexorável monstro das águas, o pesadelo náutico, que não conhece compaixão nem consciência. Foi um longo sonho, horroroso, do qual despertamos pouco a

pouco, uma lenta agonia, acompanhada dos símbolos da ressurreição em convulsões vomitivas. Nesses dias não sem fim tudo a bordo sonhava, enquanto o navio calado e morto, como o espectro holandês dos mares meridionais, cortava as ondas sem sinal exterior de vida.

Éramos quatro passageiros no camarote: dois comerciantes, o tenente Ottmer e minha pessoa. Todos moços e mais aquinhoados de esperanças do que de bens terrenos. Quatro cavaleiros errantes da moderna Távola Redonda da era da restauração alemã. Todos especulávamos, ou sobre paus de tinturaria, areia diamantífera ou couros, sobre a glória, felicidade militar e galantes aventuras. Mas, aí! quando se está com enjôo do mar esquecem-se todos os sonhos, abandona-se tudo que se preza de belo e magnífico; parece a todo momento que a alma vai escapar-se; ela se corporifica e padece fisicamente; e o espírito comercial desaparece.

No nono dia finalmente levantou-se a cortina de nuvens, o sol ressurgiu, e em vez de estarmos no estreito de Calais achávamo-nos a pouca distância da costa norueguesa, da qual reconhecíamos claramente os rochedos piramidais. Estabelecera-se súbita calmaria, que durou quase tanto como a precedente tempestade; o frio aumentou medonhamente e não tínhamos aquecimento no camarote. Em tais circunstâncias o navio torna-se deveras um presídio; o oceano é a Bastilha, na qual nos tocou minguido cárcere e nossos companheiros de sofrimento têm de tornar-se nossos irmãos, pois partilham conosco as mesmas esperanças, as mesmas tribulações, o mesmo tédio, as mesmas horas de desespero e de risco. Não há como sair das paredes do cárcere. A fantasmagoria só se altera com as cores cinzentas dum presente obscuro, sonolento; ainda não se conhece a sentença dos elementos, ainda não se sabe se há de viver-se nem como se morrerá. O capitão, valente homem do mar com aspecto de Falstaff, ainda no Elba nos prometera que dentro de uma semana estaríamos na Ilha da Madeira, debaixo de bananeiras e ao chilrear dos canários, a saborear fartamente o legítimo Old Dry, que antigamente Londres conhecia. Entretanto, já contávamos dezesseis dias de mar e estávamos longe do canal como nunca. Passamos todo o mês de dezembro e o começo de janeiro sob o mais terrível frio no Mar do Norte e jamais esquecerei a pequena árvore de Natal que então erguemos, com velazinhas e lantejoulas, nem da noite de S. Silvestre,¹⁷

que primeiramente celebramos com *grog* e canções alegres, e depois em silenciosa, sincera devoção. Só a 12 de janeiro de 1826 logramos passar o estreito de Calais; reconhecemos claramente os dois faróis que montam sentinela nas duas costas; em 36 horas estávamos outra vez em alto-mar e tínhamos dado adeus à Europa, talvez para sempre.

É uma linha divisória na vida do homem, aquele dia em que vê fundir-se com o horizonte longe atrás de si a terra com suas elevações e ele mesmo passa a peregrino do infundo oceano. A criação perde um elemento, o mais belo de todos, a terra, verde, banhada de sol, onde foi o nosso berço, e em cujo regaço repousa o pó de nossos antepassados. Do alto da gávea o marinheiro apregoa o desaparecimento da terra; o oceano é nossa mãe amorosa! Serenamente, à luz do sol, desliza o navio para dentro de um mundo de nuvens e água, ao encontro da longínqua invisível meta: imagem da vida humana. Ainda sinto vivas as impressões que então dominaram meu coração, contudo já no outro dia eu ansiava por tornar a ver terra, montes e matas; pois a contemplação do oceano traça uma barreira firme, intransponível, à fantasia, e a fantasia, centelha humana de Prometeu, é a única entidade terrena que não tolera barreiras.

A vista do oceano é magnífica e grandiosa, como um livro luterano de orações, com bons cânticos e as bênçãos matinais e vesperais. Mas quem gostaria de lê-lo sempre! O mar tem sempre algo melancólico: com a calmaria parece um cadáver, com a tempestade uma cova hiante. Livres do enjôo do mar, este nos deixara entretanto um mal remanescente, a saudade – a febre paroxística da recordação.

Finalmente, apareceram-nos as *ilhas do Cabo Verde* [sic], quais verdadeiras estrelas salvadoras; vimos mais de perto a de St. Antônio. Depois de tantos dias e noites, cumprimentávamos novamente pela primeira vez a terra que, com suas cadeias de montanhas subterrâneas e ramificações antediluvianas, constitui o esqueleto sólido da nossa terra firme comum. Estas ilhas são na maior parte rochedos nus, fabulosos, que tão erradamente quanto a Groenlândia¹⁸ derivam seu nome verde primaveril do velho *lucus a non lucendo* [sic]; em poucos sítios a pedra é revestida de virentes leivas, predomina o reino mineral. A vegetação é rara, mas brilhante; e a mais insignificante flor parece ao fatigado mareante incompreensível maravilha divina, que de fato é.

Novamente alto-mar, novamente sem terra, com vento favorável, tédio e distrações, até ao cinto virginal dos dois hemisférios. “Tornava-se nossa viagem cada vez mais agradável. O céu era gárrulo e o mar, com o qual estávamos agora mais conhecidos e amigos, desvendava aos nossos olhos a vida misteriosa que sua profundidade encerra. Ultimamente era meu maior prazer banhar-me no oceano e, como mergulhador ousado, fazer pequenas excursões de descobrimento no domínio dos peixes e dos corais. Certa manhã preparava-me para o mesmo, quando passa correndo por mim um marinheiro, a gritar – “Os anzóis! os anzóis!” Perguntado para que queria anzóis, respondeu-me: “Então, o Sr. não está vendo aquele bicho de lombo liso prateado! Já por duas vezes esbugalhou os olhos cá para dentro; mas vamos preparar-lhe um almoço.” Depressa me debrucei na amurada e vi, com não pequeno susto, um tubarão, pelo menos de dezesseis pés de comprimento, que, escoltado pelo seu piloto, chispava com as suas grandes nadadeiras brilhantes das costas e da cauda, como uma gôndola meio submersa. Não demorou que diante da garganta escancarada do bicho pendia no anzol preso a uma corda um pedaço de toucinho de duas libras; e o tubarão não apanhava a isca porque o vento favorável premia fortemente as nossas velas. Os fiéis pilotos* sempre lhe mostravam o bom caminho; isso durava horas, quando repentinamente a majestade aquática, qual Cleópatra voluptuosa, deu formidável salto de costas; alvejou a barriga no meio da espuma borbulhante, os dentes afastaram-se com ruído e a isca foi

* A maioria dos meus leitores há de conhecer já estes pilotos, presumo, da história natural ou de descrições de viagens. Entretanto, parece-me não destituído de importância acrescentar aqui algumas palavras sobre esse animal singular. Nunca vi tais peixes maiores do que de um pé a um e meio; sua cor é geralmente castanha e o dorso é raiado de faixas largas, escuras. Eles comprovam na água com especial instinto o princípio do despotismo, pois o tubarão, tirano dos mares, nunca saciado corsário das regiões meridionais, serve-se deles em suas expedições de rapina como de fiéis escravos e guias. O voraz tubarão é uma das rodas mestras na grande máquina de destruição e reprodução da natureza; ele devora tudo que pode abocanhar, exceto os pequenos, incansáveis pilotos, que sem serem incomodados brincam com suas respeitáveis barbas. Verdade é que estes bichinhos são muito rápidos e ágeis no nadar, entretanto seriam aos milhares vítimas de seu dominador, se este não fosse visceralmente ilimitado egoísta. Em todos os elementos a natureza é a mesma. (N. do T.: – Esta nota é do autor, como todas as mais precedidas de asterisco.)

devorada. Penosamente sete homens puxaram para bordo a fera aprisionada; nosso trimastre estremecia convulsivamente com as suas rabanadas, que não cessaram enquanto não foi esquartejado a machado e seu coração arrancado do corpo. Era a primeira inspeção anatômica a que eu assistia. Como todos sabem, não é só o porco mas também o tubarão amostra da constituição analítica da natureza humana; essa verdade não é muito lisonjeira, mas é evidente. O animal ainda vivia, apesar de estar com a cabeça esmigalhada e a barriga aberta; seu coração ainda pulsava quinze minutos depois de estar arrancado. Ganham em verossimilhança os milagres do galvanismo. Quando será finalmente desatado o nó górdio? Pois a história natural, em seus departamentos recônditos, é mais escura e indeterminada do que a história do mundo.

O herói desse pequeno episódio “da fábula dos mares”, além dos pilotos ainda trazia quatro peixes mamíferos, como estimados camareiros, em seu séquito, pendentes nas partes moles de seu corpo, e que não o largaram nem depois de aprisionado e condenado à morte. Nestes peixes de forma cônica e formação cônica¹⁹ predomina a cor preta; são do tamanho do arenque e têm na parte inferior da cabeça, lisa como um espelho, diversas aberturas polipiformes, que a tudo se atracam.

O mar, como boa dona de casa, tem sempre provisões de tudo; há muita coisa mole e muita coisa angulosa; nunca falta um ralador. E o ralador rala e é ralado: esta é a única harmonia verdadeira da existência: cócega animal é o segredo da conjugação entre o tubarão e os peixes mamíferos. É curioso que o tubarão, com plena razão cognominado a hiena do mar, nunca se apresenta sem seu numeroso séquito. Alguns dias depois apanhamos mais dois peixes da mesma espécie, e ainda mais outros até o Equador, ao todo seis. Um deles ainda bem novo, nós o comemos; mas achamos a carne seca e má.

De gustibus non est disputandum [sic]. Não precisarei acrescentar que desde a primeira dessas pescas perdi o gosto pelo banho de mar.

A 8 de fevereiro o capitão tomou a latitude e declarou que atingíramos a Linha. Fabulosamente vestidos, marinheiros penetraram logo em nosso camarote, sob a direção do contramestre, para nos felicitar a nós quatro passageiros, que ainda nenhum jamais passara a Linha. Ficaram satisfeitos com a gorjeta que nos filaram; com algumas piastras

espanholas compramos a dispensa do grande batizado que era celebrado no convés, com imensa galhofa, pelos anabatistas mascarados. Tal festa é demasiado conhecida para que eu a descreva de novo; é a festa do mar no mar, a páscoa de uma esperança, já semi-realizada. Como curiosos assistimos à cena. A água corria aos baldes, em cascatas e fontes; ficamos respingados pela incessante chuva a cântaros, e em breve já não éramos espectadores da comédia: então passamos a mão nos baldes e com as melhores energias pagamos o bem com o bem.

*"Muito grácejo, com risos de estouro!
Soubessem-no as gerações vindouras!"*

A brincadeira continuou até às três da tarde, quando o sino tocou à refeição. Nada aí se poupou do que ainda havia de bom e belo a bordo; descerrou-se para nós uma louvada terra de sonhos da Idade de Ouro, em que os rios eram de mel e vinho, em que só havia lágrimas de felicidade e de recordações e em que se confirmava *in fado* [sic] a hipótese tanto tempo descrida da eterna mobilidade da Terra.

Semelhante dia recorda-se por longo tempo, depois de dissipada a conseqüente dor de cabeça; pois ele quebra a monotonia da viagem marítima, fica marcado como folhinha vermelha no calendário da nossa peregrinação terrena. Alcançou-se o Equador e pensa-se que já é o termo. É que depois de longa incerteza alcançou-se uma linha que serve de gigantesco marco miliar no oceano; sabe-se agora exatamente em que altura do globo terrestre se está, a partir da qual se pode determinar em graus matemáticos a situação da pátria distante e a da próxima, desconhecida terra firme das fantasias juvenis, alcançada com tantos sacrifícios.

Mas o homem do mar teme o Equador tanto quanto o ama; pois costuma deparar aí com duradoura calma. Também nós aqui ficamos parados quatro dias, sem a mais leve brisa, sem a mínima onda. O único episódio desse espaço de tempo idílico foi a morte de uma vaca, que ia de presente para o cônsul geral austríaco Scheiner. Ela se engasgara com um arenque, que o contramestre lhe dera, como panacéia contra repentinas cólicas de ventre. Muito sentimos essa perda, pois de futuro tivemos que tomar o nosso café sem leite.²⁰

Que formidável mudança rápida do extremo frio para o mais premente calor! No mês de janeiro no Mar do Norte, não longe do velho Thule, em fevereiro sobre o Equador! No quinto dia suave brisa

armou as velas e assim penetramos na outra metade da Terra. Desde então o vento se manteve favorável e foi crescendo de intensidade à medida que nos afastávamos da Linha.

A 24 de fevereiro, pela manhã, o capitão nos deu notícia de que, se seus cálculos não falhassem, ainda hoje avistaríamos terra. Ficamos tomados de medrosa expectativa e quando às duas horas da tarde se ouviu do cesto da gávea o brado alegre de “Terra!” muitos corações a bordo se alvoroçaram. De olhar firme e brilhante de alegria, todos alongavam a vista, para o longínquo horizonte, transparente, a esperar com tímida impaciência o momento em que correria o reposteiro e começaria o drama da surpresa. Assim passou meia hora, que contamos minuto por minuto; eis que de repente surgem aos nossos olhos clara e nitidamente, as elevadas cadeias de montanhas do Novo Mundo. Nossa alegria foi ilimitada, se bem que soubéssemos que ainda não seria para hoje a nossa chegada ao porto de destino; tínhamos, porém, o objetivo à vista, sabíamos que a criação possuía também para nós uma terra firme e podíamos erigir sobre aquelas gigantescas massas rochosas os castelos aéreos de nossas mais lindas esperanças.

Ao mesmo tempo avistamos diversos navios que a todo pano demandavam o porto do Rio de Janeiro, nenhum dos quais, porém, podia contar que entrasse antes da noite. Todos, silenciosamente resignados, tivemos que bordejar à espera da madrugada. Foi linda a noite, fulgurante, como em terra não se conhece; não tivemos sono; assentados ao convés, sonhávamos acordados e em conversação sem palavras interpretávamos uns aos outros os nossos sonhos de futuro. Veio a aurora; mas não nos trouxe a satisfação de nossos mais ardentes desejos. O vento rondara e vimo-nos obrigados a bordejar diante da barra todo o dia e a noite seguinte.

Singular aventura, que aqui nos sucedeu, desviou os nossos pensamentos e cuidados para outro objeto, não muito agradável. Um navio de guerra de três mastros, que desde algumas horas fazia os maiores esforços, e bem sucedidos, para nos alcançar, por fim, com três disparos nos ordenou que hasteássemos a bandeira. O nosso capitão não quis saber disso, não respondeu à pergunta assim formulada, e indiferente continuou a velejar; mas eu bem notei que a *Carolina* com uma pequena mudança de direção tomou mais vento e frechou para o alto-

mar. A fragata inimiga seguiu-nos e içou a bandeira preta e branca de Buenos Aires. Imagine-se o nosso susto! Aquele país estava em guerra com o Brasil e estava muito em moda o corso, essa mancha de ferrugem no escudo da nossa cultura, a qual tanto gostamos de alardear. Teríamos a mínima esperança de poder enfrentar honrosamente a luta contra um corsário bem guarnecido e bem artilhado? O prolongado idílio da nossa viagem pelo oceano sossegado deveria terminar em sangrenta catástrofe? Penso que na maioria não nos achávamos aptos para semelhante fim heróico.

Sem mais demora, a *Carolina* apresentou-se como hamburguesa e com honesto orgulho ostentava sua bandeira. Parece que o suposto corsário refletiu; deixou visivelmente de nos perseguir e içou a bandeira francesa.²¹ Tranquilizamo-nos mas nunca se pôde saber qual fora a intenção do comandante da fragata com esse ataque simulado; apenas mais tarde tiramos a limpo que era realmente navio de guerra francês, que muito tempo esteve aqui fundeado. Evidentemente houve política em jogo, e a política tornou-se ultimamente manto de carbonário ao ombro de anão grandiloqüente: ela encobre e desculpa tudo. Fora de dúvida que é condenável perseguir de tal maneira navios mercantes.

O dia 26 de fevereiro, aos 103 dias de minha partida de Hamburgo, seria enfim o fecho da longa travessia marítima. Levantou-se vento à feição e todos os navios que estavam à espera, cujo número entrementes subira a dez, entraram pesada mas rapidamente, quais aves migratórias, cansadas e saudosas, na louvada meta de seus desejos. Alcançáramos o objetivo, mas o encantamento desse instante pelo qual de antemão tanto nos havíamos alegrado não se manifestou, pelo menos para nós quatro passageiros, que passáramos o Érebo para alcançar o Orcus. Mil sentimentos desencontrados enchiam-nos o coração. É que estávamos chegados ao lugar onde contávamos tirar a sorte grande na loteria duma sina funesta. A qual de nós tocaria nessa loteria um bilhete branco?... Não podíamos todos ganhar. Demais tínhamos sabido tanto do Brasil, de leitura ou de ouvir dizer; ora no-lo descreviam como a mais rica e magnífica de todas as terras, ora como a mais pobre, miserável, e quanto ao espírito de seus habitantes como a mais excomungada. Onde o ponto da verdade, no

qual se tocam os dois extremos? Qual a constelação que havia de assinalar a sorte da nossa vida?

Cada vez mais claras emergiam as enormes cadeias de montanhas e os penhascos da costa brasileira apresentavam-se menos esbatidos; estávamos perto do porto do Rio de Janeiro.

Muito já se falou e se escreveu do golfo de Nápoles, muito do magnífico semicírculo que Constantinopla com sua religião e natureza orientais oferece ao admirado viajante; muito da magnificência do Tâmis e do Tejo, de Copenhague no Belt e de Estocolmo no lago Melar; mas tudo isso não vale o porto do Rio de Janeiro. Um porto não é um idílio e não pode ser paisagem; um porto é a boca pela qual fala o oceano, o único liame entre dois elementos. Seu caráter deve ser sério e distinto; delicadezas e suavidades só lhe devem servir de ornamento, pelo mesmo motivo por que não se devem banir das igrejas os quadros dos altares, obras-primas da arte humana e da inspiração, os tentadores baixos-relevos do presente. O sublime associa-se de bom grado, mas não integralmente com o suave. Antes do mais, é mister que haja penhascos, a formar o fundo da inexcedível pintura; em cima o céu azul claro, em baixo a água azul escura, sem limite preciso, sem horizonte enevoadado; vegetação meridional gigantesca, com as inúmeras maravilhas de florestas seculares quase virgens; incomensurável cidade de velas, com seus multicores mastros e bandeiras, ricos palácios, edifícios altos, lindas vivendas, belas casinhas e cabanas, vida humana sempre ativa, incessante intumescimento em todos os pulsos do grande corpo, que representa papel capital na História Universal.

Tal é o Rio de Janeiro, assim assenta sobre extensos socacos, circundado pela magnificência e grandeza dos nunca excedidos bastidores do Novo Mundo; parece fabuloso delfim, que o mar deitou à praia e que agora trêmulo e brilhante se banha ao sol.

A fresca brisa marinha que em regra começa a soprar pelas onze horas da manhã e que pela sua agradável frescura é tão benéfica para os habitantes do Rio de Janeiro, pela uma da tarde trouxe-nos à altura do *Pão de Açúcar* [sic]. Qual severo e fiel escudeiro de belo tempo de antanho, da cavalaria da natureza, esse gigante de pedra, másculo e quedo, guarda a estreita entrada do porto. Íngreme e inacessível, essa rocha de granito alcança as nuvens; nunca uma árvore aí deitou raízes, só seu

cume apresenta aqui e ali alguma vegetação rasteira; o velho escudeiro e guardião conserva sua primeira barra. O Pão de Açúcar não é, como seu nome indica, de açúcar, mas de forma perfeitamente cônica. Ele é, se me permitem a comparação, o Brocken do Brasil, envolto em mil tradições e lendas católicas e pagãs, pois também o Novo Mundo tem sua moderna mitologia.

Sempre se tivera por impossível a ascensão a esse íngreme rochedo. Talvez muito contribuisse para essa suposição um temor sagrado. Contudo, à chegada da imperatriz Amélia, a segunda esposa de D. Pedro, dois soldados alemães empreenderam esse arriscado lance.²² Quiseram eles proporcionar à sua nova soberana, que pela sua mais tarde brilhantemente demonstrada magnanidade bem merecia semelhante distinção, uma iluminação de honra sobre o alto do cone de granito, aproveitando raízes e grama lá encontrados, iluminação de que se tem pálida imagem comparando-a com as chamas vomitadas pelo Hecla ou pelo Vesúvio. Com alguns víveres, material para riscar fogo, paus ferrados e rija coragem, forte entusiasmo, os dois soldados empreenderam sua penosa excursão. Para subir era demorado, mas seguro; ambos sabiam trepar, pois um deles fora marinheiro e o outro limpa-chaminés. Ao romper do dia partiram do pé do fabuloso pico e tarde da noite ardia sobre ele uma pirâmide ígnea, que iluminava a léguas de distância, todo o Rio de Janeiro, a baía e o mar, verdadeira *lanterna mágica* [sic] que a tudo envolvia com seu encantamento. Para descer, os dois arrojados iam mais depressa, porém, com maiores riscos; confessavam que por preço algum reproduziriam a façanha, pois seria tentar a Deus e “o que lá em cima viram, não contaram a ninguém”.

No pé do Pão de Açúcar está a fortaleza da Praia Vermelha, de grande importância, porque sem ela seria muito fácil um desembarque de tropas inimigas nesse sítio. Bem artilhado, esse castelo, mudo e quedo, com suas muralhas brancas, parece um ancião a repousar adormecido sobre as ondas alterosas. Mas as muitas seteiras e os olhos faiscantes dos canhões dizem bem claro da força palradora do adormecido. Não obstante, sua guarnição não passa atualmente de 12 a 14 inválidos, sob o comando de um 2º tenente também inválido. Ao tempo de D. Pedro não era assim; havia como comandante um general²³ e todos os recrutas, alemães e brasileiros, eram aqui adestrados.

O Pão de Açúcar, com o castelo Praia Vermelha, constitui o extremo esquerdo da entrada do porto, e o forte de St. Cruz, com seus 300 canhões, o lado direito desse triângulo irregular. St. Cruz é a fechadura e a chave do Rio de Janeiro, como o Pão de Açúcar é a sua sentinela da torre. Passado esse forte, depara-se com um porto no qual todos os navios de guerra do mundo caberiam folgadoamente e em que todas as nações marítimas têm seus representantes, entra ano, sai ano.

Todos sabemos que a natureza é vaidosa: ela se enfeita de flores e verde folhagem, e gosta de mirar-se com satisfação no espelho do córrego ou do oceano. Mas em parte alguma ela mostra em mais alto grau do que aqui esta qualidade, tão inocente e encantadora, que não se pode considerá-la como defeito. Silenciosos estávamos no convés, em bem-aventurado encantamento, como se um relâmpago nos houvesse carregado de leve magnetismo; a boca não tinha palavras; só as mãos, que mutuamente apertávamos em adoração sem palavras, vibravam convulsas sob a pressão amistosa do entusiasmo e da despedida. É a festa divina da natureza. Até os marinheiros tinham furtiva lágrima nos olhos. Quem nunca viu o porto do Rio de Janeiro não tem autoridade para criticar semelhante sentimento. Não se pode analisar a impressão global; aqui não cabe o despotismo das minudências.

À mão esquerda, junto ao mar, está a cidade imperial, no panorama já descrito. Do imenso contorno de penhascos é o Corcovado o mais alto e maravilhoso. Tem ele o esqueleto de granito, mas não é despido de vegetação. Lá no alto há dois enfeites aplicados pela mão do homem: um telégrafo²⁴ e um pavilhão de estilo meio chinês, onde às vezes habitava o imperador, quando queria em paz entregar-se ao amor ou à sua torva melancolia. Um telégrafo e um palácio de recreio imperial sobre íngreme rocha, lado a lado, demonstram a velha verdade da afinidade eletiva dos extremos – o gozo e o medo do tirano!

O caminho para lá é sofrível, só em certos trechos muito íngremes; é geralmente vencido em lombo de burro, aliás meio de viajar aqui muito comum. O burro é mais cauteloso e mais paciente do que o cavalo: é um animal verdadeiramente católico.

Mesmo do centro da cidade se elevam diversos montes e gigantescos blocos de granito; são monumentos que não foram levantados por arte do homem e que jamais a mão do homem poderá arrasar.

Os dois mais notáveis são o da Conceição e o do Hospital;²⁵ segue-se-lhe o Morro da Glória, situado bem perto da cidade e assim denominado de uma igreja de S. Maria existente sobre ele, além de que com razão, considerado o Rio de Janeiro como imagem de Mãe de Deus, poder-se-ia tomar esse penedo com o seu cruzeiro dourado como a glória do conjunto.

Estes três pontos dominam completamente a cidade, e a experiência demonstrou que um reduzido efetivo de tropas é capaz não só de ocupá-los como de sustentá-los. Demonstração clara, se bem que negativa, dessa afirmação temo-la na revolução das tropas alemãs do Rio, da qual tratarei mais tarde desenvolvidamente, como o assunto o reclama. Se essa revolta desesperada não tivesse sido apenas uma explosão de cruel furor; se tivessem assumido a direção dos revoltosos alguns oficiais de valor, cientes do espírito que reinava entre os soldados em geral e da sua própria situação, em que a espada de Dâmocles, qual cutelo do carrasco, lhes pendia por uma crina de cavalo sobre as cabeças; tivessem sabido, como deviam, saber, que a fruta brasileira estava madura para ser colhida e prestes a cair do pé; então teriam com a tática que se impunha e com pouco esforço ocupado aqueles três pontos. O Rio teria tremido como linda pecadora diante da imposta expiação; D. Pedro não teria sido degradado em Duque de Bragança, talvez não estivesse morto! A História da Europa também não teria apresentado mais uma lacuna imposta pela censura.

O Conceição é o mais forte destes três pontos;²⁶ fica no meio da cidade e é fartamente artilhado, mas falta-lhe, como ultimamente em toda parte no Brasil, suficiente guarnição. Será negligência ou política?

À mão direita víamos a idílica cidadezinha de Praia Grande, geralmente ponto de romaria dos habitantes europeus do Rio quando querem fazer aos domingos alguma excursão de recreio. Por 40 Rs. (dois groschen) faz-se a travessia em grande barcos para a outra margem, de onde a cidadezinha espia atrás de pontes de rochas e sombra de matas, qual rainha prisioneira, de extinto romantismo, ansiosa de amor. Tudo então é vida e rumor; não falta música, dança, e cantoria, alegria, expansividade e loucura... Vinho e amor dão a nota fundamental na epopéia desse dia de prazer. Vai-se tecendo contente o sonho até noite adentro e acorda-se na manhã seguinte com dor de coração e de cabeça,

pois o reino da bem-aventurança dissipou-se ante a pressão dos trabalhos diuturnos de um presente de lutas.

Não longe fica a Armação, onde os colonos alemães tinham que estagiar até terem transporte para Porto Alegre. Está agora triste e deserta: os tolos alemães, como outrora os muito escarnecidos israelitas, estão hoje longe à margem de rios dum país inculto, e a cítara pende muda dos galhos dos álamos. Porto Alegre não correspondeu ao seu nome. Mas naquele tempo ainda não sabíamos disso; a grandiosa natureza nos enleava os sentidos, em nossa ebriedade de alegria só sonhávamos de felicidade e bem-aventurança no país louvado.

O porto, que na entrada mal tem meia milha de largo, alarga-se cada vez mais e em pouco toma a forma e o caráter de grande lago interior; as ondas tornam-se mais mansas e mais azuis, os penhascos ficam mais claros no mesmo grau em que o horizonte perde os traços definidos. As costas verdes se espelham nas águas e parece que delas exsurge o velho mundo outrora submergido, que desconhecemos, entretanto nos parece tão conhecido.

O porto do Rio ostenta muitas baterias e castelos, em parte muito favorecidos pela natureza. Se compararmos o porto com o vestido de gala do Brasil, que de fato o é, esses fortes representam as condecorações honoríficas. Vamos já citar os mais notáveis. Primeiramente, S. João, com 30 canhões, em mau estado; é um inválido ali deitado com honras, mas que pouco mais pode fazer. Até minha partida não se cogitava de melhorá-lo. Depois a Laje, um Gibraltar em miniatura, forte extremamente sólido, talhado no granito, com cerca de 24 canhões. A pouca distância mostra seus dentes como um cão a querer morder, a ilha fortificada de Villegaignon, construída por um francês, ao qual deve o nome; mas quanto a morder não é grande coisa, pois também aqui é mais a guarnição arquitetônica do que a guarnição militar. Aí todos os navios que entram no porto têm que passar por uma *quarentena* [sic] política, até que uma comissão especial para isso nomeada examine os passaportes dos passageiros e os papéis do capitão. Semelhante visita, parasita e cipó europeu, parece que também medra bem no Novo Mundo.

Ainda fica perto da cidade a *Ilha das Cobras* [sic], forte castelo com 180 canhões. Com suas altas muralhas e torres chatas é uma moderna Bastilha, onde são recolhidos os indivíduos apanhados nas ruas e forçados

a servir como marinheiros, vivendo em peças bolorentas, com alimentação detestável, como os mais vis criminosos, até que debaixo da vara do cabo tenham aprendido os exercícios com as armas.²⁷

Com a decadência do tráfico negreiro subiu consideravelmente o comércio de almas: extirpa-se um mal para dar lugar a outro.

Em todo caso, ainda acho o que louvar no tráfico de almas, pois não admite nenhuma seleção aristocrática da cor, da religião ou da classe, e encerra mais poesia. Desta forma ainda acontece frequentemente que filhos cavaleiros de Vênus ou de Baco, apanhados pela polícia, são metidos na Ilha das Cobras e depois têm que prestar os mais detestáveis serviços forçados, como escravos de galés ou imperiais marinheiros – o que aqui é o mesmo. Seus parentes, quando não representam o papel principal no caso, nada sabem a respeito; o filho perdido, julgado morto, um dia torna à casa materna, como aleijado ou velhaco, e reclama seus direitos; às vezes haverá lágrimas de medo e de saudade, mas nem sempre se carneará um bezerro.

Dos referidos fortes, durante o governo de D. Pedro, a Praia Vermelha era comandada por um general-de-brigada, S. Cruz por um marechal do corpo de engenheiros, Villegaignon por general-de-brigada, e a Ilha das Cobras também por marechal de engenheiros.

Farândola cômica de altos personagens de parada! E é certo e positivo que naquele tempo o Brasil possuía mais generais de engenheiros do que todo o resto do mundo reunido. Imaginem-se as somas enormes necessárias para semelhante ostentação!

Se o Hecla vomita fogo, o Geyser vai resfriar-se, um imperador americano gosta demais do brinquedo de soldados, as caixas das finanças não tardam a esvaziar-se. Desse esvaziamento o Brasil não pode dar contas certas e provadas, pois com suas minas de diamantes e moedas de cobre o país continua no caos; e um caos forma no drama de reprodução do nosso mundo o segundo ato, pois “o mundo foi a princípio deserto e vazio e escureceu nas profundezas”; então Deus disse: “Faça-se a luz”. E a luz se fez.

Sentenças bíblicas podem ser aplicadas em toda parte e no Novo Mundo têm duplo sentido. Talvez seja por causa do catolicismo radical, com o barrete de dormir de três pontas. Em Portugal a Madona traz uma criança em cada braço, mas no Brasil ela traz num mesmo braço

pelo menos o jesuitismo, o fetichismo e o canibalismo. Isso não é cristão – isso não é bom.

O porto do Rio de Janeiro tem 15 léguas de comprimento, cerca de 12 léguas alemãs, e a maior largura entre a cidade e Praia Grande²⁸ é de duas léguas. Altas montanhas envolvem o conjunto e os navios aqui ficam tão seguros como o filho ao colo da mãe. Também eles sentem essa segurança e gozam-na em santa calma bem-aventurada, depois da longa peregrinação pelo incomensurável oceano. Parecem deitados a todo comprimento, suavemente balouçados pelas ondas, quais gaivotas cansadas, asas colhidas; só pelas bandeirolas a drapejar ainda denotam vida. O escudo real da longínqua pátria os protege, enquanto calmamente dormitam.

Entrementes os marinheiros perambulam nas ruas do Rio e petiscam nos vinhos portugueses ou nos encantos há muito murchos de graças francesas. O capitão talvez de súbito tenha ficado temente a Deus e trava como galante fanático em qualquer igreja o seu namoro com alguma senhora densamente velada e ainda mais profundamente suspirosa. E os passageiros, cujos interesses puseram em marcha toda esta cidade de velas? que é feito deles, onde ficaram suas esperanças?

Como já mencionei, aqui abundam as ilhas; o porto do Rio é um arquipélago, cujo caráter o menos atilado dos fisionomistas facilmente pode decifrar.

A *ilha do Governador* [sic] não é fortificada, como também outra que lhe fica perto e onde há uma fábrica de pólvora: são as covinhas de sorriso na face aqui sem máscara pintada da virgem brasileira.

Além dos mencionados fortes, ainda a cidade é bastante defendida pelo Arsenal de Guerra e pelo Arsenal de Marinha [sic]. A natureza fez tudo para enfeitar e proteger sua filha diletta – pois assim se pode sem exagero chamar o Rio de Janeiro – mas também o governo atual dá-se por satisfeito com isso.

Com suficiente guarnição e vigilância, seria muito fácil repelir as mais tensas ambições de conquista da melhor das frotas que para cá se voltasse com propósitos hostis; contudo, no *statu quo* [sic], em caso de súbita declaração de guerra, quatro a cinco fragatas bastariam para bombardear a cidade imperial e com rápido desembarque por um *coup de*

main [síq] tomar todos os castelos do porto. E se o caso ocorresse, como um dia há de ocorrer, os únicos soldados seriam os jesuítas e os únicos exércitos seriam as procissões. No Brasil ainda são possíveis milagres.

NOTAS AO CAPÍTULO I

-
- 7 Com a publicação de livros como este, com as queixas muitas vezes fundadas dos colonos alemães a autoridades consulares, começaram a surgir, a partir de 1840, enormes dificuldades para os agentes brasileiros de emigração na Europa central. Em 1830 como reflexo da animosidade existente entre as massas populares, uma lei brasileira veda quaisquer despesas com imigração; em 1859 um decreto da Prússia proíbe a propaganda em favor da emigração para o Brasil, que havia recommençado. Em 1860 surgem a emigração espontânea e a emigração contratada.
 - 8 N. do T. – O autor publicou mais tarde uma espécie de segunda edição de seu livro, porém, desdobrando-o em dois, com novos nomes, a saber: 1ª) *Memórias de um emigrado* de Carl Seidler, ex-tenente a serviço do Brasil; Hamburgo, 1837. Seus capítulos são: A respeito da mania emigratória – Os aborígenes do Brasil – Uma aventura de caça nas florestas virgens do Brasil – Rio de Janeiro, posto e capital – Retalho da vida de um suíço. 2ª) *História da Guerra e da Revolução do Brasil*, desde o ano de 1825 até nossos dias. Leipzig, 1837. Este não traz índice nem qualquer divisão do texto e é a reprodução da parte militar do “Zehn Jahre”.
 - 9 N. do T. – Acaju, mogno.
 - 10 Brocken – montanha da serra do Harz, na Alemanha, com 1.142m de altura. Era aí que, segundo a imaginação popular, as bruxas se reuniam durante a noite de Walpurgis. Muitas vezes, do cume dessa montanha, pode-se ver a própria imagem aumentada e refletida nas nuvens. É o que se chama espectro de Brocken.
 - 11 N. do T. – Virgem – montanha da Suíça.
 - 12 N. do T. – Sic – Onde nesta tradução aparecem palavras ou frases não alemãs (portuguesas, francesas, italianas, latinas) tais quais estavam no original alemão, elas vêm em itálico e seguidas de [síq].
 - 13 N. do T. – Sinônimo de Minerva.
 - 14 N. do T. – Em alemão há um trocadilho, em torno da palavra Thor, que significa tolo (der Thor) e também porta (das Thor).
 - 15 N. do T. – Canal da Mancha. Tal nome, corrente, é errado, é francês coberto: Manche é manga. O nome alemão, Aermel-Kanal, também é Canal da Manga. Manga na acepção de braço, braço de mar.
 - 16 N. do T. – Em alemão, há um trocadilho aí, considerando este nome escrito com um só *f*, que então significa pastor de ovelhas.

- 17 N. do T. – 31 de dezembro.
- 18 N. do T. – De “Groen”, em alemão “grün”, verde; e de “land”, terra.
- 19 N. do T. – O autor tem acentuada predileção pelo jogo de palavras, de grafia igual ou quase igual.
- 20 O uso do café só no fim da guerra cisplatina tornou-se regulamentar na nossa marinha de guerra; quanto ao exército, café ainda não figurava nas tabelas de 29 de abril de 1883. Em 1827 o uso do mate chimarrão era de uso generalizado entre as tropas milicianas do Sul.
- 21 N. do T. – É exato que os corsários se atreviam até a barra do Rio de Janeiro; como também é exato que de um lado e de outro não se trepidava de içar a bandeira de terceira nação. Já na campanha naval da nossa independência, o intrépido Taylor, na perseguição dos portugueses em retirada da baía para o Tejo, usou desse expediente e em face de reclamação diplomática de Portugal à Inglaterra teve que ser, embora só por algum tempo, dispensado dos serviços ao Brasil.
- 22 Parece que a primeira ascensão ao Pão de Açúcar de que há referências foi feita por ocasião da chegada da família real portuguesa ao Brasil, quando um soldado plantou uma bandeira no topo do áspero penhasco. Não é fácil constatar essa primazia. Vieira Fazenda refere que em 1817 um inglês cravou no alto dele a bandeira britânica, que naturalmente lá flutuava, sem que pudesse ser retirada; houve, porém, um soldado que se animou a subir e que com perigo de vida a substituiu pela portuguesa, o que lhe valeu a baixa como prêmio. Mais tarde – *Rule, Britânia* – outro inglês repetiu a façanha, o que irritou um grupo de patriotas, que escalou o famoso morro durante a noite e arrancou o pavilhão inglês, substituindo-o pelo português. Os alunos da antiga Escola Militar da Praia Vermelha fizeram da subida ao Pão de Açúcar um divertimento banal.
- 23 Inexato. As instruções expedidas no ato da criação do depósito de recrutas dão-lhe por comandante um oficial superior, subordinado a um “inspetor”, Joaquim Pereira Valente, ajudante-de-campo do imperador. As obrigações deste funcionário eram mais ou menos as de um diretor de estudos.
- 24 N. do T. – Posto semafórico.
- 25 Morro do Hospital – é o Morro do Castelo. Ali funcionou durante muitos anos o hospital militar. Nesse estabelecimento teve início a Escola de Medicina, de que hoje todo o Brasil se orgulha.
- 26 A Fortaleza da Conceição nunca foi considerada de grande importância para a defesa da cidade, e a leitura de certos documentos da época deixam a impressão de que a sua criação não deixou de ser um reflexo da invasão de Duguay-Trouin. A sua construção foi iniciada em 1715; em 1718 estava quase acabada, dispondo de 36 peças. O vice-rei Conde da Cunha, que governou a partir de 1763, criou aí uma casa d’armas, onde o armamento era consertado, fabricado e conservado em depósito. Teve grande movimento.
A *Fortaleza de S. João* teve início com Estácio de Sá e foi ampliada por outros governadores portugueses. Não tinha as atuais casamatas e foi desarmada pela Regência, em 1831. Em 1851, fundou-se em suas adjacências uma escola de aplicação do exército, transferida em 1857 para a Praia Vermelha, ficando a fortaleza como de-

pendência da escola, sob a guarda de 3 ou 4 inválidos, que aí foram asilados. As casamatas foram levantadas em 1863, após a chamada Questão Christie, atingindo a 17, encimadas por uma bateria a barbete. O corpo de aprendizes-artilheiros passou a ter aí o seu quartel.

A *Fortaleza da Laje* guarnece uma posição que desde Villegaignon tem impressionado favoravelmente a todos os técnicos militares. Foi o chefe francês o primeiro que aí procurou fortificar-se, em 1555. Pouco mais tarde, foi outra vez fortificada, porém, pelos portugueses, se bem que uns três meses depois o mar se encarregasse de devorar tudo, incluindo os canhões. A partir daí, fizeram-se numerosas tentativas para fortificar a *Laje*, mas todas infrutíferas, até que em 1713 deu-se começo a uma obra realmente sólida. Em 1718, ainda não dispunha de artilharia a nova fortificação. Artilhada pouco mais tarde, chegou até nossos dias completamente remodelada. O pirata Antônio Knivet, narrando as viagens que em 1591 e nos anos seguintes fez aos mares do sul, em companhia de Cavendish, refere-se a um curioso episódio em que tomou parte, quando prisioneiro nesta capital. Necessitando restaurar urgentemente o forte da Laje que o mar tragara, o governador procurou tirar do fundo d'água os canhões indispensáveis. "Estava também por esse tempo", escreve ele, "como prisioneiro, no Rio de Janeiro, André Tower, que tinha conhecimentos da arte de curar e, tratando de alguns doentes, fez muito boas curas. Como Tower dizia saber predizer o futuro, era considerado pelos portugueses como feiticeiro. Assegurou ele que havia de descobrir meios de tirar a artilharia do fundo do mar. Só tinha um olho e, no lugar do outro, diziam os portugueses ter o feiticeiro um demônio familiar. Mandou fazer uma veste de couro e tão bem a breou e engordurou que ficou toda impermeável. Preparou uma grande cabeça toda breada e munida de enorme nariz, e colocou diante do nariz três bexigas e duas diante da boca. Feito isto, convidou-me a entrar naquele aparelho e a descer ao fundo do mar. Respondi que só aventuraria a minha vida em semelhante empresa, se fosse bem recompensado. Chamou-me, então, o governador e me disse que, se eu fosse prender um anel ao ouvido de uma das peças, dar-me-ia 10.000 coroas e um passaporte para onde eu quisesse ir. Prometi que com o adjutório de Deus faria a diligência por servir. Achando-se tudo prestes, levaram-me os portugueses com muita solenidade e orações ao lugar em que se perdera a artilharia. Enverguei o vestuário de couro e com uma grande pedra atada ao corpo fui lançado ao mar, em 18 braças de profundidade. Como era, porém, enorme a cabeça de couro e estava bem breada e alcatroada, sucedeu impelirem-me as águas para cima, ao passo que a pedra, pesada como era, puxava-me para baixo, do que me resultou uma sensação tão penosa que me parecia que a corda da pedra pôr-me-ia o corpo em pedaços. Tendo eu atado uma faca em uma das mãos, cortei a corda e assomei à tona d'água, dei-me pressa em arrancar do rosto as bexigas e a lacerar o couro, pois estava quase sufocado." Os canhões a que se refere a narrativa de Knivet, que pode ser lida no tomo XLI da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, ainda devem permanecer no fundo do mar, junto à fortaleza.

Villegaignon foi o forte Coligny dos franceses, em 1555. Os nossos o tomaram de assalto e o arrasaram nos anos de 1560 e 67. Reconstituída aos poucos pelos

governadores portugueses, foi destruída em 1711 por uma explosão, quando pretendia opor-se à investida de Duguay-Trouin.

A *Fortaleza da Ilha das Cobras*, que como Villegaignon foi desarmada, tem uma história interessante. Duguay-Trouin fez da ilha a sua base de operações contra a cidade, o que veio demonstrar o valor daquele ponto, dado o armamento da época. Em consequência, tratou-se de fortificá-la. O brigadeiro José da Silva Pais organizou os seus planos em 1726, pondo-os em execução no mesmo ano, quando respondia pelo governo, na ausência de Gomes Freire de Andrade. Segundo o monsenhor Pizarro, o brigadeiro fizera colocar sobre o portão da fortaleza uma inscrição, que lhe dava a exclusiva paternidade da obra, sem falar em Gomes Freire, que com isso se magoou, fazendo mais tarde retirar a placa e substituindo-a por outra, que omitia o nome de Pais. Coube depois disso ao brigadeiro assumir de novo a governança e a placa de Gomes Freire foi retirada, cedendo seu lugar a outra, que ainda deve existir, em que se lê que na ausência do governador, em 1736, o brigadeiro José da Silva Pais mandou levantar aquela obra.

Consta que desta rusga entre os dois chefes resultou o brigadeiro Pais ser designado para expedicionar ao extremo-sul, e, por consequência, o feliz acontecimento que foi a fundação do povoado do Rio Grande, em 1737. O Rio Grande do Sul tem uma dívida, que precisa pagar, erigindo um monumento a cada contendor. Gomes Freire de Andrade aí combateu e peregrinou durante sete anos, procurando dar-nos como limite o Rio da Prata, ou, no mínimo, o rio Uruguai e a enseada de Castilhos Grandes. A ruína do império que pretendeu legar-nos levou-o à sepultura. O brigadeiro Pais deu o passo decisivo para a brasilidade do torrão gaúcho. Na Ilha das Cobras estiveram presos, em 1789, Tiradentes, Alvarenga Peixoto e Tomás Antônio Gonzaga.

Santa Cruz. O local desta fortaleza começou a ser fortificado por Villegaignon, sendo esses trabalhos ampliados pelos governadores portugueses, que aí criaram a bateria de Nossa Senhora da Guia, que em 1596 impediu com seus tiros a entrada de uma esquadra holandesa. Em 1610, seus fogos repeliram Duclerc. Em 1831, a Regência quase que a deixou desarmada. Era, como quase todos os fortes do período colonial, de baterias descobertas, ao lume d'água. Em 1863, construíram-se as casamatas a Haxo, em dois andares, o primeiro dos quais com 20 casamatas e o segundo com 21, além de uma bateria a barbeta, para canhões de grosso calibre, superposta às casamatas. Este aparelhamento foi uma das consequências das humilhações da chamada Questão Christie. Em Santa Cruz estiveram presos André Artigas, o Andrezito, que aí faleceu em 1820, o coronel Bento Gonçalves e outros revoltosos de 1835, do Rio Grande do Sul, e finalmente, em 1851, Frutuoso Rivera.

Fortaleza da Praia Vermelha. Depois de 1701, o Conde da Cunha fez construir a fortaleza, tendo o Marquês do Lavradio mandado construir posteriormente o quartel. Duclerc tentou pôr-lhe a mão em 1710 marchando pelo interior, pela estrada de Santa Teresa, mas foi repellido. O decreto de 22 de fevereiro de 1823 criou um depósito de recrutas na fortaleza, dando-lhe um regulamento muito minucioso.

Para aí foi transferida a escola que funcionava nas adjacências de S. João, em 1857. No mesmo local funcionou posteriormente a Escola Militar do Brasil, que foi extinta após o movimento subversivo de 1900.

O Arsenal de Guerra, a que se refere o autor, foi o velho arsenal, que principiou por ser uma simples bateria, construída, em 1603, conforme escreve Fausto de Sousa, nas suas *Fortificações do Brasil*, reconstruído em 1696, aí foi estabelecido o calabouço, o quartel da guarda do vice-rei, o trem de guerra e, finalmente, o Arsenal.

Os estudiosos poderão encontrar outras minúcias sobre este assunto nas *Memórias Históricas do Rio de Janeiro*, do monsenhor Pizarro, nas *Fortificações do Brasil*, de Fausto de Sousa e nas *Antigualhas*, de Vieira Fazenda.

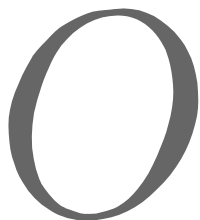
27 A vara do cabo. Efetivamente, até depois de 1890, o ensino dos rudimentos de instrução militar individual era acompanhado de maus-tratos. Entregues os instruendos a um cabo ou soldado velho, este brandia muitas vezes uma vara de marmeleiro, para abrir a inteligência e melhor flexionar o corpo do recruta.

28 Vila Real da Praia Grande, hoje Niterói.

.....

Capítulo II

CHEGADA – PALAVRAS PRELIMINARES SOBRE A
PROVÍNCIA E A CIDADE DO RIO DE JANEIRO – AS RUAS
– A ALFÂNDEGA – BANCO E PAPEL – O PAÇO
– AS CÂMARAS – TEATRO – EDIFÍCIOS
E LOGRADOUROS PÚBLICOS



Brasil é a terra matriz da natureza e do mundo das fadas, terra da fantasia e da insensatez, da anarquia, da especulação, terra de macacos, frades e mulatos, o estado imperial de um arlequim de traje multicolor, que com a sua vara de condão transforma ouro em papel, pão em pedra, homens em animais, e que na velha pantomima “Juca, o macaco brasileiro” mostra sua ascendência sobre súditos quadrúpedes.

Papageno²⁹ é o espírito protetor do Brasil e sem cessar soa e vale a sua canção: “Eu sou, sim, o caçador de pássaros.” Tudo aqui consiste nesse refrão: “caçar e ser caçado”; como em nenhuma outra parte, é aqui o símbolo da vida; iscas não faltam e varas com visgo pendem por toda a parte.

Estávamos finalmente no objetivo. Lá no fundo, nas raízes graníticas do forte de Villegaignon ferrava nossa âncora de dentes agudos, qual pólipode metal. Em expectativa estávamos no convés, à espera do

que havia de vir. Tínhamos adquirido nossos bilhetes de espectadores, tínhamos direito de presenciar cenas, mutações e catástrofes.

A primeira impressão que colhemos da vida humana no Rio de Janeiro foi altamente desagradável e revoltante; destruiu todos os sonhos idílicos que como chuva de maná se derramaram sobre nosso coração ainda enjoado do mar. Passou por nós grande embarcação que levava dezoito negros, quais escravos de galés, dura e estreitamente acorrentados uns aos outros; a pouca distância seguia-se-lhe outra e logo após terceira. É essa a tão gabada emancipação dos escravos, a liberdade brasileira, pensei eu comigo, e desviei meus olhos do espetáculo. Verdade é que depois eu soube que aqueles negros assim comprimidos eram criminosos e condenados, que por aquela forma deviam prelibar na terra o gosto do inferno; não obstante não perdi a primeira impressão.³⁰ Se entre aqueles pretos tivesse havido um único de cara branca, a máscara castanha de um mulato ou o perfil agudo dum espanhol, eu teria ferreteado o meu sentimento como preconceito, ter-me-ia eu mesmo tornado tirano. Mas tal qual eu vi e pude conhecer – impossível. É assim que querem ensinar cristianismo ao negro? querem levá-lo ao Céu começando a caminhada pelo inferno do desamor, da arrogância e da condenação? para isso não se necessita da palavra do sacerdote. O mais leve erro, um defeito herdado de seus avós, um vício que aliás adquiriu da civilização européia, só isso é bastante, apesar de toda a liberdade e da carta de liberdade, para carimbá-lo não só em escravo, mas como criminoso. Isso é cristão? é imperial?

Como devêssemos estudar ao mesmo tempo todas as diversas raças humanas, acostou ao nosso navio uma outra embarcação com 16 remadores, vinda do forte. Eram todos brasileiros natos, isto é, índios de cara chata, testa comprimida, grandes olhos, penetrantes, boca larga de tulipa com beijos grossos, e membros robustos, mas não grandes. Com a competente autoridade, tomaram nossos papéis e na maioria não pareciam destituídos de conhecimento de línguas e desembaraço profissional, pelo menos todos conheciam bastante bem o valor das moedas européias e sabiam como peritos numismatas distinguir e comparar as colunas das piastras espanholas, o cunho imitado dos dobrões espanhóis, e as infelizes miniaturas dos luíses franco-alemães. Pois, segundo

é geralmente sabido, é um dom natural dos atuais brasileiros saberem melhor estimar do que lavrar os metais nobres. Veio depois uma embarcação da alfândega, foi revistada a nossa bagagem e tivemos licença de pisar o “sagrado solo do Brasil”.

Destarte pisei pela primeira vez a terra que escritores mal informados e aventureiros tendenciosos dolorosamente decepcionados em seus exagerados sonhos de esperanças ultimamente ou têm elevado ao céu ou crivado de mil maldições. Achava-me, pois, no seio de uma nação, da qual tanto se censurou a liberdade quanto sem reserva se condenou sua ardilosa esperteza.

Vou aqui relatar tudo quanto colhi com experiência pessoal em nove anos; pintarei o país do duplo ponto de vista da natureza e da cultura, descreverei esta Nação nas relações recíprocas das diversas raças, de seu caráter, costumes e vida política; contarei depois a fábula que assim começa: “Era uma vez um imperador, não o pequeno de S. Helena – não, um grande, poderoso, rico e sanguinário imperador, que a 24 de setembro de 1834 aportou miseravelmente a Lisboa.”

Sei que coloquei muito alta a minha mira, mas tranquiliza-me o fato de que ao mesmo tempo jurei de só falar com a melhor convicção; o que é branco será branco, o preto preto; banirei completamente do meu quadro cores intermediárias, cortesmente cinzentas.

A província do Rio de Janeiro é das menores das dezenove que ainda constituem o fulgurante firmamento do Império do Brasil, depois que com a paz de outubro de 1828 a Cisplatina foi cedida a Buenos Aires.³¹ *

Contudo, é seguramente a mais rica e mais povoada, pois de acordo com os últimos dados meio oficiais só a capital, Rio de Janeiro, conta 230.000 habitantes. Esta província é a mais linda pedra preciosa da coroa imperial do Novo Mundo, realmente nova, mas sumamente

* Schäffer afirma que a província do Rio de Janeiro tem a área de 8.930 milhas quadradas; mas isso não passa de uma das suas muitas *rodontadas* [sic], pois os próprios brasileiros só lhe dão 800 a 1.000. Já por aí se vê como Schäffer na sua retórica pretende ter descoberto a pedra filosofal numa mistura de Climar e Parabel.

antiquada. Em quase toda parte onde se arrastou a floresta virgem está plantada de café e geralmente o café tem o predomínio entre todos os artigos de exportação do Brasil. Infelizmente as bagas de café tornaram-se na Europa verdadeiros diamantes. Além dele, a exportação consiste em algum algodão, em açúcar, ipecacuanha e algum pau de tinturaria. Mas o câmbio de dinheiro e o tráfico branco de negros são as principais fontes financeiras do estado. Dos homens falaremos depois; aqui apenas ainda algumas palavras sobre o gado, que eu entendo de classificar com o caráter fundamental de pequeno, compacto e sestroso. Cavalos, bois e porcos são geralmente ruins nesta província e nada se faz para melhora das raças. O gado chifrudo, os porcos e os burros são geralmente trazidos de Minas Gerais e os bons cavalos, quando não são artigos de luxo, ingleses, vêm geralmente das províncias meridionais, como S. Catarina e S. Pedro do Sul; mas os mais vistosos cavalos militares são comprados em Buenos Aires e de lá introduzidos como contrabando portátil no Rio de Janeiro.

Não em vão a cidade imperial da terra colombiana tomou Paris por modelo; tem ela algo de grandioso, voluptuoso e agradável, que lembra o velho dito: “Quem estiver de pé, cuide-se, não vá cair!”

A situação do Rio de Janeiro já foi, se não descrita, pelo menos pintada. Para esgotar minhas comparações ainda acrescentarei – e esta idéia é de época muito ulterior de minha vida – que o Rio de Janeiro, com seus socalcos em forma de terraços é uma gigantesca Gênova, imitação de um ninho de cobras, onde os ovos de pomba, brancos como cisnes, espalhados de fraga em fraga, piscam olhos para o amoroso sol. E a cobra, como mãe, tem quase a natureza do cuco.

Não vamos aqui conclamar o cuco, pois que havia de querer entoar sua velha incansável canção predileta do egoísmo.

As ruas do Rio são na maior parte compridas, tortas e estreitas, as casas quase todas baixas, sujas e edificadas em estilo vulgar, sem levar em conta questões de gosto e de comodidade da vida social, à feição da vontade no momento e da urgência. Dessas muitas ruas que se arrastam e se cruzam, sobe morro, desce morro, há duas, quando muito, que se podem denominar com algum *epitheton ornans* [sic]: a *Rua Direita* [sic] e a

Rua dos Ciganos [sic].³² Em ambas se deparam vários edifícios mais magníficos que belos.*

Poder-se-ia juntar-lhe a *Rua do Ouvidor* [sic], pois esta recebe encanto singularmente mágico para o forasteiro sem amigos e sem alegria pelas inúmeras casas de modas quando à noite brilhantemente iluminada. Lá dentro, atrás das ramalhantes cortinas das janelas e dos perfumados reposteiros de folhas e de flores de uma natureza transatlântica, estão assentadas as diligentes costureirinhas, e seus olhos muitas vezes brilham mais que a claridade das lâmpadas e dos falsos diamantes e pérolas, que com uma garridice tão ingenuamente artística sabem entremear em seus cabelos.

Mas, oh! isso são nós górdios que só se podem desfazer com a espada de Alexandre. A costureirinha tornou-se no Brasil, tanto quanto Colombina, máscara permanente do caráter; Vênus, a grande mãe de todo o gênero humano e da mitologia, sustenta seus direitos em toda a parte. Aqui as modistas da Rua do Ouvidor, segundo ensinam as mais fiéis crônicas da cidade, detêm há muito tempo uma espécie de monopólio nesse apostolado. Não posso garantir com certeza que exista a esse respeito alguma cláusula no tratado de comércio com a França; mas o certo é que essas mulheres quase todas levaram a cabo nos *boulevard* parisienses o primeiro ato brilhante do seu drama de amor e agora, passada a Linha, pensam aqui dar nova vida e frescor às linhas da beleza cedo esmaecida e da sensualidade amortecida. A fé dá a bem-aventurança e a

* O Sr. V. Mansfeld, em sua obra *Minha Viagem ao Brasil no Ano de 1826*, página 118, menciona uma rua esplêndida, muito bem iluminada, a que dá o nome de Rio de Rauta. Este Sr. V. Mansfeld, que sabe descrever o Brasil com sua pena destra, entretanto de todo o Brasil só conheceu o Rio de Janeiro e mesmo só viu esta cidade 5 ou 6 vezes, à luz da noite, “sob o abrigo das sombras noturnas”; o seu navio, que esteve por algumas semanas ancorado no porto, lhe pareceu mais seguro do que o chão vulcânico do Brasil. Provavelmente o romântico narrador de viagens se refere à Rua Direita, que na sua dupla confusão por sua vez troca pela Rua do Ouvidor. Esta última leva diretamente à Rua Direita, ao passo que não há em todo o Rio nenhuma Rua Derauta. Cito esta circunstância apenas como crítica à obra de Mansfeld e dela se vê claramente a veracidade de minha afirmação e das cavalheirescas excursões noturnas. Todos sabem que rio significa “Fluss” e rua “Strasse”. Além disso costureirinhas francesas dificilmente queriam estabelecer-se sobre um rio, preferem morar no centro da cidade, onde falta água.

gente pode considerar-se bem-aventurada na Rua do Ouvidor, se bem que aqui não se encontrem melhores águas de beleza do que no *Palais Royal* em Paris. Aliás, quase todas as casas desta rua pertencem a franceses ou são por eles alugadas, e fazem bons negócios como artífices ou comerciantes. O Rio de Janeiro, de um modo geral, é mesmo um local de despejo das modas francesas e da sua cultura de fancaria.

Além disso há na cidade inúmeros claustros, que com suas amplas salas e pátios ocupam área considerável; mas alguns deles foram requisitados e transformados em casernas, no governo do imperador tão militarista quanto beato. Semelhante destino coube também em parte ao esplêndido mosteiro de S. Bento, situado perto do Arsenal de Marinha, sobre uma suave colina de pedra, o qual foi designado para quartel do 2º Batalhão de Granadeiros Alemães.

Singular assombramento! Padres piedosos foram substituídos em suas silenciosas práticas devotas por hereges alemães, e nas estreitas celas, como nas amplas arcadas, que dantes só ouviam os *ave* e os *credo*, [sic] ou o suspiro de um desgraçado, o grito de medo de alguma pecadora arrependida, reboavam agora as cantorias profanas de soldados embriagados, que procuravam fazer esquecer em bacanaís noturnas as penas do dia, as esperanças iludidas e a pátria distante.

As casas do Rio são, como disse, em geral baixas, pequenas, sujas, sem gosto e incômodas; só nas mais ricas se vêem tapetes e muitas vezes o rés-do-chão não é assoalhado. Em toda parte reina arranjo barroco do material, da distribuição e dos ornamentos arquitetônicos – quando tais existem. Na verdade, às vezes se nota uma espécie de luxo, mesmo ostentação, mas nunca elegância, simetria ou conforto no interior. O quarto das crianças fica junto ao salão de visitas, o dormitório ao pé da cozinha, o *boudoir* [sic] junto do quarto dos criados, a estrebaria com seu estrume ao lado do belo portal, o escritório ao pé da latrina, tudo à francesa. Com isso chego a um outro grande mal a que, com grande pesar dos órgãos mais nobres, se está exposto em todas as ruas, praças públicas e principalmente na praia, a todas as horas do dia e da noite. É que os moradores do Rio são muito comodistas e por isso não gostam de comodidades a distância adequada; encontram-se até casas muito distintas onde um necessitado procurará em vão os lugares que tais, de necessidade geral. Por mais que se tenha falado dessa desordem, a polí-

cia, aqui chamada imperial, mas que se não poderá chamar louvável, não conseguiu pôr paradeiro a tão asqueroso costume. Por exemplo, não é nada extraordinário que os negros encarregados de transportar das casas para a praia toda sorte de lixo, por sua vez se revelem demasiado comodistas para levarem o vaso transbordante em longa caminhada até o mar, e na primeira esquina despejam toda a porcaria e se vão embora.

A este flagelo da cidade junta-se a velha praga faraônica da terra, os imortais ratos. Esses bichos medram excelentemente no Brasil e se multiplicam todos os anos medonhamente. Tornaram-se uma espécie de alta caça sagrada, apenas perseguida algumas vezes pelos monges nos seus jardins murados. Miríades de mosquitos e de bichos de pé, estes metendo-se debaixo das unhas dos pés e aí pondo seus ovos, centenas de centopéias e escorpiões, aumentam com suas picadas venenosas a impressão total capaz de levar ao desespero, quiçá à loucura, o estrangeiro no Rio de Janeiro, principalmente o desgraçado aquartelado na Praia Vermelha.

Feita esta revista geral, que era indispensável, volto à minha narrativa. Tínhamos desembarcado na *Alfândega* [sic] e aí tivemos que nos submeter à segunda visita de nossa bagagem. O funcionário disso incumbido era um verdadeiro aduaneiro, com a malquista significação bíblica dessa palavra sempre odiosa. Remexeu nossas malas, sem contemplação, não achou nada que pudesse ser considerado contrabando e pelo seu trabalho reclamou a enorme soma de 2.500 Rs., contra o que naturalmente levantamos solene protesto.

Atraído pelo falatório, aproximou-se um oficial alemão, que nos reconheceu como seus patrícios e fez ver ao imperial aduaneiro, em poucas palavras, que era um intrujão e que merecia o pagamento da soma reclamada em boas pranchadas nas costas. Humilhado escafe-deu-se o esperto aduaneiro; mas aposto que os passageiros seguintes haveriam de ter que surrar duplamente aquele burro retovado em leão. Semelhantes extorsões privilegiadas ainda acontecem todos os dias, em escala cem vezes maior, na alfândega do Rio. Só as prevaricações que aqui se praticam poderiam dar apreciável orçamento para muito principado alemão; de todas as partes afluem as mais prementes queixas, mas o governo não dá o menor pasto para pôr um paradeiro a tais abusos. Como se vê, a Constituição não é planta exótica; vinga só artificialmente nas

estufas da zona tropical e gosta mais da neve que do sol. E que coisa é a atual tão gabada Constituição brasileira? Uma criança com o coração cheio de cuidados de adulto e touca de ancião.

A alfândega é bonita e espaçosa; merecia ter sido construída para fim mais nobre. As coisas nela armazenadas nem sempre estão na melhor segurança, pois o que os imperiais funcionários não carregam, os ratos o devoram, e o que os ratos não devoram atacam-no as formigas brancas, que como se sabe são peritos destruidores e desempenham indesejável papel capital na história da reprodução da criação. Sempre é triste para o proprietário quando as suas caixas cheias de mercadoria paga em boa prata lhe são entregues vazias ou pelo menos avariadas.³³

Bem perto da alfândega fica o Banco, também belo edifício, que, porém, pelo seu conteúdo recebe maior importância do que lhe proporcionariam suas formas exteriores, lascivas. Este *Banco do Brasil* [sic] deve-se considerar como uma espécie de teatro ou escritório de loteria, onde a tolice humana é posta à prova, premiada ou castigada – uma mesa de jogo, na qual o desespero perde ou ganha. Se as finanças são um jardim de recreio régio, um banco nada mais é que um banco comum, artisticamente lavrado, onde os altos senhores com seus muito amados ministros se dignam ausentar-se e pôr-se à vontade; pois este banco é uma maravilha da arte, que abre, fecha e se estende, a bel-prazer do dominador.

À minha chegada ao Rio o dinheiro brasileiro, que em peso e cunho pouco difere das piastras espanholas, ainda estava *al pari* [sic] com o cobre e o papel, de modo que se podia imediatamente trocar no banco os bilhetes por prata. Mais tarde, porém, começou-se por uma lei a estabelecer um limite do numerário que podia ser cambiado por dia, pois a prata estava muito desvalorizada. Essa medida, talvez necessária, mas sob tal forma certamente insensata, baixou completamente os créditos do banco imperial; pretendendo salvar alguma coisa pôs-se tudo a perder. Suscitada a desconfiança, todos queriam trocar seu papel em prata. Naturalmente não era possível. Pouco antes da abdicação do imperador, o papel caíra tanto que o táler cunhado com o valor de 960 Rs, tomara o valor imaginário de 2.150 até 2.200 Rs. e o banco não cambiava mais. Que prejuízo formidável resultou daí para todos os funcionários públicos, que não dispunham de tempo nem de prata para negociar o papel! Todos os funcionários civis e militares recebiam seus



Uma rua do Rio de Janeiro

vencimentos pagos em bilhetes, entretanto tinham que satisfazer em prata às suas mais urgentes necessidades. Esta é uma das muitas injustiças que tantas vezes o governo brasileiro se permite com o seu jesuitismo ladino e as suas contas diferenciais [sic]. À minha partida o dinheiro papel tinha melhorado um pouco, mas o táler de prata ainda custava 1.450 a 1.500 Rs. e o cobre tinha 10 a 12% de ágio. Todos nós oficiais alemães mais tarde dispensados sabemos uma triste canção a esse respeito. O drama popular tornara-se *Vaudeville* [sic], com marafonas.

Tanto a alfândega como o banco ficam na Rua Direita, na qual ainda se distingue a *Capela Imperial* [sic], pela sua simplicidade exterior e riqueza interior. Fica no fim da rua e está em comunicação com o paço por meio de corredores. Esta capela³⁴ é apenas um realejo no teatro imperial, e na realidade assim parece, encarado o panorama em linhas amplas. D. Pedro costumava aqui comparecer pontualmente ao serviço religioso, até mesmo acompanhar desde aqui a procissão, em ocasião de festa, como pajem fiel e portador de pálio episcopal,* e era muitas vezes extremamente ridículo ver como o monarca de um dos maiores e mais ricos países da Terra se extenuava a acompanhar pedaços de pau dourados e figuras de santos.

Semelhante suor imperial não cai fertilizante como chuva primaveril sobre os campos áridos da pátria; quando muito, molha como bênção de maná a corporação mendicante dos porta-batinas e agita e desperta o povo mornamente crédulo para impressões tão elevadas. Tais procissões festivas estão na ordem do dia, e quase diariamente são vistas a serpear com suas variegadas cores pelas ruas principais do Rio. Vão precedidas por música militar, a tocar, e nas festas mais importantes, como por exemplo de Coração de Jesus ou de Nossa Senhora da Conceição [sic], tomam parte os principais funcionários do estado, com as pesadas estátuas da Madona, em tamanho natural e crucifixos – quanto mais coloridos e mais pesados, melhor. Seguem-se os outros santos, na ordem hierárquica, a variar com a tradição e a quadra do ano, todos sobrecarregados mais do que a decência manda, com roupas, asas e pedraria legítima,

* A mais alta personalidade eclesiástica no Brasil é um arcebispo, mas que reside na Bahia, não no Rio.

todos seguidos de pajens ricamente vestidos, velas de cera acesas, com a chama oscilante a espalhar claridade baça. Meninas das melhores famílias figuram anjos, com asas de seda e em tricô cor de carne, e são verdadeiramente anjos que ao primeiro olhar convertem ao mais duro ateu, pois aqui como em toda a parte o amor é a mais bela religião. Por último o cortejo interminável dos senhores do capítulo, religiosos e monges das mais diversas ordens no traje barroco da sua regra. Muito riso, beijos, bebida e rapé; mas isso não se nota, pois o encobrem os estandartes das diversas igrejas e claustros a drapejar alto e numerosos – barraca sagrada, onde os homens não podem meter os olhos – um *sacrossanto* [sic], a cuja aproximação todos os passantes se ajoelham, até as guardas com suas espingardas,³⁵ e cobrem o rosto com a mão, como se houvesse algo que ver, que não tolce humana. Os dois velhos bonzos, servilismo e feudalismo, fazem para sua saúde proveitoso passeio.

Com este desvio perdemos de vista o Paço Imperial, mas de fato com isso pouco perdemos. Julga-se antes defrontar a residência de abastado particular, do que o palácio do primeiro potentado do Novo Mundo. Não se lhe descobre qualquer ornato, nem exterior nem interior; o mobiliário é moderno, mas em parte inadequado e usado antes de ter uso; os quartos são delicados, mas não confortáveis.

O estilo do conjunto é meio italiano, exótico, inexpressivo e corrupto; nada de extraordinário se nota. Mesmo o Largo do Paço [sic] embora mais ou menos calçado, está coberto de capim e em todo tempo, ainda no mais forte calor, tão cheio de sujidades de toda espécie, que por ali só se poderia fazer má idéia do amor do monarca pelos súditos e vice-versa. A nação brasileira achou suficiente essa residência para Sua Majestade Constitucional, pois nada conhecia melhor, mas é chocante que a enorme avareza ou o profético espírito de especulação de D. Pedro nunca permitisse qualquer melhoramento ou embelezamento no edifício. Às sextas-feiras o popular imperador dava aqui audiência pública, na qual toda a gente, de qualquer classe, naturalmente sob a influência da competente proteção ou cabala, podia entregar-lhe sua petição e até, quando julgado necessário, falar-lhe pessoalmente. Cenas grotescas sucediam então; talvez depois achemos lugar para narrá-las.

Pedro I gostava de preferência ficar na sua Quinta em S. Cristóvão e se bem que a troca não seja vantajosa, não podemos por isso

censurá-lo, porque no Brasil a natureza é sempre bela, tanto quanto a arte é, em regra, feia e contrafeita.

Bem junto do Paço acha-se a seu turno a Câmara dos Deputados [*sic*] uma das raridades mais dignas de se ver nesta original capital imperial. Não que o severo e espaçoso edifício se distinga pela impressão de conjunto das suas formas exteriores, ou por algum ornato arquitetônico adequado e agradável; não porque possa despertar interesse histórico pelas recordações que sugira, ou a curiosidade admiradora do apreciador de antiguidades; não: o que eu acho de notável nela são os debates que ali realizam os deputados.

A tolice rude, a protéria ignorante, com que esses representantes da nação brasileira sustentam seus presumidos direitos e muitas vezes abdicam do essencial, para conquistarem ninharias sem importância; a arrogância ridícula, com que se equiparam às nações européias, até em certos sentidos presumem ultrapassá-las mil vezes; os desaforos verdadeiramente bárbaros com que mutuamente se honram em seus discursos, pondo adequado remate ao carnaval; tudo se ajunta para oferecer uma das mais degradantes cenas da vida pública do Brasil e do espírito coletivo, para o estrangeiro atônito, que a princípio aqui se julgava diante duma assembléia dos homens mais notáveis duma grande nação. A língua portuguesa já de si possui quantidade considerável de tão enérgicas, características galanterias do rancor e do vexame, mas os senhores deputados em seu zeloso ardor funcional não se contentam com isso, e ainda muitas vezes sublinham as palavras altamente escabrosas com uma mímica demasiado compreensível, indecente, para que nada se perca da sua grosseira produção.*

Entre esses deputados, especialmente entre os representantes das províncias da Bahia e Pernambuco, figuravam muitas vezes, mormente depois da partida do imperador, mulatos, gente da mais baixa plebe, verdadeiro fermento dum povo radicalmente viciado, que por excessos de toda espécie requestavam o aplauso de seus patrícios da

* A língua alemã, como se sabe, também não se pode dizer pobre de tais palavras e ditos tonitruantes; mas a espanhola, como a portuguesa, excedem-na em cem por cento. Frases como “filho de uma. ...” ou “... . que te pariu” [*sic*], que me envergonho de traduzir, certamente jamais serão pronunciadas em qualquer assembléia alemã, nem mesmo sob outra forma.

mesma cor, e assim atraíam o grande número de seus votos plenamente válidos. Esses homens que sempre se afiguram preteridos pelos brancos, e que de fato o mereceriam, entendem que com o seu lugar na Câmara adquiriram um trono de tirano; pretendem suprir as suas deficiências da natureza madrastra por lúcida inteligência e brilhante talento, e forçar se não o respeito, o temor público; e para levar avante essa pretensão não dispõem de outro recurso, na sua pobreza de espírito, do que gritar, injuriar e fazer barulho. Imitam os maus atores teatrais, que procuram arrancar aos berros o favor do público, favor que só lhe deveriam angariar sem sentir, com ingênua, cativante veracidade. Que mais se poderá dizer da nação que se faz representar por semelhante gente?

Mais tarde, quando eu tratar da revolta, do Rio de Janeiro, e do destronamento de D. Pedro, ver-me-ei forçado a citar diversas vezes deputados como personagens em ação, e o farei de bom grado porque tal espetáculo nunca deixa de ter certo efeito dramático. Além disso, no capítulo da dissolução das tropas estrangeiras terei oportunidade de demonstrar o que acima afirmei, com a conduta toda da Câmara dos Deputados; pois o que é sério deve ser tratado seriamente.

Ainda há no Rio uma *Câmara dos Senadores* [sic], insignificante, singelo edifício no *Campo de S. Ana* [sic]. Todas as resoluções da Câmara dos Deputados, inteiramente como no parlamento inglês, antes de serem submetidas à sanção pelo imperador têm que ser aqui examinadas e aprovadas.

Os senadores são eleitos vitaliciamente e recebem 9.000 cruzados ou 3.600 piastras espanholas como subsídio, ao passo que os deputados só são eleitos por quatro anos e só percebem 6.000 cruzados por ano.

Registremos ainda o Museu, que também fica no Campo de S. Ana. Refletindo sobre os incomensuráveis tesouros que o Brasil possui no ponto de vista da história natural; ponderando quanto o extenso tráfico comercial, especialmente com a África e a Índia, facilita e incentiva a acumulação de tudo quanto de notável e raro se encontra sobre a Terra; fica-se realmente pasmo, ao verificar que nada se fez nesse sentido, e que o museu de Paris ou o de Berlim é mais rico que o do Rio de Janeiro em artigos brasileiros interessantes, naturais ou artefatos. A culpa é

parte da nação, nova demais, parte do governo, demasiado pretensioso ou às vezes sobrecarregado de outras cogitações mais prementes.

É fácil de compreender que a movimentada histeria do dia, cheia de sucessos relevantes, ultrapasse e deixe na sombra as verdadeiras fábulas e maravilhas da história natural, por mais bem sistematizada que seja. O luxo, tomada a palavra em sentido nobre, que não é o geralmente usado, é criação da cultura, e só um povo que se conhece a si mesmo e a suas possibilidades, que através de séculos desenvolveu e concentrou suas energias, pode ter direito a semelhante luxo. A política, também tomada no sentido elevado, não comum, da qual depende implacavelmente a existência nacional, continua tendo voz muito possante. A nação brasileira, que ela mesma se cognomina de grande, trate primeiramente de limpar sua Câmara de Deputados, para então pensar em encher o seu museu com raridades.

Já o teatro é um edifício bastante grande e não sem gosto; também interiormente é arranjado com elegância e apresenta na entrada magnífico bufê. Sem sua xícara de café não pode o brasileiro distinto ser afinado para impressões estéticas ou para estuante entusiasmo. O camarote imperial, situado na primeira fila, bem defronte do palco, é exageradamente provido de reposteiros de seda verde, bordados a ouro, e forrado de veludo verde. Verde e ouro são as cores nacionais brasileiras. Até as decorações podem ser consideradas bonitas, embora às vezes pequem contra a fidelidade histórica, e a iluminação pela sua judiciosa aplicação duplica o efeito de ilusão de óptica. Mas nem no teatro desaparece o despotismo, que aqui deixa ver as orelhas, qual burro roubado. Todos os espectadores são obrigados, ao aparecer a família imperial, a voltarem o rosto para esse camarote até que suba o pano; a mesma exigência barbárica prevalece nos intervalos. O melhor contraste para esse servilismo formam os negociantes norte-americanos, sempre abundantes na “divina cidade imperial”. Em atitude cômoda e arrogante de Antinous³⁶ ficam de pé no meio dos bancos, mãos nos quadris, e nas suas idéias republicanas nem sequer pensam em tirar o chapéu de aba larga, puxando para a nuca, diante da majestade, que não reconhecem; só a cócega de umas pontas de baioneta os leva se não à razão pelo menos à sujeição.

Durante o governo de D. Pedro ainda havia freqüentes bailados e óperas italianas. Nisso em parte se procedia bem; pois onde não há

História Pátria não pode haver drama, pelo menos não há assunto apropriado. As peças de Calderón só possuíam interesse puramente português e o Brasil não queria mais ser colônia de Portugal. Já a França, o *prisma* [sic] das modas e de uma aristocrata de glória extinta apenas há dez anos, do recém-desaparecido sol de Austerlitz e de Wagram, podia aqui ser impunemente levada à cena, com honras. Era evidente a necessidade de introduzir o uso de bonzos europeus, mas deve-se reconhecer que a escolha não foi má. Notadamente os bailados eram representados por uma companhia contratada em Paris e nada deixavam a desejar. A dança também tem sua estética. Com a abdicação do imperador, a arte mímica, já quase extenuada até a morte, recebeu o golpe de misericórdia. A mesma insensata palavra de despotismo, que subitamente desterrou todos os estrangeiros, militares ou civis, empregados do estado, atingiu o inocente pessoal de teatro, apesar da vestimenta demasiado transparente claro que se pudesse suspeitar houvesse por baixo alguma peça de roupa política secreta. Sem preâmbulos, cortaram os contratos de cantores e dançarinos; fossem dançar alhures, pelo vasto mundo afora. Em lugar deles apresentavam-se agora só atores nacionais, em geral mulatos, e infelizmente colhiam patriótico aplauso geral dos espectadores. As velhas peças portuguesas demandavam muito estudo e elevadas custas de encenação. Além disso uma tão vultuosa revolução necessariamente tinha que dar logo à luz, com tantos ovos não postos, um drama popular. Os mulatos já são de nascença apenas obra de remendo da natureza, por isso são peritos remendões. As mais antigas, como as mais novas produções dramáticas de França e Alemanha foram reproduzidas em horrível transformação, e não tinham fim os gracejos mais insossos, e as mais insuportáveis alusões aos heroísmos praticados no funesto 7 de abril de 1831, de memória carnavalesca. Um fandango ou uma *grotte* [sic], ainda mais lamentável, substituía o antigo bailado, e a conseqüência natural foi que os estrangeiros cultos, que sempre haviam constituído o primeiro e mais rendoso público de teatro, de repente se abstiveram. Até a orquestra teve que obedecer à senha; todos os estrangeiros foram eliminados. Das vendas mais reles foram buscar mulatos bêbedos para figurarem na banda musical imperial. Pelo menos a insensatez era sistemática.

O que atualmente às vezes ainda atrai ao teatro os estrangeiros domiciliados no Rio é o fandango de Madame Ricardina Soares. Ricardina

é portuguesa nata, nem muito nova, nem esplêndida de beleza, mas de olhos e pés inexcusáveis. Não há coração de homem que lhe resista. Não se faça idéia da sedutora como de cantora francesa de ópera; o fandango não reclama tais saltos forçados, nem movimentos indecentes e mímica inequívoca. Toda dança é por natureza sensual, mas a sensualidade pode ser inocentada pela decência e a graça, pode mesmo sob o véu do pudor ser virtuosa e só assim é lícito incluir Terpsícore entre as musas. Ricardina sabia disso, estava em sua natureza, ela o aprendera desde criança. Jamais concedia aos seus numerosos adoradores, como voz corrente, o menor favor, razão por que continua sendo a divinizada prima-dona do império brasileiro. Era preciso vê-la uma vez que fosse, representar o celeberrimo fandango, com seu irmão, jovem vistoso e forte. Em traje leve de amazona desliza ela sobre o tablado, sílfide fugidia surpreendida pelo primeiro raio em campina vedada. O mais forte amor e o mais íntimo desejo, medo inquieto e violenta atração, timidez e arrojo, lutam visivelmente pela posse do coração intumescido e todo movimento do corpo sedutor nos revela novos sentimentos, novos pensamentos. A cartilha do amor está aberta diante de nós em letras claras com profundo sentido; compreendemos tudo e não compreendemos a agitação de nosso próprio peito. Semelhante espetáculo é deveras um serviço religioso, uma festa da natureza humana. Que tua velhice seja tão feliz e sagrada quanto tua madura mocidade, ó Ricardina Prima-dona!

Mas não era possível que a senhora Soares todas as noites dançasse três horas: era preciso levar outras coisas à cena e então o recurso eram todos os aleijões dramáticos que um falso patriotismo gerava, como o sol às pulgas. Mas o dinheiro ia sempre encurtando entre os estrangeiros e é fácil de compreender que ultimamente nenhum deles mais queria pagar 640 Rs. (cerca de um táler) por um bilhete de platéia. Predominavam completamente os mulatos; arranjavam, como melhor podiam, alguns dramas modernos, traduziam horivelmente as novidades estrangeiras, e nunca esqueciam de condimentar exageradamente esse mingau dramático com as mais ridículas alusões aos funestos dias de abril, qual pimenta-malagueta, tornando o prato totalmente intragável para paladar europeu. Assim, recordo-me, por exemplo, de uma representação do *Guilherme Tell*, de Schiller: a obra-prima alemã tornou-se comédia portuguesa. Guilherme Tell, o corajoso campônio suíço, aparecia de

roupa vermelha e chapéu de três bicos; e todo o traje era de tal maneira sobrecarregado de galões dourados e outras bugigangas que a cor fundamental só despontava nalguns sítios. E a cara amarela, de macaco, redonda e brejeira, que aparecia como defunta esperança da vida debaixo dos três bicos, completava o ridículo de todo o conjunto.

Igualmente as figuras restantes; e Gessler copiava com muita evidência, nas palavras e nos ademanos, o imperador expulso. Na verdade difícil rir dessa comédia de macacos.

Acrescia que desde que o teatro assumira caráter político, os espectadores ali não estavam seguros da vida. O povo tinha sacudido os grilhões, como um urso dançarino escapa a seu guia; sofrera fome e sede, pois na sua selvageria domada não sabia alimentar-se por si mesmo; procurava novo senhor, melhor, mas não podia decidir-se na escolha. O teatro imperial tornou-se o teatro do novo drama nacional. Toda gente participava na representação, no palco, atrás dos bastidores, na platéia, nos camarotes, nas galerias; na tola loucura do entusiasmo da hora todos se supunham artistas natos. Algumas facadas concretizavam em geral o efeito trágico. Esclarecerei melhor essa minha afirmativa com um exemplo, do qual eu mesmo fui testemunha ocular. Anunciara-se novo drama popular mulato. Isso não me haveria atraído, mas Madame Ricardina, depois de longa ausência, ia novamente dançar. Acabara-se o fandango; eu ia sair para tomar ar e refrescar meu sangue tumultuante, mas não pude abrir caminho no aperto da massa jubilante. Fui forçado a assistir à horrível peça crioula. Confesso com franqueza adormeci docemente e meus pensamentos dançavam o fandango dos sonhos. Súbito desperto aos gritos de: “Viva a república!” E cem vozes repetiam: “A república! a república!” Era um eco muito significativo, mas que mais tarde os fatos desmentiram. “Viva D. Pedro III” reboava do lado esquerdo a resposta dos peralvilhos, os gritos das moçoilas. “Viva D. Pedro II” [*si*] era o brado dos camarotes e da platéia. Caiu o pano, os bicos de gás foram-se apagando, olhares hostis se cruzavam, punhais relampejavam mais do que baionetas: estabelecera-se o tumulto. Na primeira fila um juiz de paz ergueu sua alentada figura por cima da grade averludada e em voz alta, com as já mencionadas galantarias portuguesas, reclamou silêncio. Em resposta, o mesmo jovem que primeiro dera viva à república exibiu de suspensórios arriados e indecentemente aquilo que

aqui não posso exhibir e o comentou com breve monólogo. O juiz de paz levantou a luva do desafio e deu ao oficial de guarda ordem para “imediatamente mandar carregar as armas e ocupar triplicemente as portas do teatro, de modo que não pudesse escapar um só dos muitos desordeiros” (pois um responsável único não era possível descobrir). Mas no momento em que apareceram nas portas inteiramente abertas os soldados de baioneta armada, contra eles foram disparados vários tiros de pistola, dos camarotes e da platéia, e a multidão furiosa avançou sobre eles como a maré tempestuosa.

O juiz de paz perdeu então a calma e a paciência; trêmulo estava de pé encostado a uma coluna do seu camarote; orgulhoso como um general depois de uma batalha ganha, deu ordem de atirar. “Fogo”! [sic] trovejou o oficial aos seus soldados. As balas caíram em cheio no grosso da multidão e num segundo havia mais de trinta mortos e feridos. Dissipara-se o entusiasmo, estava feita a sangria no povo enlouquecido, que agora abriu brecha através das guardas e cada qual tratou de escafeder-se para casa, onde esta noite certamente, depois do grande susto, muito chá de ervas se cozinhou. O senhor juiz de paz, como prêmio de excessiva bravura, foi metido por alguns meses numa fortaleza; presumivelmente queriam que ali estudasse tática e o devido tato. Entre os feridos havia infelizmente um suíço, negociante de cavalos, a quem com certeza era sumamente indiferente que o Brasil fosse república ou monarquia; creio que depois de afinal curado de sua larga ferida superficial no pescoço nunca mais ele foi ao teatro no Rio de Janeiro.

Além desse teatro nacional, ainda existe na cidade imperial um outro, menor, mas particular. Arrendaram-no comerciantes e fabricantes aqui residentes, e fazem aí representar muito bem, com notável perícia e muita graça, as mais recentes produções dramáticas francesas, sobretudo comédias e *mudeilles*. É verdadeiramente digno de admiração como esses jovens, que só tarde podem sair de seus escritórios, ainda acham lazer e gosto para ensaiar tão bem as peças. A orquestra, igualmente constituída de amadores, não é forte nem completa, mas contam-se nela bravos artistas. É deveras impressionante e muito louvável como, desde o esquecido tempo da revolução em todas as partes do mundo onde se encontram franceses, por essa espécie de ligações, procuram mais estreitar-se e sopitar a germi-nante saudade pela pátria distante.

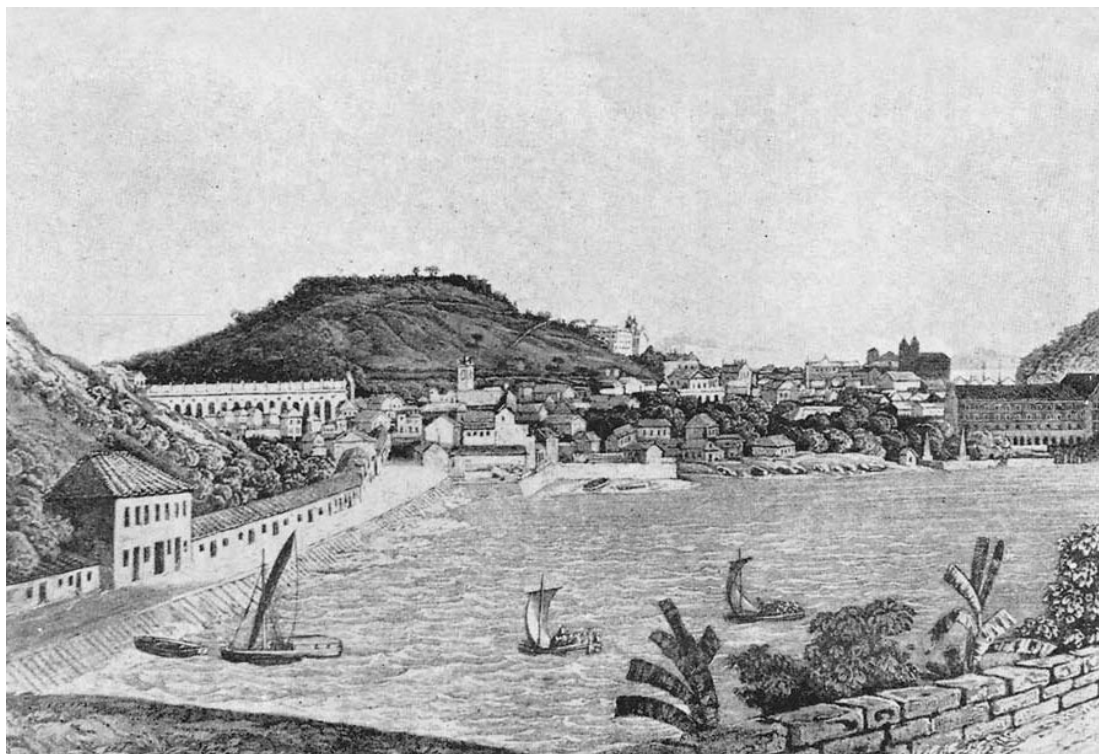
Esse esplêndido traço de caráter não se encontra em idêntico grau em nenhuma outra nação. Os alemães não têm mais pátria comum, os russos não se entendem e a Itália tem excessivo número de dialetos; a península pireneica parece murcha folha de louro e a Escandinávia é uma lápide miúda no túmulo dum gigante; o orgulho britânico substitui o amor pátrio do inglês e o egoísmo é o volante na complicada máquina a vapor da Grã-Bretanha.

Naturalmente não há bilhetes à venda para esse teatro, mas todo estrangeiro tem a faculdade de tornar-se membro da sociedade, mediante a mensalidade de 6.000 Rs. em papel, e os convidados que qualquer sócio leva são sempre acolhidos com honra, e mais, com amigável gentileza.

Os ingleses aqui não têm teatro, mas em lugar dele uma igreja e um cemitério, chamado da Gamboa. A igreja fica no centro da cidade e todos os domingos nela se celebra serviço público religioso no rito da igreja anglicana; é pequena, mas construída com muito gosto e um jardinzinho cercado de grade de ferro constitui a sua adequada entrada. O cemitério fica fora da cidade e é cercado de muralha branca de seis pés de altura. À primeira vista parece um jardim, mas logo as lápides brancas de mármore ou de cantaria com inscrições douradas nos advertem da transitoriedade da vida humana e da imortalidade da soberba. É de notar que todos os outros protestantes também são sepultados aqui. Uma religião suplantada raramente nutre o pernicioso espírito de seita, o veneno de todo dissídio na vida civil e política.

Assim é que também na Gamboa, em santa paz, um jovem alemão, cujos sonhos de mocidade estavam prestes a cumprir-se no abençoado império do Novo Mundo, um pobre, felicíssimo fuzileiro, que em conseqüência da revolta dos militares alemães em 1829,³⁷ como vítima de inato amor da liberdade e da tirania imperial, conquistou inacessível coroa de louros e de cipreste.

Indigitado cabeça da revolta, foi sentenciado à morte, sem defesa; não temeu a dor da separação, nem a incerteza do túmulo, tampouco o julgamento divino no além; de olhos vendados marchou para o lugar da execução e comandou ele mesmo,³⁸ com a maior calma de espírito, aos soldados, seus involuntários carrascos, a voz de fogo, militarmente; e os soldados o amavam e nenhuma bala errou o coração. A colônia inglesa pediu o cadáver do herói para honrosa sepultura e pôs-lhe um belo monumento simples, que custou duzentas piastras. No



O Rio visto da Glória
Desenho de Maria Graham

túmulo está o nome do fuzilado e não sei por que haveria eu de silenciá-lo: é Steinhausen, nascido em Brunswick.

O Arsenal de Marinha situado perto do mar é seguramente o maior edifício do Rio, mas não o mais bonito. Sua situação não poderia ser melhor e não lhe falta artilharia. As oficinas que aí se encontram são importantes; e se bem que os trabalhos aqui executados não se possam comparar com os europeus, deve-se reconhecer sem preconceito que ultimamente muito têm ganho em beleza e qualidade. Também sob outros pontos de vista fizeram-se ultimamente melhoramentos. Alguns oficiais de marinha ingleses, gravemente feridos na luta pelo Império, não podiam, com a abdicação do imperador, ser dispensados; foram conservados por economia, pois oficiais ingleses sabem cobrar suas cicatrizes. Pela primeira vez o governo revelou-se especulativamente econômico. Estes inválidos ingleses puseram certo sistema na administração da marinha brasileira. Mas as coisas não melhoraram muito neste domínio, no qual entretanto o Império deveria desenvolver sua principal força.

Dois terços da frota brasileira estão incapazes de sair do porto e para poupar os intermináveis consertos das fragatas e canhoneiras apodrecidas por negligência, compram-se anualmente outras na América do Norte, as quais depois de dez anos de paz só servem para bloqueio. Chama-se a isso aqui economia pública; as finanças ainda se acham qual menina sonhadora no dormitório densamente velado; ela aguarda ansiosa o amado europeu que há de beijá-la para a vida.

O Ministério da Guerra não é senão um pajem que pode usar espada sem direito de desembainhá-la. Aliás o corpo do estado brasileiro é muito suscetível; em tudo se diz: *Nole me tangere!* [sic]. Como prova, cito aqui a fragata *Isabel*, comprada nova faz poucos anos, o melhor e mais lindo navio da esquadra brasileira, inexcusável como veleiro; entretanto à minha partida, por causa das mudanças e desídia dos comandantes, estava abandonada no porto como casco imprestável. Que pena! a magnífica fragata morreu morte ominosa como a sua orgulhosa irmã homônima, de memória bíblica. Pena pelo dinheiro que com o sangue dos súditos assim se desperdiça de maneira ilícita.

Esse Arsenal fica, para quem vem do largo do Paço, no extremo oposto da Rua Direita e ocupa espaço enorme, pelos muitos edifícios levantados sem inteligente economia para residência dos seus

muitos empregados, pelos vastos pátios cercados de altos muros, e pelas pedreiras que encerra e oficinas de toda espécie.

Não houve cálculo das custas, e creio que nem se pode calculá-las, nem é necessário que o povo saiba sempre dos preços de mercado da administração do estado. Os pátios interiores, que agora em parte estão transformados em alamedas, oferecem do lado do mar uma vista agradável, variegada, onde todos os perigos se ocultam como uma áspide na relva. Ainda aumentam o romântico do conjunto os numerosos botes que chegam e partem; pois numa paisagem natural nada há sem movimento. Em resumo, o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro é grandioso e digno de ser visto; pode-se sem escrúpulo tachá-lo de maravilha de esforço, de magnetismo metálico e da insensatez.

O Arsenal de Guerra é menos importante e desde o começo foi construído caro e mal, e as obras nele executadas são em geral inser-víveis. Assim, por exemplo, os uniformes azuis do 27º Batalhão de Caçadores em menos de quatro semanas ficaram cor de raposa, as costuras se desfaziam e os sapatos, com toda a boa vontade, não era mais possível usá-los. Nem D. Pedro podia obviar a essa desordem, nem impedir a roubalheira. Ele ia várias vezes por semana a cavalo ao arsenal e era freqüente assistir aos fornecimentos.

Um dia, tomado de justificado zelo, a tal ponto se irritou com uma falcatrua que descobriu, que na presença de mais de vinte oficiais deu ele mesmo uma bofetada no diretor do arsenal, brigadeiro do corpo de engenheiros; não obstante nada adiantou.

Mas a mais notável de todas as obras que ornaram a cidade imperial é indisputavelmente o aqueduto (*arioxa*) [síq]. De légua e meia de distância, do morro do Corcovado, situado ao sul da entrada do porto, a água cristalina é trazida para a cidade, por montes e vales, vencendo inúmeros, gigantescos arcos superpostos, que em certos pontos têm cento e cinquenta pés de altura. Se bem que alguns dos arcos desse imenso aqueduto não sejam devidamente cobertos, a água se conserva sumamente clara e fresca, mesmo no maior calor do verão – enorme benefício para os moradores do Rio. Apenas ela é um pouco excessivamente carregada de partículas minerais e por isso às vezes, quando não usada com vinha ou genebra, ou usada em excesso, torna-se muito nociva; mas nas longas viagens marítimas conserva brilhantemente sua bondade, tanto que, bem conservada, mesmo depois de viagem de ida e volta entre Ham-

burgo e Rio é preferível à água do Elba, facilmente putrescível. Aos portugueses, que como sabemos desempenharam no Brasil papel de romanos, deve a cidade imperial mais esta obra-prima de arte e de férrea perseverança; ainda com o maior dispêndio de energia o brasileiro hoje não seria capaz de erigir semelhante monumento de passada grandeza.³⁹

A água é distribuída à venda pela cidade em grandes pipas, pelos negros, e em regra custa a pipa 30 a 40 réis: mas às vezes na estação, cálida, quando não é bastante a água acumulada pela chuva na bacia do pé do Corcovado e da nascente que ali existe, ela custa 200 e até 320 réis em papel. Quando sucede semelhante infelicidade, que torna artigo de luxo esta principal necessidade humana, os negros se acotovelam na fonte principal da cidade, à porfia de encherem mais depressa e mais freqüentemente que possam as suas pipas; naturalmente então é raro que não haja conflito. Por isso sempre existe ali uma forte guarda. Alguns policiais munidos de duras varas passeiam constantemente ao longo do chafariz, pondo em ordem os negros, metendo-os em forma, de acordo com a ordem de chegada.

Não rareiam as mostras do poder executivo; mas que se importa um negro de algumas reminiscências de pancadas, por mais sensíveis e valentes que sejam, contanto que em tais ocasiões possa ganhar alguns réis mais do que é obrigado a entregar ao seu dono! Via de regra aplicam então o lucro na primeira *venda* [sic]. No Brasil o negro verdadeiramente não é melhor que um irracional e não se deve tratá-lo como homem, por mais que semelhante afirmativa pareça inumana.

A guarda carioca é deveras importante e adquiriu renome histórico por um episódio ali ocorrido na história da revolta do império brasileiro. Pela ordem cronológica, só em capítulo ulterior deveria eu mencionar esses acontecimentos, mas desejo sem mais prelúdios dar a conhecer a meus leitores nesta breve descrição inicial do Rio de Janeiro a história do dia e dos anos fatais de minha estada na terra; por isso trato aqui dessa tragédia que se costuma chamar o “assalto da guarda carioca”.

Num domingo à noite, foram achados perto da dita guarda carioca dois alemães cozidos a facadas. Depressa correu o boato de que haviam sido traiçoeiramente assassinados pelos soldados ali de guarda, do 13º Batalhão de Caçadores brasileiros; em consequência de um conflito a que não fora estranho ódio nacional, que intrometera sua perturbadora cabeça de Medusa; e verificou-se que havia verdade no boato.

Os dois homens mortalmente feridos haviam sido levados para o quartel da *Guarda Velha* [sic], onde o espetáculo triste que ofereciam incitou todos os ânimos à vingança. O oficial *du jour* [sic], Tenente Prahl, do Hannover, estava como de costume bêbedo; o sangue corria mais veloz em suas veias, pela primeira vez ele se sentiu talhado para herói. Imediatamente fez tocar a marcha geral e o batalhão entrou em forma armado. Prahl escolheu 40 dos homens maiores e mais fortes, homens já conhecidos pelo seu arrojado destemor e com essa *élite* [sic] avançou a toda a pressa contra a guarda da carioca. Com forte urra começou o assalto, e os soldados brasileiros, sempre despidos de coragem, ao primeiro rumor fugiram todos (um sargento com doze soldados), para baixo das tarimbas, ou procuraram escapar pelas janelas. Mas não havia pensar em fuga, o brilhante feito d'armas devia ser coroado de pleno êxito, a louca ambição de glória do bêbedo devia ser saciada. Com verdadeiro furor sanguíneo os alemães manejavam faca e baioneta, nenhuma das vítimas lhes escapou. Entrementes propagava-se a revolta; queriam trucidar até o último homem todo o 13º B. C. Felizmente foram tomadas providências a tempo para pôr termo à desordem. O Tenente Prahl, por causa de sua gabolice⁴⁰ tão sangrentamente externada, foi submetido a conselho de guerra que o condenou. Mas o imperador desejava, num assomo de generosidade, perdoar-lhe e não quis mandar cumprir a pena antes que o condenado tivesse assinado sua sentença de morte; houve mesmo insinuação ao tresloucado herói para que solicitasse graça ao imperador. Mas Prahl cometera uma tolice, queria coroá-la com outra; sem refletir, pegou da pena e assinou. D. Pedro, havendo-se manifestado generoso, não quis ficar a meio caminho. “Este homem está louco!”, exclamou ele, quando lhe apresentaram o papel com a assinatura do delinqüente; com estas palavras rasgou a sentença de morte e em sinal de graça impôs ao heróico tolo alemão a reclusão por dois anos na fortaleza da Ilha das Cobras.⁴¹

As casernas da imperial cidade brasileira estão em geral em péssimo estado, assim como o soldado leva vida miserável, estúpida; toda uma companhia aloja-se numa mesma sala, sem assoalho e sem forro, só o primeiro sargento e os outros sargentos têm ao lado uma pequena sala separada, desasseada. De ambos os lados no grande alojamento alinham-se as tarimbas, apertado espaço onde à noite o soldado

pode estender sua esteira de palha, que de manhã tem que enrolar. Semelhante repouso não restaura o homem fatigado; só extrema fadiga, enorme abatimento das forças físicas e morais permitem aí conciliar o sono, que não traz descanso nem refortalecimento. Tudo é um mau sonho, horrível. E então se lá ruga a tempestade e o madeiramento ressequido range e geme, como um espírito que pela meia-noite nem na cova acha sossego; se a chuva penetra abundante pelo telhado e pelas juntas mal unidas e como um dilúvio ameaça envolver as vítimas inocentes da tolice e do despotismo; se os mosquitos e outros insetos nocivos realizam naqueles cadáveres vivos a fábula dos vampiros; se a lembrança da pátria e da liberdade afigura aos corações modorrentos as fogueiras da Inquisição – então, durma quem puder.

Os quartos existentes nestas casernas, para os oficiais são bem sofríveis.

Dentre as praças públicas distingue-se especialmente pela sua grandeza o *Campo de S. Ana* [sic]; também ele adquiriu nome saliente na história contemporânea. Foi aqui que se juntou a massa popular sublevada na revolução de 7 de abril de 1831 e desde aquele dia foi denominado *campo da honra* [sic]. Agora está arborizado e com isso grandemente embelezado, pois antigamente era quase impossível para o forasteiro visitar esse local, sob o calor picante do meio-dia, em janeiro e fevereiro, sendo ele entretanto o centro de todos os negócios, da elegância e da *coquetterie* [sic]. Afinal o governo pensou em sua própria comodidade e por isso agora o pedestre fatigado encontra no Campo da Honra, ao abrigo da ramagem de pujantes árvores, sombra refrigerante, e mesmo um ou outro banco agradável, que o convidam a descansar e à muda contemplação. Só que também aqui há falta de asseio.

No meio dessa praça de honra acha-se um grande edifício, sem gosto, de cujas janelas costumava o imperador nas grandes paradas apreciar o desfile das tropas. Tais exibições eram quase sempre irrisórias; pareciam que macacos bem adestrados ofereciam aos olhos do rei das matas um número festivo, uma pantomima militar. Também no interior esse edifício é espantosamente mau e negligenciado; talvez todo o seu mobiliário não exceda de meia dúzia de cadeiras. Mas também seriam supérfluas; pois quem haveria de assentar-se aí?

Segue-se a Praça da Constituição, bem calçada e contando diversas bonitas casas, por exemplo, o teatro. No centro acha-se a coluna da Constituição, a qual porém já há anos jaz por terra, qual mendigo doente e aleijado; depressa ficou em escombros. É deveras notável que o entusiasmo dos brasileiros, nem durante a última revolução, nunca se lembrou de reerguê-la. Mas também, que lucro tiveram os brasileiros da sua tão gabada constituição? Quiseram pôr guarda ao seu pomar e vestiram um arlequim de espanta-passarinhos. Semelhante constituição não reclama monumentos, mas um túmulo.

A cidade imperial da terra de Colombo ainda conta diversas outras praças públicas, geralmente de menor importância. Menciono ainda a *Praia Emanuel* [sic]: é o principal mercado para legumes e aves, que procuram compradores no Rio. Aqui se oferece diariamente espetáculo singularmente movimentado ao observador forasteiro. Empilhadas em altas pirâmides vêm-se as mais raras frutas de toda espécie, enfeitadas com os mais lindos festões de flores, separadas em gradações e cores e perfumes; macacos de todos os aspectos por ali fazem seus divertidos saltos ou fazem caretas e arrastam as correntes, como se tivessem consciência de seu cativo; papagaios multicores, tanto os africanos cinzentos, como os verdes nativos das florestas virgens brasileiras, gritam ou tagarelam, e, quando bem ensaiados, dizem impropérios legítimos portugueses; pássaros menores, em cujas penas brilhantes se espelham todas as cores da alvorada, chilram, cada qual segundo lhe nasceu o bico; lebres e às vezes animais ainda mais engraçados, cágados e outros reputados monstros marinhos completam o extravagante da cena.

Centenas de grandes botes estão sempre prontos a partir daqui para a cidadezinha fronteira de Praia Grande; barqueiros são negros que zelam seu ofício com enorme furor e garantem partir instantaneamente, mas fazem esperar às vezes horas que completem a lotação – se não se preferir perder os 40 rs. Com bom vento faz-se a travessia dessas duas léguas em meia hora, mas se for necessário em vez das velas usar os remos, então a viagem às vezes leva o dobro ou o triplo. Num belo fim de dia, quando o céu está com o resplendor do sol a deitar-se no mar, não se pode imaginar mais lindo passeio. O pensamento no

além e no mágico senhor dos mundos entronizado atrás dos bastidores das nuvens da eternidade empolga-nos irresistivelmente; e sentimos profundamente que Europa e América estão de igual maneira perto – ou longe – do céu.

NOTAS AO CAPÍTULO II

-
- 29 N. do T. – Papageno – Pã. Deus grego, filho de Júpiter e de Calisto, presidia aos rebanhos e às pastagens. Atribui-se-lhe a invenção da flauta dos pastores.
- 30 Até bem depois da proclamação da República, ainda se viam nas ruas das muitas cidades brasileiras os sentenciados arrastando correntes presas aos pés. Eram os *alçetas*, nome tomado à argola que se calçava ao tornozelo do condenado. Essa argola, presa a uma corrente que ligava os dois pés do indivíduo, ou dois indivíduos entre si, também chamava-se *carrinho*. O artigo 25 dos Artigos de Guerra do Conde de Lippe, prescreve: “Todo soldado que de propósito e deliberadamente se puser incapaz de fazer serviço, será condenado ao carrinho perpétuo.”
- 31 N. do T. – Erro crasso do autor. Pela dita paz, aliás de 27 de agosto, foi firmada a independência internacional da antiga Província Cisplatina.
- 32 Rua 1^ª de Março e Rua da Constituição.
- 33 Em tempos idos, essas extorsões constituíam verdadeira vergonha da administração brasileira. Além das gorjetas que autorizavam vistas grossas contra os interesses do Tesouro, certos funcionários tomavam para si gordas amostras de tudo que lhes agradava. Mas, isso passou...
- 34 N. do T. – Capela em alemão também é banda de música.
- 35 As continências militares correspondiam a uma parte do preito que o Exército rendia a Deus. Assim, ao Santíssimo Sacramento, às relíquias do Santo Lenho, punham-se as armas em adoração, inclinavam-se as bandeiras e estandartes, as músicas e cornetas tocavam marchas graves; às imagens que passavam, punham-se as armas altas no braço, tiravam-se as barretinas e os oficiais abatiam as espadas. Quando um corpo em marcha encontrava o Santíssimo, metia em linha para prestar continência e logo depois voltava a coluna para acompanhar o cortejo; se um serviço urgente o não permitia, o comandante designava uma escolta para o acompanhamento. As próprias guardas formavam e prestavam idênticas continências aos cortejos religiosos.
- 36 N. do T. – Antínoo – *História e mitologia*. Jovem bitúnico, de beleza proverbial, que foi objeto de criminosas afeições por parte de Adriano e que para salvar seu senhor fez o sacrifício da vida, atirando-se ao Nilo.
- 37 N. do T. – A revolta teve lugar em 1828, 9 a 12 de junho.

38 Estas minúcias devem estar recheadas de fantasias. O cabeça do motim foi processado de acordo com as normas usuais daquele tempo e nenhum outro narrador da tragédia nos relata esse aspecto heróico de haver ele mesmo comandado a própria execução.

39 Já no governo de D. Manuel Lobo, o desditoso administrador que em 1680 fundou a Colônia do Sacramento, em que havia de logo depois ser destruído pelos castelhanos e reduzido a cativo, as obras do rio Carioca achavam-se em andamento. Demorou mais de um século a sua conclusão.

Para o autor das *Antilhas*, os arcos que se ostentam ainda hoje como viaduto e que ao tempo de Carlos Seidler eram o famoso aqueduto, que trazia aos cariocas as águas de seu rio, foram construídos no governo de Aires de Saldanha, isto é, entre 1719 e 1723, data em que se fez a inauguração do chafariz da Carioca. Decorrido menos de um século sobre as futilidades que o mercenário alemão escreveu a nosso respeito, a nossa engenharia tem-se saído vitoriosa de milhares de provas cujas dificuldades estão para a construção destes arcos, como a água que eles conduziam (e que o autor dos *Dez Anos no Brasil* tomava com genebra), para a que se contém num copo.

Aliás, a mão-de-obra ou era indígena ou de escravos africanos.

40 N. do T. – Novo trocadilho, a que se presta o nome do ten. alemão, Prah!: gabolice é Prahlerei.

41 Narra Th. Bösch – *Quadros Alternados* – que D. Pedro I formou os três batalhões de estrangeiros, ordenando que saíssem de forma os que houvessem presenciado ao assalto. Alguns mais inexperientes apresentaram-se e foram imediatamente punidos com 100 pranchadas, aplicadas de boa vontade pelos tamboreiros do 13º Batalhão de Caçadores. Quanto à pública humilhação infligida aos soldados, diz Bösch que estes podiam se consolar com o seu comandante, “o qual travou conhecimento nesta ocasião com o chicote do imperador, conhecimento este pouco invejável e que o príncipe a muitos já concedera”.

Aos que acreditam que a tropa estrangeira primasse pela disciplina, recomendamos mais este trecho do mesmo escritor: “Quando o nosso batalhão voltou para o quartel, em sinal de indignação, espatifou as janelas das casas das ruas por onde passava.”

.....

Capítulo III

OS ARREDORES DO RIO DE JANEIRO – OS JARDINS PÚBLICOS
– BOTAFOGO – O JARDIM BOTÂNICO – SÃO CRISTÓVÃO
– A QUINTA IMPERIAL – A ESTRADA DE MINAS GERAIS
– SANTA CRUZ – ITAGUAÍ – O DURO GUIMARÃES

Sabemos que nenhum país da Terra foi mais ricamente abençoado pela natureza do que este Brasil, que se acha em cultura e desenvolvimento intelectual tão atrasado em relação aos países europeus; é deveras um paraíso, que a superstição vigia qual querubim com a sua espada chamejante, de onde a árvore da ciência da história natural e universal, com os seus dourados frutos de hespéridas, é enredada e quase sufocada pelas parasitas do fanatismo, do escravagismo e da ignorância.

Até os mais próximos arredores do Rio de Janeiro oferecem ao olhar tudo quanto o coração do homem possa desejar ou que o seu capricho queira exigir. Montes e vales, matas e rios, risonhos jardins e sedutoras vivendas, um verde eterno e um céu sempre alegre, os cantos sonoros de milhares de pássaros, que todos com rara perícia expandem sua voz, o rumor do oceano que nos reconta as lendas das mais longínquas terras, e os navios que de velas alígeras por ele singram – tudo aqui se reúne formando um quadro de suprema harmonia; é como se a natureza

quisesse pela superabundância do seu amor mostrar ao estrangeiro migrante, a quem uma sorte infeliz arremessou a estas distantes plagas, que também aqui, a duas mil léguas da pátria, será ela carinhosa mãe, a querer consolá-lo e compensá-lo de tudo quanto falta ao seu coração cheio de saudades. Uma excursão aos arredores do Rio de Janeiro é o meio, o único, de afugentar do peito sofredor a saudade e a tristeza.

Dois passeios muito lindos apresentam-se à escolha do vacilante excursionista: um deles leva à Quinta Imperial, o outro ao *Jardim Botânico* [sic].

Vamos primeiramente tomar o caminho deste último, pelo que passaremos no *Jardim Público*. Alamedas densamente enramadas aqui oferecem farta sombra e frescor. Muro de dois a três pés de altura cerca o jardim, muro num e noutro ponto interrompido por grade de ferro; mesmo os portões são de ferro maciço. No interior, atrás da espessa cortina de folhas há duas fontes e na bacia de cada uma levanta-se um obelisco de pedra; mas as fontes secaram e os obeliscos tremem de medo de sua derrocada iminente. Assim é tudo no Brasil! luxo e pompa só se apresentam no mais próximo presente; são borboletas que nascem e morrem no mesmo dia. Atendendo a um capricho do momento, desperdiçam-se as maiores somas, e o que hoje se constrói, amanhã se deixa arruinar.

Do lado do mar o jardim é protegido por parapeito de alvenaria contra a invasão das ondas, que neste lugar, ao menor vento, vêm quebrar-se com estrondo contra esse muro e os matacões que o precintam. A vista de cima desse parapeito é indescritivelmente bela; bem em frente fica a barra, onde projetadas nas nuvens azuis brilham as velas brancas, como asas de cisnes, dos navios que incansavelmente entram e saem. Centenas de botes e canoas remam constantemente para um lado e para outro, segundo suas diversas fainas e esperanças; serenas e imponentes emergem do seio das ondas espumantes, diante de nosso olhar maravilhado, as numerosas ilhas e as fortificações; e nos olham as torres das igrejas da cidade imperial, advertindo-nos com suave tanger de sinos. É como se recebêssemos de longe uma saudação de espíritos, e temos a sensação de que um coração humano esperançoso não pode ser simples átomo no grande todo do universo.

Aliás este Jardim Público, que deveria ser o orgulho dos cidadãos do Rio, nos últimos anos tem sido negligenciado de maneira imperdoável. O povo brasileiro ainda não tem compreensão para nada que é público ou de gozo coletivo. Alguns negros velhos, talvez cinco ou seis, que jardinagem não entendem mais que de cristianismo, são aqui empregados com a dupla dignidade de guardas e jardineiros. Durante o reinado do Imperador, era bem diferente, tudo conservado em ordem; nos canteiros recortados com graça ostentavam-se as mais lindas e raras flores, e a mais leve brisa que deslizasse por baixo da alta coberta de folhas comunicava às ondas marinhas o seu inebriante perfume. Agora não se encontra em todo o jardim outra flor que não desabrochada das ervas que brotam espontaneamente.

Prossigamos. Passaremos pela já mencionada Glória. Não vamos subir ao morro, se bem que um caminho bem calçado leve ao alto, à sagrada capela: já tivemos a ampla vista sobre a cidade, a terra e o porto. E hoje em dia ali não se celebram mais festas tão brilhantes como antigamente, quando D. Pedro com sua esposa tão solene e despoticamente as animava; nem a pequena, engraçada D. Maria da Glória brinca mais lá em cima com o turíbulo, despertando com seu olhar infantil e seu cântico o entusiasmo beato de um povo deslumbrado, pois ela tornou-se rainha de Portugal. A insensatez governa o mundo, mas nesta reside um senso profundo, edificante: as incompreensíveis mudanças nas situações da vida são a melhor prova de uma imortalidade humana.

Adiante! Adiante através dos subúrbios, entre os quais já se considera a Glória. Repentinamente nos encontramos no meio dos mais esplêndidos jardins, cercados de altas sebes verdes, através das quais espiam as magníficas vivendas de campo, todas da mesma cor. Sempre adiante, mais adiante, até que o calmo idílio assume caráter dramático com o rugir do mar, cada vez mais próximo. Aqui forma-se uma grande baía, a Praia de Botafogo [síq]; é uma obra-prima da natureza, que se apresenta como prima-dona. Sucedem-se as vivendas, lado a lado, e a arte aqui em toda a parte prestou os melhores serviços de camareira à sua soberba dominadora. Aqui residem, na boa estação, a maior parte dos ministros estrangeiros; negociantes ricos, sobretudo ingleses, alugam as mais lindas vivendas, quando não as adquiriram, e costumam às cinco da tarde, fechados os negócios, recolher-se aqui a cavalo, para passarem a noite

com a família em Botafogo. Sem dúvida a moda contribui para isso; mas deveras o ar aqui é mais puro e mais saudável do que na cidade abafada, e a vista sobre a baía e os morros fronteiros é realmente pitoresca; até os brasileiros aqui residentes são mais sociáveis do que seus irmãos da cidade. É, em parte, o exemplo dos europeus aqui residentes que a isso os anima e também se imagina que em Botafogo já se está no campo para poder deixar os costumes rígidos da cidade; a influência do ar fresco do mar torna os homens em geral mais cordiais, mais atenciosos e delicados uns para os outros.

Muitas dessas casas são altamente ricas e de gosto e pelos simpáticos jardins, onde estátuas de mármore atuam tão encantadoramente à sombra da mais pujante vegetação, tomam inteiramente a aparência de vilas italianas. Sem querer, o estrangeiro saudoso da pátria exclama: “Realmente, aqui é bom morar; também eu gostaria de levantar aqui a minha cabana.”

Do Botafogo um caminho estreito, mas sempre carroçável, leva, ao Jardim Botânico, distante duas léguas da cidade. A rua é toda ela agradável e vai serpeando sempre entre sebes, jardins e matas, ao mesmo tempo que, banindo toda monotonia daquele cenário maravilhoso, um após outro vão surgindo lindos quadros diante de nós. Finalmente, chegamos a um restaurante, onde se costuma descansar alguns instantes depois do passeio. Ostras muito boas e particularmente grandes, colhidas dos penhascos próximos, proporcionam bom almoço, acompanhadas de um copinho de excelente vinho do Porto. Obtida a permissão do inspetor – a qual quase nunca é recusada – penetramos em companhia de um negro, que sabia umas migalhas de latim e repetia como um papagaio certos nomes científicos no esplêndido jardim, ornado de todos os tesouros do reino vegetal, e que tem uma área de cerca de duas léguas quadradas. Aqui se vê claramente com que infinita bondade, poder-se-ia dizer com que predileção, a mãe natureza abençoou a esta terra abundantemente, mais que a todas as outras. As plantas de todas as zonas, naturalmente excetuadas as do extremo norte e as do extremo sul, medram aqui exuberantemente e com pouco trato de mão humana.

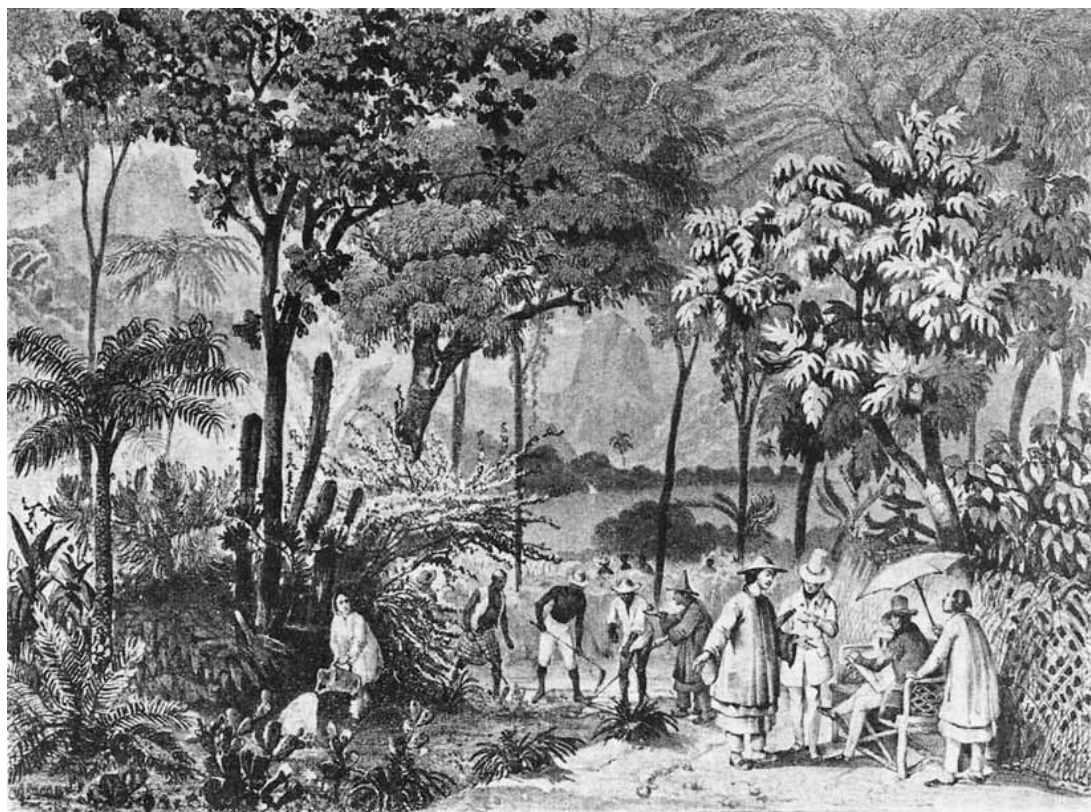
A Imperatriz Leopoldina, infelizmente falecida cedo demais, muito merecimento tem em se haver interessado por este útil estabelecimento, como aliás por tudo quanto o Brasil tem de bom e belo. Grande quantidade de plantas raras foram de todas as partes do mundo para aqui trazidas por interesse dela, muitas vezes à sua custa, e medraram otimamente embora mais tarde relaxassem o trato. Encontram-se alamedas de árvores de cânfora; craveiros ostentam em toda a parte suas perfumadas flores vermelhas; a palmeira sago estende seus amplos leques por sobre os galhos verdes da árvore do pão; campos de árvores de chá, cuidadas por chineses; lindas árvores de noz-moscada e de canela; quase todas as especiarias e raridades das Índias Orientais acharam aqui nova pátria; entretanto, de todas estas coisas, cuja conservação custa somas fantásticas, não se colhe nenhum proveito real para o estado ou a terra, e o que não é roubado pelos negros aqui empregados apodrece no chão.

O chá, que o rei português D. João VI para cá fez transplantar por volta de 1816, é o único produto que faz exceção, pois é colhido em regra. Com imensas dificuldades e extraordinárias custas mandaram vir chineses de sua longínqua pátria, para cultivarem o chá no Brasil à maneira da China. A idéia foi feliz e teve bom êxito. O chá aqui produzido é pouco inferior ao chinês. Mas aqui falta ordem e fiscalização: os chineses nunca desmentem sua natureza de ladrões e conservam para si a melhor parte da colheita, que em seguida vendem a resto de barato nas ruas da cidade. Se essa cultura do chá fosse realizada com algum cuidado e inteligência, o império muito breve estaria em condições de produzir todo o chá necessário ao seu próprio consumo, muito considerável, e assim o país teria anualmente uma forte despesa a menos. Entretanto se reconhece que o governo, apesar de finanças completamente derrocadas, acha que não vale a pena um melhoramento dessa espécie, que podia trazer um dia as maiores conseqüências. Naturalmente os ingleses também fazem quanto podem para estorvar tais plantações; mas será possível que um grande império independente, como o Brasil, por meio de medidas enérgicas não possa combater esse vil espírito de especulação de seus hóspedes não convidados! De um modo geral, o mesmo se passa com todas as outras produções dessa natureza: reproduz-se o caso da montanha a parir um rato. Assim como as especiarias antes mencio-

nadas medram bem no Jardim Botânico, com facilidade poderiam ser cultivadas em todos os arredores do Rio de Janeiro, quiçá em toda a província, e nas regiões mais setentrionais, como Pernambuco, Ceará, Maranhão ou Pará, ainda muito melhor haviam de aclimar-se. Mas o desleixo do governo não permite coisa diferente e a preguiça inata dos brasileiros não se coaduna com as mais úteis reformas. Só a mais premente pobreza, a mais profunda miséria, o mais alto grau de desespero sem saída, poderá determinar esse povo infeliz, por meio de aplicação, cultura e indústria, a reerguer da lama do caos atual a sua pátria, talvez então demasiado decaída.

O segundo passeio principal, que nos conduz à *Imperial Quinta da Boa Vista* [sic], o palácio imperial de recreio, é do mesmo modo excepcionalmente belo. Por um caminho largo, bem calçado, que à noite é iluminado por inúmeras lanternas, chegamos através de S. Cristóvão a esse palácio, onde o imperador reside inverno e verão. É um edifício curioso, irregular, mas que não deixa de ser bonito, que, segundo se diz, foi projetado pelo próprio D. Pedro, onde entretanto não se pode descobrir qualquer idéia de estilo ou de escola – um *chiarari* [sic] de luxo, majestade, incomodidade, indecência e loucura. Grades de ferro, com ricos dourados e numerosos exemplares do escudo brasileiro, cercam o segundo pátio, amplo, destituído de toda elegância, até de asseio; do lado oposto fica o grande parque, com suas inextinguíveis belezas. Aqui tudo parece sagrado, sombrio e silencioso; altas sebes espessas, de pés de café bordam e ensombram os caminhos que cortam o jardim; a gigantesca mangueira* estende largamente seus galhos arqueados e debaixo de sua folhagem densa oferece ao fatigado peregrino o mais fresco e agradável, sítio de repouso. Todos os arredores da Quinta são igualmente românticos e belos; por toda parte, em S. Cristóvão e em torno, o olhar, já deslumbrado de tantas belezas, descobre os mais ricos jardins e parques; nenhum pedaço de terra inaproveitada, por menor que seja; quase se acreditaria que estamos no país mais civilizado de todo o mundo, tomar-se-ia o Brasil por uma enorme Provença. Na verdade, não se poderia incorrer em mais grave engano!

* Esta árvore produz um dos mais lindos frutos oferecidos pela vegetação sul-americana. A fruta, exatamente suculenta e saborosa, parece-se com a nossa damasco, só que é muito maior, e comida em excesso facilmente causa cólica, que pode ser fatal.



Plantação de chá no Jardim Botânico

A viagem por água, da cidade a S. Cristóvão, é quase igualmente bela, e sem dúvida é muito mais cômoda. Com a maior facilidade deslizam os botes por sobre a serena superfície líquida. À esquerda tem-se uma parte da cidade, à direita duas pequenas ilhas interessantemente cultivadas, e bem em frente ergue-se o encantador idílico S. Cristóvão. Num morro em frente ao palácio fica o já mencionado convento transformado em quartel, de melancólica memória. Atualmente está abandonado e provavelmente em breve estará em escombros, pois não é mais habitado nem por monges nem por soldados.

No pé do morro em que se acha a Quinta avistam-se diversos edifícios destinados à famulagem imperial, bem como uma estrebaria verdadeiramente bonita, com estrumeira ao ar livre. Aqui é mesmo moda conjugar o atraente com o repelente; semelhantes ingenuidades se deparam em todo povo que tenha recém-adquirido, ou surrupiado, a sonhada liberdade.

Pelo sopé da colina corre a estrada militar que vai para o interior do país até a Serra dos Órgãos, distante dezesseis léguas do Rio, ela é extraordinariamente boa para uma terra como o Brasil; mas depois piora consideravelmente. A duas léguas da cidade ela se biparte, mas ambos os ramos levam a Minas Gerais; a estrada da direita está longe de ser tão bonita, larga e freqüentada, como a da esquerda, onde reina contínua atividade. Por ela viajam rebanhos de bois e ovelhas, porcos e perus; seguem-se ininterruptamente mulas cargueiras com café, tabaco, algodão, toucinho e outros víveres; negros, a transportarem para a cidade leite, frutas, legumes e flores, cavalos e bestas, ou destinadas à venda, ou a conduzir cargas; cavaleiros ou pedestres em busca de qualquer objetivo. Depois da Serra dos Órgãos a estrada militar biparte-se de novo, em uma estrada para Minas Gerais, outra para S. Paulo.

A dez léguas do Rio de Janeiro a estrada atravessa a cidadezinha de S. Cruz, pertencente à grande fazenda do mesmo nome, com 4 a 5 léguas quadradas de área, a qual antigamente era propriedade particular do imperador, mas que agora pertence à nação, pois que o governo afirma que D. Pedro a adquirira por forma ilícita. O imperador tinha aqui um palácio bastante elegante, que por causa da caça ele visitava freqüentemente. Mais de mil escravos, todos pertencentes a ele, estavam sempre entregues ao cultivo dos extensos campos; também lhes competia

tratar de uma porção de cavalos, bois, porcos e aves. Todos os produtos de S. Cruz eram diversas vezes na semana expedidos à venda para a cidade e rendiam enormemente ao imperador ávido de dinheiro, que pessoalmente se ocupava com a administração dessa fazenda, nos mínimos pormenores. Aliás D. Pedro, é sabido, empregava muitíssimo mais tempo e atenção na administração da sua fortuna pessoal do que na do Império e tinha muito mais jeito para enriquecer pessoalmente do que para reerguer as finanças do estado, profundamente decaídas. Raia pelo fabuloso o que de prata, ouro e diamantes ele levou consigo ao ser destronado; sem dúvida era o homem mais rico de seu tempo.

A estrada atravessa essa propriedade e custou aqui enormes dispêndios porque sobre o solo pantanoso houve que construir em muitos pontos aterrados⁴² de seis a oito pés de altura; não obstante quando caem chuvas prolongadas a estrada fica tão má que os cargueiros atolam até a barriga na lama.

A cidadezinha mesmo não pode absolutamente ser chamada bonita; consiste numa única fileira de casinhas baixas e mal construídas, geralmente penates de pobreza e desasseio.

A duas léguas de S. Cruz fica a cidade de Itaguaí, que ultimamente adquiriu certa importância pelo seu comércio com a capital. Antigamente todo o café das províncias tinha que ser transportado por terra para o Rio e eram três penosos dias de viagem para os cargueiros entre Itaguaí e a capital; mas agora transportam o café dessa maneira somente até Itaguaí, onde os negociantes aí estabelecidos o negociam e remetem por mar para o Rio de Janeiro. Os mineiros, isto é, habitantes da província de Minas Gerais, com o dinheiro realizado, aqui se abastecem às vezes para anos, em chitas, panos, vinho, ferragens, e outros artigos de indústria inglesa e do sistema sul-americano de contrabando, o que traz grandes vantagens aos negociantes de Itaguaí, que vendem suas mercadorias com 50 a 70% de lucro. Por essa forma a cidadezinha até há poucos anos quase desconhecida e completamente sem importância tornou-se uma cidade famosa e rica, que, qual criança, ainda está em fraldas mas com as circunstâncias favoráveis em poucos anos se desenvolverá em pujante juventude.

Duas léguas mais adiante o caminho torna-se muito mais acidentado; enorme cadeia de montanhas, a Serra dos Órgãos, levanta-se

como gigante irritado, que desperta da modorra. Até pelo interior adentro sucedem-se penhascos e mais penhascos como grotesco cenário de nuvens. Toda a razão assume agora aspecto áspero e selvagem; até onde a vista alcança é mata, mal interrompida aqui e ali de plantações isoladas de café, amareletas, e de casas pintadas de cinza e branco. Até os moradores se harmonizam com a selvageria que os envolve. Aqui cessa o domínio que as modas francesas exercem na capital mestiça; o traje permanente dessa gente consiste num casaco de chita, calças brancas de algodão, chapéu de palha de aba larga, e faixa passada na cintura, trazendo comprida faca punhal; os olhos sombrios e a tez morena dessa gente, como seus compridos cabelos negros desgrehados, ainda contribuem para que o estrangeiro os tome como bandidos italianos e não como pacíficos lavradores dessas belas montanhas. É de admirar que nessa região só mui raro se ouça falar de furtos; é que o criminoso pouco teria a temer o rigor da lei. Deve-se atribuir o fato unicamente à vigilância e coragem dos moradores locais, que muitas vezes com risco de vida perseguem e apanham ladrões e gatunos procedentes dos distritos vizinhos. Já os assassinios são muito freqüentes; mas o infeliz que assim cai na flor da vida com algum tiro ou facada à traição, não é sacrificado por motivo de atrevido furto: os móveis do crime são geralmente a vingança, a honra ofendida, o ciúme. Livre e desembaraçado, continua sua atividade aquele que tiver praticado semelhante feito; não o repelem, não o odeiam, nem temem, nem perseguem, acha em toda parte amigos que, se necessário, o escondem e protegem; ele se vangloria publicamente de sua façanha e o povo dá-lhe o nome de honra de *Duro* [sic]. Semelhante título o consagra, como ao seu feito, o qual poderá ser desculpado, mas não se deve aplaudir; ele transgrediu as leis humanas, mas a sociedade humana o respeita como a um inocente mártir: fazem uma glória do seu sinal de Caim na testa. A polícia intencionalmente ignora seu crime; até os juízes que o deveriam condenar o protegem, a menos que a família do assassinado seja muito rica e se empenhe seriamente por perseguir o criminoso, com grandes despesas e raramente com êxito.

Um desses Duro, a quem se atribuem mais de vinte assassinios, ou para falar legitimamente português “mortezinhas”, ainda hoje vive nos mais próximos arredores do Rio. É conhecido pelo nome de Guimarães. Dizem que foi o mais belo rapaz da capital e a primeira

morte que praticou não foi um assassinato, mas justo castigo à infidelidade de um ser a quem confiadamente ele votara as mais belas esperanças de sua mocidade. Este primeiro feito, bem premeditado e energicamente executado, determinou-lhe o futuro; abandonou pátria, pais e amigos, abdicou de todos os gozos que sua fortuna teria permitido: tornou-se um Duro e como tal quis viver. Ah! quantas vezes deve tê-lo iludido a triste realidade! quantas vezes uma amada o traiu, um amigo o enganou! Hoje não é mais moço nem belo, mas é fartamente rico e respeitado. Muitas vezes o vi nas ruas do Rio, nunca sem grande acompanhamento; sempre os pobres o cumprimentavam com respeito e os membros do governo, medrosos, passavam por ele como se não o conhecessem.

Ao tempo do falecido rei de Portugal, o já mencionado D. João VI, fez-se a primeira tentativa de apanhar a esse homem perigoso, e expediu-se forte destacamento militar para sua fazenda, com ordem de trazê-lo morto ou vivo. Por mais secretamente que preparassem a expedição, o Duro, que no Brasil tem maior poder que o imperador e o rei, teve notícia em tempo. Poderia ter fugido, mas Guimarães nunca faz isso: reuniu seus amigos, na maior parte mulatos, mais de duzentos, para enfrentar os soldados. Ao abrigo da noite, o destacamento se aproximou cautelosamente e cercou a residência; o oficial que o comandava dispôs cuidadosamente as guardas, com a maior tática, para que a raposa não escapasse à armadilha tão bem montada. Eis que o bando de mulatos lança-se da tocaia: os soldados surpreendidos nem tiveram tempo de carregar as armas, os que não puderam escapar-se para a mata foram implacavelmente mortos. O Duro festejou regamente a vitória barata. Diante disso deveria o governo ter procedido mais energicamente contra o atrevido criminoso; mas, ao contrário, entabulou com ele negociações de paz, formalmente, e o fim da história foi que Guimarães mediante a contribuição de três mil piastras teve plena absolvição e anistia por todos os seus crimes.

O dinheiro comprova seu poder em todas as partes do mundo, mas certamente em lugar algum da Europa ele exerce semelhante tirania: Mamom deve dominar, mas não como déspota.

NOTAS AO CAPÍTULO III

-
- 42 N. do T. – Subsiste o aterrado que liga S. Cruz a Itaguaí, diretamente, hoje leito da estrada de ferro, e também subsiste o da estrada de rodagem, mais pelo interior, rumo ao Morro do Ar, onde se bifurca, sendo que o ramo que conduz ao Estado do Rio atravessa o rio Guandu na chamada “Ponte dos Jesuítas” e pouco adiante nele entronca o péssimo caminho de rodagem que vai a Itaguaí.

.....

Capítulo IV

SERVIÇO POLICIAL – ORGANIZAÇÃO MILITAR ATUAL

– O BATALHÃO DE OFICIAIS – OS JUÍZES DE PAZ

– AS SENHORAS E AS GALANTERIAS BRASILEIRAS

– MALES – VÍVERES

Como vimos anteriormente, a deusa Astréia⁴³ já de muito abandonou também o Novo Mundo, sem regressar ao Velho; a geografia não sabe mais onde pára essa celestial vagabunda e a astronomia não pertence ao homem. Mas mesmo onde não haja justiça, tem que haver tribunal, ao qual por bem ou por mal tem que haver obediência, segundo princípios gerais preestabelecidos. Este império transatlântico é, entretanto, demasiado jovem e fraco para que sua força executiva se faça sentir.

A polícia no Brasil acha-se em más condições por toda a parte. Reina um vasto sistema de suborno; tudo é venal; alguns poucos cruzados contrabalançam muitas vezes a consciência dos juizes, e a justiça, qual propriedade particular, é publicamente vendida a quem mais dá. Antigamente existia no Rio de Janeiro uma “polícia armada”, de cerca de mil homens, que patrulhava dia e noite as ruas e assim peiava a ladroagem; após a revolta de 7 de abril, ou porque fosse de lembrança odiosa para o povo, ou porque pelo menos aparentemente se quisessem fazer

reformas em todos os ramos da administração pública, ela foi subitamente dissolvida, e em seu lugar criou-se uma Guarda Permanente [sic]⁴⁴ Este corpo compreende cerca de 600 homens, recrutados na ralé, do povo: caixeiros do comércio, infiéis, escreventes imprestáveis, operários miseráveis, jogadores infelizes, filhos degenerados, aleijados e mandriões de toda espécie constituem esse bando autorizado de ladrões, que parecem recrutados por um moderno Falstaff, embora se destinem a proteger a segurança pública e a propriedade dos cidadãos. Esta é a velha ironia da vida: o bode é feito guarda do vinhedo. Esta Guarda Permanente tem um poder quase soberano, sem embargo é destituída de importância, ela só se guia pela mais atrevida arbitrariedade. Depende só e exclusivamente de seu comandante, o General Lima,⁴⁵ e nenhum de seus membros responde perante qualquer outra autoridade civil ou militar pelas injustiças ou violências que pratique; quando muito o transgressor, se o seu crime, naturalmente sempre cometido por excesso de zelo, for demasiado notório, é levado a conselho de guerra; e os honrados juízes, oficiais do mesmo corpo, deixam escapar o camundongo preso, através da armadilha de raposa. Que horrível insensatez! Que têm de ver com conselho de guerra os beaguins em tempo de paz? O governo gosta de toda espécie de pirotecnia e é o primeiro a lançar o foguete na casa da pólvora: isso é tática brasileira.

Para ficar mais seguro dessa escória, o General Lima, o famigerado aristocrata do povo, teve a esperteza, logo que foi nomeado primeiro regente, de fazer que a Câmara dos Deputados, ainda trêmula, fixasse aos guardas permanentes, seus pupilos, um soldo verdadeiramente enorme. Filosofia peculiar, extravagante. Soldo quántuplo faria dos alguazis soldados. Assim o soldado raso da infantaria da Guarda Permanente ganha por mês vinte táleres e é muito bem fardado; o 2º tenente ganha 90 táleres, e a cavalaria, com cerca de 150 homens ainda se lambe com gratificações adicionais. Estes 900 ou 999 homens – pois na nova cidade imperial há muitas vezes singulares cálculos estatísticos – trazem agora todo o Rio de Janeiro assustado – ou esperançado – como poder executante mas também executivo. Em caso de aperto confiam cegamente na autoridade e proteção de seu endeusado general, o qual com louvável patriotismo premia os seus erros com medalhas, de maneira que a todo momento deve-se temer de ser assaltado e saqueado

por esses patifes. Semelhantes cenas ainda são demasiado freqüentes num país, que, entretanto, se vangloria da sua liberdade e da conquista-da constituição.

Além desse corpo não há no Rio, nem em todo o país, nenhuma outra tropa regular, exceto alguns poucos dragões de Minas Gerais,⁴⁶ cujo único serviço consiste em acompanhar D. Pedro II, menino de dez anos, à cidade, em certas ocasiões, como sejam festividades e paradas. Nessas ocasiões costumam apresentar-se também os três regentes que durante a menoridade do Imperador administram o país, inclusive o respeitável José Bonifácio de Andrada, o tutor escolhido pelo pai do imperadorzinho. Aparece então também a Guarda Nacional, que conta 20.000 homens, a qual aliás tem por função desempenhar todo o serviço ativo; mas raramente o efetivo formado no Campo da Honra⁴⁷ excede de 4 a 5 mil homens.

Essa desordem deve ser atribuída na maior parte ao irrefletido medo dos superiores aos seus subordinados, por não saberem bem se haver em sua nova dignidade; pois quando um soldado da Guarda Nacional sob qualquer pretexto recusa seriamente atender a semelhante chamado, de pura brincadeira, prefere-se fazer vista grossa, pois que os chefes se consideram demasiado impotentes para corrigir o mal.

Menciono ainda aqui uma instituição singular e bizarra que deita a mais intensa luz sobre a natureza bastarda do espírito da época, a ingratidão do governo e a insensatez do patriotismo brasileiro: aludo com isto ao conhecido batalhão de oficiais. Este corpo compreende cerca de 400 homens, todos oficiais, que, porém, fazem serviços de soldados. A coisa passa-se assim. Com a abdicação de D. Pedro I, os brasileiros que serviam no exército em postos elevados não podiam ser simplesmente dispensados e despedidos, como se fez com os estrangeiros; como medida provisória foram grandemente reduzidos os seus vencimentos e terão que esperar o resto da vida por uma melhora pecuniária. Com as constantes perturbações da ordem, que continuavam agitando o Império, a força militar existente era insuficiente e então os oficiais pensio-nistas se ajuntaram, em parte, com os seus sonhos de louros e ouro, formando um batalhão de voluntários, para proteger e defender a pátria livre.

Esses tolos patriotas mais tarde foram alvo de mofa quando em seu uniforme, com espingarda e cartucheiras, montavam guarda, e a

chacota ainda cresceu quando se soube que o governo não queria por isso conceder-lhes a mínima gratificação e ainda queria exigir como obrigação legal o que fora espontâneo. Muito mais prudentes andaram os oficiais que com a sua independência e a pequena pensão se retiraram para o interior do país, onde levam vida calma, sem cuidados, como lavradores, proprietários agrícolas ou negociantes de couros. Verdadeiramente o presente não serve mais para o patriotismo. Que pode fazer nos tempos modernos um Bruto ou um Scevola? Saturno devora seus mais diletos filhos. Aliás não se presta aos militares e funcionários a mesma consideração de que gozavam sob o governo do imperador; só os juizes de paz, que são eleitos pelo povo e desempenham suas funções sem qualquer remuneração, gozam de estima pública e quase cega obediência. Seus plenos poderes são amplos, se bem que não possam decidir dos processos desde que a causa exceda ao valor de dezesseis táleres, a sua palavra é quase sempre acatada e confirmada pelas instâncias superiores; uma recomendação deles vale por uma sentença. Em caso de desordem, todas as forças militares ficam às suas ordens, assim como dispõem integralmente da polícia. Seu distintivo é uma faixa verde-amarela, com a largura da mão, que passa do ombro direito ao quadril esquerdo e atesta sua dignidade judicial. Mostrando essa faixa num motim ou no mais louco ajuntamento popular, instantaneamente se restabelece a ordem; até o aparecimento de um juiz de paz, com suas palavras severas, amigáveis, tem muito mais influência sobre a massa do que toda a ostentação de força militar. Tenho prazer em poder finalmente assumir o papel de panegirista de uma instituição pública brasileira.

Vamos a outras coisas mais interessantes.

O belo sexo aqui, em síntese, não se pode considerar belo, mas as senhoras das províncias do Sul distinguem-se sob certos aspectos vantajosamente das do Norte. Assim, por exemplo, encontram-se em São Pedro do Sul, Santa Catarina e São Paulo comumente senhoras de tez branca e faces coradas, o que no Rio é grande raridade. As senhoras da capital têm geralmente uma pele entre parda e amarela e os traços fisionômicos fortemente pronunciados, e são quase todas miúdas e magras, mas de pronto esquecemos os seus defeitos diante dos seus olhos negros, saudosamente cintilantes, as delicadas mãos sempre a

dançar; e a leve graça que as envolve em todos os seus movimentos supre o que falta em formas abundantes.

As classes superiores vestem pelo último figurino parisiense e não raro exageram ridiculamente as modas importadas. As mulheres da classe média em geral usam saias pretas de seda, que sabem menear com particular graça. Em regra, um desses vestidos, com um par de camisas e, quando tudo muito, um enxoval de cama, é todo o dote ou até toda a fortuna das damas locais, de sorte que o recém-casado já oito dias depois do casamento tem que pensar em *equipar* [sic] a jovem esposa. Em primeiro lugar, é preciso comprar botinas novas, pois a vaidade das brasileiras estima particularmente este artigo; em seguida, é preciso chamar o alfaiate, pois *madame* [sic] é agora dona de casa e é impossível que, dia sim dia não, use o mesmo vestido, como dantes, quando só transpunha a soleira da porta da rua para acompanhar alguma procissão ou ir à igreja. Madame quer fazer vida de sociedade e ressarcir no turbilhão dos prazeres mundanos os anos de mocidade perdidos sob a severa guarda dos pais, e assim o querido esposo, se não quiser logo transformar o seu céu em inferno, tem que arranjar a necessária indumentária – por mais que lhe custe e ainda que tenha que vender a cama do casal, pois madame de bom grado se contenta, até melhores tempos, com uma esteira de palha e uma manta de lã, contanto que possa representar papel brilhante na sociedade.

Tanto as moças como as senhoras, em geral, apreciam os estrangeiros; as primeiras, porque com uma ligação amorosa ou quem sabe um casamento se julgam mais livres e mais intimamente endeusadas do que seria o caso numa ligação com um patricio; as últimas, porque julgam poder melhor contar com a sua discrição, porque só raramente o estrangeiro culto tem relações de amizade com os nacionais insociáveis, de modo que é menos de recear transpire o segredo.

Desgraçada coisa é o amor; vinga em todas as zonas e se aclima debaixo de todos os céus – mormente neste país tão ricamente abençoado pela natureza, onde, atordoado pelo perfume das flores, pelo canto dos pássaros e pelo fulgor solar, o homem encara a vida como um sonho eterno. Francamente o confesso, nunca amei tão ardorosamente, com tanta leviandade e felicidade.

Mas o estrangeiro, que se livre de casar, porque certamente terá decepção. Ou ele fica sem o prometido dote – coisa muito fácil, em

vista da má administração da lei – ou em vez de um anjo sai-lhe uma Xantipa – e não é todo esposo que pode ser Sócrates – ou a jovem esposa arrasta toda a família e parentela a viver nas suas costas. Este último caso ainda é o pior, pois se ele na ebriedade da lua-de-mel se deixou convencer a ter por visita em sua casa um ou alguns dos parentes da senhora, fica firmado um tácito contrato eterno; e se algum dia, não podendo mais sustentar esses hóspedes importunos, quiser fazer uso do seu direito de dono da casa, corre o risco de perder a vida com uma facada, ou de ser irritado até a morte pela senhora. Desgraçada opção!

Um defeito ainda maior das senhoras do Rio de Janeiro é a sua excessiva preguiça e indolência, que só se retraem para segundo plano quando entra em cena o amor. Madame tem suas escravas, duas, três, seis ou oito, conforme o infeliz esposo abrir a bolsa, e essas criadas negras nunca podem arredar-se da imediata proximidade da sua severa dona, devem entender-lhe e até interpretar-lhe o olhar. Seria demais exigir que a senhora, fosse ela mulher de um simples vendeiro, se sirva ela mesma de um copo d'água, ainda esteja junto dela sobre a mesa. É tão doce poder tiranizar. De cozinhar e lavar, então, nem se fale; para semelhante trabalho de escravos Deus criou os negros, cuja cor nada pode sofrer nem com a fumaça ou o sabão, nem com o esforço físico. A teoria da predestinação é o principal artigo na fé brasileira. Entretanto a delicada dona de casa não se envergonha de se acororar no chão para ingerir em boas porções seu alimento predileto, o feijão-preto com toucinho, e sua inocente ingenuidade vai ao ponto de servir-se ela dos delicados dedos à guisa da faca e garfo, e da mão como colher. Na Bahia as senhoras, que infelizmente em cor e espírito parecem laranjas murchas, têm por especial cortesia servir ao honrado hóspede diretamente na boca, como se quisessem engordar ganso, as bolas amassadas na mão com o feijão e toucinho, manobradas com muita graça e destreza. Essas bolas parecem que são da artilharia pesada e sem demora sucumbe a tão pertinaz bombardeio o estômago do estrangeiro, pois que seu coração certamente não toma parte na ação. O pobre homem deve sentir-se singularmente contrafeito, mas tem que suportar com paciência a galanteria e deglutir as indigestas pílulas, sem a menor careta, se não quiser passar por mal-educado e grosseiro. O brasileiro ainda endeusa as velhas tradições; o filho não se torna infiel às crenças dos pais.



Imperatriz do Brasil

Um outro muito mau hábito que quase todas as mulheres do Rio seguem é o de mascar fumo e tomar rapé. A mais fina dama traz a sua tabaqueirazinha dourada, esmaltada, e com ela brinca nas mais brilhantes reuniões, como a *coquette* [sic] parisiense com o leque. Essa tabaqueira é o símbolo fiel de seus pensamentos e paixões, o ponteiro externo no relógio de seus movimentos interiores; pela maneira com que a senhora dela se serve pode-se sempre por menos que se possua conhecimento humano, deduzir o seu caráter momentâneo. E com que graça a brasileira toma a sua pitada! De bom grado eu lhe perdoaria o uso do rapé, não assim o mascar fumo. Verdade é que só raramente cedem diante da sociedade a esse gosto contrário à natureza; mas se a surpreendêssemos pela manhã na sua câmara, vê-la-íamos assentada de pernas cruzadas sobre a mole almofada, a saborear com deleite o suco de comprido toco de tabaco, de um dedo de grossura. A desculpa que dão é que isso beneficia a conservação dos dentes; singular recurso de beleza! e nos dentes geralmente não haveria muito que perder!

A igreja é o teatro habitual de todas as aventuras amorosas na fase inicial, a mais ardente, de sua eclosão. Só aí é possível ver as damas, sem embaraços aproximar-se discretamente e até cochichar algumas palavras. A religião encobre tudo. O mínimo sinal basta para ser compreendido e enquanto se faz devotamente o sinal-da-cruz pronuncia-se no tom da mais fervorosa prece a declaração de amor. Se a dama resolve dar ouvidos ao suspiro enamorado, passada a missa ela lhe dá notícia da ventura iminente, por meio da sua negra, determinando sumariamente data e lugar do encontro – tudo sem afetação ou disfarce; mas a felicidade tão facilmente conquistada muito perde de seu primitivo encanto. Desta maneira os homens, apesar de sua ciumenta atenção, podem ser a cada momento enganados. Assim um estrangeiro nunca deixará de lograr seus desejos, mesmo que não tenha pretensões a bonito, contanto que apareça sempre bem vestido.

Como prova da facilidade com que as belas do Rio de Janeiro se deixam seduzir, vou lembrar aqui um episódio no qual eu mesmo desempenhei papel principal. Morava eu na mesma casa que uma jovem, encantadora mocinha, cujo pai se ausentara em longa viagem de negócios, ela em companhia da mãe doente; tínhamos por isso oportunidade de nos vermos e às vezes trocar algumas rápidas palavras. Como raramente

um estrangeiro tem a ventura de entabular relações honradas, convencionais, com mulheres instruídas, aproveitei com prazer a ocasião azada, que tão cedo não se reproduziria, e obtive o consentimento de ler para ouvirem, junto ao leito da mãe reumática, *Os Lusíadas*. Luísa, que é como se chamava a amável brasileira, sempre escutava com atenção; absorvia cheia de devoção as palavras de amor ardente do poeta, apanhava sílaba por sílaba as palavras que me escoavam dos lábios trêmulos; nossos olhos se encontravam, mas jamais eu lhe dizia qualquer daquelas lisonjas que tão facilmente conquistam um coração de mulher, nunca lhe confessei os sentimentos que me assaltavam o peito; sempre me mantive cortês e recatado e nossa palestra só versava sobre os lugares-comuns da vida. Passaram assim oito dias; eis que uma noite recebi por uma escrava as seguintes linhas, que aqui transcrevo literalmente, para proveito da leitora alemã:

“Senhor e amado!

Tanto eu quisera dar-lhe uma prova da minha paixão pelo Sr., mas nisso sou impedida por minha mãe doente; o jardim tem folhagem sombria e igual número de sentimentos tem meu coração. Tenha esperança! Sou sua, para sempre, a mesma.”

Atônito li essas palavras, tão poucas mas tão cheias. O termo “*paixão*” [si] significa muito em português; envolve a satisfação de todos os desejos, o maior prazer, o supremo ciúme, o mais profundo arrependimento. Eu tremia diante dessa noção como diante do pensamento em um assassinio; essa desassombrada declaração de amor me afligia.

Era necessário fazer alguma coisa; eu tinha que fazer declarações a Luísa, que para mim eram desagradáveis, mas que se tornavam indispensáveis para conservação do bom nome de nós ambos. Acedi ao convite e a preta me indicou hora e lugar. Chegou a hora e Luísa antes dela.

Ela havia-se enfeitado exageradamente, de flores, fitas e plumas, mas eram mais lindas as flores de suas faces, e seus olhos brilhavam mais que os diamantes falsos, que meio ocultos, quais balouçantes barquinhos, subiam e desciam sobre seu peito virginal. A minha austeridade começou a ceder, mas me contive e logrei dizer algumas objeções sérias, que talvez em português ainda tivessem dupla significação. Luíza me cobriu de recriminações, queixas e ofensas; ia-me afastar e

então ela me envolveu em seus braços e me cobriu de beijos. Não pude fugir e na maior turbção dos sentidos tive que sonhar até o fim o sonho de amor. Muito choro, muito riso, beijos e juramentos nessa hora; mal me lembro. Veio o momento da separação e convencionamos o novo encontro. Longa noite insone restituiu-me finalmente a reflexão: o mais cedo possível mudei de residência e nunca mais vi Luísa. Julguei que devia a nós ambos esta resignação.*

Deixemos a galanteria e passemos a nos ocupar dos males da terra.

O clima da capital, se bem que esmagadoramente quente, é muito saudável, para o que muito contribui o fresco vento do mar, o qual em geral das dez da manhã à uma hora da tarde suaviza com o seu hálito refrescante a ardência dos picantes raios solares. Epidemias aqui não têm direito de cidade, mesmo a febre amarela que em outras regiões da América tantas vezes causa tão horíveis devastações, no Rio mal se conhece de nome, como aliás não existe nenhuma doença local perigosa, excetuadas algumas erupções de pele não malignas. Nesta categoria apresentou-se a sarna que, produzida pelo excessivo calor, cede facilmente ao uso de banho de mar. Mesmo nesta zona o banho de mar assíduo é não só dos melhores efeitos curativos, como absolutamente necessário para conservação da saúde e do vigor físico. Também são freqüentes os resfriados, porém, não têm gravidade como costuma suceder na Europa; no máximo sobrevém ligeira febre. Por isso também não há receio, em, estando banhado de suor, expor-se às mais fortes correntes de ar, ou até beber água gelada, coisas que na Alemanha dificilmente passariam impunes. Todos os males reumáticos e crônicos de nossa pátria, são, sob o ponto de vista médico, menos comuns nesse novo Império. Contudo há uma outra doença que os estrangeiros quase sem exceção adquirem ao chegar ao Brasil e que não havendo pronta intervenção médica pode tornar-se mortal; é uma violenta diarreia. Em tal caso é sempre de aconselhar que se prefira ao médico

* Incidentalmente ainda registro a observação de que no Brasil não é costume assinar com o próprio nome cartas de amor; quando muito põem-se uns pontinhos, que facilmente, por causa do mau papel e sob a mão de mulher, se confundem com borrões de tinta. Possivelmente assim procedem por vergonha; ou será medo ou artil? Quem nunca tiver lido uma cartilha brasileira de amor é noviço na *ars amandi* [sic].

européu um médico natural do país, pois naturalmente estes sabem melhor combater um mal, que pela diuturna experiência melhor conhecem em todas as suas gradações e fases.

Milhares de alemães aqui tiveram desta maneira morte prematura por haverem preferido seus patrícios acreditados na Europa como médicos competentes, aos discípulos brasileiros de Esculápio, em muitos pontos de vista menos sabedores e sempre menos cultos. Os naturais do país empregam imediatamente um enérgico vomitório, por mais que o paciente esteja abatido e enfraquecido pela perda dos melhores sucos alimentares, e esse meio só falha se o doente está demasiado depauperado. Na terra de Colombo ainda não se sabe muito da homeopatia, isto é, no seu estado atual, dividido em inúmeras escolas.

Outra epidemia, mais horrível e repugnante, mas que só lastra entre os negros e classes mais baixas é a *elefantíase* [sic], que chamarei em alemão de consumpção de elefante. Incham enormemente as pernas do infeliz atacado dessa terrível moléstia, altamente asquerosa, ao passo que o resto do corpo visivelmente emagrece e murcha, até que finalmente a anelada morte liberta do mal terreno o sofredor verdadeiramente digno de comisseração – até que a imagem da divindade degradada ao aspecto de animal, se torne anjo talvez pelo velho processo da ressurreição. Em todas as esquinas vêem-se tais miseráveis, as pernas disformes estendidas na calçada, a mendigar – quadro horripilante, do qual com repugnância se desviam os olhos! Dizem que o excessivo uso do rum nacional, a *aguardente* [sic], é a causa desse mal incurável, que não conhece remédio nem alívio. Não raro os senhores cometem a crueldade de conceder a liberdade a seus escravos que têm a desgraça de se verem atacados desse mal, e apesar de os terem servido 50 a 60 anos atiram-nos à rua, expondo-os sem pena à mais cruciante morte, acelerada pela fome e pela sede.

A natureza, cuja história secreta nos continua vedada, também aqui apresenta bastantes outros males. É singular que especialmente os insetos tenham sido inoculados do pendor e poder para o despotismo, de maneira que o homem, com toda a sua vanglória de liberdade, é tiranizado pelos mais ínfimos bichos, que ele encara com desdém. Uma dessas pragas da terra é em todo o Brasil, inclusive na “divina capital”, a pulga da areia (*pulex penetrans*) [sic], que os naturais do país chamam *bicho-*

de-pé [sid].* Esse insetozinho penetra na carne, de preferência nos dedos dos pés, onde se envolve numa bolsa, que encerra sua criação e em pouco incha do tamanho de uma ervilha, ao passo que ele mesmo é tão pequeno que às vezes não se o descobre a olho nu e só uma comichão irresistível denuncia sua presença. Se não se retira prontamente a bolsa, sem rompê-la, a praga alastra horivelmente e o menor descuido causa a perda de diversos dedos; Grande asseio é o único meio eficaz contra essa praga e nada dá resultado, de todos os medicamentos até agora experimentados.

Devo também mencionar aqui os *mosquitos* [sid]; tanto pela sua picada dolorosa, como pelo seu zumbido importuno, em muita noite bonita de verão me estragaram o repouso e mais de mil vezes me perturbaram os mais doces sonhos de amor. Uma particularidade é que perseguem muito mais insistentemente ao estrangeiro recém-chegado do que àquele que já vive alguns anos no país, como se lhes apetecesse mais o sangue europeu em sua pureza imaculada. Fumigações com alfa-zema e pós constituem meio eficaz contra esses hóspedes importunos, que não conhecem tréguas nem piedade; mas não é coisa agradável conciliar o sono no dormitório enfumaçado e parece que só se consegue dormir com o completo atordoamento. Ainda são preferíveis os mosquiteiros, com que se cobrem as camas; mas também só em parte preenchem seu fim, pois com a maior cautela nem sempre se pode evitar que ao erguer as cortinas, para nos deitarmos com cuidado, dois ou três desses diabos alados se insinuem e vão transformar o nosso sonhado paraíso no mais infernal tormento; e se a extraordinária perícia é bem-sucedida, não obstante soa incessante no ouvido do infeliz dormidor a horrível canção monótona, como o cântico de vingança de um tirano. Pode-se sonhar no Brasil e cochilar também, mas dormir nunca.

Com o frio desaparecem os mosquitos, mas então não faltam outras pragas. Em julho começa o reinado das pulgas, que apesar das

* A significação do termo *bidio* [sid] é altamente notável e não acho em nenhuma outra língua termo equivalente; pois o nosso *creatura* [sid] é inteiramente outra coisa. Eu mesmo presenciei muitas vezes como sem qualquer diferença de entonação ou qualquer distinção adicional se designar por esse termo uma cobra, uma mosca, um touro; e no caso presente o termo é aplicado a uma pulga. E até a frase consagrada com que se convida o hóspede para a pinga matinal é: *Matar o bidio* [sid].

freqüentes varreduras e borrifações não podem ser extintas; até a mais distinta brasileira tem que dar atenção a este desavergonhado adorador; tem que dar-lhe a mão e o coração para aliança de sangue. Que seria o amor sul-americano sem ciúme e sem pulgas?

Entretanto de insetos venenosos, cobras, sapos e outros “honrados membros da fauna nociva” pouco se tem a temer na capital. Aparecem muitas vezes escorpiões, centopéias e certas áspides, mas a sua picada nunca é mortal, desde que prontamente se aplique algum remédio caseiro vulgar.

O clima do Rio de Janeiro absolutamente não condiz com as frutas européias: não dá maçã nem pêra, nem cereja ou ameixa; em compensação certas espécies do país ou trazidas das regiões meridionais do continente europeu são extremamente saborosas e muito grandes. Assim, as laranjas, das quais no interior do Brasil se encontram matas inteiras, são muito superiores às de Messina, e o abacaxi, transbordante de suco, que aqui medra excelentemente em toda parte, até em certos lugares é nativo, se assinala pelo seu sabor sumamente agradável bem como pelo forte perfume. O mesmo se dá com a manga, que já mencionei, e com o gracioso caju, da qual costumam preparar *limonada* [sic]. O pêssego dá nas províncias meridionais, onde é comum atingir ao tamanho da mão fechada, sem perder o mínimo de seu sabor primitivo; mas, o clima do Rio é demasiado quente para ele e se dá não é bom.

Também aqui ou ali se encontram as uvas, mas não são boas, e os bagos expostos ao sol caem de maduros ao passo que os que se acham à sombra ainda estão pintando. Mesmo nas regiões mais frias do Brasil o vinho não dá bem, pois embora os bagos disponham de tempo bastante para amadurecer gradualmente, o suco que deles se extrai é azedo e sem fogo. Por isso em todo o império não o plantam a sério e aquilo que modernos escritores têm escrito e contado sobre as vinhas no Brasil não é verdade, são flores de retórica poética. Já os melões são excelentes.

Outra fruta, se bem que não muito saborosa, extremamente útil é a banana, que serve de principal alimento aos negros e classes mais pobres e da qual também às vezes fazem uma cerveja muito espumante. Extraordinariamente grandes e bonitos são os figos, dos quais se poderia colher grande proveito econômico se soubessem secá-los ou de outra

maneira conservá-los, por forma a poderem ser exportados. Os brasileiros são preguiçosos,⁴⁸ e gostam de deixar apodrecer as coisas; eles contam demasiadamente com a excessiva capacidade produtora da natureza ultragenerosa.

Os legumes em geral são muito inferiores aos europeus, pois o excessivo calor não lhes dá tempo de se constituírem convenientemente. O repolho, por exemplo, não é tão fechado e duro como na Alemanha, suas folhas são longas e destacadas; igualmente a alface. O aspargo, que aqui é raridade, brota da terra comprido e murcho; ervilhas e outras vagens secam antes de amadurecer; nabos e outras raízes são duros e aguados.

Nos arredores do Rio também plantam batatas, mas não têm gosto e são quase intragáveis para o europeu; chamam-nas *batata-doce* [sic], mas a sua doçura deixa um áspero mau gosto e facilmente enjoam; não possuem valor nutritivo nem se prestam para fabricar álcool. Má comida para uma pessoa em jejum. A essas batatas da terra, são muito preferidas as importadas da Inglaterra ou de Hamburgo, meio estragadas; e plantadas aqui não podem ser aproveitadas para replantio, porque já na primeira safra degeneram de tal maneira que ficam inaproveitáveis. O feijão, sobretudo o preto, é o prato nacional e predileto dos brasileiros; figura nas mais distintas mesas, acompanhado de um pedaço de carne de rês seca ao sol e de toucinho à vontade. Não há refeição sem feijão, só o feijão mata a fome. É nutritivo e sadio, mas só depois de longamente acostumado sabe ao paladar europeu, pois o gosto é áspero, desagradável. Em resumo, pois, todos os víveres não são de louvar e a cozinha brasileira jamais alcançará honrosa autonomia. Também neste domínio imperam os ingleses ou franceses, mas sem glória, sem sorte e sem vaidade: pois seria necessário todo o poder de formidáveis artistas para produzir obras-primas com matéria-prima de má qualidade, e a arte culinária especialmente tem seus lados fracos.

Realmente a *gastronomia* [sic], que com mais acerto se deveria chamar *gastrologia* [sic], pode adequadamente ser comparada com uma jovem amorosa, ansiosa de gozo, que gosta de entregar-se sem reserva a seu adorador, contanto que este não desdenhe sacrificar toda a sua subsistência momentânea ao capricho feminino, mas que também às vezes se mostra em muitos pontos esquivada e sensível; é uma sereia que com a

sua canção de volúpia arrasta o navegador inexperiente para o turbilhão do gozo, da ebriedade, da hipocondria e da loucura. O paladar vence a língua e eu louvo a esse triunfo, como um falecido apóstolo ou moderno diplomata, porque o mesmo só pode levar à salvação: enquanto o presente sabe bem, a língua ficará, se não inativa, pelo menos calada.

A carne no Brasil é magra e ruim; é necessário que os mais fortes condimentos supram o que lhe falta de rigor. Sopa é mingau, geléia é molho, o sucedâneo passa a substância, nem a água presta para cozinhar; quando muito, entendem alguma coisa de assados. Por exemplo, preparam de maneira a mais delicada os lagartos, às vezes de mais de dois côvados de comprimento e saindo do camarote de um transporte marítimo europeu para um restaurante do Rio de Janeiro a gente julgaria diante desse prato que fosse um pedaço de tartaruga, pomba ou leitão. O produto mais usado na cozinha anglo-franco brasileira é o *friassé* [siq]. Mas os naturais preferem, como depois veremos, a carne de espeto e meio crua. Aqui trato somente da capital.

Os bois, que para chegarem ao Rio, têm de vencer um percurso de 80 a 100 léguas, com maus pastos, naturalmente chegam miseráveis e emagrecidos.

Aqui são imediatamente levados ao matadouro imperial, pois é proibido sob pena de pesada punição, que os moradores abatam qualquer animal em casa. Ali então muitas vezes o pobre gado fica dois e três dias, sem água e sem alimento, à espera de que chegue a vez da matança, e não é raro que antes disso se abatam de cansaço, fome e sede.

A carne de porco é muito melhor, mas absolutamente não pode fazer bem à saúde neste clima quente, e causa frequentemente a *sarna* [siq], erupção de pele, muito maligna e contagiosa.

A carne de ovelha é excelente, mas também horivelmente cara; custa a libra 400 a 480 rs. em cobre (cerca de 12 a 14 *groschen*). Só os ingleses aqui domiciliados é que na maior parte são capazes de usar esse petisco à mesa. Coisa igual passa-se quanto às aves; uma galinha gorda custa em regra uma piastra espanhola e mais, um peru três a quatro tantos; os ovos são vendidos a preços relativamente razoáveis.

O pão é branco e bonito, mas também não é barato. Acham-se constantemente no porto do Rio navios americanos, numerosos, que provêm a cidade com o necessário trigo e farinha. Por isso o homem

comum quase nunca come pão; a *farinha* [sic] extraída da raiz da mandioca o substitui. É perfeitamente tão nutritiva quanto a farinha de trigo, mas não é tão saudável.

NOTAS AO CAPÍTULO IV

43 N. do T. – Mitologia. Deusa da Justiça. Na idade de ouro desceu à Terra, a residir entre os homens, mas escandalizada da perversidade destes voltou ao céu, onde, com o nome de virgem, ocupa um dos doze signos do zodíaco.

44 Segundo Bandeira de Melo – A Polícia Militar Federal – o corpo de guardas municipais permanentes, ou simplesmente o Corpo de Permanentes, do Rio, foi criado pelo decreto de 22 de outubro de 1831. Foi uma das criações da ditadura do Padre Feijó. O seu primeiro comandante foi o Tenente-Coronel Teobaldo Sanches Brandão, que teve como fiscal o Major Luís Alves de Lima e Silva, mais tarde Duque de Caxias. Este, já tenente-coronel, passou a comandar o Corpo em 20 de outubro de 1832.

Em abril de 1883, o efetivo do Corpo de Permanentes da capital, porque as providas também os tiveram, era de 521 homens, sendo 165 de cavalaria e 356 de infantaria. O seu pessoal era escolhido entre a gente bem comportada, pelo que o seu efetivo sempre se manteve muito aquém do estado completo.

O governo transferia para o exército – o que naquele tempo constituía um grande castigo – os indivíduos que não revelassem bom comportamento.

45 Equívoco. Nem o cargo era de general. O autor faz confusão, pela semelhança dos nomes com outros Limas. Quem comandava os Permanentes era o futuro Caxias, ainda tenente-coronel.

46 A reorganização de 1824 extinguiu os regimentos de dragões, que eram três: o Regimento de Dragões de Rio Pardo, justamente célebre, o de Montevideu e o da União, que passaram a ser respectivamente o 5º e 7º regimentos de cavalaria de 1ª linha do exército. Já se vê que ao ser escrito este livro não mais existiam dragões de Minas, de que um esquadrão viera para o Rio, com a missão de montar guarda ao soberano, por ter sido a restante tropa enviada para o Norte em 1817.

Outro elemento capaz de causar confusões aos soldados estrangeiros era a Imperial Guarda de Honra, criada por D. Pedro I por decreto de 1º de dezembro de 1822, de que um dos três esquadrões tinha parada em Taubaté, um na corte e outro em S. João del-Rei. Olhada em conjunto, constituía essa tropa um regimento de dragões, dissolvido, porém, pela Regência, em 1832. A partir daí, como poderia acompanhar o pequeno imperador?

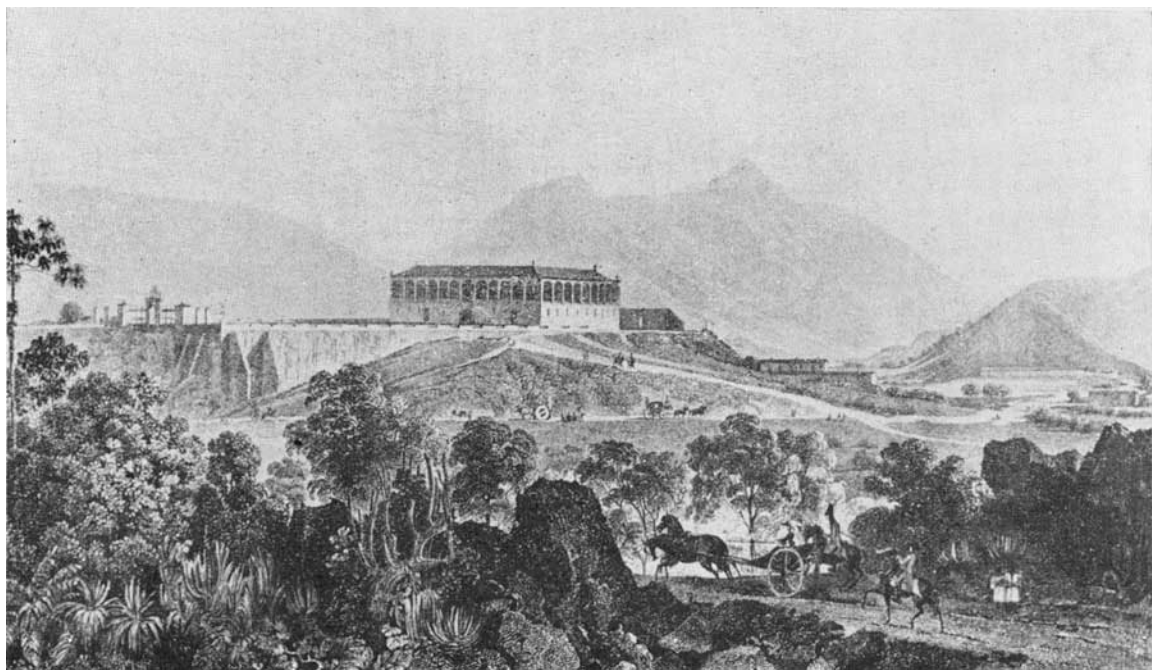
Também a regência não dissolveu o exército, a que apenas reduziu consideravelmente.

- 47 A atual Praça da República tem tido vários nomes: Campo de S. Domingos, Campo de Sant'Ana, Campo da Aclamação (a partir de 1822) e Campo da Honra (a partir de 1831).
- 48 N. do T. — Em alemão, há aí um trocadilho, porque preguiçoso é designado pelo mesmo vocábulo que podre.

imperial senhor. Era homem ambicioso, incansavelmente ativo, muito instruído e bastante patriota; conhecedor da intriga, não a estimava; seu coração primitivamente não tinha veneno, tanto mais o tinha sua inteligência; pois queria ser bom e era fraco, queria sempre ser esperto e muitas vezes era tolo. O preconceito o dominava em tudo e, ainda com as maiores humilhações, nunca o orgulho o abandonava. Estava pronto a prestar auxílio, desde que com isso ele mesmo nada perdesse; gostava de consolar quando seu próprio coração desesperava; comprazia-se em agir a bem de outrem quando com isto pudesse ganhar uma única folhinha da coroa de louros com que buscava, como com um paládio, envolver sua vida pública.⁴⁹ Não posso condenar Miranda, por mais severamente que o julgue, pois em meus pensamentos ele ocupa lugar mais alto do que o Wellington europeu, cujo nome num bom tempo teve bom som, cuja eficiência assaz contemplamos em medalhões e em fichas de jogo, mas nunca em moedas de bom curso. Esse é o ressentimento de Wellington, o orgulho do Miranda.

Monsenhor Miranda era ministro dos negócios das colônias e Pedro o estimava, porque precisava dele – e o imperador não precisava temer nenhum ministro porta-pasta. Os colonos eram do departamento de Miranda, mas os militares não. O ministro da Guerra tornou-se naturalmente inimigo jurado de seu colega ambicioso; não tardou entre eles notória quebra de relações. É difícil calcular com quebrados; pelo menos naquele tempo eu ainda não era bem versado nisso. A voz da massa era a voz da caixa; Monsenhor Miranda se me afigurava um duende do Harz, que em meu sonho de glória podia espetar em meu chapéu, como talismã, a sua vara de condão. Fui a ele e entreguei-lhe o meu requerimento.

Monsenhor Miranda apareceu imediatamente, pois na antecâmara de ministro afamado nenhum cliente deve puxar o relógio. A nobreza do favorito é ultra-antiga: a hora torna-se segundo. Minha esperança não foi traída: o ministro das colônias recebeu-me amistosamente, convidou-me para sua mesa, onde não faltavam produtos coloniais, contrabandeados e solenemente prometeu-me que incontinenti encaminharia o meu requerimento, com a melhor recomendação, à excelência do ministro da Guerra. Verdadeiramente este ágape diplomático parecia o casamento em Canaã, os vasos de vinho nunca se esvaziavam.



Palácio de São Cristóvão

Creio que tomei muito vinho nesse dia ou a língua de Miranda era como mel e leite, sua palestra era um labirinto do Paraíso, do qual não se acha saída, seus promettimentos eram ave-do-paraíso, como Adão moderno: monsenhor passou a ser tratado de *monsieur* [sic] e até os alemães não queriam mais tratá-lo de senhor. Assim haveria de ter escoado um mês e eu nada observava, pois não sou político. Três vezes, em dias de gala, apareci na antecâmara do ministro e era consolado de semana para semana. Oh! a esperança pode envelhecer como Matusalém, mas não morre nunca antes dos dezoito anos. O secretário do ministro compadeceu-se da minha desesperada resignação, que provavelmente pouco a pouco mais transparecia de minha cara e de minha roupa: informou-me, sem pedir reserva, que meu requerimento ainda jazia inexpedido na gaveta e me pôs ao par do estado de guerra entre os dois ministros e então tudo compreendi, tudo desculpei.

Que fazer? Só um passo ousado podia salvar-me: resolvi dirigir-me ao próprio imperador e, no caso deste não me conceder prontamente emprego, regressar sem demora à Europa. Desalentado, assentei-me e projetei novo requerimento, de cerca de seis a oito linhas, destinadas a descrever em traços fortes a minha situação atual e o conseqüente pedido. O desespero dá luzes: dei solução ao difícil problema, a meu contento, e imaginei ao reler a peça de arte diplomática que era impossível um imperador justo resistisse a tão persuasiva tirada, e até a interessante filhinha do dono da casa teve essa opinião, se bem que não entendesse uma palavra dessa minha construção francesa.

Eis-me ao romper do dia a caminho de S. Cristóvão; era preciso que eu pessoalmente entregasse o papel ao imperador, eu queria ver e falar à majestade brasileira. Era uma linda manhã, a natureza vestira seu traje de gala, o sol ostentava sua risonha cara domingueira e tudo se alegrava da vida; risonhas esperanças encheram-me o peito. Em breve estava no palácio imperial. Lá do parque as enormes mangueiras, os magníficos reis da vegetação transatlântica, erguiam suas frondes umbrosas e as folhas dos álamos segredavam-me uma saudação de espíritos, havia um aroma no ar, que a brincar me envolvia. No mais tudo quieto, nada denunciava a proximidade do “autócrata dos brasileiros”. Mais de uma hora permaneci atordoado e vacilante, como o mendigo à

porta do rico; apertava minha fronte ardente contra a fria grade. Não aparecia ninguém que me anunciasse, o palácio parecia morto.

Era um palácio de fadas, que continha tudo quanto o coração humano pode ambicionar e que ali jazia como o cadáver de um jovem assassinado. De repente vi um homem de casaca azul, calças brancas, rosto ensombrado por um chapéu de abas largas, da mesma cor, a encaminhar-se do palácio para as cavalariações próximas. Passou perto de mim, mas parecia que não me notara; qualquer pensamento grande agitava sua alma, e seu olhar tenebroso buscava o infinito. Era antes pequeno que grande, sua atitude denunciava o militar, a severa seriedade derramada sobre todos os seus gestos revelava o senhor. Sua cara era levemente marcada de bexigas, a parte inferior do corpo não estava em proporção simétrica com o tronco cheio, os braços eram curtos demais e os dedos demasiado compridos; mas incontestavelmente à primeira vista o homem era bonito. Cabelos negros encaracolados envolviam a testa arqueada, e o olho escuro, brilhante, traduzia arrogância, despotismo e felicidade amorosa. Espantado, acompanhava com os olhos o passante, quando ouvi pesados passos atrás de mim. Era um criado em libré imperial; e aquele homem de casaco curto, azul, era, como por ele eu soube, o próprio imperador. A ocasião não podia ser mais favorável; precipitei-me para as cavalariações. Aí dei com a majestade a ralar e a xingar, pois o orgulhoso D. Pedro, não havendo encontrado aí nenhum serviçal, nem mesmo um negro, tivera ele mesmo que enfrentar e encilhar o seu cavalo, o que fez com tão admirável habilidade que não se pode duvidar já anteriormente se achara em igual contingência. Desassombradamente avancei para ele, para lhe entregar o meu requerimento e em poucas palavras lhe disse da minha pretensão. “*Attendez un moment, je reviendrai aussitôt!*” [sic], respondeu-me, alçando-se sobre o inglês e partindo a todo galope. As palavras imperiais soavam como um enigma ao meu ouvido, mas fiquei quieto junto à porta das cavalariações, para esperar o cumprimento da augusta promessa; pois assim como D. Pedro viera aqui pessoalmente em busca do cavalo, da mesma forma poderia tornar a trazê-lo; pelo menos era o que me parecia mais certo, de acordo com as regras gerais da lógica. Talvez estivesse há um quarto de hora assim à espera, quando de repente ouvi rufar os tambores da guarda do palácio e à sua porta distante uns 150 passos vi alguém que me acenava. Logo reconheci o

imperador e voei para obedecer às suas ordens. Logo que me aproximei, ele tirou lentamente a luva direita para, de acordo com o costume da terra, dar-me a mão a beijar. Tal cerimonial cumpriu-se sem novidade, reproduzi minha solicitação de um emprego sem tardança no exercício ao mesmo tempo lhe passei às mãos o requerimento, que ele leu rapidamente e cuidadosamente tornou a dobrar; demoradamente e como a me examinar pousou sobre mim seus grandes olhos negros, meu coração batia alto. *“Allez au ministre de la guerre et soyez sans peur, vous serez employé”*, falou finalmente o senhor; um leve sorriso perpassou seus lábios e afavelmente me restituiu o papel.

Na mesma tarde fui ao ministro da Guerra, conforme a ordem, e meu pedido foi favoravelmente aceito. Eu estava pulando de contente, pois fora lançada a pedra fundamental de minha felicidade.

Dois dias depois havia audiência no Paço, como era de costume às sextas-feiras. Grande ajuntamento popular diante do palácio para ver partir de carro o imperial casal; além disso muitos oficiais distintos que, dispostos em duas filas, aí esperavam o beija-mão que haveria de dar-lhes a felicidade.

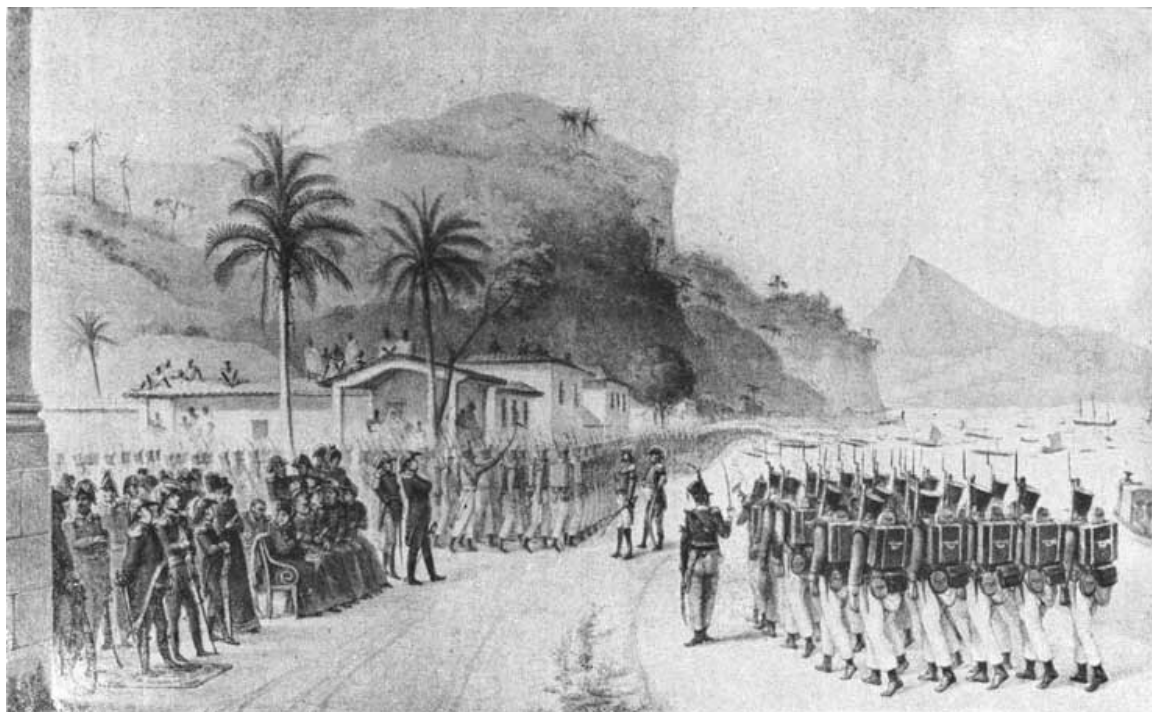
Eu estava afastado, encostado a uma coluna, ocioso espectador da festa. Surgiu D. Pedro, a conduzir pela mão com galanteria de cavaleiro sua alta esposa, acompanhado pelo ministro da Guerra e diversos embaixadores estrangeiros. Casualmente descobriu-me ao sair, parou imediatamente e fez-me sinal que me aproximasse. Escutei como conversava em voz bastante alta com a imperatriz, mas naquele tempo entendia muito pouco o português para poder apanhar inteiramente o sentido da conversa; só notei que durante a mesma, talvez um pouco demasiado vivaz, ele por diversas vezes apontava para mim. Nunca eu havia visto a imperatriz, mulher divina que todo o Brasil endeusava e que tantas vezes entrara como mediadora entre o povo e o imperador. Não se podia desconhecer que era da casa de Habsburgo. O cabelo louro, ondedado, o olho azul cismador, a testa alta, sonhadora, o nariz orgulhoso, brandamente curvo, a tez ofuscante de brancura, à qual o clima da terra mal comunicara leve sombra que ainda a embelezava, o rubor suave, mas héctico, pousado em suas faces, a encantadora simpatia que falava em todos os seus gestos e palavras, a grande bondade, que, de par com a brandura e a majestade, transluzia de cada um de seus movimentos e que

envolvía como uma auréola de glória toda a sua peregrinação terrena – tudo realçava aquela figura encantadora, era o orgulho e o prazer de um grande império.

Jamais mulher exerceu uma impressão sobre mim como esta nesta hora; mal me atrevia a erguer os olhos para ela e, quando se voltou para mim e nossos olhares se encontram, envergonhei-me como se tivesse cometido algum mal, ou como Adão que estivesse nu no Paraíso. Neste momento eu teria dado tudo por uma coroa régia. “Meu marido manda perguntar-lhe se o Sr. quer mais alguma coisa dele”, falou-me ela sorridente, em dialeto austríaco. E que palavras! que som de voz e os ademanos de que foram acompanhadas! Esta é toda a riqueza que pude trazer do Brasil, o Eldorado de meus desejos. “Meu marido manda perguntar-lhe em que poderá ser-lhe útil”, repetiu ela timidamente. Então recuperei o ânimo, a voz; relatei na voz da pátria a situação inconsolável em que me achava, o vazio do coração e da bolsa, a que em breve eu sucumbiria. Falei da Alemanha, de Napoleão, do Oceano e da nova pátria que tão levianamente eu elegera. Estava solta minha língua, tudo quanto pesava às toneladas em meu peito eu contei, solicitei pronta decisão da majestade imperial, implorei à graciosa dama, e prometi como fiel escudeiro, que esperava a seu serviço ganhar um dia as esporas de cavaleiro, dedicar-me à sua graça, ao seu amor, às suas belas cores de sua terra. Falei em alemão, por isso pude ser tão eloquente. Leopoldina de Áustria ouviu-me calmamente; creio que ela compreendeu os sentimentos e haviam ali induzido a imprópria licença poética e soube respeitá-los. Em voz baixa traduziu ao marido o que das minhas palavras podia ser traduzido, e certamente consertou o que eu tinha estragado, pois D. Pedro riu-se e beijou-lhe a mão e os circunstantes sorriram, pois era raro que D. Pedro fosse galante para com a sua esposa. Alguma coisa pode ter sido ironia, mas muito mais deve ter sido verdadeira alegria, traduzida em lágrimas. Leopoldina voltou-se novamente para mim, perguntou pelo meu nome, lugar onde nascera, meus pais e minha atividade anterior e afavelmente me disse algumas palavras de consolo. Tudo saiu a contento do imperador. O ministro recebeu ordem categórica de apresentar na manhã seguinte o meu requerimento a despacho. E dois dias depois saiu a ordem imperial que me nomeava

segundo-tenente para o 27º Batalhão de Caçadores.⁵⁰ Estava lançada a minha sorte: como servo de um novo tirano estrangeiro, eu me sentia infinitamente bem-aventurado – e poderia tê-lo sido. Mas Leopoldina morreu e D. Pedro tomou figura de lebre, por isso não me tornei herói. Os acontecimentos mundiais todos se encadeiam; em breve tornaremos mais detidamente a esse ponto. Aqui apenas ainda observo que sempre o imperador me demonstrou seu favor, nunca ele me encontrou na rua que não me dirigisse a palavra e dissesse alguma amabilidade. Esta última particularidade só entendo de registrá-la para que se não confunda o amor à verdade do historiador com alguma parcialidade ou falsa lealdade, especialmente nas descrições ulteriores do caráter de D. Pedro e da revolução de 7 de abril de 1831; é necessário de antemão acertar o ponto de vista do leitor.

Já então era voz corrente⁵¹ que um batalhão de tropas alemãs devia partir com urgência para o Rio Grande, a fim de tomar parte na campanha contra Buenos Aires e a Cisplatina, tão mal-sucedida para o Império. Tudo fazia prever que a escolha tocasse ao 27º Batalhão, pois era ele, como já veremos, o único completo. Que alegria para mim, tomar parte nisso. Que magnífica perspectiva de glória militar, experiência e acesso. Os batalhões que eram de 6 companhias, deviam ter 720 homens e nós éramos mais de mil. Além do nosso, havia, porém, então no Rio mais tropa alemã, o 2º e 3º Batalhões de Granadeiros e um esquadrão de lançeiros, de 85 homens; pois o 28º Batalhão apelidado pelos naturais *Batalhão do Diabo* [sic], estava em Pernambuco, aonde fora para abafar uma insignificante sublevação popular, mal pronunciada.⁵² Esses quatro batalhões, mais o pequeno esquadrão, poderiam contar ao todo três mil homens. Nem realmente era necessário maior efetivo para manter a ordem no Rio, não tivesse o Imperador cometido a imprudência, a conselho de falsos amigos e reclamações de deputados, de destacar um a um os batalhões para remotas províncias e assim desguarnecer totalmente a capital. Mas já então diligentemente uma facção tecia a teia que mais tarde havia de enlear o pássaro imperial. Aconselharam a D. Pedro, que deveras parece estava cego, mandasse o núcleo de suas tropas para Pernambuco, onde reinavam idéias revolucionárias; logo depois reclamavam providência igual para a região meridional do Império, pois a guerra com Buenos



*Embarque das tropas na Praia Grande para a
expedição contra Montevidéu*

Aires exigia tal sacrifício; finalmente, até uma terceira expedição foi ordenada para Santa Catarina. A tudo o Imperador acedia.

Em novembro de 1826 apareceu a ordem de embarcar imediatamente para o Rio Grande o 27^a Batalhão, com os lanceiros,⁵³ devendo reunir-se ao exército lá constituído sob o comando do General Rosado. Toda a força aí reunida não excedia de 16.000 homens, dos quais 6.000 em Montevidéu, dois mil em várias cidadezinhas de São Pedro do Sul, e cerca de 8.000 na fronteira da Cisplatina,⁵⁴ ao passo que o conjunto dos exércitos de Buenos Aires e da Cisplatina (ou Banda Oriental) contava 20.000 homens, sob o comando do General Alvear, sendo 16.000 em campo aberto opostos ao General Rosado. O rio Jaguarão, que formava a fronteira entre as províncias Cisplatina e do Rio Grande, ainda separava os dois exércitos.⁵⁵ Assim estavam as coisas, quando o Imperador tomou a súbita resolução de colocar-se pessoalmente à testa do seu exército. D. Pedro, de natureza não era covarde; ele tinha sangue quente, impetuoso, espírito ousado, teimoso, tendências para déspota, era desconfiado, incontido, freqüentemente o manifestando em atos e palavras, raramente cedendo, e, quando ocorria era sempre de maneira original a um ímpeto de seus melhores sentimentos; dotado de muita capacidade de julgamento e de espírito, mas de pouca acuidade intelectual, muito zelo, sem perseverança, muita teimosia, porém, só quando se tratava de satisfazer a seus caprichos; era homem forte, mas no mais alto grau sensual, que sempre vacilante cedia à impressão do momento e muitas vezes era subjugado pelo malvado demônio da hipocondria, da saciedade, da ambição de honra, da política e de uma inconsciente sede de sangue. Só em tais horas melancólicas, que infelizmente se apresentavam com demasiada freqüência, é que D. Pedro era covarde, como antigamente o rei Saul; só então ele era inteiramente um “Pedro Burro”.

Enfim – quer fosse madura reflexão, quer fosse idéia fixa – ele partiu imediatamente para o Rio Grande, com o seu ardor de empreendimento. Esse gesto do Imperador foi recebido com geral entusiasmo; a soldadesca, esgotada pelas privações de toda a espécie, pelos sofrimentos de uma campanha longa e sem resultado, rapidamente se reanimou e reviveu os seus adormecidos sonhos e entusiasmos; e o cidadão desassossegado vislumbrou no seu espírito a paz iminente, há tanto tempo almejada, após uma brilhante batalha. Mais uma vez o Imperador

conquistara o amor dos seus súditos; as culpas antigas foram esquecidas, quaisquer germes de fermentação foram abafados. D. Pedro tornou-se o herói do dia, o *Cid* [sic] coroadado de glória nas baladas de esperança de um futuro próximo.

Eis que repentinamente morre a Imperatriz, esta senhora quase que adorada por todos os brasileiros, e com incrível rapidez espalharam-se os mais horripilantes boatos a respeito da maneira e da causa dessa morte.

No Rio Grande recebeu o Imperador a notícia. Visivelmente não a esperava, ou o seu heroísmo era apenas afetação, medo e tortura de consciência? Não acredito que simulasse tanto, pois era sempre escravo cego de suas paixões. Sei que ao receber essa notícia ele tremeu, e cheio de desespero puxava pelos cabelos – e Pedro era sempre mau intrigante em seus afetos. Ele tremeu de arrependimento, de medo de perder a coroa e a vida; ele sabia da crise e precisava de qualquer maneira desviá-la de si.

Entregou o comando do exército ao General Barbacena,⁵⁶ competente político, porém general inexperiente, e embarcou sem perda de tempo e sem nada haver feito para a capital, na fragata *Isabel*.

Como disse, Leopoldina de Áustria falecera subitamente. Com a sua morte a Nação sofrera irreparável perda; repetidas por mil línguas, levantavam-se mil suspeitas, cada uma das quais excedia a outra em exagero, loucura e horror mas que todas haviam de ter alguma razão. Afirmava-se que D. Pedro ao partir do Rio dera a ordem para que em sua ausência fosse envenenada a Imperatriz; surgiu formidável agitação, todos os negócios ficaram paralisados, uma revolução geral, primeiramente arrastando-se no pó como verme, erguia pouco a pouco sua cabeça de hidra. Os inimigos do Imperador apanharam ávidos a oportunidade para se aproximarem de seus objetivos particulares tornando a majestade cada vez mais odiada pelo povo; atreviam-se a dar o nome do médico que funcionara como carrasco nessa cena de horror. Infelizmente pouco depois esse homem era nomeado embaixador extraordinário perante a corte francesa, o que deu novo alento à suspeita geral. Outra versão, talvez mais fundada, dizia que D. Pedro em momento de cólera maltratara gravemente sua esposa em adiantada gravidez, mesmo que lhe dera pontapés, e que essa fora a causa da morte. Seja como for, em semelhante processo não podem apresentar-se testemunhas, e

nenhum depoimento pode ter valor. Caíra o mais lindo diamante da coroa brasileira; o rubi ausente poderia quando muito ser substituído por uma pedra granate. Mas o boletim médico informava que a Imperatriz Leopoldina do Brasil falecera de violenta febre biliosa, subitamente, conseqüente a parto prematuro. Nos últimos momentos de sua tão abençoada vida ela desprezou qualquer assistência de médicos brasileiros e reclamou os serviços do distinto médico, geralmente estimado, Dr. Rau, alemão. Mas era tarde; não havia mais salvação – ainda os seres mais nobres que peregrinam sobre a Terra têm que tornar ao pó. Com que satisfação aproveito o ensejo para dar o meu mais íntimo agradecimento àquele homem magnífico, que até hoje tem tão bom nome no Rio de Janeiro, por tudo quanto de bom ele fez por mim e pelos meus patrícios ali domiciliados, e com os mais desinteressados sacrifícios.

Ainda antes do regresso de D. Pedro, do Rio Grande, devia ter lugar o sepultamento, e deveras na noite desse ato as coisas no Rio estiveram muito críticas. Toda a cidade estava de luto; uma dor muda, de desespero, tomava todas as fisionomias; negros, mulatos, portugueses, ingleses, italianos, alemães, todos choravam em comum a morte da Imperatriz; pela primeira vez sentiam-se irmãos, o ódio nacional calava-se e os ressentimentos pessoais desapareciam. Um movimento fora do comum reinava em todas as ruas, inquietação no porto, ondulações do povo nas praças públicas, mas tudo silencioso, fechado em si mesmo, secreto. Cada qual sabia o que queria e estava pronto a tomar parte ativa no primeiro rompimento; o governo secretamente exultava com a revolta, que provavelmente serviria aos seus desígnios egoísticos; segundo todos os aspectos, havia de resultar profunda mudança na administração pública; o Império trepidava em todas as suas juntas.

Esperava-se de toda a parte, que as tropas alemãs exacerbadas pelo suposto assassinio da Imperatriz, tomassem armas e declarassem não mais obedecer a D. Pedro. Mais de 700 moços brasileiros, das melhores famílias, armados de pistolas e punhais, haviam-se reunido em torno do convento da Ajuda, onde estava o esquife, e no Passeio Público, e mandaram oferecer sua colaboração às tropas alemãs. Bastaria que um oficial fizesse um gesto e os soldados descontentes logo ter-se-iam sublevado, a revolta, crescendo como uma avalanche, ter-se-ia tornado revolução generalizada. Porém, sabia-se muito bem que aos brasileiros não importava vingar a

Imperatriz, mas saciar o seu ódio contra o Imperador e atingir outros objetivos particulares; sabia-se que as tropas alemãs, mesmo que traissem o seu senhor e tomassem o partido dos brasileiros, só seriam pagas com ingratidão e provavelmente seriam despedidas da mesma forma por que o foram depois por um decreto da Câmara dos Deputados.

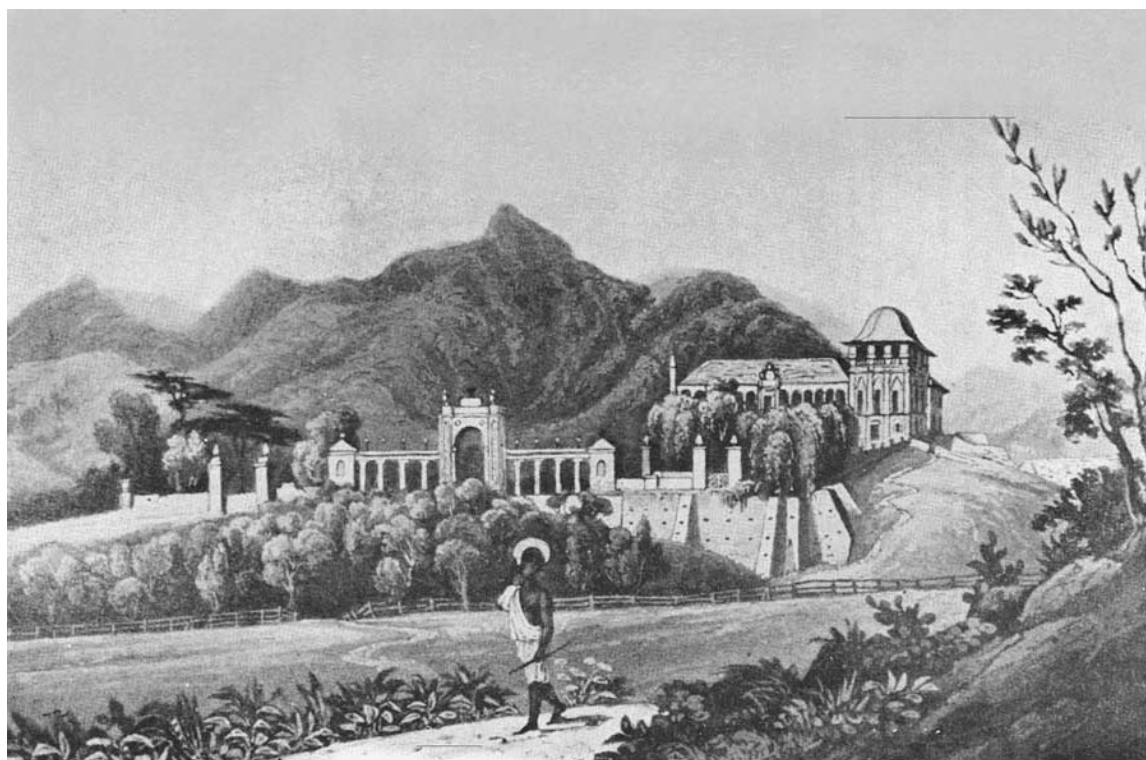
O sepultamento propriamente teve lugar sem qualquer solenidade; foi uma cena triste de desespero, desordem, dúvida e medo. Vez por outra ouviam-se tiros de salva fúnebre e alguns sinos dobravam, tudo, porém tão irregular e precipitadamente como se dependesse de um minuto na conclusão do triste serviço a realização do objetivo que se visava, e que se arriscava perder com a menor protelação. A trote largo seis lindos cavalos tiravam o coche fúnebre e seis lacaios transportaram do carro para a capela o esquife singelo, parcamente provido de alças de prata; e nisso não deixaram de pronunciar os mais cabeludos impropérios, esquecendo toda a decência, todo o respeito e o cerimonial que indistintamente se tributa a todo morto. A toda pressa a escura capela havia sido adornada como possível, inúmeras velas de cera iluminavam o *astrum doloris* [sic] fartamente engalanado de festões de veludo negro e um batina risonho ainda estava em vias de acendê-las. O escudo brasileiro fora adrede velado de crepe preto, mas o escudo estava rachado e o crepe rasgado, de maneira que a esfera celeste nele figurada, com os efeitos de luz e sombra, parecia um cometa com horrível cauda luminosa. O acompanhamento era de cerca de 25 pessoas gradas e igual número de servos e empregados das cavalaria; o ofício divino foi rápido e superficial; todos gostaram quando terminou a escandalosa cena. Assim a nobre Leopoldina nem depois da morte teve as honras a que tão abundantemente fizera jus pela sua vida benéfica; mas todo o povo estava de luto pela mãe falecida e a glória de Leopoldina não desaparecerá enquanto houver os nomes do Brasil e Áustria. Repousa em paz, a santa!

Contudo, naquele dia tudo se manteve calmo; o povo engoliu em silêncio o seu rancor, não houve o primeiro impulso para a revolução, perdeu-se o minuto favorável. Os moradores do Rio foram-se recolhendo a suas casas, julgando confirmada por nova prova a sua velha crença de que as tropas alemãs guardavam inabalável fidelidade para com D. Pedro e aprovavam mesmo seus piores atos. O acontecimento aumentou consideravelmente o ódio dos naturais do país, já então profundamente

radicado, contra todos os estrangeiros, notadamente contra a tropa alemã, a qual, segundo em toda parte se asseverava, não tivera o necessário ânimo, para vingar em sangue a morte da sua imperial patrícia. Pois sabemos que a vingança é a roda em torno da qual gira tudo na infeliz terra de Colombo – é o barômetro pelo qual ali sempre se reconhece a situação da coluna mercurial da vida convencional. Quem não sabe vingar-se não é herói.

D. Pedro regressou, pois, com assustada pressa para sua capital; aqui ele viu que ainda nada estava perdido, sentiu-se novamente imperador. Bem pode seu coração ter ficado longa e profundamente enlutado pela perda sofrida, pois à sua dor associava-se o mais amargo arrependimento, a mais torturante consciência, com novas esperanças, idéias loucas, prazeres sensuais, projetos desesperados e feitos. Quantas vezes, entretanto, em suas horas turvas deve tê-lo martirizado o pensamento no seu espírito protetor desaparecido! quantas vezes há de tê-lo torturado o pressentimento de uma grave desgraça, iminentel! Deveras, posso afirmar, sem querer glórias de falso profeta, que se Leopoldina tivesse vivido mais tempo D. Pedro não teria sido destronado e talvez também não tivesse morrido miseravelmente na flor dos anos da mesma forma que a queda de Napoleão pode ser remontada à sua separação de Josefina.

Parece-me aqui o ponto mais adequado para dizer algumas palavras esclarecedoras sobre o caráter desse homem singular e especialmente suas relações para com a esposa. Muito já se tem dito e escrito a respeito; mas se a verdade está realmente nos extremos, contudo só a custo pode-se descobri-la pura nessas informações. O Sr. V. Mansfeld e o Sr. Kloss trataram desse ponto superficialmente: narram sem crítica o que ouviram aqui e ali durante sua curta permanência no Brasil. A cada passo se contradizem-se, tateiam no escuro. Ouçamos primeiro o Sr. V. Mansfeld: “É muito freqüente que o imperador, singelamente vestido, ao passar pelas ruas inesperadamente honre com sua visita uma família burguesa; e todos e todas se ufanam da bondade e afabilidade do ilustre príncipe.” Mas já na outra página diz esse autor numa nota: “Uma prova de quanto a imperatriz tinha que suportar mesmo nas coisas mais insignificantes, temo-la no seguinte: Contava-se correntemente no Rio que seu esposo a maltratara de fato quando o seu *chargé d'affaires* [sic], que cuidava das suas pequenas despesas, lhe apresentou a conta das despesas talvez



Palácio de São Cristóvão
Desenho de Maria Graham

um tanto fortes. A Imperatriz viu-se forçada a escrever ao seu encarregado de negócios que agora não podia pagar-lhe e que já muito sofrera por causa da conta.” E mais adiante: “Como a Imperatriz deve ter-se sentido infeliz! pois não era só em seus aposentos que ela tinha que suportar tão duro trato de seu esposo; não: dizem que até em plena rua, à vista do povo indignado, ele a insultara e maltratara cruelmente. Além disso, por maior que fosse seu desgosto, a pobre Imperatriz teve que admitir a muito citada famigerada Condessa de Santos como sua primeira dama de câmara.”

Como se harmonizam tais atos, que esse homem era capaz de praticar contra a mais nobre e mais distinta das mulheres, com a humanidade e afabilidade de D. Pedro, que o Sr. V. Mansfeld tanto louva na mesma obra? Só o que ficou dito por último pode, pela voz geral do povo brasileiro, ser verdade; e assim é, segundo a minha própria experiência. Foi realmente a mulher feita não Condessa mas Marquesa de Santos, dantes modesta campônia da província de São Paulo, depois casada com um segundo-tenente da milícia local, a causa de tantos maus-tratos sofridos pela infeliz Imperatriz, hoje lamentavelmente falecida. A marquesa absolutamente não era bonita e era de uma corpulência fora do comum, mas soube de tal maneira enlear o imperador que este por muitos anos a conservou como amante e, depois de conferir-lhe o título de marquesa, fez construir para ela um magnífico palácio, exatamente em frente ao seu, de S. Cristóvão. Uma filha nascida dessa união imoral, D. Pedro fê-la Duquesa de Goiás⁵⁷ e impôs que convivesse como igual, irmamente, com as princesinhas filhas legítimas.

Aquelas visitas que, segundo a narração loquaz do Sr. V. Mansfeld, o Imperador só por amor a seu súditos usava fazer a famílias burguesas também tinham fins muito diversos. Vai um exemplo.

D. Pedro um dia vira à janela uma bonita menina, que até então gozava de bom conceito. Sem cerimônia avança a cavalo para a porta da casa, apeia e reclama dos pais da menina que o deixem a sós com ela. Como logo se desse a conhecer com palavras altivas, estes se retraem intimidados e ele induz a menina talvez até então inocente a aceder aos seus desejos. A coitada não se atreve a resistir, pois ficou demasiado surpreendida pela subitaneidade da proposta, não pôde atinar com a razão e, quem sabe, espera além disso brilhante recompensa.

Depois que o Imperador se utilizou como quis da fraqueza da desgraçada criatura, perguntou-lhe esta, na esperança de merecer depois do mal cometido pelo menos um título ou uma soma de dinheiro: “E agora, que sou?” “Uma p...”, respondeu o nobre soberano, com o seu ânimo brejeiro, e atirou uma moeda de cobre sobre a mesa.

O Sr. Kloss, que na verdade também não esteve muito pouco tempo no Brasil, mas é muito preferível ao mencionado Sr. v. Mansfeld, relata em seu livro à página 50: “Contaram-me até que D. Pedro duas semanas antes de minha chegada matara incontinenti a um negro, porque este, levando pesado fardo à cabeça, cruzando com o imperador e não o reconhecendo por estar em traje burguês, não lhe fizera a devida saudação de rastro (isto é, gentileza). “Pára, demônio!”, gritou o tirano para o preto, puxou a pistola e meteu-lhe uma bala na cabeça.”

Da mesma forma conta o Sr. Kloss que de uma feita num passeio a cavalo o Imperador cruzando com um velho negociante, que não o reconheceu de pronto e que por causa do aperto não lhe pudera momentaneamente sair do caminho, o chicoteou na cabeça e na cara até que o pobre homem caiu meio morto do cavalo.

Se bem que não possa depor como testemunha dessas crueldades praticadas por D. Pedro, contudo comparando-as com algumas outras comprovadas, concluo que é extremamente provável o Sr. Kloss aí nada tenha exagerado. Fora disso, porém, o seu livro deixa muito a desejar e nem sempre é fiel à verdade. Grande parte dele deve ser considerada ampliação e maior parte ainda como romance.

Aliás, para poder escrever alguma coisa sobre uma terra como o Brasil é absolutamente necessária uma permanência prolongada, conhecer bem a língua e os costumes dos habitantes bem como viajar muito pelo interior. Cada uma das dezoito (antigamente dezenove) províncias deste gigantesco império distingue-se essencialmente das outras; é necessário portanto, para poder fazer um juízo do conjunto ter visto o interior de diversas, mas não somente os portos de mar. Como é grande a diferença de clima e produção, de estatística e política, do caráter e costumes do povo!

Fechado este episódio retorno à minha narrativa.

Poucos dias à morte da Imperatriz, eu embarquei para o Rio Grande, com um destacamento de 85 homens, para me reunir ao meu

batalhão. Velejamos em um comboio de dezesseis navios mercantes; éramos escoltados por uma fragata e um bergantim, como aconselhava o fato de que o temido Almirante Brown levava freqüentemente a bandeira de Buenos Aires, com verdadeira ousadia de louco, até ao porto do Rio de Janeiro, causando geral perturbação. Esse Brown era um audacioso aventureiro e experimentado marinheiro, um atrevido cavaleiro da sorte, que tanto combatia pelo soldo estrangeiro como pela sua glória, um cavaleiro sem medo, mas nem sempre “repoche”; tratava a guerra como um torneio desportivo e considerava seu título de almirante como carta de corso; por mais fraca que fosse a flotilha do seu comando, sempre ele procurava a esquadra brasileira, dez vezes mais forte, e com galanteria cavaleiresca desafiava ao duelo qualquer dos navios – duelo que sempre acabava em seu favor.

Nossa viagem a princípio foi muito amigável, pois o vento era tão favorável que em três dias alcançamos a altura de S. Catarina, tendo portanto vencido a metade de todo o percurso a fazer; juntava-se a distração que nos proporcionava a constante sinalização entre os navios de guerra, a porfia dos capitães em ultrapassarem uns aos outros, a natureza nova, a expectativa geral e a alegria. A fragata fazia a ponta do cortejo, seguiam-se os dezesseis mercantes e o bergantim cobria a retaguarda: esta era a ordem de marcha prescrita. Mas depois desses três dias mudou repentinamente o vento, que começou a soprar violentamente do sul, isto é, justamente contra nós. Essas rajadas que aqui se conhecem pelo nome de *pampeiro* [sic] vêm geralmente tão depressa e inesperadas que não dão tempo aos marinheiros de colherem as velas, e muitas vezes diante da pressão furibunda o barco vira. No momento em que o pampeiro anunciou por um longínquo mugido a sua aproximação, o navio estava perto da fragata e teve de imediatamente, simultaneamente com ela, virar de bordo: A fragata ultimou sua manobra com muito maior perícia e presteza que o nosso navio pesadão, onde além disso, consoante o louvável costume brasileiro, tudo estava na maior desordem; nossas velas e cabos se embarçaram, víamos claramente que a fragata nos meteria a pique. Pálido e desanimado estava o capitão em seu camarim e o vinho espanhol já não lhe sabia; trêmulo recomendou seu espírito ao Deus onipotente e esqueceu-se de recomendar o que era necessário à sua gente, ou de tomar qualquer medida para desviar o perigo. Os marinheiros

apavorados desviavam a vista do espetáculo da natureza; nem viram que a soberba fragata na espuma das ondas, qual espírito enraivecido, passou por nós como uma flecha, só sentiram o abalo resultante de um leve roçar das duas embarcações uma na outra; só depois de um quarto de hora deram alívio ao coração oprimido, com um profundo suspiro e queixosa *Aze Maria* [sic]. Os brasileiros são mesmo lamentáveis como homens do mar; a doutrina católica da predestinação não se casa com uma vida regrada de marinha. É preciso que o marinheiro saiba bem rezar, como blasfemar, mas a reza não cabe na hora das decisões. Por esta vez escapamos felizmente ao perigo.

Na manhã do décimo quinto dia finalmente a fragata sinalizou que avistava terra e cerca de uma hora depois também nós avistamos a costa arenosa do Rio Grande. Imediatamente os dois navios de guerra fizeram alto e deram aos mercantes sinal para entrarem à barra. Mas eles mesmos não puderam entrar por falta d'água; tiveram que prosseguir rumo sul, para ir a Montevideu, onde toda a esquadra do império bloqueava a boca do rio da Prata.

A esquadra brasileira contava então mais de 30 velas, onze ou doze das quais eram navios de primeira classe; ao passo que toda a força naval de Buenos Aires era formada de uma corveta-almirante e quatro navios menores. Apesar dessa desigualdade, a vantagem estava sempre do lado mais fraco; Brown mostrava-se sem receio em toda a parte no alto-mar, estava em toda parte e em parte alguma; à noite aproximava-se da frota inimiga, a sentinela era abatida, a tripulação desarmada em silêncio e dessa forma capturava um navio após outro. O Brasil para sustentar sua esquadra, como vimos nada insignificante, tinha que desperdiciar somas formidáveis; Buenos Aires, porém, não tinha dinheiro e nada podia fazer pela sua esquadra, mas as presas efetuadas eram suficientes para manter a pequena flotilha e assim poupava muito o Estado. Apesar da grande destreza e dos excelentes talentos que Brown revelava em qualquer empresa guerreira, ter-lhe-ia sido impossível manter-se por muito tempo contra a força naval brasileira tão superior, se essa fosse comandada por gente adequada e empreendedora. O Almirante Lobo, comandante de toda a esquadra, entretinha relações secretas com os inimigos de sua pátria. Cuidando só de seu próprio interesse, ele permitia, a troco de elevadas somas em dinheiro, a entrada e saída dos navios do

governo de Buenos Aires no rio da Prata. Está provado que debaixo de seus olhos foram tomados navios mercantes brasileiros sem que ele fizesse menção de vir em auxílio de seus patrícios. Os navios inimigos escoltavam as presas para Buenos Aires através da esquadra brasileira, e esta muitas vezes nem um tiro disparava. Finalmente alguns oficiais deram queixa ao Imperador contra essa dubiedade e Lobo foi chamado ao Rio. Como, porém, durante o seu comando ele houvesse enriquecido, não lhe faltaram amigos e estes souberam encaminhar as coisas de modo que a sua exoneração foi por desídia e não por traição, do que entretanto o acusavam os seus subordinados. A sentença de um Conselho de Guerra subornado o levou à prisão na fortaleza de Santa Cruz, mas no fim de pouco tempo foi solto e conservou suas honras e títulos.

Os sucessores no cargo de Lobo, que não encaravam como grave um castigo qual o que este teve e que igualmente só assumiam o comando com o ardente desejo de enriquecer nessa oportunidade, seguiram o seu exemplo e mediante pagamento deixavam entrar e sair os navios inimigos. Desta maneira, pelo heroísmo de Brown e a traição dos almirantes brasileiros, Buenos Aires soube de tal forma fazer durar a guerra, que entretanto, segundo todas as aparências devia ter acabado prontamente, até que Dr. Pedro se viu forçado a fazer a paz, em 30 de outubro de 1828,⁵⁸ sem quaisquer condições vantajosas para o Brasil. Também não foi muito honrosa a notória influência da Inglaterra nessa negociação, tal qual aliás durante a campanha.⁵⁹

Além disso essa desgraçada guerra causou muitos prejuízos a todo o Brasil. Navios norte-americanos, providos de carta de corso de Buenos Aires, cruzavam constantemente em grande número nas costas brasileiras; os navios mercantes não ousavam sair sem escolta do porto do Rio e com isso o comércio ficou quase paralisado, pois não raro navios já carregados e prontos a partir tinham que esperar semanas até que partisse um comboio. O descontentamento para com o imperador e o governo aumentava todos os dias; D. Pedro cada vez mais sentia a coroa balançar-lhe na cabeça, descoroçoava no íntimo, ao passo que de público se tornava por atos e palavras mais severo, insensato e cruel.

Vento fresco nos levou para o porto e três horas depois ancorávamos diante de Rio Grande do Norte,⁶⁰ simpática cidadezinha de cerca de 2.000 habitantes.

NOTAS AO CAPÍTULO V

-
- 49 Monsenhor Pedro Machado de Miranda Malheiros, nomeado por portaria de 23 de dezembro de 1823. Não era ministro, mesmo porque não existia esta pasta. No entanto, a confusão feita neste caso aparece até nos documentos oficiais. Os editais publicados pelo consulado brasileiro da cidade livre de Bremen assim se exprimem: "... em conformidade com as ordens de Monsenhor de Miranda, chancelheiro do Império do Brasil e ministro da colonização, etc." Monsenhor Miranda, cujo nome por inteiro jamais aparece nos documentos que firma, era apenas inspetor da colonização estrangeira e correspondia-se com o imperador por intermédio da Secretaria dos Negócios Estrangeiros, provavelmente porque ainda não existia o Ministério da Agricultura.
- 50 O nome do autor não figura nas relações de mostra, organizadas no Passo de S. Lourenço, após a retirada de fevereiro de 1827, nem como oficial, nem como sargento ou soldado.
- 51 N. do T. – Precisamente neste ponto começa o autor o extrato destes "Zehn Jahre" para o seu *Brasiliens Kriegs-Und Revolutions-Geschichte seit dem Jahre 1825 bis auf unsere Zeit*, de 1837: "Já no ano de 1826, quando de meu emprego como oficial no imperial serviço brasileiro, era voz corrente que um batalhão de tropas alemãs..."
- 52 Refere-se à chamada Confederação do Equador, proclamada a 2 de julho de 1824. Não foi um movimento tão insignificante, como o autor insinua. O endeusamento dos heróis estaduais tem concorrido para glorificar este movimento, que se triunfasse dividiria o Brasil pelo menos em dois.
- 53 N. do T. – Realmente essa tropa alemã, com o Marechal Brown, partiu do Rio na corveta *Duquesa de Goiás*, a 25-11-1825 e juntou-se à frota com que D. Pedro na véspera partira para o Sul.
- 54 Carlos Seidler jogava naturalmente com os efetivos registrados pelos jornais e com o que ouvia dizer no quartel. Daí, os exageros que registra. Sousa Doca, anotando o *Anais*, de Lima e Silva, resume os mapas ainda existentes no Arquivo Nacional: toda a força existente no Rio Grande, mesmo após a chegada dos reforços destinados ao General Massena Rosado, não excedia de 5.931 homens; incluindo a brigada de Bento Manuel, doentes, etc., o exército brasileiro contava no dia 20 de fevereiro de 1827 com 6.300 combatentes, achando-se neste número incluído o próprio 27^a Batalhão de Caçadores. Igual exagero pode-se notar no que diz respeito ao inimigo, que até o dia da célebre batalha não conseguiu reunir mais da metade dos 20.000 soldados a que se refere o autor.
- 55 O autor ouviu falar em fronteira de Jaguarão e confundiu as coisas. A essa época, evoluíamos da "fronteira" superfície para a fronteira linha. As expressões: fronteira do Rio Grande, fronteira do Jaguarão, fronteira de Bagé, como anteriormente as fronteiras de Rio Pardo, correspondiam a departamentos administrativos e a zonas de ação dos comandos respectivos. Como tecnologia, adaptava-se perfeitamente à velha noção de fronteira.

Ao tempo da guerra cisplatina, convém não esquecer, a nossa fronteira com a atual República Oriental já se achava definida por uma linha, de acordo com a convenção de 1819, uma vez que a guerra rompia de fato o tratado de 31 de julho de 1821. Passava realmente pelo Jaguarão, mas se estendia muito para oeste, prosseguindo pelo Arapeí e pelo Uruguai. A linha de vigilância da nossa cobertura, na extrema direita, sempre passou pelo Arapeí.

- 56 D. Pedro nunca assumiu propriamente o comando do exército de campanha. A sua ida ao teatro de operações foi motivada pelo desejo de acompanhar de perto os acontecimentos, removendo com a sua imperial presença as grandes dificuldades com que lutava o exército.

A começo, não havia no Sul um comando único: o General Lecór comandava na Cisplatina, e Abreu no Rio Grande. Posteriormente, no comando de Massena Rosado, e provavelmente no de Abreu, desde que este atravessou a fronteira e penetrou na província conflagrada, embora continuassem a existir os dois comandos já citados, o General Rosado jamais se considerou comandante-em-chefe, deixando, pelo contrário, entrever que sempre se conservou como simples comandante das armas da província do Rio Grande e subordinado de Lecór.

O Tenente-General Felisberto Caldeira Brant Pontes, futuro Marquês de Barbacena, foi nomeado general-em-chefe por decreto de 12 de setembro de 1826 e partiu do Rio de Janeiro no dia 3 de novembro do mesmo ano; o imperador deixou a capital do país 21 dias mais tarde, com destino a Porto Alegre, onde Barbacena já se achava.

- 57 A pequena Duquesa de Goiás veio mais tarde a pertencer à alta nobreza alemã, casando-se em 1843 com oficial bávaro, o Conde de Trenberg e Barão de Holzen, “senhor de grandes terras na Suábia e na Francônia”. Dona Isabel Maria de Alcântara Brasileira, Duquesa de Goiás, Condessa de Trenberg, Baronesa de Holzen, faleceu em Murnau (Baviera) a 3 de novembro de 1898, deixando larga descendência. Vide Alberto Rangel — *D. Pedro I e a Marquesa de Santos*.

- 58 N. do T. — Foi a 27 de agosto.

- 59 A influência da Inglaterra nesta guerra e na paz que se seguiu tem dado lugar a numerosas discussões. Até hoje muito se fala na “pressão inglesa”.

O debate está mais ou menos encerrado pela publicação da obra do Tenente-Coronel Sousa Doca — *A Convenção preliminar de paz de 1828* e dos trabalhos recentes de seus opositores. A intervenção inglesa nada tem de desairosa.

A data do tratado de paz é a da convenção preliminar, assinada no Rio de Janeiro, no dia 27 de agosto de 1828.

O tratado definitivo nunca foi negociado, mas as tropas brasileiras evacuaram Montevidéu em 24 de abril de 1829.

- 60 N. do T. — É S. José do Norte.

.....

Capítulo VI

A PROVÍNCIA DE S. PEDRO DO SUL – CLIMA E PRODUÇÕES

– CARÁTER E COSTUMES DOS HABITANTES

– AS FILHAS DO FAZENDEIRO

– RIO GRANDE DO NORTE E RIO GRANDE DO SUL⁶¹

– A CIDADE DE S. FRANCISCO DE PAULA⁶² E O

MARQUÊS DE BARBACENA – BATALHA NO PASSO DO

ROSÁRIO – FESTEJOS EM FREGUESIA NOVA⁶³

A primeira vista desta costa está longe de ser tão bonita como o Rio de Janeiro. Em lugar dos magníficos penhascos e serras que envolvem a capital e seu porto como uma cintura encantadora, aqui se acha areia e grama. Mesmo de um modo geral as duas províncias, tanto quanto seus habitantes e seus costumes, são muito diferentes uma da outra. Parece que se está em outro país, no meio de outro povo. A areia que envolve Rio Grande como um grande manto de pó, triste e sombrio, estende-se quatro léguas para o interior, onde então repentinamente a província quase toda se transmuda numa única enorme pastagem. A superfície toda parece uma grande serpente, sem grandes montes mas também sem planícies.

Montes e vales onde pastam inúmeros rebanhos de cavalos e bois sucedem-se sem fim. De raro em raro a monotonia da paisagem é agradavelmente interrompida por habitações cercadas de árvores e por pequenos rios que serpeiam por entre as colinas. Esses riozinhos, que nos meses quentes geralmente secam tanto que se pode passá-los a vau, entretanto, na quadra das chuvas crescem tanto que se transformam nos mais correntosos cursos d'água e violentamente tudo arrastam em sua corrida. Como se sabe que as leves pontes de madeira, que aqui costumam construir, de todo modo não resistem a essa força num inverno, na maior parte dos sítios poupou-se a despesa, e o viajante então tem que se fazer transportar para a outra margem com risco de vida, em pequeno bote, apenas remado por um único homem. E é obrigado a fazer atravessar seu cavalo a nado, levando-o pela rédea e levantando-lhe o mais possível a cabeça acima d'água. Não raro o botezinho estreito, desequilibrado pela reação do cavalo, vira de repente e então, em geral, com a extraordinária força e velocidade da corrente, mesmo o melhor nadador está perdido; ainda mais comum é então o único recurso para salvar a própria vida: largar o animal extenuado, que não pode alcançar pé e sucumbe impiedosamente. O maior desses rios é o Jaguarão, que já citei, que forma fronteira entre esta província e a Cisplatina.

O clima é muito agradável e extraordinariamente saudável. O calor no verão não chega a ser muito incômodo e no inverno aqui, às vezes, já gela de um dedo de grossura. Todas as frutas e legumes europeus dão otimamente, do que fornece as mais eloqüentes provas a colônia alemã, estabelecida perto de Porto Alegre, a capital da província; mas infelizmente a cultura não é convenientemente feita e isso pelo motivo que toda espécie de plantação custa muito trabalho, ao passo que a criação de gado dá maiores lucros, quase sem trabalho. Aqui o terreno seria mais que suficiente para produzir todos os cereais necessários ao consumo de todo o Brasil; mas também aqui os norte-americanos introduzem o seu trigo e a farinha.

Doenças quase não se conhecem, nem mesmo as erupções de pele, tão comuns no Rio de Janeiro.

Os principais artigos de exportação consistem em peles vacuns e chifres para o estrangeiro, sebo e carne seca ao sol para as outras províncias, sobretudo Rio de Janeiro. Também se exportam cavalos e

mulas, e sai considerável porção de *chá do mate* [sic] para o Peru. Pena é que a natureza mal aparece com seus atributos de cornucópia, logo se torna inimiga da indústria!

O viajante aqui encontra rebanhos de avestruzes, muitos veados e não raro o jaguar ou tigre brasileiro. Aves selvagens, como patos, gansos, galinhas, perdizes, em certos lugares existem em quantidade. As avestruzes estão longe de atingir ao tamanho e beleza das africanas, raramente alcançam a altura de 5 a 6 pés e sua plumagem é cor de cinza pontilhada de escuro. Sua carne, que serve de alimento principal a certas tribos indígenas, tem sabor inteiramente igual ao da carne de rês, seca e magra, e é muito fiapenta; só a gema dos ovos é tragável para estômago europeu. Os veados destes campos têm um cheiro desagrável, semelhante ao dos bodes, razão por que não servem para alimento, mas a carne dos veados-mateiros é de gosto muitíssimo agradável.

É impressionante a facilidade com que aqui se cria e reproduz o gado. Entra ano, sai ano, cavalos e bois vagueiam pelas enormes pastagens sem que ninguém pense em estabulá-los no inverno. Quando muito, algum fazendeiro rico tem algum miserável abrigo de tábuas onde conserva no inverno os seus cavalos de estimação, fazendo então forrageá-los com *milho* [sic] (trigo-turco), único grão de forragem que aqui se cultiva, especialmente para esse fim; todos os demais cavalos e os bois têm que procurar alimento no verão e inverno, e na quadra da fartura ninguém pensa em colher feno ou outros meios equivalentes para a futura invernada. Muitas vezes os vales são tão inundados, justamente quando o pasto está mais bonito, que os pobres animais nada mais podem fazer que recolher-se para o alto das colinas onde então mal encontram o que pastar para viverem durante semanas. Ao mesmo tempo os cavalos são horivelmente judiados, eles têm que suportar as mais terríveis viagens. Assim, por exemplo, os habitantes desta província costumam vencer a cavalo em um dia 20 a 25 léguas; tocam para frente, impacientes e sem contemplação, como se tivessem que apostar corrida com o sol. Cumpre elogiá-los como os mais exímios cavaleiros, pois não sabem o que seja perigo nem fadiga. É verdade que em semelhante excursão mudam 5 e 6 vezes de cavalo, e não é milagre que um cavalo já magro sem força, tendo feito quatro léguas a galope morro acima e morro abaixo, pouco depois caia extenuado. Também a perda não é grande,

pois já será cavalo muito bom o que custe quatro piastras e a esse respeito o brasileiro desconhece o sentimento da compaixão.

Mal o viajante alcança um pouso, onde pretende trocar de montaria, ele tira a sela do animal coberto de suor e de espuma, dá-lhe um açoite com o chicote e o deixa entregue à sorte. Que seja seu ou não, é o mesmo; o dono nunca estranhará que o cavalo não lhe volte; até se necessitar outra vez, com o mesmo prazer, de novo emprestará outro cavalo, sem paga ou restituição. Se o animal abandonado conserva bastante força em seus membros extenuados, ele espontaneamente volta para junto do seu dono e logo que avista a morada dele anuncia o seu regresso relinchando alto e alegremente, ainda que nunca tivesse tido nessa casa com que saciar sua fome e sua sede. O instinto do animal envergonha o coração insensível do homem.

Como já referi, o tipo dos habitantes de S. Pedro do Sul é bem diferente do das outras províncias. Aqui não se vê a cor amarelo-pálida dos habitantes do Rio de Janeiro; encontram-se em geral tipos altos, bonitos e fortes, e notadamente as senhoras têm, às vezes, a tez tão branca que muitas européias, mesmo das regiões árticas, gostariam de trocar com elas. A fisionomia não tem a malícia e malignidade como é comum nas regiões mais setentrionais do Brasil; é franca, aberta, sem falsidade nem reserva; nem se nota a mentalidade de escravos, substituída que é por uma certa enérgica consciência própria. Em suas atitudes nota-se direitura e firmeza; só a sua gesticulação, por mais expressiva que seja, parece muito medida e seus movimentos podem ser considerados demasiado descansados. Seu caráter é em geral fleugmático, com ligeiro toque de sangüíneo; são brandos e contentam-se de pouca coisa, mas é preciso ter cuidado de não irritá-los sem motivo. Porque irritados nunca perdoam e às vezes se vingam terrivelmente. A hospitalidade, que praticam no verdadeiro sentido da palavra, é a maior de suas virtudes; sem ela seriam certamente bárbaros. O viajante pode confiadamente parar e bater à primeira porta que encontrar, seja de casa rica ou pobre: logo há de aparecer alguém que perguntará pelo que deseja, e em geral o próprio dono da casa não cede essa honra. Dito o desejo, vem em poucas palavras o convite para apear e entrar, um negro desencilha o cavalo e o toca para um pasto bem cercado. Logo que se entra em casa, providências são dadas para mitigar a provável fome do viajante e a gente

pode servir-se sem cerimônia: quanto maior o apetite tanto mais amável se faz o dono da casa. Então, se a gente é europeu e sabe em mau português e com graça contar coisas da sua terra, o dono da casa sente-se ultrafeliz e escuta com a mais viva atenção. Seu temperamento desperta, ele revela que sabe ser espirituoso, quer a sua glória nacional e uma narrativa de aventura sucede a outra. A boa disposição cresce; carne meio crua e uma garrafa de aguardente aumentam o entusiasmo do momento, funde-se o gelo e o brasileiro fica europeu. Venceu-o o bom humor alemão, a única virtude alemã.

Depois da refeição do fim do dia, suposto que o hóspede esteja cansado, deixam-no a sós e logo lhe indicam um quarto com uma cama meticulosamente asseada; um negro, ou se o dono da casa quiser mostrar-se muito galante, uma negra traz uma tina com água morna, para à maneira oriental lavar-lhe os pés; e lhe deseja cordialmente uma boa agradável noite. Na manhã seguinte, o viajante certamente não poderá partir sem primeiro tomar um valente almoço. Primeiramente é examinado o cavalo, se está em condições de continuar viagem e se assim não estiver o dono da casa manda imediatamente trazer um dos seus. Em poucas palavras faz-se o agradecimento pela boa hospedagem, mas por mais pobre que seja o dono da casa não se lhe deve oferecer paga. Depois do cerimonial de uso, segue-se o convite de aparecer novamente se algum dia tornar a cruzar por ali. Mesmo ao pior inimigo essa gente nunca recusa pouso e comida, por mais demorado que seja. Mas logo que há hóspede em casa raramente aparecem as mulheres, a menos que se trate de pessoa que já diversas vezes tenha estado na casa.

Assim é que de uma feita, um de meus amigos, um jovem oficial, gozador da vida, esteve três dias inteiros na casa de um *fazendeiro* [sic] sem que lograsse ver nenhuma das três filhas da casa, nem de longe, e tinham fama de bonitas e amáveis. E como muito bem soubesse que as moças absolutamente não tinham viajado há quinze dias, como lhe dissera o severo velho, mas eram escondidas pelo duro pai em alguma peça da ampla casa, ele resolveu no quarto dia muito cedo prosseguir viagem. O rico fazendeiro, para quem em seu isolamento a visita de um estrangeiro havia de ser muito bem-vinda, não queria de modo nenhum deixar partir o meu amigo e insistiu que ficasse mais alguns dias até que regressasse a família. O oficial deixou-se convencer e prometeu ficar,

mas com a condição de poder sair à caça quanto quisesse e de passear no magnífico jardim situado atrás da casa. De bom grado o velho acedeu, pois confiava na ordem severa que dera a suas filhas que jamais aparecessem à janela; não se lembrou que nas mulheres a curiosidade é sempre mais forte que a obediência. As moças reclusas souberam por uma das suas negras que o estrangeiro era muito jovem, muito bonito e muito amável, que usava brilhante uniforme e que pretendia partir na manhã seguinte. Isso era demais; a criada negra foi mandada ao herói que já há dias lhes agitava os pensamentos e os sonhos, para que na mesma noite comparecesse ao jardim, onde elas representariam o papel de Armida.

Mal caíra a noite, sob o pretexto de ir gozar um pouco de fresco o meu amigo pediu licença, despediu-se do dono da casa e foi para o jardim. O lindo luar, que pela sua claridade ainda torna mais linda a pitoresca paisagem brasileira, em breve lhe permitiu ver numa das janelas de sacada que davam para o jardim as três figuras que ele tanto ansiava por ver. As mãos serviram de transmissoras dos beijos, que provavelmente teriam preferido aplicar diretamente aos lábios, e durante minutos a linguagem dos dedos, na qual as damas brasileiras são muito peritas, proporcionou a única troca de impressões sentimentais; mas por fim as belas não puderam suportar mais tempo o estarem engaioladas pelo pai tirânico, ao passo que a pouca distância lhe acenava o mais agradável prazer. Gestos fáceis de compreender informaram ao meu amigo que dentro em pouco as três graças estariam em sua companhia e por isso, cautelosamente ele se meteu em sítio um pouco mais oculto, onde foi esperar o termo da agradável aventura. Não sei dizer de que maneira as meninas conseguiram sair da casa sem serem ouvidas nem vistas; em resumo, não tardou que os vestidos brancos das três farfalhassem pelos caminhos ensombrados, ao encontro do expectante, cujos desejos ousados, seriam tão inesperadamente satisfeitos. Alegres e sem acanhamento as meninas correram ao encontro dele e sem preâmbulos lhe perguntaram como passava. O meu oficial fez-se galante; ousou beijar a mão às três e logo depois pedir-lhes um abraço, que certamente não recusariam. Sem dúvida, a brasileira não admite facilmente um beijo na boca, a não ser que esteja disposta a concessões maiores; mas um abraço lhe parece a coisa mais inocente e decente do mundo.



Marquês de Barbacena

Assim decorreu mais de uma hora num sonho de amor verdadeiramente cosmopolita, até que finalmente a mais moça das três lembrou a severidade do velho pai e o risco de serem surpreendidas. Separam-se pois, mas com a promessa de se encontrarem todas as noites no mesmo sítio, e assim durante uma semana inteiramente enganavam o velho, sem que ele sequer suspeitasse do que se passava pelas suas costas. Todas as noites se viam e conversavam no jardim e nenhum traidor escutava. Por fim meu amigo teve que tomar disposições sérias para partir e num dos encontros declarou às suas três amadas que pretendia no dia seguinte viajar, pois os deveres do serviço o chamavam e nenhum pedido podia movê-lo a continuar ali.

A essa notícia, quentes lágrimas correram dos olhos das belas, pois que as três bem queriam ter conservado talvez para sempre aquele homem de sua escolha, a quem todas as três amavam com violência e sem inveja ou ciúme, e que todas as noites as encantava com as maravilhosas narrativas sobre a natureza cavalheiresca da galanteria nórdica e sobre a liberdade e bom trato de que a mulher goza na Europa. Na manhã da partida meu amigo pretendia sair muito cedo, mas a instâncias do bom velho teve que acomodar-se em tomar primeiramente um almoço. Pouco antes de irem para a mesa declarou o fazendeiro que sua família regressou na noite passada e que desejava apresentá-la a seu hóspede. Este espantou-se não pouco, mas com toda a calma pediu então para apresentar pessoalmente os agradecimentos à família do honrado dono da casa. Certamente o cálculo do velho, fora que agora, estando o estrangeiro de pé no estribo, não havia mais nada a temer para suas filhas; assim, pouco depois chamou as senhoras para a sala e fê-las tomarem lugar à mesa. Trocados os cumprimentos do costume, todos se dispuseram a almoçar; nem o mínimo gesto das meninas denunciou que já se conheciam. Quando porém anunciaram que o cavalo estava encilhado e o velho saiu para a frente da casa, a verificar se os negros o haviam encilhado em ordem, houve oportunidade de ainda uma vez trocarem o “passe bem”, muito cordial, para sempre. Tenho a esperança de que as três graças terão sabido consolar-se tal qual o soube meu amigo. Na mulher brasileira a fidelidade não dura mais que o gozo; só a presença pode reclamar amor, só o momento dá felicidade. E eu louvo semelhante amor, pois as coisas mais belas envelhecem e só o que é novo é sempre jovem.

A diligência não é das virtudes cardiais desses quietos moradores das coxilhas; gostavam mais de dedilhar numa espécie de guitarra, enquanto fumam seu cigarro de papel. Não se julgue que isso seja poesia, porque rima; os homens em regra não falam mais que o necessário, pois no fundo nada têm para dizer que não seja sabido, o que deve resultar especialmente do isolamento em que vivem. Os vizinhos mais próximos, às vezes, moram a 6 ou 7 léguas. Entretanto passam dias inteiros a cavalo, expostos ao mais ardente sol, sem que por isso sintam o menor incômodo; perlustram sem cessar os seus campos, para verificar se não ocorreu alguma alteração boa ou má no seu gado e se os escravos são fiéis e vigilantes.

Encontram-se propriedades particulares de impressionante extensão. Algumas de 16 a 20 léguas quadradas, onde às vezes pastam 100.000 cabeças de gado e alguns milhares de cavalos. E a maior parte dessas enormes propriedades não atingiu gradualmente essas proporções por efeito de antigas compras ou heranças, mas da seguinte maneira. A princípio, funcionários públicos que se haviam distinguido e cujos méritos se pretendiam de algum modo compensar, recebiam como gratificação algum pedaço de terra, raramente menor do que uma légua quadrada, porque era bastante grande o território inculto do império e no momento não possuía especial valor. Mais tarde outros cidadãos estranhos ao serviço público requeriam semelhantes datas de terra, pois bem viam que se essa posse de pouco lhes valeria, mais tarde os filhos de seus filhos teriam grande proveito. E como o governo havia de nutrir o desejo de que os enormes desertos fossem quanto antes habitados e cultivados, concedia por pouco ou mesmo de graça tais terras. Em seguida, o governo nomeava agrimensores para dividir e demarcar as terras concedidas.

Estes achavam muito incômodo levarem ao campo o aparelhamento adequado, de modo que faziam a medição a relógio, tomando por convenção que uma légua quadrada era a área cujo perímetro o agrimensor percorresse a cavalo em duas horas. Mas não se esclarecia se a andadura para esse percurso era o passo, o trote ou o galope; isso dependia exclusivamente do seu humor ou da soma que o futuro proprietário das terras agradecido lhe metesse nas mãos. Assim, não raro para uns a medição se fazia a passo lerdo, para outros a galope largo, o

que o prejudicado tinha que sofrer calado, pois quaisquer queixas na matéria não logravam ouvidos. Uma vez de posse de semelhante trato de terra, o proprietário abastado o aumentava com a compra de um dos lotes menores contíguos, presenteava de novo o agrimensor para nova medição, a qual então resultava 3 a 4 vezes maior. Os netos são legítimos herdeiros desses latifúndios, que hoje valem muito, e sua posse está para sempre garantida.

Nessas estâncias, às vezes, matam em um dia 400 a 500 bois, cujos couros e chifres vão para Rio Grande, de onde são vendidos para a América do Norte, que em geral os recoloca no Brasil em artigos manufaturados. A carne é separada dos ossos em pedaços de 30 a 40 libras, é salgada e exposta ao sol para secar; o sebo e o tutano são amassados em tinas de madeira e expedidos em bexigas para o Rio de Janeiro. A carne, sobretudo de boi, é quase o alimento exclusivo desses homens, que com ela e com o seu modo de vida se dão muito bem e em média atingem avançada idade. Quase não conhecem legumes, salvo certamente o feijão-preto, que aliás aqui é bem raro. Pão, só se encontra nas grandes cidades, como Porto Alegre, Rio Grande, Rio Pardo; no campo só é conhecido, a bem dizer, de nome. Mesmo a farinha de mandioca, que costuma substituir o pão, já aqui é mais rara. O maior petisco é a carne do feto vacum; muitas vezes abatem vacas só para tirarem o bezerro ainda imperfeitamente constituído e o preparam em *friaissé*, com muitos temperos; até o europeu pouco a pouco toma gosto por esse prato.

Da própria vaca nada aproveitam: deixam a rês morta para os corvos, que aqui existem em extraordinária quantidade e que para o bem dos habitantes avidamente devoram toda a carniça, como as entranhas, fígados, bofes e tripas, que amontoam perto das casas expostos ao calor solar, impedindo os corvos que o ar pesteadado produza perigosa epidemia. No Brasil, não é praga o dito alemão “abutres me levem!”

Costumam também tirar da rês recém-abatida a carne mais espessa do traseiro, com o couro, para assá-la lentamente no próprio couro sobre braseiro, de vez em quando salpicando-a com salmoura. Semelhante assado poderia com garbo figurar em mesa inglesa, pois não lhe falta sabor nem suculência. Não admira, assim, que essa gente seja tão sadia e robusta. Como, entretanto, nem sempre querem estragar o couro, que é a parte de mais valor no boi, contentam-se ordinariamente

em cortar só a carne, espetá-la em varas pontiagudas e assim expô-la ao calor do fogo, quanto baste para ficar quente por dentro. Nas famílias que não são abastadas vêem-se, tanto os homens como as mulheres aco-corados junto a uma dessas varas de cinco a seis pés, e comerem com visível apetite, operação que em geral tem lugar três vezes por dia, do mesmo modo, sem jamais enjoarem do constante uso da carne. Não ha-vendo faca ao alcance, dentes e dedos a substituem com rara perícia.

Nas cidades, sobretudo no Rio Grande, onde aportamos e que é o único porto marítimo da província, encontra-se melhor modo de vida, conhecem-se regularmente as comidas européias e sua preparação. Sem contar os muitos navios norte-americanos sempre aqui ancorados, principalmente holandeses, ingleses e franceses vêm ao Rio Grande e abastecem a cidade e por meio dela, a província, em produtos europeus; hamburgueses, e de um modo geral, alemães, são raros, pois que tão longa viagem só costuma ser feita em grandes navios de três mastros e estes não podem entrar no porto, por causa das areias tocadas pelo ven-to, que vão cada vez mais reduzindo a profundidade da água. Defronte desta importante cidadezinha, que não é agradável, fica a do Rio Grande do Sul, muito maior, onde, porém, a água é tão rasa que nem os meno-res navios podem ir ancorar. A maior parte dos negociantes aqui esta-belecidos moram na última cidade, porque aí pelo menos não se é inco-modado pela impenetrável areia e poeira, que reinam em Rio Grande do Norte, onde com o menor vento muitas vezes a areia tranca as portas de ruas inteiras. Assim, por exemplo, à minha chegada uma casa re-cém-construída há dois ou três anos fora completamente esmagada pelo peso da areia acumulada contra uma das paredes e sobre o telha-do. Aliás os telhados são malfeitos, tanto que é coisa muito comum es-tando-se à mesa subitamente violenta chuva de areia atravessar o telha-do e em poucos instantes cobrir com uma crosta a comida. Da mesma forma as camas estão sempre com areia, tudo que se come range nos dentes, a vegetação é soterrada e a natureza parece envolta num sudário; tudo torna a moradia tão desagradável que todo aquele que pode preferir residir na cidadezinha fronteira, se bem que Rio Grande do Norte, como verdadeira praça comercial, seja muito mais importante. Com vento forte, às vezes em horas muda-se a fisionomia de toda a região; as dunas entram a caminhar; onde antes era um monte, forma-se de repente

um vale, a estrada desaparece em poucos minutos, e o viajor que se afunda na areia até acima dos joelhos busca em vão algum indício do caminho certo; parece-lhe que um golpe de magia o transportou para os desertos da Arábia.

Aqui havia pois desembarcado o 27º Batalhão de Caçadores e esperava ordens do General Barbacena ao qual, como sabemos, o Imperador após a morte de sua esposa entregara o comando. Este homem que, como já referi, foi algumas vezes atilado político e melhor negociante, porém, nunca em sua vida havia sido soldado, tinha dado ao seu imperial protetor, fiado excessivamente em seu talento militar e no favor da cega deusa da sorte, a promessa de terminar a demorada campanha com uma única batalha bem sucedida. Assim recebemos a ordem de marchar com urgência para São Francisco de Paula, um lugar distante 7 léguas do Rio Grande, e a esperar ocasião de podermos sem perigo nos reunir ao exército.

Esta localidade distingue-se vantajosamente das outras cidades pelos bonitos arredores, bem como pela riqueza de seus habitantes; e mantém vivo comércio com Rio Grande, de onde vêm constantemente inúmeros artigos e produtos de toda espécie, destinados ao interior da província, e em geral trocados por couros de boi. Tanto aqui como no Rio Grande há muitos europeus, que possuem importantes estabelecimentos e que certamente pela influência do seu dinheiro e de sua cultura têm contribuído consideravelmente para que os habitantes tenham mais civilização e mais gosto pela vida social e mais trato amigável do que nas outras regiões. Todo estrangeiro que demorar aqui algum tempo, se não houver nada contra ele, pode facilmente ter relações com todas as famílias, mesmo que antes não conhecesse ninguém. Os próprios moradores procuram ensejo de serem agradáveis ao forasteiro, atraí-lo ao seu círculo, na primeira ocasião. Grande recomendação será saber tocar algum instrumento de música, sobretudo piano, mesmo pouco, pois o piano se encontra em todas as boas casas. As mulheres quase todas tocam, embora mais de ouvido e prática do que por estudo regular; muitas falam um pouco de francês, como também na maioria dançam muito bem. Já os homens nesse sentido estão em inferioridade. Uma boa etiqueta sempre é a melhor cadeia em que se podem forjar as relações mútuas da sociabilidade convencional, mas deve ser sempre cadeia de ouro de

merecimentos e não a cadeia ao pescoço do escravo. Se bem que também aqui seria considerado grande incorreção oferecer o braço a uma senhora em público – não sendo esposa, irmã ou noiva – é, entretanto, permitido, dentro do mais severo catecismo da decência, estando presentes mais pessoas da família, caminhar a par com a moça, falar com ela e mesmo agradecer, o que já é extraordinariamente significativo em comparação com a casmurrice anticavalheiresca que predomina no resto do Brasil. As senhoras têm vivacidade e entretêm, são atenciosas e ardentes, têm o olhar brilhante, o peito cheio, a carícia cordial e mesmo a conversa espirituosa. Gostam muito da sociedade dos estrangeiros, que preferem mesmo a seus próprios patrícios.

Seus trajes, mesmo nos passeios ordinários, são às vezes muito ricos e sempre muito selecionados e de bom gosto e suas atitudes são cheias de simpatia, desembaraço e graça; poder-se-ia chamá-las as espanholas do Novo Mundo.

Era a primeira vez que em S. Francisco de Paula viam tropas estrangeiras, mas os cidadãos dentro em pouco fizeram conhecimento conosco, procuravam amigavelmente a nossa companhia, as portas de todas as casas abriam-se para nós e com isso nos sentíamos duplamente lisonjados, pois no Rio de Janeiro nos fora quase impossível atar quaisquer relações interessantes. A mocidade incólume, a longa vida de privações forçadas no mar, o estuante fogo da esperança, tudo nos duplicara a receptividade para o abraço amoroso meridional; mas o ódio que os *arrioais* [*siç*] (assim se chamam os brasileiros naturais do Rio) tinham contra tudo que era estrangeiro, em parte havia aniquilado as nossas primeiras esperanças. Aqui éramos bem-vindos em toda parte, porque os alemães em geral eram tidos por gente muito instruída e branda; mas logo me pareceu que não punham muita confiança na nossa bravura e aptidão para a campanha, talvez porque nós, jovens soldados ardorosos, filhos ainda menores de um frio clima nórdico, não possuímos a barba cerrada e o aspecto marcial dos brasileiros. Mas em breve o inesquecível 20 de fevereiro de 1827 havia de instruí-los de outra forma a esse respeito e desde esse dia passaram a estimar mais alto, talvez alto demais, aos alemães, apesar de seus desvios de patriotismo, completando a estima que desde o começo manifestavam por outros aspectos. A velha, generosa

Germânia passou a ser em suas baladas uma terra de fadas, cheia de cavalheirismo e de vigor, e o Brasil perdeu a auréola lendária.

Depois de uma permanência verdadeiramente agradável de algumas semanas nesta magnífica cidade, recebemos ordem de partir e sem detença nos reunirmos aos exércitos. De mau grado nos despedíamos, muitas lágrimas correram, mas de ânimo alegre recebemos essa ordem, pois sem a sombra dos louros a murta é cinzenta, a rosa descorada e era nosso mais ardente desejo dar bem pronto aos brasileiros demonstração do heroísmo alemão e da proibidade alemã também traduzida em português.

Começou uma verdadeira marcha forçada, pois marchávamos noite e dia; o general queria a todo transe, quanto antes melhor, travar uma batalha decisiva,⁶⁴ na qual segundo sua plena convicção ele tinha que vencer. Então, repentinamente, e decerto em ocasião imprópria, desapareceu todo o bom trato que até então tivéramos. As rações, que até aí compreendiam carne, pão, feijão, arroz, aguardente e sal, foram reduzidas só à carne e água, pois o marquês, em vista do seu louco sistema financeiro era de opinião que bastava ao soldado ter uma dessas coisas para matar a fome, a outra para saciar a sede.⁶⁵ Já nos primeiros dias da nossa marcha forçada faltou o mais indispensável; nem ao menos sal se fornecia, muitas vezes nem havia como comprá-lo a bom dinheiro. É claro que semelhante mau-trato havia de causar má impressão, no soldado, que não encontrava desculpa a uma tão notável alteração; os oficiais tiveram inúmeras ocasiões de verificar a existência de um nascente descontentamento. Contudo, no dia da batalha, como vamos ver, o 27^o Batalhão de Caçadores se distinguiu gloriosamente.

Era começo de fevereiro de 1827 quando partimos de São Francisco de Paula; cada dia esperávamos topar alguma partida do inimigo, mas alcançamos sem o menor incidente o exército, que se compunha de três⁶⁶ regimentos de cavalaria e cinco batalhões de infantaria (tropas regulares), nove regimentos de cavalaria de milícia e dois grupos de artilharia, cada um de seis canhões; ao todo cerca de 8 mil homens.

A força inimiga contava o dobro, pois eram quatorze mil homens de cavalaria, três de infantaria muito fracos e 24 canhões.⁶⁷

A 20 de fevereiro de 1827, às seis horas da manhã, topamos no Passo do Rosário com alguns destacamentos de cavalaria inimiga,

que nos receberam com violenta fuzilaria; logo o nosso Batalhão recebeu a ordem de lançar para a frente duas companhias, em atiradores, ao passo que as outras quatro companhias deviam prosseguir a marcha em ordem unida. A noite havia sido escura e fria; só às sete horas se dissipou pouco a pouco a cerração; o sol fulgurava no céu e avistamos o exército inimigo em ordem de batalha numa elevação próxima. Contudo, o que aí vimos era apenas cerca de metade da massa total inimiga; a outra parte, maior, estava ardidamente oculta atrás da elevação.

Crescia o ardor solar; a natureza era queda, como se o mundo todo estivesse na mais profunda paz; eis que o General Abreu recebeu a ordem de atacar o inimigo com a cavalaria miliciana e fazer lentamente avançar os nossos cinco batalhões de infantaria.⁶⁸ O primeiro ataque foi desmedidamente violento, mas em absoluto desordenado, razão por que também a nossa milícia foi logo rechaçada. Na mais horrível anarquia, os cavaleiros destroçados refluíam e atiravam-se com irresistível pressão sobre o 18º Batalhão de Caçadores, o qual, não podendo distinguir amigos de inimigos, dentre os cavalarianos de uniformes iguais, fez fogo às cegas sobre a tropa amiga;⁶⁹ o próprio General Abreu foi mortalmente ferido por uma dessas balas traiçoeiras. Ao mesmo tempo a outra metade do exército inimigo surdiu da sua tocaia e apoiada por furioso canhoneio atacou a nossa força.⁷⁰ Apesar da formidável desordem, que logo no começo da batalha se fez notar no nosso exército, os soldados alemães se conservaram sempre calmos, e, não obstante todos os esforços do inimigo, não se deixaram abalar. Atordoada por essa calma e firmeza, a cavalaria inimiga depois de três tentativas inúteis contra o quadrado do 27º Batalhão de Caçadores não mais ousou nos atacar.⁷¹ Um batalhão de infantaria que contra nós avançou, também se recolheu amedrontado depois de uma única vez lhe termos feito uma descarga; só a artilharia incessantemente nos causava dano.

Novamente se reacendeu em nossas colunas o ímpeto combativo; pouco a pouco se reagrupava a nossa milícia debandada; e depois de algumas horas de luta logramos repelir o inimigo, a ponto que ninguém mais duvidava do feliz êxito da batalha, quando, súbito, por ordem do General Barbacena soou o toque de retirada.

Ninguém podia compreender a causa desta retirada, no momento em que a sorte começava a pender para o nosso lado; mas cumpria obedecer à ordem dada.

Começou a retirada, e então a desordem cresceu a tal grau, que o inimigo poderia com um leve golpe de mão ter aprisionado todo o nosso exército, se não tivesse ele mesmo ficado por demais desanimado; e talvez tivesse tomado o nosso recuo como sendo uma cilada. Nossos artilheiros só pensavam em salvar a sua pele e abandonaram as peças que lhes estavam confiadas; nossa cavalaria debandou aos quatro ventos; só a infantaria, e desta especialmente o batalhão alemão de caçadores, se conservou sempre calma e firme.⁷² Lentamente e na melhor ordem, esse pequeno troço de bravos se retirou: os soldados, quase mortos de fadiga, ainda trouxeram onze dos canhões abandonados, e assim cobriram a retirada de todo o exército. Só um canhão, que estava com duas rodas danificadas por tiro, caiu nas mãos do inimigo; foi seu único troféu desse dia infeliz. Mas um destacamento da cavalaria irregular de Buenos Aires, enquanto os exércitos se batiam, foi saquear a nossa bagagem, situada a cinco milhas à retaguarda; batida e derrotada a reduzida escolta, esse destacamento carregou tudo quanto possuímos na bagagem.

Nesse dia ficaram cerca de 400 dos nossos, entre mortos e feridos, no campo de batalha, dos quais 83 alemães.⁷³ A perda do inimigo no dizer dele próprio atingiu a mais do dobro.

Com uma horrível cena de crueldade havia de ser coroada a decisão sangrenta desse dia. No fim da luta, os *patriotas*⁷⁴ (assim se apelidavam as tropas que combatiam por Buenos Aires e pela Cisplatina) incendiaram o pasto da planície, seco, de três a quatro pés de altura, de modo que ao cabo de pouco tempo um mar de chamas se estendia pelo campo de batalha, e os infelizes feridos, que qualquer inimigo humanitário teria poupado, pereceram no fogo. Era um grande cinzeiro, de onde a fênix do ódio breve se reergueria, nova e forte.

O Exército brasileiro se retirou até Cachoeira, onde, finalmente, se reuniram as forças. A duas milhas desse lugar estabeleceu um acampamento, onde permanecemos algum tempo em sossego, sem mais sermos ameaçados ou incomodados pelo inimigo.⁷⁵

O descuidoso comandante do exército republicano General Alvear, foi depois chamado a Buenos Aires e aí submetido a um conselho



João Crisóstomo Calado

de guerra para defender-se da acusação de traidor da Pátria,⁷⁶ como entretanto tinha bom nome e muitos partidários, foi absolvido com todas as honras. Não ousou afirmar que coisa teria levado o General Alvear a não perseguir o Exército brasileiro fugitivo e deixá-lo sem incômodo recolher-se a acampamento; mas o certo é que nossas tropas enfraquecidas ao extremo pela fome e privações de toda a espécie não teriam oferecido nenhuma resistência a uma perseguição séria.

O nome Alvear figura no pomposo calendário histórico daquela República de Colombo em letras de ouro; Mnemósine ainda não embaçou com seu hálito o escudo de cavaleiro do General, a ponto de enferrujá-lo, por isso também nós nos calaremos e aguardaremos o resultado.

Com indizíveis sacrifícios construiu-se agora um acampamento, de cerca de três quartos de légua de comprimento, e formado de quatro linhas de barracas. A situação do mesmo pouco favorecia o nosso propósito, pois os soldados tinham que ir buscar a lenha e a macega necessários à construção do acampamento a 3 e 4 léguas de distância. Não parecia que o Exército pretendesse apenas aqui descansar alguns dias, mas que ia estabelecer-se por longo tempo. Cada um dos edifícios – pois cada barraca merecia essa designação – era extremamente cômodo e bem arranjado. As paredes, com os feixes verdes e amarelos de macega regularmente atados, pareciam um tapete francês e não as paredes de taipa de um rancho de palha. Desde meses só nos alimentávamos de carne, mas aqui no acampamento seríamos indenizados das privações curtidas; pois de repente fomos formalmente inundados por uma porção de víveres, qual inesperada chuva de *maná* [*sic*], e o atraso de rações e vencimentos foi largamente pago, reerguendo-se nosso ânimo com valores sonantes. Podia-se, finalmente, com dinheiro de contado adquirir coisas reais; inúmeros comerciantes especuladores afluíram ao acampamento com toda espécie de gêneros, para vendê-los ali a preços assaz módicos. Assim, por exemplo, durante a nossa marcha, um cigarro de papel chegara a custar 40 a 50 rs., a garrafa de aguardente bastante ordinária até duas piastras espanholas, a libra de bolachas até uma piastra e aqui tudo isso podia ser comprado pela quarta ou quinta parte desses preços. Não faltavam agora divertimentos, como outrora ao tempo de Aníbal em Cápua; o paganismo levantou-se diante de nós com suas antigas divindades nuas; nas mais loucas orgias festejávamos Vênus e a Vitória à

sombra das florestas virgens da América do Sul. Cachaça era o nosso vinho, e negras faziam o papel de *baiadeiras* [sic]. Por felicidade não havia de durar muito essa embriaguez dos sentidos; pois mal se concluíra a construção desse magnífico acampamento já recebíamos ordem de nos mudar para Freguesia Nova, pequena aldeia, sem importância. O Governo brasileiro queria ocupar os pensamentos de D. Pedro com novos planos, tranquilizar sua desesperada melancolia com sonhos gloriosos de majestade e de heroísmo: todo o Exército foi distribuído da forma melhor possível pelas cidadezinhas e aldeias próximas para passar o curto inverno e com a primavera começar nova campanha mais feliz.

À nossa chegada à Freguesia Nova não pouco nos admiramos por acharmos fechadas todas as portas e janelas e as ruas vazias. Verificou-se em breve que esse retraimento de nenhum modo resultava do ódio cego contra os estrangeiros, como a princípio supusemos, mas apenas do fundado receio de serem saqueados e maltratados por tropas estrangeiras embrutecidas por longa campanha. Só depois de três dias, quando já tínhamos conquistado os corações pelo nosso comportamento amistoso, alguns dos moradores mais distintos se atreveram a visitar diversos oficiais e a convidá-los para um baile que os principais da cidade queriam dar em honra do vitorioso 27^a Batalhão de Caçadores. Não trepidamos em aceitar o convite e não tivemos motivo de nos arrepender da nossa confiança. Tudo quanto na matéria se poderia desejar ali se reunia para nos fazer esquecer as penas da campanha. Gulodices de toda espécie, os mais finos licores, os mais mais lindos doces, frutas em compota, de nomes que nem se conhecem na Alemanha, modas francesas, as mais ricas plumagens haviam sido a toda pressa encomendados da capital para esta festa; tudo respirava elegância, luxo e conforto. O salão de danças com as folhagens e flores estava feito lindo jardim; em gaiolas douradas pendiam de galhos cheios de folhas os mais lindos pássaros, cuja plumagem multicolor rebrilhava aos raios de numerosas lâmpadas. Em toda parte cintilavam taças de prata com seu conteúdo transbordante e no fundo debaixo de uma ramada magicamente iluminada via-se um retrato do Imperador, bem como a bandeira do batalhão guardada por duas sentinelas elegantemente fardadas. O que os arredores tinham de belo, em belo sexo estava presente, pois era preciso que nesse encantado jardim de prazeres não faltassem sorridentes Dríades nem inebriantes

frutos de Hespérides. As brasileiras em geral não namoriscavam; os seus olhares, movimentos, fisionomias e palavras não prometiam mais do que pretendiam cumprir e a *coquetterie* [sic] é sempre uma mentira, um engano. Elas são vivazes e entusiasmadas, seu humor e seus gracejos são sempre repentinos; seu espírito é menos objetivo do que o das mulheres alemãs; elas amam se não de todo coração, certamente com todo o vigor e o fogo permanente de seu peito não endurece sua constância, mas lhes funde o juízo. Foi realmente um baile divertido, meu coração ainda dança com a recordação.

Nesta cidadezinha ficamos até o fim de setembro e assim toda a campanha de 1827 ficou concluída com a batalha mal sucedida. Como, porém, nesse tempo nessa região começa já o verão, recebemos ordem de marchar para Porto Alegre para aí reembarcarmos e seguir pela Lagoa dos Patos para S. Francisco de Paula, a partir de onde deveria ter início a nova campanha com redobrado vigor.

NOTAS AO CAPÍTULO VI

61 Hoje S. José do Norte e Rio Grande.

62 Hoje Pelotas.

63 Hoje Triunfo.

64 Tem razão o autor. Barbacena preocupou-se desde logo com a reunião de todos os meios de que dispunha, para travar uma batalha decisiva. Chegou mesmo a escrever ao Conde de Laje, informando-o de que tinha o seu plano feito, ficando na defensiva até ter pelo menos *efetivo igual ao inimigo*. Apenas as marchas a que se refere Carlos Seidler foram feitas para evitar que os platinos ganhassem a nossa linha interior e esmagassem, sucessivamente, a ala direita, postada em Santana, e a ala esquerda, espalhada na região de Pelotas e Jaguarão.

As fadigas impostas às tropas, que constituíam os dois grupos em que o Marquês de Barbacena foi encontrar o exército dividido, redundaram na mais brilhante manobra estratégica que a nossa História registra, corrigindo erro fundamental de Massena Rosado.

65 N. do T. – É de assinalar a diferença que se nota entre os nossos próprios soldados, no que diz respeito à alimentação. *Os corpos provisórios*, do último movimento revolucionário, compostos de rio-grandenses, contentavam-se com carne e sal,

enquanto que os baianos, paulistas e mineiros reclamavam maior variedade, dando grande apreço ao feijão e à abóbora.

- 66 O autor deve ter escrito de memória e por isso se enganado em muitos dados numéricos. O Exército, depois de reunida a ala de Santana com a de Pelotas, contava 5 batalhões de infantaria, mas a cavalaria estava representada por cinco regimentos de 1ª linha, cinco de 2ª, fora os esquadrões soltos e o corpo de paisanos do General Abreu. De acordo, quanto à artilharia, que além do mais era de pequeno calibre e diminuto alcance.

- 67 Estes dados sofrem do mesmo mal que os relativos ao nosso Exército. O exército platino contava com quatro batalhões de infantaria, 16 canhões, em regra superiores aos nossos quanto à potência; a sua superioridade residia principalmente em artilharia e cavalaria. Um ligeiro exame das diversas fases da luta põe em evidência um interessante contraste: de nosso lado, as honras do dia couberam à infantaria; do lado platino, esta arma primou pelo retraimento, não se animando a cruzar seus ferros com a mordente infantaria imperial, em que predominava a negrada nortista.

- 68 Nova confusão. Embora o nosso Exército tenha-se engajado obedecendo aos velhos moldes lineares, a organização do comando era aceitável e os papéis dos chefes bem definidos. Nota-se: comandante do Exército e seu estado-maior, cavalaria do exército (paisanos de Abreu, brigada Bento Gonçalves e brigada Bento Manuel, destacada), artilharia, 1ª Divisão, sob o comando do General Sebastião Barreto Pereira Pinto e 2ª Divisão, sob o comando do General João Crisóstomo Calado. Demos ao termo *divisão* o sentido correspondente à antiga tecnologia – destacamento misto.

Quando as nossas tropas, deixando a formação de marcha, passaram ao dispositivo de ataque, a tropa de Abreu, que fazia a vanguarda, achou-se automaticamente sobre a esquerda do Exército e em escalão avançado. Logo, não podia ter recebido esta ordem, que dissolveria as duas divisões. Aliás, este absurdo não figura em qualquer documento da época, nem mesmo nas memórias ingênuas de certos *heróis* inventados mais tarde...

- 69 O General Calado – o mais autorizado informante no caso – menciona em sua parte de combate que ao notar o que se passava com a gente de Abreu, ordenou à 2ª Brigada de Infantaria que formasse “quadrado”, além de outras providências que tomou, relativamente à artilharia de que dispunha, colocando esta nos ângulos do seu dispositivo.

O quadrado, velha formação desaparecida dos atuais regulamentos de infantaria, podia ser de batalhão ou de brigada, de quatro ou de oito de fundo. “Uma Brigada de Infantaria, escreve o Coronel Zagale – *Sistema de instrução para a infantaria* começada a imprimir em 1823 – pode opôr-se aos ataques da cavalaria, formando-se em quadrados parciais, ou em quadrado geral.”

A 2ª Brigada de Infantaria era composta do 13º e do 18º Batalhão de Caçadores. Seria que o 13º B.C. não chegou a atirar? Como é que o autor podia ver isso, achando-se o seu batalhão em ponto afastado e às voltas com o inimigo?

O General Calado diz em sua parte já citada: “Grito ao Sr. Marechal Abreu que se contempla, mas não sou ouvido, nem atendido, talvez porque S. Exª já vinha ferido;

o meu cavalo cai morto, e eu grito de pé, com furor, *ao quadrado*, que faça fogo para não ser roto.”

- 70 Para apreender de um golpe o que se passou sobre o campo de batalha de 20 de fevereiro de 1827, convém acentuar que da parte dos nossos o ataque não passou por uma fase preparatória, iniciando-se com o primeiro tiro o ataque propriamente dito. Do lado platino, a superioridade dos chefes sob o ponto de vista tático é inegável. Ao saber da aproximação do adversário, Alvear, que se achava encurralado entre o rio e o inimigo, criou um destacamento de segurança, que prestou a dois quilômetros do ponto em que se achava o grosso de seu Exército, na direção perigosa. Examinando a atuação deste destacamento, de acordo com a técnica atual, vimo-lo funcionar como uma posição avançada que teve a missão de resistir a todo o custo, no seu próprio terreno, onde seria apoiada. A passagem dos platinos à ofensiva não chegou a se caracterizar, porque a sua infantaria permaneceu mais ou menos imóvel. Onde seria, pois, que o autor foi descobrir esse ataque geral, das tropas surgidas da tocaia?
- 71 O 27^o B.C. com o 3^o e 4^o da mesma arma, constituíam a 1^a Brigada de Infantaria, que por sua vez era parte integrante da 1^a Divisão. Coube como se sabe, a esta ocupar a direita do nosso dispositivo de ataque. Enquadrada na 1^a Divisão, coube à 1^a Brigada desempenhar um papel saliente na batalha, empreendendo um enérgico movimento ofensivo, que no dizer de Brown ter-nos-ia dado a vitória, se o Exército imperial tivesse elementos para reforçá-la. Foi nesta fase, segundo o depoimento de uma importante testemunha ocular, pertencente ao Exército platino, que o 27^o B. C. atacou o 5^o batalhão inimigo, cujos volteadores se chocaram com os do batalhão de alemães. A esse tempo a infantaria empenha-se com as companhias em coluna, coberto porém o grosso do batalhão por linhas ou enxames de atiradores. Nesta ocasião, os platinos fizeram emprego de fogo de sua artilharia em massa contra os nossos, que muito sofreram desses 16 canhões.
- 72 O que o autor diz, referindo-se à cavalaria e à artilharia, é infelizmente verdade. O comandante da artilharia foi duramente acusado, inclusive pelo Marquês de Barbacena, sendo submetido a conselho e, no fim de contas, absolvido. A cavalaria miliciana, que constituía o forte do Exército, debandou realmente, minado o seu moral pela propaganda derrotista, que os partidos políticos haviam instalado no Parlamento, na imprensa e nas ruas das cidades e vilas. Mas, no que diz respeito à infantaria, em nada o 27^o B. C. se mostrou superior aos demais corpos. Tem sido esta a opinião unânime dos mais competentes historiadores platinos, baseados no testemunho insuspeito de compatriotas seus.
- 73 Pelo menos em globo os dados registrados pelo autor são muito aproximados da verdade. A parte oficial brasileira consigna 333 baixas, entre mortos e feridos. O boletim do Exército inimigo refere-se a 500 baixas platinas. Perto de 100 soldados do 27^o B.C. ficaram cansados ao longo da estrada e muitos foram apresentar-se ao inimigo, pensa Lima e Silva que por medo de serem mortos.
Ao contrário do que diz o autor, os alemães suportavam mal as fadigas.
- 74 Aliás, *pátrias*. Assim eram chamados os soldados platinos, sendo este apelativo tomado aos bandos de Artigas, ao que diz. Por extensão, a frase “*ir para a pátria*” sig-

nificou entre os milicianos da guerra cisplatina desertar para os castelhanos. Várias testemunhas que depuseram no processo do soldado José Luís de Queirós, filho do sargento-mor Alexandre Luís de Queirós, um dos traidores que se passaram para o inimigo, na esperança de poder formar uma “legião de libertadores brasileiros”, para combater contra o Brasil, afirmam que o descendente do trãnsfuga, depois de mil desatinos, havia gritado que não podia combater contra o próprio pai e que “*ia para a pátria*”.

75 A retirada terminou no Passo de S. Lourenço, nas imediações de Cachoeira. Pela descrição de Lima e Silva – *Anais do Exército Brasileiro* – o acampamento corresponde, realmente, ao sítio balizado pela atual estação do Ferreira, da E.F.P.A.U. O Exército passou para a margem norte do rio Jacuí e acampou na coxilha que se ergue aí nas imediações. A escolha deste ponto indica que o general brasileiro só tinha então um pensamento: evitar outra batalha imediata, reorganizar suas forças, discipliná-las, reabastecê-las, etc. Labora em equívoco quem acreditar que a posição de S. Lourenço deixara o caminho direto de Porto Alegre descoberto. Da sua ocupação não se pode deduzir que Barbacena ou Brown acreditassem nas *virtudes* das posições de flanco. A estrada militar daqueles tempos era balizada, entre Porto Alegre e S. Gabriel, pelo rio Jacuí até Rio Pardo; daí, seguindo a margem norte desse rio, pelo passo de S. Lourenço, por ser mais cômodo do que o do Jacuí, que ficava alguns quilômetros mais a oeste.

76 Após a batalha de 20 de fevereiro de 1827, o Exército platino, ao contrário dos termos otimistas dos comunicados de seu comandante, que tinha necessidade de cortejar a opinião pública de seu país, achou-se esgotado moral e materialmente. Enquanto os nossos rumaram para nordeste, instalando-se no passo de S. Lourenço, os aliados invasores tomaram a direção geral de sudoeste, para os seus quartéis de inverno de Corrales. Eis as grandes conseqüências do tal *Ituzingó*, que a pobreza histórica de todos nós sul-americanos, povos jovens, tem decantado em todos os tons, perpetuando com um vocábulo absolutamente peregrino *alles, plazas* e povoados.

Obrigado por ordens superiores, o General Alvear realizou a sua chamada “segunda invasão” do Rio Grande, de resultados nulos e de pequena extensão. Começou esta fase no dia 13 de abril do mesmo ano e ao fim de maio já estava finda.

A opinião pública de Buenos Aires, onde fervilhavam as intrigas políticas, dava as maiores provas de impaciência e mostrava-se grandemente hostil à direção da guerra. O alvo das maiores censuras era o General Alvear.

“Os acontecimentos internos, escreve Beverina – *Exposición del General Alvear* – haviam obrigado a Rivadavia a renunciar à presidência. O General Alvear, que em uma nota de 28 de junho de 1827 havia apresentado a sua renúncia do cargo de comandante-em-chefe, foi substituído, por um decreto de 13 de junho, etc.” A 16 de julho, Alvear passava o comando ao chefe do estado-maior e retirava-se para Durazno, onde logo depois recebeu a comunicação do decreto que o exonerou. Não é verdade que tenha sido submetido a processo. Apenas a mensagem presidencial, dirigida à Sala dos Representantes, acusou-o de modo atroz como responsável por

todos os descabros do Exército e mais, por ter faltado com a verdade nas suas informações. Alvear respondeu com a sua célebre *Exposición*, reeditada em 1925 pela Biblioteca del Oficial, Argentina, com uma Advertência e notas do Coronel Beverina.

.....

Capítulo VII

PORTO ALEGRE – A COLÔNIA ALEMÃ DE S. LEOPOLDO
– ÂNSIA EMIGRATÓRIA – FACILIDADES
ANTIGAMENTE CONCEDIDAS AOS COLONOS
– A RESPEITO DO INSPETOR E DAS PRIMEIRAS PLANTAÇÕES
– COMÉRCIO E INDÚSTRIA DA COLÔNIA – AS ESCOLAS
– A COLÔNIA-IRMÃ, DE NOVA FRIBURGO, PERTO DO
RIO DE JANEIRO – UMA NOVA ROBINSONADA

*D*esta maneira havia eu, portanto, feito penosa campanha nas estepes do Império transatlântico, no interior desse corpo gigantesco, como Jonas no ventre da baleia, interessante viagem de descobrimento, e depois fizera, como o mesmo pequeno profeta, um sermão de penitência – eu era, pois, um herói, um apóstolo.

Pelo menos assim eu sonhava e um segundo-tenente no mundo novo como no velho, tem que cingir-se aos altos prazeres da vida de sonhos. Uma bala roçara levemente meu braço esquerdo, o meu sangue gotejava pelo Imperador, o tirano estrangeiro, a quem eu me dedicara; sentia-me feliz no meu louco orgulho e não mandei mudar a manga de meu uniforme – que tolo! Que coisa deve um déspota a seus soldados mutilados? O privilégio para mendigar a sua paga régia.

Mas eu ainda devaneava com idéias de louros – ah! eu ainda não sabia que não nascem louros no Brasil – não sabia que um escravo comprado pode como Cocles ser votado à morte, sem reclamar glória, nem amor ou imortalidade.

Permanecemos algum tempo em Porto Alegre, durante o qual os barcos que deviam transportar-nos adiante se abasteciam do necessário para a viagem; e nós aproveitamos o tempo para conhecer minuciosamente a cidade e os arredores. Porto Alegre é certamente a mais agradável estada que o Brasil pode oferecer aos alemães. O clima aqui já é aproximadamente o mesmo que o do sul da Espanha, portanto muito mais conveniente para o europeu do que o formidável, esmagador calor do Rio de Janeiro.

A cidade, que conta 16.000 habitantes, fica situada sobre uma suave elevação e apresenta quando olhada da lagoa dos Patos, uma vista muito bonita e romântica, se bem que não possua muitos edifícios importantes, magnificamente notáveis. As ruas são regularmente calçadas, razão por que aqui os cavalos precisam ser ferrados, o que não é o caso no resto da província. Especialmente a rua da Praia é larga e construída com proporções arquitetônicas, como tem diversas igrejas bem bonitas e o chamado palácio em que reside o governador da província.

Os víveres são bem baratos e bons, principalmente os que são trazidos da colônia alemã de S. Leopoldo, distante apenas sete léguas. Favorecido pelas circunstâncias, o comércio naquele tempo estava extraordinariamente florescente; constantemente partiam desta cidade para o interior, com destino ao Exército, grandes transportes de artigos e víveres e, por isso, nos últimos anos aqui se haviam estabelecido diversos negociantes europeus, notadamente franceses e ingleses, que faziam grandes negócios. Aqui existiam a esse tempo operários alemães, como marceneiros, alfaiates e sapateiros, em grande número, e todos prosperavam, pois de bom grado pagava-se a um operário alemão o dobro do que se pagava a um nacional, pois aqueles ainda tinham fama de hábeis e infatigáveis. Infelizmente isso não se conservou sempre assim, porque dentro em breve começaram a faltar ao trabalho para se reunirem com demasiada freqüência nos restaurantes alemães, onde em regra esses ajustamentos profanos terminavam em pancadaria e por isso decaíram muito no conceito dos brasileiros, que sabem usar o punhal mas não o

murro, e que não estavam acostumados a tais vilezas. É verdade que se continuava a pagar-lhes muito melhor que aos nacionais, mas de duvidar que a estima desmerecida jamais seja recuperada, estima que se lhes tributava largamente por motivo de sua operosidade. Também por isso não podem mais contar com os auxílios e muitas vezes importantes adiantamentos que os nacionais lhes facultavam assim que quisessem estabelecer-se. E o preconceito que logo depois se estendeu a todos os alemães já está demasiado radicado e o brasileiro, uma vez formada sua opinião, não se deixa facilmente demover por demonstrações em contrário.

Em Porto Alegre, como em todas as outras capitais das dezoito províncias, existe um tribunal denominado *Junta [sic]*⁷⁷ e constituído por seis membros. Esse tribunal ao qual incumbe a administração de toda a província é dotado de faculdades extraordinárias e recebe o tratamento da majestade imperial. À testa desse tribunal acha-se o presidente da província, o qual então possui poderes verdadeiramente extraordinários. Todos os funcionários civis, o próprio general-comandante das Armas, estão subordinados a ele; seus plenos poderes são aproximadamente os mesmos que os dos antigos capitães-generais.

Dispúnhamos aqui de bastante lazer para nos informarmos um pouco na ciência da administração pública e lançar uma visita discreta na trama da administração do Estado brasileiro.

Geralmente reina nesse domínio o feudalismo de um sistema constitucional aristocrático; o Imperador tem o seu poder e suas rendas como outrora entre nós ao tempo do Santo Império Romano; os funcionários do estado são cavaleiros do roubo, que encaram o direito do carimbo como direito de posse e aos cidadãos como tolos, que devem considerar a palavra do senhor como um mandamento de Deus. Assim, finalmente, sem grande esforço deciframos os motivos reais por que o nosso Exército foi sujeito a tão inexcusáveis privações, principalmente durante a marcha, e por que propriamente o nosso general opinara que meia ração de carne e água haviam de bastar para sustentar a vida de um mísero soldado, a figura secundária, automática na máquina do açougue do poder arbitrário. É que Barbacena era inimigo jurado do presidente da província,⁷⁸ ao qual funcionalmente competia cuidar dos necessários fornecimentos. Como entretanto no Brasil as leis escritas

com zelo sanguinário de Dracon, mas também com a sua cegueira, e em todos os sentidos, se parecem com a cogula de um capuchinho, com bastante buracos por onde meter a mão, e podem facilmente ser iludidas, assim o presidente de propósito, cegamente arrastado pelo seu ódio pessoal contra o general financeiro, que outrora como seu superior tivera ensejo de chamá-lo a contas, deixara o Exército penar. Destarte oito mil homens que todos os dias se expunham ao sacrifício da vida pela causa do Brasil tinham que sofrer fome ao pé da letra, só por causa de uma inimizade que reinava entre esses dois honrados senhores.

O resultado de nossas investigações estatísticas foi, pois, pouco edificante: por toda a parte desonestidades, compressão, superstição, mentalidade de escravos.

Não tardou que sarasse a ferida de meu braço, mas nova ferida houve em meu coração, a ferida incurável que se chama desconfiança. Em calado desespero, mandei remendar minha túnica; D. Pedro para mim já não era Imperador Napoleão. Só agora se me esclareceu com uma deslumbrante claridade a etimologia da palavra orgulhosa: *imperator* [sic] vem do italiano *imperare* [sic]. Também eu freqüentara a escola da experiência e ali aprendera alguma coisa. Eu precisava distrair-me, afastar de mim o pesadelo da realidade, que pesava às toneladas sobre meu peito, eu precisava respirar ar livre; pois no desvario da minha febre traumática eu elegera novamente a liberdade como minha noiva.

A colônia de S. Leopoldo, como disse, dista apenas algumas léguas de Porto Alegre e interessava-me saber como ali estariam vivendo os meus patrícios atirados longe da pátria. Assim é que me dispus rapidamente a ir até lá, para me informar pessoalmente, sem preconceito nem credulidade, sobre tanta coisa que se dizia e escrevia sobre esta colônia.

O Major Von Schäffer expõe no seu famigerado escrito, que o sagra se não poeta medíocre certamente grande inventor e súper-Münchhausen, as inúmeras vantagens e favores que aqui hão de gozar os colonos, e o faz com tantas minúcias e tais exageros que inevitavelmente muito pobre-diabo a quem o malvado escrito caiu nas mãos, seduzido por essas mentirosas atrações, haveria de se decidir a abandonar a sua pátria para emigrar rumo ao Brasil.

Valha-lhe Deus, o cão de Münchhausen desde então gastou suas pernas atado ao campanário da fome; a emigromania como endemia acabou-se; quando muito subsiste como sub-reptícia enfermidade em indivíduos isolados, aos quais, na maior parte por culpa própria, a sorte foi ingrata na pátria, ou cujo espírito não podia por mais tempo suportar a pressão política de um presente torvo. Tal gente é muito para lamentar; tem que seguir sua sina, ainda que leve ao abismo; prefere não possuir pátria, a tê-la e odiá-la.

Enfim, a epidemia da emigração cessou, sem que haja passado o seu motivo originário.⁷⁹ Será isso um indício favorável, ou não, para o estado de saúde da Europa? Não haverá nenhum objeto da vida civil que ultimamente tenha agitado tantas penas e línguas como o *cholera morbus* e o sistema da emigração. Todos os interesses foram atingidos: tudo protestava, e até os doutrinários porfiavam no debate; milhares de livros, ótimos e péssimos, foram escritos contra essas emigrações; mas aqui as condições dos colonos são pintadas em cores tão vivas e horríveis que se torna impossível separar a verdade da inverdade. Tanto mais me foi agradável ter a ótima ocasião de inteirar-me em S. Leopoldo das exatas condições do problema.

É verdade que centenas de famílias fundaram pela sua emigração para o Novo Mundo uma felicidade moderada, se não brilhante; mas não menos verdade é que muitas outras foram por isso inteiramente levadas à desgraça. Entre estas contam-se aquelas que se puseram a caminho com exageradas esperanças e na crença de que ali encontrariam montes de ouro e de diamantes, alegres e descuidosos como se fossem a um casório, cujos festejos devessem não ter fim. Sem trabalho, e pesado trabalho, que com o ardente calor solar se torna duplamente duro, não se pode no Brasil, como em parte alguma, conseguir alguma coisa. Assim é que há emigrantes que consideram o simples empreendimento da longa viagem como ato de heroísmo, e nutrem a firme crença de que para colherem o prêmio dessa ousadia basta cruzarem as mãos no regaço; que o próprio Deus, nosso Senhor, em pessoa, cuidará por eles da lavoura; e não se lembra de quantos e quantos cometeram a mesma empresa e quão poucos lograram ser felizes e ricos só porque julgassem assim ter merecido com tamanho sacrifício. Mas a essa classe de gente pertencem pouquíssimos pais de família, são principalmente jovens,

solteiros, sem ofício, que sem objetivo definido se engajaram à aventura como colonos. A maior parte deles logo que chegaram ao Rio num desses navios de transporte de escravos eram forçados a acompanhar “esses couros”, embora os pobres iludidos tivessem tido do Major Von Schäffer dez vezes a promessa de serem incontinenti levados para a colônia; havia entre eles muitos sujeitos incapazes para o serviço militar, os quais eram realmente expedidos como colonos para Porto Alegre. Mais tarde, também para aí, mandavam ex-praças que tiveram concluído o tempo do seu engajamento ou que se houvessem tornado incapazes para o serviço militar. Tais homens, alguns desabitutados de manejar a pá e o machado, outros demasiado preguiçosos, era impossível que pudessem manter-se; tinham que tornar-se carga de seus patrícios operosos e tornaram-se uma verdadeira peste da colônia.

Já os pais de família, a quem os cuidados por mulher e filhos induziam à ordem e à reflexão, arranjavam-se geralmente, se bem que chegassem quase inteiramente sem dinheiro, e com os favores que o governo lhes concedia em breve estavam bem. Realmente, a princípio o governo parecia muito empenhado por ir em auxílio de seus destronados penates por meio da indústria alemã e, de fato, sobretudo a amável Imperatriz Leopoldina, de cujo nome veio o da colônia, fez tudo quanto estava em suas forças para facilitar a prosperidade dos colonos. Segundo estatutos imperiais, que infelizmente nem sempre ficariam em *statu quo* [sic], concediam-se os seguintes favores aos colonos norte-europeus:

1) No primeiro ano recebiam por pessoa da família a diária de 160 rs., no segundo ano a metade, pois que se contava que então já haveriam de colher alguma coisa, embora pouco.

Ora, havia famílias com 8 a 10 crianças, que percebiam o mesmo que os adultos; elas despendiam talvez um terço do que recebiam como auxílio das diárias e podiam empregar o resto para pagar trabalhadores, destarte pondo suas plantações bem depressa em estado próspero. Mas os homens adultos solteiros também só recebiam aqueles 160 rs. diários, o que mal dava para sustentar precariamente a vida. Como poderiam esses homens, que não podiam pagar trabalhadores sozinhos, roçar e cultivar o seu enorme lote, coberto de mata virgem, lote que lhes era atribuído às cegas, sem exame nem escolha? E quem, se eles não obstante metessem ombros ao serviço, atacando a machado sem qualquer

auxílio os brutos troncos, quem, enquanto assim penosamente trabalhassem, lhes prepararia o alimento? Às vezes diversos desses homens solteiros procuravam associar-se e, de esforços conjugados, lutar pelo seu objetivo; mas tais associações em geral duravam pouco, pois logo se cindiam por qualquer divergência, alguma questão de honra ou de amor, e a obra começada ficava ao abandono. A subjetividade é apenas irmã de leite do patriotismo.

2) Os colonos recebiam de início um cavalo manso, um garanhão e uma égua, um touro e uma vaca, meia dúzia de carneiros e porcos, seis galinhas e um galo, animais que depois de quatro anos deviam restituir. Entretanto esta última cláusula não era rigorosamente observada e em geral o que recebiam não lhes era mais reclamado.

3) O governo mandava construir-lhes pequena casa, e recebiam grátis as sementes necessárias, como feijão, arroz, batatas, milho e mamona.

4) Recebiam um lote de terra, que lhes pertencia em propriedade hereditária, mas que não podiam vender sem licença especial.

5) Eram livres de todo e qualquer imposto por dez anos, prazo durante o qual também seus filhos não tinham obrigação de prestar serviço militar.

6) Seriam adotados como brasileiros e teriam todos os direitos e deveres dos cidadãos brasileiros; em caso de necessidade seriam obrigados a concorrer na defesa da nova pátria.

Semelhantes dispositivos eram, sem dúvida, muito louváveis e bons, mas infelizmente tinham muito pouca consistência. Os primeiros colonos chegados a Porto Alegre foram logo, depois de mui breve estada na cidade, encaminhados para S. Leopoldo, onde à chegada já encontraram os lotes demarcados e divididos, bem como encontraram, se não as prometidas casinhas, ao menos ranchos de palha. Da mesma forma, receberam pontualmente o dinheiro estipulado e os animais prometidos. Mal haviam decorrido dois a três anos desde a fundação desta colônia, começou-se sob toda a espécie de desculpas, a denegar o gado, e os pagamentos só se faziam imponentes e incompletos. Por mais de uma vez houve fundadas representações contra esse estado de coisas; ficavam sem resultado, porque o inspetor da colônia era demasiado íntimo e bom amigo do presidente da província para que este mandasse proceder

a séria investigação. Só então os colonos, vendo que suas queixas em Porto Alegre só achavam ouvidos surdos, dirigiram-nas ao Rio de Janeiro, ao próprio Imperador. Daí perguntaram, então, cortesmente, ao presidente se havia fundamento para aquelas lamentáveis *jeremiadas* [sic]; e o presidente por sua vez nada mais fez que perguntar amigavelmente ao Sr. Inspetor e este redigiu logo um relatório estatístico ladino, no qual se esmerava por apresentar os colonos como gente preguiçosa, eternamente insatisfeita e brigona; e assim não se tratava mais do assunto. O desonesto inspetor pôde como dantes continuar a seu bel-prazer a sonegar os animais destinados aos colonos para vendê-los secretamente em seu proveito próprio e a fazer o que lhe aprouvesse. Sem querer, retorno assim ao sistema ultra-aristocrático de circulação, a que aludi no início do capítulo, sistema que mantém o movimento em todo o sonolento corpo do estado, por um singular processo de corrente contínua. É um simples jogo de sociedade que também entre nós se conhece. Sem qualquer estudo prévio pode qualquer um tomar parte no jogo: forma-se a roda de mãos dadas, mas quando convém solta-se uma das mãos; deixa-se que nos vedem os olhos, mas quando convém espia-se às ocultas porém seguramente o jogo; deixamos que nos prendam e por nossa vez prendemos a outro – creio que em alemão chamam a este jogo de cabra-cega.

Provavelmente, o governo brasileiro muitas vezes quis introduzir instituições que seriam de grande proveito para o país; infelizmente tudo era sempre começado tão torto, e a escolha dos homens encarregados da execução era em regra tão má, que quase sem exceção o verdadeiro objetivo falhava completamente. Assim, para só citar um exemplo, fizeram inspetor desta colônia a um português,⁸⁰ ao qual a suprema ganância induzia às mais vergonhosas falcatruas, um *castrado* [sic] tanto física como moralmente, ao qual a mais suja cobiça tornava venal em todas as ocasiões e o qual a par de tão nobre caráter nem ao menos conhecia o alemão, a não ser as palavras dinheiro e vinho.

E os pobres colonos tinham que prestar obediência quase incondicional a esse homem, ao qual pelos motivos referidos eles deviam odiar mais que ao pecado, cuja língua não entendiam e cuja mímica não queriam entender. E como o inspetor fosse cada vez melhor conhecendo o seu poder à proporção que se envolvia na sua rede de intrigas, ele

afinal até se atrevia, mediante pequena soma em dinheiro, a enxotar de seus lotes colonos que já tinham começado o cultivo, obrigando-os a se mudarem para outro lote ainda na mata virgem ou em terra má.

Para isso não faltavam desculpas ou pretextos verossímeis; ordinariamente para essas violências se alegava que o colono era muito preguiçoso, pelo que não merecia um lote tão bom. A usurpação fez-se moda e a moda é a mais rigorosa das parcas. E ninguém pagava ao prejudicado o trabalho que já tivera, como seria natural se a mentira alegada fosse verdade e se o enxotado tivesse sido realmente mau trabalhador. Sem exame, sem indenização, sem uma palavra de animação ou de consolo o pobre colono, que não podia esperar graça nem justiça, tinha que obedecer à ordem e entregar o seu lote a outro, que metesse algum dinheiro nas mãos do Sr. Inspetor. Podia ele conformar-se? Podia o suor de seu rosto, por uma esquisita cristalização, transformar-se nas sonhadas pedras preciosas na testa de outro, mais rico ou mais ladino? Devia persegui-lo nestas estepes a maldição da sujeição? Para que então abdicara ele da pátria? Por que aprendia ele a conhecer agora uma nova doença horrível, que se chama saudade da pátria. Não era por essa forma que o Brasil havia de adquirir novos cidadãos, D. Pedro I novos súditos. A injustiça é mau escudo, mesmo quando não puxado por animais violentos.

Nos primeiros anos, como disse, ao menos eram pagos com regularidade os subsídios mensais, mas não tardou que a guerra contra Buenos Aires esgotasse as caixas, já de si mal providas. A especulação falhou; não houve maré alta nem vazante; houvera excessivo medo e excessiva ousadia: começou-se a ficar devendo aos colonos o auxílio monetário mensal. Alguns negociantes de víveres e miudezas, que aqui se haviam estabelecido, foram mais bem inspirados na sua especulação: ofereciam, cada qual prometendo mais vantagens, fornecer aos colonos os seus artigos mediante fiança dos subsídios mensais, fiança que devia ser assinada pelo inspetor, a quem competia o pagamento. Felicíssimos por haver surgido esse meio de se abastecerem das coisas mais indispensáveis para sua economia doméstica, os colonos aflitos se precipitaram à procura do inspetor, para que lhes visasse as fianças por quatro a cinco meses adiantados, ao que ele atendeu com a maior solicitude, pois que os aludidos negociantes judeus já lhe haviam enchido a cozinha e a adega.

De posse das fianças pretendiam os colonos fazer as compras necessárias, na ilusão de que as adquiririam pelos mesmos preços de a dinheiro; mas os negociantes faziam melhores contas. Eles sabiam muito bem que agora os colonos estavam forçados a consumir no respectivo negócio os valores dos referidos papéis e assim lhes forneciam não só o pior que tivessem mas pelo dobro ou triplo do custo. Destarte, os pobres estrangeiros, sem pátria, ainda eram roubados vergonhamente naquele pouco que o governo entendera fornecer-lhes como auxílio para o começo da vida; pois, quando afinal chegava algum dinheiro eram sempre esses negociantes que recebiam a maior parte. Só aqueles que haviam trazido algum dinheiro e logo puderam recorrer ao mesmo, não foram forçados a cair nas mãos desses usurários, pois podiam calmamente esperar pelos tardios pagamentos. Por isso tudo eu aconselharia muito seriamente a todo aquele que pretenda emigrar para o Brasil no propósito de ali se fazer colono, que não o faça se não tiver pelo menos três a quatro mil táleres para levar. E não deveria ser solteiro; pois muitos que contaram com a compra de negros para o trabalho agrícola com isso despenderam em poucos anos a fortuna – talvez pelo único motivo de não terem uma dona de casa econômica, ajuizada e trabalhadora.

Já assinalei que o casamento do estrangeiro no Brasil nunca lhe pode resultar para seu bem; as mulheres desta terra têm seu orgulho peculiar: dispostas a cuidar da reprodução do gênero humano, não se dispõem a cuidar da reprodução do gado; e de que vale o homem, mormente nas colônias, sem gado? É absolutamente necessário que o homem não tenha que se preocupar com o governo da casa, pois todos os seus minutos reclamam sua presença no campo. O negro só trabalha quando instigado pelo medo a seu dono e a seu chicote; logo que escapa das vistas desses dois potentados de seu reino de sonhos, deita-se imediatamente a dormir, pois é este o seu maior gozo da vida. Já de noite ele não dorme: a noite é o seu dia, pois a liberdade não conhece escuridão e em toda parte onde não há tirano há claridade. Os negros também sentem isso: gostam da escuridão porque é negra como eles.

Em suas pequenas barracas, geralmente levantadas nas proximidades da casa do senhor, se ajuntam acorados quantos possam caber, e passam a noite a tagarelar, a conversar, a fumar e a beber. Não admira que na manhã seguinte estejam cansados e totalmente embrutecidos.

Mas o pior é que essas reuniões noturnas só servem para aconselharem sobre as melhores maneiras de enganarem e roubarem a seu senhor. Despertam neles as vozes da pátria e amaldiçoam tudo quanto é cultura. Só o relho, a única verdadeira vara de condão sobre a Terra, consegue tirar-lhes esse mau costume, e o europeu em regra tem demasiada compaixão por esses seres infelizes, que só a ciência natural pode incluir no gênero humano. O negro é no Brasil verdadeiramente um bicho, e não quer ser tratado como homem. O Congo, Moçambique ou a Costa do Ouro, são geralmente a sua procedência; moços ou velhos, são arrancados por piratas brasileiros ou portugueses às suas florestas pátrias, ao seu estado natural de ignorância e inocência. A Inglaterra, que por especulação foi a primeira nação a acabar com o tráfico de escravos, tem a esperteza de apanhar ardilosamente os contrabandistas, e pelo seu trabalho manda vender em leilão no Rio de Janeiro navios e carga, tidos por boa presa. Verdade é que a lei manda sejam depois de seis anos libertos os escravos assim comprados; mas quem vigia por que isso se cumpra? Os infelizes, que certamente desconhecem essa cláusula, são levados para o interior do país e lá seus filhos ficam escravos como os pais. A humanidade os repudiou; não sentem vocação para serem magnânimos; não têm mais religião, pois nem são mais pagãos, nem são ainda cristãos; seu instinto bestial se desenvolve à medida que sua natureza humana totalmente desaparece. Todos sem exceção roubam, mentem, enganam; só para matar são muito covardes.

Mas, quem tiver a fortuna que reputo necessária para semelhante emigração, também acha meio de vida na Europa, pelo que não necessita sujeitar-se aos incômodos e perigos de tão longa viagem marítima; nunca se deve, a menos que haja pressão política, arrancar o ninho da andorinha debaixo do telhado de sua casa, para apanhar um papagaio.

Pelo menos quem se meter em tão louca empresa não deve contar que conseguirá alguma coisa para si, por mais trabalhador que seja; só seus filhos colherão o prêmio dos duros trabalhos e não se pode imputar a um emigrado que pense somente em sua descendência. Desde que a sorte sorria, o futuro dos filhos está garantido, pois as melhores colônias dia a dia sobem de valor, e de futuro serão verdadeiras minas de ouro.

Demais os primeiros começos são extraordinariamente penosos. Em primeiro lugar, há que derrubar os formidáveis troncos de árvores, que se apresentam, densamente juntos e tão entretrecidos de espinhos, cipós e trepadeiras que só os índios conseguem passar, feito cobras. Já isso, é um trabalho gigantesco, pois a madeira, notadamente a de uma espécie chamada *pau-ferro* [sic] é tão dura que a cada machadada saltam chispas de fogo e às vezes se gasta um dia inteiro num único tronco. Quando por fim se tem roçado uma certa área, amontoam-se os troncos e ateia-se fogo. Mas também acabada a fogueira pode-se logo começar a plantar e a construir. Pelo menos milho e abóbora, que é por onde se começa, dão na certa. Outras plantas, por causa do chão excessivamente rico, não frutificariam no primeiro ano; mas já no segundo ano prosperam bem todos os legumes que se costuma aqui plantar, notadamente o feijão-preto; e pode-se contar com uma colheita muito mais abundante desde que a plantação seja cuidadosamente limpa de ervas daninhas. No terceiro ano, finalmente, os tocos das enormes árvores estão bastante apodrecidos, pode-se sem grande trabalho proceder ao destocamento. Só então, o colono pode dizer que sua terra está pronta para ser arada, pois até então só lhe era dado afofar um pouco a terra com a enxada. Apesar de todos esses obstáculos e do tratamento inamistoso que os colonos tiveram que padecer por parte das autoridades, a colônia acha-se na maior florescência. Exceto algumas léguas quadradas de terra de pastagem, distribuída entre os que primeiro chegaram, ela já penetra sete léguas mata adentro. Uma estrada larga, margeada de ambos os lados pelas propriedades, vai de um extremo ao outro. À direita e à esquerda vêem-se as diversas colônias, a maior parte já libertas da mata, e tão cultivadas pelo trabalho alemão que produzem a maior parte dos legumes e frutos europeus.

Tudo quanto a colônia produz e sobeja do consumo local é levado a Porto Alegre, onde nunca faltam compradores que pagam razoavelmente bem os produtos da colônia de S. Leopoldo.

Um pequeno rio navegável, que atravessa a colônia e esta cidade, facilita o transporte dos produtos. Cada semana partem dois barcos grandes e seis a oito pequenos, a levarem porcos, aves (especialmente galinhas, que aqui são muito caras), ovos, manteiga, queijo, farinha de centeio, batatas, feijão. Os brasileiros gostam de comprar estes artigos,

sobretudo a manteiga, pois que sabem que é preparada com o máximo asseio em tinas adequadas, ao passo que o processo que eles mesmos usam não pode ser aprovado. Consiste em pôr o leite numa grossa mangueira, onde uma negra mete o braço e remexe o leite até que a manteiga se separe, aderindo ao braço da negra, de onde então ela a raspa com a outra mão. Aliás, apesar do solo extraordinariamente fértil e de ser a criação de gado a maior riqueza da província, pouco se faz a esse respeito, e prefere-se importar manteiga do Holstein ou da Irlanda, cujo gosto rançoso é geralmente tido como picante e delicado. Como, porém, a que vem da colônia não é muita e se distingue pela boa qualidade e asseio, ela é muito bem paga. Em suma, Porto Alegre é o melhor mercado para S. Leopoldo.

O comércio de trânsito para o Rio de Janeiro enriqueceu a esta cidade e deu-lhe uma importância que de outro modo não possuiria. Os muitos ingleses e franceses aqui domiciliados gostam desmedidamente dos prazeres da mesa, e o seu luxo anima a indústria alemã.

Desde alguns anos foi também introduzido o arado, que dantes não se conhecia no Brasil, e assim atualmente a terra é cultivada à européia, o que ainda aumenta consideravelmente a produção desse solo já de si fértil.

Com igual facilidade cria-se o gado de toda espécie. Cito apenas um exemplo. Um homem aqui chegado nos primeiros anos da fundação da colônia, sem fortuna, mas com uma família de onze filhos, à minha partida já podia dizer-se abastado, pois já possuía mais de duzentas vacas. Tocara-lhe um lote de terra de pasto, a qual não dá tanto trabalho para o preparo, com a derrubada da mata, mas também na plantação está longe de ser tão produtivo; por isso inteligentemente ele se dedicara só à criação de gado e com seu trabalho e economia, e ajudado pela sorte, em poucos anos adquirira considerável fortuna. Era da Renânia e com sua numerosa família vivia mal na pátria, e justamente o que lá lhe embaraçava a prosperidade aqui lhe veio a ser da maior utilidade, pois no primeiro ano ele recebia mensalmente o subsídio de mais de 50 piastras espanholas, visto como este era proporcional ao número de pessoas da família; desse dinheiro ele aplicou logo a maior parte na compra de gado e na plantação do indispensável à sua economia doméstica. Portanto, se um homem nessas circunstâncias se resolvia a

emigrar, nas condições em que então as coisas estavam, isso não lhe podia ser censurado; mas atualmente, que já há muito tempo subsídios raramente são pagos e talvez nem o sejam mais, ele correria o risco de morrer de fome, com toda a família.

Alguns colonos que tiveram mais ou menos sorte, como esse que acabo de mencionar, e que tinham podido reservar algum dinheiro, estabeleceram ultimamente moinhos e estes rendem cem por cento.

Do mesmo modo estabeleceu-se importante oficina de cantaria e os empreendedores deste negócio pareciam muitíssimo satisfeitos com a saída de sua mercadoria. Havia diversos curtumes, que prosperavam muito, pois que os couros eram comprados barato nas fazendas próximas e a sola era cara. Estavam em vias de se estabelecer alguns cervejeiros, que certamente aqui hão de fazer bons negócios, pois a cerveja que é importada da Inglaterra e de Hamburgo é horivelmente cara, por causa do transporte e dos impostos constantemente crescentes. Em resumo, quando se pisa a colônia de S. Leopoldo, acredita-se antes estar numa província do sul da Alemanha do que neste país, alhures tão incivilizado e inculto. A colônia já conta mais de 8.000 habitantes todos alemães, a maior parte dos quais pelo seu dialeto tão pronunciado se revela como naturais da chamada Suábia do Mosel. Além deles acham-se muitos meclemburgueses e alguns hanoverianos.

Como por um artigo especial da Constituição deve reinar inteira liberdade de religião no Brasil, se bem que a católica romana seja a predominante, os protestantes praticam sem estorvo seu culto religioso numa igreja construída pelo governo, e têm seu pastor próprio, ao qual o governo paga o ordenado anual de 400 piastras espanholas.⁸¹ Da mesma forma a colônia tem também um médico alemão pago pelo governo, que tem a obrigação de tratar, se não curar, a todo colono que reclame sua assistência.⁸²

Assim como me foi imensamente agradável à minha chegada à colônia ouvir de mil bocas, depois de muito tempo a língua de minha pátria, assim também fiquei penalizado ao observar que a geração mais nova estava em vias de desaprender inteiramente a língua materna e até entender-se num português estropeado. Na verdade não se pode desconhecer que é para eles da maior importância conhecerem cabalmente a

língua da terra, se quiserem ser alguma coisa mais do que simples colono; mas seria pelo menos dever dos pais cuidarem que por causa da língua estranha não fosse completamente esquecida a materna. É verdade que existem algumas escolas, mas na maior parte dirigidas por gente que não tem competência nem coração para esse relevante mister, e de cujos esforços nada de bom se pode esperar para o futuro, a menos que o governo venha a interessar-se, o que não se pode crer. O pastor, a quem em primeiro lugar caberia fazer representação a esse respeito e prevenir os pais, para que façam seus filhos freqüentar escola, infelizmente perdeu a confiança de seu rebanho, por causa de suas ações ilícitas e de sua conduta irregular; portanto, há pouco a esperar por este lado. São poucas as crianças que sabem ler e escrever, ao passo que, todo tempo que podem, vivem, ao jeito dos brasileiros, a cavalo e se exercitam em atirar o laço – corda feita de couro cru, com uma alça na ponta, corda destinada a apanhar gado.

Assim, infelizmente, é demasiado provável que ao cabo de 50 anos não se achará mais nestas regiões vestígio de que jamais isso tivesse sido uma próspera colônia constituída só de alemães; pois muitos dos colonos mais ricos começam a repatriar-se, ao passo que brasileiros se vão estabelecendo.

De modo que dentro de pouco tempo – por mais que me desagrade registrar aqui esta profecia – linguajar português e mentalidade escrava de portugueses expulsarão completamente a língua alemã, costumes alemães e religião alemã, e quando muito a tez mais clara, olhos azuis e cabelo louro serão o indício distintivo da origem gaulesa de uma gente, que então será de cidadãos católicos de uma República brasileira. E nenhum galo dará alarma, nem o gaulês também; quem autorizou os tolos a considerarem D. Pedro como a um *Petrus* [sic]?

Existem contudo, por pouco que eu aprecie a regra das exceções, algumas famílias alemãs em S. Leopoldo que, forçadas por circunstâncias adversas na pátria, abdicaram de ambicionar situação se não elevada pelo menos respeitada, felicidade se não grande pelo menos mediana, para virem fundar nova existência no Novo Mundo. Só estas pensaram mais no futuro que no presente, pois sacrificaram a este por aquele; só elas cuidaram na terra estranha, com amor maternal a severidade paternal, da educação de seus filhos sem pátria; só elas vigiam que

pelo menos em seu seio não pereça a mentalidade genuinamente alemã, com os acentos das vozes pátrias, que a flor da paixão do protestantismo não seja completamente sufocada pelas enredanças do jesuitismo. Tais famílias, que fizeram à própria custa a viagem de Hamburgo ao Rio de Janeiro, e logo à sua chegada depois de alistados como colonos declararam ao governo que desistiam dos subsídios com a condição de lhes ser dado em troca em vez de um lote uma área de quatro a cinco, que se comprometiam a cultivar, foram atendidas e assim se viram na posse de tratos de terra que talvez já em poucos anos valerão muitos milhares de piastras. Esta gente teve também a sabedoria de não deixar que estranhos percebessem o quase esgotamento de suas bolsas: ajudavam-se mutuamente, porque tudo empreendiam em grande estilo, tinham em toda parte crédito – o que aqui vale muito mais que dinheiro de contado. E assim puderam imperturbados alegrar-se da posse de suas terras dia a dia valorizadas, pois o Sr. Inspetor, como bom português, só levava sua dominação até onde lhe parecia prudente e era muito cortês, até humilde, para com todo aquele que possuísse alguma fortuna ou que soubesse parecer tal; mesmo porque ele sentia que uma queixa bem redigida e apoiada devidamente com dinheiro poderia chamá-lo à responsabilidade, até mesmo privá-lo do lucrativo cargo. Tais “personagens públicos” têm que ser incluídos aqui, onde vigoram uma história natural e uma antropologia todas diferentes, fabulosas, incompreensíveis, na categoria feliz dos gatos *felix* [sic] e *feliz* [sic] são mais que parentes; tigre, lince, fulano e sicrano, todos aí figuram; não esquecendo o velho “gato rosador”. Escondem as garras em luvas aveludadas, tecem, agradam, enxergam no escuro e chispam fagulha, arranham e babam tudo quanto contraria sua natureza de feras. Enfim, o nosso honrado inspetor *felix* ou *feliz* [sic] tinha bom olho, só ousava tyrannizar e escorchar os colonos mais pobres, que não possuíam bastante fortuna para lhe moverem processo que, consoante a imperial legislação brasileira, seria muito dispendioso.

Existem ao todo no Brasil quatro colônias alemãs e uma suíça, das quais a de S. Leopoldo é a mais importante em extensão e povoação.

Na fronteira das províncias S. Pedro do Sul e S. Catarina fica a segunda em importância, a cidadezinha de Torres; a terceira fica perto da cidade do Desterro, capital da província de S. Catarina; e a quarta em

Pernambuco. Esta última é a mais insignificante de todas, conta apenas cerca de 400 cabeças e por causa do clima demasiado quente é a mais imprópria à saúde dos nórdicos.⁸³

A colônia suíça, chamada Nova Friburgo, é a mais antiga de todas e é a única cujos fundadores chegaram ao Brasil trazendo algum dinheiro, pelo que se deveria esperar que fizessem os maiores progressos, o que entretanto não se verificou. A culpa talvez seja principalmente da terra má que tocou a esses colonos para cultivarem. É que o ministro da colonização, o muito citado Monsenhor Miranda, possuía em Cantagalo uma extensa propriedade, que já diversas vezes tinha querido vender, sem nunca encontrar comprador, por causa da esterilidade da terra, da qual não se lograva arrancar a mínima colheita. Nisso chamaram a atenção do governo para a utilidade que haveria de uma colônia que se fundasse perto do Rio de Janeiro, e ao mesmo tempo lembraram que aquela propriedade estava à venda. O Governo pagou o preço que lhe foi pedido⁸⁴ e batizou o lugar de Nova Friburgo, fez loteá-lo e o designou para colônia dos suíços, que assim tiveram que se afadigar com essa terra má, improdutiva, ao passo que por perto não faltam terras esplêndidas, disponíveis. Atualmente a colônia mal tem um terço da povoação com que foi fundada, pois todos aqueles que de alguma sorte puderam, assim que viram que estavam perdendo tempo e esforços, e antes que a bolsa ficasse inteiramente vazia, trataram de mudar seus penates para pontos sob melhores auspícios.

Destarte Nova Friburgo não tem significação alguma e talvez ao cabo de vinte anos nem mais exista. A esse tempo estarão os poucos suíços, que em sua tolice trocaram as *steppes* transatlânticas com seu esbraseante calor solar pelas magníficas pastagens com o rico ar alpestre de sua bela pátria, estarão mudos e quedos, de coração frio, no túmulo de areia que desde agora já envolve toda a sua rica esperança. Que conseguiu esta gente com seu grande sacrifício? com sua penosa peregrinação? Morte prematura, desesperada, cem vezes amargurada pelos tormentos do arrependimento e das saudades da pátria – dolorosa agonia, sem uma criatura amorosa a murmurar uma palavra de consolação e de resignação cristã, ouvindo, ao invés, unicamente berreiros de medo e de preces blasfemas em sons portugueses de uma raça de mulatos degenerados, no último segundo da existência, em que o moribundo ajusta contas

com a terra em vez de orar ao céu misericordioso. Será necessário transpor o oceano para alcançar semelhante fim? Infeliz pode-se ser em toda parte e a deusa da fortuna toca com seu fugidio calcanhar tanto a Europa como a América.

O nome de Nova Friburgo jamais sairá de minha memória, pois mais tarde aí passei dias bem felizes. Encontrei geralmente entre os colonos mais antigos aquele espírito intacto que outrora foi o orgulho de Helvécia; mas da mesma forma não pude desconhecer que a geração mais nova, pela cultura, pela cor e pelo coração, não mais merece o título de honra dos livres suíços. Para esclarecer este fato aduzirei aqui a história de um amigo, pela qual melhor se conhecerá da essência da vida dos colonos, nas suas diversas modalidades aventurosas.

Um dos homens que ainda haviam salvo um pouco de seus teres e haveres daquele naufrágio geral, tinha entrado para o serviço militar quando criaram os corpos de tropa estrangeira, e como já tivesse sido soldado na Suíça, chegou em pouco tempo a tenente no Brasil. Fui com ele destacado em 1827 para a fortaleza de Villegaignon, situada no porto do Rio de Janeiro, onde tivemos a incumbência de visitar os navios que partissem, como meio de serem impedidas as freqüentes deserções. E como em regra o vento terral sopra só até às dez da manhã e só com ele se pode sair da barra, ficávamos desocupados todo o resto do dia. Para matar o tédio andávamos a trepar pelos penhascos no alto dos quais fica a fortaleza e a apanhar ostras e a pescar. Mas as ostras também enjoam e a pescaria, a meu ver, com o tempo não é distração. Por isso procurei demover a falar e a gracejar, a princípio sem bom êxito, o meu colega que até então se conservava monossilábico e parece que desconfiado de mim. Finalmente, uma noite instei com ele para que me contasse a história da sua vida, ao que me olhou muito penetrantemente e vi que se operava nele grande alteração. Afinal falou: “Não posso compreender que o Sr. não saiba o que todo o Rio e toda a colônia sabem; mas também não posso admitir que o Sr. esteja a querer zombar de mim. Portanto escute. Aliás quase não valia a pena contar. Como milhares de outros, vim para o Brasil com algum dinheiro, para dedicar-me à agricultura, e para isso, depois de breve estada na capital logo fui para Nova Friburgo, onde me foi designada uma colônia. Eu tinha tido sorte,

a minha propriedade era extraordinariamente boa, a minha sementeira prosperava, meu pequeno rebanho crescia e minha existência parecia fundada. Mas faltava-me alguma coisa em casa, pois eu pensava, não sem razão, que um colono para sua prosperidade futura necessita imprescindivelmente de uma boa dona de casa, que lhe assista como anjo consolador com o seu amoroso estímulo, incansavelmente, e que cuide do bem da casa com as mil particularidades à mesma inerentes, que parecem insignificantes mas que se revestem da máxima importância e que aqui constituem a bela esfera de ação da mulher, enquanto o marido em trabalho mais pesado está fora de casa. Assim passei revista entre as minhas patricias, em busca do ambicionado objeto; podia escolher e firmei a escolha em uma menina bonita, jovem e pobre, que a meu ver poderia fazer-me infinitamente feliz. O meu pendor foi retribuído e em poucas semanas ofereci a mão à minha eleita e sem tardar a conduzi ao altar. A lua-de-mel, como de costume, decorreu célere e alegre. Mas, ah! essa excessiva felicidade pouco havia de durar; não tardou a desgraça, eu havia de perder tudo quanto ainda possuía – a minha fé na humanidade.

“Cerca de meio ano depois de meu casamento, quando uma tarde eu me recolhia à casa, rosto banhado em suor, encontrei um de meus vizinhos, jovem e forte, muito conhecido em toda Nova Friburgo pela sua beleza e leviandade. Ele já me prestara diversos serviços e meu coração desprevenido era atraído para ele. Acompanhou-me um pedaço de caminho, conversamos sobre as nossas esperanças, planos e receios, bem como a Suíça e o seu peito da Virgem, e do Brasil e seu insensato Imperador. Numa encruzilhada nos separamos; cordialmente dei-lhe a mão, como é uso entre nós; nisso me rosnou ao ouvido que às minhas costas não se falava bem de minha mulher, que a minha Emmy era amante de outro. Embатуquei, pensei em reter o outro, mas desaparecera atrás do milharal; chamei, mas ele não ouviu; como louco corri para casa – ia proceder a um horrível julgamento; mas minha mulherzinha sempre me recebera com ar tão amistoso e inocente, e esta tarde, justamente esta tarde, ela sufocou em mil beijos toda a minha dúvida, desconfiança, exprobação. Calei-me, porque estava feliz.”

“Estávamos casados há quase um ano quando nasceu um filhinho. Toda a vizinhança acudiu, a ver a criança; mas, como descreverei as sensações que me dilaceravam o peito diante de seus olhares de mofa,

que diziam: 'Tu não és o pail! A cornudagem é sempre a pior das ordens de cavalaria, pois só raramente se tem convicção certa de realmente pertencer-lhe. Os honrosos cornos são invisíveis, tal qual a auréola de glória de um santo católico. Naturalmente, eu não podia estar sereno; o mais furioso ciúme despertou em meu peito o resolvi ser de futuro mais atento, pedi com olhos de empréstimo ao Argos. Desde essa hora passei a levar sempre para o trabalho uma espingarda carregada, e perguntado pela mulher sobre o motivo respondi que era por causa das onças que estavam novamente aparecendo na vizinhança e acrescentei com espirituosa ambigüidade que minha bala não erraria qualquer animal de rapina que se atrevesse ao meu rebanho. Ela me acreditou, louvou a minha prudência e pareceu não dar mais atenção ao caso. A criança que eu não podia chamar de minha era de natureza legitimamente suíça: sadia, rubra, gorda e muito esperta.

“Minha mulher restabeleceu-se do parto, mas as semanas de resguardo duraram meses. Muitas vezes vinha-me aos lábios a confissão, quando à noite ela me perguntava amorosamente por que agora sempre eu tinha a fronte nublada, como no fim do outono o pico Finster; mas eu calava-me e sorria, pois a vida de Emmy estava em perigo. A minha amada restabeleceu-se e parece que lia meus desejos em meus olhares. Eu não podia, eu não devia falar.

“Nisso me procurou um outro vizinho e me jurou que os malditos amores haviam recomeçado. Redobrei de vigilância e, de fato, verifiquei diversas vezes que na sombra da noite pessoa estranha, com a maior precaução, rondava a casa, mas nunca entrava. Para atrair à armadilha astuciosamente montada a atrevida raposa, cuja branda pele eu tanto gostaria de preparar artificialmente para encobrir com esse disfarce os presumidos chifres, eu disse um dia à minha obediente mulher que pretendia fazer com alguns amigos uma caçada de porcos para a qual penetraríamos longe na mata e por isso provavelmente me seria impossível regressar para casa na noite seguinte. A princípio, com mil carícias ela procurou dissuadir-me desse projeto, mas como lhe assegurasse que não havia perigo, pois éramos muitos os caçadores, e todos bem armados, e ainda acrescentei que um porco apanhado seria proveitoso para nossa economia doméstica, passou a animar-me. Mas em vez de ir à caçada ocultei-me numas moitas próximas, de onde podia observar a casa. Aí

fiquei à espreita até cerca das quatro da tarde; eis que com o olho aguçado pelo ciúme, olho que nada ficava a dever ao de um natural do país, descobri de repente o mesmo vulto que já dantes me dera motivo de ciúme. O indivíduo rondou do mesmo jeito a minha casa, sem entrar; mas de súbito abriu-se a porta, saiu minha mulher e correu ao encontro do desconhecido e eu vi claramente que se deram as mãos, trocaram algumas palavras, por fim beijos, ao que então o miserável visitante desapareceu depressa e minha mulher correu para casa. Diante dessa cena eu tremi de raiva, desespero e desejo de vingança. A princípio pretendi surgir imediatamente do meu esconderijo e sair no encalço do biltre, que tão injuriosamente me desencaminhara meu maior bem. Mas logo refleti, o pressentimento me segredou que o comércio não havia de estar encerrado com aquele beijo. Era necessário que eu soubesse de tudo: Emmy tinha que ser meu anjo ou meu demônio. Meu propósito estava firmado: a ovelha transviada deveria expiar sanguinolentamente o pecado do lobo.

“Esperei pacientemente pela noite e como um ladrão noturno ou uma hiena faminta me esgueirei para perto da minha casa. Parecia que a noite se propusera a favorecer o miserável intento de minha mulher, pois já às oito horas estava escuro como asa de corvo, de modo que talvez minha mulher estivesse contente nos braços do amante, enquanto eu, como um pobre pecador, patrulhava a casa por fora. De repente um pequeno ruído me chamou a atenção, um ruído de metal, que destruiu minha última esperança. Como plantado no chão fiquei parado, convulsamente segurando a espingarda com ambas as mãos; força invisível parecia comprimir-me de tal maneira o peito que pensei de sufocar. Nesse momento despontou a lua sonolenta, com o seu véu de névoa transparente, qual profetizado cometa de Halley, sobre as figuras singularmente iluminadas das nuvens. Singrava como gôndola dourada em silenciosa volúpia no ‘oceano de celestial felicidade’. O quarto da Lua estava entre crescente e cheia; não sabia bem a quantas andava; trazia cornos, como eu.

“Diana nunca foi casta, sem o que teria sexo definido e não teria tantos nomes diferentes. Enfim, implorei à mártir do céu que me valesse na minha aflição. Nunca um poeta ou um lunático a implorou tão fervorosamente, nunca ela estivera tão cheia de maldade e travessura,

como hoje. Nesse estado d'alma semelhante à morte ouvi abrir a porta de minha casa e de igual modo cauteloso tornar a fechar-se. Decorreu bastante tempo antes que eu voltasse a mim e também de propósito quis deixar alguns minutos de jogo livre ao parzinho; mas depois aproximei-me cautelosamente da porta e tentei abri-la. Estava fechada. Experimentei em todas as janelas mas nenhuma podia abrir-se. O sangue precipitou-se da cabeça atordoada para os pés imobilizados; parecia-me que não havia tempo a perder para empregar violência. Meti o pé contra a fraca porta, que pensei cedesse instantaneamente, mas parecia que tudo nesta noite se conjurava contra mim e ela resistiu ao meu impotente furor. Depois de várias tentativas rapidamente consecutivas de abri-la com o pé, meti finalmente o ombro contra a porta com toda a força que neste momento me animava e com um estalo a má fechadura saltou; precipitei-me pela casa a dentro, ao dormitório de minha mulher. Também aqui a porta estava fechada, mas ao primeiro empurrão abriu-se. Para que hei de continuar a contar o que mais aconteceu nesta noite? Para que afastar o véu que oculta minha própria vergonha? A honra do homem será peteca nas mãos de uma mulher leviana? A mulher pertence ao sexo fraco, porque impunemente pode suplantar, enfraquecer e aviltar o sexo forte? Eu não podia ter mais dúvida.

“No momento em que penetrei no quarto fechado, alguém saltou pela janela. Corri e disparei a arma a esmo na escuridão. Tudo era confusão. Minha mulher quis aproveitar a ocasião propícia e fugir pela porta aberta, mas ainda a agarrei pelos cabelos desfeitos e sem contemplação nem compaixão a arrastei de novo para o quarto, onde o mais vergonhoso pecado me roubara o que eu tivera de mais sagrado. A lâmpada quase apagada, reavivou-se sob a minha mão trêmula e o estado em que se achavam as roupas de Emmy demonstravam claro demais o que aqui se passara. Minha destra procurou impaciente a faca de caça para vingar em sangue, se não defender, a minha honra tão grosseiramente ofendida; mas nesse momento a infeliz caiu desmaiada. Quando depois de uma hora ela recuperou os sentidos, eu estava mais calmo, minha cabeça tinha dominado meus sentidos e eu lhe ordenei que confessasse. Ela confessou que tivera amores com um jovem, seu velho conhecido, mas cujo nome não sabia, e jurava tenazmente que esse amor não passara de platônico. Eu bem sabia – o Sr. há de conceder-me

essa compreensão – que Platão já morrera há muitos anos e que o sistema de amor que lhe é imputado não se coaduna com a sua inteligente doutrina da revelação da vida. Em assuntos de fé sou capaz de fazer-me tirano, pois a minha existência é a minha religião e eu sustento cegamente o direito da vingança que Deus em sua longanimidade me conferiu. Assim é que o meu chicote bem pronto produziu uma outra confissão, mais fiel à verdade. Fiquei então sabendo que a minha Emmy já antes do nosso casamento alimentara amizade e relações com aquele homem odiado; como porém nenhum dos dois tivesse fortuna, não podiam pensar em casar-se, por isso Emmy só me aceitara por esposo para poder depois continuar mais livremente as suas referidas relações.

“Revoltava-me o haver sido assim miseravelmente enganado e confesso francamente que maltratei a miserável com palavras e atos, o que ela suportou com a maior resignação. Quando, porém, lhe declarei que promoveria o nosso divórcio legal, ela se atirou em pranto a meus pés e suplicou que fizesse dela o que quisesse, contanto que não a repudiasse, e jurava pelo Deus de nossos pais que se corrigiria. E fui bastante fraco para aturá-la ainda debaixo do meu teto, mas sob a condição de que dali em diante ela ficaria privada da liberdade e permanentemente reclusa em casa. Ela se conformava com tudo. Desde esse dia horrível ela se fez ainda mais amável e atenciosa para comigo do que dantes, de maneira que pouco a pouco um germe de compaixão se agitou em meu peito. Muitas vezes ela se queixava de sofrimentos físicos, não do tratamento que recebia. Considerando sincero o seu arrependimento e atribuindo seus males à privação do ar livre, passei a consentir que de vez em quando passeasse no jardim de nossa casa, em minha companhia. Sua gratidão por essa bondade parecia ilimitada e pensei haver reconquistado minha esposa perdida; acabei por lhe perdoar, por mais que me custasse a palavra de perdão.

“Pareceu-me injusto tratar como escrava a minha outrora tão amada Emmy, a senhora de minha casa; e tornei a conceder-lhe os direitos que como tal lhe competiam. Finalmente deixei-lhe novamente a chave da casa.

“Mas uma manhã ordenei à minha mulher que me mandasse a comida por um negro ao mato, pois me era necessário passar o dia inteiro lá. Extenuado pelo penoso trabalho regressei ao fim do dia para casa e

com espanto achei a porta fechada e todas as janelas trancadas. Quais medonhos espectros surgiram em minha mente as recordações dos últimos tempos. Tentei forçar a porta, porém baldados esforços, pois a nova fechadura era mais forte e melhor do que aquela que outrora eu arre-bentara tão facilmente. Por felicidade regressava de sua faina diária o meu escravo e logo o mandei à cata de um serralheiro, que morava a cerca de um quarto de légua. Depois de uma hora de penosa espera apareceu finalmente o homem e abriu a porta. Precipitei-me para dentro de casa, gritei por minha mulher, mas não se achava em parte alguma. Desesperado, corri para o meu dormitório – também aí estava fechada a porta. Fiz imediatamente abri-la e então deparei, oh! infame traição! o meu baú arrombado, parte das minhas roupas esparramadas pelo chão e meu pouco dinheiro roubado. Aquela mulher sem honra só fingira, pois, arrependimento para o fim de se apoderar do pouco dinheiro que eu possuía, sem estorvo, e depois fugir com seu amante e o filho. Amaldiçoei a miserável criatura, amaldiçoei o seu amante e a mim mesmo, eu que fora tão fraco, tão crédulo. Toda a humanidade com a sua legislação antinatural encheu-me subitamente de asco; tomei a resolução de me separar inteiramente dessa humanidade e de declinar de tudo que se chama civilização e cultura. Neste propósito ajuntei as minhas melhores coisas e as vendi por qualquer preço a meus vizinhos. Com o dinheiro assim apurado me provi de pólvora, chumbo e algumas plantas novas, as quais um dia vieram a valer-me extraordinariamente; tomei a minha espingarda e me embrenhei direto pela mata, a correr como perseguido por mil fúrias. Andados assim alguns dias, cheguei finalmente a uma clareira, cercada de pântano e de macega de uma vara de altura, sítio que me pareceu adequado para me estabelecer. Resolvi levantar ali um rancho e como um anacoreta esperar o fim da vida, que segundo eu então pensava não devia estar longe. Sem demora estava levantada pequena barraca, revestida de macega e musgo. Aqui eu não precisava temer os dois mais perigosos inimigos de quem assim se estabelece no Brasil: os índios e a fome. Aqueles não vinham a esta região, e contra a fome eu estava garantido pela imensa quantidade de caça que por aqui vagueia sem o menor temor aos homens. De noite escutava muitas vezes o medonho rugido dos tigres e não raro em minhas caçadas que às vezes me mantinham por dias afastado de minha choupana eu avistara a terrível *onça-preta* [sic],

que de trás da espessa folhagem me encarava com seus olhos torvos, venenosos, tanto que me vi forçado a cercar a minha morada com uma paliçada e largo fosso.

“A natureza ainda agora foi boa para mim. Pouco a pouco o meu pequeno sítio foi progredindo, as plantas que eu levava, notadamente o tabaco, cresceram otimamente, e também conseguira apanhar alguns porcos e patos selvagens, novos; em resumo, dentro de pouco tempo eu estava dono de uma casa. Só me afligia o fato de que no meu isolamento eu não podia obter sal. Assim passei três anos inteiros sem saudades do mundo. Eis que de repente um acaso veio destruir todas as minhas resoluções, os meus planos.

“Certa manhã eu saíra muito cedo de casa, para poder meter-me bem longe na mata, porque contava desta maneira fazer melhores presas do que nas vizinhanças do meu rancho, onde com os repetidos tiros a caça se tornara esquiva. Parecia que o dia me queria ser favorável; já andara até perto de meio-dia sem haver avistado nada que me parecesse merecer um tiro, quando de repente ouvi ruído perto. Depressa armei o gatilho e voltei-me para o lado de onde escutara o ruído, por onde devia vir a caça. Mas, como lhe descreverei o meu espanto quando vi sair da mata um ser humano em trajes europeus! Também ele pareceu espantado, mas logo avançou para mim e me dirigiu a palavra em português. Pelo sotaque logo notei que era francês e conquanto eu tivesse firmado o propósito de despedir-me para sempre do gênero humano, nesse momento não pude conter-me que lhe não respondesse na língua materna dele e minha. Então ele me assediou de perguntas sobre a maneira pela qual eu viera dar nestas brenhas e me contou que ao seu encalço vinha uma grande comitiva de caçadores e me solicitou que a todos conduzisse à minha morada. Vacilei um instante, mas o pendor pela vida em sociedade redespertara em mim à vista de um homem que eu considerava suíço-francês, quase meu patrício, e procurei em meu pensamento tudo quanto pudesse me desculpar uma ação contrária aos meus firmes propósitos. Por fim me ocorreu que estava quase esgotada a minha provisão de pólvora e isso me decidiu; prometi esperar pela comitiva. E não tardou que aparecesse fartamente carregada de caça. Em minha cabana preparou-se o jantar e ao clarão do fogo me incitaram a contar a minha história no que dizia respeito à minha presença naquele

sertão. Calei o que me pareceu conveniente calar, mas concluíram judiciosamente que só a melancolia poderia haver-me tängido para tal solidão, e instaram para que regressasse à colônia ou ao Rio de Janeiro. Depois de porfiada recusa acedi; e assim, depois de três anos de ausência cheguei novamente a Nova Friburgo, mais parecendo um bicho do que gente. Aqui acaba a minha narração, pois o resto o Sr. sabe.

“De minha mulher nunca mais se soubera; a minha colônia tinha ficado abandonada só a casa ainda estava perfeita. Tratei de vendê-la e com o dinheiro me refiz em gente, isto é, fiz derrubar a vasta barba e me enroupei. Depois emigrei para o Rio, onde, como o Sr. vê, recomecei minha vida militar e hoje em dia, graças a Deus, estou livre de toda preocupação, se bem que em certas horas torvas não esteja de todo curado de minha melancolia.”

Aí concluiu ele sua narração e tive ocasião de verificar quanto alivia a um coração infeliz a comunicação com um semelhante que lhe dê verdadeira, sincera compaixão. A partir desse dia ele mostrou-se cada vez mais conversador e desde então não mais nos faltou distração enquanto estivemos juntos em Villegaignon.

Antes de encerrar este capítulo, ainda observo que em geral as suíças na colônia de Nova Friburgo têm fama de imoralidade. Entre as moças encontram-se muitas caras bem bonitas, o que raramente se vê entre as brasileiras da província do Rio de Janeiro, razão por que também são muito requestadas. Mas a grande pobreza que reina na colônia de certo contribui não pouco para que aqui as mulheres não sejam castas e virtuosas e a geração mais nova, como já disse, infiel à sua origem suíça, tem nas veias sangue brasileiro de escravos.

NOTAS AO CAPÍTULO VII

77 Junta de Administração e Arrecadação da Fazenda Real.

78 Inexato. Os comandos anteriores e posteriores empenharam-se em luta aberta com os presidentes da província, mas Barbacena, talvez por que fora nomeado comandante-em-chefe, viveu em paz com esta alta autoridade. De velha data, os comandantes das armas ficavam subordinados aos presidentes de província.

Muitos recalcitaram, mas a decisão de 8 de abril de 1823 deu mais uma vez razão ao chefe civil, determinando ao comandante das armas da Província do Rio Grande do Sul que se considerasse submetido ao presidente daquele departamento. Quando se deu o movimento subversivo de Cisplatina, o Visconde de S. Leopoldo e o General Abreu já se tinham tornado inimigos rancorosos por questões de serviço.

- 79 A imigração alemã, pelo menos para S. Leopoldo, cessou mais ou menos em 1830.
- 80 Todo este elogio refere-se a José Tomás de Lima, nomeado por ato de 23 de julho de 1824, inspetor da Colônia Alemã de S. Leopoldo.
- 81 Os primeiros pastores protestantes de S. Leopoldo gozavam de uma cônica igual à dos sacerdotes católicos. Foram eles um tal Ehlers, contra o qual se levantaram graves acusações, e Carlos Leopoldo Vogel.
- 82 Já em 1824 era nomeado Carlos Godofredo von Ende, que como médico acompanhara a uma leva de colonos alemães, para prestar os seus serviços em S. Leopoldo. A este nome deve juntar-se o do Dr. João Daniel Hildebrand, natural de Hamburgo, que foi posteriormente diretor da colônia, a que prestou assinalados serviços, que lhe fizeram merecer o belo monumento existente no cemitério de S. Leopoldo.
- 83 N. do T. – Conforme se pode verificar, por exemplo, na *História do Brasil*, de Handelman (trad. do I.H.G.B., de 1930), as colônias que Seidler menciona foram fundadas: a de Nova Friburgo, em 1819; a de S. Leopoldo em 1824; a de Torres em 1825; a de Pernambuco (deve ser a de Catuca), em 1826 e não era de alemães; a de Desterro (aliás S. Pedro de Alcântara) em 1829.
Verifica-se também que até 1829, já existiam além dessas cinco mais nove colônias, a saber: na Bahia – Leopoldina, S. Jorge de Ilhéus, fundadas em 1818, e Stª Januária em 1828; no Espírito Santo – S. Agostinho, fundada em 1812; no Paraná – Rio Negro, em 1829; em S. Pedro do Sul – Três Forquilhas, fundada em 1825; em S. Catarina – Itajaí Grande, em 1829; em S. Paulo – S. Amaro e Itapeçerica, em 1829. Dessas todas só as de Stª Januária e S. Agostinho não eram de alemães.
- 84 O decreto de 6 de maio de 1818 manda comprar a “Monsenhor Almeida” a fazenda denominada de “Morro Queimado”, pagando-se 10:468\$800Rs. ao proprietário, mais 1:455\$400Rs. aos seus credores, preço realmente elevado para o tempo. Monsenhor Miranda, então chanceler-mor do Reino, foi por decreto da mesma data nomeado inspetor do estabelecimento.

.....

Capítulo VIII

SOBRE OS ABORÍGINES DO BRASIL EM GERAL

– A VIDA LIVRE NA MATA VIRGEM

– A CAÇADA AOS ÍNDIOS E A CATEQUESE – OS BOTOCUDOS

– OS PURIS – OS COROADOS

– OS PATAXÓS – OS GUAICURUS E OS GUARANIS

– OS PATAGÔNIOS E SUAS RELAÇÕES COM BUENOS AIRES

Antigamente a colônia de S. Leopoldo era com grande freqüência atacada pelos índios, que às vezes dia claro surgiam de suas matas virgens, e com suas devastações, pilhagem e morticínios traziam os colonos, quase indefesos, sob o terror e o medo. Nus, como Adão no Paraíso antes do pecado original, armados só de arco e flecha, quando muito ainda munidos de um formidável porrete da raiz nodosa do *pau-ferro* [sí], esquisitamente enfeitados de multicores penas de papagaio e de avestruz, de topetes de macaco e de conchas, paradeiam esses orgulhosos filhos da selva com a vaidade de sua força, e branco nenhum que lhes caía às mãos está por um minuto seguro de ficar com vida.

Em toda parte onde aparecem são caça perseguida: também o leão tem nobreza de sentimentos quando nobremente tratado. O índio é o filho predileto da natureza, é forte de corpo, de consciência e de senti-

mento religioso ele procede de acordo com os ditames de seu coração, pois desconhece os de um senhor. Honra, amor filial, instinto de conservação, humildade diante do poder mais alto que desconhece – tais são seus deveres, estes são seus deuses. Para que, então, esse sistema anticristão de catequese que visa fazer escravos de homens puros, com a mais vergonhosa política, segundo a velha moral jesuítica de que “o fim justifica os meios”? Por que misturar interesses do estado com religião? Mormente aqui, onde jesuítas são pregadores e missionários são soldados, onde a palavra da fé é anunciada a baioneta, pólvora, chumbo e bala. Acreditai que é péssimo o pozinho⁸⁵ para o doente, o mais paciente dos pacientes, quando o médico assistente ao ministrá-lo acrescenta: “Crê ou morre!” Os índios não querem ser cristãos e, em tais circunstâncias, quem pode levar-lhes isso a mal! Perseguem-nos, acuam-nos, torturam-nos até a morte; o que deve civilizá-los, convertê-los, torna-se desespero, vingança.

Querem que eles amem ao cristianismo e fazem que o odeiem – querem que honrem aos brancos, imprudentes, por isso os perseguem.⁸⁶ O mais puro cristão enxerga nisso somente as conseqüências necessárias de um sistema de civilização compulsória. Há uma só religião, mas muitas seitas. O próprio cristianismo ensina que a mais pura seita religiosa só pode ser fundada com íntima consciência, espontânea abnegação; perseguição e martírio. Que importa aos jesuítas a conversão de pagãos? Dar-se-á que o cristianismo seja uma Torre de Babel, que todos os anos tenha que ser discriçãoariamente reconstruída por pedreiros livres em corporação?

Os índios não podem compreender isso, que ultrapassa seus horizontes. Seu céu é o seu Deus, que premia e pune; a mata virgem é sua consciência, pois ela sabe tudo que seus antepassados fizeram e pensaram; a tempestade é seu senhor, pois ela quebra o caníço como a árvore do pau-ferro; o sol é seu rei, pois dá luz e sombra ao justo e ao injusto. Também eu louvo semelhante mitologia – que não gela o coração, não embota os sentidos, não sufoca a compaixão. Na verdade há alguns exemplos de “filhos desta raça selvagem” que não matam europeus, mas os reduzem à escravidão; mas casos semelhantes são raros e em geral esses brancos eram movidos pela curiosidade e o interesse pessoal, não pelo sentimento da piedade humana e da abnegação cristã. Costumam

acontecer tais cenas de perdão quando diversas pequenas tribos se acham em guerra e pretendem de várias formas utilizar em proveito próprio a muito gabada tática de algum prisioneiro europeu.

Basta um exemplo. Um alemão, ao qual não mais agradava a vida na colônia, procurou uma dessas tribos índias assoladas pela guerra e se lhe juntou espontaneamente, e foi até muito bem recebido, depois da declaração solene de que pretendia permanecer entre eles o resto da vida; foi até eleito rei. Doloroso reino, realmente. Em breve arrependeu-se de sua resolução, pois que não podia comer senão carne meio crua de caça ou de cavalo, nem beber senão água das fontes e tinha que andar incessantemente a vagar pela mata cheia de espinhos, por meio de cuja folhagem densa não passa raio solar. Por isso resolveu consigo firmemente que na primeira oportunidade escaparia de seus novos irmãos para retornar ao seio dos civilizados. Mas isso não era fácil de realizar, pois os índios que provavelmente haviam notado pelo seu aborrecimento e tristeza crescentes, que não estaria mais contente no meio deles, o observavam de olho vivo dia e noite, conquanto não deixassem de mostrar a mais severa obediência a todas as suas ordens. Somente passados anos, depois de havê-los convencido a se aproximarem de propriedades dos alemães, para levarem a efeito um assalto, conseguiu ele escapar-se com risco de vida. Este rei de uma tribo índia se fez operário na colônia de S. Leopoldo, perdida toda a ambição por um trono que impunha a abdicação de todas as comodidades.

Os índios sempre despertaram o maior interesse na Europa, de modo que parece oportuno aqui narrar sucintamente o que a este respeito aprendi como testemunha ocular, ou contado por pessoas fidedignas. Os índios das províncias meridionais do Brasil são genericamente chamados *bugres* [*sic*], se bem que de ascendência vária. Toda a compleição desses puros filhos da natureza atesta seu grande vigor físico. Não são homens grandes, mas são maçudos e seus musculosos braços têm extraordinária dureza. Não menos notável é a sua perícia de atiradores. Um índio prisioneiro a quem em minha presença pediram que desse uma mostra de sua tão gabada perícia nessa matéria, tomou logo uma laranja e a colocou a cinco passos de distância do chão. Em seguida, retesou o arco com tão gigantesca energia que seus dois extremos quase se tocavam e disparou a flecha tão alta ao ar que pareceu escapar à vista.

Esta flecha depois de subir algum tempo, lentamente voltou-se e com a velocidade acelerada à proporção que descia penetrou no chão atravessada a laranja pelo meio. E repetiu essa façanha diversas vezes consecutivas, sem que uma única vez errasse o alvo. É hábito deles nunca atirarem diretamente, mas em curva, porque as flechas muito leves, atiradas na horizontal muito depressa se inclinam para o chão. O mesmo índio prisioneiro acertou a vinte passos num pedacinho de papel, do tamanho de uma noz, que se havia colado num pau muito duro, e, se bem que fosse apenas de osso a ponta da flecha, esta penetrou mais de polegada e meia.

O arco é geralmente muito simples e consiste de uma vara muito forte, arqueada por uma corda de um dedo de grossura. As flechas em geral têm mais de cinco pés de comprimento e, em falta do ferro, são providas de pontas de osso ou de pau. Só algumas vezes esses filhos da selva logram apoderar-se, de qualquer forma, de alguma fechadura velha ou de outro pedaço de ferro, que então consideram como grande tesouro e guardam. Aguçam-no cuidadosamente dos dois lados e lhe fazem ponta e o fixam à flecha. Mas esses projéteis armados de ferro são guardados como sagrados e só os empregam contra homens ou contra o tigre; toda outra caça é abatida com a flecha comum que, embora provida apenas de ponta de osso ou de pau, tem tamanha força que mesmo um porco crescido é por ela atravessado a ponto de aparecer a metade da flecha do outro lado.

E as flechas para abater pássaros têm em vez da ponta aguda um botão; pois ainda assim a flecha tem força bastante para abater as aves, mesmo as maiores, se não matando-as instantaneamente ao menos atordoando-as por certo tempo.

As flechas são sempre extremamente leves, de uma cana que chamam *taquara* [sic], são artisticamente enfeitadas e nos extremos enroladas de fibras vermelhas. A ordem das penas que lhes aplicam é meticulosamente observada e os índios sabem alterná-las de tal maneira que o conjunto apresenta uma coloração bonita. Fixam primeiro as penas mais escuras, e assim gradualmente vão aplicando as outras cores até acabar no branco. Os meninos ainda não bastante fortes para manejarem o arco paterno brincam com arcos menores, de duas cordas, com os quais atiram bolas de barro contra os pássaros. Apesar da imperfeição desse

projétil, eles adquirem tal perícia que raramente erram contra as andorinhas em voo.

Tão extraordinária quanto a força corporal e a destreza no tiro é a rapidez desses homens. Nascidos e criados na mata, correm nessas espessuras entrançadas de espinhos, com uma rapidez que raia pelo incrível. Quem não estiver habituado a andar na mata, mal pode dar um passo que não deixe pedaços da roupa ou da pele, e esses homens nus correm sem jamais se ferirem, com maior destreza e rapidez do que um europeu em campo livre.

Vivem sempre a vaguear e em geral ficam a céu aberto; só quando algum sítio muito lhes agrada, resolvem construir pequenos ranchos de macega ou caniço, mas também os abandonam logo que notam rarear a caça por causa da constante perseguição ali, ou quando resolvem um assalto e pilhagem a alguma colônia à beira-mata. Os homens só cuidam de caça e guerra; todos os demais trabalhos, entre outros carregar os filhos, são tarefa das mulheres. Mesmo quando estas pobres criaturas têm dois, três ou mais filhos, que por pequenos ainda são incapazes de acompanhar as longas caminhadas, a elas compete providenciar para que as crianças acompanhem.

A mulher toma então o mais novo ao colo e amarra os demais com uma embira às costas e com essa carga acompanha alegre e lépida a comitiva, que em regra faz etapas diárias muito fortes. Além das crianças, às vezes as mulheres ainda têm que carregar um saco tecido de fibra, que leva os víveres mais necessários, bem como um vaso com água, preparado de *taquaruçu* [sic].

O homem vai escoteiro na frente e nada mais carrega que não seu arco, suas flechas e talvez o seu tacape, a que já me referi. Se nessas marchas chega o momento de alguma mulher dar à luz, todo o bando pára por algum tempo e acampa em silêncio nas proximidades; só algumas amigas ficam com a parturiente e lhe prestam o possível auxílio; logo, porém, que estas anunciam ao chefe que o ato principal daquele drama da reprodução está consumado, a mãe é obrigada a acompanhar com o recém-nascido a continuação da marcha. Entretanto quase nunca acontece que uma índia tenha qualquer doença séria em consequência de um parto nessas condições.

Os cuidados da cozinha, que aliás não dão muito trabalho, são exclusivamente do dever e obrigação das mulheres. O único utensílio da cozinha é uma vara com ponta, que faz as vezes de espeto, na qual sem mais preparo é enfiada a caça para assar por alguns minutos ao fogo e em seguida ser despedaçada a dente e deglutida de maneira verdadeiramente bestial.

O costume canibalesco da antropofagia, tão falado, horrível e fabuloso, quase que só se encontra entre os botocudos e os puris, nas províncias setentrionais do Brasil; verdade é que os índios das províncias meridionais matam todo branco que lhes caia às mãos, mas isso só por causa das bárbaras perseguições a que por sua vez são expostos por parte dos antropófagos cristãos, de nenhum modo porque tenham pecaminosa gula pela carne deles. A vingança e defesa da própria vida em toda parte conduzem ao morticínio; e por que há de um pagão ser menos sujeito à paixão do que um discípulo de Cristo, o humilde salvador?

Já os primeiros portugueses que aportaram às costas brasileiras maltrataram de maneira horrível os aborígenes, por cobiça e insaciada fome de ouro; obrigaram-nos pelas mais detestáveis crueldades, que praticavam sem cessar e sem contemplação, a abandonar as plagas em que viviam e a se internarem profundamente na mata ainda não profanada pela sua falsa cultura pretensiosa. Esse procedimento vergonhoso propagou-se aos nossos dias e ainda não faz muito que se acuavam com cães os indígenas pseudofanáticos, e todo aborígene que se pudesse apanhar era sacrificado sem perdão. Acontece que por natureza os índios são vingativos, nunca esquecem os maus-tratos e espoliações que sem culpa seus pais tiveram que padecer. Sua religião é mitologia, sua fé, que a natureza e a tradição lhe põem no coração é a superstição – e se nisso está algum *ms*, essa apófise, de onde pende como uma conquistada cauda de macaco o seu irreprimível sentimento de liberdade, nunca se deixa arrancar do altar sagrado. Quem pode levar-lhes a mal que aproveitem toda ocasião para imporem expiação pelo sangue derramado de seus pais, para reconquistarem a liberdade perdida?

Se bem que de muito se tenha tornado absolutamente impossível que jamais os índios recuperem as terras que lhes têm sido tomadas, contudo ainda muitas centenas de vítimas de um lado e de outro como

hão de confirmar com seu último alento, arrancado pela vingança, o velho mote do despotismo.

Mesmo a maneira por que ainda hoje no império do Brasil se procede para com os índios é bastante cruel e desumana. Logo que se mostram nas vizinhanças da colônia alguns dos perseguidores aborígenes, tomam-se todas as medidas para apanhá-los pela força e pela astúcia, para matá-los ou aprisioná-los. As milícias estacionadas nas vizinhanças, na maior parte de naturais da província de S. Pedro do Sul, portanto bons conhecedores do terreno, são logo solicitadas a efetuar a perseguição dos infelizes com ajuda dos colonos que voluntariamente quiserem juntar-se-lhes. E então, um magote de 50, 100, 200 ou 300 homens armados de espingardas, espadas, pistolas, foices e paus no maior silêncio e com cuidado seguem o rastro, que irrefletidamente os índios deixam em sua correria irregular, seja nos galhos quebrados, seja nos cinzeiros visíveis dos sítios onde preparam a carne que comeram. Logo que o sol se deita, em regra os índios dão por terminada a sua jornada de marcha e então acendem uma fogueira, em torno da qual pousam em círculo, fazem a sua refeição e sua prece. Desde que os perseguidores brancos de longe descubrem semelhante fogo, subdividem-se em diversos grupos e ao abrigo da noite cercam silenciosamente o acampamento, e vão cada vez mais apertando o cerco. Mas isso deve ser efetuado muito cautelosamente e sem causar o menor rumor, e até é necessário que a aproximação não se faça do lado de onde o vento sopra para o acampamento, pois do contrário os índios imediatamente farejam o inimigo. Igualmente em tais expedições é absolutamente proibido fumar tabaco, sob pena de se denunciar incontinenti a perseguição, pois o olfato não estragado desses filhos da natureza sentiria a aproximação do adversário. Assim, na escuridão da noite os ardilosos europeus vão apertando o cerco em torno dos descuidosos que repousam, e a pequena distância do acampamento aguardam o romper do dia. Pouco antes do nascer do sol, os índios reacendem a fogueira meio extinta, e se preparam para sua prece, como na véspera. É este o momento para o sinal da matança. Os brancos saltam de seus esconderijos e centenas de balas de espingarda ferem os surpreendidos índios, não importa que atinjam mulheres ou crianças, adultos ou anciãos. Como quando o gavião cai no meio das pombas, os pobres perseguidos em mudo horror disparam em todas as

direções para tratar de se esconder na espessura da mata. Na surpresa deixam seus arcos e flechas e desarmados atiram-se ao encontro de seus perseguidores, que então os assassinam sem dó nem piedade.

Só aqueles que aos primeiros tiros, sem tentar fugir, logo se estendem no chão e assim se declaram prisioneiros, têm esperança de escapar ao morticínio. Antigamente nem estes eram poupados e tinham que seguir a sina de seus irmãos; mas hoje finalmente se reconheceu que, apesar de muito derramamento de sangue, seria de todo impossível extinguir inteiramente os índios e por isso usam armas mais humanas, mas muito mais perigosas para a liberdade dos índios. Assim é que os prisioneiros, que se entregaram sem qualquer resistência, em vez de serem mortos como antigamente, são levados para a cidade mais próxima, onde primeiramente ficam reclusos em uma casa, sob severa vigilância. Aqui são excepcionalmente bem tratados e gradualmente habituados ao uso do álcool e do tabaco.

A aguardente, feita da cana-de-açúcar e que tem sabor adocicado, eles imediatamente a tomam com prazer, e também em poucos dias aprendem a fumar, e sem tardar ficam apaixonados pelos dois vícios.

É singular que duas coisas tão contrárias à natureza humana tão depressa debilitem e subjuguem os robustos filhos da selva.

Alguma coisa de fascinante deve existir na ebriedade e na tontura. Verdadeiramente me admira que essas sociedades missionárias muitas vezes socorridas de dinheiro republicano, não entrem em colisão com os clubes anglo-norte-americanos “de temperança”.

Uma vez que os deslumbrados estejam no ponto desejado, pouco a pouco amplia-se a liberdade que se vai concedendo, mas ao mesmo tempo dá-se-lhes de beber e de fumar quanto queiram e por fim se permite que andem em inteira liberdade. Os efeitos da aguardente manifestam-se com impressionante violência nessa gente.

Tal índio, que ainda há poucas semanas era sedento do sangue de todos os brancos, agora passeia calmo pelas ruas, boquiaberto diante das desconhecidas belezas que se avistam nas casas, à direita e à esquerda, sem ofender a ninguém, e em tão espantada humildade que logo se retrai tímido assim que qualquer criança lhe cruze o caminho. Acabam por lhe restituir também o arco e as flechas, pois nada mais dele se

teme. Depois de muito tempo, um dia finalmente desperta em seu peito violenta ânsia de liberdade e de independência e como não sofre nenhum constrangimento, ele se aproveita da primeira oportunidade para escapar e, se possível, reunir-se à sua tribo. Era isso o que se queria; pois muito se espera do efeito curativo dessa fuga. Por algum tempo o fugido, sob a alegria de seus companheiros, regozija-se de haver escapado à escravidão; a alegria do rever, a incessante narração de tantas aventuras, as sombras da mata virgem, os prazeres da caça, as carícias da mulher feliz, tudo o inebria, o entusiasmo de momento. Mas em breve recorda-se das coisas deliciosas de que gozava no cativo e a paixão subitamente despertada vence o amor pela liberdade.

Passa a gabar a seus companheiros o sabor agradável e os efeitos, a seu ver ainda mais agradáveis, do álcool; louva o gosto do tabaco e a bondade com que os brancos o trataram, logo que se portou sossegado e pacífico – e pela empolgante descrição desses bens perdidos desperta em todo o bando um desejo veemente, a que não escapa o mais selvagem, e que em breve os leva a tentarem alguma vez de se aproximarem desses felizes brancos e de suas habitações.

Assim, pois, um dia cautelosa e timidamente saem de suas matas e mandam adiante, como enviado plenipotenciário, o contador de fábulas, que já fora prisioneiro e que pelo bom tratamento recebido na cidade tem o medo diminuído; leva por missão trazer-lhes do mais próximo “sítio de água de fogo” um pouco da bebida tão gabada, infernal na idéia dos pagãos. E não precisa pedir muito, logo lhe dão diversas garrafas, com as quais volta ao encontro de seus companheiros, e depois de haver ele mesmo provado um valente trago lhes dá uma prova com as mais rasgadas mostras de alegria. A princípio, apenas bebericam, mas apenas tomaram certo gosto desse “fogo líquido” passam a beber com insaciável sofreguidão. Em pouco estão vazias as poucas garrafas e vai novo emissário em busca de nova provisão. Ainda desta vez recebem de bom grado o que pedem, e até um pouco de tabaco; mas ao mesmo tempo se lhes dá a entender que precisam trazer em troca alguma coisa, como seja, cera, pele de onça, e que nessas condições poderão a todo tempo receber a sua apreciada bebida quanto queiram, pois essa era a vontade de Cristo, Deus dos brancos.

Realmente, belo sistema de conversão! Então Cristo é um Baco, que com Silenes e Faunos faz expedições triunfais à “escuridão egípcia?” Pode o cristianismo servir de capa aos vícios da política? Ultrafelizes em sua ebriedade, os índios atraídos permanecem no lugar enquanto forem providos com os dois artigos de seu desvario, muitas vezes sem se alimentarem durante dois e três dias; quando, porém, o jejum alimentar lhes restitui a razão vêm e sentem claramente que só obterão novas provisões mediante vantajosa troca de artigos e da fé, e então se recolhem às matas, em busca do necessário. Depois de algum tempo retornam, carregados de caça e aves de toda espécie, a oferecer troca. Por algumas garrafas da pior aguardente entregam de bom grado quanto trazem e acampam ainda mais perto da cidade, até que tenham consumido suas provisões. Ficam assim entabuladas as primeiras preliminares de relações comerciais regulares e a partir desse momento os índios ficam cada vez mais mansos.

Pouco a pouco a paixão da bebida neles cresce; eles vêm mais freqüentemente, trazem cada vez mais coisas, e afinal se atrevem a andar nas ruas pelas cidades e aldeias a oferecer permutas. Feito o negócio retraem-se sob o céu livre, azul, luminoso, sob as abóbadas do trono do “ser invisível”, assentam-se em círculo e bebem até que todos, homens e mulheres, caem inconscientes. Se nas proximidades desse acampamento existe algum vale ou cova, até a sua beira se arrastam de quatro, deixam pender a cabeça e nessa posição permanecem durante horas, até que voltam a si. Como porém as poucas garrafas de álcool que obtiveram pelos seus artigos, e que eram tão manhosamente preparadas e misturadas de aguardente ordinária, desta maneira logo se esgotaram, pois que a sua sofreguidão bestial, instigada pelo desconhecido uso do artigo de religioso contrabando pede sempre mais e mais, vendidas todas as peles, a caça e o mel que haviam trazido, passam a vender também seus arcos e flechas.

Sua paixão pela bebida vai até o ponto de, vendido tudo quanto podiam vender, oferecerem suas mulheres e filhas; e pessoalmente as levam ao primeiro que as queira e que lhe ofereça uma garrafa de álcool. É essa a catequese cristã dos pagãos no civilizado império brasileiro. Por que D. Pedro fez-se aclamar imperador e não sultão? Pois se ele ama as mulheres e o vinho gozados clandestinamente assim como

o absolutismo, a corporificação católica de um dalai-lama, naturalmente representado em sua pessoa.

Assim, esses homens que não puderam ser humilhados pela violência e a crueldade, foram dominados e subjugados pelas suas próprias paixões. Os índios que se mostram nos arredores da colônia de S. Leopoldo tinham antigamente muito medo às armas de fogo, mas isso diminuiu muito ultimamente, depois que verificaram que a espingarda não podia, como dantes julgavam, qual o raio de Deus, sem carga, atirar ininterruptamente, mas carecia de ser novamente carregada depois de cada tiro. De maneira que afoitamente avançavam sobre o inimigo que tivesse acabado de fazer fogo e com uma leve pancada de seu tacape faziam facilmente do fraco crânio de um europeu um verdadeiro *momento mori* [sic], razão por que depois os brancos amantes da caça tomaram por preceito, estando vários índios reunidos, não atirar, mas apenas, isto é, simplesmente apontando a espingarda mantê-los a conveniente distância. Recentemente, com as novas armas de dois canos e o sistema de percussão, os índios estão de novo atônitos em seu *culto da cultura* [sic] e como vêem claramente que os “homens de fogo sem cor” às vezes sem tornar a carregar podem atirar mais de uma vez com a mesma arma, eles evitam, tanto quanto há vinte anos atrás, de se aproximar demais da perigosa arma, o “roubado tacape trovejante”. Mas também, só a arma de fogo pode mantê-los em respeito quando irritados para a vingança sangrenta; espada, facão, baioneta, porrete não os impressionam. Armados com o seu porrete de pau-ferro, sempre atacarão a todo aquele que se atrever a enfrentá-los com tais armas silenciosas, pois sentem a plena consciência de sua superioridade de força e experimentada perícia. Não temem o ferro, que pela sua crença é o fetiche dos cristãos, ao passo que a explosão da pólvora é a voz mortífera do espírito da mata. Seu coração lhes diz que só o invisível é de temer e de evitar. Para provar como é fundada essa afirmação, mencionarei aqui um único fato ocorrido poucos dias antes de minha chegada à colônia, fato geralmente lembrado por meses com medo e horror.

Três colonos alemães, um dos quais acompanhado de sua mulher, uma interessante renana, ocupavam-se uma tarde, munidos de machados, enxadas, pás e outras ferramentas necessárias, a fazer as primeiras plantações num pedaço de terra, já roçado, com o suor de seu

rosto, quando de repente sai da mata, completamente nu, um índio isolado, sem arco nem flecha, apenas com o seu forte tacape, com a ponta muito aguda armada de um pedaço de ferro, a caminhar mudo e sorridente para o grupo, qual herói autômato de um teatro de títeres. Ao primeiro susto todos fogem trêmulos para a cabana próxima, mas percebendo que o índio, embora possante, estava só e mal armado, atrevem-se a sair do seu refúgio, com espadas e machados, avançam sobre o intrépido índio e o intimam diversas vezes a entregar-se espontaneamente. Este, porém, que desde o começo, sem perseguir os colonos tinha-se conservado quieto no campo, e que talvez tivesse sido impelido mais por curiosidade que por vontade de matar, põe-se em defesa, girando ameaçadoramente como um brinquedo o seu tacape aos molinetes por cima da cabeça. Essa manobra entretanto não demove de seu louco intento os adversários que cegamente se fiam no número muito superior, procuram cada vez mais aproximar-se do índio, para cercá-lo, se possível. Mal o filho da mata percebe que lhe querem cortar a retirada, repentinamente arremessa com extrema violência o seu porrete contra o mais próximo, o qual atingido tão certa e violentamente, tomba instantaneamente morto, de peito esmagado. Os outros colonos vendo então o índio completamente desarmado, correm sobre ele para vingar com sangue a morte de seu patrício; mas o índio rapidamente foge e simula que vai meter-se na mata, e de repente volta-se e com um hábil salto se apodera de novo do seu tacape e com este incontinenti abate da mesma maneira o segundo adversário. Agora o terceiro colono procura a salvação na fuga, mas o índio em poucos segundos o alcança, o derruba com o punho e o mata em lento tormento. Durante esse tempo, a mulher cujo marido fora o primeiro a ser morto, com o seu berreiro de susto conseguiu chamar socorro que, porém, só aparece quando o índio já a tem agarrado pelos cabelos e está a pique de matá-la com um largo golpe dirigido contra o peito. Como os que acudiram trazem armas de fogo, o índio depois de lhe ter causado diversas feridas larga a infeliz, precipita-se para o arvoredado próximo e desaparece com incompreensível rapidez na espessura da mata. Só à custa dos maiores esforços, chamado o médico, este conseguiu reanimar a mulher desmaiada, e esta cena medonha até hoje serve de advertência aos colonos para que nunca se dirijam às proximidades da mata sem levar arma de fogo. Se um só dos

três homens, tão horivelmente sacrificados, tivesse consigo, em vez dos facões e machados, uma espingarda mesmo descarregada, certamente o índio não teria reagido e nunca mais teria aparecido na região, ao passo que agora é de rezear que, talvez animado pela façanha impune, qualquer dia volte com um bando de seus companheiros a praticar as mais terríveis devastações na colônia.

É verdade que atualmente os índios induzidos pelas perseguições a que constantemente estavam expostos se afastaram da vizinhança da colônia e se retraíram mais dentro da mata; mas do exemplo mencionado decorre que é a maior imprudência que colonos, como freqüentemente acontece, se atrevam léguas mata adentro para cuidarem de suas terras, sem estarem devidamente garantidos contra possível assalto pelos índios.

Para dar maior luz sobre o êxito dessa inconscienciosa conversão dos índios, menciono um outro exemplo. Entre os aborígenes capturados, que freqüentemente eram levados a Porto Alegre, achava-se duma feita um chefe, que caçadores bem armados haviam poupado e toda a sua tribo, aprisionando ao todo dezoito pessoas, mulheres e crianças inclusive, escapos à sanha sanguinária desses brancos. Em breve se descobriu que ele falava algumas palavras de português, pelo que se suspeitou que já antes houvesse sido prisioneiro de brancos e a respeito o interrogaram.

Seu olhar assustado, imóvel, voltou-se imediatamente para o chão, parecendo arrependido de se haver denunciado pelas poucas palavras que levanamente pronunciara na língua estranha.

Tanto mais insistiram para que dissesse a verdade, pois queriam certificar-se se os meios sempre tão eficazes contra a selvageria dos índios desta vez haviam falhado. Depois de garantirem que nenhum mal lhe sucederia, pelo que podia confiadamente contar a verdade, resolveu-se ele a confessar que de fato já estivera preso em Porto Alegre, numa casa grande, onde lhe davam cigarros de papel e *anduaça* [sic] quanto quisesse, mas que ele sobrepunha a liberdade a esse gozo proporcionado pelos estrangeiros, e havendo muito bem conhecido e perscrutado as intenções dos brancos, que só por astúcia o tratavam tão bem – havendo mesmo percebido que, se procediam com bondade para com os índios, era só para depois melhor os subjugarem – e também lembrando-se muito

bem das crueldades que seus companheiros padeceram por ocasião da captura dele, ele decidira reconquistar a qualquer preço a liberdade que perdera e se possível vingar multiplicando por mil o sangue de seus irmãos derramado pelos brancos. E, para concluir, ainda declarou que também desta vez, sem embargo do bom trato que lhe dispensavam, quase como a um rei, ele trataria de na primeira oportunidade regressar à sua selva, ainda que abdicando de sua dignidade tivesse que se juntar a outra tribo, até mesmo se nunca mais tivesse que rever os seus. Um índio que dá uma resposta tão firme e tão judiciosa, é um constante perigo grave para a civilização do Brasil, e por isso acharam prudente pôr incontinenti o indomável orador em lugar seguro; seus companheiros, menos teimosos, depois de competentemente ensinados a beber e a fumar, tiveram, dentro em pouco a liberdade.

Se bem que em muitos sentidos todas as diferentes tribos de índios do Brasil se assemelhem, contudo se distinguem pela língua e pelos costumes, bem como, ainda, pela sua compleição física. Assim, os das províncias meridionais são muito fortes e mais feitos de corpo do que os das províncias setentrionais, como não deformam suas brônzeas figuras com as loucas pinturas *a fresco* [sic], tem uso entre os botocudos e os puris.

As tribos mais conhecidas e mais numerosas dos aborígenes do Brasil são as dos aimorés, hoje chamados botocudos, dos puris, pataxós, coroados, camacuas, coropós, caiapós, tamoios, cumanchos, maxacaris, xavantes, camecrãs, xerentes, guaicurus e guaranis.

Destes últimos, que vivem à margem do Paraguai e são muito bons cavaleiros, havia um Regimento inteiro de cavalaria⁸⁷ no nosso exército, armados de lanças e espadas, o qual durante a campanha nos prestou excelentes serviços. Verdade é que sua coragem era tão pouco edificante quanto sua disciplina, mas se distinguiam pela sua rapidez e habilidade quando se tratava de tomar ao inimigo alguma tropa de gado ou de surpreender pequenos destacamentos; também eram só empregados nessas missões não muito honrosas. Percebiam o mesmo soldo que os soldados brasileiros, e sempre levavam em sua companhia toda a família, geralmente composta de seis a oito pessoas, e todas a cavalo. Tal multidão de gente, toda com extraordinário apetite, não podia manter-se com a ração de campanha do soldado comum, isto é, duas libras diárias

de carne, sem verdura, sem pão, sem sal; eles sabiam sempre com o seu laço apanhar algum boi ou terneiro, presa que em poucos instantes era abatida, carneada e assada. Tanto nós alemães como a maior parte dos soldados brasileiros,⁸⁸ estávamos a esse respeito em piores condições, pois que para apanharmos uma rês tínhamos que fazer uso da arma de fogo, o que no acampamento era proibido, sob pena da mais severa punição.

Entre as mulheres e meninas desses guaranis viam-se não raro caras bem bonitas e talhes bem esbeltos, o que em geral pouco se encontra entre os índios. Os homens eram bem altos e robustos, usavam os cabelos em três tranças, fortes, pendentes às costas, como os *gãudios* [sic] que vivem nas estepes de Buenos Aires.

Como todos os seus patrícios, gostavam muito das bebidas fortes e não tinham por vergonhoso para obtê-las cederem suas mulheres e filhas, as quais aliás com admirável obediência se submetiam a tais desejos de seus maridos e pais. Contudo estes eram extremamente ciumentos quando notavam que a mulher mantinha alguma relação amorosa, sem seu especial consentimento e sem que isso rendesse presentes ao marido. Não obstante a grande vigilância dos homens, quase todas as mulheres e moças tinham um ou mais amantes brancos, sem que os homens o soubessem. Infelizmente sempre achei muito perigosas para um europeu tais relações, por mais que essas mulheres soubessem se conduzir com toda a habilidade e precaução em seus amores; disso davam prova os freqüentes assassinatos nas proximidades das barracas dos índios. Todos eles falavam português e na maior parte já se haviam convertido ao cristianismo.

Muito diferentes dos guaranis são os aimorés (botocudos) que aparecem principalmente em grandes bandos na província de Minas Gerais, às margens do rio Doce, onde constantemente pervagam. Acham-se eles no mais baixo grau da cultura e até hoje têm preferido o livre nomadismo em suas florestas a se aproximarem de qualquer modo dos portugueses. Por mais que se tentasse subjugá-los, por bem ou por mal, nunca se logrou resultado ante a teimosia e o amor à liberdade desses puros filhos da natureza, de modo que o Ministro de Estado Conde de Linhares se viu obrigado a dar a ordem cruel para que fuzilasse como a um *bidio-do-mato* [sic] todo botocudo que se avistasse. Por isso, com a mesma crueldade com que passaram a ser perseguidos também entraram

eles a perseguir seus inimigos. Ousavam constantes assaltos às plantações próximas, aplicavam terrivelmente a lei das represálias e matavam sem piedade todo branco que lhes caísse às mãos.

Salientam-se vantajosamente de todas as tribos irmãs pela sua força física, sua habilidade de arqueiros e sua coragem, que nem mesmo a arma de fogo teme. Seu aspecto, já de si medonho, ainda é fantásticamente agravado pelos grandes discos de madeira que metem nas orelhas e nos lábios, bem como pelas listas verticais vermelhas que pintam no corpo com *urucum* [sic]; demais pertencem às poucas tribos do Brasil que ainda não abandonaram completamente o abominável costume da antropofagia. Também seu caráter, falso no mais alto grau, não permite ao europeu estabelecer relações com eles, pois sem o menor medo ou escrúpulo de consciência quebram os contratos celebrados, desde que isso lhes pareça de vantagem.

Pode-se pois dizer que os botocudos são os jesuítas naturais índio-brasílicos; nas suas contas sempre ficam com um número *in mente* [sic] e para eles o fim santifica os meios.

De modo que de nenhum modo deve a gente fiar-se nas suas promessas, feitas com as mais solenes garantias, pois não é raro que se aproximem das *fazendas* [sic] com os mais inequívocos sinais de paz para atraírem os moradores para fora de suas casas. Mas, ai! do crédulo que atordoado por todos os seus entorpecentes alopatícos confiadamente lhes chega ao alcance: implacavelmente paga com a vida a sua imprudência.

As mesmas dificuldades que os portugueses tiveram em suas primeiras tentativas de comércio com os botocudos, acharam em relação aos puris, ainda em mais alto grau. Vivem eles principalmente nas matas do baixo Paraíba. Essa tribo até há pouco vivia em completa selvageria e só agora apresenta alguns traços de civilização, pois que pelo menos uma parte deles tornou-se sedentária e se dedica à agricultura. De fato, o produto de suas plantações está longe de bastar para suas necessidades rudimentares, pelo que as matas cheias de caça de toda espécie têm que abastecê-los na maior parte; contudo já é fenômeno auspicioso que, conforme se deduz das plantações empreendidas, tenham pelo menos resolvido abandonar o seu nomadismo e fixar-se em determinados sítios. É possível que tenha contribuído não pouco para essa feliz alteração o

bom tratamento que os índios dessa região têm tido por parte dos brancos. E o tronco dos puris é muito espalhado no Brasil.

Infelizmente não revela em toda parte as mesmas disposições pacíficas. Afirmam que grande parte deles ainda devoram os inimigos que matam, do que dão atestado, apesar de sua pertinaz negativa, os esqueletos humanos encontrados nas suas terras. Contudo disseram-me que é muito raro matarem e comerem brancos, pois muito mais lhes apetece a carne de negro; e parece que os ossos encontrados confirmam isso. Os preparativos para semelhante festa canibalesca são muito simples; dizem que só aproveitam as pernas e os braços do inimigo carneado, para comer, mas o tronco geralmente é entregue aos *uribus* [sic]. A cabeça costumam espetá-la em alta vara, para dançarem em torno dela com repelente vozeiro, em sinal de triunfo.

Em regra os puris são muito pequenos, tanto que um homem de cinco pés e seis polegadas já é raridade; mas são atarracados e extraordinariamente robustos. Sua cor é castanha escura e têm geralmente todo o corpo pintado com listas vermelhas e azuis e diversas pintas. Tanto os homens, como as mulheres, quase sem exceção andam completamente nus; raramente vê-se algum desses índios com um pano passado na cintura, pano presenteado por algum português ou roubado de algum negro. Quase não têm barba, mas na cabeça cabelo muito comprido, abundante, negro; alguns o aparam só na nuca, outros o cortam de todo. Seu adorno predileto é um cordão com contas de cores, às vezes entremeadas de dentes de pequenos animais de rapina, que usam ao pescoço, como os portugueses aos *rosários* [sic], nome realmente adequado. Também entre os puris, como entre as demais tribos índias, as mulheres têm de fazer todos os trabalhos que apareçam; nas marchas têm de transportar tanto os filhos como os víveres necessários, estes últimos geralmente acomodados em sacos de fibra vegetal.

É curioso que não raro as mulheres cobrem os seios com os panos com que foram presenteadas, ao passo que o resto do corpo, que mais precisaria ser velado, fica descoberto. Demais percebe-se muito bem que qualquer vestimenta as aborrece e que mesmo o tal pano não o usam por pudor, mas por enfeite. Saias e camisas que lhes vestiam nas cidades, mal se viam de volta a suas matas, tiravam-nas do corpo com as maiores mostras de alívio.

A fisionomia dos puris em regra é muito antipática, e apresenta sempre o cunho da dissimulação e da falsidade. Em proporção com o resto do corpo, a cabeça é grossa e redonda, e com o pescoço muito curto parece uma bola disforme sobre os ombros. A cara é larga e chata, com os ossos faciais salientes; os pequenos olhos fundos, sempre negros, são torvos e ocultos, realçada essa impressão pelas sobrancelhas muito arqueadas; o nariz é largo e curto, a boca grande, de lábios grossos e lindos dentes brancos. As mulheres ainda se distinguem pelas carnes abundantes e pés muito pequenos.

Sua principal alimentação consiste, como já referi, em caça de toda espécie, como anta, paca e quati, mas principalmente da carne do *barbado* [siq] (mono urrador), que nas matas do baixo Paraíba aparece em bandos, às vezes de algumas centenas. Costumam assar esse macaco com couro, mas o seu apetite sempre forte não dá tempo que o deixem cozer, por isso rasgam com os dentes ótimos o bicho ainda meio cru e arremessam à cabeça uns dos outros os ossos roídos.

Dão a maior importância a artigos de ferro, notadamente facas, e em troca dão de bom grado tudo, até seus arcos e flechas; também gostam muito de panos vermelhos, objetos de vidro e outras bugigangas; percorrem sempre as matas à cata da cera das abelhas, que juntam em grandes bolas pretas, para trocar com os portugueses.

Os puris, como todas as tribos índias do Brasil, possuem certas idéias religiosas e acreditam em diversos seres superiores, o mais poderoso dos quais, o deus do trovão, chamam de Tupã. Este nome para o supremo ser parece ser generalizado, pois é encontrado entre outras tribos que não as dos puris.

Os coroados, que também vivem nessa região, na margem oposta do Paraíba, e que antigamente eram tão selvagens e indomáveis como os puris, fizeram ultimamente grandes progressos na civilização e estabeleceram diversas pequenas *aldeias* [siq], onde vivem pacificamente e cuidam do plantio de mandioca, milho, feijão e batata-doce.

É verdade que também eles ainda pervagam nas florestas e então jamais fazem caso de consciência em roubar algum canavial de açúcar; entretanto se ouve mais dizer que cometam assassinios, como era comum ainda há quinze anos. Quase todos falam português e são convertidos ao cristianismo e procuram o mais possível imitar os costumes

dos brasileiros, com os quais mantêm intenso comércio. Costumam levar peles de onça, de lontra, de veado, de porco-do-mato, bolas de cera e outros artigos, para permutar por pano, ferragens, aguardente, tabaco; também já usam camisa e umas calças curtas de algodão. Muitas das mulheres usam sapatos e meias, e ultimamente começam a vestir roupas de algodão. As casas de suas aldeiazinhas são bem boas e espaçosas. As paredes internas são de varas entretecidas, que revestem com um barro vermelho, gordo, e a cobertura é de canas.

Nas planícies do Paraíba, que nasce na província de Minas Gerais e leva suas águas correntosas em direção oriental, entre a Serra dos Órgãos e a Mantiqueira, viviam antigamente os goitacases, que, segundo se diz, se distinguiam grandemente de todos os outros índios pela cor muito branca, coragem pessoal e força física. Hoje mal se encontram alguns sobreviventes desse povo outrora tão poderoso, pois foram na maior parte exterminados e o resto escravizado pelos portugueses, e agora estão misturados com eles e com os negros, a tal ponto que mal se descobrem vestígios dos aborígenes que aqui viviam. As regiões onde habitava esse tronco índio extinto estão hoje esplendidamente cultivadas, produzem principalmente açúcar, de maneira que este trato de terra que há cerca de cem anos era inculta hoje constitui talvez a mais bonita e mais bem plantada região do Brasil. Acham-se aqui muitas vilas e cidades, entre outras, Campos, a capital do distrito, com cerca de 5.000 habitantes. Esta cidade é regularmente bem construída, tem algumas casas de 2 e 3 andares, ruas em geral calçadas, e intenso comércio de açúcar, café e algodão; é extraordinariamente bela e romântica a sua situação à margem do Paraíba. Entretanto o gado, sobretudo suíno, aqui não dá tão bem como nas províncias mais meridionais.

Os pataxós, que habitam principalmente a região do Mucuri, são um tronco indígena ainda totalmente selvagem. Baldadas têm sido até agora todas as tentativas para civilizá-los um pouco, do que deve caber a principal culpa ao seu grande pendor pelo nomadismo e o seu ódio ardente contra os portugueses, a cujos maus-tratos ainda hoje às vezes ficam expostos da maneira, mais revoltante.

São freqüentes aqui os assassinios e de preferência os pataxós perseguem os escravos negros que vivem nas fazendas próximas; mas não se sabe de nenhum caso de comerem a carne do inimigo que

matem. São mais altos e mais fortes do que os puris e sua única arma é uma flecha leve, cuja ponta é feita só de taquara dura, com diversos entalhes cortantes, semelhando barbas de anzol, flecha que arremessam com um arco que chega a ter oito pés de envergadura. Quase sempre estão em guerra com os outros índios, principalmente os botocudos, mas não costumam, como estes, matar os prisioneiros, escravizam-nos.

O aspecto exterior dos pataxós está longe de ser tão rude e selvagem como nos outros troncos de aborígenes, antes é sério, másculo e discreto. Costumam perfurar orelhas e lábios e meter nos furos roletes de taquara pintados. Trazem ao pescoço, para enfeite, como os puris, cordões com contas ou também rosários com que geralmente os presentesiam brasileiros, os quais na sua mania de catequese pensam piamente que cruzes, rosários e outros que tais brinquedos mais facilmente contribuirão para converter os selvagens à fé católica-romana. Naturalmente os pataxós recebem esses presentes com grande alegria, pois que lhes servem maravilhosamente de adorno, mas riem-se da significação simbólica que os brancos emprestam a esses artigos de luxo. Além do cordão, costumam carregar ao pescoço um fio de fibra forte para transportar uma faca, que conservam como objeto sagrado e como tal honram, e a mantêm sempre muito afiada e pontuda. Vulgarmente tal faca é simplesmente constituída de um pedaço de ferro velho, que prendem entre duas talas de madeira e atam fortemente.

Há muitos pataxós no Brasil e em muitos lugares não são mais tão rudes e ferozes como no Mucuri; dizem mesmo que em Alcobaca vivem pacificamente e aparecem mesmo nas cidades e vilas ribeirinhas para permutas. Mas no Mucuri revelam seu verdadeiro canibalismo, a ponto de serem os plantadores constantemente obrigados a pedir o auxílio do governo contra eles.

Os chefes dos diversos bandos geralmente se distinguem por um enfeite de penas de variegadas cores, que trazem à cabeça e os portugueses chamam-nos *capitão* [sic]. São juizes nos dissídios que surgem no seio de suas hordas, declaram a paz ou a guerra, ordenam as marchas, os planos, as excursões venatórias e de pilhagem, mas têm que cuidar pessoalmente de sua vida, assim como as mulheres são obrigadas a desempenhar os trabalhos necessários, pois nenhum índio compreenderia

que fosse obrigado a prestar qualquer desses serviços ao seu chefe ou rei.

Quanto mais para o sul da América tanto mais os troncos índios se distinguem pelo físico vultoso e forte; já na antiga província brasileira Cisplatina são maiores que o comum dos europeus e na Patagônia até hoje ainda são gigantes. Assim mesmo os índios das planícies imensas de Buenos Aires, grande parte dos quais figuravam no exército aliado da Cisplatina e Buenos Aires, eram muito mais fortes e mais altos do que os de qualquer parte do Brasil. Usavam em geral lanças e espadas, às vezes clavinhas, como também, sem falta, o *laço* e as *bolas* [*siq*]. O laço, que atiram com extraordinária perícia, é fundamentalmente empregado para apanhar gado, sejam cavalos ou bois, sejam deles ou não, mas também se servem dele como arma de guerra: atirando a sua laçada com espantosa perícia ao pescoço do inimigo, em seguida voltando rapidamente seu cavalo para o lado oposto, arrancam o adversário do cavalo e disparam a toda a brida, assim arrastando o infeliz, até que morra, após os maiores tormentos. Por isso no Rio de Janeiro os nossos lanceiros foram dotados de facões curvos para poderem cortar o laço em caso de semelhante aprisionamento; mas não tardou que se verificasse a inutilidade dessa providência, pois o laço, fortemente trançado de couro cru, não se deixa cortar de um golpe nem com a mais afiada navalha, pelo que um norte-europeu, munido desse mau instrumento, como o governo o fornecia, ficaria asfixiado muito antes de poder livrar-se da perigosa corredeia.

As bolas constam de três bolas, uma menor que as outras duas, presas a três cordas diferentes, pontas reunidas num mesmo nó. Os índios servem-se desse instrumento tão inteligentemente concebido para atirá-lo atrás do inimigo em fuga e com ele derrubar sem salvação cavalo e cavaleiro. Atiram as bolas de tal forma que duas delas com as respectivas cordas se enrolem, nas pernas traseiras do cavalo e a terceira numa das anteriores, o que tolhe a tal ponto os movimentos do animal que lhe produz inevitavelmente a queda. Antes que ele possa desembaraçar-se ou antes que o cavaleiro, geralmente preso debaixo do cavalo, possa levantar-se, chega o índio armado de lança ou espada e acaba o indefeso adversário. Também apanham no pasto com as bolas os cavalos demasiado

ariscos que não conseguem laçar, e nisso muitas vezes o pobre animal na queda brusca quebra algumas costelas ou sofre outro dano.

Esses índios enquanto tomaram parte na campanha foram da maior utilidade para o exército republicano de Buenos Aires, pois constantemente o abasteciam de gado, que sabiam roubar na província brasileira de S. Pedro do Sul, com grande astúcia e habilidade.⁸⁹ Mas agora são altamente perigosos, mormente para a antiga província Cisplatina, porque totalmente desocupados andam a vagar nas vastas planícies desse pequeno estado livre, que ainda se acha na maior desordem, e se sustentam de roubos e furtos, ao mesmo passo que procedem com a mais bárbara crueldade contra todo aquele que tem a infelicidade de lhes cair às mãos.

Por desgraça é muito difícil pôr paradeiro a essa horrível anarquia, porque a pequena república está demasiado cindida com as rivalidades e guerras internas, incessantes entre as facções ali existentes, e porque os índios durante a campanha aprenderam o uso das armas de fogo e agora nas suas tropelias se apresentam bem armados de clavinas e pistolas, e bem montados, de maneira que seriam necessários fortes destacamentos militares para combater com bom êxito a essas hordas.

Assim é que hoje os descendentes daqueles espanhóis que há mais de um século, impelidos pela cobiça e a sede de ouro, maltrataram da maneira mais horrível os aborígenes destas terras, têm que expiar a culpa de seus maiores; pois, conquanto esses índios no que toca a língua e costumes quase não apresentem vestígios de sua velha nacionalidade, vive em seu peito, transmitida pela tradição de pai a filho, a recordação imperecível das crueldades outrora praticadas pelos espanhóis, e das injustiças, de modo que sob a pressão de semelhante sentimento deve ser para eles um gozo poder matar um branco, desde que isso seja realizável sem perigo.

Também os troncos indígenas espalhados em todo o Brasil sabem muito bem que são eles os primitivos legítimos donos dessas magníficas terras e como pela mais dolorosa experiência aprenderam que jamais poderão recuperar suas antigas propriedades, sua antiga glória, esse sentimento gerou neles um ódio contra os portugueses que, se nem sempre se revela ativamente, contudo se evidencia bastante claramente às ocultas.

Por isso todos os ajustes feitos por parte do governo brasileiro com os índios não devem ser considerados plenamente válidos, pois os índios, especialmente os botocudos e os puris, sempre celebram tais tratados, nos quais eram devidamente tratados com álcool e tabaco, mais constrangidos, e por vícios, do que de coração, tal era o seu ódio contra os brancos; e nas longas viagens pelo Brasil mais se tem a temer dos índios do que dos tigres e das cobras.

Os índios que habitam as vastas planícies (*pampas*) [*siç*] de Buenos Aires e Cisplatina alimentam-se só de carne de boi, sem sal nem legumes; é também assim que vivem principalmente de carne de cavalo e de avestruz, os patagônios, esse tipo de homens os mais fortes, altos, valentes e bonitos da América do Sul. Sem atrair sobre mim a pecha de fazedor de episódios, acho que vale a pena neste ponto dizer alguma coisa mais, em poucas palavras, sobre este povo magnânimo e valente.

Os patagônios, se bem que constantemente empenhados em guerra, sobretudo contra Buenos Aires, têm sabido até agora manter-se livres e sua pátria independente, tanto pelo seu real valor como pelo desdém a gozos estranhos. As inúmeras tentativas de subjugá-los todas têm sido frustradas pela sua valentia, seu desprezo da vida, sua pertinácia. Mais de uma vez a capital Buenos Aires esteve sob o mais ameaçador perigo de ser tomada por esses rudes mas valentes guerreiros; já muitas vezes as planícies ao redor desta cidade estiveram inundadas de patagônios tão temidos; só o espírito republicano dos cidadãos, se bem que viciado, logrou opor-se-lhes.

São de compleição gigantesca, musculatura de ferro, força invulgar e ótimos cavaleiros; não precisam de arreios e em vez de rédea usam de uma *guasca* [*siç*], isto é, uma corda trançada de couro de boi ou de cavalo, com a qual governam com incrível facilidade seus cavalos extraordinariamente bons e resistentes. Sua arma principal é comprida lança, que manejam com grande destreza; pois raramente a sua ousadia permite o uso do arco e da flecha, ou seu ataque é demasiado rápido e violento.

Todas as tentativas empreendidas por Buenos Aires para celebrar paz duradoura com esses belicosos selvagens gigantes foram baldadas, diante da teimosia e do irreconciliável ódio que os patagônios nutrem contra tudo que é espanhol, e não se sabe de exemplo em que nos fre-

qüentes combates um deles tenha sido aprisionado, pois verificada a impossibilidade da fuga, preferem matar-se a cair nas mãos do inimigo. Na verdade, em nenhum dos troncos índios do Brasil encontrei semelhante firmeza, tão grande coragem e resistência, tão nobre abnegação; ao contrário, a maior parte desses aborígenes amolecidos são covardes e falsos, observação já registrada por Koster e certamente confirmada de bom grado por qualquer escritor moderno.

Para fecho deste capítulo ainda mencionarei as inúmeras rixas com pancadaria que ocorreram mui freqüentemente com surpreendente violência entre as hordas nômades do Brasil, sobretudo os botocudos. Em tempos antigos, contudo modernos, embora meio mitológicos, as inimizades entre os chefes das diversas pequenas famílias e bandos eram logo resolvidas com o arco e a flecha; porém, custavam geralmente a vida a inúmeros seres humanos, às vezes mesmo levando ao extermínio de troncos inteiros. Agora é muito mais usado para solverem suas brigas grandes varas de pau-ferro, com as quais se espancam, cegos de furor. É um duelo ridículo, sem aço e sem efeito mortal. Quando ofendidos por outro bando, costumam levar feixes dessas varas e encontrando em suas correrias o partido inimigo logo o desafiam aos berros para brigar. Fazem-se os preparativos para o recontro, os chefes dispõem seus homens em ordem, incentivam-lhes o valor e depois de certas cerimônias pagãs dão sinal para o ataque. Então avançam os mais ousados e mais fortes e começam os combates singulares do direito e da força. Esse rolo nacional e de honra dura até que as duas partes se tenham surrado tanto que ninguém mais se sinta desejoso de continuar; fica então liquidada a diferença e os adversários calmamente se afastam, cada bando para seu lado. Só cabeças tão duras como as dos índios suportam as pancadas que então as atingem.

Um europeu mal se haveria em semelhante duelo com um botocudo, pois não suportaria muito tempo as medonhas pancadas, além de ser menos ágil e destro no manejo das grandes, pesadas varas.

Muito mais fácil seria dar saída ao excesso de sangue por macio de lâmina parisiense ou de cacete alemão.

Em tais ocasiões as mulheres não deixam de imitar o exemplo dos homens: elas se atacam umas às outras sob berreiro, a unha e a dente, arranham-se e mordem-se mutuamente, puxam os cabelos, arras-

tando a adversária pelo chão, e continuam incansáveis a bater-se e a puxar-se no pó. Os homens porém nunca se tocam com as mãos, decidem sua causa consoante cavalheirescos princípios de legitimidade por meio das referidas varas.

Desde séculos vivem os elementos em luta. Vence o ferro ou o pau, o reino mineral ou o vegetal?

NOTAS AO CAPÍTULO VIII

85 N. do T. – Mais um trocadilho. Também em português pólvora é etimologicamente pó. Mas em alemão a identidade do vocábulo para as duas noções é integral: *Pulver*, num caso como noutro.

86 N. do T. – Novo trocadilho, entre *Weisser* – branco e *Weiser* – sábio, prudente.

87 A redação dada a este período parece indicar que se trata do Regimento de Guaranis, que era tropa miliciania rio-grandense, e passou, pela reorganização de 1824, a ser o 25º Regimento de Cavalaria Ligeira de 2ª Linha do Exército. Neste corpo predominavam naturalmente os elementos de origem americana, que aliás eram raros nos Regimentos 22º, 23º, 24º e 39º da mesma arma, isto é, nos chamados Regimentos de Milícias de Rio Pardo, Entre-Rios, Missões e Lunareios.

88 O autor refere-se, naturalmente, às tropas de outras províncias, pois que são numerosos os testemunhos de que as tropas do Rio Grande, até pelo menos a guerra do Paraguai, eram muito destrás no emprego do cavalo. Na campanha de 1827 os cavaleiros alemães embaraçavam as armas, pois os chefes brasileiros viam-se obrigados a cada passo a mandar laçar os cavalos, que depois de jogar em terra seus donos fugiam em larga disparada, *vendendo os arreios*, no dizer gaúcho.

89 O General Alvear, comandante-em-chefe do exército platino na campanha de 1827, escreve em sua célebre *Exposición* que os campos rio-grandenses se achavam cobertos de rebanhos, que, desde que se verificou a invasão argentino-uruguaia, “passaram a aumentar as fortunas de nossos compatriotas e amigos”. Sob as vistas grossas e complacentes dos chefes platinos, numerosos bandos de civis armados e de milicianos entram a saquear as propriedades brasileiras, que foram transportadas para as terras uruguaia, para Entre-Rios, Corrientes e Missões. Talvez meio milhão de cabeças de gado.

.....

Capítulo IX

SOFRIMENTOS – VIAGEM DE PORTO ALEGRE A SERRITO
VIA S. FRANCISCO DE PAULA – ESTADA NESSE LUGAR
– O PADRE VIGÁRIO COMO HOSPEDEIRO
– UM ENTERRO BRASILEIRO – ASSUNTO DE
HISTÓRIA NATURAL – NOVA CAMPANHA

*E*stava dada a ordem para o nosso embarque marítimo; devíamos deixar novamente o belo Porto Alegre, onde de bom grado teríamos permanecido mais algum tempo, a fim de nos opormos outra vez ao inimigo que já avançava em vários pontos. O general comandante, Marquês de Barbacena, havia sido retirado do exército e submetido a um tribunal de guerra no Rio de Janeiro, tal qual o general republicano Alvear; esse tribunal o absolveu.⁹⁰ Fora substituído pelo Marechal Braun,⁹¹ um homem de bravura pessoal, mas destituído do amor do exército. Os soldados alemães ficaram muito contentes com essa mudança, pois esperavam muito do novo chefe, que podiam considerar como seu patrício, além de que eram eles possuidores de mais coragem e espírito empreendedor; os brasileiros, porém, que conheciam, o temperamento violento do marechal, o temiam e acreditaram que agora seriam certamente levados à morte. Como aqueles eram uma pequena fração do exército, conclui-se que o estado moral deste era

muito mau. O muito sofrimento recente, a fome, as privações e penas da última campanha, a conduta despótica dos oficiais mais graduados, o constante mau êxito de tanto esforço e sacrifício, tudo isto estava tão fresco na lembrança da maioria dos soldados desregrados, que já em Porto Alegre, onde as nossas condições eram em geral bem suportáveis fora muito trabalhoso obstar as numerosas deserções dos soldados brasileiros. Só a terrível severidade com que procedia o próprio Marechal, podia ainda conservar reunido o exército.

Oitocentas pancadas eram impiedosamente aplicadas a todo aquele que se afastasse por mais de 24 horas do seu quartel⁹² castigo a que muito poucos sobreviviam. A par dessas grandes exigências, o soldo estava em atraso de muitos meses; fazia tempo que não se forneciam fardamentos, e não obstante os soldados haviam de andar tão limpos e bem equipados como nos campos de parada do Rio de Janeiro.

As tropas já murmuravam alto, antes de começar a campanha – que perspectiva era essa para o futuro! Se bem que da capital do Império tivessem chegado alguns destacamentos a reforçar o exército, ficamos mais fracos numericamente do que no ano anterior, pois as doenças e deserções tinham levado grande parte do nosso pessoal, ao passo que o inimigo se havia consideravelmente fortalecido em seus quartéis de inverno,⁹³ tanto pelos nossos trânsfugas, como por uma porção de negros que por essa forma sacudiam o penoso jugo da escravidão. Além disto, estava fartamente provido de gado, para não ter que temer prementes privações. Muitos milhares de reses que durante a campanha do ano anterior haviam sido enxotadas da província de São Pedro do Sul, agora pastavam nos campos gordos da Cisplatina, para consolo e alegre estímulo dos republicanos; as tropas de Buenos Aires não eram habituadas a nenhum outro alimento senão a carne, ao passo que os brasileiros,⁹⁴ mais ainda os alemães, faziam muito mais exigências para sua alimentação; tudo isso eram dificuldades que não permitiam esperar bom êxito de uma campanha iniciada sob tão maus auspícios.

Nessas más condições embarcamos nos fins de setembro de 1827 em Porto Alegre, com todas as tropas aí existentes, para alcançarmos primeiramente S. Francisco de Paula e daí prosseguirmos para Serrito, onde devia reunir-se todo o exército sob o comando do marechal Braun. Nessa viagem atravessa-se a Lagoa dos Patos, a qual às vezes oferece

alto perigo. É que pelo meio dessa lagoa passa um escolho, a *Muralha das Fornigas* [sic] que só num lugar dá passagem, mas tão estreita que os navios têm que vencê-la com a maior cautela e assim mesmo correm risco de soçobrar na pedra que repentinamente surge da água. O passo é tão apertado que se julgaria poder saltar às margens pelas duas bordas do navio, se as massas de pedra não se erguessem alto demais. Transposto este difícil passo não se tem mais pedras a recear em toda a lagoa, mas perto da entrada de S. Francisco de Paula grandes bancos de areia se estendem até Rio Grande e são igualmente perigosos para a navegação. Mas a nossa viagem foi muito feliz, pois tivemos vento forte favorável, de modo que chegamos sem o menor incidente ao ponto de nosso primeiro destino. Já anteriormente nestas páginas descrevi S. Francisco de Paula, como também sua situação e arredores agradáveis; aqui somente menciono que também desta vez os moradores nos demonstraram a mesma amabilidade e gentileza que dantes.⁹⁵

Nossa demora aqui não foi grande, pois, passados três dias, reabastecidos os navios, tivemos que reembargar e rumar através da lagoa Mirim para Serrito. Numa das margens do canal que liga a estes dois lagos interiores, haviam freqüentemente aparecido *gudios* [sic] (nome injurioso pelo qual os portugueses em geral tratam os republicanos), chegando a matar traiçoeiramente os marinheiros dos navios em trânsito; por isso nos pareceu necessário sermos precavidos; mas como tivéssemos muita infantaria a bordo e bons atiradores, eles não se atreveram a chegar à margem. Também as suas pequenas canhoneiras que enxameavam na Lagoa Mirim nos deixaram em paz, acharam mais prudente à aproximação de nossos grandes navios ocultarem-se nas baías marginais do lago, revestidas de juncal. A princípio o vento nos fora desfavorável, pois soprava pela frente, pelo que nos vimos forçados a permanecer ancorados à saída do canal, até que o tempo mudasse. Essas horas livres aproveitamo-las para ir à caça naquela região tornada deserta pela campanha precedente. Mas tivemos sorte, pois já no primeiro dia abatemos uma avestruz extraordinariamente grande, que na verdade não pudemos aproveitar, mas também quantidade de pombos selvagens, alguns tatus, patos e outras aves aquáticas, que muito nos favoreceram, pois que pouco nos havíamos a provisionado para a insignificante viagem.

Mal regressáramos da caça e com o maior entusiasmo estávamos assando um grande tatu, mudou rapidamente o vento, soou o toque de reembarcar e tivemos que correr para bordo com a nossa caça meio crua, pois o navio logo levantou ferro e zarpou como uma flecha. Pelo repentino de nossa partida de S. Francisco de Paula, já ficara um oficial, e aqui teria sucedido o mesmo a diversos se o vento tivesse mudado alguns minutos mais cedo.

O tempo agora era tão favorável que em breve ressarcimos as horas que perdêramos à entrada da lagoa e no quinto dia da partida alcançamos o ponto de nosso novo destino provisório. Também esta lagoa é de difícil navegação especialmente na boca do Jaguarão, quase obstruída de bancos de areia e de pedras. Dois dos nossos navios diversas vezes se meteram na areia, mas por felicidade ainda safaram quase incólumes porque apesar do vento bastante forte não havia temporal e os pequenos navios brasileiros são todos construídos de madeira muito dura e durável. Mas não são só as pedras que aqui constituem perigo para o navegante; às vezes caem ventos de rajadas, repentinos e extremamente violentos, que põem o barco em risco de soçobrar, se não lhe recolhem logo as velas. Os homens habituados a navegar nestas águas pressentem muito bem tais tufões por uma pequena nuvem branca que desponta no céu, cintilante como estrela. Incontinenti colhem as velas, mas mal acabado isso, eis que aí está ululante o vento. Apesar de toda a cautela, são freqüentes os desastres. Assim, pouco antes de nossa chegada a Serrito uma grande canhoneira brasileira tinha virado com toda a tripulação, 40 homens. Por causa do vento contrário, ela não tinha podido entrar na boca do Jaguarão e tinha sido forçada a ancorar na lagoa. Com a noite excepcionalmente escura, e talvez desídia das sentinelas, não foi notada a nuvenzinha prenunciadora: desaba de repente o temporal e antes que se possa lançar segunda âncora, rompe o cabo da primeira e o barco, à mercê do vento e das ondas agitadas, virou. Ao cabo de três dias acham a embarcação de quilha para cima. Na esperança de ainda salvar alguma vida, os pescadores que descobriram o casco logo se atiraram a arrombá-lo e com espanto descobrem mais de trinta pessoas deitadas encolhidas no pequeno espaço, todas parecendo mortas. Com todos os recursos procuram reanimar os infelizes, levam-nos logo para terra, mas só três ressuscitaram, os outros já estavam asfixiados ou morreram no

hospital da cidade. Horrível deve ter sido a situação desses homens no primeiro dia do acidente, quando ainda havia ar bastante no reduzido espaço, para não perderem os sentidos pela deficiência do mesmo; nos dias seguintes, conforme declaração dos que se salvaram, não sentiram mais nada, porque estavam sem sentidos, entorpecidos pelo desmaio.

Terminada pois felizmente a nossa viagem, Serrito estendia-se a nossos olhos, à margem do Jaguarão, e mesmo defronte à cidade ficava a bela província Cisplatina, pela posse da qual íamos recomeçar a luta. O marechal Braun já chegara por terra, e logo ordenou que desembarcássemos, e assim se fez incontinenti, não obstante a chuva torrencial. Diversas canoas reunidas às pressas acostaram aos nossos navios e os soldados saltaram de bordo com arma e mochila para os oscilantes barcos, sem se lembrarem que essas canoas, além de pouco seguras, são feitas só de tronco escavado, sem borda nem quilha, e que bem poderiam emborcar pela agitação e o peso dos homens a saltar para dentro delas armados e equipados. Antes que acudissem os oficiais para prevenir os imprudentes e evitar um desastre, uma das canoas virou, todos os soldados nela embarcados caíram n'água e os que não sabiam nadar bem foram imediatamente arrastados pela forte corrente. Felizmente alguns negros intimidados com o processo de embarque haviam-se afastado um pouco com as suas canoas e agora puderam rapidamente acudir para pescar os homens mortalmente assustados e que por esta vez se livraram só com o banho; perderam-se porém seis espingardas. Vencida felizmente essa pequena aventura, que depois nos deu farto assunto para rir, pisamos em terra molhados até os ossos e logo que fomos dispensados nos refugiamos na primeira casa de negócio para pelo menos escaparmos à chuva que continuava a cântaros. Os soldados foram para um quartel bastante espaçoso e limpo, mas não se havia até então cogitado do alojamento dos oficiais. Cada um teve que tratar de ver onde se alojasse. O aquartelamento de tropas é no Brasil um problema de difícil solução para os comandantes de praças, para darem satisfatório desempenho a essa tarefa. Pois nenhum cidadão brasileiro tem o dever de alojar um militar por mais de três dias, e absolutamente não é obrigado a alimentar seu hóspede, o que fica à mercê de sua boa vontade.

O dono da casa só tem que fornecer sal e lenha, o soldado tem que preparar seu alimento com a ração que recebe. Mas para glória

dos moradores da província de S. Pedro do Sul posso consignar que raramente faziam uso desses direitos e em regra davam espontaneamente de tudo quanto sua cozinha e dispensa possuísem.

Esta gente tinha muitas esperanças na bravura das tropas alemãs e por isso consideravam de seu dever alojá-las e tratá-las o melhor possível. Mas aqui nesta pequena povoação de Serrito, onde já se encontrava grande efetivo de tropas, era impossível alojar igualmente bem a todos, pelo que grande parte dos oficiais tiveram que se contentar com alguns ranchos detestáveis, que às pressas foram levantados perto da margem do Jaguarão, nas proximidades dos quartéis. Eu, com o ajudante do meu batalhão e mais outro oficial, tivemos a sorte de obter para nossa permanência nesta cidadezinha, de graça, uma boa casinhola.

Se bem que tivéssemos que nos preparar para a campanha iminente por meio de freqüentes exercícios, sempre nos sobrava tempo para travarmos conhecimento com a cidade e seus encantadores arredores. Serrito é mal construída, suas ruas são tortas e estreitas, as casas são baixas, em parte cobertas de macega, e só apresenta uma única praça pública bonita. Mas os arredores, como é freqüente no Brasil, são pitorescos e em alto grau de um romantismo barroco.

Inúmeras colinas de suave declive, cortadas de regatos bordados de mato e folhagem verde primaveril, circundam a pequena cidade, situada junto à margem do belo rio Jaguarão, e assim tem-se aqui tudo quanto torna atraente e interessante uma paisagem: mato e água, montes e vales, e um céu azul-escuro.

Numa das excursões que freqüentemente fazíamos de Serrito chegamos a uma fazenda onde resolvemos parar alguns momentos e pedir ao proprietário, mediante pagamento, alguns copos de leite. Assim fomos convidados pelo dono da casa a entrar na sala-de-estar e fartamente servidos do que pedíramos. D. Francisco (assim se chamava o dono) em seguida nos conduziu ao seu jardim, onde com surpresa deparei com um pomar plantado inteiramente à européia. Notando ele a minha estupefação, voltou-se para mim sorridente e disse: "*Senhor, eu sou filho do reino!*" [sic]. E com galante gentileza nos levou a um *anteiro de morangos* [sic] e nos convidou a que os colhêssemos à vontade, pois sabia que os alemães os apreciavam muito, ao passo que da sua família ninguém gostava deles. Eram os primeiros morangos que víamos no Brasil e naturalmente acede-

mos com prazer ao convite. Em seguida D. Francisco, que não se cansava em obsequiar-nos, mostrou-nos um trigal enorme, diversas aléias de castanheiros, nogueiras, laranjeiras, figueiras – tudo raridades naquela terra incivilizada e inculta, a qual só pode ser feliz com o sacrifício da coroa imperial –, prova de que nestas regiões todas as frutas e legumes europeus dão admiravelmente bem, desde que a grande preguiça e ignorância dos brasileiros consintam no plantio e lhe dediquem medíocre cuidado.

De um modo geral, o tempo que passamos em Serrito fora de serviço foi muito agradável e feliz. Os moradores eram amáveis e gentis, se bem que usassem o capote para o lado do vento e mantivessem secreto entendimento político com seus vizinhos, os moradores da província Cisplatina. A situação arriscada de Serrito pode explicar a conduta dúbia de seus moradores, pois ora estava em poder dos espanhóis, ora no dos portugueses. O rio, que separa a cidadezinha do território inimigo fronteiro, é facilmente atravessado pelas rápidas canoas, e como a cidade não tem fortificações, as tropas da república sul-americana costumam ocupá-la assim que os portugueses lhe voltam as costas.

A 12 de outubro de 1827, aniversário natalício do imperador D. Pedro I, o marechal Braun passou revista a todas as tropas estacionadas em Serrito e arredores. Seríamos 6.000 homens, mas faltavam alguns regimentos de cavalaria miliciana, que mais tarde se nos juntaram. O marechal fizera pagar alguns meses de soldo atrasado, as rações eram fornecidas completas, e o estado moral do exército com isto parecia melhor, pelo menos momentaneamente.

O padre vigário da localidade, homem não muito velho, bastante esclarecido, muito jovial e esperto, a quem nada faltava senão justamente aquilo que lhe competia – religião – interessou-se especialmente pela confiança e estima das tropas alemãs. Gratuitamente ele fez prover de cavalos a todos os oficiais do 27^a Batalhão de Caçadores, cavalos de sua propriedade e em que ele costumava com espanto de suas boas ovelhas atravessar a cidade em disparada. Ele fez reunir cerca de quinhentas cabeças, das quais tivemos de escolher os que mais nos agradassem, os quais logo fazia apanhar e no-los oferecia de presente.

Ele era jesuíta, mas na acepção nobre do termo; ele gostava de outro sistema de conversão, mas seus meios eram sempre nobres e

convincentes; era um satírico que se divertia do mundo inteiro e de si mesmo.

Nunca mais encontrei sacerdote católico que fosse de idéias tão liberais como este inesquecível padre-vigário. Falava sobre seu sacerdócio e sobre sua religião com uma franqueza e sinceridade que eram difíceis de esperar num país tão radicalmente católico. Estava sempre preocupado com o bem do exército. Assim, por ocasião do Natal, sabendo que os soldados já tinham gasto seu soldo, ele entendeu de sua obrigação fazer que não obstante nesses dias festivos eles tivessem sua alegria. Por isso, terminada a missa, fez um sermão para os habitantes de Serrito a estimulá-los a que fizessem pequena subscrição em favor dos soldados alemães, que tão bem defendiam sua nova pátria, o Brasil, para que, conforme suas palavras, neste dia pudessem em homenagem ao Salvador gozar com prazer de seus *úaios* [sic]. A coleta foi extraordinariamente rendosa, de tal modo que cada soldado recebeu de festas cerca de meio táler prussiano. Terminado o sermão, o padre ergueu vivas ao Imperador, ao Marechal Braun, e ao 27º Batalhão de Caçadores, ao que todos os presentes fizeram coro com um forte “Viva!” [sic]. E mais tarde quando andávamos pelas estepes da província de S. Pedro do Sul, longe de Serrito, o padre nos visitava freqüentemente e era sempre recebido com sonoro *hurrah* pelos soldados alemães, para os quais em regra trazia tabaco e aguardente. Nem mesmo se poupava ao trabalho de fazer reunir vacas e tangê-las ao encontro do exército a trinta léguas de distância para que uma vez ou outra o nosso batalhão tivesse leite fresco.

Para de alguma forma demonstrar ao vigário o nosso reconhecimento pelas amabilidades que nos dispensava, freqüentemente assistíamos ao serviço religioso, bem como a quase todos os sepultamentos que ocorreram enquanto estivemos no lugar. Menciono uma dessas cenas de enterro, que talvez não seja destituída de interesse para meus benévolois leitores.

Havia falecido em Serrito uma criança de distinta família, de uns dez anos de idade, e a pedido dos pais o corpo de oficiais do 27º Batalhão foi convidado pelo padre vigário a participar das últimas homenagens ao pequeno morto. Declaramos que iríamos à cerimônia e na intenção de acompanhar o esquife nos dirigimos à casa dos pais, onde

fomos recebidos com intermináveis agradecimentos. O pequeno cadáver jazia como uma boneca de cera sobre a cama de gala, enfeitada de coroas e flores, mãozinhas cruzadas, trajado como um *anjo* [sic] que como alva pomba iria diretamente para o Céu. Havíamos levado a banda de música do batalhão e começou a tocar na rua, diante das janelas espessamente veladas, uma marcha fúnebre; cada um de nós recebeu uma vela de cera acesa, de uns três pés de comprimento, com a qual devíamos acompanhar o saimento, em solene lentidão, divididos em duas fileiras. Alguns soldados que se haviam aproximado por curiosidade também receberam velas dessas, para aumentar com seu uniforme a imponência do cortejo, pois também eram *bons antólios* [sic], segundo os brasileiros diziam. Não se fizeram de rogados, pois podiam depois ficar com as velas e na primeira venda barganharem-nas em troca de alguma coisa que lhes apetecesse. Enquanto atravessávamos a cidade, o cortejo ia no maior silêncio e solenidade, mas na saída deparamos com um cavalo que preso a uma corda alegremente espinoteava no pasto. Assustado com a nossa música, o bravo animal queria livrar-se da prisão, mas encontrando resistência na soga, de repente deu uma disparada furiosa e passando no meio do cortejo debandou a música e com o laço de rasto derrubou o padre-vigário, o nosso capelão e diversos soldados. Se bem que nesse ato solene não houvesse ninguém de ânimo alegre, explodiu generalizada gargalhada e o padre, a quem o laço passara pelo meio das pernas, com um valente salto para o ar nos revelou que só a batina lhe velava a nudez; refeito do susto, levantou-se depressa do chão, a berrar aos músicos que tocassem o *miudinho* [sic] (dança muito comum no Brasil, mas muito indecente). Chegados com semelhante escândalo à porta do cemitério, achamo-la fechada, pelo que o senhor padre ordenou aos portadores do esquife que o depusessem mesmo ali fora, pois o coveiro haveria de achar depois o anjinho. Em seguida a música teve de tocar uma peça alegre e os dois frades foram os primeiros a entoar uma alegre canção, brejeira, alusiva aos secretos encantos da madona. Violentemente revoltado contra semelhante comportamento, afastei-me da religiosa companhia, mas ao chegar à porta da cidade deparei novamente com o cortejo, e o padre com o ar mais sereno e respeitável do mundo. Se os moradores de Serrito tivessem sabido do que acabara de se passar, certamente o padre teria sido apedrejado; mas ele considerava que podia permitir-se tais

folias porque estava somente entre alemães e sabia muito bem que a maioria de protestantes entre nós bem pouco se importava dos costumes da sua religião.

Depois de algum tempo de estada em Serrito, o nosso batalhão foi deslocado cerca de légua e meia, onde foram aquartelados os soldados numa olaria arruinada e os oficiais abarracados. Tornara-se de premente necessidade cobrir a região com destacamentos fortes, pois o inimigo já diversas vezes vadeara o Jaguarão e arrebanhara gado. De muita má vontade troquei minha confortável casinha em Serrito por uma das más barracas, que os ingleses haviam vendido a preço excessivo ao governo brasileiro. Dentro delas o calor era irresistível, tanto que mesmo em pleno meio-dia era preferível a gente expor-se aos raios do sol ardente a permanecer no seu interior; além disso a chuva, que aqui costuma cair em gotas grossas, batia tão violentamente nas finas paredes esticadas da barraca que dentro dessas moradas baronais ficava-se tão molhado como ao tempo, e a menor rajada de vento derrubava fatalmente toda aquela problemática preciosidade, de modo que não era mais necessário fazer cálculos sobre a rotação da Terra.

Como a esse tempo tivéssemos pouco que fazer, pois todo o serviço limitava-se a alguns postos avançados que tínhamos de colocar a determinadas horas, aproveitamos largamente da oportunidade de per-lustrar os arredores de Serrito, a cavalo, bem armados e em numerosa companhia. A multiplicidade das coisas que encontrávamos nessas excursões de caça, como a constante variedade entre montes e vales, banhados e matos davam a esses passeios extraordinário encanto; e achávamos tanta caça que sempre recolhíamos com apreciável presa, se bem que só nos servíssemos dos mosquetes. Sobretudo aves nunca faltavam. Encontrávamos a grande garça-real, íbis, muitos patos e gansos, galinhas, muito freqüentemente o grande *magarico-imperial* [sic], duas espécies de faisões, o *jacu* e a *jacutinha* [sic], extraordinária quantidade de *quero-queros*, assim chamados do grito que soltam. Também víamos muitas cobras, especialmente a *çipó* (*coluber bicarinatus*) [sic], que é de um verde brilhante e chega a ter dez pés de comprido, a *jararaca* e a *surucucu* [sic], que, excetuada a cascavel, são as duas mais venenosas que aparecem no Brasil. A surucucu alcança, ordinariamente o comprimento de nove a dez pés, mas é muito mais grossa que a cipó, tem uma cor amarelada

vermelha e pintas castanhas espelhadas pelas costas; a sua dentada, na falta de medicação imediata, mata em poucas horas. Os brasileiros temem a surucucu mais do que a qualquer das outras cobras e garantem que sua picada é incurável, que em cinco minutos mata. Mas eu sei por experiência que realmente se morre em pouco tempo em consequência da sua picada, entretanto é fácil salvar a pessoa picada contanto que receba pronta e eficaz medicação.

A maior de todas as cobras que aparecem no Brasil chama-se *surucui* [siç] e se encontra, se bem que não freqüentemente, em todas as províncias. Chega a 28 e 30 pés de comprimento, é extraordinariamente grossa, vive ora n'água ora em terra., de preferência em regiões de charco, perto do mato. Apesar de seu tamanho e força ela teme o homem, mas estrangula facilmente um boi ou um cavalo, desde que possa apanhá-lo. Eu mesmo numa das minhas viagens, que fiz mais tarde pelo interior do país, como negociante, encontrei de uma feita um burro ao qual há pouco uma surucucu tinha arrancado a goela com uma parte do pescoço.

Nas margens do Jaguarão mora a *apiçara* [siç] (porco-do-banhado), em verdadeiros bandos, numerosos. À nossa aproximação esses bichos disformes se atiravam estrepitosamente à água, mas logo punham de fora os focinhos, um tanto parecidos com cabeça de cão, e rapidamente tornavam a mergulhar. Várias vezes atiramos nelas, mas não conseguimos matar nenhuma, fosse pela velocidade delas ou pela nossa falta de munição, pois só atiramos grãos de chumbo ou pedaços de chumbo. Também o jacaré (*crocodilus*) [siç] era freqüente às margens desse rio.

Quando às vezes a caçada não prometia resultado, divertíamos-nos em perseguir a cavalo, a todo galope, as avestruzes que aqui vagueiam constantemente em grandes rebanhos. Poderíamos ter matado uma porção delas, mas de nada nos teriam servido, razão por que nos limitávamos a pôr à prova a velocidade de nossos cavalos; mas achávamos seus ninhos com ovos, que muito nos agradavam. O gosto do ovo de avestruz é um tanto áspero, mas é perfeitamente comestível e tem a vantagem que um único satisfaz a dois homens. Como percorrêsemos muito esta região, encontrávamos inúmeros ninhos de avestruzes e mandávamos os nossos soldados às dúzias em busca dos ovos, que então carregavam em sacos para o acampamento. Ovos de cágado e de lagartos, uns e outros muito saborosos, também achávamos por aqui freqüente-

mente; os últimos não têm casca sólida, apenas uma pele dura que lhe faz as vezes. Os grandes lagartos, às vezes de quatro pés de comprido, os brasileiros os comem com prazer; seu gosto é muito semelhante ao de frango.

Uma vez ao regressar à minha barraca, de um passeio a cavalo, vi num campo, perto de uma grande cova, uma cobra extraordinariamente grossa, cinzento escura, cujo nome não sei, que parecia dormir aos raios do sol. Meu cavalo ao avistá-la assustou-se tanto que deu um estremeção e um repentino salto para o lado. Logo apeei para travar uma luta de S. Jorge com o bicho, mas a meu pesar o matei com a primeira pancada. Parece mesmo que a vida das cobras não é tão resistente como em geral se crê; pois não somente esta cobra, que era grande e grossa, como diversas outras que mais tarde tive ocasião de matar, em regra morriam instantaneamente assim que recebessem qualquer pancada ou pontada.

A caçada na mata virgem proporciona sem dúvida prazer e variedade; a natureza é grandiosa, e como mãe amorosa se aflige pelos menores seres. Tem ela as cores do arco-íris, as graças de um abril alemão, a grandeza de uma pedincharia de nobreza hispano-portuguesa. Tudo é bravo. E que outra coisa procura o caçador senão o bravo? A escolha é franca e só por isso, dada a fúria destruidora generalizada, ainda não foi exterminada nenhuma das espécies da fauna de Noé.

Além dos prazeres da caça, ainda nos divertíamos com as corridas de cavalo, que os brasileiros seguidamente faziam perto de nós. Um domingo pela manhã devia realizar-se um desses páreos. Dois *petiços* [*siç*] iam nesse dia pôr à prova a sua velocidade. A aposta era grande; os dois contendores haviam apostado mil piastras espanholas, cada um. Um deles trazia um cavalo pequeno, preto, muito fegoso e acompanhava-o num carro puxado a seis bois toda a sua família, inclusive três ou quatro mocinhas, nada feias. O outro, homenzinho rubicundo e ultra-rotundo, montava um tordilho, que visivelmente mancava de um pé. O sinal de partida foi dado com rufo de tambor e os animais dispararam com incompreensível velocidade, parecendo a princípio que o demoniozinho negro tomaria a dianteira ao tordilho manco. Mas de repente este, sacudindo as crinas despenteadas como a juba de um leão enfurecido, aplicou toda a sua energia e ganhou o prêmio. No mesmo momento escutei alta choradeira no carro parado perto de mim, com a “bela” família que

chegara com o dono do cavalo preto, e entendi muito claramente que a mais moça dizia à mãe em voz não muito baixa: “Agora estamos completamente arruinados”. Aflito e furioso, afastou-se apressado o infeliz e a família chorosa e queixosa encaminhou-se para a casa perdida, com seu carro puxado a dois bois. A paixão do jogo é tão violenta nos brasileiros que são capazes de arriscar nele o último vintém, sofra embora a família em casa todas as privações.

Nossas excursões aos arredores foram rareando, porque eram sujeitas a crescente perigo. Pequenos destacamentos inimigos amiudavam suas travessias no Jaguarão, conforme davam claro testemunho os constantes assassinios das sentinelas que tínhamos à margem. Especialmente no Passo das Pedras era freqüente encontrar morta a sentinela quando se ia rendê-la; e em geral estava horivelmente maltratada. Por isso o general ordenou que a sentinela passasse a ser colocada no alto de uma árvore de copa desbastada, onde pelo menos não seria tão facilmente atingida pela astúcia do inimigo. Mas de uma feita um soldado do 3º Batalhão de Caçadores adormeceu no seu alto posto e caiu no chão; quebrou diversas costelas e dias após veio a falecer.

Depois de aqui estacionados por algum tempo, tivemos ordem de regressar a Serrito, onde já havia chegado a maior parte das milícias que estavam faltando. Neste momento nada nos podia ser mais desejável do que semelhante ordem, graças à qual poderíamos passar nesta cidadezinha os poucos dias de descanso que ainda teríamos.

À nossa chegada a maior parte dos moradores de Serrito haviam fugido, de modo que mal achamos a terça parte da população; é que adivinhavam que agora devia ser sério que o começo da campanha estaria iminente e como com a nossa partida deviam contar na certa com a entrada dos republicanos, o medo dos maus-tratos os impeliu a deixarem às pressas a localidade, com tudo quanto tinham de mais precioso. O que muito especialmente me impressionou neste meu regresso a Serrito foi a diferença entre as províncias de S. Pedro do Sul e Cisplatina a respeito de fertilidade. Do outro lado do rio o pasto crescia com uma pujança e uma altura verdadeiramente espantosas, ao passo que do nosso lado agora tudo parecia deserto, de onde a magra cavallhada tinha rapado o último talo de pasto. Nem mesmo o pasto necessário aos nossos cavalos podíamos conseguir a bom dinheiro, pelo que nos víamos obrigados a passar o rio em pequenas canoas para ceifar o pasto

na Cisplatina, com perigo de vida. E aí no meio do pasto vivia imensidade de caça, notadamente víamos muitas das grandes galinholas coroadas. Mas não nos podíamos atrever a fazer caçadas porque a todo momento apareciam à margem destacamentos do exército de Buenos Aires.

Não era só de pasto mas também de lenha a nossa penúria e também tínhamos que buscá-las na Cisplatina. Cada semana era escalado um oficial com 40 a 50 soldados, que tinham que subir embarcados o rio até um ponto onde se julgassem livres de surpresa inimiga e aí cortar a lenha necessária. Para os oficiais não podia haver serviço mais desagradável, primeiro porque tinham que passar 3 a 4 dias no mato para derrubar a lenha necessária e nisso chegavam a faltar os víveres, porque os soldados iam abastecidos só para dois dias, e em segundo lugar porque as deserções se amiudavam e o oficial tinha que responder pelos homens que levava. E no mato espesso, por onde os soldados se espalhavam no seu trabalho, era impossível que um homem só fiscalizasse constantemente 40 a 50; nem podia confiar no auxílio dos sargentos porque estes também às vezes desertavam.

Nada obstante o oficial sofria pena de prisão se ao seu regresso faltasse um homem.

Ansiávamos por que começasse a campanha, pois nutríamos esperança de que sob o comando do Marechal Braun pelo menos alimentação não nos faltaria, passaríamos um pouco melhor do que ao tempo do Marquês de Barbacena. Finalmente veio a tão almejada ordem: ficou marcado o dia 7 de janeiro de 1828 para nossa partida.

Antes de iniciarmos a marcha ainda nos foi pago um mês do soldo atrasado; em seguida arrumamos às pressas a pouca bagagem que podíamos levar e assim, apenas providos do que era de maior necessidade, serenamente encarávamos os acontecimentos por vir. Ninguém das tropas da 1ª linha tinha ousado desta vez levar muita coisa para a campanha, pois ainda estava fresca a lembrança da perda de nossa bagagem a 20 de fevereiro de 1827. Mas as milícias novas, que agora se nos ajuntaram, traziam não só cargueiros, cavalos e mulas, superlotados de malas, caixões, caixas e sacos, mas ainda muitos levavam negros para servir de criados na campanha.⁹⁶ O arreamento dessa gente de mentalidade orientalesca era em parte tão rico que as cadeias e placas de prata constituíam verdadeira carga para o cavalo. Havia estribos que com seus enfeites

artísticos pareciam os nossos baldes de carvão para aquecimento das casas e às vezes eram de preço superior a duzentas piastras espanholas. As canas redondas das rédeas, trançadas de couro de boi, eram revestidas de tubos de prata, de polegada e mais de comprimento, justapostas, unicamente para enfeite. Da cabeçada pendiam em cadeias de prata de um dedo de grossura em grandes placas do mesmo metal precioso figuras de águia, gavião, avestruz, girafa. A sela consistia de um lombinho de madeira revestido de couro, por sua vez coberto com outro couro gravado com toda espécie de figuras fabulosas; sobrepunham-se à sela diversas mantas multicores, de lã, a estas novamente um custoso couro de tigre ou onça e por fim ainda um courinho muito fino. O conjunto era ajustado por meio de fortes correias ligadas a dois argolões de ferro. Cada um desses sibaritas brasileiros levava na mão um chicote de cabo curto, de prata ou de ouro, com 4 a 5 pontes muito bem trançadas.

Um segundo-tenente do 22º Regimento de Cavalaria de Milícia presenteou certa vez o General Rosado com um desses arreamentos, que custara 5.000 piastras espanholas.⁹⁷ Alguns anos mais tarde tornei a ver este moço e seu uniforme me mostrou que ele já era major, promoção para a qual sem dúvida contribuíra não pouco aquele arreamento. A milícia, aliás, só percebe soldo durante a campanha e a promoção não depende de antiguidade, mais das condições de fortuna pessoal dos indivíduos. Os Regimentos 22º, 32º e 40º,⁹⁸ este inteiramente constituído de naturais da Cisplatina, distinguiam-se tanto pelo seu conhecimento do terreno como pela sua destreza eqüestre e pela bravura pessoal. Infelizmente nenhum deles era completo, sem o que o nosso exército, com tantos quase-regimentos, deveria ter efetivo muito maior. Desta forma estariam novamente reunidos cerca de 8.000 homens, com os quais o Marechal Braun pretendia iniciar a campanha decisiva contra a República de Buenos Aires.

Os arroios que no inverno tinham engrossado em poderosas correntes, pareciam agora quase secos, o que muito facilitava o transporte do nosso reabastecimento. Onde dantes o cavalo mal passava a nado, agora podia-se passar quase a pé enxuto, assim como os caminhos dantes alagados agora estavam à vista e praticáveis.

Partimos, pois, a 7 de janeiro de 1828; longa coluna de viaturas com víveres seguia ao exército, como também quantidade de carretas de particulares carregadas de artigos de comércio.

NOTAS AO CAPÍTULO IX

90 Ainda, pura invenção. O Marquês obteve licença para ir ao Rio e passou o comando ao marechal Brown, como oficial mais graduado, a 18 de junho de 1827, dizendo na ordem do dia com que se despediu que aproveitava a quadra invernal, que tornava impossível o prosseguimento das operações, para ir à Corte conseguir os elementos que faltavam ao exército, pois sabia pela experiência que uma hora de conferência aplaina dificuldades que não são vencidas senão com muitos meses de correspondências.

No dia 16 de agosto o Imperador nomeava Barbacena para ir à Europa arranjar-lhe uma esposa; dois dias mais tarde, dispensava-o do comando do exército do Sul.

91 Gustavo Henrique Brown e não Braun. O anotador possui documentos firmados por ele. Serviu no exército português com a patente de marechal-de-campo, e no inglês com a de coronel. Segundo alegou, ao ser contratado para entrar ao serviço do Brasil, havia sido convidado para o exército da Prússia. Exerceu pela primeira vez entre nós o cargo de chefe de estado-maior, criado no comando de Barbacena, sem apoio em qualquer dispositivo legal. Comandou interinamente o exército e envolveu-se em grandes controvérsias, quer com o presidente Salvador José Maciel, quer com os mais graduados dos nossos oficiais, imbuídos estes, naturalmente, da onda nacionalista.

Foi excluído do exército pela lei de 24 de novembro de 1830. Reclamou inutilmente, apontando uma perfídia do visconde de Itabaiana, que ao redigir o contrato emitia a cláusula da vitalidade, levando-o a assinar de boa fé esse documento. Nesta situação ainda se achava em 1848, carregado de família e passando privações, muito embora pudesse mostrar a cicatriz do ferimento que recebeu no passo do Rosário, que apesar de profundo foi classificado por Barbacena de simples contusão. O requerimento que nesta data dirigiu ao governo pode ser lido na *Revista Militar Brasileira*, volume correspondente a abril-junho de 1925. Foi reincluído em 1851, como marechal-de-campo reformado. Faleceu em Dresden em 1861.

92 É muita bordoeira... A portaria de 3 de setembro de 1825 mandou punir com 60 chibatadas a primeira deserção simples e com 100 a segunda. No exército platino, as deserções não eram mais raras, mas as punições eram incomparavelmente mais severas. Vê-se pelos diários que estão publicados, que os desertores, logo após a captura, compareciam perante um conselho sumário e, horas mais tarde, eram fuzilados. As próprias senhas distribuídas ao exército platino faziam em regra alusão a tais castigos.

Os generais brasileiros cansaram de pedir a mesma providência, mas os políticos que nos governavam nada conseguiram, mesmo porque a deserção foi uma das melhores armas empregadas para entravar a marcha das operações e perder o primeiro imperador.

- 93 Isso não passava de um boato, espalhado pelo inimigo. Nesta última fase, as dificuldades do exército platino eram ainda maiores do que as nossas. Numa época em que a guerra era feita mais com homens e animais do que com o material, com o tempo o império aumentou consideravelmente os efetivos de suas forças, chegando a reunir na região de Jaguarão uns nove mil homens, a que os contrários talvez não pudessem opor seis mil.
- 94 Inexato. Ainda hoje os habitantes do Rio Grande do Sul apreciam muito a carne. Os oficiais estrangeiros que conosco tratam admiram-se da frugalidade dos nossos soldados, pois mesmo os filhos do norte, que não estão habituados ao churrasco, não são exigentes quanto à alimentação. (Vide a nota 39).
- 95 Convém esclarecer que a mudança do 27º B. C. para o sul da província obedeceu a um plano de conjunto. Sabemos que o Marquês de Barbacena entregou o comando do exército ao Marechal Brown no dia 20 de junho de 1827, em S. José do Norte. Brown, de acordo com as informações que tinha do inimigo, resolveu tocar do passo de S. Lourenço para a região de Jaguarão. Para evitar uma longa marcha, as unidades foram transportadas por via fluvial, descendo o Jacuí até Porto Alegre e daí, pelo Guaíba e Lagoa dos Patos, etc., até Pelotas finalmente pela Lagoa Mirim.
- Não seria possível obter transportes imediatamente para todos os homens, animais e materiais, pois a navegação se fazia lentamente, por meios muito primitivos. A descida do rio Jacuí fazia-se a vela e a remo, mas para a subida, com o material de retorno, era muitas vezes necessário recorrer à sirga, arrastando as embarcações por meio de cordas, puxadas das margens.
- O tempo necessário aos transportes foi aproveitado para fazer, instruir e disciplinar as tropas de 1ª linha, cujos corpos foram mandados para as povoações mais próximas, ao longo do Jacuí; as unidades de 2ª linha foram licenciadas provisoriamente, enquanto que a cavalaria regular, depois de refeita, foi mandada para o Pirai, onde se achava uma cobertura de operações, sob o comando do Marechal Sebastião Barreto Pereira Pinto.
- O Q. G. ficou em Porto Alegre, até que os corpos fossem todos encaminhados para o Jaguarão, o que se verificou em fins de setembro, quando foi mudado para Pelotas.
- 96 Isso que parece estranho, era então comum nas milícias.
- 97 O autor provavelmente nem conheceu o General Massena Rosado, que deixou o comando do exército no dia 1º de janeiro de 1827, recolhendo-se ao Rio. A esse tempo, o 27º B. C. ainda não se havia incorporado ao exército. Um arranjo muito mais inteligente seria fazer o tal 2º-tenente dar os arreios a outro chefe de influência, que tivesse permanecido no exército...
- 98 Citando os 22º, 32º e 40º regimentos de cavalaria ligeira de 2ª linha do exército, que por uma questão de simples tradição eram ainda chamados regimentos de milícias, faz aparecer uma unidade de reserva que não tomou parte na campanha. É provável que o erro tenha sido do tipógrafo e do revisor. Em vez de 32º regimento de milícias, poder-se-ia ler 23º ou 39º. No primeiro caso, trocadas as posições dos dois algarismos, o autor ter-se-ia referido ao 23º Regimento de Cavalaria Ligeira de 2ª Linha,

anteriormente chamado de Entre-Rios, isto é, da região entre o Ibicuí, Uruguai e Arapeí; no segundo, em vez de um 2, deve ler-se um 9, quando Carlos Seidler queria referir-se ao 39^o Regimento de Cavalaria Ligeira de 2^a Linha, chamado de Serro Largo.

.....

Capítulo X

HISTÓRIA MILITAR – PARTIDA DE SERRITO
– CHEGADA DO VISCONDE DE LAGUNA
– FRUTUOSO RIBEIRO, O CUNCTATOR – SURPRESA
AO ACAMPAMENTO INIMIGO À MARGEM DO JAGUARÃO
– INTRIGAS NO EXÉRCITO – MAU PAGAMENTO
DO SOLDADO – A VELHA MISÉRIA

Souara, pois, o tão almejado minuto que me sagraria herói: abria-se-me a perspectiva segura de alcançar pela própria energia a independência e a glória no tumulto louco da batalha, de sufocar o arrependimento por haver abandonado a desprezada pátria e os parentes, com juvenil leviandade; começaria, pois, gloriosamente a história da minha vida política e eu mesmo surdiria purificado e enrijecido da prova de fogo da batalha das nações sul-americanas.

Eram sonhos tolos, como se costuma tê-los em seus anos tolos de inexperiente da vida, sonhos que sob essa forma não voltam e contudo não se esquecem, pois a quadra da nossa inocente tolice é a fase brilhante de nossa vida humana, de nossa felicidade terrena.

Dissipado o crepúsculo divino de nossas esperanças de criança, desde logo a escuridão da noite tumular e o verme Nidgard, que pela doutrina de Odin envolve como cinto a esfera terrestre, esmaga impla-

cavelmente sua presa até a morte. Mas este verme Nidgard nada mais é que a zona equatorial e o Brasil, este curioso império do brinquedo de revolução de macacos, fica nessa zona. O sol arde e entusiasma, o cérebro ferve e o coração transborda, a fantasmagoria não toma fim; os fata morgana pouco variados rechaçam toda a refletida realidade e a natureza é aqui história natural, painel ilustrado no caleidoscópio do mundo.

Um herói passivo, porém, um mártir forçado de um princípio estrangeiro forçado, boneco nas mãos de onipotente nigromante, é sempre um contrassenso, enquanto um sistema ativo qual amorosa ama, embala o nosso coração com as mais lindas canções de berço e fábulas infantis, criatura que não acha em parte alguma sossego nem satisfação. Íamos ao encontro dum futuro incerto, esperávamos travar guerra de gigantes com índios, argentinos e patagônicos; superpúnhamos montes a montes, matas sobre matas, o rio correntoso ao mar espumante, espuma a sonho – esperança à fé – coisa que não lograram nem gigantes, nem titãs. Tudo saíra diferente, o sonho espuma, a fé esperança desesperada, e o desespero religião.

A história militar que se segue, a qual tratarei o mais possível sucinta e concisamente, esclarecerá essa introdução.

Mal havíamos dado as costas a Serrito, recebíamos a notícia de que aí entrara um destacamento inimigo de 400 homens. O Marechal Braun abandonou de bom grado a povoação aos republicanos, preocupado somente em procurar o grosso do exército inimigo que, segundo corria, teria já penetrado mais de 20 léguas pelo território da província de S. Pedro do Sul. Marchávamos noite e dia, para alcançar o inimigo o mais cedo possível, mas este parecia que desejava por ora evitar uma batalha decisiva; pois sua infantaria ficara na Cisplatina e por isso ele se contentava em constantemente nos cercar, o que lhe era fácil em vista da grande diferença entre a nossa cavallhada e a dele. É que especialmente os argentinos estavam todos muito bem montados e podiam diariamente trocar de cavalo uma vez e até duas, ao passo que a nossa cavalaria se achava nesse sentido em estado lastimável. Mas em toda parte onde aparecesse a nossa infantaria os republicanos recuavam com medo, e com a sua boa e rápida cavalaria não lhes era difícil nesses espaços incomensuráveis ressurgir ora na nossa frente, ora na retaguarda. Contudo não era possível fazê-los parar em parte alguma, com o que a situação tornava-se para nós cada vez mais crítica, quanto mais os perseguíamos, vendo-se clara-

mente que eles objetivavam nada mais que tomar-nos os rebanhos de gado e cortar as comunicações. Por isso, após várias tentativas inúteis para provocar uma decisão, o marechal fez o exército parar alguns dias, para que a soldadesca cansada de tantas excursões em sentidos cruzados pudesse refazer-se e receber remuniciamento; mal porém acampávamos, o inimigo de novo nos rodeava com suas guardas – que fugiam logo que, mesmo de longe, descobriam o avanço de qualquer pequeno destacamento nosso.

Já então o exército começava a sofrer privação de muita coisa que não deve faltar ao soldado em campanha. A maioria dos transportes a nós destinados eram apresados e os destacamentos que os escoltavam eram aniquilados; até os comerciantes que nos haviam acompanhado com os seus carros de bois se afastavam e não voltavam.

Finalmente o general recebeu por um bombeiro⁹⁹ a notícia de que bem na nossa proximidade acampara um corpo de cavalaria inimiga, de 6.000 homens. Na mesma data, à noite, o 27º Batalhão de Caçadores, alemão, e mais dois batalhões de caçadores brasileiros, bem como alguns regimentos de cavalaria, receberam ordem de partir imediatamente, em completo silêncio, sem mochila e de equipamento aliviado, abundantemente municiados; a maior parte da cavalaria e a artilharia, bem como dois batalhões de infantaria, ficaram no acampamento.

Avançamos com a maior cautela até alta noite; fora proibido dar a mínima palavra, sob pena de severo castigo; quanto mais progredíamos, tanto mais se amiudava o encontro de espiões, a pé e a cavalo, que nos demonstravam que estávamos perto do inimigo.

Estávamos na firme convicção de que finalmente teríamos batalha e por isso de antemão nos alegrávamos; súbito, cerca de meia noite, fizemos alto e logo o Marechal Braun retrocedia às pressas pelo mesmo caminho. Cheios de esperanças acampamos e aguardamos as ordens que haviam de vir. A noite era excepcionalmente fria; um vento agudo, cortante, parecia querer penetrar-nos até a medula. Silenciosamente ensarilhamos as armas, cada qual procurou um montículo ou uma árvore que um pouco o protegesse do rigoroso frio. Finalmente pelas quatro horas da manhã apareceu em vez do marechal um ajudante, e trazia a ordem de que incontinenti, em nada feito, retrocedêssemos ao acampamento.

Sem achar decifração para esta repentina mudança, o corpo obedeceu murmurando a esta ordem desagradável; só depois de retornados às nossas barracas é que soubemos que o Tenente-General Lecór, Visconde de Laguna, a quem o governo passara o comando superior do exército, chegara poucas horas após a nossa partida e dera ao marechal ordens severas para imeditamente retroceder.¹⁰⁰ O Marechal Braun havia procurado uma batalha por estar convencido de que sairia vencedor, mas o nosso novo generalíssimo adotava sistema totalmente outro. Era de opinião que se evitasse todo encontro sério, “porque no caso de uma batalha malograda o Brasil seria incapaz de formar outro exército, pelo que se devia bater o inimigo pela prudência, isto é, pelo suborno, mas de nenhum modo pela força das armas”. O Marechal, profundamente melindrado, depois de uma longa entrevista que teve sobre esse assunto com o seu novo superior, recolheu-se cheio de furor à sua barraca.

O General Lecór era um homem de 72 anos de idade, de aspecto respeitável, com renome militar, e poderia ter sido outrora um valoroso general-de-campanha, pois que a Inglaterra lhe confiara um exército de 10.000 ingleses nas campanhas de Espanha e Portugal, sob o comando superior de Wellington e Beresford; agora, porém, talvez demasiado avançado em anos, ou retardado diante dos progressos da época, mostrou-se vacilante em excesso e dúbio em suas empresas. Segundo os seus princípios, recommençaram pois as migrações pelas planícies da província de S. Pedro do Sul, sem que se pudesse esperar uma decisão pelas armas. O inimigo entretanto tornava-se cada vez mais atrevido; fortes magotes constantemente nos circundavam, impedindo o nosso reabastecimento, e de todos os lados apareciam privações das coisas as mais necessárias. Cada manhã eram encontrados mortos diversos homens dos nossos postos avançados. Os espanhóis se esgueiravam à noite, com o seu fuzil geralmente carregado de balas picadas, ocultando-se atrás de cavalos adrede ensinados, fuzilavam escondidos a nossa sentinela e logo montavam a cavalo e impunes fugiam a toda a brida. Geralmente o infeliz atingido por um desses pedacinhos de chumbo morria, pois ainda com a imperícia dos nossos cirurgiões e a penúria da nossa farmácia logo se declarava a septicemia. Para pôr um paradeiro a esse estado de coisas, evitar uma lenta e inglória dissolução, o general-em-chefe teve de resolver finalmente empreender algo de sério;

partimos novamente e procuramos pelas nossas marchas forçar o inimigo a um encontro, fosse onde fosse.

A 20 de fevereiro de 1828 pareceu, de fato, finalmente, que os republicanos queriam rememorar o primeiro aniversário da batalha do Passo do Rosário, pois atacaram cedo a nossa vanguarda.¹⁰¹ Ao nascer do sol ouvimos um prolongado e violento tiroteio, pelo que o batalhão de caçadores alemães recebeu ordem de avançar a toda a pressa; e não tardou que vissemos a nossa ponta repelida energicamente por numerosos forrageadores. Mas também mal galgamos uma elevação, os republicanos instantaneamente retiraram, visivelmente amedrontados. Queriam certamente medir-se com a nossa cavalaria, não com a infantaria; mas executaram a sua retirada tão rápida e em tão boa ordem que não conseguimos alcançá-los. Assim tivemos todo o dia o inimigo à vista, sem logarmos fixá-lo; só as *guerrilhas* [sic] da cavalaria continuavam.

A 21 de fevereiro, ao nascer do dia, avistamos os republicanos dispostos em extensa linha bem perto de nós. Alguns disparos de canhão, ordenados pelo marechal, que agora se conserva sempre junto da nossa ponta, desafiavam à luta. O inimigo ficou impassível, parecendo prudentemente preferir a espera pelo ataque da nossa indisciplinada cavalaria; quando, porém, em vez disso, algumas companhias de caçadores, em linha de atiradores, se puseram a avançar, ele retirou vagarosamente, após os primeiros tiros. Agora a nossa cavalaria também atacou, foi, porém, logo repelida.

A 22 de fevereiro repetiram-se as cenas dos dois dias precedentes. De todos os lados ouvia-se forte tiroteio e de vez em quando chegavam feridos; mas era impossível deter os republicanos até que a nossa infantaria pudesse participar no combate. Sem perder propriamente terreno, o inimigo cedia diante de nós, ora à direita, ora à esquerda, o que era muito fácil de realizar nessas vastas estepes, onde era impossível fixá-los.

A 24 finalmente ele desapareceu de todo de nossas vistas, e tornamos a segui-lo algum tempo sem que ocorresse o mínimo combate. Depois deram-se outra vez algumas insignificantes escaramuças, e afinal acampamos junto ao arroio do Meio. Agora, porém, todas as nossas provisões estavam inteiramente consumidas. Nada mais nos era fornecido,

senão diariamente duas libras de má carne magra, que, ingerida sem sal e sem pão, só podia exacerbar a nossa fome, acrescida pelos inúmeros sacrifícios. Nessa extremidade, e crescendo que muita vez parte da minguada ração era de ossos, os soldados iam apanhar pêsegos verdes na vizinhança e os cozinhavam em água pura. Semelhante “desaperto” era punido com duzentas varadas.

Um dia um alemão desrespeitou essa proibição e foi buscar alguns dos mencionados frutos numa plantação próxima, no que foi descoberto. Servia num dos batalhões brasileiros e o comandante não trepidou em querer mandar aplicar-lhe o dito número de varadas, mas ele possuía mais amor-próprio para preferir a morte à vergonha e por isso enquanto o capitão inspecionava a companhia ele meteu uma bala na cabeça. Espantados de admiração, os brasileiros o olhavam e unânimes comentavam que eles teriam antes sofrido o castigo que tomado semelhante resolução.

Cada dia crescia a miséria, nossos soldados matavam todos os cães que ainda apareciam no acampamento e os comiam como petisco, pois pelo menos tinham muito mais gordura e força do que os cansados bois magros, que pelas longas marchas e a fome estavam tão miseráveis que agora quase só tinham sangue nos ossos, em vez do tutano, de que dantes nos servíamos para os assados.

O soldo que aqui não era pago em papel como no Rio de Janeiro, mas em moeda, e que desta maneira, inclusive todas as gratificações chegava quase ao dobro do que era lá, desde muito tempo não nos era pago; também pouco teríamos podido fazer aqui com o dinheiro, pois os comerciantes há muito tempo não se animavam às nossas vizinhanças, desde que os espanhóis haviam apanhado diversas de suas carretas e matado os donos. Entretanto o governo brasileiro remetia freqüentemente importantes somas para paga dos soldos, eram, porém, pelo General Lecór mandadas ao famigerado General Frutuoso Ribeiro.¹⁰²

Antes de prosseguir na minha narração, preciso registrar algo da biografia desse homem notável.

Frutuoso Ribeiro, o astucioso aventureiro, em cujos ambiciosos planos muitas vezes falharam os propósitos de D. Pedro, é brasileiro de

nascença,¹⁰³ e serviu ao Brasil como major. Sem possuir propriamente conhecimentos sólidos do que quer que fosse, ele sabia ajeitar-se em qualquer situação da vida, era sempre hábil e ardiloso, mostrou em várias ocasiões extraordinária perspicácia, conhecia exatamente o terreno em que se fazia a guerra, possuía grande conhecimento dos homens, seguia seus projetos com rara proficiência, tinha ilimitada resistência física, e não olhava se eram bons ou maus os meios que servissem a seus fins. Sua desmedida confiança em si mesmo, sua louca mentalidade política, sua exagerada ambição, naturalmente não permitiram que por muito tempo se contentasse como major. Ele imaginava, mal amadurecido como homem, submeter ao seu domínio as províncias Cisplatina e S. Pedro do Sul, pensando mesmo, no seu sonho de majestade, constituir delas um reino para si. Para dar começo a essa dificultosa empresa entrou em secreta ligação com o general-em-chefe inimigo, prometendo-lhe bandear para os republicanos o regimento de seu comando. Não tardou em aparecer a ocasião para executar esse plano atrevido.

Rivera, depois de prevenido o inimigo, conduziu o seu regimento a um lugar rodeado de montes e aí mandou desencilhar os cavalos e ensarilhar as armas, e em seguida dispersou a maior parte de sua gente, em busca de lenha, água e carne. Tudo fora previsto de modo que as distâncias a vencer para desempenhar essas tarefas fossem longas, para que os soldados tivessem que demorar nelas. Enquanto isso, a um aceno, um insignificante troço de tropas inimigas sorrateiramente se aproximou do acampamento e sem dificuldade se apoderou das armas, e os soldados brasileiros, vendidos pelo seu próprio major, ao regressar da faina se viram inermes, e cercados pelo inimigo foram aprisionados sem resistência. Na maior parte passaram depois ao serviço da República. Por esta façanha Frutuoso Ribeiro foi logo nomeado coronel e pouco depois brigadeiro, ao serviço de Buenos Aires.¹⁰⁴ Mas o seu orgulho não permitia que fosse subordinado a outro; e como todas as cabalas para depor o General Alvear falhassem na firmeza do então presidente de Buenos Aires, ele resolveu, qual novo Wallenstein, constituir por sua própria conta um bando de salteadores. Assim ajuntou todo o rebotalho que longe ou perto pôde atrair e lançou-se com essa gente às Missões, outrora possuídas pelos jesuítas, aí tratou de fortalecer o seu bando meio esfaimado, à custa dos habitantes. Tanto o Brasil, como Buenos

Aires, passaram a volver suas vistas para esse violento herói, que, sem dizer para que, reunira um exército de dois mil homens e saíra da lei, ditando ele mesmo a lei da espada. Ambos os países porfiavam pela sua amizade, pois cada qual teria lucro em obter a adesão de semelhante homem com seu bando, talvez até pudesse com ele determinar a decisão da demorada guerra. Mas Ribeiro era bastante astuto para aproveitar bem a vantagem adquirida, e com a sua tática manhosa deixava a ambos na incerteza e na esperança. Tanto ao Império, como à República, ele lisonjeava com a perspectiva agradável de juntar-se com a sua gente ao exército,¹⁰⁵ mas tanto protelava o cumprimento dessas promessas, que em breve de ambas as partes não podiam mais fiar-se nele. Entretanto seu pequeno exército crescia dia a dia, como a bola de neve se faz avalanche, e ele era requestado como juiz entre os dois países tão importantes, Brasil e Buenos Aires. É que estava em jogo a posse da bela província Cisplatina e tanto mais importante devia tornar-se o homem a quem se atribuía que pela adesão de seu pequeno exército a um dos adversários faria pender a vitória para esse lado.

O General Lecór que, como já narrei, era de opinião que o exército inimigo devia ser batido pelo suborno muito mais que pela espada, mandava àquele dúbio Cunctator todo o dinheiro que se destinava ao pagamento do soldo do exército brasileiro, esperando assim conquistar a amizade, quem sabe o auxílio de Rivera. Este aceitava tudo e fazia constantes protestos de fidelidade ao Brasil, explicando que não fora propósito, fora um acaso infeliz, a sua passagem para o serviço da República; e calmamente prosseguia em suas pilhagens e roubos nas Missões.

O Marechal Braun, ao contrário, que não podia mais refrear o seu furor, prevenia repetidamente o General Lecór que se não fiasse de um homem cujo único fito era fortalecer-se e enriquecer o mais possível, para depois entrar, em plena liberdade, como terceiro, no conflito e, por fim, qual o leão da fábula ficar com o melhor quinhão em partilha.

Mas todas as ponderações nesse sentido foram baldadas; o general teimoso tinha que levar avante o seu propósito e o nosso exército por isso tinha que passar fome, ter paciência e pouco a pouco aniquilar-se.

Enquanto desta maneira Frutuoso Ribeiro, com suas renovadas promessas sedutoras, enganava o governo brasileiro, ia ele engros-

sando diariamente o seu pequeno exército, o que ainda mais lhe era facilitado pelas importantes somas em dinheiro que lhe eram mandadas de nossa parte e pela da República. Iludindo a ambas as potências com os seus protestos de dedicação e disposição de, se necessário, prestar auxílio, ele aplicava o dinheiro e os mantimentos que do mesmo modo lhe chegavam em abundância para manter favorável o espírito de suas tropas e fortalecer-se o mais possível. Zombando de todos os esforços para induzir esse atrevido caudilho – que era em terra o que quase na mesma época fora no mar lorde Cochrane – a tomar finalmente o partido de um dos contendores, Ribeiro com a maior habilidade fugia de demonstrar publicamente suas verdadeiras intenções, desculpava-se constantemente com razões fúteis pela sua demora em incorporar-se ao exército, e persistia como temido ladrão nas Missões. O justificado ódio do Marechal Braun subiu ao extremo; o velho Lecór teve que ceder e ante a insistência dele mandou afinal um corpo contra Frutuoso, corpo que entretanto foi atacado pelos supostos amigos e rechaçado. Estavam finalmente expostos à luz do dia os astuciosos propósitos do ambicioso cavaleiro da sorte e o nosso general curado da ilusão com a mais dolorosa decepção; reconheceu-se claramente que todas as negociações de Frutuoso desde o início não passavam de finíssima trama de intriga. Não obstante não se ousava proceder abertamente contra ele e deixou-se por ora que ficasse nas Missões, a roubar e a pilhar quanto entendesse. O esperto rei de bandidos nunca se esquecia depois de cada operação de rapina de remeter um relatório ao nosso general, descrevendo a sua empresa como imprescindível.

Quando, finalmente, a 30 de outubro de 1828 se ultimou a paz entre o Brasil e Buenos Aires, e a antiga província Cisplatina se transformou em República do Uruguai, Frutuoso Ribeiro estava à testa de numeroso exército, com o qual logo marchou sobre Montevidéu,¹⁰⁶ no propósito de aí proclamar-se ditador. Os seus planos tendentes à criação de um novo reino independente falharam, entretanto ele logrou êxito em sendo até hoje presidente da República do Uruguai, sobre a qual ele pretendia exercer soberania absoluta. Registrei esses poucos traços da vida desse homem porque é freqüentemente citado em publicações, de modo que essas notícias talvez sejam do agrado do leitor.

Feita esta breve explicação, torno ao nosso acampamento do arroio do Meio, onde reinavam a fome e a miséria; a falta de víveres chegou a tal ponto, que, de desespero, diversos soldados alemães se suicidaram, pois só os nossos soldados índios sabiam sempre ainda conseguir um boi ou um bezerro. Todas as elevações em torno estavam sempre ocupadas por postos avançados do inimigo, que nos observavam, mas que se afastavam apressados toda vez que um pequeno destacamento nosso se movia ao seu encontro. Em pouco tempo desapareceu todo o pasto derredor, de modo que o pouco gado que havíamos conservado quase pereceu de fome e de peste. O General Lecór, sempre provido de víveres e até de gulodices, em um carro seu, parecia não sentir a miséria da sua tropa; só o Marechal Braun não afrouxava no seu zelo. Ele exigiu energicamente uma mudança de acampamento e fez realizá-la.

Em parte por isso, em parte pelas cenas já anteriormente ocorridas resultou naturalmente a maior hostilidade entre os dois generais.

Partimos, pois; e aproximamo-nos novamente de Jaguarão e da amável Serrito, de onde era muito mais fácil prover ao abastecimento, do que do arroio do Meio. Durante a marcha tocamos em várias fazendas isoladas e aí achamos vestígios das barbaridades praticadas pelas tropas da República. As paredes das casas estavam arrombadas, todos os móveis estilhaçados, nenhuma janela inteira; até às figuras de santos, os soldados estrangeiros, que entretanto também eram católicos, tinham arrancado as cabeças e posto no seu lugar, sobre o tronco mutilado, com vergonhoso desrespeito, montes de imundície. Nem o gado pertencente a essas casas, nem as árvores frutíferas haviam sido poupadas dessa selvageria; nem com a destruição de objetos inanimados se saciara o furor dos argentinos: pessoas inocentes tiveram que pagar com a vida o ódio nacional remanente, de séculos, entre esses descendentes dos espanhóis e os dos portugueses.

O Marechal Braun, cansado das eternas migrações pelas estepes da província de S. Pedro do Sul, e indignado ao mais alto grau pelos maus-tratos a que estavam expostos os habitantes dessa província, resolveu agora, mesmo sem ordem do General Lecór, atacar o inimigo na primeira ocasião. E não tardou que pudesse realizar o seu ousado plano. Havíamos acampado alguns dias perto do Jaguarão, para que pudessem

restaurar-se as nossas tropas exaustas das marchas, quando súbito o General Lecór julgou importante desalojar do Serrito a guarnição inimiga, de 400 homens. Para isso ele expediu o Marechal Braun com três batalhões de infantaria e alguns regimentos de cavalaria. Desse destacamento fazia parte, felizmente, o Batalhão de Caçadores de alemães; e Braun, confiante nestes seus patrícios, atreveu-se a deixar de lado a ordem de seu superior e, em vez de marchar sobre Serrito, transpôs o Jaguarão para surpreender na província Cisplatina um forte corpo de argentinos, de modo que se houvesse forças inimigas à nossa retaguarda, o teatro da guerra seria deslocado para o território inimigo, com grande vantagem para nós.¹⁰⁷

Uma manhã descomunalmente enevoada favoreceu o corajoso plano do marechal. Antes de nascer o dia tínhamos atravessado o rio e em silêncio nos aproximamos do acampamento inimigo. Os republicanos, prevenidos por espiões do avanço de nossas tropas sobre o Serrito, não suspeitavam que o marechal pudesse ultrapassar as ordens recebidas e fosse fazer-lhes uma visita em seu território. Estavam, pois, entregues à maior descuidança, apenas tendo dado conhecimento ao Coronel Latorre, que comandava em Serrito, do perigo de que haviam tido notícia. O momento parecia favorecer-nos; enquanto a infantaria avançava despercebida, graças à cerração espessa, a nossa cavalaria tocava para o Brasil grande parte da cavalhada e da boiada que pastava naqueles campos gordos.

Pelas 8 horas atingimos finalmente à primeira casa, uma grande casa branca, onde topamos soldados inimigos. Tampouco haviam pressentido a nossa aproximação, que foram todos aprisionados sem que se disparasse um tiro; e dos prisioneiros soubemos que o acampamento, em que estariam uns três mil homens, todos de cavalaria, poderia estar a meia hora de distância. E a cerração tornava-se cada vez mais densa.

O inimigo, para se defender, seria obrigado primeiramente a apanhar os cavalos que, segundo o costume da região, estavam soltos, espalhados nas vastas planícies, de modo que existia a maior probabilidade de cercarmos todo o acampamento e aprisionar todo o bolo antes que os republicanos ficassem em condições de reagir eficazmente. Mal o Marechal Braun colhera as necessárias informações, ia continuar a marcha; nisto repentinamente o comandante da cavalaria que nos acompanhava,

Coronel Bento Manuel, declarou que “não daria mais um passo para a frente sem que antes tivesse mudado de cavalo, substituindo os magros e miseráveis cavalos de nossos cavalheiros pelos bons cavalos que já se lograra reunir na incursão à província Cisplatina”. Nem por bem, nem por mal, o marechal conseguiu demovê-lo. O coronel persistiu na sua opinião e todos os oficiais da cavalaria o apoiavam. Na Europa semelhante desobediência ao superior teria sido punida com implacável severidade; entretanto, pelo que me consta, o Coronel Bento Manuel nem ao menos foi chamado a contas pelo seu crime, o que talvez se explique pelo fato de que o próprio marechal havia ultrapassado a ordem, recebida e por isso talvez não ousasse depois dar uma parte ao governo contra o coronel.

Braun viu-se pois forçado a ceder à massa: de coração confrangido mandou fazer alto para dar tempo à cavalaria de mudar de cavalos. Nisso perderam-se duas horas inteiras, durante as quais o inimigo ficou fartamente advertido do risco que corria e depressa tomou suas providências para obviá-lo.

Entrementes a cerração foi-se dissipando; víamos o acampamento dos republicanos perto na nossa frente, mas também víamos como os soldados, aos dois e aos três, se encarapitavam no primeiro cavalo que apanhassem, mesmo sem arreá-lo, e fugiam a toda a brida. Avançávamos com velocidade crescente, até que chegamos ao acampamento inimigo, que, porém, achamos vazio. Pela inesperada protelação, o nosso plano, se não malograra de todo, pelo menos não tivera a realização que de começo se podia esperar. Fizemos poucos prisioneiros e tivemos que nos contentar em atear fogo ao acampamento, que era constituído só de ranchos de macega, mas muito bem construído, muito limpo, quase artístico. Foi grande o prejuízo dos republicanos, sobretudo em gado, pois lhes arrebanhamos mais de 6.000 cavalos e número quase igual de bois. Quanto esse ataque surpreendeu o inimigo, podíamos reconhecer no fato de ainda acharmos cartas de jogar nas mesas, as quais segundo tudo indicava só tinham sido largadas quando já cercávamos o acampamento. O oficial incumbido de entregar às chamas as barracas dos argentinos até ainda encontrou numa das mesas trançadas de macega algumas piastras espanholas, que na pressa os fugitivos esqueceram.

Aqui e ali ainda havia panelas de ferro ao fogo, nas quais as índias estavam preparando a refeição do meio-dia.

Enquanto uma parte das nossas tropas se ocupava em arrasar a ferro e a fogo o acampamento inimigo, víamos o Coronel Latorre retirar-se com o seu bando pelo alto da coxilha próxima. A ninguém ocorreu de pôr o mínimo embaraço à retirada desse troço de 400 homens. O coronel argentino retirou-se sobre Serro Largo, onde então se achava o quartel-general dos republicanos, sob o comando superior do General Lavalleja.

A rápida retirada que Latorre fez de Serrito já demonstra que ele estava plenamente inteirado da ordem de avanço do exército brasileiro sobre essa localidade, mas de nenhum modo podia suspeitar que o Marechal Braun pretendesse penetrar na Cisplatina; tanto mais devíamos contar com resultado favorável, vitória gloriosa, pois que surgimos inesperadamente e favorecidos pela cerração nas imediações do acampamento inimigo. Novamente as idéias entusiásticas de um chefe, se não grande homem, pelo menos homem enérgico, foram frustradas pelas mais miseráveis *abalas* [*sic*], sob o influxo de um inepto ódio nacional.

Regressamos no dia seguinte, quase sem nos havermos desincumbido, ao Jaguarão, onde encontramos o General Visconde de Laguna com todo o exército. Informado pelo Marechal Barreto, inimigo jurado do Marechal Braun, da nossa ousada expedição, ele se moveu rapidamente com todas as forças, na intenção de eventualmente nos acudir, pois, segundo disse mais tarde, devia esperar “que o corpo confiado ao então chefe do estado-maior retrocederia em desordenada fuga”. Barreto, para prejudicar ao seu rival, havia espalhado esse boato no exército e como intrigante inteligente soubera conduzir a coisa de tal modo que em breve o generalíssimo teve ciência e então, como já referi, com grande prazer marchou lentamente em socorro do corpo, a seu ver inteiramente batido e em fuga. Quando, porém o visconde nos viu a regressar na melhor ordem e trazendo rica presa de gado, a expressão de aborrecimento pareceu desfazer-se em seu rosto macilento, vincado, e saudou com todas as mostras de calorosa amizade e gratidão ao marechal que garbosamente cavalgava ao seu encontro. Mas essa aparência atenciosa era nada mais que máscara, da qual o coração era alheio; pois Lecór sentia muito bem que Braun pelos seus feitos ganharia mais pres-tígio que ele e com isso, secundado pela mentalidade reinante entre a

soldadesca, poderia tomar-lhe a coroa de louros já murcha. Assim Barreto empenhava todos os esforços para fortalecer o General Lecór nessa ordem de pensamentos e decidi-lo e, se possível, afastar o Marechal Braun do exército. Realmente pela letra da lei Braun era passível de punição de qualquer modo, pois por mais benéfica que tivesse sido a incursão na Cisplatina, ele transgredira as ordens de seu superior.

Mas no Brasil a disciplina que é? Um enjeitado em roupas de gala com espada e gorro de parada, um Gasper Hauser¹⁰⁸ que se quer fazer gente.

Assim surgiu a intriga entre os oficiais mais graduados do exército brasileiro, em detrimento infalível da causa comum. Barreto, como principal intrigante, soube pelo dinheiro e a gentileza angariar a preferência da camarilha do General Lecór, nesse drama de família de Iffland, e através dela predispor cada vez mais para seus planos o decrépito, inconseqüente velho folião, até no sentido de o induzir finalmente a uma acusação oficial contra Braun no Rio de Janeiro, por motivo de transgressão de ordem. O bravo marechal, que tão irrefletidamente desempenhara o papel de um príncipe de Hamburgo, foi por isso chamado à capital brasileira, onde porém ele se defendeu cabalmente da acusação com base em sua inquinada operação, de tal modo que o conselho de guerra, ao qual respondeu sem demora, o absolveu inteiramente.¹⁰⁹

Tudo isso demonstra que a respeito da ordem militar não se obedecia a um sistema preestabelecido, só se atendia a pontos de vista inferiores, à mercê do acaso; quem melhor dominasse a língua vencia sempre, por mais que se arredasse do direito. O marechal Braun, graças a seu talento e cultura, era bom orador, e tendo antes servido anos em Portugal conhecia bem a língua portuguesa, de modo que pôde facilmente justificar a transgressão da ordem e deixar na maior claridade a inação do general Lecór, o que, para sua defesa, não se poupou de fazer com toda a evidência. Mais tarde o visconde também foi responsabilizado, mas absolvido, como o marechal.

Apenas de regresso ao acampamento, os oficiais receberam ordem de entregar os cavalos apresados, ao mesmo tempo, porém, dando-lhes a promessa de que dentro de poucos dias cada um poderia escolher de toda a cavallhada o animal que mais lhe agradasse. Eu havia apanhado um tordilho grande, muito bonito, e como não me fiasse mais

de semelhantes promessas declarei que estava muito satisfeito com o meu cavalo e desistia de qualquer troca. Mas os meus camaradas, que não tinham tido a mesma sorte, entregaram suas montadas na esperança de mais tarde poderem escolher melhor dentre os milhares de cavalos. Mas enganaram-se: os cavalos foram postos em hasta pública, o marechal ficou com os mais bonitos; cada soldado recebeu alguns tostões do produto do leilão e os oficiais nada, nem dinheiro nem cavalo. Assim eu pelo menos estava contente de haver ficado com o meu tordilho, se bem que não pudesse servir-me dele por muito tempo, porque pouco depois um índio me roubou. Roubar dinheiro é crime vil aos olhos dos habitantes desta província, mas roubar cavalo, como já referi ou boi, é coisa praticada pelos mais ricos, sem o menor escrúpulo de consciência.

A esse tempo o valente e nobre comandante do nosso batalhão, William Woods Yeats, por doença fora obrigado a retirar-se para S. Francisco de Paula, onde com a maior dor de seus comandados não tardou a morrer, e foi substituído pelo Major Luís Manuel de Jesus, português. Para os alemães já era desagradável verem à sua testa um homem de outra nacionalidade e tal sentimento era duplicado porque o major jamais se distinguira, mas sempre que possível manifestava seu menoscabo pelos alemães, depreciava seus feitos e os tratava como cães. Acrescia que ele era tão ambicioso por dinheiro quanto astucioso, tão cruel quanto covarde, pelo que não era estranho que os pobres soldados fossem vergonhosamente enganados e em vez de alcançarem justiça em suas queixas fossem horivelmente maltratados. Semelhante tratamento devia revoltar os ânimos e dava lugar a freqüentes insubordinações e ainda, mais freqüentes deserções; e esse estado de ânimos desfavorável, qual venenosa epidemia, contagiou em parte os batalhões brasileiros, que já haviam acostumados a tomar por modelo os corpos estrangeiros, em muitos aspectos, pois embora no fundo não gostassem deles contudo não escureciam que a respeito de militança os alemães lhes eram muito superiores.

Mal o exército acampara no arroio do Bote, depois da última expedição do Marechal Braun, cada vez mais claramente se revelou o estado de descontentamento que dominava; os alemães, a maior parte das quais pelas seduções e promessas do famigerado Major Schäffer tinham trocado sua pátria pelo Brasil, escolhiam o meio a seu ver mais

honroso de se livrarem dessas cadeias, metendo uma bala na cabeça. Quase diariamente ouvíamos diversas vezes tiros atrás do acampamento e antes que se investigasse da origem, todos afirmavam de antemão que mais um alemão se suicidara. Os brasileiros, para quem a vida nesse acampamento era tão insuportável como para nós, entretanto não tinham coragem para de igual maneira se transferirem desta para a melhor e preferiam desertar aos magotes, seja para se recolherem a suas casas, seja para se bandearem, caso este no qual pelo menos não tinham a recear de morrer vergonhosamente de fome, miséria e despotismo.

Quando, porém, os alemães finalmente notaram que nenhuma vantagem resultava dos freqüentes suicídios, também eles prudentemente seguiram o exemplo dos brasileiros e desertavam onde quer que aparecesse oportunidade.

Todos os postos avançados dos destacamentos de vanguarda não eram mais rendidos, com o que todo o exército ficava à mercê de uma surpresa por parte do inimigo; e ainda às vezes os próprios comandantes de piquetes, de medo de serem responsabilizados pela deserção de homens seus, bandeavam-se com toda a sua gente. Uniforme, armas, cavalo, tudo levavam, de modo que resultava grande dano para o nosso exército já em penúria. Destarte o exército foi-se derretendo tanto que o Visconde de Laguna acabou por se assustar e resolveu pessoalmente fazer admoestação aos soldados alemães. Falou-lhes muito calorosamente, antes em tom de pedido do que de ordem; mas de toda a parte lhe responderam que “durante toda a campanha ele iludira os soldados com promessas vãs, e os enganara com a perspectiva, de que no acampamento do arroio do Bote receberiam o soldo atrasado, bem como roupas, e não obstante até agora as tropas não haviam recebido um vintém, embora o estado lhes devesse um ano inteiro”. Diante disso, o general calou-se e se retirou depressa, depois de ter incumbido o comandante do nosso batalhão, Major Luís Manuel de Jesus, de reunir os oficiais e discutir com eles sobre a melhor forma de corrigir o estado de coisas. E como se assustou o major quando viu que os oficiais unânimes secundaram os soldados e lhe declararam na cara, sem reboços, que ele mesmo deveria e poderia ter feito mais pelo batalhão e que promessas vazias não enchiam o estômago e o coração dos homens angariados em terra estranha. De

modo que tudo ficou como estava e era evidente que o exército em breve se dissolveria se tardasse remédio.

Eis que chegam finalmente alguns negociantes ao acampamento; mas ninguém tinha dinheiro para comprar. Então, para aquietar pelo menos os oficiais, o general estendeu-se com esses especulantes e deles obteve que mediante vales dessem crédito dentro do limite de seus soldos. Acederam, sob a condição de que o Sr. Visconde assinaria os vales e os reconheceria, e desta forma conseguiu-se algum alívio, se bem que suportando a maior exploração por parte desses negociantes, que depreciavam pela metade o nosso dinheiro amargamente ganhado e nos forneciam artigos meio estragados. Pelos soldados entretanto nada se fez e chegou ao ponto de um conselho de guerra absolver a seis desertores que se desculparam com a alegação do miserável tratamento que recebiam.

Grande quantidade de palmeiras anãs que existiam em abundância, ou mesmo no acampamento ou em seus arredores, bonitos, românticos, nas coxilhas revestidas de vegetação, durante certo tempo saciaram com seus suculentos frutos a fome dos soldados esgotados pelas privações; mas não tardou que também isso acabasse e como permanecêssemos três meses nesse acampamento em breve voltou a penúria antiga. Em tais circunstâncias era inevitável que os soldados, desprezando as proibições, saíssem a pilhar e abatessem as reses desgarradas dos rebanhos e as comessem. Até os alemães começaram a comer a carne inteiramente crua, ou cozinhavam o sangue dos animais abatidos, em panelas de campanha, até que coagulasse e então o devoravam como petisco, sem qualquer tempero, nem mesmo sal. Em breve até quatro léguas em torno não se encontrava mais um fio de capim; o que o gado esfaimado não comera, fora pisoteado pelos cascos dos cavalos. A planície antes verdejante parecia deserto de areia e por isso foi necessário remover os poucos bois restantes para região mais distante, onde pelo menos os soldados de infantaria, por causa das freqüentes chamadas [*sic*] não iriam atrás deles.

Os homens deveras não podiam viver com as miseráveis rações que lhes eram distribuídas, por isso tinham que se resolver a se arranjar com carne de cachorro e de cavalo. Esta última lhes parecia mais repugnante ou menos saborosa do que aquela, razão por que em breve não havia mais cão seguro de sua vida, se bem que os pobres animais tão

fielmente até agora nos tivessem acompanhado e não raro nos tivessem sido muito úteis.

Um fazendeiro cujas propriedades ficavam bem perto do nosso acampamento, julgando-se seguro ao abrigo do exército brasileiro, resolvera voltar à sua casa que há muito tempo abandonara; e assim havia chegado com a família. Entre outras coisas trazia diversos cães bem gordos que logo atraíram a atenção dos soldados alemães. Os cães eram, porém, muito bravos e parecia que sem tiro não se lhes chegaria perto. Mas no acampamento era proibido atirar e era de recear que o fazendeiro advertido pela detonação descobrisse o atirador ladrão e desse parte da coisa. Contudo, um sujeito astucioso do nosso batalhão se atreveu um dia a aproximar-se da fazenda com a espingarda carregada. Os cães precipitaram-se furiosos sobre ele, mas uns pedaços de carne que lhes atirou os sossegaram e quando depois ele se retirou lentamente para um bosquezinho próximo, um dos animais o acompanhou, na esperança de ganhar mais; mas apenas chegado ao bosque voou-lhe ao bucho, em vez dum pedaço de carne um pedaço de chumbo e o soldado incontinente lhe tirou o couro e retalhou o bicho com perícia. Nisso o feliz atirador empreendeu a retirada; mas ao cabo de poucos passos encontrou com o dono da casa, a cavalo. “Quanto quer por um desses *pedaços de carneiro* [sic]?” gritou-lhe o fazendeiro, de longe. “Meia piastra”, respondeu calmamente o soldado. “Está aqui, amigo”, retrucou aquele, metendo a mão no bolso e dando ao soldado o dinheiro pedido. Recebeu o pedaço de carne e certamente o saboreou como petisco, sem suspeitar que fosse a perna de um de seus próprios cães.

Além da fome, começou a nos flagelar também o frio nesta estação. A água acumulada pela chuva gelara em muitos lugares, da grossura de um dedo, e o vento cortante que quase sempre soprava muito contribuía para tornar incômodo aos alemães o frio que, em rigor, não era intenso. Muito mais sofriam naturalmente as tropas das províncias setentrionais do Brasil, entre as quais predominavam pernambucanos e baianos, e ficavam espantados de ver como o frio podia transformar a água em corpo sólido. Até um coronel, que então comandava a primeira brigada, viu espantado o fenômeno, para ele desconhecido, e quebrou um pedaço da água gelada com o propósito de mandá-la para sua terra, Pernambuco. Contudo as tropas tinham que formar desde as duas ou

três horas da madrugada até as nove ou dez, quase sem roupa, porque o medroso visconde temia nessas horas uma surpresa dos argentinos. Como seria possível que o exército com semelhante tratamento estivesse satisfeito? como pensar em impedir deserções e suicídios?

Basta dos sofrimentos nesse acampamento. Apenas mencionei para concluir um enterramento de índio, em poucas palavras, para depois tratar da revolução das tropas estrangeiras no Rio de Janeiro, ocorrida mais ou menos a esse tempo.

Os guaranis que, como mencionei, tinham um destacamento em nosso exército, com mulheres e crianças, têm por hábito sepultar seus mortos no alto das elevações, provavelmente para ficarem mais perto do céu, visando que assim seja mais rápida a grande viagem. Assim é que tinham dado sepultura a uma criança falecida sobre a maior elevação das proximidades do acampamento, e cercado de fortes estacas esse sítio de luto. Por curiosidade fui no outro dia olhar o sítio onde estava enterrado o indiozinho; quanto me espantei, porém, ao deparar com a cova aberta e em torno diversas mulheres a chorar e berrar. Um animal de rapina abriu a cova durante a noite e devorara o cadaverzinho, desgraça que os pobres pais e parentes estavam inconsoláveis a deplorar.

NOTAS AO CAPÍTULO X

99 Bombeiro, em sua acepção normal é quem maneja ou lança bombas. Caldas Aulete registra o termo como um regionalismo adotado no Rio Grande do Sul, na acepção de vigia, etc. Não é bem isso. O termo bombeiro servia para designar um patrulheiro encarregado de trazer o inimigo sob as vistas e figura mesmo em uma das antigas tabelas de vencimentos. Regionalismo verdadeiramente é o verbo *bombear*, com a acepção de vigiar, espiar, etc., usadíssimo no Rio Grande do Sul.

O tradutor, em nota apostá ao seu trabalho, lembra que o mesmo termo, na zona rural do Distrito Federal, significa vendedor ambulante.

Convém não confundir com os termos *dasque* e *próprio*, que significam portador de uma ordem ou notícia, moço de recado, estafeta, mensageiro, etc.

100 Neste momento, nada justificava a permanência de uma cobertura no Pirai, pelo que a 16 de janeiro de 28 as tropas do Marechal Barreto se reincorporaram ao exército, na região do Jaguarão. O efetivo torna-se muito elevado em relação ao dos platinos.

Brown, que ainda se mantinha no comando do exército, apesar de já ter sido nomeado o Visconde de Laguna (Tenente-General Carlos Frederico Lecór), deu as necessárias ordens para iniciar as suas operações ofensivas na noite de 18 de janeiro. Os generais, com o Marechal Barreto à frente, recusaram-se a obedecer. Este escândalo não chegou provavelmente ao conhecimento das tropas. Dois dias mais tarde, isto é, a 20, chegou o visconde e assumiu o comando do exército.

Parece que o autor se refere ao fato de ter o General Brown, que esperava a todo o momento ser atacado pelos castelhanos, emboscado uma brigada de cavalaria, um batalhão de caçadores (que certamente foi o 27^o), além do que chamaram meia brigada de artilharia, a fim de surpreender o inimigo em sua passagem. Estes elementos foram postados de 19 para 20. O General Lecór, que chegou no mesmo dia, desaprovou as providências de Brown e fez retirar a tropa. Como o Marechal Brown é de um estilo muito prolixo, estas datas podem estar erradas, para mais ou para menos, num dia.

- 101 Lima e Silva, nos *Anais do Exército Brasileiro*, dá a mesma data de fevereiro para tais acontecimentos. Rio Branco anotou isso como equívoco, baseado no relatório do Marechal Brown. No entanto, diante da coincidência que aqui se depara, parece que o engano foi de Brown. O exército, depois de numerosas marchas, achava-se acampado na estância do padre Felisberto. É preciso notar que o Marechal Brown empenhou aí vários batalhões de caçadores, pelo menos quatro peças e a maior parte da cavalaria.

- 102 Esse devia ser um boato espalhado entre as tropas estrangeiras. Em 1828, Rivera operando por conta própria transpõe o Uruguai e invade o território brasileiro de Missões. Aos seus acena com o saque dos rebanhos, aos nossos apresenta-se como amigo, obtendo numerosas adesões.

Tais coisas originaram desconfianças e Rivera viu-se atacado logo pelos seus correligionários platinos, com quem terminou por entender-se.

O efetivo de que dispunha Rivera nunca teria excedido de 1.000 homens e jamais, ao que se saiba, se aproximou da atual cidade de Santa Maria, que não pertence à região missioneira rio-grandense.

- 103 Frutuoso Rivera era oriental, porém, ao ver perdida a causa de Artigas, a que servia, abandonou-a, entrando para o serviço do Brasil no posto de coronel. A 26 de janeiro de 1823 teve o hábito de cavaleiro da Ordem do Cruzeiro e por decreto de 25 de maio do mesmo ano foi graduado no posto de brigadeiro, posto em que foi efetivado por decreto de 12 de outubro de 1824.

Neste mesmo ano, ao reafirmar sua adesão ao Brasil, endereça a D. Pedro I um documento em que usa de termos considerados humilhantes para si mesmo e para outros signatários

Passamos a ter, a partir daí, vários Bentos – Bento Manuel, Bento Gonçalves – e dois Ribeiros – Bento Manuel e o esportíssimo Rivera, que no Exército Brasileiro tinha o nome de Frutuoso Ribeiro.

Tais coincidências originaram confusões, notadamente entre os soldados estrangeiros.

Sarmiento, em seu imortal *Faundo*, assim retrata o lado moral do herói platino: “O

General Rivera iniciou os seus estudos do terreno em 1804, fazendo então guerra às autoridades como contrabandista, e depois aos contrabandistas como funcionário, em seguida ao rei como patriota, aos argentinos como chefe brasileiro, aos brasileiros como general argentino, a Lavalleja como presidente, ao presidente Oribe como chefe proscrito, a Rosas, enfim, como aliado de Oribe.” (*Faundo*, trad. de Carlos Maul).

- 104 Rivera já era brigadeiro e continuou com o seu posto.
- 105 Há nesta narrativa um salto de perto de dois anos. Ao fim da guerra, a atitude de Rivera tornou-se enigmática. Em fins de abril de 28, à frente de uma forte coluna, passou a operar por conta própria, invadindo as nossas Missões. Para os argentinos, parecia que se voltava para o Brasil; para os brasileiros, claramente continuava com os seus novos amigos. No fim das contas, não devia ser nada disso. Rivera cuidava de si mesmo, procurando fazer-se forte, para enfrentar o nascente lavalejismo, na disputa da hegemonia política da nascente República.
- 106 Ao ser firmado o tratado de paz, Rivera ocupava ainda o território de Missões. Acentuavam-se cada vez mais as divergências entre este chefe e Lavalleja. Para afastar as maiores dificuldades, o general argentino Rondeau, que havia prestado serviços ao país, foi chamado para a presidência da República, até que o novo Estado entrasse na vida constitucional. Ficou à testa do governo, até à chegada de Rondeau, don Joaquín Suárez. Obedecendo a ordem deste, Rivera, que com a sua gente não podia deixar de constituir um pesadelo para a gente moderada, deslocou-se de Missões para o sul, levando consigo, a mão armada, mais de dez mil habitantes da região e tudo quanto apresentasse algum valor. O seu nome pode ser inscrito no América do Sul entre os dos criadores de desertos. Apreensivo, Rondeau, que já se achava à frente do governo, simulou a necessidade de observar os brasileiros, em franca retirada, e conseguiu que o ex-brigadeiro do exército imperial se detivesse longe de Montevideú.
- 107 A operação a que se refere o autor teve lugar no dia 15 de abril de 1828. Em certos lugares as palavras coincidem de tal modo com a publicação feita em 1829 pelo Marechal Brown, que é bem possível que o autor, além de apelar para a sua memória, tivesse lido essa narrativa. Aí aparece a mais, como um enfeite, o incidente com Bento Manuel, que certamente só existiu na imaginação do autor. De Bento Manuel o marechal mostra-se bem impressionado, enquanto que, na mesma ocasião, refere de modo desairoso a conduta do coronel que comandava o 40º regimento de cavalaria, que não cumpriu as suas ordens. Foram dois os acampamentos surpreendidos neste dia: num achava-se o Coronel Latorre, com 400 homens de cavalaria e no outro o General Laguna com 1.300 homens e 4 peças. A esse encontro chamou-se de Las Cañas.
- 108 N. do T. – Boneco, títere, João Minhoca.
- 109 Em agosto de 1828 deixou o Marechal Brown o exército do Sul e a 26 do mesmo mês chegava ao Rio, onde era recebido pelo imperador, que não obstante o mandou submeter a conselho de guerra, sendo realmente absolvido. A sua retirada foi pedida por ele próprio.

As acusações que sobre ele pesavam eram pueris. As peças mais importantes desse processo, bem como o seu relatório foram enfeixados num pequeno volume, publicado em 1829, de que existe na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, um exemplar. Ultimamente a *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, volume correspondente aos I e II trimestres de 1926, reeditou esse interessante trabalho.

.....

Capítulo XI

REVOLUÇÃO DAS TROPAS ESTRANGEIRAS
NO RIO DE JANEIRO – INAÇÃO DA ESQUADRA
NO RIO DA PRATA – CONDIÇÕES DE PAZ DE
28 DE OUTUBRO DE 1828 – CONDUTA DA
INGLATERRA E DA AMÉRICA DO NORTE
NESTAS NEGOCIAÇÕES – LOTERIA

Ao passo que, portanto, nós descansávamos em miserável acampamento, inativos e afligidos de mil incômodos, longe da capital do império, expostos a cada hora à morte inglória, desabou ameaçadora tempestade sobre o Rio de Janeiro e o oscilante trono de D. Pedro.

O céu do estado brasileiro, por mais estrelas que tenha na heráldica e por mais azul que aí seja representado, estava há muito orlado de pesadas nuvens e fora iluminado de relâmpagos, fenômenos equinoctiais e outros fenômenos luminosos ainda mais raros; um cometa com a sua ígnea cauda pendia, qual espada de Dâmocles por um fio de crina de cavalo, sobre a cabeça do irresoluto imperador, que era demasiado covarde para mostrar medo, demasiado tirânico para ser prudente, demasiado orgulhoso para revelar inteligência.

Não se pode negar que Pedro era bom político; mas nisso cometeu erro capital, até a hora da morte, que foi o de considerar a política, a divinizada figura de Janos de uma nova dinastia, não como ama-de-leite – como o deveria ter feito – mas como boneca; sempre dependente do momento, ele era demasiado fraco ou demasiado forte, prudente demais ou tolo demais, excessivamente bom ou excessivamente mau, pois que por um triunfo ou gozo momentâneo abria mão de todos os sacrifícios que durante anos oferecera fartamente ao seu Moloc, com desesperada resignação e tormento de consciência. Eu creio que até àquela hora ainda nunca ele sonhara que algum dia, não muito distante, o X mudaria para U, e ele seria ex-imperador do reino que pelo menos o tornara rico¹¹⁰ – rico de dinheiro e de experiência, mas pobre de virtude e de confiança em si mesmo; creio que o acontecimento de que agora vou tratar foi o primeiro a abrir os olhos ao deslumbrado monarca e que desse dia eternamente memorável nos Anais do Brasil data aquela repetida frase que ele pronunciou ao desembarcar no Rio de Janeiro: “Irei plantar café, com minha família e com os meus negros, e eu mesmo tomarei esse café com toda a comodidade da fazenda, pois cada bago vale mais que uma coroa.”

Pena que um moderno soberano não seja um cônsul da antiga Roma! Pena que o terceiro decênio do nosso século tivesse sido bastardo do precedente! D. Pedro, o orgulhoso ricoço, tornou-se rei de Portugal, rei do reino ao qual abdicara duas e três vezes. Este último traço esclarece cabalmente o seu caráter e confirma suficientemente tudo quanto em diversos pontos deste livro me vi induzido a expressar. Até a hora dessa insurreição das tropas estrangeiras, o imperador considerava-se um Napoleão transatlântico do ano 1804; só agora pôde refletir e disse para seus botões: “Se eu fosse beí de Túnis, eu teria pensado de outra maneira.” E só então ele se tornou bárbaro, um verdadeiro beí de Túnis; só então compreendeu a sua infabilidade, só então deixou de brincar com vidas humanas e com a sorte de homens, só então passou a pilhar abertamente seu reino, sem reboço, como à sua coroa; só então passou a imprimir bilhetes de banco com o sangue de seus súditos, bilhetes cujo valor ele sabia depositar seguramente em Londres, Paris e Madri; só então pensou na sua própria pessoa, pois “sem comprar não se pode plantar

café, sem tráfico de escravos não há usura, não há juros de onzeneiro”, e sem Maquiavel não há despotismo.

Apresso-me em tornar ao grande drama que ora vou desen-
cantar para meus leitores, com fidelidade histórica e toda a possível
simplicidade.

Para revelar mais claramente a falta de dinheiro reinante na
capital do Império e a má disciplina de todo o exército brasileiro, havia
de irromper a esse tempo uma revolta entre as tropas estrangeiras da
guarnição do Rio.

Os grandes, exagerados promettimentos que agentes inescru-
pulosos haviam feito em Hamburgo e em Bremen aos soldados dos
batalhões estrangeiros não tinham tido o mínimo cumprimento no Brasil e
havia por isso exacerbado os ânimos dos soldados alemães, aos quais
no Rio de Janeiro atingiam os piores tratos. A princípio figuravam
nesses batalhões indivíduos de todas as nacionalidades européas, sobretudo
franceses e suíços; mas o temperamento dessa gente e a persistência
com que a todo propósito insistia em seus desejos, levaram o governo
brasileiro a engajar alemães, dos quais, com razão e perspicácia política,
se esperava mais subordinação e incondicional obediência. Os alemães,
porém, pareceram não ser no Brasil os mesmos que eram na sua fria
pátria; pois entre eles houve às vezes tais excessos, que D. Pedro se viu
induzido a contratar três mil irlandeses, dos quais provavelmente espera-
va mentalidade católica mais escrava; e o Coronel Cotter, que pelo
menos quanto à falta de consciência não cedia a palma ao Major Schäf-
fer, recebeu a incumbência de angariar esses homens para o Brasil, em
sua longínqua pátria. O coronel desincumbiu-se no que toca ao número
de indivíduos, com toda a exatidão e pontualidade, mas pouco se impor-
tara com o caráter deles para transferi-los em missão imperial das suas
pantanosas hibernias para as magníficas plagas brasileiras. Quem
conhece a Irlanda e seus habitantes, facilmente compreenderá que estes
homens não ficariam muito tempo satisfeitos sob o rigoroso jugo que
lhes seria imposto na terra estrangeira selvagem, tanto mais que nem se
pensava em cumprir ao menos pela metade as vantagens com que lhes
havia acenado. Recusaram-se, pois, a prestar serviço militar, declaran-
do que não se haviam engajado para soldados, mas para colonos, e que
se quisessem obrigá-los reagiriam violentamente. Os oficiais, aos quais

Cotter em vista de seus plenos poderes nomeara na Irlanda, eram equivalentes aos soldados e não cessavam de instigar a estes para se amotinarem, principalmente porque desde o começo os alemães eram para eles um espinho no olho e talvez pensassem que deste modo lograssem nos preterir ou inteiramente afastar.

Sir Robert Gordon, então embaixador inglês na corte do Rio de Janeiro, amparou naturalmente seus semipatrícios com a conveniente firmeza, e declarou abertamente ao governo brasileiro que esses homens, livres súditos de S. M. Britânica, não podiam ser obrigados a prestar serviço militar, uma vez que não haviam assentido nos alegados contratos do Coronel Cotter. Procurou-se então amigavelmente induzir os irlandeses a se engajarem para soldados, prometeu-se-lhes o soldo diário de um xelim, razão dobrada e supressão do castigo corporal; e assim 400 homens assentaram praça, todos os mais, porém, foram surdos a todas as propostas e procuravam de vez em quando os seus patrícios fardados só para mofarem deles ou filarem, em todo caso, um copo de aguardente. Inadvertidamente esses soldados irlandeses foram incorporados ao 3º Batalhão de Granadeiros, alemães, cujo efetivo então estava muito reduzido e era do comando do Coronel Cotter e aquartelado no campo de S. Ana. Era pois comandante do batalhão um irlandês, que naturalmente favorecia de todos os modos os seus patrícios; os oficiais e sargentos eram na maioria alemães, mas os soldados na maioria irlandeses. Com semelhante mistura e crescendo que em identidade de serviços os homens mais antigos no batalhão só recebiam metade do soldo pago aos mais novos e eram preteridos de um modo geral no tratamento, era naturalmente impossível que os alemães pudessem por mais tempo esconder sua hostilidade e, se não rompia desde logo uma revolução no meio deles, isso só se pode atribuir ao exato conhecimento que os antigos soldados do 3º Batalhão possuíam sobre subterrânea fermentação que lavrava em todas as outras tropas estrangeiras. Sabiam muito bem que essa fermentação era generalizada e por isso preferiram aguardar o começo do levante a fazerem-no eles.

O 28º Batalhão de Caçadores, que os brasileiros denominavam *Batalhão do Diabo* [sic], estava a esse tempo na Praia Vermelha, onde também se alojava a maior parte dos colonos irlandeses; e o 2º Batalhão de Granadeiros achava-se numa caserna perto da quinta imperial em S.

Cristóvão. Foi este o que primeiro achou pretexto para arvorar a bandeira da sublevação e foi por acaso, da seguinte forma. Um soldado alemão desse batalhão encontrou depois que os sinos haviam tocado *Ave Maria* [sic] um oficial brasileiro e não lhe fez continência, porque as leis daqui disso dispensavam a todo soldado após o pôr-do-sol. O oficial, porém, interpelou o soldado asperamente, perguntando-lhe se não conhecia sua obrigação. O soldado era ordenança de um capitão de engenheiros. Respondeu: “Sei muito bem que devia ter feito continência, mas eu não tinha visto o Sr.; além disso já tocou Ave Maria, de modo que em rigor não tenho obrigação de fazê-la.” “Vou te ensinar qual é tua obrigação”, tornou o oficial enraivecido e logo deu parte, com muitos acréscimos, ao Major Drago, então comandante do 2º Batalhão de Granadeiros, e este sem ouvir o soldado lhe arbitrou 25 pranchadas, que lhe seriam publicamente aplicadas no outro dia, depois da parada.

A notícia dessa punição injusta espalhou-se com incrível rapidez pelos outros batalhões e como o granadeiro fosse conhecido como homem bem comportado, mesmo muito estimado pelo seu oficial, um francês, não podia deixar de suceder que os ânimos já excitados se inflammassem na mais alta indignação. Estava dado o impulso inicial, o raio ferira o barril de pólvora. Quando, pois, no outro dia devia ter lugar a aplicação do castigo, apareceram soldados de todos os outros batalhões estrangeiros, inclusive irlandeses, que iam presenciar a ação injusta ou, caso o 2º Batalhão se revoltasse, lhe prestaria auxílio. O condenado foi conduzido para o quadrado e Drago, que não embalde possuía este nome de dragão, ordenou que despissem a farda ao delinqüente, ao que este se recusou tenazmente, declarando em voz alta que a punição era injusta e que reclamava conselho de guerra. O major português ordenou então aos tambores que tirassem a blusa ao soldado rebelde; mas estes ficaram imóveis, irresolutos, porque o grande número dos assistentes lhes era suspeito, e enquanto isso o delinqüente em animada *atilinária* [sic] instigava a seus camaradas que lhe acudissem. As caras da multidão exprimiam profunda raiva, violenta indisposição e, como abafado longínquo rolar de trovão de temporal que se aproxima, um murmúrio crescente perpassava todo o quadrado. Furioso, Drago ordena que em vez de 25 se apliquem 125 chibatadas¹¹¹ e, como para fazer explodir

cabalmente o motim, aparece nesse momento o capitão de engenheiros de quem o soldado era ordenança.

O capitão ponderou energicamente ao major a injustiça que ia cometer e pediu que lhe entregasse o soldado. Drago, de medo, logo acedeu – mas era tarde: a massa amotinada o envolveu. Exposto ao maior perigo de vida, ele tomou o caminho da lebre, como outrora Enéias e depois dele tantos outros. Devia julgar-se feliz por ainda ter podido alcançar sua casa próxima, antes que seus perseguidores pudessem agarrá-lo pela barba crespa. Mal entrara em casa, os soldados forçaram as portas e a custo ainda logrou escapar saltando por uma janela para o jardim e daí fugindo para mais longe. Aos jubilosos berros de “Mata o cão português! mata esse canalha!” as portas foram arrombadas e a massa revoltada inundou o quarto do major, que por felicidade já não estava. Para descarregar de algum modo o furor e desejo de vingança, depredaram sem consideração a casa, aos gritos selvagens, estilhaçaram os móveis, até os animais que se achavam no pátio tiveram que pagar com a vida a injustiça do dono.

Destarte, repentinamente, sem qualquer convenção prévia, estava dado o sinal para a ostensiva rebelião. Destruída totalmente a magnífica instalação do major Drago, o 2º Batalhão de Granadeiros saiu para o paço de S. Cristóvão e aí reclamou impositivamente do Imperador que castigasse severamente o major, que concedesse por escrito aos soldados a fixação do engajamento em três anos, bem como soldo e tratamento iguais aos que recebiam os soldados irlandeses.

De começo D. Pedro não queria negociar e censurou os amotinados em termos severos, raivosos; mas a estima que as tropas alemãs antes sentiam por ele estava irrevogavelmente dissipada e mais energicamente elas reclamavam satisfação do que pediam, ameaçavam mesmo apoderar-se, pela força das armas, de tudo quanto melhor pudesse convencê-lo, e alguns disparos de fuzil demonstravam que hoje tudo ia a sério. Afinal tiveram deferimento os soldados desenfreados; por ordem imperial foi procurado o Major Drago e conduzido preso à ilha das Cobras – o que certamente obedecia mais ao propósito de subtraí-lo ao furor dos inimigos do que ao de castigá-lo; ao mesmo tempo cometeu-se a imprudência de mandar prender também o bravo capitão de engenheiros, em uma fortaleza, e a soldadesca logo que soube exigiu, turbulentamente,

sua libertação. Entrou também em cena o ódio de nacionalidade: era a ocasião de muito desejada para vingar sangrentamente nos brasileiros o desmoronamento de todas as esperanças, e sem contemplação pelo alvo das balas, os alemães da altura onde se achava a sua caserna atiravam contra os transeuntes da grande estrada de Minas Gerais;¹¹² até os muires, cavalos, bois, com os seus condutores, não eram poupados. Nem por isso o governo no primeiro dia fez menção de suplantar a revolta, talvez supondo que à falta de resistência ela se desfizesse por si mesma, talvez também por ter sabido que nenhum oficial se envolvera e por isso julgasse sem importância essa massa desregrada, sem cabeça, sem ordem. Mas o dia seguinte mostrou que grande perigo ameaçava o Rio de Janeiro.

Os soldados haviam achado meio de informar ao 28º Batalhão de Caçadores, estacionado na Fortaleza da Praia Vermelha, tanto a respeito da revolta iniciada, como de seus esperançosos planos, e esse batalhão não trepidou em aderir ao 2º de Granadeiros, tal qual o fizeram os colonos irlandeses.

O início das cenas trágicas que agora haviam de suceder nesse Forte foi o assassinato do Major Tiola, italiano de nascimento. Atraía ele em sumo grau o ódio de seus subordinados por causa de seus ludíbrios, extorsões e crueldades de toda a espécie.

Para citar um só exemplo, mencionemos que se lhe atribui haver mandado castigar com 800 chibatadas, por insignificante infração, a um soldado quando o batalhão se achava sob seu comando em Pernambuco. O infeliz agüentou 500, mas nessa altura disparou de repente como louco, rompeu o quadrado, precipitou-se ao mar. Alguns negros que estavam perto conseguiram pescá-lo, mas era tarde, o coitado sucumbira de congestão cerebral. Tiola, ciente disso, ordena que se reconduza o cadáver ao quadrado e de espada desembainhada e fúria canibalesca impõe aos tambores que apliquem ao morto as 300 pancadas que faltavam.

Diziam-se dele diversas outras coisas parecidas, provavelmente não sem base, ao que ainda acrescia que era muito bem sabido que, para satisfazer a seus gozos, muitas vezes defraudara a caixa do batalhão. A boa oportunidade para se livrarem de semelhante tirano não ficou inaproveitada pelos soldados enfurecidos e em toda a fortaleza procuraram o Major Tiola. Este, porém, desconfiando da sorte horrível que o

esperava, depressa se tinha vestido à paisana para escapar da Praia Vermelha sem ser visto. Perto já da guarda, a massa sanguissedenta o descobriu e o atacou a pedradas, mas ainda teria sido possível salvá-lo se o oficial que comandava a guarda, já formada, se tivesse seriamente interposto. O destino traçara que a justiça se cumprisse; o oficial, que nunca concordara com as fraudes do major, fora certa vez por ele duramente ofendido e talvez a lembrança dessa injustiça que sofrera o abstinvesse agora de intervir com decisão para proteger o fugitivo. Em vez de obstar de baionetas caladas que os amotinados continuassem a perseguição do major, que chorando se lhe atirou aos braços e como uma criança implorava socorro, o oficial lhe respondeu friamente: “Tenho ordem para não deixar sair ninguém da fortaleza”. Nesse momento Tiola foi arrancado por diversos possantes braços, abatido a pedradas, surrado com achas de lenha, e literalmente despedaçado pela massa furibunda, cuja loucura canibalesca ia crescendo e a cada novo excesso recrudesca, e afinal o cadáver horripelantemente mutilado foi atirado aos pés da esposa desmaiada.

Estava dado o sinal da revolta geral; as tropas, reunidas aos colonos irlandeses, irromperam do quartel da Praia Vermelha e saquearam as *rendas* [sic] próximas. Não obstante ficou o governo totalmente inerte, deixando que roubassem e matassem quanto lhes aprouvesse. A maior parte dos oficiais do 28º Batalhão fugiu ainda nesse dia, deixando assim os soldados em maior desenfreamento. Crescia a fermentação no forte, e na capital a efervescência chegava ao seu auge. Já se esperava no Rio, a cada momento, que os batalhões de estrangeiros se reunissem e dessem um assalto à cidade; na previsão disso, os particulares se armavam e armavam os seus escravos. Alguns poucos oficiais do 28º Batalhão e do 2º Granadeiros, confiados no seu prestígio, ousaram tentar de reduzir os soldados à obediência e à ordem; mas as pedradas dos irlandeses e tiros dos alemães, contra seus próprios patrícios e superiores, os convenceram de que ali só haveria remédio pela força. O Coronel Dell’Hoste, italiano de nascimento, que fiado nas suas boas relações com os soldados alemães se lançou no tumulto para atuar como mediador, foi desconsiderado; puseram-lhe um avental, levaram-no à cozinha do batalhão e aí o obrigaram, apesar de toda a relutância, a comer toda uma ração de soldado. “Prova a comida que nos dá”, diziam, e empurravam-lhe um pra-

tarraz com feijão-preto e arroz meio cru, e a coronhadas o forçaram a engolir a ração até o último bocado.

Com semelhantes cenas de vandalismo despontou finalmente o sol do terceiro dia, e havia de luzir ainda mais sanguinolento para os habitantes da capital brasileira, mais do que os dois dias precedentes. O 3º Batalhão de Granadeiros, meio alemão, meio irlandês, aquartelado no Campo de Santana (hoje Campo da Honra) preparava-se para prestar auxílio aos revoltosos. Provido de pólvora e chumbo pelo sangue dos depósitos, e em estado meio inconsciente por efeito de uma porção de bebidas alcoólicas, essa massa enlouquecida não conhecia limites em seus desatinos, e assim tornou-se extremamente perigosa para a cidade. Irrupendo pelos portões do quartel, começaram sua obra despejando uma chuva de pedras sobre os espectadores, e os negros responderam no mesmo tom. Os irlandeses, porém, apesar de suas boas pontarias, reconhecendo a superioridade numérica dos adversários, recolheram-se ao quartel, em busca das armas, e em seguida, de parceria com os alemães, que dantes não teriam podido considerar como amigos, entraram a despejar mortífero fogo sobre os brasileiros. As armas bem apontadas não falharam seus alvos: em todas as direções espirrou a multidão assustada, a procurar salvação em louca disparada para as ruas mais próximas. Mas aí continuou em seu encalço a despertada fúria assassina dos soldados. A recordação dos inúmeros companheiros traiçoeiramente assassinados pelos brasileiros, inflamava os alemães, como os irlandeses, para a máxima fúria, e sem piedade derrubavam os adversários que pudessem apanhar. Nem o grito triunfal de “vivam os estrangeiros”, livrava da morte; nem a criança no berço estava segura da vida nesse dia. Alguns dos mais atrevidos até se aventuraram às ruas mais freqüentadas da capital, armados de pistola, faca, espada, punhal, quais bandidos italianos, e matavam sem contemplação o primeiro brasileiro que lhes cruzasse o caminho. Diversos oficiais, principalmente um capitão e um ajudante do 2º Batalhão de Granadeiros, foram atacados pelo bando amotinado e horripelmente maltratados, sobretudo o primeiro.

Então, finalmente, o governo reconheceu que urgia tomar sérias providências para evitar verdadeira guerrilha, que seria a consequência, e para proteger a cidade em perigo, com seus habitantes, contra maiores violências. Não obstante, ainda os rebeldes foram tratados com

brandura, pois tudo quanto se fez foi mandar-lhes alguns oficiais como mediadores, para, se possível, resolver a questão amigavelmente. Mas em regra a resposta muito concreta eram pedradas e tiros, e os emissários voltavam, felizes por haverem escapado com vida. Mesmo o Conde do Rio Pardo, então ajudante do Imperador e inspetor de todas as tropas estrangeiras, foi apupado e insultado, e por fim para escapar à perseguição dos irlandeses teve que fugir. Finalmente foram tomadas providências para efetiva reação; mas os batalhões estrangeiros, bem providos de pólvora e chumbo, e bem abastecidos de víveres e bebidas, temiam tão pouco os fracos batalhões de infantaria e os poucos canhões postados nos caminhos para S. Cristóvão, Campo de Santana e Praia Vermelha, que ainda nesse terceiro dia sustentaram nutrido tiroteio com eles. Sobretudo em frente ao quartel do 3º Batalhão de Granadeiros, no Campo da Honra, a luta era tão encarniçada que demasiado revelava o ódio nacional. Os negros acabavam de matar com os mais terríveis suplícios os infelizes alemães e irlandeses aí feridos; e seus adversários também não davam perdão, mas eram muito mais humanos, pois matavam os inimigos imediatamente sem os martirizar. De que os brasileiros não procediam assim, davam depois testemunho os numerosos cadáveres horrivelmente mutilados que se encontraram nas ruas da cidade, em quantidade. Entre os infelizes que nesse dia sucumbiram ao ódio nacional e furor das facções, havia um natural de Brunswick, a quem cortaram nariz, orelhas e outras partes do corpo, que aqui não posso nomear, e enfiadas num cordão lhas penduraram ao pescoço.

Os irlandeses, que certamente tomaram parte no levante mais para roubar do que para defesa de seus direitos, em breve abandonaram os alemães e em vez de reagirem energicamente ao lado de seus aliados, os brasileiros, atiraram-se ao saque dos botequins e vendas, embebedaram-se horrivelmente, e já inconscientes eram mortos implacavelmente nas ruas pelos negros, a quem os senhores haviam armado de facas e pistolas.

O Conde de Rio Pardo, que afinal se convenceu de que por bem nada se conseguiria, mandou primeiramente fazer uns disparos de lanterna¹¹³ por cima das cabeças dos rebeldes; mas os poucos soldados restantes do 3º Batalhão de Granadeiros não se alteraram e até responderam com tiroteio e a pedradas; riam-se dos balins que a ninguém atingiam e em massa irromperam do quartel, baioneta armada,

a atacar a tropa brasileira, há muitas horas postada no Campo de Santana. Um único soldado alemão atreveu-se a avançar até a boca de duas peças brasileiras e teve a sorte de enxotar os artilheiros da primeira delas, mas ao voltar-se contra a segunda, esta deu um disparo e o valente guerreiro foi feito em mil pedaços.

Seria demasiado prolixo mencionar aqui os feitos individuais de verdadeira coragem ou louca ousadia; o certo é que os alemães lutavam bravamente pela conquista de seus direitos, ao passo que os irlandeses, que não tinham motivo para estarem descontentes com o que pontualmente lhes era concedido, só por amor à desordem e por vontade de roubar e furtar tomaram as armas com covarde crueldade. Alguns tiros de lanterna bem apontados, secundados pela infantaria brasileira, finalmente repeliram os amotinados para o seu quartel, onde cuidadosamente se trancaram e sem cessar continuaram a atirar pelas janelas contra os inimigos.

O troar da artilharia, os galopes de cavalarianos, a gritaria das índias, a lamentação dos negros, a vista dos muitos feridos que lentamente, quais espectros, cambaleavam pela cidade, tudo isso demonstrava aos habitantes da capital o grande perigo que corriam e cada qual tratou de prevenir-se bem ou mal com desesperada resignação para defender como pudesse seus teres e haveres.

Não obstante essa avassaladora desordem, o 22º Batalhão de Granadeiros não deixava de manter regularmente uma forte guarda de voluntários no Paço Imperial, para em caso de necessidade defender a pessoa do Imperador – sinal seguro de que a revolta era mais contra o governo do que contra D. Pedro.

Nisso corre repentinamente a notícia de que o 2º Batalhão de Granadeiros e o 28º de Caçadores estavam em vias de marchar contra a cidade e tomar ligação com as tropas aquarteladas no Campo de Santana, o que pôs o governo ainda indeciso na maior perplexidade – primeiro, porque lhe faltavam forças para opor eficazmente a essa massa empreendedora; segundo, porque era de esperar que com as combinações já tramadas entre os revoltosos a luta até agora irregular poderia transformar-se em batalha regular; até se afirmava que diversos oficiais possuidores da confiança dos soldados se colocariam à testa deles, que se apoderariam do paço de S. Cristóvão, com os canhões lá existentes, e que o imperador seria conservado prisioneiro até a ultimação da revolta.

O susto infundido por essa bem fundada notícia de Hiobe foi tamanho, não só na população do Rio, como também no seio da corte imperial, que se resolveu a toda a pressa apelar para o auxílio dos almirantes que comandavam os numerosos navios franceses e ingleses estacionados nos portos. Tanto os franceses, como os ingleses, logo se declararam prontos para desembarcar contingentes de soldados de marinha, para no caso de necessidade prestar efetivo auxílio contra os revoltosos. Em número de cerca de 1.000 homens essa precária tropa avançou sobre S. Cristóvão, para ali desarmar o 2º Batalhão de Granadeiros; e estando este já com falta de munição, extremamente extenuado pelos esforços e bebedeira dos três dias passados, ao verem os soldados defrontar-se com eles um número superior de tropas européias bem organizadas não foi difícil forçá-los à capitulação e a deporem as armas, sob a solene promessa de anistia. De mau grado os franceses haviam atendido à ordem de desarmar os alemães, pois que não podiam harmonizar-se com os brasileiros e muito menos com os negros, que nessa ocasião se haviam ajuntado em multidão de curiosos. Com poderes ilimitados para atirarem contra os europeus, se fosse necessário, não obstante não deram um tiro, embora o 2º Batalhão de Granadeiros ainda por algum tempo atirasse contra os brasileiros; ao passo que todo morador que não respondesse incontinenti satisfatoriamente ao brado de “quem vem lá?” era sumariamente fuzilado pelos soldados de marinha franceses; e os ingleses que só tinham ordem de defender a pessoa do imperador e fora disso não se imiscuírem no caso, conservaram-se como quietos espectadores da cena.

Desta forma foi, pois, desarmado o 2º Batalhão de Granadeiros sem que propriamente tivesse havido medidas de força contra eles; com a mesma facilidade submeteu-se o 3º Batalhão, por efeito da notícia desse fato, e o 28º não tardou em reentrar na ordem. A este último, porém, não ousaram tomar as armas, talvez por temer que ajudado pelos colonos aquartelados na Praia Vermelha pudesse reagir, o que, dada a boa situação da fortaleza, poderia ter sido das mais perniciosas conseqüências; mas para afastar dos olhos do povo esse chamado “Batalhão do Diabo”, muito odiado no Rio de Janeiro por motivo dos excessos que já anteriormente cometera, deram-lhe logo ordem para ir juntar-se ao exército que combatia a Cisplatina.¹¹⁴

Assim estava abafada a revolta e o governo se apressou a nomear uma comissão para descobrir os cabeças. Verificou-se, entretanto, que absolutamente não houvera nenhum plano combinado mas que dera única e exclusivamente causa ao triste acontecimento a desigualdade com que eram tratados alemães e irlandeses e as muitas promessas feitas aos estrangeiros a que se não dava cumprimento. A sentença do conselho de guerra condenou ao fuzilamento um soldado, matador do ajudante do 2º Batalhão de Granadeiros, e alguns outros a trabalho forçado perpétuo; mais tarde a pena destes últimos foi muito atenuada e já ao cabo de dois ou três anos eram vistos a passear livremente nas ruas da capital.

Os irlandeses, que haviam amplamente revelado sua imprestabilidade para o serviço militar brasileiro e a principal culpa no levante, foram logo reembarcados e repatriados, de maneira que as formidáveis somas dispendidas nas viagens de ida e volta dessa gente foram totalmente perdidas. Centenas de contos havia custado o engajamento desses homens na Irlanda e seu transporte para o Rio de Janeiro e igual despesa tinha que ser feita novamente para reconduzir à pátria essa gente que nenhum serviço prestara ao Brasil, ao contrário ameaçara sua capital com a mais horrorosa devastação.

Com toda a razão passou agora a oposição, a maioria dos deputados, a atacar o Ministério, principalmente o ministro das Finanças, e a reclamar contas desses dinheiros desperdiçados inutilmente, e claramente se revelou como já então era grande o descontentamento contra o governo de D. Pedro. Queriam que imediatamente fossem dissolvidos todos os batalhões estrangeiros e não ficaram satisfeitos com serem somente repatriados os irlandeses, ao passo que os batalhões alemães por ordem do Imperador iam ser reorganizados. O ódio que todo brasileiro alimenta em seu peito contra tudo que é estrangeiro revelou-se claramente, e chegara o momento de se recear um segundo levante no Rio de Janeiro, mas por parte da população, pois os numerosos cadáveres mutilados que ainda jaziam insepultos nas ruas da capital, entre os quais muita gente tinha parentes ou amigos, naturalmente instigavam o povo à vingança sanguinolenta. Incompreensivelmente, entretanto, tudo se conservou quieto, de maneira que os gritos de “Mata esses cães estrangeiros”, que em diversas partes se ouviam, não produziram o mínimo efeito.

Embora fossem muito desiguais os partidos, pois os brasileiros poderiam muito facilmente reunir uns 20.000 combatentes e os alemães mal seriam 2.000, aqueles estavam de tal modo intimidados em face da louca bravura que diversos indivíduos dos batalhões estrangeiros haviam demonstrado naqueles três dias, que não se passou daqueles gritos, nem mesmo com o furor que cegava ousaram atacar os estrangeiros civis, na maior parte desarmados. Com todos esses acontecimentos a oposição ganhara predomínio e instigava a multidão esquentada, para que em vez de palavras se livrasse de armas na mão daqueles poucos estrangeiros e expulsasse a todos, não só os militares, mas também os negociantes, operários, artífices; mas ainda não chegara o tempo de consumarem tão injusto plano geral. Por isso ninguém se viu mais em apuros do que o próprio D. Pedro, a quem agora de todas as partes insuflavam para que dissolvesse de todo os corpos estrangeiros. Como, porém, o Imperador estivesse convencido de que seu trono, talvez até sua vida, só contava com a proteção dessas tropas, e como também reconhecesse que dentre os estrangeiros que de todo o mundo afluíram para o Brasil só os alemães lhe eram sinceramente dedicados, ele resolveu conservar as tropas teuto-brasileiras e, se fosse preciso, empregar todos os esforços para realizar esse seu desejo.

Isso era, entretanto, tarefa difícil, tanto que se viu forçado a mudar todo o Ministério e substituí-lo por homens que como pessoas do povo possuíam bom conceito. Tais medidas restabeleceram mais ou menos a tranquilidade na capital, mas em nada adiantavam à reorganização dos batalhões estrangeiros; de modo que primeiramente foi julgado conveniente afastá-los das vistas da população da capital para tratar de reorganizá-los em outras províncias longínquas.

Com um reforço de 300 homens, que a princípio haviam sido destinados, sob o comando do Coronel Schwalbach, à ilha Terceira, para combater contra D. Miguel, cujo desembarque aí fora impedido por navios de guerra ingleses, foi possível completar os batalhões estrangeiros e, qual Fênix renascida de suas cinzas, eram vistos de repente nas províncias mais bem organizados que dantes.

O fundamento para essa revolta, que tantas vidas custou, fora inegavelmente lançado pelo inspetor das tropas estrangeiras, Conde de Rio Pardo, com a sua medida de juntar a cada batalhão estrangeiro um

major português. Essa gente, na maior parte formada na escola de Beresford, nome até hoje lembrado em Portugal com amargura, era sempre de opinião que a ordem e a disciplina só podiam ser mantidas a pau e por isso procediam contra os delinqüentes, sem consideração pela pessoa e caráter, com uma crueldade que bem fazia lembrar que se estava num país onde ainda havia escravidão. Como além disso fossem destituídos de toda cultura e conhecimentos indispensáveis a tão alto cargo, esses maiores eram odiados no mais alto grau pelos seus subordinados, eram mesmo desprezados, e só por um rigor acima de todos os limites conseguiam eles manter a disciplina tão imprescindível no exército. O abuso do poder conferido a esses sujeitos indignos foi assim a alavanca que moveu os batalhões alemães ao levante e por isso o sangue derramado nos dias da revolta cai originariamente só e só sobre o Conde de Rio Pardo e sua patriótica tolice. Se se tivesse procedido com equidade, dando direitos iguais a alemães e irlandeses, se não se tivessem enxertado maiores portugueses nos batalhões alemães, não teria havido motivo para insurreição; mas como era costume do governo brasileiro fazer tudo errado, assim também procedeu aqui, e em vez dessas tropas úteis ao país na guerra contra a Argentina causaram-lhe o maior dano.

Tanto o Imperador, como o governo achavam-se em situação extremamente crítica. No Rio a oposição fizera grandes progressos com o levante das tropas estrangeiras; o exército acampado no arroio do Bote, por falta de munição e irregularidade nos pagamentos, estava também em extremo descontente, e a frota que bloqueava a entrada do rio da Prata mantinha-se, em absoluta inação, ao passo que o almirante republicano Brown se tornava cada dia mais temível. Arrojado e bravo, cruzava esse herói do mar com sua insignificante esquadra, à altura do Rio Grande, zombando da potência naval muito superior, calmamente ancorada no porto de Montevideú. Diariamente chegavam ao Rio de Janeiro queixas e representações por causa de navios capturados, muitas vezes à vista da costa brasileira; os comandantes dos navios de guerra que tinham que escoltar os comboios tremiam só ao ouvir o nome do almirante inimigo, e não raro os corsários apreendiam importantes somas destinadas ao pagamento dos soldos das tropas estacionadas em Montevideú. Diversos negociantes, sobretudo norte-americanos, que conheciam bem demais a conduta frouxa da marinha brasileira, lançaram esperta-

mente suas vistas para a guerra naval e reconhecendo muito bem que com um pouco de sorte fariam bons negócios, obtinham por bom preço cartas de corso em Buenos Aires, equipavam navios e em breve tornavam-se mais danosos para o comércio marítimo do império do que toda a esquadra republicana junta.

Destarte a Argentina viu-se em condições de sustentar impunemente uma campanha que pelo menos no mar era imensamente desigual. Ao mesmo tempo o Almirante Brown apoiava os planos de operações do General Lavalleja contra o Rio Grande, muito melhor do que da outra parte o Almirante Pinto Guedes. Homem idoso, achacado, quase paralítico, este último ainda intimidado por diversos empreendimentos bem sucedidos de Brown, parecia muito mais propenso a evitar um encontro com o inimigo do que a procurá-lo. Além disso, com o completo malogro de uma operação por sua ordem levada em 1826 do rio da Prata contra a ilha Martim Garcia, estava ele cabalmente inteirado de quanto era difícil operar com navios grandes, ainda comandados por oficiais inconscientes, em águas de que não se possuía perfeito conhecimento. Assim é que se perderam diversos navios brasileiros no *Canal do Inferno* [sic] expedidos contra cruzadores inimigos, em parte por falta de ardor combativo, em parte incompetência dos comandantes, sendo que alguns trepavam nalgum dos numerosos bancos de areia aqui existentes, ao passo que outros fugiam intimidados pelo violento fogo que lhes faziam os pequenos corsários de Buenos Aires. Outras tentativas feitas contra as colônias argentinas da Patagônia também não foram bem sucedidas, nem ao menos se lograva com a poderosa esquadra brasileira impedir a ligação da Cisplatina com Buenos Aires, o que entretanto com um bom comando superior e maior zelo dos oficiais e marinheiros da imperial marinha teria sido muito fácil.

Diante da inação do almirante brasileiro, os corsários licenciados passaram à franca pirataria e não raro desapareciam navios, que, segundo todas as probabilidades, não podiam ter naufragado, não eram mais vistos nem falados. Os comerciantes dos principais portos, como Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, só ousavam ainda mandar seus navios ao sul sob bandeira estrangeira e mesmo assim era indispensável uma forte escolta de canhoneiras. É fácil de compreender quanto isso entravava o comércio e que muitos negociantes com isso foram arruinados, em consequência da perda de seus navios. E as poucas presas que a esquadra

brasileira fazia não estavam em proporção com as que quase diariamente eram feitas pelos navios do inimigo. Não eram só os particulares que sofriam, pois também o governo se ressentia de grande prejuízo resultante dessa guerra naval infeliz, pois ainda raramente aplicavam a lei às presas e os comandantes dos navios brasileiros em regra ficavam com a melhor parte, sem distribuição. Todas as providências para coibir tais fraudes deviam ser inoperantes, pois em face dos poderes conferidos aos capitães de navios nenhum subordinado ousaria proceder contra eles apresentando queixa ao injusto governo; ao passo que os poucos navios que os brasileiros capturaram por infração do bloqueio na boca do rio da Prata, e que em geral pertenciam a ingleses, franceses ou norte-americanos, eram energicamente reclamados pelos embaixadores respectivos e apesar de todas as ponderações o Brasil tinha que pagar as indenizações que os capitães pediam pelos seus navios e cargas. Ainda que as finanças do Império não estivessem já arruinadas, agora haveriam de ficar inevitavelmente desbaratadas.

Pela incursão que o Marechal Braun ousara na Cisplatina, ressurgiu alguma esperança para o Brasil de ter bom êxito nessa guerra especulativa, pois o General Lavalleja logo retraiu suas tropas para Cerro Largo, para tomar aí quartéis de inverno. E o Almirante Brown com sua pequena flotilha deixou as costas do Rio Grande e foi cruzar a esmo pelas costas setentrionais do Brasil, à espreita de rapinagens. A referida cidade e talvez toda a província de S. Pedro do Sul teriam caído às mãos do inimigo, muito provavelmente, se o Marechal Braun não tivesse ousado a referida operação; mas tudo isso ainda era pouco para sopitar o receio dos brasileiros e arrancar a espada às mãos da oposição; era tal a pressão para que se fizesse a paz com a Argentina que afinal o imperador se viu forçado a ceder, bom grado, malgrado. Assim, a 28 de outubro de 1828 foram firmadas as condições preliminares, as quais em parte se encontram traduzidas para o alemão do seguinte modo, em uma obra recentemente publicada que fornece “Contribuições para a história da guerra entre o Brasil e Buenos Aires”^{*}:

* N. do T. – Obra de autor desconhecido, traduzida pelo General Klinger e publicada em 1938 pela *A Defesa Nacional*, Rio de Janeiro.

Art. 1º – S. M. o Imperador do Brasil declara a Província Cisplatina, outrora Montevideú, desligada do Império, livre e independente do mesmo, bem como de qualquer outra nação, podendo constituir-se e adotar a forma de governo mais conveniente aos seus interesses, necessidades e fontes econômicas.

Art. 2º – O governo da República igualmente reconhece a independência da província de Montevideú, declarada no art. precedente.

Art. 3º – Ambas as partes se comprometem a manter a independência e integridade da província de Montevideú até a celebração da paz definitiva.

Art. 4º – O atual governo da Banda Oriental, ratificada a presente convenção, reunirá imediatamente os representantes da província, inclusive os de Montevideú e Colônia, e isso pelo sufrágio popular como se fez para a eleição dos representantes para a última legislatura.

Art. 5º – A eleição na cidade e praça de Montevideú terá lugar no seu exterior, fora do alcance dos seus canhões, e sem presença de força armada.

Art. 6º – Os representantes da província reunir-se-ão numa localidade distante pelo menos cinco léguas de qualquer ponto onde haja tropa e logo que tenham proclamado o novo governo cessarão as funções do atual.

Art. 7º – Os mesmos representantes projetarão a Constituição Política e a submeterão, antes da jurada, ao exame das potências contratantes, para verificarem se não há algum artigo que lhes prejudique a segurança.

Art. 10º – Comprometendo-se as potências contratantes a auxiliar e proteger a província de Montevideú até que completamente se constitua, acordam em prestar todo o auxílio necessário ao governo legalmente constituído para sua manutenção, no caso de desordens interiores ou guerra civil, pelo prazo de cinco anos a contar do dia do juramento.

Art. 12º – As tropas da República e da Banda Oriental evacuem o território brasileiro dentro de dois meses depois da ratificação da presente convenção. As primeiras passam à margem direita do rio da Prata ou do Uruguai, com exceção de uma força de 1.500 homens, ou

mais, a qual se conservará num ponto que escolha até que as tropas brasileiras tenham evacuado completamente Montevideú.

Art. 13º – As tropas de S. M. Imperial evacuam a província de Montevideú, inclusive Colônia, dentro de dois meses depois da troca das ratificações, com exceção de uma força de 1.500 homens, que ficarão até a instalação do governo provisório, eventualmente até quatro meses depois.

Art. 17º – Depois da troca das ratificações ambas as partes contratantes nomearão plenipotenciários para celebração da paz definitiva.

Art. 18º – No caso inesperado de que uma ou outra das partes contratantes não cumpra a convenção de paz, ou de surgirem embaraços insanáveis a despeito da mediação de S. M. Britânica, contudo não serão reabertas as hostilidades antes de decorrido o prazo de cinco anos estipulado no art. 10º e ainda no caso em que depois desse prazo uma das partes pretenda reabri-las não o fará sem que seis meses antes notifique a outra parte e disso dê ciência prévia à potência mediadora.

Com este armistício de cinco anos a Inglaterra alcançava seu objetivo: adquiriam como potência mediadora grande influência sobre a atual República do Uruguai. Ficava levantado o bloqueio da boca do rio da Prata, portanto o comércio com Buenos Aires ficava isento de riscos e o Brasil finalmente tivera que firmar uma paz que, só levada a efeito por intervenção inglesa, atestava sua fraqueza. Triunfante, o embaixador inglês contemplava sua obra bem sucedida.

Tanto o Brasil como Buenos Aires haviam desperdiçado somas imensas nesse ambicioso teatro de marionetes, sem poderem auferir a mínima vantagem. A esperança tola de que a Cisplatina, devastada por lutas internas de facções políticas, não poderia manter-se independente e por isso cedo ou tarde voltaria ao domínio de um dos dois contendores, desapareceu muito breve, pois que apesar de algumas desordens internas, a Cisplatina em breve criou um governo estável.

Só a Inglaterra e a América do Norte haviam lucrado nessa guerra, esta principalmente por causa dos inúmeros corsários que enxameavam nas costas do Brasil, autorizados por Buenos Aires, e apresavam os navios mercantes brasileiros, bem como pela venda de diversos navios de guerra que D. Pedro irrefletidamente lá mandou comprar. Entre estes figurou a fragata *Isabel* naquele tempo o mais belo navio bra-

sileiro. É lamentável que com os bons estaleiros do Rio de Janeiro e da Bahia, não conseguissem construir um único navio em condições; mas também aí havia culpa do governo, que não sabia honrar e aproveitar os talentos dos seus poucos bons construtores navais. Para a América do Norte, afinal, era indiferente qual dos dois beligerantes vencesse, contanto que não sofresse o interesse dela; pouco se importava que por transações secretas fosse causada a ruína do Império ou da República, contanto que seu tesouro lucrasse. Ela é um modelo de república, pois todo modelo reclama dinheiro antes de chegar a termo e uma república não pode ser de pau.

Como prova de que o governo dos Estados Unidos sempre observava só o princípio de que “o fim justifica os meios” e para mostrar como essa república tão louvada pelo seu espírito de justiça muitas vezes é arrastada pela cobiça, mencionarei aqui um único fato que, acredito, demonstrará de sobejo a veracidade da minha afirmação.

D. Pedro empreendeu com sua segunda esposa em fins de 1830 uma viagem à província de Minas Gerais, para tentar abafar com a sua presença pessoal os germes de descontentamento e de rebelião que vez por outra aqui se manifestavam, e para instigar a redobramentos de atividade os seus partidários, entre os quais julgava dever contar todos os portugueses natos. No Rio de Janeiro era então voz corrente e unânime que esta viagem não tinha outro fim senão derrubar totalmente a Constituição, para o que o Imperador se serviria dos mineiros (habitantes de Minas). Nessa viagem a imperatriz deu por falta de uma jóia de inestimável valor; logo foram empregados todos os meios para descobrir o atrevido gatuno, e as suspeitas incidiram sobre um alemão que fazia parte da criadagem da imperatriz, porque este no dia seguinte ao do furto desaparecera secretamente. Logo lhe saíram ao encalço, mas antes que o apanhassem ele alcançou o Rio de Janeiro e aí conseguiu ocultar-se num dos botequins alemães. Todos os esforços da polícia para apanhá-lo foram vãos, mas afinal ela conseguiu saber seguramente que há poucos dias ele conseguira fugir para a América do Norte num navio dessa nacionalidade. Naturalmente o governo brasileiro sem mais perder tempo entrou em correspondência com o norte-americano, pedindo-lhe a restituição da jóia e entrega do gatuno. O navio que levava essa correspondência, por sorte, chegou a destino alguns dias antes do

outro, em que ia o diamante com seu novo possuidor; era pois muito fácil a apreensão, pois que podia ter lugar antes do desembarque. O ladrão enriquecido, de fato, não tardou a chegar, mas em lugar de o apanharem imediatamente, deixaram que se internasse de umas 40 léguas e só depois o perseguiram e realmente apanharam e trouxeram em triunfo para New York. Só então o governo americano respondeu ao brasileiro, dizendo, entre outras coisas: “Fora apanhado um contrabandista no interior do país, que tentava introduzir diversas pedras preciosas de mui alto valor, sem haver pago o devido imposto; pela descrição recebida do Brasil, da qual pela presente se dá recibo, uma das pedras deveria ser a mesma que há algum tempo fora roubada à imperatriz brasileira; entretanto uma lei do país mandava que o contrabandista convencido de culpa pagasse sete vezes o valor da mercadoria contrabandeada, e como o prisioneiro não dispõe de fortuna, deverá responder o governo brasileiro; portanto seriam nomeados avaliadores para as pedras e então, mediante prévia remessa do sétuplo do valor estimado, prontamente seria a jóia recambiada para o Brasil. Quanto à entrega do criminoso, isso era caso a examinar, pois que primeiramente tinha que cumprir no país a pena de contrabandista.”

Por maior que fosse a sensação causada na capital imperial por essa conduta republicana, e por mais que sobretudo D. Pedro se irritasse com semelhante resposta, nada havia que fazer: os americanos ficaram com a jóia, até hoje, e o gatuno livrou-se com alguns meses de casa de correção e em seguida, com uns cobres para a viagem, lhe deram passaporte para o vasto mundo.

Aliás ninguém negará que os norte-americanos têm grande talento para roubar e enganar, mormente quem os conhecer de perto, e tiver tido ocasião de observá-los seja onde for, menos em seu próprio país. Os homens de classe inferior, quando ociosamente vagando pelo Rio de Janeiro não raro se apropriavam indebitamente de pequenos objetos, como relógios, anéis, broches, bolsas, roupas e lenços; só os de classe superior procediam em maior escala. Por exemplo, era raro que nos navios de qualquer nação européia os papéis não estivessem em ordem, mas os americanos constantemente davam motivo a disputas e processos; nunca eram exatas as declarações que tinham que fazer para lançamento do imposto e quando então o governo brasileiro queria

fazer uso de seu direito contra o infrator, este era protegido pelo ministro americano, ameaçava com a guerra e com represálias e quase sempre era atendido, dada a fraqueza do Brasil; e os negociantes norte-americanos estabelecidos no Rio de Janeiro e no Rio Grande em nada procediam melhor do que esses capitães de navios, tanto que não era raro surgirem também com eles processos por falsidade.

Um senhor respeitável pela sua posição social e pelo seu caráter e que viveu muitos anos no mundo novo e aí observou esse povo sob diversos pontos de vista dizia-me: “Se o senhor colocar um objeto de valor, mesmo que não seja muito, debaixo de uma força e ameaçar a um americano de que ele será incontinenti enforcado se tocar com um dedo esse objeto, nada obstante ele não deixará de se apoderar do objeto, desde o momento em que se julgue em segurança.” E citava diversas façanhas que testemunhara, de modo que aceitei o seu julgamento como perfeito e consolidei a minha opinião sobre os americanos do norte, pelo menos no que toca a esse ponto. Outra acusação que se pode articular contra eles é que nutrem desprezo por todo aquele que não tenha nascido nos Estados Unidos e assim o tratam. Verdade é que quase todos os ádvenas chegam àquele país sem fortuna, em geral ainda onerados com a dívida das despesas da viagem, levando só a boa esperança de aqui se tornarem felizes. Mas não posso achar razão para que se menoscabe de todo aquele que para melhorar sua situação e a dos seus se arroja a empreender tão incerta viagem, apesar dos perigos que ameaçam. Por fim, para concluir o pequeno episódio, eu ainda acuso os norte-americanos de tratarem com muito menos consideração, mais desprezo, aos descendentes de pais alemães, seus concidadãos adotivos, do que aos de origem inglesa – o que é um contra-senso, que grita contra todos os sentimentos, pois que nestes estados livres os ingleses, outrora opressores da liberdade americana, deviam antes ser odiados que estimados. E se isso fosse por magnanimidade dos naturais do país, a quererem esquecer o passado, então pelo menos deveriam pensar com a nobreza bastante para conceder a uns e a outros imparcialmente os mesmos direitos, o mesmo apreço.

NOTAS AO CAPÍTULO XI

-
- 110 N. do T. Novamente um trocadilho: a palavra alemã *reidt* significa *reino* e também *rio*.
- 111 Bösche fala de 150 pranchadas, aumentadas logo depois de mais 100 e que após a aplicação de 230 irrompeu a revolta. Esta versão, embora não coincida com a do autor dos *Quadros Alternados*, é muito aceitável.
- 112 Deve referir-se à estrada real de Santa Cruz.
- 113 N. do T. – A lanterneta é um projétil composto, formado de um cilindro de folha, fechado por dois pratos, o superior também de folha, o inferior de ferro (para resistir à pressão dos gases de projeção), cilindro cheio de balins, pedaços de ferro, pregos. Tinha o apelido de arma branca da artilharia, por causa de seu emprego, que tinha lugar na iminência de ser assaltada a artilharia. Como o cacho de uvas ou pirâmide, é o precursor do *shrapnell*, a “granada de balas” dos franceses.
- 114 O 28º B. C. desembarcou em Santa Catarina e seguiu por terra para Porto Alegre; os seus soldados cometeram pelo caminho as maiores tropelias, praticando toda a sorte de violências. Na capital da província, pareciam feras soltas. Embriagaram-se, assaltaram casas e tabernas. Certa vez, deixaram como mortos dois oficiais alemães, do 27º B. C., que se meteram a contê-los. Com muito jeito, foi possível livrar a cidade de semelhantes vândalos, mandando-os para Santa Maria, via Rio Pardo. Chegados nesta localidade, acharam o pouso menos mau e resolveram deixar-se ficar. Recomeçaram as tropelias de toda a espécie. Para conseguir levá-los a destino, o Visconde de Castro, que comandava a fronteira cuja sede era Rio Pardo, combinou com o Coronel Mena Barreto, que comandava o destacamento de Santa Maria, que este enviasse um pedido urgente de força, fazendo constar que Frutuoso Rivera se internava na província, marchando de Missões, onde se achava. E ainda há quem considere os mercenários alemães uns mártires, surrados pela malvadez dos oficiais brasileiros. A origem de tal convicção parece ser o desconhecimento de nossa história militar.

.

Capítulo XII

PARTIDA DO ACAMPAMENTO PARA PIRATINI
– CONTRATEMPOS DURANTE A MARCHA
– HORRÍVEL TEMPESTADE – DEMORA EM PIRATINI
– NATALÍCIO DO IMPERADOR – COCHICHOS FEMININOS
– A RESPEITO DOS JUDEUS NO BRASIL – VIAGEM A
S. FRANCISCO DE PAULA – O CAPITÃO ROMÃO
DE D. DAMÁSIA – A VENDA DE MULATOS
EM CAPÃO DO LEÃO – REVOLTA DO
27^a BATALHÃO DE CAÇADORES

Assim teria eu tecido com cuidadosa fidelidade o fio destas memórias transatlânticas, quase até a catástrofe principal desse grande drama que agora em breve há de desenrolar-se aos nossos olhos com todos os seus efeitos estrondantes; estão armados os bastidores da natureza, está aceso o sol que há de alumiar tudo, o prólogo está terminado, as cenas colaterais esclarecedoras passaram, os tênues tecidos da intriga estão estendidos e, tal qual o reclama uma boa peça, está dado o nó que habilmente a Parca da História Universal desatará, pois que nenhuma espada de Alexandre logra desfazê-lo.

Fiz aparecer o herói da nossa tragicomédia, D. Pedro I, nas diversas circunstâncias de sua vida privada e de majestade, com palavras e atos, quais eu na realidade testemunhei e quais perscrutei nas tábuas

de pergaminho de Clio; desenhei o seu caráter com as mais acentuadas tonalidades de uma original mistura de forças, e um contraste singularmente harmonioso de coragem e covardia, astúcia e tolice, capricho e tirania; eu o descrevi como Napoleão Imperador brasileiro, isto é, como um Napoleão sem os louros da vitória, sem as idéias sangrentas da mais arrebatada elevação da alma; sem o tûmulo do rochedo na Ilha Sagrada; pintei o Império com a mata virgem e a fauna indômita, caminhos e rios, montes e flora, não esqueci os tapetes de pinturas dos palácios, o teto de sapé das cabanas dos negros, o linho da barraca do oficial na campanha, as mantas de fibra das mulatas, as redes dos índios, as almofadas de seda em que as brasileiras, como preguiçosas odaliscas, descansam sedutoramente em eternas ruminações de amor – não ignorei as barracas dos assalariados sem pátria, nem as casas de madeira dos colonos, nem os bancos das câmaras públicas, nem a parede úmida dos cárceres, nem os espessos canaviais das florestas virgens com as murmurantes lendas de povos meio extintos. Tais pormenores colaterais tiveram a mesma importância que a própria catástrofe: sem fogo não há explosão.

Só agora D. Pedro aparece como personagem capital: com o seu distinto incógnito ele arrasou todas as considerações secundárias: ele vê precipitarem-se sobre ele os filisteus (perdoe-se-me esta expressão estudantesca); ele nota, como lhe suga as últimas forças a volúpia do egoísmo, qual exuberante Dalila, cortada a sua cabeleira; ele ouve o clamor triunfal: “Filisteus contra ti, Sansão.” Então ele se concentra como um Sansão, pois as colunas do seu trono trepidam; mas a cabeleira não lhe cresce mais, ele não fez desabar o templo, para que houvesse mais mortos com a sua morte do que os que em sua vida miseravelmente esmagara.

Não, a revolução o havia esclarecido, e em toda a parte a brisa matinal, o rubor do poente, as sombras da meia-noite lhe segredavam a velha odiada advertência: “Filisteus contra ti, Sansão.”

O Imperador estava sempre desconfiado, e certamente nunca sem motivo; mas agora uma desconfiança escravizadora abafava os últimos germes nobres em sua alma, certamente não mal aquinhoadá pela natureza; viu naufragar suas esperanças prediletas; talvez já tivesse, como Nero, pensado em fazer-se Trajano – pelo menos o jesuitismo

assim desculpava os seus planos abomináveis – via que não se queria mais esperar a época da declaração de motivos, e como jogador arrojado, jogou tudo, menos o seu dinheiro, numa cartada e bradou: “Vá, banque!” E a carta não deu.

No fim do 10º Capítulo deixamos o exército acampado no arroio do Bote, nas mais tristes condições, em guerra inexorável contra a república de Buenos Aires; o perfumado, avelhantado generalíssimo não ousava levantar com os seus dedos aveludados a luva de ferro, embora o seu ser cortesão procurasse ostentar um velho tom cavalheiresco português; comprazia-se na sua empáfia apastelada e entusiasmo avinhado como o rei itálico no *Mergulhador* de Schiller, a bradar: “Quem se atreve, cavaleiro ou peão?” e ninguém, oficial ou soldado, se atrevia a mergulhar no misterioso abismo do partidarismo, na trama das intrigas e dos perigos sem glória, para trazer do fundo ao orgulhoso chefe a taça de ouro. Lecór, o Wellington sul-europeu, enganava-se no saldo dos seus néscios cálculos; sonhando levemente, mareava o seu título honorífico de Visconde de Laguna.

Louros também murcham, quando arrancados do tronco e se destinam a tecer coroa imarcessível; as folhas secas, quando muito, servem para um molho picante.

O nosso exército meio esfaimado achava-se, como já disse, nas mais tristes condições e os soldados quase em declarada revolta reclamavam cada dia mais alto as roupas e o soldo devidos; as deserções, sobretudo nas milícias, cresciam tanto que nesse pequeno exército atingiam às vezes a 200 por mês; nem as ameaças da mais severa punição, nem as mais cínicas promessas de prêmios, conseguiam remediar a esse mal, dia a dia crescente. Eis que, finalmente, apareceu para consolação do tímido Visconde de Laguna, o secretário da embaixada inglesa, Fraser, com a missão de encetar negociações de paz entre os dois beligerantes. Quase ao mesmo tempo um destacamento do nosso exército, sob o Marechal Braun, penetrou na Cisplatina, e também a força naval, brasileira adquirira algumas vantagens sobre o inimigo republicano. Por todas essas circunstâncias, o general argentino Lavalleja sentiu-se inclinado a retirar as suas tropas para Serro Largo e dar ao General Paz, que já se aproximava de S. Francisco de Paula¹¹⁵ com a sua divisão, a ordem severa de retroceder incontinenti e reunir-se ao corpo principal. Os

moradores de S. Francisco de Paula já a esse tempo em sua maioria se haviam refugiado nas aldeias próximas, e Rio Grande havia sido prudentemente fortificado às pressas com cavaleiros de Espanha¹¹⁶ e paliçadas, as quais, diante da urgência, haviam sido geralmente construídas de tábuas estragadas, de barricas de açúcar e de pipas de aguardente – tão perto, tão ameaçador e sinistro todos julgavam o perigo. Com a retirada do General Paz, a concentração das tropas inimigas em Serro Largo, como pelas entabuladas negociações de paz, Lecór, o orgulhoso Visconde de Laguna, de algum modo respirava e sentiu-se logo disposto a abandonar o odiado acampamento para mudar-se para a aldeiazinha de Piratini, situada à margem do rio de igual nome, dezenove léguas distante do arroio do Bote. Lavalleja não incomodou a tropa brasileira em sua marcha, não fez a mínima tentativa, em segui-la. Seguramente, dada a miséria em que se achava o nosso exército, e com o grande número de estropiados, alguns doentes, muitos soldados nossos teriam caído nas mãos do inimigo, mesmo que com insignificante destacamento de cavalaria nos tivesse seguido; até os rebanhos de gado ficaram perdidos, pois que de esgotados não se podiam mover, não obedecendo mais nem aos ferrões das guiadas; de fome, cansaço, frio e molhadas, as pobres reses tombavam sem forças, para nunca mais se levantarem; mas desta vez também a República perdeu a cabeça.

À noite que precedeu à ordem da partida, estava eu de guarda junto ao general-em-chefe e por isso incumbira ao meu ordenança de que conseguisse por qualquer preço alguma forragem para o meu cavalo esfaimado. Mas isso não foi possível, nem por dinheiro, nem a rogos; assim o ordenança se virou forçado a amarrar o cavalo na minha barraca de macega, entregue à sua fome devoradora. Era um dos poucos cavalos que até então resistira à campanha: martirizado de longo jejum, ele agora atacou a macega que cobria a minha barraca, apesar de não lhe apetecer; e pouco depois morria de cólicas; um outro cavalo que comprei no dia seguinte também sucumbiu no acampamento, ao cabo do terceiro dia de nossa marcha: por isso tive que fazer a restante caminhada a pé, como a maior parte dos oficiais.

A mais terrível das chuvas que agora sem cessar sobre nós se despeja em grossas bagas ainda aumenta as penas que já sem ela assaz sofriamos; os cavalos de mão da cavalaria também se achavam no mais

mísero estado; a cada momento tombava um, e dentro em pouco viam-se os soldados, tanto os de linha como os das milícias, a começo muito bem montados, a carregar os seus arreios, arrastando-se atrás do exército; a artilharia, com os maus caminhos, simples trilhas escorregadias, mal avançava; muares e bovinos, até homens, tinham que ser atrelados para irem arrastando a peça ainda não perdida. Desta maneira, descontente e resmungando, o exército se arrastava, mal vencendo uma légua por dia; só raramente lográvamos com tamanha umidade acender um fogo para poder ao menos aquecer, não já assar, a pouca e magra carne de rês, único alimento apetecível que ainda nos era distribuído; mesmo os soldados alemães picavam as suas rações de carne a faca e a sabre e em seguida deglutiam os pedaços, na maior parte mesmo crus.

Assim haviam decorrido 8 dias sem que um instante tivéssemos enxugado, pois dia e noite a água nos inundava, abertas as portas do céu como se fosse um novo Dilúvio; e dia a dia aumentava o frio, a tal ponto que os soldados, especialmente os pernambucanos e baianos, despertados de um sono letárgico, tão endurecidos se sentiam que eram incapazes de sem ajuda erguer-se do chão molhado. Por muitos minutos sem fala e arqueados como para disparar uma seta, jaziam os infelizes no chão, incapazes de mover os seus membros ou de articular um som; e aqueles dentre eles aos quais a natureza dotara de melhores forças e de mais rígidos músculos, não tão subjugados pelos sofrimentos, tinham que erguer os seus camaradas e passeá-los algum tempo para cá e para lá no acampamento, até que os membros estarecidos de frio e de umidade recuperassem algum calor e movimento. Alguns comandantes de batalhão ousaram mandar apresentar ao generalíssimo diversos desses infelizes condenados à morte e insistir por um remédio a esses sofrimentos que ultrapassavam os limites. Mas a resposta do honrado visconde era um “não posso fazer nada”.¹¹⁷

Lecór prosseguia impertubável no seu sonolento sonho de cansada ambição de glória; pensava nos seus cabelos brancos, encanecidos com honra, que as tribulações do corpo e do espírito podiam de todo fazer perder: temia que os perigos e privações danificassem o seu delicado estômago, o seu escavado peito, e que se ele morresse o Brasil não tivesse mais um herói igual. O seu grande carro bem provido de

viveres, vinhos e doces de toda a espécie, bem como os amiudados presentes não insignificantes que sem cessar lhe faziam os estancieiros, protegiam-no por ora, bem como aos seus cavalos, contra privações; o exército que visse como se arranjava.

O abatimento apático que agora dominava a maior parte do exército, notadamente os brasileiros nortistas, atingia a tão alto grau que o mais leve ciciar de vento fazia estremecer aquelas vítimas de uma néscia política; embotados e esgotados cambaleavam naquela procissão de fantasmas. Finalmente, ao nono dia de nossa marcha, romperam-se as nuvens pejudas de chuva e luziu um claro raio de sol ao nosso encharcado exército, envolto em trapos e coberto de sujeira, como luze ao sofredor moribundo a esperança da imortalidade. Ao ver o sol, uma gritaria de alegre encanto perpassou as fileiras; cada qual tratou de aquinhoar-se o mais possível no vivificante calor daquele celestial mar de fogo e assim secar as suas vestes esfarrapadas.

Mas nesta marcha infeliz não só o medo da perseguição argentina havia de atormentar o exército brasileiro: perseguia-o a maldição do Senhor dos Mundos. Sem demora o sol desapareceu sob a mais terrível das tempestades que jamais eu vi em terras tropicais, o reino do trovão. Negras massas se acumulavam subitamente no horizonte e quais feras ameaçadoras, de olhar feroz, da longínqua floresta de nuvens pareciam seguir lentamente os nossos passos. O ar era frio, contudo sereno. As pesadas nuvens amarelas, cor de enxofre, cada vez mais se avizinhavam das cumeadas desse terreno ondulado.

A cada minuto a tempestade parecia concentrar-se mais e estar mais iminente; e antes se acreditaria que era a própria Coxilha Grande a aproximar-se, do que se encararia todo o medonho meteoro como uma procissão supraterrana, a vogar na abóbada celeste.

Com horror e espanto os brasileiros olhavam o fenômeno singularmente impressionante, esse como esponsal do céu com a terra, e asseveravam no seu primeiro terror que era manifestação da ira divina, a qual dentro em poucos minutos destruiria todo o exército, por um milagre, como às hostes do faraó no mar Vermelho.

A princípio os alemães sorriam de seus intimidados irmãos d'armas, mas quando de repente as nuvens estouraram e com formidável

pompa se descarregaram de sua substância elétrica, calaram também as alegres canções, as ironias do 27º Batalhão.

Uma única lufada violenta despejou instantaneamente o temporal sobre as nossas cabeças e se pronunciou com tal violência que ainda dias depois a maior parte dos homens apresentavam os respectivos sinais nos corpos manchados de azul; seguiu-se uma batega de granizo, em açoites tão duros e rápidos que os brasileiros gritavam de dor, apesar de terem puxado para cima das orelhas os seus capotes esfarrapados. Entremeados de forte chuarada, o granizo martelava sem cessar. Toda a coluna parou sem que para isso tivesse havido ordem e, voltando as costas arqueadas contra as bategas, os soldados clamavam a uma voz: *“que diabo de chuva de pedras”* [sic].

Sucediam-se os relâmpagos, os trovões rolavam cada vez mais fortes, a terra troava, todo o horizonte parecia em chamas; desanimados, os soldados se acoravam e em silenciosa resignação aguardavam a hora do Juízo Final. Mas ainda não chegara esta hora, se bem que fizessem coro a trompa do furacão, o órgão do mais violento embate dos elementos e as blasfêmias e pragas dos soldados, pois a Terra ainda possui espaço e satisfação para todos os seres que a povoam.

A orgia da tempestade, o rolar do trovão, finalmente cessaram; só a chuva continuou e apenas à nossa chegada a Piratini foi diminuindo. Em 14 dias inteiros apenas fizéramos dezenove léguas, mal 14 léguas alemãs. Verdadeiramente triste era o aspecto do exército, não batido pela mão do inimigo, mas destroçado de fome e de penas, sem distinção de nacionalidades, do mundo civilizado e do não civilizado, que o compunha, ao entrar no local do seu destino provisório. O caminho que percorrêramos desde o acampamento até esta aldeiazinha ficara juncado de cadáveres de cavalos e bois; a comissão nomeada para a avaliação estimou a perda de gado em 6.000 cabeças. Mas nem só reses, também homens haviam perecido vergonhosamente, tendo sacrificado sua saúde, sua felicidade doméstica e sua vida – para confirmar a sua escravidão; principalmente dos batalhões recrutados em Pernambuco, Bahia e Ceará foram numerosas as vítimas.

Muitos desses infelizes poderiam ter sido salvos, por pouco que tivesse havido providências para tais casos; mas os poucos veículos que ainda seguiam o exército sempre se atrasavam de algumas léguas, e a

farmácia de campanha não tinha mais medicamentos. Portanto, aqueles que não mais podiam marchar tinham que ser abandonados no ponto onde tombavam, e em regra já semimortos; ainda os próprios camaradas lhes tiravam os farrapos restantes, antes de darem o último alento. O visconde egoísta, que era culpado de toda essa desgraça, sempre e ainda sonhava com a fidelidade do seu amigo Frutuoso Ribeiro, o esperto *Cunctator* [síq]; e, quando entediado do carro, prosseguia a cavalo, a par do exército, com a sua inalterável fisionomia de mármore testemunhando essas cenas de horror, parecia pouco incomodar-se com a ilimitada miséria dos seus comandados.

Finalmente alcançamos, depois de nos termos cem vezes imaginado perto da morte, a pequena aldeiazinha de Piratini, onde provisoriamente tomamos quartéis de inverno, à espera impaciente da decisão das entabuladas negociações de paz.

Os moradores contemplavam estupefatos e horrorizados a entrada do exército brasileiro; os poucos trajes, esfarrapados, mal encobriam a nudez dos soldados; até entre os oficiais muitos tinham perdido a sola dos sapatos; de sandálias, feitas de pedaços de couro cru, presas aos pés por meio de correias, a maior parte do exército ia ao encontro dos boquiabertos espectadores de Piratini. Os habitantes haviam esperado, com razão, rever-nos em todo o esplendor dos uniformes e louros da vitória; haviam por isso espalhado flores pelas ruas e tecido coroas aromáticas para os libertadores da pátria que regressavam; quando, porém, entrou a nossa procissão de esfarrapados emudeceu subitamente toda a alegria.

Roto, esfarrapado e esmolambado o exército se arrastou até o vasto largo do mercado, de onde os diversos batalhões seriam distribuídos pelos seus acantonamentos.

Aos soldados alemães tocou como quartel provisório a igreja de estilo gótico-chinês, apesar da resistência oposta pelos frades; os oficiais do 27º Batalhão de Caçadores foram aboletados num pequeno, imundo casebre, que mais parecia um chiqueiro que uma habitação humana. Contudo julgavam-se todos felizes por estarem novamente debaixo de teto, depois de tantos meses, e alegravam-se mesmo de dormir sobre o chão duro, gozar pelo menos um sono tranqüilo, não perturbado pelos demônios do mais real dos sonhos. Mal os soldados ensarilharam

armas, deixaram mochilas, sabres e cartucheiras na igreja, inundaram a aldeia, para comprar com os últimos vinténs um pouco de pão e comezainas; o afluxo às vendas foi tal que houve brigas sangrentas. Tal é o valor que pode adquirir um pedacinho de pão ou um copinho de aguardente quando ao seu desejado gozo precede longa privação.

Quando um pouco mais tarde os oficiais mandaram os seus ordenanças a comprar um pouco de pão, cigarros, sal e aguardente, nada mais se achava na povoação. Aborrecidos, tivemos que nos conformar em estender sobre o piso duro as nossas mantas dos arreios, meter a sela (quem ainda a possuísse) sob a cabeça e pacientemente adormentar a fome.

Mas a nossa chegada em breve foi sabida nos arredores, e então afluíram fazendeiros e campônios, a oferecer à venda os seus produtos; mas ninguém mais tinha dinheiro para comprar o que quer que fosse; petições dirigidas ao general nesse sentido ficaram sem resposta ou foram severamente repelidas; mas a paciência se esgotou: as petições foram substituídas por ameaças. Energicamente reclamava-se o pagamento de pelo menos dois ou três meses dos atrasados. Assustado, o velho visconde acedeu; mas nada se disse dos nove meses do ano findo, os quais pacatamente, sob o título de "*atrasados*" [sic], permaneceram nas folhas de vencimentos, ao passo que com vergonhosa especulação financeira se abria nova conta.

Não só a lentidão, mas a irregularidade dos pagamentos devia causar mau efeito nas tropas extenuadas. O visconde mandava pagar na tesouraria, e até fazer adiantamentos, a quem lhe agradasse; os mais podiam esperar, até anos, antes de receberem os seus vencimentos duramente ganhos, e não raro viam-se forçados, se não queriam morrer de fome, a vender os seus atrasados por uma ninharia a algum judeu especulador.

Lecór, o velho visconde, finalmente convencido de que era tempo de mudar o desfavorável, inquieto estado de espírito do exército, tratou agora por todos os modos de conquistar as simpatias dos oficiais. A inimizade já de algum tipo existente entre ele e o Marechal Braun tinha chegado a uma tal notoriedade após a invasão deste na Cisplatina, que nascera uma indecorosa rivalidade dentro do exército, bem como um certo espírito de partido entre as mais altas personalidades. Toda a

infantaria, sobretudo a alemã, estava, como é fácil de imaginar, ao lado do seu patrício, o chefe do Estado-Maior, Braun; mas as milícias, que eram a grande maioria, chefiadas pelos marechais Barreto e Calado, eram pelo General Lecór. E Lecór imaginava que não podia melhor reconquistar os desafetos do que instaurando de vez em quando, à custa do Estado, dispendiosas bacanais e brilhantes divertimentos.

O doze de outubro, aniversário natalício do Imperador, ofereceu adequado ensejo, que o Visconde de Laguna realmente não deixou passar sem aproveitá-lo; porque ele agora se mostrava muito mais entendido em foguetórios do que em tiros de canhão.

Braun, como comandante interino, no ano anterior celebrara essa data com uma grande manobra; Lecór a solenizou com um brilhante banquete, para o qual foram convidados todos os oficiais da 1ª linha.

Depois de um rápido serviço religioso e uma tediosa parada e desfile, começou esse almoço diplomático às dez horas da manhã, e se prolongou até a tarde, às seis, quando os convidados foram solicitados a trocar de botas, para o baile que devia começar. Com a maior pressa, todos se recolheram a seus quartéis. para mudarem de roupa, o melhor que pudessem.

Grande número de senhoras, que em suas quietas moradas haviam sabido de coisas aventureiras a respeito dessa festa singular, haviam chegado a Piratini no correr da tarde, a cavalo, de carreta ou montadas em mulas, e nenhum de nós tinha dúvida que à noite, nos salões rapidamente adornados do visconde, encontraria uma sociedade das mais lindas moças e senhoras das redondezas.

A mesa do almoço, sumamente elegante, sobrecarregada de iguarias de toda espécie, permitia concluir que o baile não seria menos magnífico, tanto mais que as somas aplicadas nesta festa natalícia haviam sido de grande vulto, pois que haviam sido expressamente transportados do Rio Grande para Piratini, com indizíveis custas, entre outros artigos, carretas inteiras de vinho do Porto e da Madeira. Mas as belas, sequiosas de dançar e conquistar, que na esperança de participar no baile haviam chegado com seus trajes de gala, hoje se haviam enganado, pois o visconde, fraco de memória, não teve a idéia de convidá-las.

Não obstante, os oficiais brasileiros, sob o ruidoso júbilo da banda musical, exibiram a louca dança de S. Guido, substituídas pelos companheiros mais jovens as damas ausentes;¹¹⁸ um lenço branco com um laço no braço esquerdo indicava que o portador no momento pertencia ao belo sexo, ao passo que os galantes cavalheiros nenhum distintivo traziam. Estalavam as cornetas, rufavam os tambores, silvavam as flautas, e os pares giravam como loucos – certamente com a contribuição do vinho – macaqueando os modos femininos, os jovens metamorfoseados em damas curvavam-se e requebravam-se, provocando a princípio o riso e depois o asco dos espectadores. Estupefatos, os oficiais alemães contemplavam esse ridículo carnaval, de uma “*divina comédia*” [sic] social, e, como se vissem dolorosamente enganados em sua alegre expectativa de aqui encontrarem damas brasileiras, amáveis, belas, ansiosas por dançar e divertir-se um pesado aborrecimento os foi reencaminhando para casa, para suas esteiras no chiqueiro.

Mal o exército se havia restaurado um pouco dos sofrimentos da marcha, recebemos ordem de levantar barracas fora da aldeia, e quem ainda tivesse algum farrapo de seu havia de perdê-lo nesse árduo trabalho. Recomeçou assim a monotonia do acampamento; só quem fosse sensível a belezas naturais podia encontrar divertimento calmanete nessa encantadora região.

O terreno em torno de Piratini é montuoso, muito recortado de córregos e arroios, de margens encantadoramente bordadas de arvoredos e de mato; a aldeia está no alto de uma coxilha, tal qual uma ave procelária, que com seu peito de prata do ninho de caniço olha para baixo. De um lado essa elevação parece formalmente rachada e oferece à vista um horrível abismo, que desce a pique; no sopé murmura um córrego que, claro como um espelho, cintila meio oculto através do verde-escuro da vegetação alta das duas margens, entremeada de pujantes trepadeiras. À direita e à esquerda desse entalhe amontoam-se enormes pedras, que à primeira vista ameaçam cair a todo momento, com medonho fragor – a tal ponto que o observador atônito não compreende como essas massas colossais, dependuradas a pique, têm-se mantido, talvez há milênios, numa situação que contradiz às leis da natureza. Do outro lado tem-se a mais magnífica vista por sobre sempre verdes coxilhas onduladas, que vão diminuindo de vulto à feição que avançavam para a costa.

Milhares de cavalos e bois, que dispararam aos quatro ventos à vista desacostumada de gentes armadas, pastavam dantes nesses campos férteis; mas agora, bem que o inimigo não tivesse chegado até cá, os proprietários, não mais se julgando seguros daquilo que era seu, haviam escondido o gado, ou tinham sido obrigados a deixá-lo presa do exército, e o resto estava alçado.

Assustados, bufavam os cavalos, mal avistavam algum soldado; eriçavam cola e crinas e quais possesores de um mau espírito disparavam a galope, por montes e vales, águas e matas; nem os melhores *laçadores* [siç] conseguiam apanhar esses animais selvagens, se bem que esses homens, com justiça considerados bons cavaleiros, sempre se achassem bem montados e munidos de *laço* e *bolas* [siç].

Tornando-me cada dia mais apreensivo no novo acampamento, parte pela horrível monotonia, parte pelas intrigas instigadas pelo nosso muito falado comandante do batalhão, Luís Manuel de Jesus, resolvi prudentemente com alguns camaradas empreender nas horas vagas excursões pelos arredores. O serviço, que a esse tempo não tinha especial importância, não podia embarçar-nos nesse propósito e por isso logo entramos em preparativos para tomar conhecimento não só com os arredores mas também com a região mais afastada; desta maneira esquecíamos, pelo menos no momento, a situação desagradável em que nos achávamos nesse acampamento de recreio ou de sofrimento. Assim foram visitadas todas as propriedades em torno de Piratini; a bem dizer, ao pé da letra, as inundamos, e nessas oportunidades várias aventuras interessantes reanimaram os espíritos abatidos.

Assim passei uma vez com alguns amigos por uma casa de situação simpática, onde logo nos detivemos, porque o formidável calor nos flagelava com uma sede ardente. Água e fogo pode-se pedir em todo o Brasil em qualquer casa, sem jamais temer uma recusa e por isso não vacilamos em apear imediatamente e nos chegarmos. Contrariamente ao costume do país, apareceu-nos uma mocinha, muito bonita e bem trajada, embora modestamente, e envergonhada e muito enrubescida nos perguntou pelo que queríamos. Rosa era seu nome, conforme logo nos explicou; mas não era uma rosa de pétalas meio pálidas pendentes, com o cálice amadurecido; parecia um lírio vermelho que, qual botão recém-desabrochado, enfrentava os primeiros raios solares da manhã –

uma flor de lótus, cujo misterioso véu de pétalas encerra toda uma mitologia.

Com a mais galante cortesia pedimos uns copos de água, ao que logo fomos convidados a entrar. Prontamente nos aproveitamos dessa bondade e aos poucos minutos estávamos assentados em companhia da mãe, velha viúva de um arrendatário, e de sua bela filha, a palestrarmos sem constrangimento, na sala arranjada com todo o asseio. Ambas as senhoras eram de opinião que nós, estrangeiros, que como tais logo nos reconheceram, não compreenderíamos as expressões portuguesas difíceis e por isso se atreveram a gabar entre si a beleza dos estrangeiros, usando de termos geralmente não usuais, de emprego raro; mas não fora embalde que eu estudara o Camões e o coração das mulheres brasileiras; assim é que entendi tão bem o assunto da conversa que logo forneci oralmente a tradução alemã aos meus companheiros, menos traquejados na língua, e com isto estes imediatamente explodiram em gargalhadas. Rosa desconfiou então que as teríamos entendido e por isso prontamente nos fez esta pergunta: “Os Srs. não ouviram nada, não!” “Não só ouvimos, mas entendemos”, foi a resposta; “as senhoras tiveram a bondade de achar bonitos os estrangeiros; assim ousamos nós agora perguntar-lhe se jamais a senhora se decidiria a casar com um estrangeiro?”

Esta questão, propriamente nada modesta, desconcertou visivelmente a pobre moça; envergonhada, baixou seus negros olhos, atitude da qual nós poderíamos como de uma nebulosa decifrar o que nos aprouvesse, e titubeou algumas palavras incompreensíveis, meio indígenas, que nem os irmãos Schlegel com toda a sua sabedoria teriam decifrado. Mas em breve restabeleceu-se a alegria e com a mais amável naturalidade ela retrucou. “Mas, por que não? contanto que eu soubesse que sois cristãos.”

Admirados, nos entreolhamos e com ar espantado lhe perguntamos qual a religião que a seu ver professariamos. “*Os Srs. são ingleses; e os ingleses não são batizados;*” [sic] tornou ela, com amabilidade; “portanto, não são cristãos”, era o que ela iria acrescentar, quando se viu interrompida pelo nosso alto riso.

Todas as afirmações de que os filhos da Britânia, tão bem quanto os brasileiros, recebem o santo batismo eram contestadas com

negativa de cabeça e um ar incrédulo, e só quando insistentemente protestamos que éramos alemães e que toda a parte sul da nossa pátria considera o Papa de Roma o único juiz espiritual no dilema do mundo, passamos novamente a ser olhados com simpatia e recebemos um forte aperto de mão.

E agora queriam que cada um de nós contasse de que parte da Alemanha era natural; um era da Baviera, outro da Áustria, o terceiro de Baden, o quarto de Mogúncia, o quinto de Dresden; mas da mesma forma poderíamos ter dito Hamburgo, Bremen, Cuxhaven, ou Buttehude, pois que, conforme depois verificamos, a beata beleza nem ao menos sabia se esses países ficavam na Lua ou no globo terráqueo, se é que jamais o deus de seus pais estudou geografia ou história.

Desde que a palestra versou sobre religião, dentro em pouco houve um desvio e entramos a tratar dos judeus. Já ao ouvir simplesmente esta palavra, Rosa volta-se mal-humorada, e garante, com a maior convicção, que os judeus nem eram gente, antes meio que pertenciam à classe dos demônios, do que dá claro testemunho o comprido rabo de macaco que eles usam, na forma de sua barba e de seus trajes. Baldado foi todo o esforço para tirar esse contra-senso da cabeça teimosa da mocinha amável, beata; o seu confessor lhe houvera solenemente afirmado, e semelhante homem, que lhe incutira o catecismo com mil beijos, na opinião dela não podia mentir nem errar. A mãe também concordava e garantia que já uma vez vira semelhante monstro não cristão – ao tempo da purificação da Virgem Maria. Ao contar isso, três vezes ela fez o sinal-da-cruz.

Se bem que o tronco dos eternos migrantes seja no Brasil e conquanto não seja o lenho que carrega a água, havia muitos judeus que não temeram a longa viagem marítima e vieram estabelecer-se, parte na capital, parte nas províncias do Império. A grande semelhança de suas fisionomias com as dos portugueses impedia que fossem reconhecidos e eles mesmos eram bastante prudentes para não se revelarem pela prática de seus usos orientais; pois embora reine liberdade de religião no Brasil, e por isso eles não teriam sido estorvados, contudo teriam ficado privados de qualquer convívio social, mormente no interior; só os alemães os reconheciam, pelo seu dialeto, mas pouco se importavam e não eram

tão malvados que fossem denunciá-los e com isto lhes perturbar o exercício do comércio e das suas profissões.

Para glória do povo judeu devo reconhecer que, mesmo nessas zonas quentes, onde o corpo mais facilmente languesce e todo o trabalho demanda maior esforço, a atividade deles se conservava a mesma. Não temendo esforço, nem o ardente calor solar, eram vistos a trilhar as estradas das províncias de Minas Gerais e S. Paulo, levando muares carregados ou mesmo, quando ainda principiantes, a palmilhar a pé com uma pequena mochila às costas, de mercadorias abaixo e acima. Essa diligência férrea, essa resistência sem exemplo, pouco a pouco lhes granjearam na capital, mormente entre os comerciantes alemães, confiança e crédito, com o que alguns, que haviam chegado mendigos ao Brasil, em breve expediam para o interior do país transportes de mercadorias no valor de 8 a 10 mil piastras espanholas. Mal, porém, o primeiro deles atingiu essa muito almejada região, eis que a toda a pressa vendeu a dinheiro de contado as suas mercadorias, em S. Paulo, a já mencionada capital da fértil província deste nome, e em vez de tornar ao Rio de Janeiro, a efetuar aí os devidos pagamentos, embarcou-se em Santos, pequeno porto da costa oriental, e assim desapareceu para sempre aos olhos de seus crédulos credores.

Os correligionários, assustados, investiram exageradamente ao fujão e, visto que lhes prejudicara o crédito, lhe rogavam todo o mal possível; mas trataram de reconquistar junto aos comerciantes a confiança perdida, por meio de *constantes e contantes* [sic] sacrifícios, e ainda desta vez lograram pleno êxito.

Novamente, não tardou muito, eis que um segundo judeu se fez invisível, exatamente do mesmo modo, sem deixar a mínima sombra; depois um terceiro, por fim um quarto, e agora esse povo está completamente enxotado, pelo menos da capital, como se sobre ele pesasse a maldição divina.

Quase se é levado a crer, sem incorrer na pecha de injustiça, que essas roubalheiras assentaram em bem meditados projetos, e que havia formais ligações e combinações em toda a corporação israelita, pois verificou-se mais tarde que os espertalhões crentes de Moisés ainda durante a execução de seus planos dolosos ativamente se correspondiam com seus correligionários e até antes da partida deles tiveram demorados

e adequados entendimentos com os mesmos. Por isso se garantia geralmente que diversos desses sujeitos depois se encontrariam de sociedade, como bons judeus, em algum grande estabelecimento bancário. Isso, porém, eram apenas conjecturas, que se podiam formular judiciosamente mas sem base jurídica, e os roubados tinham que calar-se, pois que faltavam provas convincentes e, além disso, pela lei brasileira toda queixa exige três testemunhas. Não obstante todas as pesquisas, nunca se descobriu o mínimo rastro dos judeus fugidos. Nessas circunstâncias, pois, eu não aconselharia a nenhum judeu sua emigração para o Brasil, pois não só perderam toda a confiança perante os estrangeiros aqui estabelecidos, mas também, como vimos, os brasileiros até lhes atribuem longa cauda de demônio e os incluem na categoria dos semidiabos.

Repetimos cada vez mais amiúde as visitas às duas senhoras e também nas nossas excursões atamos diversas novas relações e algumas interessantes intrigas amorosas, de maneira que ultimamente não mais podíamos queixar-nos de tédio.

As horas impróprias para visitas eram preenchidas com caçadas e seus vários prazeres. A natureza abria-se diante de nós em seu secreto encanto e muitos de seus mais desconhecidos capítulos nos foram magnificamente desvendados. Assim encontramos, entre outras coisas, o ninho do lagarto grande, às vezes com 24 ovos e mais, a aranha *arangujeira* [sic], grossa como a mão fechada, colibris de variegadas cores, em número extraordinariamente elevado, e cobras, notadamente a verde *ápó* [sic], a irisada coral, a *jararaca* [sic] e a *surucucu* [sic]; bem como pássaros e aves de todo tamanho e espécie, marrecas bravas, patos, avestruzes, garças, perdizes, tucanos, quero-queros; e lindos veados não faltavam porém eram quase inaproveitáveis por causa de seu desagradável cheiro (*atinga* [sic]).

A 30 de outubro de 1829 de repente, o troar dos canhões fez estremecer os ares para anunciar que alguma coisa de extraordinário ocorria no acampamento: às pressas nos recolhemos e não pouco nos admiramos quando soubemos que aqueles disparos, de júbilo, festejavam a paz finalmente concluída. Ninguém no exército certamente esteve nesse dia mais contente e divertido do que o velho visconde, que até receava o soçobro de sua glória, penosamente conquistada em Portugal, e agora não tendo perdido nenhuma batalha – pela razão decisiva de não

haver travado nenhuma – pensava em se afastar brilhantemente do teatro da guerra. Mas também, de regresso ao Rio de Janeiro, ele teve que responder perante uma comissão de investigação e só a custo, por meio de dinheiro e de bons amigos, logrou ser honrosamente absolvido.

Quantas vezes já vimos no decorrer destas singelas narrativas que os chefes do exército eram chamados a contas, jamais eram condenados!

Como ilustração da negligência e ostensiva injustiça com que se aplicam as leis, mesmo em matéria militar, sirva o seguinte. Três oficiais do 14º Batalhão, recrutado na Bahia, achavam-se, por ordem de seu comandante, Argolo, homem geralmente tido por um mau e falso, há seis meses presos na guarda principal, sem que ao menos pudessem conhecer a causa de sua punição e responder a conselho de guerra, como eles mesmos pediam. Os requerimentos a esse respeito ficavam sem despacho, com um descaso impróprio para militares, notadamente para um general; e todas as ponderações que faziam os companheiros dos presos eram recusadas com revoltante indiferença. Porém, ainda é menos para citar esse procedimento injusto do que o local, propriamente, em que os presos definhavam miseravelmente, como pássaros engaiolados e de asas cortadas. Um quarto apertado, infestado de ratos, camundongos, pulgas, *bichos-de-pé* [sic], mosquitos, em suma, toda espécie de pragas, quarto cujas paredes sujas de imundícies enojavam ao primeiro olhar, uma espelunca imunda, escura, sem assoalho, nem teto, nem janelas, onde a chuva entrava por todos os pontos através do telhado malconservado, a ponto de ficarem os presos chafurdados na lama; essa era a prisão destinada a três oficiais, que até então não haviam sido condenados, que instantemente pediam julgamento, e tinham bons antecedentes.

Esta é, pois, a tão gabada liberdade do Novo Mundo; sem receio de punição e sem dar contas, um tenente-coronel se atreve a encarcerar três oficiais de seu batalhão numa prisão que excede em nojeira à pior casa de cachorro, onde o pobre preso sofre não só a privação da liberdade, mas o flagelo físico de numerosas, martirizantes pragas de insetos. Realmente, em terras onde pode imperar semelhante arbitrariedade as leis mais sábias tornam-se inoperantes.

Os brasileiros ostentam no seu orgulhoso escudo o globo terrestre e 19 estrelas e nas suas moedas inscrevem: “*In hoc signo vin-*æs” [sic] mas, certamente enquanto essa massa de *castrados* [sic] não adquirir outra mentalidade, jamais vencerá com este signo, como será difícil, por outro lado, transformar repentinamente toda uma nação, como por milagre.

Só um monarca esclarecido, dominando com a máxima consciência de seu poder, conseguiria insuflar pouco a pouco mais nobres sentimentos a essa massa humana totalmente desmoralizada; seria necessário que nenhuma câmara de deputados nem de senadores cerceasse a ação nem a vontade do autocrata; pois, por mais útil, vantajoso, que seja uma constituição política para um país civilizado, o Brasil ainda não está maduro para isso.

Se uma vinha há de alegrar o coração do homem, dando-lhe sombra, fruto e inspiração, ela necessita antes de tudo de sol, de arrimo e de amoroso trato, pois

*“Se ela não acha nem tronco nem muro,
“E la fenece, por fim desaparece.”*

Um regente dotado dos mais amplos poderes, animado do mais elevado amor pela justiça, é eternamente melhor do que as centenas de governantes, que a cada momento procuram usurpar mais privilégios e poderes. Ai do país em que cada superior é um tirano, um despota para os seus subordinados, onde as mais sagradas leis cedem ao capricho de determinados indivíduos aos quais um cochilo da sorte colocou nos altos postos! Sempre é melhor obedecer a um só, do que ser a peteca sem vontade para um grande número.

D. Pedro, na verdade, não era o homem cujas capacidades físicas e intelectuais bastassem para determinar uma feliz modificação no Brasil; só um Pedro o Grande da Rússia, um Carlos o Temerário da Borgonha, ou um Carlos XII da Suécia, teria sido capaz de insuflar novo espírito nessa nação enervada. A fraqueza que agora e a cada passo demonstrava o Imperador repudiado só servia para tornar ainda mais atrevidos os pequenos opressores do povo e tornar cada dia mais clara a sua prepotência; não admira, pois, que finalmente os brasileiros, ainda instigados pela palavra de deputados, bem como por dinheiro e vinho,

pegassem armas e procurassem livrar-se de um governante que, em vez de sustentar a liberdade e as garantias das classes inferiores num reino constitucional há pouco fundado, se dedicava a negociar em galinhas, manteiga e ovos, na fazenda de Santa Cruz, sua propriedade privada, a qual mais lhe interessava do que todo o Império.

Firmada a paz definitiva, esperávamos cada dia, pois que não mais era necessário o exército na fronteira, ser transferidos para qualquer outra província; mas, o velho visconde parecia sentir-se tão bem em Piratini que por muito tempo não pôde resolver-se a deixar essa aldeia, onde havia tanta moça bonita. Eu, porém, não pude suportar por mais tempo essa monótona inação e solicitei transferência para outro batalhão, a qual sem demora me foi concedida.

O caminho para Rio Pardo, aonde eu devia ir primeiramente para apresentar-me ao corpo em que acabava de ser incluído, passava por S. Francisco de Paula; e já de antemão eu me alegrava intimamente por poder aí reatar as muitas relações que havia atado quando da minha primeira passagem por esse lugar.

Numa noite escura como asa de corvo montei a cavalo, às duas da madrugada, para iniciar a viagem, sem levar guia e sem que eu mesmo conhecesse bem o caminho. A princípio tudo foi bem; meu cavalo progredia, a passos rápidos. Mas de repente desapareceu a estrada bastante larga, de modo que em breve não se via senão uma estreita vereda de pedrestes e finalmente mesmo esta sumiu-se na macega alta. Dar volta eu não queria, pois já havia andado umas duas léguas; assim, instiguei cada vez mais o meu cavalo e fui penetrando cada vez mais no desconhecido e acabei sucumbindo ao sono, caindo em doces sonhos.

E o céu enegrecia de segundo em segundo, relâmpagos retalhavam as negras nuvens prenhes de temporal, e gotas espaçadas de chuva excepcionalmente grossas me significavam ameaçadoras que se aproximava violento conflito dos elementos. Quanto mais eu avançava, menos havia vestígios do caminho primitivo e quando afinal o temporal se desencadeou com toda a violência achava-me no meio de um grande banhado, em que meu cavalo ficou preso e não conseguia nem avançar nem recuar, ainda mesmo a chicote e a esporas.

Por menos que eu tivesse vontade, de membros extenuados, tive que me decidir a apear e meter-se n'água, até acima da cintura para

reconduzir pela rédea ao caminho certo o meu teimoso *rocínante* [sic]; mas, se antes as minhas afiadas esporas não haviam surtido efeito, também agora de nada valiam os puxões e safanões. Impossível, o animal se mantinha parado, apesar das chicotadas, e na triste convicção de que todo esforço seria baldado tive de me resignar em esperar o dia vindouro naquela situação fatal.

Finalmente cessou a violenta chuva, e a aurora tropical, de que na Europa só se conhece uma sombra, se desenhou em seu traje fulgurante amarelo vivo, no horizonte próximo, transparente; e de boa mente o cavalo até aí tão teimoso me obedeceu.

Tratei de procurar novamente o caminho perdido, mas sempre em vão; eis que em boa hora chega um negro, num cavalo negro quase totalmente redomão, em louca disparada, e à promessa de pequena gorjeta se dispõe a me acompanhar. Acedi com prazer, pois já eu duvidava de ainda este dia avistar viva alma que pudesse indicar-me o caminho certo. Meio patacão que meti na mão do negro despertou pelo seu som de prata uma tal alegria nesse filho dos desertos africanos que ele se prontificou não só a me acompanhar um pedaço de caminho mas até a estância do Capitão Romão, distante quatro léguas de Piratini. Aí eu era conhecido e por isso podia contar certo que pelo menos cuidariam de secar minha roupa encharcada e de me fornecer outro cavalo. Seguiu portanto, tão bem como podia o meu engraçado guia.

O cavalo do negro, mal domado mas fogoso e forte, que em vez de freio trazia apenas uma tira de corda trançada de couro de rês, fazia de caminho tão terríveis saltos que a cada momento eu temia fosse o meu companheiro negro arremessado longe, por cima da cabeça da besta selvagem, especialmente porque ele não se mantinha direito, mas se entregava ao balanço como um bêbado a dançar na corda. Mas foram baldados todos os esforços do redomão; o ginete, em movimentos balançados, mantinha-se a cavalo e se bem que não pudesse acompanhar-me ao passo sossegado, ele recuperava na correria a distância que perdia durante os debates entre cavalo e cavaleiro. Ora colhendo a rédea, ora cedendo, ficava ele constantemente para trás, mas quase sempre passava à minha frente, até que avistamos a fazenda, a emergir qual oásis, próximo do seio da vegetação baixa e dos monótonos cômodos de

areia apontando-me ele com o dedo e logo retrocedendo como um pé de vento pelo ínvio rumo por onde viéramos.

Molhado e cansado, alcancei ao meio-dia a propriedade do Capitão Romão, onde fui recebido com carinho, amabilidade e hospitalidade, como na Europa raramente se encontram. Com a estóica serenidade de uma vida duramente provada aproximou-se de mim o dono da casa, com suas três filhas, a pularem, com o cativante sorrir da inocência. O velho capitão, que durante a guerra perdera grande parte de seus rebanhos, achava-se completamente extasiado com a notícia de que cessara a guerra, que se celebrara finalmente a paz. As moças pareciam contentes de terem outra vez um hóspede culto. E assim, não podia deixar de suceder que o pouco tempo que aqui pude ficar decorresse no mais alto grau depressa e agradavelmente. As poucas horas que não eram preenchidas com música, conversação ou dança, serviam para passeios, em que naturalmente se recordavam os anteriores conhecimentos e, com grande co-participação de lado a lado, eram renovados e acrescentados. As moças amazonas nem recusaram de me acompanhar em excursões a cavalo pelos arredores e até várias vezes ousaram disparar sua espingarda, contra algum veado fugitivo ou alguma avestruz. À maneira masculina, abertas as possantes pernas, entronizadas no ardoroso parrelheiro, seguiam sem medo e com admirável presteza o rastro da caça. As noites que durante minha breve permanência aqui passei no círculo dessa amável família eram geralmente embelezadas pela voz magistral de D. Damásia a segunda filha do bravo capitão veterano. O pai que, embora bastante idoso, ainda era um homem forte, quase poder-se-ia dizer bonito, acompanhava a filha com sua possante voz de baixo e tocando a viola com estupenda perícia secundava o mavioso descante da simpática filha. Ouviam-se as romanças portuguesas antigas e espanholas, que mesmo na Alemanha têm tantos apreciadores e a que com justiça agora se concede tanto aplauso em todo o mundo; pareciam o meigo balbuciar das místicas litanias de reconciliação de uma outra vida.

Ora tangendo as cordas com a mão forte, ora passando aos acordes fracos, que gradualmente se elevavam, tanto o velho capitão como a amável D. Damásia conseguiam tirar do sensível instrumento sons que só se podiam ouvir, não descrever. O profundo sentimento íntimo que jazia nas encantadoras palavras daquelas canções provençais

qual criança adormecida no berço, ainda era decuplicado pela esplêndida expressão, a vozes puras, a cordialidade dos cantores que não requestavam aplausos, mas se empenhavam pela coroa da vitória de tradições imperecíveis. Irresistivelmente arrastado e envolvido pelo cantar cheio de alma, o espírito se transportava alado para as lindas terras de Castela – encantado, o ouvinte sonhava achar-se no meio de velha família espanhola, que descantasse os feitos de seus avós, o heroísmo de Cid e o amor de Ximena. Esplendorosa Espanha! terra do vinho, da galanteria e dos cantares! oxalá te reergas um dia, qual fênix, das tuas cinzas! Como decaiu profundamente este país que outrora imperava sobre a metade do mundo!

Rápido demais escoou o pouco tempo de que eu podia dispor para permanecer no círculo desta nobre família: o dever me impunha que sem tardar eu prosseguisse. Chegou o dia extremo da despedida; meu cavalo já estava arreado quando o Capitão Romão insistiu que primeiramente eu almoçasse. Posta a mesa, apareceram uma a uma as três moças, mas não brilhava nenhum dos olhares naquele céu de estrelas geralmente tão alegre. Embaraçado, procurei atar conversa, mas em vão. Meu coração estava alvoroçado; um *Sim* [sic] ou um *Não* [sic] era a única resposta às minhas breves perguntas. E como para mim também fosse infinitamente dura a despedida, não tardou muito que eu honrasse ao primeiro e mais fácil dos preceitos da ordem dos cartuxos.¹¹⁹ Por fim, porém, o bom pai, a quem Damásia dissera algo ao ouvido, transformou o pesado silêncio na mais álaure alegria declarando às moças que pretendia acompanhar-me algumas léguas e convidando-as a também mandarem selar seus pingos para igual fim. Imediatamente puseram em ação todos os escravos, para apanharem no pasto os necessários parelheiros; em poucos minutos estava envergado o traje adequado e em breve toda a companhia trotava às risadas e gracejos pela estrada para S. Francisco de Paula.

Depois de percorrermos cerca de duas léguas, fizemos alto em uma venda; soara a hora da despedida. Todos apeamos e novamente se estabeleceu a anterior tristeza. O velho capitão, sempre alegre, esgueirou-se para o interior da venda e logo saiu com um grande copo a transbordar do mais nobre vinho do Porto. O trago de despedida correu a roda, de boca em boca, trocaram-se muitos abraços à moda legítima portuguesa, e eu depus um fervente beijo nos lábios frios de Damásia.

Em seguida cada qual montou seu pingo e a cavalgata se dispersou em rumos opostos. Bem alto agitavam-se os lenços brancos, mais uma vez acenando um cordial passe-bem.

A cada passo que me afastava da sede da minha saudade, mais se me apertava e pesava o coração; eu teria dado volta se tivesse tido tal faculdade. Para vencer mais prontamente essa dor pelo esforço físico, cravei as afiadas esporas no cavalo lerdo, tão brutaemente que ele sangrou e entrou a disparar como louco, por paus e por pedras. Mais uma vez olhei: os lenços ainda se agitavam, como longínquas asas de pombas a prometer felicidade; pela última vez retribuí o gesto de amizade e em poucos instantes uma coxilha interceptou para sempre a meus olhos esses meus queridos entes. “Vivam felizes, ó montes, ó amados vales!” ciciava eu mentalmente e caí em andadura mais moderada, na estrada malgradada, como se tivesse expirado em meu peito todo o gosto de viver. Como é penoso, infinitamente penoso, separar-se a gente de objetos que um dia dominaram todos os nossos sentidos, todo o nosso coração! D. Damásia, ó quinta rainha do meu coração! em que peito terás erigido o teu novo trono? Algum português ou algum mulato desfrutará agora o prazer a que um dia tão ardentemente aspirei! D. Damásia: há muito tempo também em mim outra usurpou teu trono!

Triste e deserta pareceu-me a região que outrora eu achara tão bela; pelo que voltei a esporear meu cavalo, pretendendo atingir ainda nesse dia, se possível, S. Francisco de Paula; mas eu demorara demasiado com os doces prazeres da despedida, não podia mais pensar em tal.

A noite, que desce tão repentinamente nos países tropicais, tanto que não é precedida de crepúsculo, surpreendeu-me em Capão do Leão, onde tive de resolver-me a pernoitar na única hospedaria existente. O dono, um mulato alto, forte, em quem pela cara cheia e ventre arredondado se via claramente o bom humor e íntima satisfação, aproximou-se de mim amavelmente e, como já me conhecesse de outrora, a minha chegada lhe pareceu bem-vinda, pois logo me prometeu hospedar-me o melhor que pudesse e gratuitamente. Semelhante liberalidade até então eu ainda não topara em nenhuma hospedaria, nem alemã nem brasileira, e justamente por causa dessa última condição eu teria prosseguido viagem, não estivesse adiantada a noite. Segui, portanto, ao bondoso dono da casa, entrando em sua habitação baixa – mas como fiquei

desapontado ao ver o seu único quarto de hóspedes! Um fogo aceso no meio do quarto espalhava uma fumaçada negra que ameaçava de asfixiar os presentes. Em torno estavam dez a doze indivíduos a se ocuparem diligentemente em assar pedaços de carne de boi ou de vaca espetados em compridas varas, que sem demora devoravam com uma voracidade selvagem, em estado ainda meio cru. A dona da cabana, com seus filhos de ambos os sexos, descalços, vestidos com uma capa de chita, que fazia ao mesmo tempo as vezes de camisa, saia e blusa assentada à porta, mantida aberta para que houvesse a necessária corrente de ar; todos os mais, na maior parte negros e mulatos, tinham tomado lugar perto da gigantesca dona da casa. Não havia uma cadeira no quarto; caveiras de cavalos faziam suas vezes. A sorrir, olharam-me de esguelha os nobres hóspedes dessa suja taverna quando com olhares algo espantados me pus a medir o quarto cheio de fumaça e os seus ocupantes. “Sente-se, seu tenente: aqui não há cerimônias!”, declarou-me um corpulento mulato, empurrando para perto de mim, junto ao fogo, uma caveira de cavalo ou de boi. No meio de lobos é necessário ladrar com eles, pensei comigo, e sem pestanejar aceitei o lugar que me indicavam. Daí podia olhar com vagar os convivas e depois que examinei a referida dona da casa, uma mulata bastante corpulenta, bem fornida de carnes, adiante e atrás, olhar felino, encarei o meu vizinho à mão direita, ao clarão da fogueira. E, na verdade, não havia mister ser um Laváter ou um Hogarth para ter pela fisionomia desse homem a idéia de que mais de um europeu já havia de ter vertido seu sangue naquelas rudes mãos, sempre inquietas.

Era um sujeito alto, esbelto, cruza de mulato com negro, como denunciava sua cor amarelo-alaranjada; uma capa espanhola de pano grosseiro, castanho, arregaçada para trás, encobria a cara chata, traiçoeira, até acima do nariz; um chapelão preto, desabado para cima da testa angulosa arqueada, mal deixava adivinhar os olhos negros, sombriamente reluzentes; do cano da bota direita fulgia o cabo de larga faca, bem afiada; à ilharga pendia-lhe uma espada, que lembrava os velhos tempos da cavalaria de Rolando e da Távola Redonda; e no cinturão vermelho, de lã, viam-se duas pistolas que toda vez que ele afastava a capa espanhola para comer apareciam mais do que necessário.

À minha esquerda estava um outro sujeito que, embora muito menor e mais franzino, não cedia o passo ao primeiro quanto a traços fisionômicos horripilantes.

Naturalmente nesse meio me senti inquieto. Olhava ora à direita ora à esquerda; depois me afastei um pouco do fogo, por mais que me agradasse o seu calor, e sem querer experimentei diversas vezes se a minha espada, enferrujada de tanta chuva, estaria bastante frouxa na bainha. Firmemente resolvido a vender caro a vida e resignado com o que de pior pudesse suceder, não perdia um minuto de vista os meus vizinhos em seus movimentos dúbios.

Provavelmente notaram a minha desconfiança, pois que unânimes me afirmaram, com um ar de sinceridade que banuiu todas as dúvidas de meu coração, que eu lhes era hóspede muito bem-vindo, que eram grandes admiradores das tropas estrangeiras e que há mais de oito dias haviam adotado o principio de não pôr mais a secar ao ar nenhuma pele branca. Essa manifestação franca desanuviou o meu espírito envolto em escuras fantasias; só o meu coração continuava a martelar. Finalmente, reapareceu o dono da casa e me convidou humilimamente, com as mais destestáveis atitudes de macaco enamorado, a tomar parte na frugal refeição; e mais tarde, como prova especial de sua grande amizade, deu-me um cigarro de papel que fumei até ficar enjoado.

Para poder quanto antes subtrair-me a esse bando sul-americano de ciganos, manifestei-me extremamente cansado e então indicaram-me num canto do quarto uma cama de madeira com couro de vaca e, conquanto ainda não me fiasse da companhia, a forte cavalgada do dia e a asfixiante fumaça do quarto me haviam fatigado tanto que sem demora caí no domínio dos sonhos.

Ao acordar ainda vi reunidas a nobre companhia; o jogo de cartas os mantivera despertos toda a noite. Esses homens, quase todos maltrapilhos, que nem tinham sal para sua carne magra, muito menos pão, agora punham em cada cartada dobrões espanhóis e mancheias de prata; e com estupefação observei que alguns deles puxavam debaixo de seus andrajos recheados bolsas de couro de onça e as despejavam no chão, para tentar a fortuna a duplicar ou triplicar seu capital na hora decisiva. Cada qual ao mesmo tempo tinha a faca a seu lado, para abater

incontinenti o adversário em caso de dissídio. É por essa forma que o jogo adquire efeito dramático.

Logo que nasceu o dia encilhei o cavalo, agradei com uma piastra o negrinho que me servira e depressa ganhei distância.

Que contraste entre a casa do capitão Romão e essa caverna de ladrões!

Amena prosseguia agora a viagem pela estrada larga e bem construída, pois a esperança de avistar em breve as torres de S. Francisco de Paula sob as cálidas nuvens do meio-dia apagava com seu hálito encantador a desagradável impressão da passada noite. Em poucas horas alcancei o meu objetivo; a bela cidadezinha estava diante de mim, como um faisão dourado na bandeja de prata do rei.

Diante da casa dum negociante inglês conhecido apeei e, poucos minutos depois, do balcão da casa avistei de coração contente o lugar onde outrora vivera dias felizes. Já descrevi a região como extraordinariamente romântica e bela, pelo que aqui não repetirei a descrição.

Como o Estado me devesse quinze meses de soldo e eu soubesse de fonte segura que o visconde chegaria dentro de poucos dias, resolvi esperá-lo para receber, se possível, algum dinheiro para a viagem. Nesse ínterim tomei residência fora da freguesia, numa casa de campo lindamente situada, onde tive por companheiros de quarto dois oficiais de estado-maior, franceses de origem.

Seguidamente nos entregávamos à caça, razão por que sempre havia espingardas carregadas no quarto. Um dia vagava eu solitário no jardim situado atrás da casa, quando se me deparou de repente um lagarto extraordinariamente grande e gordo. Estava deitado sobre um montículo e parecia sentir-se muito bem, exposto aos ardentes raios solares. Às pressas entrei em casa, apanhei a espingarda de dois canos, disparei a arma e com prazer vi que instantaneamente o bicho rolou morrete abaixo. Estava como morto, cabeça esfaçalhada; por isso despreocupadamente o arrastei para dentro e o destinei para presente ao general-em-chefe que, como eu sabia, o apreciava como o melhor petisco.

Cerca de uma hora jazia o animal horripelantemente mutilado, sem dar de si o menor sinal de vida, em que repentinamente se agitou, correu furiosamente pelo quarto, a morder a torto e a direito,

pondo-nos em fuga a toda a pressa; novo tiro disparado pela janela o prostrou definitivamente.

O meu presente não errou o seu bem calculado alvo: o assado de lagarto enterneceu o coração do visconde e poucos dias depois recebia eu uma ordem escrita pela qual na tesouraria me pagariam três meses de soldo.

A esse tempo tinham partido as tropas acampadas em Piratini e também o 27.^o Batalhão de Caçadores fora deslocado para S. Francisco de Paula.

Os habitantes mal reconheceram os soldados que outrora haviam visto tão bem fardados; só a tez branca os convenceu de que eram do mesmo batalhão alemão que há um ano ali passara em brilhantes pompas. Efetivo reduzido a menos do que era ao partir do Rio do Janeiro, não obstante havermos recebido várias vezes reforços durante a campanha; rotos e esfarrapados, totalmente exaustos de fome e de sofrimentos, aqui chegaram os soldados isoladamente, na maior desordem.

Levantou-se de novo um acampamento junto à freguesia, mas desta vez de barracas de algodão, não de sapê; o mal-estar muito espalhado pela tropa aqui foi agravado pelos moradores de S. Francisco de Paula, que instigavam os extenuados guerreiros, necessariamente visando o interesse próprio, a que forçassem de armas à mão o visconde a pagar-lhes o soldo atrasado, até prometendo nisso prestar-lhes ajuda. Sob tão infeliz perspectiva avizinhava-se a festa do Natal, festa que na Alemanha ninguém, mormente o pobre, deixa passar sem festejar. Na noite de Natal os vendedores de vinho e mais bebidas, que conheciam os pendores dos alemães nesse sentido, atraíram os soldados às suas bodegas, e deram de beber a crédito, quanto quisessem, aos pobres diabos que estavam sem vintém e desta maneira ataçaram a fogueira que há cinco meses lavrava sob as cinzas. Não falhou o visado efeito. Desde a manhã seguinte, irrompeu totalmente a labareda.

Fora dada a ordem para que às dez horas o batalhão estivesse pronto para a parada da igreja; bem alto soou o toque de formatura, mas ninguém entrou em forma; indiferentes quedavam-se os soldados agrupados em numerosos ajuntamentos, perto das barracas. Nem as ameaças nem os bons conselhos dos oficiais, nada merecia atenção; até

dois deles que quiseram recorrer à violência foram logo rodeados e tiveram que escapar às pressas, com risco de uma morte inglória. Com grande calma o batalhão repetia unânime a declaração de que, “nenhum dos soldados retomará as armas sem que primeiro lhe paguem pelo menos dois ou três meses do soldo atrasado – a menos que fosse preciso defender a própria pele, ou para arrombar as portas dos cofres da tesouraria”; ao mesmo tempo asseguravam, porém, a maior estima e respeito pelos seus superiores, excluindo unicamente o Visconde de Laguna, que já tantas vezes os enganara.

A notícia da sublevação do 27º Batalhão de Caçadores causou geral pânico e horror no quartel-general, especialmente perdendo a cabeça o velho visconde; todos os oficiais que às pressas puderam ser reunidos tiveram de mandar encilhar os cavalos, para que em caso extremo ele tivesse pelo menos uma escolta segura, que o acompanhasse ao acampamento próximo. Aqui chegado, mandou o visconde que os soldados desarmados formassem em quadrado, no interior do qual ele se colocou com o seu séquito, pelo menos aparentemente sem medo, e convocou o batalhão a que escolhesse três dos seus homens para falar por todos.

Rapidamente isso foi feito e os escolhidos colocaram-se destemidos em frente ao general enraivecido. O visconde, bastante calmo e com toda a dignidade que lhe davam, já a sua avançada idade, os seus cabelos brancos, já a esbelta figura, indagou em perguntas comedidas quais as causas da sublevação; mas, com a fisionomia e a voz firmes, quase desafiadoras, um dos eleitos respondeu incontinenti que “por demais as tropas haviam sido ludibriadas com prometimentos, e que finalmente estavam resolvidos a gastar a pólvora e o chumbo, que o Estado fornecera para a guerra contra os argentinos, aplicando essa munição contra aqueles que por mais tempo mantivessem o dinheiro dos soldados aferrolhado nas caixas da tesouraria, quem sabe se destinado como engodo aos inimigos”.

Lecór, a quem essas manifestações assustaram não pouco, rebuscou mais uma vez as velhas frases de consolação, com as quais tanto tempo e tão bem-aventurado trouxera o exército enganado; falou de futuro melhor: asseverou que muito breve chegariam importantes somas de dinheiro do Rio de Janeiro; e pediu em lágrimas que tivessem

paciência por mais uns dias. Mas desta vez todas as promessas foram baldadas, reboaram as palavras de “velho ladrão” “macaco grisalho”, “mulato bastardo”: queriam ser satisfeitos incontinenti.

O receio do visconde crescia visivelmente, quanto mais as suas frases calmantes eram abafadas pela selvagem gritaria e por fim ele prometeu, trêmulo, que daria ordem urgente ao pagador que entregasse imediatamente ao quartel-mestre do batalhão o soldo de dois meses.

Com isso acalmaram-se os soldados amotinados, protestando, porém, irredutivelmente, que não retomariam as armas sem que lhes pagassem até o último real. Tarde da noite terminaram finalmente as prolixas contas e então o pagamento correu naturalmente. Mal terminado isso, o batalhão invadiu a freguesia de S. Francisco de Paula e debaixo do júbilo dos moradores, ébrios de vinho e de alegria, todas as bodegas se encheram a mais não poder. As tropas milicianas da Bahia e de Pernambuco, que de seu natural não gostavam do 27º Batalhão, contagiadas pelo prazer, deram centenas de “vivas” aos alemães; pois entre elas as privações eram ainda maiores do que as nossas, mesmo porque fundamentalmente eram mais mal pagas; talvez nutrissem a esperança de por essa forma também receberem uns dois meses dos seus soldos atrasados, mas de mentalidade demasiado escrava, não ousaram fiar-se uns nos outros, não se atreveram a imitar energicamente o exemplo dos seus camaradas de campanha, e contentaram-se em partilhar do vivório, o qual lhes custou no fim desse ensaio de revolta, em vez do ambicionado dinheiro, terem de trotar pra cá e pra lá, junto ao seu acampamento, algumas horas, carregando o equipamento completo, quais muares chicoteados, rangendo a boca amarrada.*

Quando na segunda manhã de Natal foi dado o toque de formatura, o 27º Batalhão de Caçadores formou na melhor ordem e parecia

* N. do T. – Havia o castigo de correr “acelerado”. Geralmente era executado no pátio do quartel, escolhida a pista, de ida e volta, ao longo de um dos lados do mesmo. Num extremo ficava um cabo ou um corneteiro, armado de vara; a partir deste homem, o paciente corria em acelerado até o fim da pista, aí fazia meia-volta e regressava à origem, ao passo “ordinário”. Chegado à origem, nova meia-volta e o porta-vara aplicava-lhe valente açoite, como a instigá-lo para nova corrida e de fato repetia-se esta. Se não corresse, o porta-vara ia ao seu enalço e insistia no açoite. E assim até completar o castigo, graduado a relógio, em geral uma hora.

que nada de anormal havia sucedido na véspera; cada qual porfiava em demonstrar por uma conduta exemplar, mormente no serviço ativo, que só os inauditos maus-tratos, a arbitrariedade despótica e a irregularidade nos pagamentos das soldadas nos haviam levado ao desespero, ao recurso da violência, mas que de nenhum modo existia o demônio revolucionário de um inferno político. Jamais houve investigação sobre essa ocorrência, entretanto tão grave; provavelmente porque se temia a reprodução da cena do primeiro dia de Natal. Apenas ficou logo sabido que nenhum oficial tomara parte na conjuração e muito poucos sargentos.

O visconde queria ocultar a sua vergonha, ignorando completamente a ocorrência e declarou na sua tola bonomia, que não castigaria nem os cabeças, ainda que soubesse quais eram; porém Luís Manuel de Jesus, então comandante do batalhão e, como já referi, sabido discípulo de Beresford, não podia admitir que semelhante excesso ficasse impune. Por uma baixeza extraordinariamente rastejante, pela peita e por grandes promessas, em suma, por todos os meios que um intrigante geralmente emprega para alcançar o seu objetivo, tratou ele, com jesuítica hipocrisia, que aliás o seu nome indicava, de obter dos piores elementos do batalhão o segredo, descobrir quem teria sido a alma do levante geral, quem eram seus auxiliares. Num meio tão numeroso sempre se encontram alguns elementos que por dinheiro ou pela ambição de acesso se fazem traidores dos seus camaradas, e assim não durou muito que o astuto inquisidor tivesse uma lista de 40 nomes de pessoas indigitadas como promotoras da sublevação.

Sob o pretexto de uma pequena incumbência de assaltar um posto avançado inimigo, estes homens foram mandados em destacamento, sem que soubessem o destino, e encaminhados para Porto Alegre, onde então se achava inativo o 13º Batalhão, da Bahia. Sem desconfiar da sorte que os esperava, os incautos soldados seguiram de boa mente para o seu dever, foram embarcados em S. Francisco de Paula e velejaram descuidados ao encontro de um risonho futuro. Mal chegados a destino, foi-lhes declarado que provisoriamente ficavam incorporados ao 13º Batalhão e se conservariam até segunda ordem em Porto Alegre. E aqui era fácil de observar e mais fácil de experimentar que estavam na ordem do dia os castigos corporais; pela mínima falta os soldados da lista negra

sofriam ao bel-prazer do comandante 150 a 200 chibatadas, e mais algumas de quebra, bem puxadas e bem contadas.

Os poucos alemães a quem afinal ocorreu de se recordarem da revolta de S. Francisco de Paula com seus justos motivos e que agora mutuamente se reconheciam como seus verdadeiros ou prováveis instigadores consideravam-se atraçoados e vendidos, decerto com razão, no meio da multidão de brasileiros e índios; as surras que choviam sem cessar demonstravam claramente que haviam sido iludidos e que, considerado o caso com brandura, estavam transferidos para um corpo correccional. Desespero, má vontade, amor-próprio e furor impotentes dominaram de tal maneira uma parte deles, que para se libertarem desse indigno jugo de escravos seguiam a mesma solução que outrora tantos de seus companheiros haviam seguido no acampamento do arroio do Bote, isto é, metiam uma bala na cabeça; outros desertavam, mas infelizmente em geral eram recapturados e reconduzidos pela maneira mais horrível ao anterior regime do pau.

O comandante desse verdadeiramente louco 13º Batalhão de milícias, homem de fisionomia legitimamente judaica, nariz adunco, de falcão, olhos negros, cujo olhar incerto jamais prenunciava coisa boa, comprazia-se mais do que tudo em achar semelhante oportunidade para dar largas ao seu de muito nutrido ódio ao estrangeiro. Além disso, instigado por assídua correspondência epistolar com seu nobre amigo senhor Luís Manuel de Jesus, ele diligenciava em arvorar o mínimo descuido dos mercenários alemães em grave falta e puni-los com inaudita crueldade, que por igual desonrava o juiz e o delinqüente; mesmo o oficial que conduzira a Porto Alegre o infeliz contingente, um irlandês, foi imediatamente preso ao regresso, sem que no fim de meses lograsse saber o motivo. Só ao cabo de um ano é que houve inquérito, e um conselho de guerra absolveu inteiramente o oficial; o comandante prepotente não padeceu senão moderada censura!

Tomaria demasiado espaço e talvez não ficasse adequado aqui pormenorizar todo o escandaloso processo atinente a esse caso; não obstante toda a gente compreenderá que é uma vergonha encarcerar-se muitos meses um oficial, sem dar-lhe a mínima explicação sobre o porquê legal, e ainda com toda a espécie de chicanas protelar a respectiva investigação. Igualmente vil e covarde é alegar interesse do imperial

serviço militar para remover para longínqua região quarenta homens em parte inocentes, com secreta recomendação de serem sem cessar e muitas vezes sem motivo maltratados da maneira mais tirânica.

Esta era, pois, para resumir, a quinta-essência deste capítulo, o agradecimento colhido pelos alemães em troca da sua muitas vezes provada valentia, do sangue derramado, do sacrifício de todos os prazeres e esperanças da pátria, das infinitas privações.

Só no Brasil, uma terra sem disciplina e sem moral, sem lei e sem direito, a pátria da escravidão e da intriga, da covardia e da astúcia, do ateísmo e do papalismo, tais coisas são não só imagináveis, mas da mais clamorosa realidade. Quem quereria assim viver no seio de um povo, onde não se acha nem liberdade individual, nem inatacada segurança da propriedade? Onde a lei é fórmula vazia, que cada qual pode, como luva usada, vestir e tirar segundo bem que pareça, do lado direito ou pelo avesso? Onde unicamente o vil dinheiro, miserável papel, ou a posição elevada, distinguem o erro da razão?

Na verdade esta magnífica terra, este abençoado berço da natureza, mereceria ser povoado de outros habitantes; pois não há o mínimo fundamento histórico para se esperar que aqui medre uma mentalidade forte, varonil, apoiada no direito e na virtude – em semelhante variegada mescla de negros, mulatos, índios, descendentes de portugueses, espanhóis, ingleses e outros europeus. A torre babilônica do novo império ruiu, e em toda a parte reina confusão. Também não era mais que uma minúscula torre, lavrada em marfim, no embaralhado tabuleiro dos estados civilizados.

NOTAS AO CAPÍTULO XII

115 Há nisso confusão. Páginas atrás, já foi relatado o caso. Trata-se do combate de Las Cañas, que teve lugar no dia 15 de abril de 1828. As operações planejadas e levadas a efeito por esta ocasião determinaram realmente a retirada do General Paz, que chefiava uma expedição destinada a apossar-se do Rio Grande e de seu porto, bem como da faixa de terra entre as lagoas e o mar. Era uma operação mal gizada, que podia meter os republicos numa ratoeira, como o demonstra Brown em seu relatório.

116 N. do T. – Cavalos de Friza.

117 Esta retirada ficou conhecida no exército como outra Moscou, diz o Marechal Brown. Lima e Silva descreve-a com as mais negras cores. Pode-se verificar que a dissolução das forças foi devida à falta de forrageamento dos animais.

118 Há notável coincidência com o que observou De La Flote no Rio de Janeiro, ao tempo de Bobadela. Escreveu o autor de *Essai sur l'Inde* que o governador português, desejando retribuir uma gentileza do chefe francês, que ali aportara com uma esquadra, convidara os oficiais para uma ceia e baile. Todos ficaram surpresendidos ao chegar ao salão, que se achava cheio apenas de homens. Nem uma só mulher! Em compensação alguns representantes do sexo forte, fantasiados de mulher, achavam-se ali prontos a dançar com os convidados que, ao que parece, se esquivaram à gentileza...

Não será que Seidler aplicou o clichê de Bobadela ao seu caso pessoal? Também pode ser que se trate de algum velho hábito lusitano, pois todos os antigos oficiais do nosso Exército hão de lembrar-se do *anexo*, com que nas velhas escolas militares era encerrada, cada ano, a fase dos calouros ou *bichos*, e cuja origem se desconhece. Essa pagodeira acadêmica teve entre nós tais raízes que deu lugar a uma singular literatura, em que um livro hoje raríssimo, os *Caos de garrafa*, de Augusto de Sá, ocupou um lugar destacado.

Além da vida escolar daqueles tempos, a desbragada boêmia, que então reinava entre os acadêmicos militares, ali ficou registrada em admiráveis paródias os mais lindos versos de Castro Alves e de outros grandes poetas brasileiros.

119 N. do T. – Seidler alude ao preceito do silêncio.

A Ordem dos Cartuxos (em alemão *Karthäuser*, em francês *Chartreux*.) foi fundada por Bruno, de Colônia, no século XI, perto de Grenoble, onde ainda hoje é a matriz e residência do geral da Ordem. Os monges cartuxos vestem-se de branco, abstêm-se de carne e jejuam todo o ano, trazem constantemente o cilício, guardam contínuo silêncio, passam grande parte do dia e da noite a salmodiar. Com o tempo, sentiu-se a necessidade de mitigar a lei rigorosa do silêncio, de medo que com o demasiado prolongamento do silêncio, de par com a solidão e as outras austeridades, os monges acabassem por enlouquecer.

à música um berreiro de alegria, muito pior que o de mil papagaios na floresta virgem brasileira e ameaçava romper-nos o aliás rijo tímpano do ouvido.

Começou depois ao ar livre um baile, que regulava com a música e a cantoria. Imaginem-se as mais detestáveis contrações musculares, sem cadência, os mais indecentes requebros das pernas e braços seminus, os mais ousados saltos, as saias esvoaçantes, a mímica mais nojenta, em que se revelava a mais crua volúpia carnal – tal era a dança em que, desde o começo as graças se transmudavam em bacantes e fúrias.

Ao mesmo tempo eram constantemente servidos cigarros de papel e grandes chifres¹²¹ cheios de aguardente de cana; e tanto os homens como as mulheres libavam tão abundantemente, que ao cabo de poucas horas a maior parte cambaleava, e mesmo caía, desnudando os baixos relevos de seus corpos. Verdadeiro ímpeto bestial dominava sem exceção os grupos selvagememente abraçados, como numa mitologia índia-cristã; nem escapavam os donos da casa.

Sem saber mesmo por que, rompeu entre o dono e a dona tremenda disputa e como aquele quisesse tenazmente sustentar o seu direito, a sua cara-metade deu-lhe com um forte porrete tal pancada na cabeça que ele caiu ensangüentado, sem sentidos. A custo conseguiu-se levar para dentro de casa a mulher feita hiena; lá a encerraram num quarto escuro. Nem aí sossegou; a toda hora ouviam-se seus gritos: “*Eu quero matar este filho da p...!*” [sic]. Finalmente o homem recobrou os sentidos, escutou os impropérios da mulher danada, levantou-se furioso do chão imundo e se precipitou de faca na mão contra a porta do quarto onde estava encerrada a megera.

Era de temer que a fraca fechadura cedesse aos esforços do homem enfurecido e musculoso, pelo que logo uma parte da companhia, sobretudo mulheres, acudiram para arredá-lo à força; ao passo que outra parte, sobretudo homens, tomou o partido do homem batido e instou que o deixassem em liberdade. De ambas as partes forte discussão, que depressa se tornou pancadaria generalizada. Nenhum de nós queria imiscuir-se. Eis que cambaleantes aproximam-se de nós alguns feridos e ao mesmo tempo vemos luzir facas, até então ocultas no bolso das calças ou no cinto. Era tempo de intervir, a menos de produzir-se horrível sangueira. Nós passageiros, em número de seis, todos oficiais,

puxamos as espadas; o capitão do navio, o piloto e os marinheiros presentes muniram-se de espingardas e varas, e assim atacamos de rijo o bando exaltado. Um terror pânico os invadiu às primeiras pranchadas de espada, e como tangidos por um raio dispersaram-se aos quatro ventos, sem oferecer a menor reação. Acabou-se dança e música, os instrumentos destroçados estavam esparramados pelo chão e quem sabe onde foram reencontrar-se os festejados do dia, noivo e noiva, e onde passaram a noite esponsalícia precedida de tão infelizes auspícios.

Aos sete dias de nossa falha nessa região tivemos finalmente vento favorável, que bem pronto nos enfunou todas as velas e nos levou à lagoa dos Patos, onde muito raro surgem os patos que lhe dão nome. Essa lagoa de mais de 40 léguas de comprimento e 8 de largura¹²² é tão rasa, notadamente nas proximidades de Rio Grande e do Sangradouro, que nos vimos consideravelmente entravados em nossa marcha, pela areia, que víamos, sublevada junto ao leme, em nuvens avermelhadas, apesar de ser o nosso barco um dos pequenos dentre os que aqui navegam. Não obstante a pouca água, de uma feita um capitão de um trimastre francês ousou cortar esse mar interior desde Rio Grande mas teve que pagar o seu arrojo com a perda do navio e de alguns marinheiros.

Nossa viagem prosseguiu muito bem até a altura do rio Camaquã, sem embargo dos numerosos bancos de areia sobre os quais por assim dizer íamos deslizando; aí, porém, um violento vento SW nos atirou quase inteiramente para a margem oriental. Por felicidade, aí já é muito maior a profundidade da água, a lagoa mesmo é muito larga e a força do vento é um tanto quebrada pelas montanhas próximas, embora não seja totalmente anulada. Desta forma o capitão achou possível pelo menos bordejar sem risco e assim aproximar-se pouco a pouco do lago Viamão, em cuja extremidade, na boca do Jucuí, se acha Porto Alegre, a capital da província.

Sem maior embaraço alcançamos a altura da Ponta Grossa, onde entretanto deparamos com maiores dificuldades, pois que a estreita passagem de acesso do lago Viamão,¹²³ erizada de escolhos, com o violento temporal nos ameaçava a todos de ruína. Mas ainda aí tivemos a sorte de passar incólumes, pois o vento, quebrado pelas elevadas muralhas da montanha, era bem menos intenso e mais favorável do que

ao largo na lagoa. Entrados em Viamão, estava passado todo o perigo. O crepe negro das nuvens rompeu-se de alto a baixo, o sol emergiu claro e brilhante de seu véu escuro, uma suave brisa nos levou serenamente ao porto próximo. Em poucas horas avistávamos a cidade, situada na encosta e no topo de pequena elevação, bem como as multicores bandeiras dos navios aqui ancorados.

Fragorosamente desenrolou-se o cabo da âncora, de mais de tonelada de peso. “*Graças a Deus!*” [sic] suspirou profundamente o capitão, como que aliviando seu peito oprimido; “por esta vez estamos em segurança”.

Um pequeno bote caiu n’água espadanando; lépido, transpus a amurada baixa do nosso navio e metendo-me no bote ainda atirei um rápido “passar bem” aos meus companheiros de viagem; e com uma pratinha instiguei sem cessar os remadores, como se me esperassem em Porto Alegre muitas toneladas de ouro.

Na verdade, eu tinha algo a reclamar aqui, não só esperanças, alegria, felicidade, amor, amizade e outros que tais bens morais, mas também dinheiro, pois há mais de dois anos o Estado me devia o soldo, e a perspectiva de pagamento parecia outra vez má, visto que se asseverava, certamente não sem fundamento, que as caixas estavam esgotadas pela guerra.

Contente da vida, como se sói ser no começo da casa dos vinte, quando o ousado peito do jovem ainda se julga dono do mundo inteiro, e quando nos parece impossível que os homens nos possam denegar aquilo a que tenhamos legítimo direito, eu não duvidava, apesar de tudo, de que me fariam justiça e me pagariam integralmente o soldo. Entretanto, surgiram dificuldades, e o eterno “*Sinto muito, meu senhor, porém não pode ser*” [sic] por fim enfureceu-me tanto que resolvi redigir um requerimento, como até então talvez a Junta Imperial¹²⁴ ainda não tivesse lido outro. Infelizmente não possuo mais o rascunho, sem o que não deixaria de proporcionar aos meus leitores o seu conhecimento literal nestas memórias; mas recordo-me exatadamente de um passo, onde, entre outras coisas, dizia: “Sem contemplação atacarei as autoridades; de espada em punho as obrigarei a me pagarem o meu soldo, pois só elas são culpadas de haverem sido fraudulentamente esvaziadas as caixas; e é melhor

fazer-se matar, de maneira honrosa, como oficial, do que expor-se à mofa do público, pelo desânimo, o desespero e a pobreza”.

Esse requerimento, ou antes essa intimação, eu entreguei na primeira audiência ao Sr. Intendente de Marinha, membro do aludido tribunal, fazendo nesse ato um movimento suspeito para o lado em que geralmente o oficial traz a espada. O senhor tomou rapidamente o papel e, consoante o costume, sem o ler ia metê-lo no bolso escancarado de sua casaca. Mas as minhas palavras algo ameaçadoras e pronunciadas asperamente reclamando que ele o lesse à minha vista o intimidaram tanto que, visivelmente atrapalhado, logo satisfez a essa minha exigência.

À proporção que o espantado antípoda¹²⁵ ia lendo o requerimento descortês, cada vez mais arregalava os olhos verdes e abria a boca parcamente provida de agudos cacos de dentes. Claudicando deu um passo atrás. “Mas, meu Sr., semelhante súplica nem pode ter despacho!” exclamou ele no fim. “Mas há de ter, e tem de ter; e ao Sr., meu senhor, eu responsabilizo por isso, bem como por qualquer prejuízo que resulte para mim ou para o governo”. “A mim?” choramingou o homenzinho, empalidecendo até o nariz cor de cobre. “Mas depende, acaso, de mim que até agora não lhe tenham pago o soldo?” “Sim senhor; é o Sr. quem eternamente na Junta era contrário a que se pagasse o soldo estipulado aos oficiais estrangeiros, não-naturais da província. O Sr. e o aleijado *Procurador da Coroa* [sic]¹²⁶ odeiam aos alemães como a personificação do pecado. Por isso, e só por isso, eu o intimo, justamente ao Sr., a que na primeira sessão entregue essa súplica ao tribunal ornado com o título imperial.”

Amedrontado, prometeu ele satisfazer a esse meu desejo e mal-humorado me afastei, firmemente convencido de que enfim um resultado favorável coroaria os meus esforços.

Esse homem de honra cumpriu sua palavra: logo que aqueles senhores se reuniram no palácio em Porto Alegre, ele os surpreendeu com esse requerimento, tão compreensível quanto expressivo. Mas com toda a sua patetice ele tivera razão: foi unânime o parecer que não era absolutamente possível despachar tal requerimento; e que o melhor a fazer era amistosamente tranquilizar o autor, convencê-lo a retirar a súplica e substituí-la por outra, menos áspera, diante da qual se lhe garantiria solução favorável. Sorridente assim prometi e ainda

no mesmo dia recebi 2 ou 3 meses do meu soldo atrasado. Isso me serviu pelo menos por algum tempo, se bem que muito curto; mas o principal era que eu havia levado avante a minha resolução e alcançado o que naquele tempo parecia impossível a todos os oficiais alemães que se achavam em Porto Alegre, isto é, arrancar da Junta, quase à força, o meu dinheiro bem ganho.

Assim, pois, pude manter-me aqui por algumas semanas sem preocupações, renovar antigos conhecimentos, estabelecer novos, e render culto aos preceitos do epicurismo, contudo sem me tornar “um dos porcos da vara de Epicuro”.¹²⁷

Súbito, como um raio no risonho azul, uma ordem imperial manda que regressem aos seus batalhões ou regimentos todos os oficiais transferidos para outro corpo. Importava, pois, preparar-me novamente para uma viagem terrestre, a qual não seria fácil de levar a cabo sem dinheiro e sem cavalos, apesar da hospitalidade dos habitantes dessa região.

O Governador Geral¹²⁸ da província não tinha ordem precisa para cogitar do pagamento dos vencimentos a quem tivesse que viajar, contudo era de sua obrigação fornecer os animais necessários; e para esse fim dispunha ele de alguns milhares de cavalos, que, denominados *reúnos* [*sid*], se distinguem pela falta da ponta da orelha esquerda na extensão de cerca de meia polegada, além da coroa imperial marcada a fogo na anca, meios estes reputados bastantes para diferenciá-los de todos os outros indivíduos da sua espécie.

Dirigi-me, pois, a S. Ex^ª, pedindo-lhe que me fornecesse os imperiais portadores quadrúpedes necessários para uma viagem de Porto Alegre a Laguna, ou, melhor, a S. Catarina; tive, porém, como resposta que não havia animais disponíveis e que eu mesmo me arranjassem para alcançar o lugar do meu destino. Aí está, acrescentou refletindo o Governador Geral, também um cadete da artilharia e creio que até o secretário do seu batalhão. Ambos têm a mesma viagem a fazer, e já por isso ser-lhe-á fácil alcançar a cidade do Desterro.

De nada valeram as minhas objeções, de não pertencer à Ordem de Malta, de que não podia direta ou indiretamente agarrar-me aos dois mencionados senhores; e de que no Brasil nem ao mais miserável escravo se exige que faça a pé semelhante viagem. O Sr. general se mantinha tão indiferente que por fim explodi com estas palavras:

“Então, tenho que roubar cavalos!” “O Sr. faça como quiser; os meus eu farei guardar na estrebaria até que o Sr. parta.” E com isso estava eu despachado.

Aborrecido, precipitei-me para fora. Chegado à minha casa, pensei mais calmamente no caso e lembrei-me de que o cadete, como brasileiro nato, talvez pudesse dar-me o melhor conselho neste aperto. Mandeí, pois, chamá-lo, e o interroguei; secamente respondeu-me: “*Isto não é nada.*” [sic] “Ainda esta noite arranjaréi os cavalos; como o Sr. sabe, nesta terra roubar cavalos não é roubar.” E realmente, pela meia-noite estavam quatro magros rocins diante da porta da casa; e com eles encentamos despreocupados a viagem. Mas, ainda antes de alcançarmos a Freguesia do Cabo de Viamão¹²⁹ já um desses cavalos roubados não havia mais meio de se mexer do lugar. Por felicidade nossa, o comandante dessa localidade era humanitário e amável. Em palavras bem escolhidas manifestou-nos o seu pesar pelo contratempo que nos sucedera e, antes que indagássemos, ofereceu-se para arranjar-nos outro cavalo e hospedou-nos tão bem quanto possível à moda brasileira; nem faltou um esplêndido cálice de vinho do Porto, raridade aqui no interior do país, rematando a mesa ornada de toda espécie de flores e frutos.

A Freguesia de Viamão, lugarejo geográfica e estatisticamente sem importância, só se assinala por um largo bastante grande e uma igreja enriquecida de toda espécie de ornatos fabulosos. A região é singularmente bela, como é freqüente encontrar-se no Brasil. A pouca distância já se avistavam as florestas virgens eternamente sussurrantes e a gigantesca cordilheira da *Serra Geral* [sic]. Se bem que fértil e convidativo para o cultivo esse abençoado terreno, raros são os sinais de uma cuidadosa agricultura. Penalizado, o europeu olha essas terras imensas, incultas, que mesmo com insignificante administração econômica recompensariam centuplicada a sementeira do plantador.

Toda espécie de grãos, quase todas as variedades de legumes europeus, tudo medra quase sem exigir trato – e não obstante não há nada plantado, absolutamente nada. Quanto é extraordinária a vegetação, não só aqui mas também em quase todo o Brasil, demonstram-no, para citar finalmente autoridade estranha, as palavras do nosso altamente estimado Barão de Humboldt, que faz a seguinte descrição científica, entre outras, desse império estendido desde o rio da Prata até o Amazonas,

qual gigantesco esqueleto de mamute: “Estreiteza do continente multiplamente recortado; sua grande extensão em direção aos pólos; o oceano livre, perpassado pelos ventos tropicais; rasância da costa oriental; correntes marinhas de água fria, que procedentes da Terra do Fogo avançam para o norte até o Peru; numerosas cadeias de montanhas, cheias de nascentes, com seus píncaros cobertos de neve, a penetrar nas nuvens; abundância de rios enormes, que depois de muitas voltas buscam a costa mais distante; planícies sem areia, por isso menos aquecidas; florestas impenetráveis, que enchem as planícies equatoriais cheias de rios e que, no interior do país, onde montanhas e oceano se acham afastados, respiram imensas massas d’água, quer absorvidas, quer nascentes; todas essas circunstâncias proporcionam à planície sul-americana um clima singularmente em contraste com o africano, quanto à umidade e à frescura. Nelas exclusivamente reside o fundamento daquela exuberância vegetativa, opulenta de seiva, daquela frondosidade característica do novo continente.”

Munido de cavalo novo, prossegui na minha viagem com imperturbada alegria até o rio Capivari, que, pela chuva incessante, a cair em grossas bagas, engrossara a tal ponto que os nossos cavalos dificilmente teriam podido alcançar a outra margem, vencendo a forte correnteza. Uma canoazinha, mais parecendo massadeira de pão e apenas dirigida por um preto meio paralítico, nos levou vagarosamente para o outro lado. A correnteza, entretanto, nos arrastou uns 50 ou 60 passos abaixo do ponto onde devíamos abicar; e aí a margem escarpada, revestida de intrincada vegetação, nos impedia o desembarque. Felizmente, aqui o rio não era muito profundo e pudemos nos acomodar em entrar na água, até pela cintura, e praticar a facão uma *picada* [sic] através da vegetação emaranhada, por onde após um trabalho e tempo perdido de algumas horas fizemos passar os cavalos, trêmulos de molhados e de frio. Nós mesmos molhados até os ossos procuramos a casa mais próxima para nos secarmos e, se possível, atendermos aos reclamos cada vez mais sensíveis do estômago, a resmungar insatisfeito. Finalmente, achamos agasalho numa miserável venda, inteiramente isolada; apresamos os cavalos e logo insistimos com o dono, usando de boas falas e prometendo boa paga, que quanto antes nos mitigasse a fome devoradora; mas, por desgraça, ficamos sabendo que só havia feijão-preto, e esse mesmo sem

qualquer gordura e cozido apenas na água. “Então, nesta região tão rica de gado e de caça, o Sr. não tem um pedacinho de carne?” perguntei meio zangado ao homenzinho quase redondo, quase fleumático. A estas palavras, ele me encarou firme e respondeu: “Senhor, com certeza o Sr. vem de longa viagem para nem saber que dia é hoje?” “Como assim?” “Pois então; hoje é dia-santo, dia em que nenhum bom católico come carne.” “Quisera eu que o Diabo levasse todos os santos, contanto que eu tivesse o que comer.” Estas palavras, arremessadas em voz áspera, determinaram singular alteração na cara de macaco do dono da venda; boca escancarada, cara comprida recuou alguns passos e gaguejando perguntou-me como se podia em semelhante dia-santo invocar o nome do Diabo. “Certamente”, acrescentou, “os Srs. são ingleses, portanto não são cristãos batizados pela nossa Santa Igreja, sem o que pelo menos hoje os Srs. não teriam pronunciado tal palavra.” Nossa réplica unânime significou-lhe que tratasse de nos arranjar uma comida em regra, que depois pagaremos a seu contento, não se importasse com a nossa religião.

Então, a corpulenta dona da casa teve ordem de seu marido para que matasse uma galinha e, cozida com a competente gordura, no-la servisse acompanhada do feijão. Naturalmente fazíamos soar as nossas poucas piastras, que com seu brilho argentino através de nossas esburacadas algibeiras davam a impressão da borboleta a sair do casulo, ou de uma pobre menina, bela e ardente, entre os lençóis esfarrapados da sua cama. Prata retine: toda mulher, não precisa ser mulata, gosta do brilho da prata e se não sabe dançar o aprende ao som argentino do “realejo do dinheiro”.

Com verdadeira voracidade comemos o repasto ruim, pois em todas as partes do mundo a fome é o melhor cozinheiro. Depois cada um buscou a cama, constituída no chão, sem assoalho, por uma esteira de palha, selas por travesseiro, e uma coberta de lã. Embora dura e incômoda a cama, dominados de cansaço, adormecemos incontinenti. Mal a primeira púrpura, como o sangue derramado de um inocente, corava a promissora aurora no horizonte agora sem nuvens, eis que já nos preparávamos para pegar os cavalos e prosseguir viagem. Ao pagarmos a despesa, a dona da casa, dengosa, visivelmente flagelada pela cócega como se fora doença, deu-nos o bem intencionado conselho de nunca mais comermos carne

em dia-santo, sob pena de atrairmos sobre nós as iras de *todos os santos* [sic]. E como nenhum de nós pretendesse fazer prosélitos, deixamos a “exuberante corpulência” com a sua crença, e contentes continuamos a marcha, rumo à freguesia de Conceição do Arroio.¹³⁰ Nesta localidade, que não merece maior referência, alcançamos o rio Tramandaí, que novamente passamos de canoa, cavalos a nado. Contando que na outra margem ficariam parados, os tocamos sem rédeas para dentro d’água e os acompanhamos devagar na canoa; mas, apenas posto o pé em terra, toda a tropa disparou, resfolegando e relinchando, e se o jovem barqueiro não fosse igualmente bom cavaleiro sem dúvida teríamos tido a perspectiva de continuar a viagem a pé. Mas o rapaz soube restaurar o contratempo; correu em casa, montou no seu cavalo, valente pingo, e de laço e bolas saiu no encalço dos fugitivos. Em menos de um quarto de hora os cavalos, agora assustados, achavam-se de novo à margem do Tramandaí, onde os pegamos e encilhamos; e rapidamente prosseguimos em direção à costa do mar. Distantes ainda algumas léguas do Oceano Atlântico, já ouvíamos o troar do embate do mar com a costa, e, no silêncio solene que nos envolvia, o estrondar da furiosa ressaca parecia o canhoneio incessante de longínqua artilharia.

Caiu a noite, mas prosseguíamos cada vez mais lentos, quem sabe porque cada um embebido em seus pensamentos com íntima humildade orasse ao espírito do mundo. O melodioso furor do elemento bravo parecia-me música celestial, pois acordava em meu coração entumescido todas as recordações há muito sopitadas da minha primeira viagem marítima e da minha pátria, um dia odiada. Com que prazer já então eu teria novamente arrostado o mar inseguro, para rever a amada pátria, mas a esse tempo o dever ainda me prendia com férreo jugo ao Brasil. Jamais desde que me achava no interior deste gigantesco país, como o profeta Jonas no ventre da baleia, eu experimentara saudade, essa horrível, incurável peste do sentimento; mas agora, despertado da letargia pelo ronco da água enfurecida, a saudade me invadiu com tal violência que eu desejava a todo preço embarcar imediatamente e regressar à sonolenta Europa, não mais adormecida.

Por fim, chegados à borda escarpada do mar, fiquei parado de braços cruzados, a olhar em silêncio, cheio de saudade, por sobre a interminável superfície do oceano. Só quem algum dia, distante muitas centenas de léguas de seu torrão natal, depois de anos de luta, recorda

com apaixonada afeição a pátria amada, pode realmente compreender as sensações inundantes que eu havia de experimentar naquele momento, quando deparei com a imensidade imperscrutável do oceano. Daqui a viagem seguiu constantemente pela costa arenosa do mar, sem que tivéssemos qualquer incidente ou encontro notável. Assim chegamos sem novidade às Torres, limite da província de S. Pedro do Sul, que erradamente às vezes chamam Rio Grande.¹³¹

Nós três, providos de bons cavalos, graças à generosidade dos moradores da costa, entramos contentes a galope na cidadezinha, a fim de nos apresentarmos ao comandante e inspetor dos colonos aí estabelecidos. Recebeu-nos a graciosa dona da casa, não mais jovem, de fisionomia amável e decoro legitimamente português, e nos declarou que o marido não estava, fora à casa de um alemão ali domiciliado, que acabava de ser eleito juiz de paz da colônia. E logo nos convidou a tomarmos parte na festa por isso ali instaurada, para celebrar a investidura do novo eleito *juiz de paz* [sic]. Aceitamos o convite, de boa mente, como fora feito; pois vencida uma larga trotada pela costa deserta, sem achar comida sofrível, nem com dinheiro nem com boas palavras, é natural que se tenha saudades de uma mesa farta. Mesmo antes de chegarmos à casa do recém-forjado juiz de paz ouvíamos as melodias "*Lexamos vida livre*" e "*na minha pobre cabana*" [sic]. Eram cantadas por vozes desafinadas, que nos feriam o ouvido e enquanto os alemães decantavam, embriagados, a sua liberdade, o que parecia ironia, os brasileiros se transportavam mentalmente a uma pobre cabana e aí celebravam os celestiais prazeres do mais terno amor. Ao entrarmos no refeitório, enfeitado, sem gosto, de areia amarela e flores murchas, deparamos com uma sociedade de pelo menos 50 pessoas, das quais seguramente dois terços eram brasileiros, na maior parte mulheres, e não pouco me espantei de semelhante harmonia entre estas nações que em geral se odeiam; pois jamais sucedera tal coisa nesta terra, onde o orgulho de casta é muito mais vivo que na Índia ou na China.

Fomos imediatamente levados a tomar lugar à mesa, bem provida, e sem mais preâmbulos tivemos do comandante, entronizado em cadeira de honra, revestida de veludo esmaecido, a promessa de cavalo para prosseguirmos viagem, bem como de termos fartamente tudo o mais de que necessitássemos. "Porém", acrescentou com sorriso

bonachão, “os Srs. têm que ficar até amanhã, para que eu possa arranjar tudo, pois, como vêm estou agora em funções do cargo.” É que estava trinchando uma perna de ovelha. Como nos sentíssemos bem, de bom grado aceitamos o pequeno retardo.

A alegre companhia, já um tanto excitada pelo bom Porto festejou-nos com altíssimas demonstrações de alegria e convidou-nos para ficarmos pelo menos dois a três dias em As Torres, como seus hóspedes bem-vindos; e, contrariamente aos costumes, nos colocaram à mesa de tal maneira que tivéssemos a cada lado uma das mais lindas damas brasileiras presentes. Não nos custou ficarmos alegres, pois a conversação sem constrangimentos, animada, o ambiente divertido, amorosos piscos de olhos, secretos contatos de corpos, de mãos e de joelhos – tudo era condimento para o bródio já de si opíparo.

Conversação e canto, cochichos e música, iam crescendo em vivacidade. Todas as damas tinham banido o aborrecido rígido cerimonial. Só a pessoa do recém-eleito juiz de paz, como peru casadoiro, inchado de orgulho e de zanga, cujo produtivo ramo de comércio era o de secos e molhados, só ele não dava boa impressão, se bem que fizesse todos os imagináveis esforços por agradar a seus convidados, quer com alguns maus gracejos, quer com as iguarias e bebida que fazia servir em abundância. É que a malvada fama, de cem línguas, tinha-se incumbido de tornar públicas diversas perfídias e patifarias praticadas por esse biltre, carimbado de homem honesto. Não obstante, peitando os colonos mais pobres, ele conseguira maioria de votos na eleição de ontem. Certamente tivera a melhor intenção o inspetor da colônia e comandante de As Torres ao determinar que a eleição de juiz de paz recaísse em um dos alemães ali domiciliados; contente em seu trono – como demonstravam seus dentes, olhos, gula, a denunciarem por diversos recém-nascidos filhotes, no seu próprio dizer, a espécie de baleia que ele era – o inspetor da colônia e comandante de As Torres certamente tivera a melhor das intenções ao decidir que o juiz de paz fosse eleito dentre os alemães ali domiciliados. É que, como português nato e bem nascida baleia, ele pouco ou nada conseguia entender-se com essa gente; mas era impossível que lhe passasse pela cabeça que pelo sufrágio geral o lugar viesse a tocar a um homem desprezado pelos próprios patrícios e pelo qual ele mesmo não nutria simpatia, apesar de sua voracidade e da hipótese de que o futuro juiz de paz bem poderia um dia, qual

magro arenque; entrar-lhe na gorda goela. Mas, dinheiro sonante distribuído com ardilosa habilidade entre as classes mais pobres quando se trata de número de votos, nunca falha em seu efeito, já obtido como chuva de ouro para a velha Dânae.¹³²

Levantada a mesa, tive logo depois uma conversa a sós com o comandante cambaleante, na qual ele, com os pensamentos sempre embaralhados, me confiou que não conseguia compreender o caráter alemão – uma esfinge, macaco, centauro, quimera, cani-gato, triângulo circular (e esgotava toda a sua mitologia) – notadamente diante deste fato, pelo qual justamente indivíduos que dantes se manifestavam com a maior frequência adversários do atual juiz de paz, ontem com visível satisfação haviam votado nele. Tratei de tanto quanto possível, repor nos trilhos essa coisa aborrecida e sem escrúpulo atribuí a culpa à bonomia e espírito conciliatório das meus patrícios; mas a essa afirmação ele sacudia incrédulo a cabeça, com as suas orelhas curtas, quais barbatanas, insistindo em que a tão gabada honradez e fidelidade alemãs ficaram naquela oportunidade numa luz duvidosa. Das camadas elevadas da Alemanha ele falava seguramente com a maior consideração, enquanto fazia caracolar pelas ventas afora a fumaça de seu cigarro de papel; tanto tais menoscabava as classes inferiores, no que certamente se fundava sobre a conduta imoral dos colonos locais. Contudo citava algumas famílias que faziam honrosa exceção à regra, mas não deixavam de ser em número reduzidíssimo – e não se pode confiar numa baleia, pois ela mesma constitui exceção da teoria dos peixes mamíferos.

A partir de As Torres tem que se vencer uma caminhada de 5 a 6 léguas para atingir as primeiras plantações dos colonos alemães;¹³³ em parte o terreno nesta região é muito fértil, mas também outra parte é tão pedregosa ou a tal ponto coberto da mais densa, impenetrável mata, que o agricultor estrangeiro tem de lutar com indizíveis dificuldades, e não obstante talvez não veja nada realizado. A parcialidade notória das autoridades, que no Brasil se manifesta em todas as ocasiões, também aqui revelou a sua nociva influência, na repartição das terras, aliás de maneira escandalosa, pois os melhores lotes, mais férteis, de início foram dados aos colonos católicos, e os piores, quase incultiváveis, aos protestantes; a conseqüência natural de semelhante falta de equidade foi uma cisão entre as duas partes, causa de não raros conflitos sangrentos, até

mesmo dos mais bárbaros morticínios. Todas as queixas dos protestantes, todos os seus pedidos para repartição eqüitativa das terras ou para designação de outras, de que deveras não havia falta, ficavam não obstante sem a menor consideração ou eram indeferidas em poucas palavras, ásperas.

Além disso, essa colônia estrangeira incrivelmente negligenciada é ainda agora freqüentemente flagelada por assaltos isolados de bandos de índios, que vêm roubar, e que não raro causam as mais horróveis devastações. Assim, por exemplo, pouco antes de minha chegada a Torres uma mulher alemã havia sido de tal maneira flechada, que se podia ver a metade da haste com a sua ponta de osso que atravessara as costas da infeliz. Nos estabelecimentos lançados mais para o interior da mata, só por meio de grande número de cães e abundante provisão de armas de fogo podiam os colonos defender-se em suas casas contra os assaltos noturnos das hordas nômade; muitas vezes tinham que abandonar as suas poucas reses e a recém-começada plantação diante do assalto noturno dos selvagens, só para salvarem a sua vida e a dos seus. Em bandos bem ordenados, contando vinte a trinta homens, esses intrépidos filhos da selva aproximavam-se com tal cautela e segurança, que mesmo de dia claro não eram descobertos ao alcance do tiro das sentinelas; e então, ou irrompiam do esconderijo com as certeiras flechas, ou quais onças atiravam com a rapidez do vento sobre as sentinelas isoladas, que estrebuchavam em seu próprio sangue antes que pudessem reagir ou chamar socorro.

Destarte não só o trabalho infinitamente penoso, como também o receio de ser em meio dele subitamente assaltado por esses filhos da selva, a incerteza de jamais colher o que se semeara, e finalmente os conflitos oriundos da diversidade de crença religiosa, sempre resolvidos com parcialidade, tudo isso devia embaraçar no mais alto grau o progresso desta colônia, deixá-la muito atrás da de S. Leopoldo. E grande número dos colonos, por meio de incessantes requerimentos e os maiores sacrifícios pecuniários, tratava de obter licença para alienar por preços ridículos sua propriedade adquirida com muito suor e sangue e mudar-se da malfadada As Torres para a simpática S. Leopoldo, onde então se submetiam de novo, com exemplar pertinácia, ao duro labor do roçado e plantio da mata. Realmente, o alemão é a besta de carga da Europa

setentrional, que suporta toda carga desde que lhe ponham dois fios de palha na manjedoura, e que se deixa emboçalar desde que o açamo seja enfeitado. Desta forma o número de habitantes aqui baixou tanto que ao cabo de alguns anos eram menos do que ao tempo da fundação da colônia, com o que afinal perdeu-se totalmente a finalidade de provar e cultivar essa linda região, rebelde à produção. Reaparece também aqui o fenômeno já por nós assinalado, que certamente o governo nutria bons desejos e mesmo tentava realizá-los com grande sacrifício, mas o empreendia erradamente, e sempre empregava para realização de seus grandiosos planos gente incapaz de resolver os problemas ou, quem sabe, gente indiferente pelo interesse do estado, apenas visando o seu interesse pessoal. E é por isso que, mal se planejava nova empresa dessa espécie, brotavam inúmeros candidatos ávidos do dinheiro – em geral filhos perdidos de boas famílias, ou rebentos espertos de famílias pobres – a cobiçarem tais postos, pois que nos mesmos, longe das vistas ministeriais, menos tinham que recear inspeção severa em sua vergonhosa malversação do negócio público, do que nos outros empregos públicos sediados nas capitais brasileiras, onde vez por outra as “câmaras” metiam seriamente o bedelho pelas suas janelas e em suas caixas.

Além dos índios rapaces, esta raça humana sempre perseguida no continente americano, também devastavam freqüentemente as plantações que prometiam os primeiros frutos, animais de rapina, de menor porte, que desciam da Serra Geral próxima, de cerca de 4.000 pés de altura, bem como a sempre sanguissedenta capivara, habitante do rio que passa perto da colônia. A onça malhada, sempre em espreita, matava não só os cães, tão necessários aos colonos, mas carregava nas costas mesmo o boi gordo ou um cavalo forte. A capivara em poucas horas devastava a tal ponto um milharal que não valia mais a pena colher os restos pisoteados. E o que escapasse dessas feras era lentamente destruído pelo *tapir* (*arta*) [*si*], o maior mamífero sul-americano, ou pelos multicores papagaios, numa gritaria extremamente aborrecida, ou os inúmeros macacos, de rabo comprido a arreganhar os dentes, que aqui se encontram aos centos.

O brasileiro come o tapir, o macaco, o papagaio, mas os alemães não podiam acomodar-se a comer as duas últimas espécies, porque a carne purpúrea do papagaio é muito dura e rija e a do macaco lhes

inspirava o maior nojo, com a sua cor castanho-avermelhada, o gosto adocicado e o aspecto humano. Só o tapir de certo modo indenizava, com a sua carne bem semelhante à de rês, a devastação que causava no gado.

Além de todos esses obstáculos também não pouco contribuía para a decadência da colônia criada sob tão má estrela o irregular pagamento do prometido auxílio pecuniário, de modo que parece mais que verossímil que em poucos anos esta colônia desapareça totalmente da geografia e da estatística do Império; o reumático Ministro Miranda, a quem em primeiro lugar competia, como chefe e inspetor-geral do departamento da colonização, zelar paternalmente pela prosperidade das plantações, parece que, certamente com idéia preconcebida, é quem menos se importa com essa colônia e em seus raros momentos lúcidos apenas se interessa por S. Leopoldo e em parte por Novo Friburgo. As avultadas quantias que o governo brasileiro despendeu para o transporte dos agricultores protestantes alemães aqui estabelecidos, nestas circunstâncias, podem ser consideradas como inutilmente esbanjadas. Na verdade, eu preferiria ser modesto guarda-noturno na menor aldeia alemã a ser ministro das finanças no Rio de Janeiro.

A lenta decadência da outrora tão vigorosa colônia de As Torres deve ter contribuído não pouco para o fato de ter o atual governo suspendido o aliciamento de colonos e há muito não mais paga a passagem de um único indivíduo para vir da Europa. Além disso as finanças destruchadas e o descrédito do Império igualmente já não mais permitiriam que continuassem as loucas, dispendiosas expedições descobridoras e cruzadas escravizadoras na Europa. Portanto, pela imigração há muitos anos o número de cabeças – pois aqui se conta por cabeças, não por almas – não cresce senão com os indivíduos que se atrevem a empreender à própria custa a longa, penosa travessia marítima, e estes são extremamente poucos, pois ultimamente parece muito atenuado o proselitismo e o furor emigratório; ao mesmo tempo que entre os estrangeiros residentes no Brasil a maioria tem traduzido o vivo desejo de retornar a qualquer preço à cara pátria, um dia desprezada. De fato: a quem poderia ainda prender um país sem autoridade e sem cidadãos ?

Enquanto ainda florescia o comércio, enquanto o ouro e a prata ainda rolavam como numa privilegiada banca de faraó, o oficial de

qualquer ofício era bem pago, o colono era energicamente ajudado pelo governo, então o interesse prendia os estrangeiros à lavra diamantífera de seus exaltados sonhos, pois que com reduzido esforço podiam ganhar muito mais do que com duras penas na Europa. Mas, agora, quando não se vê em curso senão papel velho, quando muito algum cobre, onde cada um que possua algum dinheiro, de medo de perdê-lo literalmente o enterra, e quando todo trabalho é miseravelmente pago, deveras não se pode levar a mal a quem quer que cuide de quanto antes regressar à pátria, assim que sua situação lhe permita.

Só dos alemães, que com as mais lindas, mais extravagantes esperanças se fizeram de vela para o Novo Mundo, talvez já hoje não se achasse vestígio no Brasil, se não fossem seus negócios complicados, imóveis inalienáveis, ou, o que é o caso da maioria, a falta de dinheiro, a forçá-los sem contestação, contra a vontade, a continuar miseravelmente a triste vida longe da pátria desprezada, em meio de uma nação que odeiam de morte.

Como se julgam indizivelmente felizes esses homens, quando encontram algum misericordioso capitão de navio que se disponha a repatriá-los gratuitamente! Alegres e com incansável diligência executam durante a longa, esperançosa viagem os piores serviços de bordo e, chegados a Hamburgo ou Bremen, agradam de joelhos ao seu salvador o inestimável benefício. Mas qual é o objeto do agradecimento desses deslumbrados? Pela inspiração dos ares pátrios? Por pisarem o chão da pátria? Como se o homem pudesse viver de seus sentimentos! Se a aurora fosse comestível, a estrela Vésper fosse um copo de vinho, se chapéu e roupa crescessem como cogumelos no campo, a coisa seria outra. Mas apenas raramente, e só quando há falta de marinheiros no navio, um outro logra abrandar o coração duro de algum capitão; todos os mais, suplantados pelos tormentos da mais cruciante saudade, têm de acabar seus dias na terra estranha. Para não se deixarem dominar totalmente pelos sentimentos de resignada insensibilidade, para não sucumbirem ao demônio de incurável tristeza e de cabal desânimo, grande parte desses miseráveis se entrega ao gozo da *agua ardente* [sic], a tal ponto que muito em breve, carregados das mais repugnantes moléstias, tornam-se vítimas de martirizante morte. Também na referida colônia de As Torres perambulam em considerável massa esses incuráveis doentes de saudades, quais

espectros que não acham sossego sobre a terra nem debaixo dela, a maldizer e amaldiçoar o dia em que pela primeira vez lhes apontou a infeliz idéia de emigar para o Brasil.

Os colonos aqui domiciliados, na maior parte naturais do Harz e das margens do Reno, são os que menos esperanças podem ter de jamais reverem a longínqua pátria, o honrado torrão, o jocoso espírito das montanhas, o fiel Deus do Reno, pois que Torres, se bem que situada à borda sonora do mar mundial, não possui ancoradouro e a água demasiado rasa da costa não permite que acostem nem os menores barcos. Para alcançar o primeiro porto onde tocam navios grandes da linha da Europa haveria que vencer primeiramente uma viagem terrestre de mais de cem léguas; chegados ao porto, teriam que esperar talvez meses até que chegasse navio, e finalmente teriam que dispor de pelo menos 40 piastras para pagar a passagem. E de que maneira há de conseguir um pobre colono a grande soma de dinheiro necessária para semelhante viagem? E justamente porque esses infelizes escravos de um erro inexplicável conhecem a positiva impossibilidade de jamais realizarem seu desejo, sentem-se ainda muito mais infelizes do que se ainda lhes luzisse um raio de esperança; inteiramente como os desterrados dos desertos siberianos, que têm o regresso à pátria eternamente cortado, também eles estão para sempre cortados de sua pátria, de sua felicidade, da sua tranquilidade de alma.

Com a desagradável impressão de querer ajudar e não poder, tendo visto com meus próprios olhos, mais do que convinha, a triste situação de meus patrícios por sua própria tolice exilados longe de seus penates, prossegui na minha viagem de As Torres através da imensa planície de colinas. O comandante manteve sua palavra; eu e minha pequena companhia de viagem, aqui reforçada de algumas pessoas, fomos por ele providos de cavalos novos e rapidamente transpusemos a única porta da cidadezinha, de traçado estreito e torto. Esta parte é a fronteira entre as províncias de S. Pedro do Sul e S. Catarina; uma vez fechada, ninguém mais pode passar de uma província à outra, pois que de um lado o mar, de outro rios, montanhas e florestas virgens constituem obstáculos intransponíveis. Fica situada sobre uma elevação, da qual se tem a mais encantadora vista sobre o vasto espelho do intérmino oceano.

Íamos trotando a gracejar contentes. Só ficara o cadete de artilharia brasileiro, insidioso tipo de 26 a 28 anos de idade, porque diante de seu mau comportamento e de seu constante espírito de rixa diversas vezes o repreendêramos com severidade, até mesmo o insultáramos seriamente. Não cuidávamos de fazer alguma jeremiada sobre essa perda, mas não suspeitávamos que esse refinado facínora, favorecido pelo terreno, estivesse nos acompanhando a certa distância, para poder aproveitar a primeira ocasião e vingar-se sangrentamente em um de nós. Sem o menor incidente correu o primeiro dia de viagem sempre perto da praia. Pernoitamos numa miserável venda, única habitação encontrada num raio de muitas léguas, e na manhã seguinte cedo prosseguimos, feitas as contas a contento de ambas as partes com o dono da casa, um pardo (mulato negro).

Um vento fresco, animador, soprava do oriente por sobre o enorme deserto arenoso situado ao poente, e restaurava os membros entorpecidos pelo calor do dia anterior. Eis que emerge purpúreo o sol qual formosa envergonhada colhida de surpresa no banho! Magnífico, encantador espetáculo, no seio das ondas! Insensivelmente detive o meu cavalo, a contemplar maravilhado a divina visão, o único símbolo verdadeiro da ressurreição humana. Funda comoção invadiu meu coração. Meu olhar voltava-se imóvel para a direção em que devia ficar a pátria amada; mas, ai! essa intérmina supefície líquida separava-me dela.

Um sentimento doloroso, acabrunhador, semelhante à misteriosa consciência rubra de uma tentativa de suicídio, apoderou-se de mim; fiquei como pregado no lugar, paladino enlouquecido, encantado pela imagem daquela fada que se chama Thalassa! Thalassa!

Assim submerso em pensamentos, não notei que os meus companheiros se haviam distanciado tanto que meu olhar em volta já não os descobria; eis que de repente me desperta dos meus sonhos infantis um vivo tropel de cavalos: voltei rapidamente a cabeça e vi o cadete, com 4 ou 5 negros e mulatos, todos de espada desembainhada, em galope estendido, surgindo dos cômoros que acompanhavam o caminho, em direção a mim. Antes que na minha surpresa pudesse dispor-me à defesa, desaba formidável pranchada, que me visara, e que por felicidade atingiu o enfeite de metal e penacho da cabeçada, determinando um pinote do cavalo. Entrementes também consegui desembainhar a

espada, dei de esporas no meu corajoso cavalo, esgrimi algumas vezes às cegas à direita e à esquerda, e na carreira me lancei pelo meio dos bandidos atônitos, retomando o caminho por onde eu viera; pois eu não sabia do paradeiro de meus companheiros e a venda me sorria a pequena distância amigavelmente, com sua cobertura verde de macega. Entre pragas e injúrias os bandidos perseguiram-me até perto da casa, mas os seus maus cavalos não lhes permitiram alcançar o meu bom parreheiro. Insignificante ferida no ombro foi tudo quanto me custou o mau negócio. Diante da venda, saltei depressa do cavalo, no momento em que uma bala bem apontada roçou o meu gorro, e logo o pardo dono da casa, conhecido de ontem à noite, apareceu com um par de pistolas carregadas, no limiar sujo da casa, em atitude vigorosa, meio nu, qual incivilizado moderno Antinoo. Os ladrões, assim que o viram, rodaram à direita e em poucos minutos desapareciam atrás dos cinzentos cômodos de areia, convergentes no horizonte escuro.

Destarte estava eu de momento escapo ao visível perigo de vida, mas também não podia ousar a retomada da viagem sozinho, apenas armado de pequena espada de parada; pelo que resolvi, embora contra a vontade, permanecer aqui até que por acaso passassem outros viajantes. O heróico vendeiro, transportado de amabilidade, não sabia que mais fazer para me agradar; mostrou-me em seus braços e pernas os nós característicos de grande desenvolvimento de força física, completa por claros indícios de órgãos de grande animalidade; e asseverou que sua mulher, mulata sempre balouçante, possuía igualmente extraordinárias mamas, que as podia jogar às costas e alcançar a cintura, e que suas filhas, em número de três, possuíam ainda outras curiosidades para um botânico (ele queria provavelmente dizer cientista). Em resumo, todos me divertiram e agasalharam durante as poucas horas de minha estada tão bem como puderam. Especialmente a mais moça, uma sílfide de quinze anos, pelo seu desembaraço na viola e pela dança ligeira se esforçava por distrair os meus grilos.

Havia de ser meio-dia, quando entraram na casa alguns homens bem armados, a pedir toda sorte de refrescos. À minha pergunta, informaram que pretendiam tomar o mesmo caminho que eu tinha que fazer; nada me podia ser mais bem-vindo: imediatamente lhes pedi licença para acompanhá-los o que de bom grado me concederam. Meus

novos companheiros estavam fartamente providos de armas de fogo, pelo que eu nada mais tinha que recear daquele bando assassino e pude novamente entregar-me às minhas reflexões melancólicas, sem ser perturbado.

Mais tarde tornei a ver em S. Catarina o patife do cadete, e não escapou ao merecido castigo. Mas os outros comparsas do assalto ficaram para sempre ignorados; provavelmente eram desertores, que viviam aqui ocultos entre os cômodos de areia, para roubar. Pois a esse tempo se encontravam tais vagabundos não só na *praia* [sic] mas também no interior, às vezes em bandos tão numerosos que a polícia não se atrevia a empreender nada sério contra eles.

Levantou-se pouco a pouco forte vento, agitando cada vez mais o mar, de modo que este invadia a praia e banhava os cascos de nossos cavalos, que assustados pelo desconhecido fenômeno saltavam para o lado; entretanto íamos continuando alegres a trotada e em breve, com indizível contentamento, avistamos os *correntos* [sic], onde pretendíamos pousar. É um grupo de rochedos, jacentes no meio do deserto arenoso, que olhados de longe apresentam a maior semelhança com dois conventos vizinhos, o que lhes dá o nome. No centro desse grupo pétreo há um profundo vale, com uma bacia, a qual mesmo no rigor do estio sempre oferece água boa e fresca.

Os flancos desses morros são bastante férteis e estão plantados de bananeiras, mandioca e toda sorte de trepadeiras; no alto estabeleceram-se diversos brasileiros, que aí colaram diversas casinhas, antes cabanas, onde em todo caso o viandante mediante paga e boas palavras pode encontrar abrigo. A alimentação desses moradores ousados consiste única e exclusivamente de peixe seco, que o mar próximo fornece em abundância, bem como de *farinha* [sic] e laranjas, que fulguram em matas inteiras nos flancos do vale, em festa dourada da máxima fertilidade. Parece que havia anos não viam dinheiro, pois quando pedimos alguma coisa de comer e ao mesmo tempo entremostramos algumas luzidias piastras, com suas duas brilhantes colunas – o ouro da América continua a ser o sustentáculo da península pirenéica – ofereceram-se para apanhar peixe fresco ainda de noite, ou então, conforme preferíssemos, ir buscar um leitão ou uma galinha de dois anos, com os competentes ovos, na povoação mais próxima. Com toda a pobreza, parecia que viviam

felizes. Pode ser um enigma para o europeu culto, entretanto fácil de decifrar, desde que se considere que o brasileiro, preguiçoso até para seus prazeres, já se dá por feliz quando não se sente obrigado a trabalhar com suor no rosto.

Depois da comida muito frugal, constituída só de peixes e vegetais, estenderam-nos da melhor maneira alguns couros secos de rês sobre o chão sem assoalho, sobre os quais, extenuados pela cavalgada penosa, realizada sob o ardente calor do dia, adormecemos brandamente, como se estivéssemos em cama de edredão.

Ainda antes de alvorecer serviram-nos mate (chá paraguaio) em cuia, que tínhamos de sorver por meio de um canudo fino, provido de peneira numa ponta. Entre a gente graúda da região esses canudos são de prata, muito lavrada; os pobres usam-os de vegetal. A peneirazi-nha tem por fim evitar que ao sugar a bebida aromática as partículas sólidas penetrem no canudo e vão entupir a goela do sedento.

Restaurados pelo sono reparador, aprontamo-nos para continuar viagem. Os hospedeiros amáveis apanharam nossos cavalos dispersos no vale, encilharam-nos, desejaram-nos “passar bem”, e como se o mundo nos pertencesse lá nos fomos trotando pela beira da praia, sempre rumo norte. Inúmeras conchas, peixes arremessados pelo mar, meio podres, esqueletos de toda sorte de animais marinhos, troncos de árvores, moluscos, conchas e corais cobriam desde aqui até Laguna toda a praia e proporcionavam na eterna monotonia da viagem ao menos alguma variedade. Notadamente entre os caramujos havia peças esplêndidas, que teriam feito figura em qualquer museu europeu, mas os nossos cavalos meio cansados, com o picante calor solar, já tinham bastante que carregar, pelo que ninguém quis sobrecarregá-los com semelhantes raridades.

Depois de viajarmos dessa maneira ainda alguns dias, raramente encontrando alguma habitação isolada, avistamos finalmente com grande alegria, muito ao longe Laguna, situada numa altura, o termo desta fatigante viagem terrestre: aí pretendia eu embarcar e fazer por mar o percurso até a cidade de Desterro, a capital da província de S. Catarina. Portanto, aí tinha de separar-me da maioria de meus companheiros de viagem, os quais, talvez por medo da água, preferiram vencer a penosa marcha toda por terra. Por mais que seja perigosa a viagem por

mar, a bordo tem-se pelo menos mais comodidade, do que na acidentada estrada terrestre, a qual conduz incessantemente por montes e serras, que às vezes se elevam a mais de mil pés e freqüentemente são apenas tão estreita pista que se deve temer a cada passo, que o cavalo pode dar em falso, despenhar-se no medonho precipício.

Ainda antes de alcançarmos Laguna topamos com uma turma de soldados alemães excluídos, que em grupo de seis a oito homens pretendiam fazer a pé a longa viagem até Porto Alegre ou Rio Grande, alguns mesmo até Buenos Aires. Eram as primeiras tropas estrangeiras que haviam sido dispensadas depois da capitulação imposta pelo governo na sublevação ocorrida no Rio de Janeiro entre os batalhões estrangeiros; pareciam todos sentir-se imensamente felizes com a recuperação da liberdade, e declaravam unânimes que preferiam viver somente de farinha-seca ou feijão-preto a entrar novamente ao serviço militar do Brasil. Quando lhes chamei a atenção sobre as penas e perigos de tão longa viagem a pé, responderam-me que nada possuíam, pelo que nada lhes podia ser tomado; demais contavam com a comprovada bondade e hospitalidade dos moradores da província de S. Pedro do Sul, dos quais esperavam em toda parte pousada e comida. Estou convencido de que nisto essa boa gente não se enganou, nas suas idéias cosmopolitas algo exaltadas; pois na verdade jamais conheci povo mais hospitaleiro do que os quietos habitantes da referida província, conforme aliás já anteriormente mencionei, com justo louvor.

Penoso me foi separar-me dos bravos soldados, que na maior parte conhecia da última campanha e com os quais eu partilhara tantas penas e prazeres; e eles iam novamente ao encontro de uma sorte incerta, até sem qualquer plano definido para seu futuro. De todo o coração lhes desejei feliz viagem, e apressei-me por alcançar Laguna, já perto, a fim de aí apresentar-me ao comandante, ao qual competiria providenciar sobre minha viagem por mar e fornecer-me as rações atrasadas de três meses.

Minha passagem no navio estava conseguida em breve, pois bastava que o comandante da praça ordenasse ao primeiro capitão de navio mercante que, por ordem do governo, isto é, de graça, me levasse; mas de rações só as recebi para quinze dias, sob o pretexto de que presentemente não existiam provisões nos armazéns esgotados e de soldo não recebi um vintém, conquanto o Estado já me devesse mais de dois anos.

Como só se pode deixar o porto de Laguna com o vento sul, o qual quando entra a soprar aqui é geralmente muito violento, ao passo que na ocasião reinava persistente vento norte rijo, preferi passar os dias em terra e só pernoitar a bordo. Tive pois bastante lazer para conhecer a cidadezinha e atar diversas relações, algumas bem interessantes. E isto era tanto mais fácil, como também aos meus divertidos camaradas, quanto aqui ainda pouco se havia visto oficiais estrangeiros, pelo que nos olhavam com curiosidade, talvez também porque havia geral boa vontade para com os estrangeiros; além disso em toda a localidade não havia um único homem bonito. Antes de uma semana estávamos relacionados com diversas das melhores famílias, o que se operou da seguinte maneira, extremamente simples. Passeava eu uma tarde junto ao gradil de um jardim amavelmente atraente, onde eu descobrira bela mocinha de quatorze a quinze anos, muito entretida em apanhar as mais lindas flores. Aquela linda visão me enleou em silenciosa magia d'alma; sem desviar os olhos fiquei contemplando a travessa colhedora de flores. Ela já me notara há tempo e com pudica faceirice entretecera o seu ramo de flores em forma de transparente leque; nisso o seu olhar brilhante me atingiu; rubor escuro cobriu seu rosto de madona brasileira, mas prontamente respondeu ao meu cumprimento, com desembaraçada amabilidade. Um soldado certamente nunca é acanhado, mormente em terras tropicais, longe de todos os escrúpulos familiares de cidades pequenas; endireitei a túnica e o bigode, e me atrevi a pedir-lhe uma das flores que acabara de apanhar; sem cerimônia ela se aproximou do gradil de ferro e me ofereceu um ramo de flores de laranjeira, sua própria imagem, e entabulamos conversação não muito inocente. E quando, alguns quartos de hora depois, eu quis despedir-me ela me convidou a acompanhá-la à magnífica vivenda e como notasse que eu vacilava ela me explicou com uma tocante ingenuidade que eu seria visita bem-vinda para seus pais – aliás o pai era surdo e a mãe cega. Não esperei segunda vez pela descrição de semelhante paraíso e fui realmente recebido com a máxima gentileza. A partir desse momento minhas visitas se repetiram diária ou noturnamente, e quase todas as vezes achava oportunidade de fazer novas relações. Por mais que a princípio eu invocasse o vento sul, tanto mais agora me era agradável que ele continuasse faltando e desta maneira fosse protelada a nossa viagem. Isabel chamava-se a bela; e no meu diá-

rio ela figura como a décima-terceira das rainhas do meu coração. Treze é número omimoso, e Isabel em certos sentidos parecia-se com sua homônima rainha de Judá, de memória bíblica.

Tais intrigas amorosas também eram a única coisa que me podia fazer agradável a estada em Laguna, pois o lugar em si verdadeiramente nada tem de atraente. As ruas são em geral tortas, desniveladas, e altamente sujas, as casas em geral baixas e mal construídas; eterno cheiro de peixe empesta o ar.

Junto à praia ainda é a melhor morada, pois o ar fresco do mar mantém mais respirável a atmosfera; no meio da única praça pública há sempre uma poça d'água podre, cuja exalação igualmente deve ser insalubre. Seria muito fácil esgotar essa lagoa pontina e nivelar o terreno com areia, que não falta bem perto, mas a desídia e a má fiscalização policial ainda não permitiram realizar trabalho tão simples, entretanto tão necessário.

Os víveres em Laguna, por causa da falta de dinheiro, são tão baratos, como não achei em nenhuma outra parte do Brasil; sobretudo peixe, galinhas, e porcos compram-se a resto de barato. De legumes quase não há notícia, a não ser o difamado feijão, e arroz ruim. Café cultivava-se pouco, mas açúcar já consideravelmente, porém a qualidade da cana não é a mesma da que se cultivava nas províncias mais setentrionais do império, principalmente aproveitada para fabricar aguardente ou para forragem, aplicação esta muito recomendável, primeiro porque engorda muito e segundo porque dá vigorosa carne, musculosa aos animais.

NOTAS AO CAPÍTULO XIII

120 O que o autor aí refere é uma legítima cerimônia africana. No Rio Grande do Sul, pelo menos até 1902, esses festins não eram raros e os brancos davam-lhes o nome de *batuque*. Em Porto Alegre o autor desta Nota quando menino viu coisa semelhante.

Quando se tratava de festim funerário, parte das comedorias eram postas no caixão do morto, para fazer face às incertezas da viagem.

- 121 Reminiscências da era gaúcha do couro. Adaptando-se às condições geográficas de sua morada, o couro, os ossos e os chifres foram a matéria-prima usada mais largamente pelos primeiros povoadores do Rio Grande do Sul. Apareceram então os copos e baldes de couro, os copos de chifre, que a tradição ainda hoje vem impedindo que sejam banidos de todo.
- 122 A lagoa dos Patos não tira seu nome, como parece ao autor, da abundância de palmípedes, mas da existência de índios desse nome em suas imediações. Também as suas dimensões estão erradas. Mede 303 quilômetros de comprimento, por 66 de largura.
- 123 Lago de Viamão é a antiga designação do volumoso rio Guaíba, que banha Porto Alegre.
- 124 As Juntas de Administração e Arrecadação da Fazenda Real tinham atribuições que hoje cabem às Delegacias do Tesouro Nacional, existentes nos diversos estados, e às Delegações do Tribunal de Contas. A chefia da Junta cabia ao presidente da mesma província. Os ministros desse tribunal eram o juiz de fora, que funcionava como juiz dos feitos da Fazenda, o procurador, que devia ser um “advogado da melhor nota”, um escrivão, um tesoureiro-geral.
Entre os muitos funcionários que serviam às Juntas de Fazenda, notam-se, em escala descendente de importância, um escriturário-contador, um 1º escriturário, um 2º escriturário, um amanuense e um praticante. Seidler certamente falou com um destes humildes funcionários, que nem sequer tomava assento à Mesa do tribunal. Já se vê que as ameaças do requerente não deveriam influir no caso, e que certamente elas só foram proferidas muito mais tarde, para gáudio do leitor alemão...
- 125 N. do T. – Pé de pato; pé-é; pés convergentes. Em medicina: pé-varo. Em hipologia: estevado, caravanho, papagaio.
- 126 O Procurador da Coroa era, como já se viu, apenas um advogado, escolhido entre os “da melhor nota”.
- 127 N. do T. – Epicuro – filósofo grego, discípulo de Xenócrates, em Atenas. Ensinava ele que o prazer é o supremo bem do homem e que todos os seus esforços devem tender para alcançá-lo; mas, longe de fazê-lo consistir nos gozos grosseiros dos sentidos, Epicuro a via na cultura do espírito e na prática da virtude. É, pois, diz Fennel, por uma falsa interpretação de sua doutrina que se tomou por debochado a um homem de exemplar continência. Como quer que seja, o termo “epicuriano” nem por isso deixou de entrar em nossa língua como sinônimo de voluptuoso, e quando se quer falar de alguém dado aos gozos da mesa ou dos sentidos, diz-se: “é um epicurista, um discípulo de Epicuro”. Horácio dizia: *Epicuri de grege porcum* (Porco da vara de Epicuro).
- 128 O autor deve referir-se aqui ao Brigadeiro Salvador José Maciel, nomeado presidente da província a 25 de novembro de 1826. Por isso o autor o chama de “Governador Geral”, para distingui-lo do governador das armas. Isso explica que mais adiante o chame apenas de general.
- 129 O autor devia ter escrito “Freguesia de Viamão”, povoação próxima a Porto Alegre e de que a capital do estado já foi verdadeiro subúrbio. Muito antiga, aí foi instalada a capital em 1763, quando se deu a invasão das terras ao sul de S. Catarina.

- 130 Conceição do Arroio, vila rio-grandense das mais antigas, próxima ao mar, no caminho mais expedito para as penetrações vindas do norte, através do território catarinense. Aí nasceu, em 10 de maio de 1810, o General Osório.
- 131 O território rio-grandense não teve sempre o mesmo nome nem foi oficialmente batizado desde os primeiros tempos.
- Sousa Doca deu-se ao trabalho de estudar o assunto e assim pôde colecionar um punhado de designações dadas desde 1554 ao estado sulino ou ao seu porto.
- Recorrendo aos dados de Sousa Doca, podemos atribuir ao mapa de Gaspar de Viegas a propriedade de um nome, que da barra se estendeu a todo o território do atual Rio Grande do Sul. Assim, vamos ver: em 1554 – em Sam P^o (carta referida); em 1543 – Rio de S. Pedro (mapa-múndi de Nicolas Desceliers); em 1550 – Rio Grande (cartografia de Pierre Desceliers); em 1698 – Província d’El-Rei, Capitania d’El-Rei (todo o território rio-grandense); em 1769 – Continente do Rio Grande de S. Pedro; em 1780 – Capitania do Rio Grande, Continente do Rio Grande (até 1784); de 1783 a 1803 – Capitania do Rio Grande de S. Pedro; em 1807 – Capitania do Rio Grande do Sul e Capitania de Rio Grande de S. Pedro do Sul; Capitania de S. Pedro.
- Em várias épocas podem-se ver outras denominações para a barra ou para o território do estado atual: Rio Igala, Rio S. Francisco, Rio de S. Paulo, Rio Grande da Alagoa, Rio Grande de S. Pedro, Rio Grande de S. Pedro do Sul, Continente do Rio Grande de S. Pedro do Sul, governo do Rio de Janeiro, governo do Rio Grande, Província de S. Pedro do Sul, Província do Rio Grande de S. Pedro, Província do Rio Grande de S. Pedro do Sul, Província de S. Pedro, Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, província do Rio Grande do Sul, Rio de S. Pedro, Rio Grande, Estado Rio-grandense, Rio Grande do Sul, Estado do Rio Grande do Sul.
- 132 N. do T. – Dânae, da mitologia. Filha de Acrísio, rei de Argos, e de Eurídice. Havendo-a seu pai encerrado em uma torre de bronze, por causa de uma predição feita pelo oráculo, segundo a qual ele seria morto pelo filho que nascesse dela. Júpiter transformado em chuva de ouro penetrou na torre e seduziu Dânae. Desta união nasceu Perseu, a quem Acrísio quis fazer perecer, com a mãe, lançando-os às ondas. Perseu foi salvo e mais tarde tornou-se involuntariamente assassino de Acrísio.
- 133 Colônia de S. Pedro das Torres, fundada em 1826, com alemães. Das 86 famílias aí instaladas, 28 famílias protestantes, mudaram-se dois meses mais tarde e foram fundar a colônia de Três Forquilhas. Certamente eram das pior aquinhoadas. A partir de 1856 desapareceu completamente.

.....

Capítulo XIV

VIAGEM DE LAGUNA A S. CATARINA
– A CIDADE DO DESTERRO – ESPECULAÇÃO
INGLESA MALOGRADA – OS INGLESES NO BRASIL
– O LADRÃO ESPERTO – A ARMAÇÃO DAS BALEIAS
– FESTEJOS DE PESCADORES
– ALGUMAS PALAVRAS SOBRE OS NEGROS
E SOBRE A ESCRAVIDÃO

Novamente a caminho, outra vez para frente, ao encontro da longínqua meta, do desejo do coração, da ânsia de comodidade, não obstante a luta, dos elementos; essa é sempre a sina do soldado em tempo de guerra, mormente num império gigantesco, como o Brasil, e sob o governo insensato de um imperial Pequeno Polegar, como o era D. Pedro. Mas a mocidade tudo vence, salvo a extinção da consciência de sua força: enquanto existir um espinho que o homem possa espetar na sua carne não se desvanece a fé na florescência e na frutificação.

Pouco a pouco se elevara a dezesseis o número dos navios que estavam na barra de Laguna à espera de bom vento para zarpar, destino à ilha de S. Catarina; todos os dias os marinheiros em sua impaciência cheia de esperança profetizavam tempo favorável, cada nuvenzi-

nha a marchar ao longe faria mudar o vento, mas durante dez dias nenhuma dessas apressadas previsões se realizava; finalmente na noite do undécimo dia, de repente o mar ficou inquieto, lufadas fortes zuniam pelas enxárcias e alegremente reboou pelos navios o brado de “*vento sul!*” [sic]. Foi um choque elétrico, tanto na tripulação, como nos passageiros agradavelmente surpreendidos; todos pularam das camas e correram para o convés, para testemunhar o bem-vindo acontecimento; soprava pelo porto um pampeiro extraordinariamente forte a chicotear as inquietas ondas, que sacudiam suas crinas de espumas, quais fogosos corcéis.

Tanto se almejava o vento sul, e agora os capitães dos navios brasileiros se entreolhavam desanimados; o temporal lhes parecia violento demais, nenhum queria ser o primeiro a atrever-se à perigosa saída do porto; por fim, depois de muito pensar e muito sacudir a cabeça resolveu-se a dar início à façanha o patrão, que não estava muito em jejum de álcool, do nosso pequeno barco, uma galeota meio podre por dentro, mal remendada. Esse homem tinha sido capitão de navio, mas havia muito não se fazia ao mar, tendo-se estabelecido na cidade do Desterro; só agora, diante de situação premente voltara à profissão e demonstrou que de todos quantos aqui estavam reunidos era ele o mais afoito e mais sabido; o mísero barco era propriedade dele, herdado do avô, de modo que ninguém tinha que dar regras. Deu ordem de levantar ferros, içar as velas e a nossa galeota disparou sobre as bramantes ondas, como uma flecha; em poucos minutos alcançamos a extremidade da barra, mas aí uma onda enorme nos apanhou, arremessou o barco ao alto para o ar, com medonho estrondo e incontinenti o deixou cair com violência sobre a areia quase a seco; o madeiramento estalou como se o barco se estilhaçasse. Três vezes se repetiu a ameaçadora catástrofe, três vezes tivemos diante dos olhos claramente o nosso soçobro, mas a última das ondas nos atirou para longe dos bancos, às águas profundas do incomensurável oceano – e ficamos salvos.

Vendo os outros navios que passáramos o ponto perigoso, também eles criaram coragem, içaram as velas e seguiram o rastro do nosso resoluta capitão. O vento ia crescendo, a uivar como sedenta ave rapina, as ondas aumentavam, medonhas montanhas d’água se alteavam a nosso lado ameaçando a cada momento tragar o nosso barquinho oscilante. Ora os outros navios se sumiam de nossas vistas, ora ressurgiam

do leito úmido do mar, como gaivotas não somente nós passageiros, mas também quase todos os marinheiros e o capitão ficamos enjoados.

Teríamos assim vencido cerca de metade da nossa viagem, quando de repente um dos marinheiros subiu ao convés e murmurou ao ouvido do capitão que o navio estava fazendo água. Cambaleando de medo e de cachaça, desceu ele logo ao porão, onde encontrou confirmado o aviso do marinheiro, pois que a água já subira pé e meio. Incontinenti puseram em ação as bombas, afastaram mais ou menos os sacos de milho do lugar onde parecia ser o rombo e mudou-se a rota por forma que se aproximasse o barco da costa. Depois de persistente trabalho de uma hora, verificou-se para tranqüilidade nossa que a avaria não era de grande monta, pois a água em vez de crescer baixara de cerca de metade. Com mais um pouco descobriu-se o rombo: era um buraco feito pelos ratos, que já fora remendado mas se reabrira com as violentas batidas no banco de areia à nossa saída da barra. Foi fácil reparar a avaria e descuidosos retomamos a rota. Pouco depois nos achávamos entre a ilha de S. Catarina e o continente, ao abrigo de altas montanhas, onde o vento não podia mais castigar-nos tanto e onde o mar também serenou. Pelas duas da madrugada arriamos âncoras bem em frente à cidade do Desterro.

Levado por invencível curiosidade, impelido pelas mais vivas esperanças subi com a noite enluarada ao balouçante convés, para contemplar a ilha envolta em nuvens e a cidade meio oculta na semi-escuridão, cidade da qual durante minha estada no Brasil eu ouvira tanta coisa miraculosa. Os naturais da ilha chamam-na com razão o “jardim do Brasil”; ela merece esse nome pela sua luxuriante vegetação, seu clima temperado extremamente saudável, e as encantadoras vistas que se tem para longe, de quase todos os pontos. Outrora esse jardim era lugar de desterro de criminosos portugueses, de onde o nome da capital; realmente por esse preço era-se tentado a praticar algum crime para também ser desterrado, pois era ceder um instante ao Inferno em troca do resto da vida no Céu.

Muito especialmente me haviam gabado a cordialidade e gentileza dos moradores, a beleza e sociabilidade das senhoras, a barateza de víveres e o romântico dos passeios; que milagre, pois, que eu hoje desejasse que amanhecesse algumas horas mais cedo para que, quanto antes melhor, se me abrisse esse fabuloso paraíso do Novo Mundo. Não

tive mais sono; impaciente como um amante cheio de saudade ou como um enfermo febricitante, esperei no convés pelo raiar do dia.

Finalmente uma faixa estreita no horizonte prenunciou o iminente nascer do sol, o disco argentino da lua descorou, o verde escuro dos montes a pique, cobertos de mata, surgia cada vez mais visível e mágico; logo arriaram os botes, cada qual embarcou suas poucas coisas e com remadas contentes endireitamos para a praça do palácio.

Conosco atracaram ao mesmo tempo no ponto de desembarque umas 15 a 20 canoas, pequenas e grandes, todas carregadas de peixe e camarão. Indicaram-me logo para residência uma casa de campo situada perto da cidade, sobre uma elevação não muito forte, onde encontrei diversos camaradas que, conforme logo vi, aqui estavam comodamente instalados. Depois das primeiras efusões do reencontro, levaram-me eles a percorrer o belo jardim existente atrás da casa e posto à nossa disposição; depois me chamaram a atenção sobre a esplêndida vista que das janelas da casa tínhamos sobre toda a localidade e para longe, por sobre o porto, para o continente. A vida intensa em todas as ruas, a aglomeração no mercado de peixe e de legumes, o burburinho das muitas tropas então aqui estacionadas, a incessante chegada e partida das canoas, o alegre drapejar das bandeirolas dos navios no porto, tudo enquadrado no maravilhoso contorno da cidade, recortado de montes e riachos – tudo isso constituía um panorama para sensibilizar ao mais insensível.

As ruas eram asseadas, em parte alguma sentia-se o cheiro pestilencial que tanto me fizera aborrecer de Laguna; especialmente a rua da Praia e a praça do Palácio se distinguiam por diversos edifícios traçados e construídos com muito gosto. O que eu ouvira a respeito das senhoras me pareceu confirmado desde o primeiro dia, pois à tarde, estando eu à janela com alguns de meus conhecidos, ao passearem diversas dessas belas diante da casa com o seu desembaraço à portuguesa, foram elas as primeiras a nos saudar, contrariamente aos costumes brasileiros, e com uma amabilidade e olhares tais que bem se podia compreender que os oficiais estrangeiros lhes eram hóspedes bem apreciados. E, para glória do corpo de oficiais do 27º Batalhão de Caçadores, devo consignar que o seu comportamento aqui foi sempre exemplar, o que não era de esperar, pois o oficial mesmo o mais morigerado geralmente na campanha se torna mais ou menos selvagem. Também a parte

masculina da população, sobretudo os negociantes, que faziam bons negócios com as tropas, mostrou-se muito cortês e gentil para conosco. Antes do mais reclamei agora o meu soldo atrasado de dois anos e três meses, mas a muito custo consegui que me pagassem onze meses, depois de alguns requerimentos feitos em estilo não propriamente suplicante; pois afirmavam que havia muito tempo não vinha dinheiro do Rio de Janeiro e a província era pobre demais para poder arcar com semelhantes pagamentos.

É verdade que no continente fronteiro à ilha a pobreza pode ser em geral muito grande, mas de nenhum modo pode-se dizer isso da ilha. Ninguém sabe disso melhor e ninguém melhor sabe do verdadeiro valor dessa ilha do que os especuladores ingleses, que na estatística novo-cristã representam o papel do Judas eternamente migrante. Que indizíveis esforços já tem despendido o governo esperto e dissimulado dessa nação para poder pintar de encarnado no mapa mundial esta ilha de S. Catarina. Ela não trepidou de oferecer por ela muitos milhões e de muito bom grado o primeiro negociante do Brasil, D. Pedro I, teria barganhado a bela ilha, se o povo brasileiro nada dissesse. É fato que seria infinita a vantagem que a Inglaterra colheria da posse dessa ilha, mas igualmente grande seria o prejuízo do Brasil; pois se já hoje o império é inundado de mercadorias inglesas, de tal maneira que não pode surgir qualquer indústria nacional, como não haveria de ser se esses especuladores pusessem pé firme no próprio império?

Atualmente os navios ingleses que navegam as Índias na maior parte fazem escala no Rio de Janeiro, para se reabastecerem de água e víveres; têm que pagar despesas de porto, rendas para o estado; naquela hipótese, em vez disso, passariam a ir diretamente a S. Catarina, onde teriam liberdade de desembarcar suas mercadorias e tomar carga. De um modo geral, nada seria mais proveitoso para os ingleses do que uma possessão bem no meio da América do Sul, com bom porto, onde caberia seguramente pelo menos a metade da sua frota. Entretanto, por mais que até hoje os brasileiros se tenham deixado ludibriar pelos ingleses, têm sido bastante inteligentes para apreenderem o incalculável prejuízo que lhes adviria da perda de S. Catarina, e especialmente José Bonifácio de Andrada, o tutor do atual Imperador D. Pedro II, que está

com nove anos de idade, numa pequena obra notável abriu os olhos de seus patrícios sobre esse ponto.

Por dinheiro ou convenções, por astúcia e malícia, jamais será incorporada à Inglaterra essa ilha tão favorecida pela situação e pela natureza, e o recurso às armas em qualquer ocasião evidentemente prejudicaria o interesse comercial desse país, pois os muitos milhões que todos os anos emigram em prata e ouro, do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco, para as caixas e cofres dos negociantes ingleses, então ficariam no Brasil ou tomariam rumo diferente. Apesar de todas as intrigas e cabalas, portanto, neste assunto o mais fino de todos os governos terá que sofrer que seus planos falhem de encontro à firmeza de uma nação, que todo inglês olha com máximo desprezo.

Aqui está um grande “N. B.” no meu livro de notas; lembra-me que repetidamente tenho omitido uma coisa capital e que tenho algo mais a dizer sobre os ingleses que vivem no Brasil e sua influência sobre o Império. Para conservar o colorido, vou agora registrá-lo aqui a esmo, como for saindo da pena.

Tal qual em sua pátria, os ingleses têm também aqui o louvável costume de pelo fim do dia iluminar de tal maneira o sótão com forte vinho do Porto que não raro são vistos a cambalear pelas ruas da cidade, ridiculamente, a se ampararem com ambas as mãos às paredes. A polícia no Rio tem ordem de prender os ébrios e levá-los à cura pelo sono em qualquer posto de guarda, mas ela nunca se atreve a aplicar essa ordem a qualquer desses “gentlemen”, sem antes lhes perguntar pela nacionalidade. Ouvindo o significado “*eu sou inglês*” [*sid*], o comandante da patrulha respeitosamente tira o chapéu e afasta-se humildemente sem mais palavra. Tais quais se passam as coisas nas câmaras, nos passeios, nos edifícios públicos: domina em toda parte a insolência da *Old England* [*sid*].

Prova ainda mais impressionante de sua fraqueza a esse respeito deram os brasileiros durante minha estada em S. Catarina. O governo inglês havia armado um grande navio que devia ir à pesca da baleia nas costas da Patagônia. Infelizmente o comando fora confiado a um homem que talvez tivesse sido bom marinheiro, mas que de tal maneira se entregara à embriaguez, que não só em breve perdera o respeito dos subordinados, tão necessário à sua função, como mesmo todo o juízo, e fora forçado a entregar-se inteiramente ao alvedrio do imediato. Este,

ainda muito moço e inexperiente, naturalmente não tinha o necessário respeito por parte dos marinheiros, e dentro em pouco confirmou-se o velho adágio “tal capitão, tais marinheiros”: pouco zelo havia pela fragata, e seu governo só cuidava de beber. Chegando à altura de S. Catarina, tudo a bordo atingira tamanha desordem e a disciplina tanto se dissolvera, que sob um repentino temporal o navio teve de arribar às pressas ao porto. Infelizmente só o capitão conhecia bem a entrada, mas o seu *delirium tremens* [sic] atingira as raias da loucura e mais ninguém conhecia a região. Em tal situação crítica resolveram içar a bandeira de socorro e bordejando diante do porto esperar que lhes acudissem. Mas não apareceu logo quem com aquele mau tempo se atrevesse a sair ao mar, até que enfim um negociante inglês, estabelecido na cidade do Desterro e que, como quase todos esses homens, outrora fora capitão de navio, se ofereceu espontaneamente a ir recolher a fragata. Com alguns homens animosos meteu-se numa chalupa, alcançou com felicidade o navio, apresentou-se aos marinheiros pronto a assumir o comando e sem acidente velejou para dentro do porto. Ao comandante do navio ele o exonerou e mandou para um hospital, onde pouco depois morreu, e aos marinheiros rebeldes ele os enxotou. Em seguida apossou-se dos papéis do navio e de importante soma em dinheiro, como de todas as coisas de valor, que pôde encontrar a bordo e calmamente abandonou o navio ancorado no porto.

Não tardou muito que o embaixador inglês no Rio soubesse de todo o sucedido e intimasse o negociante a restituir os utensílios roubados e o dinheiro; este, porém, negou tenazmente que tivesse tomado coisa alguma e acusou de tudo o capitão falecido, que não podia mais defender-se. Os marinheiros na maior parte haviam sido subornados, não depuseram contra o atrevido ladrão e o testemunho único do imediato não constituía prova suficiente; pelas leis brasileiras o ardiloso negociante foi absolvido. Mas o embaixador insistiu energicamente pela entrega do criminoso e não foi atendido porque este, com muita esperteza e a toda pressa, por insignificante importância se fez naturalizar cidadão brasileiro, razão por que tinha de ser julgado segundo a lei do país. De maneira que a Inglaterra nem por via do direito nem pela da justiça podia arranjar nada contra o ousado ladrão; então um brigue inglês estacionado no porto do Rio recebeu ordem de se fazer de vela

para S. Catarina e apanhar o negociante inglês à viva força, morto ou vivo, e transportá-lo para a Inglaterra, onde seria julgado pela lei inglesa. Chegou o brigue e logo o negociante inglês recebeu convite muito amável para ir a bordo a fim de prestar esclarecimento, segundo lhe disseram, sobre coisa sem importância. Ia ele meter-se na ratoeira quando um amigo o advertiu do perigo e lhe aconselhou que de preferência por ora abandonasse a casa e se recolhesse ao interior da ilha, em vez de expor-se a que o brigue com ele levantasse ferros e o levasse para a terra da “força grã-britânica.” Tal aviso o impressionou e o negociante gatuno, que fizera tão rendosa compra, adotou de boa mente o bom alvitre. Bem armado e acompanhado de numerosa criadagem, ele partiu ainda na mesma tarde a cavalo, como um déspota triunfante, e foi alugar no interior da ilha uma habitação, para ficar à espera de que partisse o navio inimigo. Estava mesmo na hora de tomar semelhante resolução, pois ainda na mesma noite marinheiros ingleses cercaram sua casa na cidade, arrombaram violentamente a porta, e como não achassem o culpado carregaram tudo quanto com a pressa ele não havia podido levar. Durante cerca de dois meses procuraram por ele sem cessar e nesse período os oficiais e marinheiros se entregavam aos maiores excessos; andavam bêbados pelas ruas, a insultar indistintamente e sem qualquer consideração a todo transeunte. Sobretudo muito padeceram com esse bando desenfreado as pobres negras que vendiam doces, feitos por elas ou comprados; freqüentemente os marinheiros ébrios lhes destruíam as quitandas ou arrebentavam os limões de cera cheios de água de cheiro com que aqui costumam tirotear pelo carnaval, e depois se recusavam a pagar os prejuízos.

As infelizes escravas tinham que expiar dolorosamente a culpa desses bandidos, mormente se tinham donos rigorosos, como era o caso geral, que as mandavam surrar nas costas e mais abaixo; e se alguma vez a patrulha apanhava um desses vagabundos noturnos, bastava que este assobiasse um pouco para que o comandante do navio assim avisado reclamasse sua liberdade, que o medroso presidente da província logo mandava dar. A bordo o castigo era pequeno ou nenhum. De modo que aos pacíficos habitantes nada, restava senão cada qual defender sua pele, reagir à violência com violência, o que, como é fácil imaginar, deu lugar a diversas cenas trágicas. De uma feita em pleno dia, doze marinheiros

assaltaram uma negrinha de quatorze anos, bonitinha, a qual estava vendendo suas mercadorias na rua, e como não quisesse atender a suas voluptuosas solicitações, lhe arrancaram o *tabuleiro* [sic]* da cabeça e na sua bebedeira espatifaram tudo quanto no mesmo ela levava. Implorando e chorando ela pedia indenização, garantindo que seria horrivelmente surrada se não entregasse vintém por vintém ao seu senhor, mas a resposta do bando consistiu nos mais horríveis e indecentes maus-tratos à negrinha. Essa cena revoltante atraiu muita gente, que a murmurar manifestava sua justa indignação, mas não se atrevia a atacar os marinheiros munidos de cacetes. Apareceram então três soldados do 14º Batalhão de Caçadores, da Bahia, e reclamaram em tom firme, resoluto, que os ingleses indenizassem imediatamente a negrinha. A princípio os marinheiros sorriram da ameaça, mas depois entraram a surrar os soldados com patriótica brutalidade e estes diante da superioridade numérica se viram forçados a bater em retirada. Correram para o seu quartel próximo e logo regressaram em número dobrado a desafiar os adversários para luta cavalheiresca. Incontinenti os louros filhos da Britânia saíram com seus cacetes da venda e furiosos caíram no seu processo predileto sobre os cavalheirescos baianos; mas em poucos minutos quatro deles estrebuchavam ensangüentados no chão, com profundas facadas e só a rápida fuga livrou os outros da vingança dos soldados brasileiros. Dois dos feridos morreram pouco depois e os dois outros a muito custo puderam ser salvos da morte mas não se restabeleceram; um deles sem a mão direita, que facilmente decepada por golpe de afiada adaga ficou como troféu no sanguinolento campo da luta. Na investigação a que depois se procedeu foi impossível determinar os assassinos, pois de todas as pessoas que haviam assistido à cena ninguém queria ser delator; de todo coração todos achavam merecida a lição aos atrevidos ingleses.

Desde essa ocasião foi severamente proibido aos marinheiros ingleses irem a terra e pouco depois o brigue levantava ferros e velejava de retorno ao Rio, sem haver arranjado o que pretendia; e o negociante pirata voltou desimpedido para sua casa e, ao que me consta, até hoje vive em paz na cidade do Desterro, desfrutando sossegadamente o seu

* Tábua alongada cercada por uma borda de madeira, às vezes artisticamente trabalhada, na qual os pretos carregam suas mercadorias.

ousado roubo. Quando o odiado navio saía do porto, todos os brasileiros piamente supersticiosos repetidamente faziam o sinal-da-cruz e ainda o despediam com mil pragas e maldições.

Como referi, eu residi a princípio durante a minha estada em S. Catarina numa casa de campo de situação encantadora e talvez pela primeira vez no Brasil eu tinha inteiro motivo de me sentir satisfeito; essa felicidade, porém, não havia de durar muito. Estavam naquele tempo seis batalhões de caçadores em Desterro e arredores, dos quais por falta de acomodação sempre um era destacado por dois meses para *Armação das Baleias* [sic], a sete léguas da capital; por desgraça, pouco depois de minha chegada tocou a vez ao meu batalhão – troca horrível. Sabíamos tudo quanto havia de ruim dessa famigerada “cova do inferno”, e havíamos de achá-la ainda pior do que nos tinham contado.

Como a Armação fica no continente, era preciso transportar em grandes botes as tropas através do *Estreito* [sic], de 300 a 400 passos de largura, que separa a ilha do continente, e os cavalos dos oficiais tinham que passar a nado. Muitos desses pobres animais só a custo alcançavam a outra margem e tão extenuados que nesse dia não podiam carregar seu cavaleiro. Dali marchávamos até a insignificante cidadezinha de S. Miguel, onde apesar do mau tempo as ruas e janelas apresentavam centenas de pessoas; todos queriam ver cara a cara as tropas estrangeiras, os novos vitoriosos defensores da pátria. Os soldados foram aí aquartelados num paiol, em mau estado, extremamente imundo e os oficiais na maior parte se dirigiram para o único café existente na localidade, e molhando o estômago trataram de esquecer a molhadela da roupa e os febris tremores de frio. Na manhã seguinte, depois de escorchados na forma do louvável costume pelo amável dono da casa, continuamos a marcha muito cedo e por causa do mau tempo e da estrada montanhosa tivemos de acampar numa olaria arruinada, onde passamos noite horrível, e só no terceiro dia alcançamos o nosso destino provisório. Era de aspecto triste, deserto.

Além de alguns negros, que pareciam quase da idade de Matusalém, não se via viva alma. Para quartel nos foi indicado um grande edifício, comprido, cercado de muro bastante alto, e dividido em dois quadros iguais; os oficiais foram repartidos, aos dois e aos três, em alguns ranchos isolados, pois não se podiam chamar de casas, visto que

no mínimo uma casa exige porta e janela, telhado e divisão interna. Todos ainda possuíamos algum dinheiro, mas nada podíamos adquirir com ele, a não ser um pouco de café e aguardente de cana; pão não havia absolutamente. Isto foi depois remediado, pois quando alguns especuladores espertos da localidade mais próxima cheiraram que aqui podiam ganhar alguma coisa, vieram da ilha em grandes botes a nos abastecer das coisas mais necessárias, se bem que a preços exorbitantes. E havia outros males que não podiam ser removidos facilmente e que nada ficavam a dever às pragas das terras dos faraós. Inúmeros ratos, formigas, cobrinhas escorregadias e outros bichos no seu tirânico período ruminante não consentiam, nem de dia nem de noite, que um só instante pudéssemos descançar em paz. Pulgas enormes saltavam tão atrevidas e numerosas que as calças brancas, mal se entrava no quartel, ficavam pretas até o joelho, e os pobres soldados, no meio da noite despertados em seu sono letárgico por esses picantes hematófagos, tinham que fugir e deitar-se ao relento. Uma das maiores pragas eram os bichos-de-pé, já diversas vezes mencionados, que em nenhum outro lugar do Brasil achei em tal abundância como nesta desgraçada Armação. Em vão empregávamos todos os meios imagináveis para nos livrarmos desses indesejáveis e imundos hóspedes; nem as mais freqüentes fricções de drogas, nem o mais espesso calçado impedia a penetração deles. Ainda me lembro muito bem de que havia soldados que num dia extraíam 30 a 40 saquinhos desse bicho, cheios de ovos, cada um dos quais saquinhos deixava um buraco do tamanho de uma ervilha, extração muito dolorosa, e já no dia seguinte número igual se alojara, notadamente nas unhas e nos calcanhares. Acontece que com toda a habilidade na operação, a agulha ou canivete bem pontiagudo rompe a bolsa e ficam alguns ovos no buraco; então resultam feridas horríveis que muitas vezes até causam a perda do dedo. Para evitar isso, muitos de nós nos limitávamos a abrir o saquinho cheio daquela criatura do diabo e lhe deitávamos em cima, em grosso, um pouco de mercúrio, o que mata instantaneamente o bicho e destrói seus ovos; mas o seu uso freqüente é nocivo. Nunca pude compreender como esse inseto tão pequeno penetra através do melhor calçado e em 2 ou 3 dias põe alguns centos de ovos, cada um dos quais é 4 a 5 vezes maior que o bicho.

Para encher a medida dos nossos males éramos atormentados por um tédio mortal. Não se podia manobrar, porque não havia espaço naquela panela cercada de montanhas; em leitura nem se podia pensar, pois de que maneira haveria de desgarrar-se um livro nesse deserto? Querer fazer passeios a pé seria demasiado penoso, porquanto todos os caminhos horivelmente malgradados e íngremes serpeavam pela serra. Destarte, por dois meses inteiros nos vimos forçados a jazer sobre o couro do urso e durante todo esse tempo respirar uma fedentina e uma atmosfera mefítica, que bem facilmente poderia ter desencadeado uma peste.

Esta Armação, outrora propriedade particular dos reis de Portugal, aqui instalada por causa da pesca da baleia, antigamente lhes rendera por ano a soma de 400.000 piastras espanholas. Os amplos edifícios, onde agora aquartelavam os nossos soldados, eram a moradia dos arpoadores; debaixo do antigo assoalho havia grandes abóbadas de alvenaria, onde se guardava o azeite das baleias até que houvesse quantidade bastante para embarcar nos navios.

É um fenômeno natural impressionante, mas muito sabido, que as baleias mudam seu *habitat* cada vez mais em direção ao Pólo Sul, tanto que agora nessa armação, em vez das 400 a 500 baleias anuais, só se pescam 6 a 8, de modo que há muito tempo aquelas abóbadas não se enchem. E há oito ou dez anos o azeite podre, com espessura de um pé, restava ali e espalhava através das juntas abertas aquele cheiro repugnante que empestava toda a redondeza. Até o tanque, onde se deixavam os peixes a apodrecer para depois separar facilmente a carne do esqueleto não fora limpo, e desenvolvia como relaxada estrumeira os mais deletérios gases. Como ultimamente o rendimento não chegasse para pagar devidamente o administrador vitalício e matar a fome aos negros arqueados e incapazes de todo trabalho, o governo intimidado pelo aspecto econômico deixou de importar-se com a Armação e parece firmemente resolvido a deixar decair completamente esta improdutiva instalação.

Para ao menos nos distrairmos um pouco e escapar um tanto aos mil aborrecimentos da Armação travamos relações com os numerosos pescadores, que duas a três vezes por semana vinham até cá para nos abastecerem do que o mar oferece de saboroso, e acabamos por lhes prometer de visitá-los em suas aldeias. Com três amigos em igual

disposição montei a cavalo nesse propósito e nos encaminhamos para uma baía que nos fora indicada a 3 léguas (as cartas não a mencionam), onde havia diversos ranchos dispersos, que em parte serviam de morada a nossos novos conhecidos. Desconhecendo o caminho e retardados pela estrada íngreme, que tínhamos que ir trepando, só chegamos a destino depois da meia-noite. Sem cerimônia batemos à primeira porta, dissemos que éramos oficiais alemães e gracejando pedimos que nos abrissem ou então nos indicassem a casa do pescador aqui residente, cujo nome declinamos. Por acaso o rancho era do filho desse homem que procurávamos, e o rapaz declarando estar ao par dos nossos heroísmos (coisas de que não sei) não nos deixou em paz enquanto não apeamos e nos dispusemos a passar o resto da noite em casa dele. A jovem esposa, em adiantado estado de gravidez, imediatamente teve que cozinhar e assar peixes para nós – como vamos ver alimento exclusivo dessa gente – e trazer a competente aguardente de cana; e o marido como possesso foi percorrer as outras casas, a despertar os moradores e convidá-los a irem passar a noite a bailar na casa dele.

Não decorrera meia hora, começaram a aparecer homens, mulheres e raparigas, todos em traje noturno, com muitas fitas multicores e todos ao que parece muito contentes com a nossa visita noturna. Por fim regressou também o dono da casa, acompanhado de umas dez raparigas levianas e levemente vestidas e um espanhol desgarrado, no qual bem se adivinhava pelos olhos a nadarem num luar escuro o alcoviteiro e bandido. Trazia ele um velho mandolim francês, muito remendado, com o qual pretendia depois acompanhar o canto, ou antes o choro das mulheres velhas, durante as danças.

A princípio tudo estava meio rígido e cerimonioso, somente nós alemães palestrávamos e nos distraíamos desembaraçadamente com o sexo às vezes não belo; os brasileiros se conservavam “como se não soubessem abrir a beca e não quisessem dar palavra ao próximo”. Mas depois de esvaziadas diversas garrafas de cachaça, repentinamente desembaraçou-se a língua aos homens e às mulheres, de tal maneira que ao mais calmo observador pareceria que queriam depressa ressarcir o tempo perdido. Devia começar o baile: convidou-se o espanhol naufragado a que afinasse o seu instrumento, mas, oh! desgraça! ou felicidade – faltavam dois terços das palradoras cordas. Enxameiam imediatamente

emissários por toda a aldeia à cata de cordas, inteiras ou não, de todas as guitarras, e com isso acabou-se por arranjar uma coisa que quase possuía os sons de um instrumento musical. A falar em voz alta, exultantes, os convivas se dispõem em duas fileiras e começa o baile mais indecente que jamais eu tive a honra de ver, ao som harmonioso daquele infernal moinho de café, acompanhado por palminhas das damas e seu cantante vozerio. As mais repugnantes contrações musculares, obscenidades murmuradas em voz baixa ou cantadas alto ao compasso da música, contactos cadenciados e nojentas concretizações de atitudes dos mais lúbricos desejos, caracterizavam todos os movimentos. Uma européia teria corado de vergonha à contemplação de tais cenas, mas as nossas belas, divertidas filhas de pescadores, parece que não achavam, apenas sentiam extraordinária cócega e grande prazer naquele folguedo reles. Naturalmente não tardou que nos sentíssemos em extremo entediados com a coisa, pois nenhum de nós se sentia tentado a tomar parte naquele divertimento imoral, naquele barbaresco dispêndio de esforços, além de que nos sentíamos muito fatigados da penosa cavalgada. Por isso pela madrugada nos estendemos sobre a grande cama de casal existente na sala do baile e sem embargo do barulho dormimos ainda alguns minutos bem descansadamente. Estava alto o sol quando nos despertaram para tomar café e o louco escândalo continuou até que fosse servido o almoço, que, como o jantar e a ceia, era constituído unicamente de peixe.

De como estes “inocentes filhos da natureza” têm cordial prazer de dar o pouco que possuem prova-o o fato de que depois de cada um de nós ter tomado a custo cinco xícaras de café, ainda nos obrigam a tomar mais outra. Verdade é que o café e o açúcar, a cachaça e o peixe, tudo eram artigos de que cada qual plantava ou colhia quanto necessitasse e que não lhe custasse dispêndio de dinheiro – coisa aqui inexistente – contudo a presteza com que ofereciam tudo quanto possuíam era segura da sua hospitalidade, traço essencial do caráter desses felizes praieiros.

Apesar da gentileza dessa boa gente não podíamos ocultar mutuamente que tínhamos saído da chuva para o aguaceiro, pelo que ardentemente almejávamos uma oportunidade de sair da sala sem sermos vistos e irmos embora. Mas perceberam nossos olhares, adivinharam nossos pensamentos.

Quase chorando o ultra-amável dono da casa nos pediu que pelo menos este dia ainda passássemos em sua humilde choupana, principalmente porque ainda não víamos seu velho pai, por quem afinal de contas tínhamos empreendido a viagem; toda a companhia secundou a sua súplica, lamentando que não tivessem podido obsequiar-nos com melhores comidas e bebidas; e diversos moços se ofereceram para ir imediatamente à povoação mais próxima, distante quatro léguas em busca do que desejássemos. Em resumo, para nos mostrarmos cristãos, como a desculpa de que o serviço reclamava nossa presença não merecia crédito, tivemos que tomar a heróica resolução de acompanhar a pagodeira até ao outro dia. Demais, tinham usado de um ardil, enquanto se discutia se ficaríamos ou não: tiraram nossos cavalos da estrebaria e levaram-nos para local que ignorávamos, de modo que ficamos sem meios para fugir secretamente.

Depois do almoço apareceu finalmente o muito esperado velho; vinha endomingado e em companhia de diversas raparigas enfeitadas festivamente e visivelmente ansiosas de amor. Recomeçou a bacanal e por mais que pretendêssemos novamente ser meros espectadores do mistério, fomos ostensivamente provocados pelas damas pescadoras, dentre elas algumas ondinas bem tentadoras, e mais não pudemos resistir a também tomar parte. Havíamos de parecer divertidos ao girarmos em uniforme imperial no meio das raparigas meio nuas, a imitar os movimentos e as gesticulações simiescas dos brasileiros; e por mais desajeitados que fôssemos nos diversos jeitos e trejeitos do corpo, parece que as suarentas brasileiras muito se agradavam de nós, pois quase todas ao mesmo tempo queriam dançar conosco. O espanhol tratava seu mandolim inválido com uma modelar resistência; a terra tornou-se mar e no turbilhão da ebriedade produzida pela cachaça as sereias do meio dos caniços subiam ao carro de coral a puxar para o fundo, ao voluptuoso leito, o ansioso cavaleiro.

Pelas onze horas o velho insistiu que o acompanhássemos à casa dele para lá tomarmos outro almoço. Sabíamos de antemão que consistiria de peixe e cachaça, e cachaça e peixe, mas de bom grado cedemos para pelo menos por algum tempo escaparmos ao calor sufocante, à nuvem de pó e de fumaça de cigarros que na acanhada sala produzia obscuridade egípcia. Mal de regresso desse almoço, já era posta a gigan-

tesca mesa para o jantar na casa do nosso anfitrião, onde novamente nos apresentaram talvez umas vinte variedades de peixes e moluscos, mas nenhum legume, e em vez de pão um pouco de farinha de mandioca. Não nos era possível comer coisa alguma, o que porém não atribuíam à grande quantidade que já comêramos, mas sim ao nosso delicado paladar, que, como diziam, estava mal habituado com lagarto e carne de rês. Os brasileiros em geral são muito comedores e depois de uma refeição mal gastam uma hora para digestão, para poderem recomeçar; o mesmo esperavam de nós e por isso sem cessar lastimavam que não pudessem melhor *regalar-nos* [sic].

Para horror nosso logo depois da mesa começou de novo a dança de S. Guido e às quatro em ponto outra vez a horrível festa da consumação.

Sob incessante comer, beber, palrar, namoriscar, tontura, enjôo e dança prosseguiu essa orgia transatlântica, até que no outro dia soou a hora da redenção. Grande parte dos convivas, tendo cozinhado a bebedeira com nova bebedeira, nos acompanharam boa meia légua, e especialmente entre o pessoal feminino notamos muitas que à despedida tinham os olhos escuros rasos d'água. Pobres ondinas!

Todos os homens nos prometeram que brevemente com suas filhas nos retribuiriam a visita e ainda nos gritaram um “*Deus guarde os senhores!*” [sic]; cravamos as esporas nos flancos dos cavalos e como relâmpagos desaparecemos atrás dos montes. Depois continuamos a princípio lentamente e calados, cada qual tinha bastante que refletir sobre o que acabara de passar; mas depois, de repente, como se tivéssemos combinado, explodimos em gargalhadas, cada um contando suas conversas com as damas pescadoras, em geral bastante ridículas, e só quando mais tarde avistamos de novo a residência dos ratos, pulgas e bichos-de-pé, dissipou-se o nosso bom humor, substituído pelo sentimento angustiante do tédio.

Os primeiros seres vivos que avistamos ao regressar à Armação foram alguns daqueles negros velhos que, como referi, em doce indolência aqui aguardavam o termo de sua existência outrora tão afanosa. Ao calor do sol do meio-dia penosamente se haviam arrastado para fora de seus ranchos para se exporem aos ardentes raios solares, onde pareciam sentir-se muito bem, ao passo que nós, alagados em

suor, nos apressávamos por alcançar quanto antes um lugarzinho fresco. Não é fácil que perca a cor o negro cabelo carapinha do preto, mesmo em idade avançada, mas entre os que aqui encontramos não havia um único a quem os anos não tivessem embranquecido os cabelos. Isso me chamou a atenção e por isso a alguns perguntei pela idade, mas davam respostas tão atrapalhadas que logo notei que nenhum o sabia; por exemplo, um deles, afirmava que tinha vinte anos, ao passo que outro visivelmente mais moço pretendia ter mais de cem. Para saber da verdade perguntei-lhe pelos nomes e me dirigi ao administrador, a pedir-lhe que verificasse nos registros de nascimento desses escravos em que ano teriam visto a luz do dia; e verificou-se que o rapaz dos vinte anos já tinha 104 verões, e não era o mais velho dos negros ali existentes. Nos registros não figurava nenhum que tivesse menos de 80 anos, pois todos os menos idosos ainda capazes de trabalhar, tinham sido removidos para outras propriedades imperiais.

Aqui encontro outra vez uma dupla cruzinha em meu diário e como *memento* [sic] desenhei abaixo dela uma cabeça de negro; isso significa que aqui é o ponto adequado para dar alguns esclarecimentos sobre as condições dos negros no Brasil, em geral, bem como especialmente sobre a escravidão, para corrigir muitas coisas que a respeito têm espalhado pessoas inscientes e certos “descredores de viagens feitas dentro de casa”.

A maior parte dos negros que continuam a ser introduzidos da África no Brasil, já em sua pátria eram escravos, ou por terem sido feitos prisioneiros em guerra ou por serem descendentes de prisioneiros. Tais homens podem, pois, considerar-se felizes quando aparece um comprador para eles, que os livre dos bárbaros tratos de seus irmãos negros, pois está demonstrado que o negro livre, tanto na África como no Brasil, trata a seu semelhante muito mais cruelmente do que é capaz de fazê-lo qualquer branco.

Selvageria e crueza inatas, total ausência de melhores sentimentos, bem como o receio de que o escravo possa ter a idéia de se equiparar ao seu senhor, que dele não se distingue pela cor, são as causas principais por que o negro livre exerce aquela revoltante tirania e dureza contra o negro seu escravo. E além disso não é raro que os chefes de certas pequenas tribos mandem matar seus prisioneiros de guerra, como

animal que não paga mais o que come, desde que não encontrem comprador para os coitados. E ainda aqueles nascidos livres e que não foram aprisionados em guerra, mesmo em sua pátria, são sempre escravos dos chefes tirânicos. O chefe de uma tribo ou de um bando arroga-se o direito de impor à sua gente tudo quanto bem lhe parecer. Negligente e preguiçoso como o negro é de natureza, o chefe não quer trabalhar, prefere andar vagando nu, quase sem necessidades, só para poupar o trabalho de fabricar a roupa, construir a cabana, tornar a vida agradável ou cômoda. Quanto menos se resolverá ele a cultivar o solo com o suor do rosto! De onde, porém, o negro há de tirar o necessário para severos impostos de seu chefe? Só um meio lhe resta: o pai apanha o filho, ou o filho ao pai; a mãe apanha a filha, ou o filho à irmã; em uma palavra, o mais forte apanha o mais fraco da família para pagar com ele os impostos. Tendo assim o chefe um certo número de escravos, imediatamente levanta acampamento do interior do país e se aproxima da costa, a oferecer a sua mercadoria em troca de toda espécie de bugigangas, como fitas, contas de vidro, facas, e especialmente aguardente e tabaco. Feita a transação, o bando se retira, cada um ganha alguma coisa das preciosidades barganhadas, distribuição que tanto os absorve que se conservam impassíveis a ver, com sinais exteriores de bestial embrutecimento, o embarque de seus parentes nos navios.

Uma fita de cor ou uma faca brilhante suscita muito mais o seu interesse do que a sorte de um irmão manietado ou da irmã chorosa. Chegados os negros à borda do navio de escravos, são esfregados com gordura, já para que se conservem de juntas flexíveis, já para prevenir a sarna, que é muito comum; em seguida cortam-lhes rente os cabelos e dá-se a cada um, um gorro vermelho ou azul, de lã, e uma tira grande de flanela para que se embrulhem em proteção contra o frio, que já é sensível para os filhos da África desde que se alcance os 14 ou 15 graus de latitude sul. Sua alimentação a bordo consiste principalmente de feijão, farinha e arroz, que recebem fartamente; todos os dias, em turmas de 20 a 30, são levados por algumas horas ao convés, para respirarem o ar fresco, assim como por meio de defumações e arejamento se trata de remover dos alojamentos os odores mal cheirosos dessa gente.

Já por aí se vê quanto é inexata a afirmação de certos escritores de que os negros são aglomerados como arenques em latas e que sofrem fome na viagem. Não falarei em humanidade, mas o próprio interesse comercial, a grande roda motora no caminho de vento da existência, força os negreiros a cuidarem de levar sua mercadoria ao mercado em bom estado de saúde e conservação; pois um negro robusto, sadio, dá 400 piastras, ao passo que um fraco ou adoentado não dá mais que 150 a 200.

Chegados ao porto do Rio de Janeiro, procede-se à contagem, pois o estado recebe pequena contribuição por cabeça; só depois são desembarcados para serem exibidos no mercado de escravos, na alfândega, onde logo se apresentam aos magotes os compradores avisados da chegada de nova mercadoria. É realmente horrível a impressão que se tem desses negros recém-chegados. Insensivelmente o europeu que nunca viu semelhante espetáculo fica em dúvida se serão mesmo seres humanos; o olhar parado, inexpressivo, assustado; os movimentos desengonçados, canhestros de seus membros; a boca aberta, pela qual raramente sai um som inarticulado; a invencível preguiça com que se levantam quando forçados pelo chicote; a tolice bestial indisfarçavelmente pintada em todas as suas expressões fisionômicas – tudo isso parece eloqüente atestado de sua ascendência bestial. Observando-se um macaco e abstraindo-se do seu farto pêlo, tem-se a tentação de considerá-lo homem, antes que ao negro que acaba de ser arrastado de sua longínqua pátria às magníficas plagas do Brasil.

Antes que o comprador feche o seu negócio, o preto tem que se levantar para que lhe sejam examinados os membros e com especial atenção o peito e as partes pudendas; se o dono aceita a oferta, logo se firma contrato legal para assegurar ao comprador a legítima posse do negro ou negra, bem como de seus filhos e filhos dos filhos. Então o escravo vai para a residência do novo dono, se este mora na capital, ou para o interior, se for o caso.

Às despedidas nesse ato nunca vi as cenas trágicas de que se têm feito fábulas; sem pensar, afastam-se do amigo, deixam os mais próximos parentes, e sem qualquer expressão de sentimento, sem lágrimas, sem desesperação, sem a mínima consciência de energia espiritual, acompanham o dono. Os que se destinam a ficar mesmo no Rio de

Janeiro podem alegrar-se de sorte muito melhor do que aqueles que vão longe para o interior do país, para as plantações. Os primeiros a princípio quase nada têm que fazer, pois o dono só se preocupa em que aprendam a língua portuguesa, o que em regra conseguem depressa, porque o seu intelecto preguiçoso, mas de boa memória, inábil para refletir, em breve só se vota a essa coisa única, aprender aquele idioma; ao mesmo tempo durante essa aprendizagem cuida-se de tirar-lhes os movimentos e gestos de animais selvagens e ensinar-lhes outros mais humanos.

Uma vez no ponto de poderem de algum modo fazer-se entender, ou vão de aprendizes para alguma oficina, ou são empregados como ganhadores na rua, em carretos de cargas, como sacos de café, latas d'água, móveis, cujo produto no fim do dia entregam ao dono. É verdade que muitas vezes os pretos não fazem entrega do dinheiro todo e então recebem bárbaros castigos, mas é preciso não esquecer que quase sempre a culpa é mesma deles, que em vez de trabalharem diligentemente ainda gastam o pouco que ganham bebendo nas vendas, e só recorrem à mentira dizendo que não tiveram fregueses para ganhar alguns vinténs, para ver se escapam ao conhecido chicote do dono. Mas aqueles que fazem a sua tarefa e se comportam bem, geralmente recebem tratamento brando, tanto que raramente nutrem o desejo de tornar à pátria.

A melhor sorte é sem dúvida a daqueles escravos que são criados ou cocheiros dos negociantes estrangeiros, mas estes são geralmente os crioulos, isto é, negros já nascidos no Brasil. São geralmente preferidos para tais serviços, porque possuem mais inteligência e destreza, assim como as suas caras não são recortadas de todos os jeitos, como as dos africanos natos.

Má sorte é a dos negros que vão para as fazendas do interior. Embora de constituição mais forte, mais robusta, o *negro novo* [sic] tem menos vontade de trabalhar do que o crioulo, mais fraco, e só o relho o mantém em atividade e diligência; palavras, boas ou más, nenhum efeito produzem nele. Nas grandes plantações, debaixo da rigorosa inspeção de um *apataz* [sic], muitas vezes também negro, que não raro os trata com exagerada dureza e rigor, os escravos se sentem muitas vezes altamente infelizes e ousam fugir para a floresta próxima, levados pela esperança vã de poderem aí viver como homens livres como dantes em dias

melhores. Mas muito depressa lhes cai a venda dos olhos, verificam a impossibilidade de viverem na selva; falta de alimentos, os índios e as onças os forçam a se reaproximarem da morada dos brancos e então geralmente não tarda que um *capitão-do-mato* [siq]* os apanhem e reconduzam a seus senhores, que então os castigam duramente, tanto mais que têm que pagar 8.000 Rs. por negro apanhado. Se porém, antes de apanhado, o negro se dirige a um branco a pedir proteção e defesa, em geral, o brasileiro não o castiga, apenas o ameaça de punição tanto mais dura caso reincida. Semelhante costume tem isso de bom, que evita o suicídio ou outra loucura do negro apanhado que não trepidaria em expor sua vida ante o bárbaro castigo com que o recebesse o senhor a que fosse reconduzido. Assim abre-se-lhe o caminho de escapar à surra e de reparar o erro. Aliás, em geral sendo a primeira vez que ele tenta ganhar a liberdade, a surra é leve, mas em reincidência sua sorte é terrível; pois não é só a formidável surra, mas ainda para cortar possibilidade de nova fuga, o dono manda prender-lhe ao pescoço uma argola de ferro, de cerca de dois dedos de grossura, na qual está presa uma cruz também de ferro que sobressai acima da cabeça do martirizado, forjadura horrível que não só o expõe ao menosprezo dos outros, como não lhe permite o devido repouso noturno, pois a cada movimento lhe causa dolorosa pressão. Mais detestáveis que esse castigo são as máscaras de folha de ferro que muitas vezes aplicam, com cadeado, aos negros que se embriagam ou que têm o mau costume de comer terra.

É aliás curioso que um homem possa ter gosto por semelhante comida contrária à natureza, mas tudo no mundo é questão de gosto, e os negros costumam comer terra vermelha gorda, com o mesmo prazer com que um glutão come petiscos. Até crianças de 2 a 3 anos revelam esse mau costume, que mais tarde custam a deixar. A conseqüência natural desse gosto bestial são constipações de ventre incuráveis, e endurecimento do baixo ventre, que muitas vezes acarretam a morte em pouco tempo; como os donos dos escravos não querem perdê-los, pois que lhes custaram dinheiro, e a pancada nada adianta, usam as tais máscaras, que são providas de comprido nariz, que vai até ao queixo, e não permite ao mascarado levar nada à boca. O aspecto de semelhante

* Gente que se emprega exclusivamente na captura de escravos fugidos.

“homem da máscara de ferro” tem algo de horrível e repugnante, mas ainda mais asqueroso é que às vezes se encontram nas ruas da cidade negras assim mascaradas. Por esse meio alcança-se sem dúvida o fim visado, mas a meu ver é diabólica essa invenção, pois basta lembrar, dos diversos males decorrentes, o suplício do infeliz com o ardente calor brasileiro a não poder respirar ar livre.

Outro vício de quase todos os negros é a propensão para furtar. Parece que não têm a noção de honestidade e direito. Para corrigir esse mais vergonhoso de todos os vícios, os brasileiros usam da sua panacéia, o chicote. Os estrangeiros, por um falso sentimento de compaixão, costumam dar aos domingos algum dinheiro aos seus escravos pensando que com o gozo que lhes proporcionam os desviam da tentação de furtar. A este propósito verifica-se que os naturais do país sabem muito melhor que os estrangeiros julgar acertadamente e tratar inteligentemente os seus negros, pois justamente os escravos dos estrangeiros têm fama de serem os maiores ladrões e patifes de todo o Império.

O pouco que os seus senhores lhes dão não desperta gratidão em seus corações, só o desejo de obterem mais, e como não consideram crime a apropriação indébita, só vergonha deixar-se apanhar, é inevitável que aproveitem toda oportunidade em que haja o que roubar ou furtar. O brasileiro nisso procede mais inteligentemente; nunca dá dinheiro a seu escravo, mas lhe dá aos domingos e feriados um pedaço de fumo, um pouco de rapé e talvez um copo de cachaça; desta maneira os negros aprendem menos a dar valor ao dinheiro e por isso não tratam sofregamente de arranjá-lo.

Nos dias de festa também lhes é permitido de se entregarem livremente a seus folguedos. Costumam então reunir-se em lugares a isso destinados, perto das cidades, para esquecerem com a música e a dança as penas e tristezas da semana. Os instrumentos musicais de que aí se servem são em regra extremamente simples, o que não impede que toquem alguns deles com grande perícia. O mais importante deles consiste numa meia cabeça ou porongo, com hastezinhas de ferro, o qual de todos é o que soa mais agradavelmente. Também usam uma corda de tripa esticada sobre um arco, bem como tocam com as mãos toda espécie de tambor. Não se pode esperar grande harmonia de semelhante instru-

mental, mas os negros com ele sentem-se bem felizes pois durante essas horas têm a ilusão de serem independentes e livres. Já as suas danças, como tivemos ocasião de referir, não merecem louvor, pois mais têm que ver com os faunos do que com Terpsícore.

A alimentação habitual dos escravos na capital consiste em farinha de mandioca, feijão, arroz, toucinho e bananas; no interior do país, mormente nas casas mais pobres, às vezes têm que se contentar durante meses com laranja e farinha. Não se acreditaria que com semelhante alimento pudesse um homem conservar sua força e saúde, mormente tendo trabalho pesado, entretanto esses negros são tão fortes e sadios como se tivessem a melhor alimentação. Por aí se vê como o africano exige pouco para sua manutenção, pois um alemão, ou de um modo geral um europeu, alimentado exclusivamente a laranja e farinha, dificilmente atingiria idade avançada, com saúde, como acontece com os negros no Brasil. Tão simples quanto a alimentação, também é o vestuário dos escravos. Camisa grosseira de algodão, calças do mesmo pano, presas na cintura por meio de um cinto de couro ou um pano, chapéu de palha de aba larga, que os protege dos picantes raios solares, tal é o vestuário todo de um homem. Com grande calor também são vistos sem qualquer peça de roupa, unicamente com uma tanga, nem sempre. As mulheres usam geralmente uma camisa de algodão, sem mangas, arrepanhada por um cinto, e um pano de cor que enrolam artisticamente à cabeça, como um turbante. Mas as escravas que os senhores mandam à rua para vender água, doces ou frutas, levam em regra vestidos de chita, muito limpos, enfeitados com fitas na cintura e às vezes com lenços de seda ao pescoço. Por mais que eu tivesse ocasião de achar os brasileiros tolos, contudo nesse traço revela-se o seu espírito comercial; pois qualquer um há de preferir comprar a uma pessoa corretamente vestida, mormente tratando-se de comestíveis, do que a uma mulher suja, pois que espontaneamente pelo asseio da roupa se deduz o da mercadoria. As crianças até aos 5 ou 6 anos andam inteiramente nuas.

A raça dos negros trazidos da África para o Brasil é variada e isso deve contribuir muito para o fato de que não obstante a grande superioridade numérica dos negros nunca se ouviu falar de uma sublevação geral contra os brancos. Sobretudo nas grandes fazendas, onde às vezes a proporção é de 50 para um, poder-se-ia temer semelhante suble-

vação; se, porém, aí alguma vez suceder que alguns escravos combinem de insubordinar-se contra o capataz, ou quem sabe contra o dono, este pode contar certo que todos os pretos de outra procedência se aliarão a ele contra os desordeiros e contra estes lutarão com fúria e encarniçamento por onde claramente se vê que a inimizade não nasceu na nova pátria, mas os acompanhou como um demônio de ódio hereditário através do oceano e aqui somente subsiste.

A maior parte dos escravos importados da África são da Angola, da costa do Congo, de Moçambique, Cabinda e Benguela. Entre todos o negro do Congo é o maior, mais bonito e mais musculoso mas também é o mais perigoso para seu senhor, por causa do seu temperamento ardoroso e um sentimento de liberdade nunca de todo sufocado. Sua cor é mais clara que a da maioria dos outros negros, quase cúprea; seu caminhar e sua postura têm certa nobreza, seu olhar é franco e aberto, dir-se-ia altivo. O negro de Moçambique é o mais feio. É de corpo pequeno, atarracado e forte; sua cabeça ordinariamente implantada quase no peito, é muito grande em proporção com o corpo; seu olhar agudo busca sempre arredio o chão, seus movimentos são desajeitados, seu andar é lento e desengonçado; do homem todo transluz a personificada estupidez. Suporta com estoicismo pancadas e maus-tratos, as mais pavorosas surras raramente lhe arrancam um som de dor.

O preto livre distingue-se em seu traje por usar calçado nos pés, ao passo que o escravo anda descalço. Aquele geralmente deve sua liberdade ao nascimento ou ao testamento do senhor falecido; alguns poucos conseguem comprar sua alforria. Se um preto durante a vida de seu *dono* [*sic*] sempre se portou bem, ou se lhe prestou serviços relevantes, não é raro que este em seu testamento lhe conceda alforria, contra o que a família do morto nada pode objetar. Ele pode então alugar-se como criado, ou se tem profissão trabalhar na mesma; mas em geral por pouca coisa ele fica na casa, na qual adquiriu a liberdade e continua a servir quase como dantes, quando escravo, aos filhos de seu ex-senhor. Sei até de um negro, a quem o dono agradecido pretendia dar a liberdade e que recusou esse dom e de joelhos implorou que o deixasse na situação atual pois não saberia como ganhar o pão fora da casa de seu dono.

Desde que um escravo esteja em condições de entregar determinada soma arbitrada para sua alforria, o dono é obrigado a conce-

der-lha. É caso aliás extremamente raro, pois raras são as casas em que os escravos têm como poupar dinheiro, além de que certos donos são bastante bárbaros para tomarem ao escravo os dinheiros que tenha ajuntado, desde que descubram que depois de muitos anos de trabalho tenham economizado umas 30 ou 40 piastras. As leis não vedam semelhante crueldade, pois o escravo, ele próprio propriedade alheia, não pode ter propriedade. Uma escrava que tenha dado sete filhos a seu senhor também deve ser liberta, mas ainda aí sucedem muitas injustiças, pois vendem imediatamente a negra que pela sétima vez fica pejada.

Por um tratado com a Inglaterra foi rigorosamente proibida a entrada de escravos no Brasil desde 1830 mas continuam a chegar navios carregados apenas com a diferença de que agora têm de ser contrabandados, não podem como dantes entrar abertamente nos portos. E a costa brasileira rica de enseadas oferece suficientemente ancoradouros para os navios negreiros. Desembarcam em seguida os negros e os escondem na floresta virgem, aonde vão ter as pressas os compradores para aí fazerem o tráfico, a coberto das vistas das autoridades. Os ingleses asseveram que só *humanity* [*sic*] os determinara a impor tão duro tratado ao Brasil; mas o seu modo de proceder com relação aos escravos está em forte contraste com esse atrevido asserto, de modo que se tem todo o direito de suspeitar que fosse somente o interesse deles e não qualquer sentimento nobre o móvel para se oporem ao tráfico negro: pois se fosse a magnanimidade a causa de seus passos deveriam dar liberdade aos negros que apanhassem a bordo dos piratas brasileiros em alto-mar; e não é o que fazem. Constantemente navios de guerra ingleses cruzam as costas da África e do Brasil e as águas entre as duas regiões à caça de navios que transportem negros e não é raro que com seus rápidos veleiros apanhem tais caças. Imediatamente o capitão é rigorosamente preso a bordo do navio inglês, seu barco é rebocado e levado para qualquer porto brasileiro, onde com toda a carga é vendido para o governo inglês. Nisso ainda não está a injustiça, pois todo contrato deve ser sagrado para qualquer indivíduo, quanto mais para um monarca; mas sob a alegação que a manutenção dos muitos navios, de vigilância que cruzam para impedir o tráfico de escravos custa anualmente enorme despesa ao estado, também os pobres negros são publicamente postos

em leilão. Isso é nobre? é humano? é esse o orgulho nacional inglês? Se assim é, muito me alegro de não ser um desses insolentes insulanos.¹³⁴

Verdade é que para disfarçar essa vergonha com a aparência de plausibilidade, a venda de tais negros se faz sob a condição de serem libertos ao cabo de sete anos de prestação de serviços mas, como pode o pobre negro suspeitar que exista uma lei redentora que depois de certo prazo de sofrimento lhe garanta a recuperação do seu precioso bem, quando ele é arrancado de sua terra para outra desconhecida, da qual não conhece a língua, nem os usos e os costumes, e talvez esteja internado de centenas de léguas?

Pois se às vezes nem sabe quando começa ou acaba um ano, não sabe se o seu vendedor é inglês ou turco ou português; só sabe que tem que obedecer, se não quiser arcar o lombo sob os terríveis açoites do relho. E se alguma alma caridosa lhe revelasse o agradável segredo, onde o juiz que lhe daria amparo e garantia contra a barbaridade de seu senhor? Este preferiria fazer açoitar o escravo até ficar morto, a ser forçado a desistir de sua propriedade adquirida a dinheiro. A suspensão total do escravagismo e do tráfico seria a maior perturbação ao direito privado que garante a todo o homem a posse da propriedade legitimamente adquirida; só os séculos vindouros poderão pouco a pouco modificar esse estado de coisas.

NOTAS AO CAPÍTULO XIV

134 N. do T. – Ainda um trocadilho.

de caniço de uma gaivota, com seus ovos salpicados esparramados; nisso emudeceu subitamente a alegria da tropa: todos os olhares se alongaram para a plaga amiga à procura do templo ou do cofre do ímã que tão irresistivelmente atraía, no caos da cidade, ou em alguma das casas de campo romanticamente situadas na encosta dos montes ousadamente superpostos. Com certeza raramente teríamos arregalado a nossa íris com tanta energia em verdadeira tulipa despertada; com certeza raramente teríamos pensado menos em fome e sede; infatigavelmente, a passos rápidos, continuávamos na praia arenosa, à espera dos botes que finalmente nos transporiam ao almejado Eldorado.

Jubilosos, os moradores receberam os velhos conhecidos hóspedes; panos brancos, fitas vermelhas, guirlandas verdes, a balouçar, e atrás das gelosias meio abertas, olhos negros brejeiros faiscavam amavelmente sobre nós; mal tornados aos antigos quartéis, escovadas às pressas as roupas empoeiradas, logo o batalhão inteiro se espalhou pela cidade e arredores, como enxame de abelhas a zumbir.

Quem não já sentiu em sua vida esse prazer de tornar a ver, seja para com um amigo, ou parente, seja para com a amada? quem não sabe o gozo que dá a volta, quando um dia a separação foi dura? Muitos de nós, que talvez até então só timidamente se aproximavam do objeto da sua amorosa saudade, agora abriram as barreiras da confidência; rompeu-se o embaraço, a surpresa, a alegria, um expressivo olhar ansioso, um beijo elétrico, umedecido de lágrimas delatavam eloqüentemente o coração conquistado.

É agradável a recordação dos dias felizes, de bom grado reinvoico ao espírito as horas agradavelmente vividas, que cortaram como um fulgurante relâmpago o período de dez anos cheios, período escuro, inação de mil perigos, infinitas penas e privações. Faz bem ao coração febricitante semelhante recordação; todo sentimento desagradável do passado e do presente mergulha no silencioso Lete das transformações terrestres pois também o Orco tem seus guardas que se deixam peitar com moedas de prata. Muito parcamente o fado medira para mim e para quase todos os meus patrícios no Brasil as horas felizes e por isso se me gravaram para sempre na memória, e sempre pairam diante de minh'alma.

Só quem longe de sua pátria, de sua família e dos seus conhecimentos outrora felizes, levianamente abandonados, longe dos amigos

de sua juventude, encontrou gente nobre, que fez por lhe substituir pelo seu bem-querer esses bens perdidos, só este pode compreender os sentimentos que me enchem o peito ao escrever estas linhas.

Célere mais do que desejara, escoavam-se dias. De repente a crisálida, tornara-se borboleta, Saturno tornara-se Apolo e como não há nada perfeito sobre a Terra também aqui não tardou que nuvens escuras viessem toldar o céu rosado de minha alegria. Peço ao leitor que me desculpe esse amontoado de metáforas; usam-nas os clássicos e eu também antes de minha emigração freqüentei uma classe alemã, conheço a vida das classes para que não saiba com bom direito contar-me entre os clássicos.

Ao já citado Comandante do nosso batalhão, Dom Luís Manuel de Jesus, esgotara-se desde muito a paciência, à procura de motivo suficiente para forjar de novo, como dantes, toda a espécie de intrigas e cabalas contra mim. Seus planos anteriores sempre haviam falhado, tinha sofrido decepções públicas por causa de malogro de suas pretensões, o que, naturalmente não me podia perdoar o vingativo lusitano. Quis o acaso que ele agora achasse ocasião azada para pôr em obra todas as maquinações contra mim, e o seu ódio não a deixou escapar, podendo picar-me pelas costas com o seu ferrão venenoso, como um escorpião.

Estava eu de guarda na caserna, onde então aquartelavam o 8º, o 14º e o 27º Batalhão de Caçadores. Achavam-se comigo alguns conhecidos, entre eles ambos os oficiais de ronda; como de costume, falava-se e bebia-se; eis que rebenta na rua uma confusa gritaria de muitas vozes, dominada claramente pelas palavras *assassino* e *fucadas* [sic]. Precipitei-me porta afora e com espanto deparei com um soldado do 14º, baiano, que armado de uma faca ensangüentada apressado se recolhia à sua caserna próxima; energicamente lhe segui ao encalço, mas a sua dianteira era grande demais, e não pude alcançá-lo; e lesto ele se mesclou entre os seus conterrâneos que logo acudiram, nenhum dos quais, apesar de ameaças, quis denunciá-lo. Feita uma sindicância, sem resultado, regressamos ao corpo da guarda; mas apenas chegados ouvimos de novo, ao longe, a mesma gritaria. Como atraídos por uma batida de vara encantada toda a rua formigava de soldados; baionetas e sabres reluziam ao luar, e do meio dessa massa humana avançava um mulato alto, refor-

çado, também baiano, qual leão bramante, derrubando com a sua força hercúlea quem quer que lhe barrasse o caminho.

Posta em forma às pressas a minha guarda, os dois oficiais de ronda haviam avançado e de espada desembainhada procuravam deter o furibundo em sua corrida homicida; mas em pouco vi um deles voar com tal violência contra a parede, que caiu quase sem sentidos. Era de extrema urgência intervir resolutamente; de espada na mão lancei-me contra o atrevido assassino, o qual sem importar-se com a minha arma avançou sobre mim com a sua pontuda faca; o dever e o instinto de conservação da vida não me deixaram optar – vibrei de rijo a espada sobre o meu louco adversário. Já ele sangrava em borbotões de três profundos ferimentos; a cada golpe o baiano recuava cambaleante, sempre tentando com os maiores impropérios atravessar com a sua faca em forma de punhal, até que tive a sorte de atingi-lo no pescoço, de tal maneira que caiu ao chão, largando a faca e gemendo por perdão.

Foi recolhido preso ao hospital e eu voltei à guarda com a consciência tranqüila, certo de ter feito nada mais que o meu dever.

Todos que sabiam como se haviam passado as coisas davam-me toda a razão e também, segundo parece, não houve sindicância a respeito; só o meu comandante de batalhão, traíçoeiro, que aí enxergou boa ocasião para dar curso ao seu desejo de vingança, achou de censurar a minha conduta e por isso recorreu a toda a maldade e astúcia para induzir o general a submeter-me secretamente a conselho de guerra. E o general, fraco e adoentado, deu ouvidos aos seus cochichos. Sem que eu tivesse sabido de nada, sem que tivesse havido acusação pública nem eu tivesse sido inquirido, um dia, pelo menos seis semanas depois da ocorrência, fui cientificado por “ordem superior” de que eu fora condenado a quinze dias de prisão na guarda principal. Defesa escrita, pedido verbal para responder a conselho de guerra, minhas queixas amargas e ponderações nada foi atendido: com justiça ou sem ela tive que sofrer a pena.

É fenômeno singular, mas real, que todo sofredor acha cruel consolação em seus companheiros de infortúnio; em todo peito humano que resignadamente nutre esperança abriga-se a velha sentença jesuítica *commune naufragium dulce* [sic]. Assim também se passou comigo naquele triste encarceramento; pois na mesma “câmara de dor” penava um outro, um oficial do 27^a Batalhão de Caçadores, havia mais de ano, a quem

a longa reclusão e os maus-tratos haviam produzido silenciosa loucura, e sem ter logrado saber o verdadeiro motivo da sua prisão. O comandante, o mesmo jesuítico Jesus, tinha dado como pretexto de sua prisão que ele aliciava os soldados à revolta, pretexto que todo aquele que conhecesse o temperamento ordeiro desse homem, às vezes fleumático demais, logo desmascarava como inventado, falso. Todos os esforços de seus amigos, todos os pedidos de processo regular, coisa que se não pode recusar ao mais bárbaro criminoso, ficaram ano e meio sem ser atendidos; suas queixas e ponderações escritas eram, pelo general, encaminhadas ao comandante e este sempre sabia sair-se com toda espécie de invenções e caluniar de tal maneira o pobre preso, que o governo indeferia os seus requerimentos de processo regular e a coisa ficava como estava.

Só muito tempo depois de eu estar solto é que fizeram uma investigação formal a respeito do meu companheiro de sofrimento; o conselho de guerra absolveu inteiramente o oficial acabrunhado de pesar e de privações, mas deixou o merecido castigo do tirânico major ao critério do general, que sempre cabeceava como um pagode hindu, e este lhe impôs uma leve repreensão em particular, pois Sua Excelência mesmo desempenhara nesse *vaudeville* com cantos populares o papel de intrigante.

Essa minha prisão, bem como a permanente hostilidade que me testemunhara o meu odiado comandante de batalhão, com suas mil intrigas e chicanas infames, determinaram-me a pedir urgente transferência para o Rio de Janeiro e a obtive no fim de poucos meses. Uma fiel descrição do caráter do Sr. Major Luís Manuel de Jesus, que avisadamente acrescentei ao meu requerimento, sem poupá-lo, deve ter contribuído para que desta vez não se procedesse com a habitual proteção e desse ouvidos às instantes ponderações do Sr. Von Wertheim, a esse tempo ajudante do ministro da Guerra, despachando favorável o meu pedido.

Desde logo, quando expedi para a capital do Império a minha súplica, obra-prima de insolência e de atrevimento, esperei resultado favorável e por isso aguardava a todas as horas, meio assustado meio contente, a ordem ministerial, que me arrancaria das mais agradáveis relações de família e do lugar que se me tornara o mais caro de todo o

Brasil; e nisso mesmo eu encontrava o maior motivo para aproveitar o melhor possível do pouco tempo de que ainda disporia.

Por causa da numerosa tropa aqui concentrada, o serviço era insignificante; às vezes podíamos passar a semana inteira de folga pela cidade e arredores. As encantadoras excursões que a toda parte se podiam fazer nessa ilha ubérrima, me seduziam com tamanha magia que não raro eu trepava aos mais altos picos para contemplar com o olhar sonhador e os mais felizes sentimentos a paisagem estendida a meus pés. Os inúmeros montes e vales, centenas de filetes d'água a cascadear morro abaixo, o eterno verde, escuro, das laranjeiras e limoeiros, das árvores sussurrantes da floresta e das densas enredanças, a bonita cidadezinha, asseada, com o espelho de seu porto, onde sempre havia inúmeros navios ancorados, grandes e pequenos, cujas bandeirolas drapejavam ao vento, a fortaleza de S. Cruz, cercada de água, a elevada cadeia da Serra Geral, no continente, e finalmente o intérmino oceano — tudo isso proporciona uma vista que não pode ser reproduzida por panorama algum nem por nenhum Horácio Vernet.

Como é de supor, nessas excursões às vezes travamos interessantes relações nas casas de campo, para o que dava o pretexto inicial o costume brasileiro, tão louvável, segundo o qual todo viajante tem a liberdade de pedir em qualquer choupana, casa ou palácio o necessário fogo e um copo com água; e semelhante privilégio muito aumentava o atrativo de nossos passeios. As jovens, que aqui não são tão retraídas e tímidas como em muitos outros pontos do Império, ainda melhoravam o refrigério porque geralmente vinham elas, de mão suave e rosto risinho, trazer a água ao sedento. Muitas vezes então nos convidavam para entrar na casa e nunca notei, como no Rio de Janeiro, que ao entrar o estranho, as senhoras ou moças fugissem; ao contrário, justamente então todo o pessoal feminino aparecia nos melhores trajes e procurava por meio de palestra à vontade, alegre e às vezes espirituosa, distrair da melhor maneira possível o hóspede.

Às amáveis cidadãs da cidade do Desterro era especialmente agradável falar da Europa; com a mais viva atenção ficava toda família suspensa aos lábios do narrador de fábulas, indagava de mil pequenas particularidades pelas mulheres alemãs, pelo amor na Alemanha, pela moda alemã, pela fidelidade alemã; e ficava descontente quando depois

de algumas horas o narrador pretendia ir-se embora, pelo menos não o deixavam sair sem que promettesse para breve a repetição da visita. De cada vez crescia a confiante amizade dessas livres filhas da natureza, de modo que, em pouco tempo, nos sentíamos tão íntimos, tão confortados no círculo dessa boa gente, como se fosse nossa família; eis que em breve eu deveria romper esses laços, de tão bom grado alimentados, sem desconfiança e sem segundas intenções, e voltar ao meio dos mulatos do Rio de Janeiro. Troca horrível, da qual só me consolava, pensando no patife meu comandante.

Além dessas palestras agradáveis também nos entregávamos à caça, que sobretudo no continente dava farta presa. Encontravam-se veados, tatus, duas espécies muito diferentes de faisões, o tapir às vezes pesando 400 a 500 libras, e mais para o interior da floresta sobretudo muitos porcos do mato, muito saborosos. A caça é um régio prazer e todo caçador sonha que é rei do mundo; no Brasil era sempre meu grande prazer, às vezes com perigo, mas nunca sofreu desgraça. Os brasileiros têm sua superstição, mas não uma mitologia sistematizada; por isso muito estranhávamos que nos advertissem de penetrarmos muito na mata, porque, segundo convencidamente nos afirmavam, com isso expúnhamos a vida. Tratei de saber qual era o perigo e vim a saber dos moradores do continente que na mata vivia um animal semelhante a centauro, de tamanho gigantesco, com a parte inferior do corpo de animal e a parte superior de homem. Esse ser imitava a voz humana e por meio de sons que pareciam de uma virgem violentada atraía o incauto caçador para a maior espessura da mata, para então zombar dele e assustá-lo, enriquecê-lo ou atacá-lo, matá-lo e devorá-lo. Em resumo, reprodução canibalesca da lenda alemã do “espírito dos montes”. Como, porém, os romancistas notassem que durante a sua narração eu fazia uma cara de incredulidade e ainda manifestei o desejo sacrílego de um dia com uma espingarda de dois canos deparar com semelhante monstro, todos logo citaram todos os santos do calendário e juraram pela salvação da sua alma que já diversas vezes haviam visto com seus próprios olhos o horroroso monstro.

O brasileiro em tais ocasiões não costuma jurar falso, e mesmo ainda invoca o nome dos santos protetores, se não estiver na sua obsessão firmemente convicto da veracidade de sua afirmação. Alguma

coisa, pois, deve existir no fundo da lenda e se o medonho espectro visto por essa gente deve ser da mitologia e não da história natural, é pelo menos verossímil que nessa região exista uma espécie extraordinariamente grande de papiões,¹³⁵ que com as suas venetas sanguissedentas e amorosas são de temer e de se lhes fugir. Susto repentino, espanto e medo terão criado na imaginação perturbada dessa gente o mito que descrevi. Nenhum autêntico narrador de viagens menciona que na província de S. Catarina existiam macacos maiores que nas demais províncias do Brasil, mas isso se explica pela raridade de tais animais e por saberem com a maior esperteza escapar aos olhos dos homens; além disso, a elevada Serra Geral, com suas espessas matas virgens, pode ainda conter muitos seres que pouco ou nada conhecemos, e dos quais talvez dentro de muitos anos teremos notícia exata ou mesmo poderemos ver algum exemplar.

O nosso serviço, como referi, nos permitia essas excursões, pois a não ser o comando de duas guardas de oficial quase nada tínhamos a fazer. Uma dessas guardas era do quartel, a outra no palácio onde residia o presidente da província, e a par desta última ficava o presídio onde se recolhiam os soldados presos por motivo de crimes graves.

Senti um arrepio de horror quando pela primeira vez me tocou o comando dessa guarda e o meu antecessor forneceu-me a relação nominal dos presos, cerca de 50 a 60, com a descrição circunstanciada de seus crimes.

Encabeçava a lista desse bando sinistro de encarcerados, como digno chefe, um soldado da milícia culpado de fratricídio, roubo de igreja e deserção em tempo de guerra; seguia-se uma coluna de uns vinte, todos com a nota marginal comum de *assassino* [*sic*]; deserção em tempo de guerra era o mais inocente dos crimes ali representados naquela “lista negra”, onde era assinalada com uma simples cruzinha vermelha.

E como sobre semelhante crime também paira a bala, dever-se-ia de preferência, a querer cumprir a letra da lei, colocar toda essa hecatombe de criaturas do Diabo merecidamente diante de um batalhão de armas bem carregada e fuzilar a todos de uma vez. Mas no Brasil partia-se do velho princípio da quadratura lógica do círculo, levemente pintado das ilusões de que eram necessários os homens, e como os

mortos não poderiam ser ressuscitados nem reincorporados ao serviço militar, se houvesse estrita aplicação da merecida pena legal a todos os assassinos – pelo menos era o parecer dos juízes – perder-se-ia um em cada dois homens e com essa complicada regra-de-três os boletins apresentariam saldo negativo e o poder militar do Império sofreria em breve sensíveis fraturas, seria dizimado pela tábua de logarítimos. Por isso também nenhum desses criminosos graves foi punido a bala – que certamente cabia nessa fórmula matemática legal – nem ao menos foi condenado a prisão perpétua. Os desertores livravam-se com um bom número de chibatadas¹³⁶ e os assassinos, mesmo o fraticida, conforme se defendessem mais ou menos bem, escapavam com 2 a 10 anos de carrinho. Em toda a parte na História do Brasil, como da Alemanha, há buracos; mas lá é uma batina rota, aqui um fraque inglês de mendigo, esfarrapado mas remendado.

Entre os presos confiados à minha guarda havia dois alemães, que em consequência de violenta rixa, com muitas facadas e pancadas, tinham assassinado o dono de uma venda isolada. Certamente que isso é sempre crime horrível, inexpriável, mas é antes de desculpar do que o de qualquer dos outros presos; pois esses dois homens, defensores do Império, haviam sido provocados pela brutalidade do vendeiro, natural da Cisplatina e inimigo jurado do Império, quiçá espião dos republicanos; e haviam atacado o adversário de frente, não haviam à brasileira, ao abrigo da meia escuridão noturna, atrás de qualquer esquina de rua, enfiado a faca na vítima. Um desses infelizes, sargento não moço, expiou o seu erro no cárcere, sem que fosse mister juiz algum sentenciá-lo. À hora da comida teve violenta disputa por algum motivo fútil com um entroncado mulato que já tinha Deus sabe quantas mortes na consciência. O mulato, mais exasperado pela longa reclusão, salta pela mesa com as mais descabeladas descomposturas, que o sargento, querendo fazer valer sua superioridade hierárquica, embora preso, lhe retribui em dobro e triplo. De repente atinge ao seu auge a fúria desse bastardo de europeu e negro, arranca desesperado do peito uma faca curta de dois gumes e antes que o alemão pudesse por um salto para o lado escapar ao perigo, crava-lhe a faca na barriga, logo abaixo das costelas, fazendo incontinenti cair o infeliz, que sob as mais cruciantes dores daí a pouco expirava.

O oficial da guarda, patricio do assassinado, precipitou-se logo depois desse trágico acontecimento para a prisão, desarmou à força o bandido, que conservava agora todo o sangue-frio; e como soubesse muito bem que com o grande número de crimes do mulato, a sua pena por causa dessa nova morte não poderia ser sensivelmente agravada, o surrou com a espada de tal maneira que o bandido durante semanas não pôde mexer-se.

Semelhantes cenas são muito comuns neste país, onde a vida de um homem é menos considerada que na Alemanha a de um cão; sobretudo os moradores das províncias setentrionais do Brasil, mais mesclados de negros que as meridionais, adquiriram uma perícia na profissão de bandidos, com a qual deixaram longe quaisquer outras nações. Insignificante troca de palavras, leve ofensa, ciúme às vezes até infundado, conseqüências insensatas do espírito de casta e de ódio nacional, são para essa gente motivo bastante para assassinar mesmo a quem até então era amigo, apenas porque no momento dissente da supersticiosa religião; não obstante o juiz não ousa pronunciar sentença de morte contra semelhante assassino, mas não trepidará em incumbir a um negro ou mulato que com uma boa facada remova um seu inimigo para a eternidade.

Na cidade do Desterro não era difícil, atrás dos espessos, fortes muros e das portas bem fechadas e valentes grades de ferro, tolher toda a possibilidade de fuga aos bandidos encarcerados; mas em marcha, mormente durante a noite, não era fácil manter os presos, tanto que apesar do maior cuidado, incessante vigilância, e se bem que os presos aglomerados tivessem que marchar cercados de guardas bem armados, sucedia que um ou outro lograva escapulir. Como se o quartel-mestre-geral quisesse facilitar a fuga, era muitas vezes escolhido um lugar bem perto do mato para acampamento da guarda com os presos. Estes convencionavam que a um sinal todos ao mesmo tempo se levantariam e disparariam aos quatro pontos cardeais; era impossível que as sentinelas prendessem a todos ou atirassem contra todos, de modo que, se capturavam ou matavam alguns, a maioria escapava. Sobretudo perto da fronteira inimiga ficava salvo todo aquele que alcançasse o mato e então em geral os subordinados tinham que pagar pela culpa dos superiores. Se, em vez de colocar tal guarda afastada do exército e perto do mato, ela fosse postada no

meio do exército, sem dúvida os presos teriam muito menos facilidade de fugir do que com aquela solução leviana e insensata.

Em todas essas desordens cabe também a culpa à conhecida preguiça e negligência brasileira; pois o senhor general-quartel-mestre, demasiado escravo dos apetites sensuais e da comodidade animalar, em vez de inspecionar pessoalmente, mandava o seu ajudante, e este julgando muito alto o seu próprio valor, imaginando já haver prestado infintos serviços à pátria só em ter cavalgado o dia inteiro ao lado do exército, mandava um sargento ou cabo, ao qual incumbia, sem os mínimos conhecimentos militares necessários, indicar os postos da guarda, muitas vezes mesmo os postos avançados. Num estado civilizado semelhante proceder é inaudito, mas no Brasil, como já se viu centenas de vezes nesta narração, ainda são possíveis os milagres – e verdadeiramente foi um milagre que na campanha de 1828 o exército brasileiro não tivesse sido nunca surpreendido e totalmente destroçado, por causa de imprevidência e incúria das mais elementares medidas de segurança; porque, dada a exatidão com que os generais da Argentina, em sua maior parte competentes, eram inteirados por espões de tudo quanto se passava no exército imperial, é para admirar a felicidade que com seu escudo de Armido incansavelmente desviava o feliz *coup de main* [sid], que instantaneamente teria posto termo à prolongada guerra; certamente o medo de ter que enfrentar a nossa infantaria, a única arma que infundia respeito, era a principal causa por que os republicanos deixaram escapar inúmeras ocasiões de nos aniquilarem de um golpe.

Já em outro capítulo deste livro tive ensejo de referir que também em S. Catarina fora fundada uma colônia alemã e aqui vou tratar dela mais detidamente. Embora pelo seu tamanho, pelo número de cabeças e pelo seu valor estatístico esteja longe da de S. Leopoldo, certamente seus moradores figurariam entre os mais abastados colonos, se o governo, em vez de lhes prestar assistência desde o começo, não lhes opusesse toda espécie de embaraços. Na fundação de S. Leopoldo e de Torres não se havia absolutamente olhado para as questões de caráter e situação de fortuna dos diversos indivíduos, tanto que até presidiários meclemburgueses haviam sido aceitos de braços abertos, com o que sem dúvida se lançara o primeiro germe para total desmoralização de tal massa humana. Pois os colonos de S. Catarina todos tinham pago as

passagens ao várias vezes mencionado vendedor de almas Schäffer, em Hamburgo, e traziam algum dinheiro para o Brasil. A estado na Armação, situada defronte da capital, e os ludíbrios dos intérpretes do governo nomeados pelo ministro Miranda, que prometiam aos estrangeiros, a troco de algumas piastras, os melhores lotes, sem que estivessem em condições de influir nisso, haviam empobrecido um pouco as bolsas dos alemães, mas à maior parte deles ainda restava o bastante para enfrentar as primeiras instalações mais necessárias, e sem auxílio estranho socorrer os companheiros disso necessitados.

Finalmente partiram do Rio os primeiros transportes desses colonos; à chegada a S. Catarina o número desses visionários, inclusive mulheres e crianças, devia andar por uns 800; para sua situação todos estavam bem vestidos e aseados e nada havia que dizer contra sua conduta, se bem que já despontasse certo descontentamento ante as esperanças decepcionadas. Sem dúvida o governo devia ter manifestado o máximo interesse em levar esses homens quanto antes a destino, pois o lugar escolhido ficava apenas a sete léguas da cidade de Desterro, onde deveriam logo ter recebido seus lotes, para atacarem o trabalho. Mas ali lhes disseram que “as colônias ainda não estavam demarcadas – o que entretanto teria sido fácil efetuar há anos – seria preciso permanecer na cidade até que o agrimensor ficasse pronto”; e para esse fim lhes arranjaram um edifício imperial, onde foram novamente aglomerados, como dantes a bordo, sem qualquer distinção ou consideração. Aí permaneceram esses lamentáveis expatriados durante seis meses, a consumir não só o pequeno subsídio que o estado muito irregularmente lhes pagava, como ainda parte de sua modesta fortuna, sem proveito para o seu objetivo. Já esse procedimento desanimou a muitos e induziu a grande número ao excessivo uso da cachaça, com o que pensavam esquecer seus pesares e penares. De momento podia isso surtir o visado efeito, mas custava-lhes não só o último vintém ganho na Alemanha, como também produzia toda espécie de doenças asquerosas, em consequência das quais se restabeleceu com dobrado vigor o antigo descontentamento.

Acabado o dinheiro, começaram a vender as roupas e não tardou que a maior parte desses infelizes andassem andrajosos, mostrando pústulas e buracos nas pernas e braços, sarnentos, a perambular como espectros e a mendigar pelas ruas da cidade.

Que impressão dolorosa devia suscitar nos outros alemães semelhantes espetáculo de horror! Mas os soldados alemães do exército imperial viviam só de seu magro soldo, pouco ou nada podiam ajudar a seus patrícios que sofriam sem culpa. Antes de decorridos os seis meses que aqueles colonos deviam passar inativos na cidade do Desterro, a pobreza crescera tanto que muitos pais incapazes de sustentar os filhos, os ofereciam publicamente e sentiam-se felizes se achavam alguém que quisesse ficar com uma menina forte ou um rapaz esperto, só pela comida. Uma vez ou outra, famílias brasileiras ricas adotavam crianças alemãs, porque muito lhes punham a dura condição de que os pais haviam de desistir para sempre de quaisquer direitos sobre os filhos; às vezes nem lhes permitiam que sem licença especial fossem visitá-los, pois sempre os brasileiros temiam que a mãe natureza um dia denunciasse ao pobre orfanado a sua origem e que então, impelido pelo possante instinto do amor aos pais, preferisse compartilhar a pobreza de seus verdadeiros pais do que comer o pão da misericórdia na casa rica. Essa justa suspeita ganhava probabilidade à medida que houvesse mais oportunidades para encontros, para falarem e para darem livre curso ao coração sob a pressão do sentimento.

Como devia ser dura para os colonos, opressiva, para eles já de tanta maneira martirizados, uma condição que só a extrema penúria os obrigava a aceitar; como havia de ser horrível para eles o pensamento de que o filho para sempre deles alheados e afastado nunca aprenderia a língua de sua pátria, seria educado em costumes esquisitos, usos que odiavam, quem sabe noutra religião!

Na minha opinião é inteiramente indiferente que o cristão adote a fé luterana, ou reformista ou católico-romana; mas dada a natural estreiteza de vistas daqueles homens não é provável que aceitassem essa minha opinião blasfema. Sem cessar havia de torturá-los a consciência de que um dos seus crescia em outra religião, que não aquela que professavam os piedosos pais, e o preconceito que mesmo nas partes mais cultas da Europa nutre o protestante contra o católico, e vice-versa, despositou entre os meus patrícios no Brasil, sendo que a maioria era de luteranos, e tornou-se tanto mais intenso quanto, de fato, os frades católicos pela sua atrevida conduta o motivavam.

Se esses privilegiados ladrões diurnos não desperdiçavam na massa bem fornida os dinheiros de expiação que sem vergonha extorquiam aos seus confessantes e piedosos fiéis, ou se não andavam pelas ruas da cidade com os seus bonecos de pau ou de cera a representar santos, bastava visitar as bodegas e vendas para encontrá-los no meio da laia popular, a blasfemar, namorar e beber. Deveras bons exemplos para o proviléu, se os mestres de religião mantidos pelo governo assim procediam, a ensinar o caminho da santidade, não naquelas plagas desconhecidas, mas aqui na Terra. Não era só sobre nós germanos, mas também sobre os brasileiros que a escandalosa conduta dos frades fazia profunda, indelével impressão, de maneira que pouco a pouco foi declinando todo o respeito por esses ministros do invisível, como pela religião.

Destarte o officio divino decaiu à mera condição de cerimonial, que só servia para ostentar aos olhos da comunidade atordoada o roubado brilho e as furtadas lantejoulas da igreja; e a comunidade por sua vez, só comparecia para os encontros amorosos e para as mais levianas combinações. Ajoelhados lado a lado, havia muita vez um parzinho aparentemente entregue à mais profunda devoção, ao passo que essa santa profana travava as mais escabrosas, indecentes conversas, atrás do leque, por meio de mímica e gestos, emprazava o ansioso amado para o encontro à noite. Se semelhantes cenas ocorriam na própria casa de Deus, quanto mais nas procissões, oportunidade única, além da igreja, onde a gente podia ver a amada sem chamar atenção, aproximar-se dela e acompanhá-la.

Não se pode conceber nada mais ridículo do que esses préstitos solenes pelas ruas da cidade, em que muitas vezes os santos de pau, dourados, enfeitados de fitas e penas, iam garbosamente a cavalo. Príncipes, generais, ministros, membros do alto clero, lá iam atrás do boneco de pau; seguia-se a longa cauda de escorpião dos frades menos importantes. Seja, embora, esse insensato procedimento frioleira sem significação, atordoamento especulativo dos sentidos, desperdício inútil de tempo e dinheiro, não deixa de ser obrigação dos menores servos da Igreja mostrar dignidade em tais ocasiões, pelo menos devoção; mas justamente os ditos frades eram os primeiros, pela sua atrevida conduta, a fazer do espetáculo brinquedo de bonecos e a tornar os crentes inerentes; pois o clero se atrevia a olhar com o maior desavergonhamento, com ares pantomímicos de velho conhecimento e confiança, para as mais distin-

tas damas aos balcões das janelas, mesmo envergonhando com toda espécie de gesticulação, inclusive atirando beijos às devotas meninas inocentes que contemplavam o préstito dos sobrados, fazendo-as extremamente acanhadas se retraírem para o interior das casas. Seguia-se geralmente tão gostosa gargalhada que os nutridos porta-batinas, os servos de libré do Céu, tinham que segurar a barriga.

Se tais excessos ocorriam impunes nas maiores cidades, no interior do Império muito menos era de esperar decência, pois de antemão faltava toda inspeção. Aí os lugares de padres e vigários eram quase exclusivamente ocupados por naturais do país, rudes e incultos, que além disso todos mais ou menos tinham relações de família com o seu rebanho, o que muito lhes facilita o acesso às casas de seus confessandos, de maneira que tinham muitas oportunidades de saciar mais tranquilamente a sua libidinagem, como também de influir mais profunda e mais nocivamente. Assim se explica que não raro se via em torno de um honrado reverendo 5, 6 e mais crianças, sob o título ou designação de parentes ou afilhados, os quais entretanto deviam a existência a um crime, que nem poupava os mais chegados laços de consangüinidade. Quantos céus matrimoniais foram transformados em inferno verdadeiro pelas intrigas e cabalas desses tonsurados tartufos! Quantas mil meninas inocentes, que em ingênua devoção apelavam para seu padre, a obter absolvição de seus supostos pecados, tinham que ouvir e ver desses lobos em pele de cordeiro coisas de que seu coração puro não tinha noção!

Justamente pela confissão, essa instituição infame, espertíssima, que tanto mal tem causado ao mundo, conseguiam em pouco tempo os frades, exato conhecimento das mais secretas intimidades de cada casa e assim podiam calmamente forjar seus planos e refletir maduramente antes de passarem com sua matemática e teológica maldade à execução. Intimidada pelas flamejantes iras celestes, pelas eternas torturas do Purgatório, a esposa denunciava o marido, a filha, a mãe, a noiva, o amado e todos preferiam comprar com a vergonha e a desonra uma absolvição sem nenhum valor, a chamar sobre si a maldição dos mensageiros do tribunal divino. O demônio não é magnânimo; ele cita só uma vez, e só uma vez espera ser citado; sua imagem está em todas as paredes das choças da superstição e nem sempre ele se arreceia de um tinteiro.

Residia em São Francisco de Paula uma senhora que eu conhecia, afamada pela beleza tanto quanto pela virtude. O vigário da localidade, homem de seus 50 anos, era inimigo jurado da casa dela, e já diversas vezes procurara fazer-lhe mal, à senhora ou a alguém da família, para prejudicar-lhe o conceito. Mas a estima de que desfrutava era grande e generalizada; todo o empenho do frade intrigante foi por muito tempo baldado. A explicação que se dava para o ódio do porta-batina era procurada em tentativas frustradas contra a virtude da bela senhora e certamente isso batia o prego na cabeça.

Uma vez por ano essa senhora ia à confissão e agora pretendia novamente cumprir essa ação, a seu ver necessária e sagrada. Ao entrar na igreja havia bastante gente e ela desembaraçadamente se aproximou do confessional, ajoelhou-se diante do famigerado vigário para lhe confessar os imaginários pecados. Este, debaixo de mil sinais-da-cruz, parece que fez algumas perguntas capciosas, com as quais visivelmente o sangue grosso lhe ia subindo à cabeça até ficar como um peru no mês de maio; o ato demorou tanto e tão acalorado que os circunstantes não podiam compreender que aquela senhora notoriamente tão virtuosa pudesse ter tantos pecados. Afinal, ela sacudiu diversas vezes com violência o lindo cabelo, cacheado, o frade pulou, sua cara assumiu a desagradável cor cardinalícia de caranguejo cozido e em voz para ser ouvida disse: “Senhora, seus pecados são tamanhos que não lhe posso dar absolvição!” A essas palavras trovejantes parece que todo o sangue das veias da horrorizada senhora parou e palidez cadavérica inundou sua fisionomia de madona; tremendo em todos os membros ela se ergueu lentamente da almofada bordada, e cambaleante, quase a desmaiar, precipitou-se para fora da igreja através dos presentes.

Jamais D. Vicença declarou o que aquele diabo encarnado pretendia dela; certamente o amor-próprio lhe impedia. Mas foi sem dúvida alguma coisa má, pois mesmo ao marido ela pediu, banhada em lágrimas de desconsolado desespero, convencida de culpa, que lhe não exigisse a revelação do segredo terrível. Diversas queixas mandadas ao Rio de Janeiro por motivo desse caso chocante ou não deram resultado ou o padre foi apenas levemente admoestado, pelo menos nunca se soube em São Francisco de Paula que ele tivesse sofrido qualquer punição.

Depois de seis meses passados na maior penúria e miséria, foi finalmente indicado a cada um dos colonos um pedaço de terra para cultivar, em Santa Catarina; mas agora a maioria deles não só estava sem dinheiro para adquirir os víveres necessários durante o pesado trabalho, mas ainda muitos já haviam vendido, forçados pela necessidade, os seus instrumentos de lavoura e outros.

Só depois de demorados pedidos, ameaças, queixas e representações resolveu o presidente da província, a quem competia zelar pela nova importante colônia e fiscalizá-la, mandar pagar parte dos subsídios atrasados. Já então aqueles expatriados sentiam dolorosamente quanto a demora obrigada na cidade do Desterro havia sido prejudicial, mesmo ao seu futuro; pois havendo de pleno direito contado que o auxílio do governo seria concedido durante dois anos desde o começo do trabalho, já haviam decorrido seis meses para os quais lhes abonaram subsídio sem que tivessem podido fazer coisa alguma.

Essa perspectiva abateu os ânimos, tanto que muitos dos mais abastados pensaram em regressar à pátria, enquanto ainda tinham o dinheiro para o transporte, mas foram retidos no país odiado até a morte, pelo receio diante da zombaria de seus conterrâneos, entre os quais haviam vivido como abastados e agora teriam de aparecer de mãos vazias, a suportar o sentimento desagradável de verem o que fora em posse de outros sem a mínima certeza, sequer esperança, de jamais poderem readquiri-lo. Um desterrado nunca vem a ser cidadão feliz.

Assim é que muitos dos mais pobres foram os primeiros a meter mãos à obra, pois se não quisessem morrer de fome tinham que trabalhar o duplo e o triplo que um escravo negro debaixo de relho. E para se livrarem um pouco da ardência solar despiam-se no trabalho, apesar de desabitutados do clima e de suas conseqüências funestas, dos mosquitos e outros bichos, que lhes cobriam formalmente o corpo. Cobertos de bolhas e feridas, esgotados do trabalho do dia, voltavam para suas pobres cabanas, onde então os esperava um prato de feijão-preto, cozido apenas na água, às vezes sem gordura. Tais eram os prazeres do tão gabado país das jóias, da Palestina americana, do novo Eldorado histórico; assim haveriam de adquirir as incomensuráveis riquezas que, segundo as sagradas afirmações de vendedores de almas, sem consciência, jaziam nas ruas, à espera do ousado proprietário.

Mesmo as promessas feitas por escrito em Hamburgo ou Bremen só em parte eram cumpridas. Nem lhes deram os animais prometidos, nem as sementes iniciais, e para morada tiveram que eles mesmos construir ou pagar seus ranchos. A repartição dos lotes foi arbitrária, sem consideração pelo número de pessoas de cada família; a um deram terreno pedregoso, a outro arenoso, ou de mata virgem.

Um outro grande mal resultou do fato de não haver ainda o governo designado inspetor, razão por que ninguém sabia ao certo a quem cabia resolver diferenças que surgissem entre os colonos. Onde não há juiz, naturalmente cada qual procura fazer justiça, e assim não podia deixar de acontecer que em consequência dessa desídia do governo imperial ocorressem questões e rixas sangrentas entre esses poucos alemães, dos que se deveria esperar que a identidade da sorte, da língua e dos costumes estabelecessem estreita união entre eles. Esse mal reclamava urgente remédio; por isso o presidente procurou um homem a quem pudesse confiar tão importante posto. Parecia difícil a escolha pois só devia ser um homem de reputação ilibada, de reconhecido espírito de justiça e de comprovada honestidade. Os inspetores portugueses das outras colônias não mereciam bons atestados quanto a este último ponto de vista, nem podiam entender-se devidamente com os colonos, mediante amistosa troca de idéias; veio por isso a idéia sensata de procurar um alemão. Certamente a intenção do presidente da província era boa ao tomar essa heróica resolução, e todos os colonos rejubilaram ostensivamente quando souberam que devia ser escolhido dentre seus patrícios residentes no Brasil um homem capaz, a quem deveriam reconhecer como superior de primeira instância e juiz nos seus pequenos dissídios. Restava a questão de saber onde, em Santa Catarina, encontrar o homem que satisfizesse aos requisitos.

Procurou-se muito. Dentre os oficiais não havia um que quisesse abrir mão de sua carreira, suposta gloriosa, para assumir esse posto que não era muito bem remunerado. Os colonos não possuíam os conhecimentos necessários e negociantes alemães não havia em Santa Catarina, a não ser alguns negociantes de paus de fósforo, que não entendiam senão de seus pauzinhos. Depois de muito quebrar a cabeça, sem descobrir ninguém, apelaram finalmente para o Comandante do 27º Batalhão de Caçadores, Luís Manuel de Jesus, de quem se supunha que

como chefe de uma tropa alemã melhor conheceria o caráter de meus conterrâneos.

Aconteceu que por esse tempo havia conquistado em alto grau a estima desse chefe um primeiro-tenente do nosso corpo, educado pelos jesuítas em Hildesheim; grande mestre na arte de disfarçar e que se lhe recomendara por certos conselhos traidores e bem tramadas intrigas, em virtude das quais, denunciado pelos seus camaradas, ele fora destituído e excluído.

Quando chegou a ordem de exclusão, que o Comandante, Sr. de Jesus, não pôde compreender nem explicar, mas que muito agradou na cidade do Desterro, ele prometeu a esse seu favorito que não o abandonaria e quanto estivesse a seu alcance o ampararia. E agora pareceu chegado o momento azado para desobrigar-se brilhantemente da palavra levemente comprometida, e assim propôs esse sujeito para pagador e inspetor da colônia de Santa Catarina, sujeito que além de seu jesuitismo era dado à bebida e era refinado intrujão. O presidente bem sabia que esse indivíduo recentemente, sem declaração de motivo, fora excluído do serviço militar, mas foi fraco, deu crédito aos louvores do comandante, e nomeou o candidato sem mais investigação, dando-lhe um posto que o pior dos colonos, embora sem a mesma esperteza, teria desempenhado com maior honradez e retidão.

Este era o homem a quem se confiou sob tantos pontos de vista a sorte dos 800 colonos, homem que devia resolver suas desinteligências e pagar-lhes os subsídios. Eu havia servido com ele alguns anos no mesmo batalhão, de maneira que fiquei conhecendo bastante exatamente o seu caráter; assim posso afirmar que por uma ou duas piastras ele se deixaria peitar, pois por mais de uma vez ele se revelara capaz de prestar testemunho em casos de que não sabia nem podia saber. Este homem é o único jesuíta com quem jamais tive relações mais estreitas de serviço; mas, deveras, se todos os limpos irmãos da babilônica sociedade de Jesus são dessa bitola, todo homem de bem deveria armar-se para extirpá-los da face do Planeta e reduzir a cinzas os seus claustros.

Como estréia no seu cargo, o tenente exonerado, metamorfoseado em inspetor, praticou uma façanha que logo lhe granjeou o ódio de todos os colonos. Um pobre lavrador fez uma representação ao tuberculoso farsante por motivo de uma injustiça, provavelmente a

sonegação de subsídio; talvez fosse um tanto áspero, o que exacerbou a soberba daquela viciosa cria de um colégio alemão de jesuítas, tanto que enraivecido puxou da sua enferrujada espada e com um golpe decepou o polegar da mão direita ao pobre homem inerte. Quem teria imputado tal coragem a esse homenzinho infamado com a exclusão, mormente que na espada que dantes tivera o direito de usar estava gravado: “Não matarás!” Mas estava bêbado.

Talvez o pequeno tirano efetivamente tivesse conseguido intimidar com esta e outras que tais mostras de valentia os inexperientes colonos, de modo que mais ninguém se atrevesse a reclamar, a opor-se à sua autoridade. Nisso, porém, despontou de repente para seu protetor o presidente da província, e implicitamente para ele uma nuvem negra no firmamento sempre toldado da corte do Rio de Janeiro, o *ilustríssimo e excelentíssimo senhor presidente* [sic] foi inesperadamente chamado com urgência à corte, para prestar contas de sua administração, inclusive da Justiça e dos dinheiros. Com essa merecida queda tombaram também os seus protegidos, entre eles o nosso favorito jesuíta. Assim como outrora os colonos se haviam rejubilado à notícia da nomeação de um inspetor alemão, o contentamento foi agora ilimitado quando souberam da sua vergonhosa destituição.

O interregno de despotismo do patricio teve, pois, curta duração; ao cabo de três meses o cobarde malvado teve que abandonar o campo e buscar refúgio em região afastada, pois a sorte não lhe sorriu tão desbragadamente como ao seu irmão de ordem no Paraguai, o famigerado Francia, doutor em majestade, que sem outros auxílios do que a sua esperteza e as circunstâncias da época, se apossou de um grande, importante país, e sobre os escombros da teocracia dos jesuítas fundou novo estado, poderoso – ao passo que este déspota em miniatura não soube manter o seu poderio sobre 800 cabeças, das quais dois terços de mulheres e crianças. Ficavam os colonos libertos desse jugo, mas também ressurgiu a anterior desordem.

Finalmente partiu outro presidente da corte para Santa Catarina e reviveram as extintas esperanças dos expatriados. Trazia dinheiro para a tropa e para os colonos, tinha reputação de homem de bem e esclarecido, e era conhecido como gostando de ajudar onde pudesse. Infelizmente faltavam-lhe os meios para isso. As piastras espanholas e

brasileiras que trouxera tiveram que ser distribuídas rapidamente entre as tropas, para que pelo menos se evitassem os excessos da parte dessa força, então importante, que de armas na mão defrontava as autoridades, como sucedera no Rio de Janeiro e em São Francisco de Paula. Nada ou quase nada sobrou para os pobres colonos. Também não era possível pensar em nomear logo outro inspetor, porque desde a chegada do presidente choveram as reclamações e pedidos, de modo que nem tinha tempo para despachar com um simples “sim” ou “não” os requerimentos que em poucas semanas inundaram o palácio. Se a primeira autoridade do estado na província de Santa Catarina era assim exageradamente assediada com pedidos por parte dos brasileiros, também os lavradores alemães, com a sua mania de questionar, o assoberbaram com indizíveis trabalhos, pois muitas vezes por um palmo de terra, num país onde certamente não faltava terra, moviam processo ao vizinho. Quase parece que é traço essencial do caráter dos alemães o gosto pelas questões judiciais; de onde provavelmente vem que em parte alguma do mundo se encontram tantos, e às vezes tão bons, advogados, como entre nós. Se é vantajoso ou pernicioso para o bem comum, é coisa que deixo em dúvida; o certo é que na França – nem quero falar do Brasil – se encontra um jurista, quando na Alemanha num lugar do mesmo tamanho se encontram quatro. E apesar dessa grande diferença numérica, as queixas são resolvidas na França com a mesma, se não maior, presteza que na Alemanha. Qual a razão? Perguntar-se-á. Será por que o francês é de temperamento menos sangüíneo que o alemão? De modo algum, mas é que na França por um louvável orgulho nacional não há os nossos numerosos processos por injúria, sem os quais aqui muitos advogados morreriam de fome. Resolução e presteza são traços salientes do caráter do francês; parece-lhe demasiado lento dirigir-se a uma autoridade e confiar a solução de suas questões ao andar de cágado da justiça; tão depressa quanto possível tem que ser resolvido o dissídio, tem que ser vingada a ofensa. Pistola, espada, em último caso o punho substituem o juiz, porque em poucos minutos baixam a sentença: lá seriam necessários mais cirurgiões, aqui ainda mais juristas.

Quando finalmente o novo presidente reconheceu que apesar de sua boa vontade nada podia fazer pelos colonos, acabou por não se importar mais com eles e deixou tudo na antiga desordem – e como

também eu em nada posso ajudar aos meus bons patrícios da província de Santa Catarina, volto à narração da minha própria vida, apenas ainda acrescento que para o futuro nem o Império nem os colonos podem esperar grandes vantagens dessas colônias, pois onde se edificou sobre areia frouxa o edifício não será duradouro.

Depois de alguns meses de esperanças e esperas, ora com ansiosa alegria, ora com triste receio, pela ordem que me chamaria para o Rio de Janeiro, vim a saber, primeiramente por cartas e jornais, e só depois por uma ordem especial do ministro, que o meu desejo fora atendido e eu fora transferido. Devia somente aguardar na cidade do Desterro a chegada do 2º Batalhão de Granadeiros, que tinha sido transferido de Pernambuco para cá, para então com outro oficial e 60 soldados ir para a corte no mesmo navio em que devia vir o referido batalhão.

A partir desse dia eu ficava horas inteiras esperançado à janela, a olhar para o posto semaforico, que anuncia aos curiosos, às vezes com meio dia de antecedência, a chegada de navios. Mas a minha paciência ainda tinha que ser posta à prova. Por mais diligentes que se mostrassem os braços do telégrafo nada de sinalizarem navio brasileiro. Nisso correu subitamente a notícia que o batalhão de Pernambuco embarcara há mais de semana, talvez já estivesse ancorado à barra de Santa Catarina. Parecia, pois, que não havia tempo a perder para dar começo a um serviço que nunca em minha vida foi de meu agrado qual o de efetuar de gala certo número de visitas de despedida. As palavras sempre repetidas “sinto muito que o senhor queira deixar esta bela ilha” tornaram-se-me enfadonhas tanto mais que não sou amigo de repetições. Da boca de uma menina bonita a frase soa agradavelmente e de bom grado a gente ouve dez vezes a fio se um beijo confirma o que as palavras dizem. Mas a mesma afirmativa feita pelas vovós, madrinhas e tias velhas tornam-se horrivelmente aborrecidas. Infelizmente é da vida social: se a gente quer ouvir palavras amáveis da filha tem que sujeitar-se a fazer cumprimentos aos velhos.

Uma tarde, estando eu no círculo de uma família, muito querida, inesquecível, e sendo abordado o velho capítulo da jeremiada de meu próximo embarque para o Rio de Janeiro, ecoou subitamente ao longe o surdo rufar dos tambores. Devia ser o 2º Batalhão de Granadeiros em marcha, pois na cidade só havia caçadores que só têm corneteiros, não têm tambores. Sem grande despedida, num momento eu estava à

porta e como louco me precipitei ao encontro dos sons guerreiros que cada vez mais se aproximavam para adquirir a certeza. Eram eles; reconheci os velhos camaradas do Rio de Janeiro. Com a mais cordial e sincera intimidade celebramos a festa do reencontro; um abraço, um cordial, fiel aperto de mão, à boa, rude maneira alemã, selaram novamente a velha amizade. Mal foram designados os quartéis para os soldados, seus oficiais se viram formalmente raptados por nós; cada qual queria alojar e obsequiar a um colega, um amigo ou simplesmente patrício; desta vez não foi preciso o governo cuidar de alojamento para os oficiais. Dei logo com um amigo com quem me tuteava, o Tenente Soltau, como eu nascido e criado em Brunswick, e o carreguei em triunfo para a minha morada de solteiro, a qual situada na encosta do monte oferecia a mais encantadora vista sobre a cidade e o porto. Só depois que os corações se aliviaram um pouco pelas narrações recíprocas das últimas aventuras e acontecimentos de maior atualidade é que me lembrei que devia deixar o meu amigo por uns momentos a sós, para que pudesse acomodar-se, e eu pudesse acabar as despedidas à referida família. Desci, portanto, a suave colina e de novo me aproximei da conhecida casa, com o coração a bater. Ainda bastante longe do meu objetivo ouvi cantar e o canto é geralmente indício de alegria. Isso eu compreendi muito bem na minha melancolia satírica e o negro demônio da desconfiança cochichou ao meu ouvido: “Talvez a tua partida seja muito bem-vinda para essa gente.” Instantaneamente, porém, alisaram-se as rugas da testa quando ao chegar mais perto percebi a letra e o sentido do canto. Era um adeus, um adeus para sempre, cantado em bom português e em boa voz. Mais duro que jamais senti então oprimido o coração por ter que partir de Santa Catarina, e sem bem saber que peso de toneladas desabava sobre meu peito, escaparam-me as palavras agora mesmo roubadas:

“São as minhas próprias lágrimas, que silenciosas ouço cair?”

“Ou estás, querida, na verdade a chorar a meu lado?”

“Mas se gozo da vitória, falta-me o melhor:

“É a desaperecebida doce, tola, tolice da mocidade.

“Satanás viu isso e sorriu: Vejam! este senhor se copia:

“Pela imagem de seus bois, acaba fazendo bezerros.”

Depressa entrei na casa e fui alegremente recebido. Disse-se e comentou-se que realmente chegara o batalhão há tanto tempo esperado

e que a minha partida, como um primo importuno, estava à porta. “Mas não amarguemos os últimos momentos com uma tristeza prematura”, foi a opinião de toda a família, e convidaram unânimes a melancólica cantora, Dona Teodósia XI,^{*} que cantasse alguma coisinha alegre. Ela cantou, mas foi uma ária selvagem, ditirâmbica, que ainda mais penosa me fez a despedida, pois embora a melodia se afastasse da arte tônica pátria o texto era mais ou menos o da conhecida canção alemã: “É bom repousar nos braços do amor.” Como não, pensei eu, em parte alguma do mundo é melhor; mas “isso não pode ser sempre assim”. De que me serviam todos os desejos? A severa exigência do serviço me chamava. Era necessário arrumar às pressas os poucos haveres, fazer às pressas uma breve despedida lacrimosa e ultimar os preparativos para partir sem tardança.

Não tardou a ordem definitiva para nosso embarque; foram prontamente escolhidos sessenta dos melhores soldados do 27^o Batalhão de Caçadores, para servirem de modelo aos recrutas recém-chegados da Europa, do batalhão alemão de fuzileiros. Luís Manuel de Jesus, o português soberbo, ambíguo, bilíngüe, despiu-se agora de repente, como comediante assustado, do papel que até então representara. O gigante que engendrava males contra o céu e a terra, que sempre fora da egoística opinião de que podia tratar a seus subordinados de maneira absolutamente arbitrária e despótica, fundiu-se de repente, como Fausto seguro pelos espíritos, em anãozinho, que implorando, chorando e cruzando os pés queria fazer esquecer os erros cometidos porque sabia que íamos para a corte, onde não faltaria ocasião de lhe fazermos a cama. Os olhos cheios de lágrimas hipócritas acompanhou-nos até a bordo, com a tempestuosa música de janízaros do batalhão, onde já nos esperavam os camaradas; despediu-se mais uma vez comovidamente de nós e safou-se da poeira, enterrado o seu ruço, surrado *chapeau à trois cornes* [sic], debaixo do qual alegremente viçavam há longos anos mais de três chifres. A poeira é firmamento e *fata morgana* [sic] em toda parte onde falta ar, vento, primavera e chuvaradas – o Brasil é o empório da poeira.

* O número é só para não ser esquecido o número de minhas rainhas.

NOTAS AO CAPÍTULO XV

135 N. do T. – Espécie de macaco.

136 Realmente, o 14º dos Artigos de Guerra, de 1763, o chamado Regulamento do Conde de Lippe, prescrevia a pena de morte com ignomínia, isto é, pela força, para a deserção em tempo de guerra. No entanto, um sentimentalismo que assentava nas exigências partidárias e no temor à língua das oposições, mandou punir em plena guerra, conforme a portaria de 3 de setembro de 1825, com sessenta chibatadas a primeira deserção simples e com cem a segunda.

Pela correspondência dos chefes do Exército do Sul, em 1825, 1826 e 1827, vê-se que as deserções se tornaram tão numerosas que eles não sabiam como matar a tanta gente, único meio adequado a pôr um paradeiro a essa falta de vergonha, insistentemente reclamado por alguns chefes, dos mais notáveis.

A portaria de 30 de maio de 1831 derroga a de 1825, mas determina que os desertores sejam castigados apenas como prescreve a Ordenança de 9 de abril de 1805, isto é, com a simples prisão com trabalho. Já se vê que o autor se equivoca a supor que os desertores a que se refere estivessem sujeitos à pena última.

.....

Capítulo XVI

VIAGEM AO RIO DE JANEIRO – A *JURUJUBA* E A
VIDA A BORDO – O PREGADOR INGLÊS
EM BOTAFOGO – ORGULHO – A VIDA DOS
SOLDADOS ALEMÃES NA PRAIA VERMELHA
– O IMPERADOR CASADOIRO E O SEU
SEGUNDO CASAMENTO – AMÉLIA DE BEAUHARNAIS¹³⁷

Mais uma vez eu me confiava ao salso elemento, à guarda do deus do mar, sem poder excluir “*quos ego!*” [*sic*] e esperava em crescente inquietação que fosse dado o sinal para levantar ferros. Não podia suportar por mais tempo a vista da simpática cidadezinha, qual sedutora sereia, situada perto, diante de mim, pois uma possante força parecia puxar-me do navio e querer contra minha vontade levar-me novamente para a querida ilha. Só a custo eu dominava os sentimentos que me intumesciam o coração e sopitava o desejo de secretamente mais uma vez visitar a terra e Dona Teodósia.

De que me serviria? Sempre teria que me despedir e talvez então o adeus fosse ainda mais penoso, mais triste e doloroso – o afastamento é inevitável, a despedida, não.

Fiquei, portanto, quieto a bordo, mas os olhos não queriam fechar-se durante a longa noite, pois, assim como o lunático não pernoita

em seu dormitório e prefere à sua fofa cama o mais alto telhado, também eu não pude suportar mais tempo o camarote; fui ao convés, para mais uma vez, em silenciosa meditação sobre os últimos meses felizes, contemplar a esplêndida paisagem estendida ao infinito. A noite era límpida e clara, o disco argentino da lua olhava para a terra, tão amigável e inocentemente, do céu azul sem nuvens, permitindo-me identificar seguramente cada casinha da cidade. “Mais uma vez, portanto, e quem sabe nunca mais nesta vida, devo ver-te, bela ilha, jardim do Brasil”, pensei de mim para mim e em silêncio agradei às brilhantes estrelas que me iluminassem tão claramente o meu paraíso perdido.

Pouco a pouco o horizonte ao oriente enrubeceu; um tiro de canhão atroou os ares, anunciando o iminente raiar do dia; centenas de vezes ecoava pela serra gigantesca o tiro e em poucos segundos surgia das ondas do intérmio oceano a fonte de toda luz e de toda vida, envolta em seu manto de púrpura. Todo o céu pareceu arder em chamas, a orla da serra fulgurava com reflexos de ouro; a vida intensa na cidade próxima, bem como nas escuras matas que a circundam, atestava que os dormentes estavam a arrancar-se aos braços da letargia. Também no nosso navio todos começavam a agitar-se, os botes foram içados e ouviram-se as ordens para levantar as âncoras, pois esta manhã começaria a viagem.

Segundo tiro de canhão foi o sinal de partida. Cidade e terra, casas e montes iam-se distanciando. À medida que nos aproximávamos da barra crescia o vento e esmaeciam os contornos dos mil objetos; cada vez mais desaparecia a ilha aos olhares que a espiavam, até que se sumiu de todo nas ondas espumantes.

Eis-me novamente numa colossal caixa metida na água do mar, a *Jurujuba*, a flutuar, como Ulisses errante, sobre o inseguro elemento. Por que longa odisséia? Meu primeiro cuidado, e que mais me interessava, foi tomar conhecimento dos objetos e seres que me acompanhavam na viagem. Quando se põe o pé a bordo, entra-se em outra vida, estranha, e todo viajante deve ter empenho em conhecer sua nova situação, pois que esta mudou. Isso é necessário principalmente no mar, onde não raro se encontram marítimos rudes, incultos, dos quais o passageiro de certo modo fica dependente, ainda que pague a sua passagem em bom dinheiro, e onde, iniciada a marcha, não se pode mais

comandar “alto!” ao ousado homem do mar. O desejo de entrar em comunicação, viver em harmonia com os poucos companheiros de viagem faz com que muitas vezes prefiramos dar ouvido às exageradas e tolas histórias do capitão ou do piloto, engolir essa pílula amarga, para evitar questões desagradáveis. De que serviria disputar com um homem que enquanto o barco está no mar é seu soberano e que a cada momento pode esfregar aos ouvidos do passageiro a frase “eu sou rei no meu navio”, como o boticário esfrega ao nariz do lavrador martirizado pela dor de cabeça o seu *spiritus salis ammoniaci* [sic].

O próprio navio foi o que primeiro atraiu as minhas vistas; examinei com o pouco que entendia a sua prestabilidade e arranjo interno. Nem uma coisa nem outra correspondeu à minha expectativa, pois a construção disforme, um modelo retardado da arca de Noé, parecia em precário estado de conservação e pelo seu feitio devia ser mau veleiro; e apesar de seu grande porte não havia as mais necessárias comodidades. Os oficiais do navio dispunham de pequenos alojamentos, míseros, onde mal cabia a cama e que antes pareciam um guarda-roupa que o camarote de um *gentleman*. Não eram descobrimentos consoladores, e ainda muito tive que observar, por onde concluí sem tardar que a viagem acarretaria muitos aborrecimentos.

É do caráter do homem tender a concluir da casca sobre o caroço; pelo traje asseado de uma senhora conclui-se às vezes apressadamente o que seja o seu arranjo doméstico, conclusão perfeitamente lógica, conquanto freqüentemente na vida quotidiana não se confirme. Desta vez, porém, não me enganei nas minhas deduções, pois tal navio tal tripulação. Sujidade e desordem apareciam por toda parte, coisas ambas que certamente em parte alguma se deveriam mais cuidadosamente evitar do que num navio, seja mercante ou de guerra. Um inglês ou um holandês – que tanto cuidam do asseio e da disciplina a bordo – teria ficado horrorizado ante o que visse nesse navio, ou no máximo olhariam com desdém compassivo as esfarrapadas figuras que aqui deviam com inabalável firmeza resistir às fúrias de um furacão e das ondas tempestuosas.

O capitão, homem de mais de sessenta anos, considerava-se o primeiro marinheiro de seu tempo, e parecia que nada lhe era mais lamentável do que o afastamento de Nelson do grande palco do mar,

porque assim lhe escapava a oportunidade de evidenciar a sua superioridade sobre o herói inglês. E os oficiais do navio garantiam que era um ignorante de primeira classe, que entendia de náutica tanto quanto um burro de tocar alaúde; e logo vi que não deviam andar longe da verdade quando soube de algumas passagens da biografia do comandante senil.

Nunca tivera escola náutica em regra, nem nunca servira em navio de guerra, apenas costeara de um porto para outro em pequeno navio mercante carregado de toucinho, tábuas velhas, viagens que se fazem sem risco, sem sextante e sem bússola, conservando sempre a costa à vista. Sua mais longa viagem fora do Rio de Janeiro ao Rio Grande, onde não há pedras nem bancos de areia.

Tivera de uma feita um encontro casual, nada agradável, diante do porto de Santos, com o Almirante Brown, e esse atrevido aventureiro marítimo, que não menoscabava mesmo dos pequenos barcos, lhe dera caça. Com o maior medo de alma, o capitão ordenou a seus homens que disparassem o único canhão de bordo contra a baleia medonha que já a pequena distância mostrava os dentes fatais; o projétil acertou e causou certa avaria na enxárcia do perseguidor. Não sei se foi a surpresa dessa inesperada reação ou que outra perturbação do navio inimigo, o certo é que o nosso capitão ganhou tempo bastante para se escapular para o porto de Santos.

Aí a inaudita façanha heróica foi ampliada mil vezes, largamente trombeteada e as almas crédulas da mencionada cidadezinha queimaram algumas libras de pólvora em honra da brava tripulação. Inteligentemente o nosso feliz navegador aproveitou a ocasião para também fazer aparecer o seu nome em letras de ouro no Rio de Janeiro: conseguiu de diversos moradores conceituados um atestado de que ele, atacado pelo flagelo da Marinha brasileira, o Almirante Brown, com este lutara largo tempo e manobrava tão habilmente e com tanta felicidade que conseguira causar-lhe dano considerável e apesar do fogo intenso do argentino lograra entrar incólume no porto de Santos. Desta vez os oficiais sem dúvida erravam em chamar o seu capitão de tolo, pois de posse desse atestado encaminhou-se logo para a corte e aí o imperador num ímpeto de generosidade o nomeou comandante da *Jurujuba*. Era gosto de D. Pedro tirar às vezes pessoas do nada para lhes dar subitamente alto cargo do Estado. Talvez também nisso ele pretendesse tomar

por modelo o grande imperador dos franceses, o qual, sem olhar a pessoas, só premiava o mérito; pena que não imitasse também em tanta outra coisa o magnífico modelo!

E não é muito mais louvável o que se pode dizer do primeiro tenente dessa arca de Noé. Em todo caso era mais hábil do que o capitão, mas era grosseirão sem igual e intrigante profissional. Seus subordinados o odiavam e temiam como ao pecado original, mas nenhum se atrevia a censurar abertamente a sua conduta arrogante nem mesmo retrucar às suas recriminações descabidas e impropérios de linguagem de marinheiro, pois até o velho capitão, que o temia horrivelmente, estava de tal modo em suas garras como um cordeiro apanhado por gavião, de modo que não havia apelação para ele. Os demais oficiais eram moços inexperientes, para os quais parece que a dormida preteria tudo; mal o serviço lho permitia, metiam-se na cama, a fumar cigarro de papel, tocar viola ou roncar à porfia. Raras vezes viam-se alguns reunidos e mesmo então a conversa era tão sem gosto e animação que até os cem olhos de Argos ter-se-iam fechado a escutá-la. Não estivesse felizmente em minha companhia a bordo um outro alemão, o Capitão Carro, eu teria morrido de tédio; a este homem de bem, como a mim e alguns oficiais brasileiros do exército, fora designada a *praça das armas* [sic] para nosso salão, e era a sala mais espaçosa de bordo. Aí não teria faltado espaço para estendermos nossos colchões se não tivessem tido o descaramento de encher a peça com materiais diversos, a tal ponto que mal se conseguia espaço para assentar comodamente, quanto mais para deitar. Mas não era este o maior mal: um fétido pestilencial nos enxotava daí, de maneira que preferíamos passar as noites ao ar livre sobre o convés. Uma outra peça contígua à nossa era ocupada por seis a oito mulheres, que se diziam casadas com oficiais do exército passageiros do navio. Na maior parte nunca haviam visto o alto-mar, pelo que não tinham a mínima noção sobre a enorme massa d'água e sobre o balanço do navio, que apesar do tamanho e construção pesada era joguetado como uma pena pelas ondas espumantes. Como era de prever, a maior parte dessas *donas* [sic] logo tiveram o enjôo do mar e como só estivéssemos separados delas por uma porta envidraçada, a nossa sede no ventre da *Jurijuba* ainda apresentava o inconveniente de também acabarmos enjoados pelo contágio, por termos notícia das insistentes sublevações vomitivas das

nossas belas companheiras aflitas, a se traduzirem pelos conhecidos garganteios. O amor fazia malvado gracejo com essas belas: resolutas haviam acompanhado seus amados, corajosas haviam com eles posto os pés a bordo, para partilhar com eles prazeres e sofreres e, se necessário, a morte; mas nisso apresentou-se o momento crítico em que a sua perseverança ia ser submetida ao purgatório duma alvorada divina ultracatólica – e prontamente o enjôo suplantou o amor.

As heroínas transatlânticas agora achavam-se ingênuas e tolas por haverem abordado tão penosa e perigosa empresa e almejavam regressar a suas choupanas, onde não corriam perigo nem teriam enjôo, onde teriam sempre à mão uma escrava para alcançar à digna iaiá um copo com água ou uma xícara de chocolate e onde depois de um dia deliciosamente passado a não fazer nada as aguardava uma boa cama e talvez também ansioso e perfumado amante, “Bordão amigo! quem me dera nunca haver te trocado pela espada!” Era este talvez o pensamento de muitas delas, mas agora era tarde, pois, como disse, uma vez no mar não há compadre que queira fazer retroceder o cavalo. *Quos ego, quos ego!* [sic]. Netuno sonâmbulo!

A deusa fertilidade, que no Brasil esparge tão profusamente a sua cornucópia abençoada, também já contemplara a essas mulheres anfíbias com meia dúzia de rebentos, que como os tubos dum órgão de igreja se sucediam entre nove meses e seis anos. Naturalmente essa criação miúda, lhes agravava a situação desagradável, pois, em primeiro lugar, na estreita peça faltava espaço, tanto que uma família não podia conservar suas camas só para si, porque tudo misturado tinha que arranjar um incômodo lugarzinho no chão coberto de colchões; e em segundo lugar, sempre havia o que lavar e limpar, o que também não podia ser efetuado sem grandes dificuldades. Os senhores esposos *in spe* [sic], em geral pernambucanos, e por isso longe de sua terra, geralmente não tinham escravos para servi-los e às famílias, apenas um bagageiro da companhia, o qual, como era de sua obrigação, estava pronto a limpar o fardamento e as botas de seu oficial, mas cortesmente agradecia pelas desasseadas histórias com que madame queria mimoséá-lo. Isso dava lugar às cenas mais ridículas e escandalosas. Assim como o tenente pode dar ordens ao bagageiro em matéria de serviço, assim também a pseudotenenta imaginava poder obrigar o soldado a fazer a limpeza dos vasos noturnos dela e

dos filhos. Aos impropérios e aos berros procuravam impingir ao soldado o odioso vaso, mas este com a franqueza militar característica declinava da honrosa incumbência, com expressões suculentas, sem se importar que madame, de raiva e vergonha, tivesse algum chilique.

Os maridos, que percebiam claramente a impossibilidade de obrigar o soldado a negócios tão aviltantes e desassequados, tratavam de se esgueirar quietinhos como um ratinho e deixavam os cuidados de levar a termo a guerra púnica às suas caras-metades – ou oitavos.

Ordinariamente o resultado de tais disputas não podia deixar de ser que madame pessoalmente tinha que subir ao convés e proceder ao repugnante serviço, o qual tanto mais revoltava a esposa ou amante de oficial, quanto tinha que fazê-lo às vistas dos circunstantes. E para acabar de estragar a vida de bordo para estes pobres seres do “sexo parturiente” fomos assaltados na altura de Santos por um violento temporal que tanto agitou o navio meio podre, que no camarote se estabeleceu uma dança de malas, cadeiras, mesas, vidros de remédios e urinóis, e que no convés éramos obrigados a agarrar-nos aos cabos e mastros, sob pena de sermos arrastados às ondas por uma súbita guinada. De maneira que, se a situação das pobres senhoras já antes era mais que desagradável, agora tornou-se tão insuportável que todos, sem embargo dos próprios males, as lamentavam. Os choros e soluços que da peça vizinha chegavam aos nossos ouvidos atestavam o lastimável estado em que deviam achar-se as infelizes ondinas, subtraídas ao elemento que lhes dá energia. Todos tinham pena delas, mas ninguém podia dar-lhes ajuda.

O concerto não tinha fim, e eu apesar do temporal e da chuva, impelido por essa “caçada louca”, preferi fugir para o convés e deixar que me molhasse dia e noite até os ossos, a ter que ouvir no seco a eterna lamúria das minhas vizinhas.

Alguns pernambucanos, que tinham inato o vizo da gatunagem, aproveitaram a confusão reinante na *Jurujuba* para roubar o pouco dinheiro dos alemães, adquirido durante a campanha, sob sofrimentos, fome e miséria de toda espécie. O oficial que os comandava, um dia recebeu queixa disso e aí tive ocasião de mais uma vez me espantar dos meios e modos pelos quais no Brasil se costuma administrar a justiça. Todos os pernambucanos tiveram ordem para se reunir e seu chefe os intimou, sob ameaça de 50 chibatadas por cabeça, a que denunciassem o

culpado, lhe dessem o nome. Todos ficaram calados, ou porque não pudessem ou porque não quisessem denunciar seus camaradas e patrícios. Então o oficial fez avançar um dos seus soldados, que ele já conhecia como gatuno, e sem preâmbulos lhe fez aplicar as 50. O paciente entretanto garantia que estava inocente e segundo parecia, apesar da dor se manteve insensível. Seguiu-se o número dois, a quem da mesma forma se aplicou a dose; também este negava pertinazmente. Foi chamado o terceiro, homem franzino, fraco de nervos e implacavelmente começou a surra; mas antes da décima chibatada confessou a soluçar que tomara parte no furto e que o primeiro dos castigados e mais cinco ou seis pernambucanos haviam sido cúmplices. Todos estes, porém, negaram e então o trabalho começou de novo, *da arpo, da arpo, da arpo* [sic], até que a bem dizer a importância furtada fosse arrancada a pau nas costas. Mas ainda não acabou nisso a inaudita cena bárbara, pois, não satisfeito de haver restituído ao dono o dinheiro roubado, agora é que o oficial fixou o número de chibatadas que haveriam de ser aplicadas como punição a cada um dos gatunos. E o segundo dos que a princípio haviam sido batidos e que estava inocente, o oficial o consolou dizendo que talvez houvesse escapado à descoberta de alguma falcatrua antiga e que por ela lhe ficavam creditadas aquelas 50 chibatadas.

Certamente o meio era eficaz para dar na pista dos culpados, mas justo e humano não o considerará nem o rude botocudo nas matas virgens brasileiras. Que sistema desumano, esse que serve de base num país, para que a um oficial subalterno se confira o poder de, sem qualquer investigação adequada, mandar aplicar a seu subordinado, 50 a 100 e mais chibatadas! Como é possível que no peito idólatra de um homem possa bruxulear a mínima chama de amor-próprio, quando sob a férula de pequeno déspota tirânico a todo momento tem de se submeter com medo, como se fosse escravo, aos seus caprichos? Como se pode esperar coragem e resistência no campo de batalha, de soldados só habituados a obedecer ao cacete e que não conhecem pátria nem liberdade? Realmente, não é a pau que se educa o soldado valente, *le brave des braves* [sic]; onde não há ambição nem estímulo jamais haverá herói.¹³⁸

Depois de passarmos alguns dias nessas circunstâncias desagradáveis sobre a interminável superfície do oceano, finalmente amainou o vento, o sol rompeu o véu escuro das nuvens e pela primeira vez tornou

a olhar-nos com cara de amigo. O sonolento capitão logo aproveitou a ocasião favorável para verificar com a bússola e a sonda onde estaríamos. Pareceu que o porto do Rio de Janeiro já não estaria longe, ainda hoje, segundo afirmava o monossilábico imediato, deveríamos avistar as costas brasileiras, com suas cordilheiras de montanhas a entestar com o céu; e cada qual de antemão por isso se alegrava, especialmente as senhoras se fundiam de prazer, por anteverem a iminente libertação do inferno dos vômitos. Toda a gente se reuniu no convés, a olhar fixamente para oeste, de onde nos havia de sorrir a estrela redentora da martirizante situação.

Mas foi só pelo fim da tarde que pudemos descobrir muito ao longe os contornos sombrios, esfumados, do continente e já era noite quando finalmente surgiu das águas a figura disforme do “gigante adormecido”, perto do porto da capital imperial. As Gáveas, que formam o rosto dessa colossal figura humana, estavam iluminadas pelo reflexo dourado do sol poente. Nunca eu vira mais expressiva, mais clara, essa cabeça de pedra que causa horror. Viam-se perfeitamente os sulcos profundos e fendas produzidas talvez nessa mole gigantesca por alguma revolução terráquea antediluviana e pareciam os vincos firmes, impassíveis, na fisionomia dum homem sério, a meditar.

Pouco a pouco extinguiu-se o brilho rubro na orla da serra longínqua, em galas de casamento, e espessa escuridão revestiu a região, o gigante ameaçador que há milênios se estende como sentinela do Rio, desapareceu em poucos segundos aos nossos olhos perscrutantes.

Tão próximos dos grotescos rochedos e penhascos, envoltos misteriosamente no manto da noite, nosso capitão veterano, como toda a tripulação, parece que tinham o coração a subir para a garganta.

Assustados, todos olhavam para a região onde fica numa pequena ilha o farol, que uma louvável providência destinou a servir de aviso e indicador ao navegante. Mas ainda não havia luz no farol, faltava o clarão intermitente a mostrar-nos a rota, para que sem acidente alcançássemos a meta da nossa viagem. De incerteza e medo de haver-se talvez aproximado demais da costa, ia-se mudar de rumo a retomar o alto-mar, quando uma consoladora luzinha, que logo brilhou em chama, nos informou que o faroleiro finalmente se levantara da pele de urso.

“Graças a Deus!”, disse o capitão com um profundo suspiro, “que a velha preguiça lá no alto, finalmente ressuscitada, nos acende

uma vela abençoada! Teria sido difícil tornarmos a sair no mar alto do meio dessas pedras sem alguma do Demônio!” Tarde da noite passamos entre o Pão de Açúcar e a fortaleza de S. Cruz e fomos ancorar na Villegaignon.

Eis-me de novo na capital do Império, incerto de haver procedido em meu proveito ou prejuízo, ao trocar espontaneamente por ela a bela S. Catarina. Mergulhado em pensamentos, vaguei pelo convés a olhar para o Rio, onde mil luzinhas azuis tremiam e onde talvez a essa hora tantos amorosos se encontravam carinhosamente, quantos bandidos encapados perambulavam nas ruas. Esplêndida e majestática aparecia a lua no horizonte, e da escuridão se destacavam as igrejas, o arsenal, o paço e outros edifícios importantes; ninguém mais tinha sossego a bordo, cada qual desejava se possível ainda esta noite pisar em terra, até as damas baianas de alegria parece que tinham esquecido o enjôo do mar. O capitão, agora completamente anuviado, contente por estar felizmente a salvo, mandou servir *punch* em grandes jarros, apesar da sua avareza, e visivelmente tinha achado novamente no porto a sua perdida bravura.

Na manhã seguinte tive a incumbência de levar a notícia oficial da nossa chegada ao comandante do Arsenal de Marinha e solicitar-lhe embarcações para pôr em terra a tropa. Mal desobrigado, corri à Praia Vermelha, onde se achava então o único batalhão alemão ainda de guarnição no Rio de Janeiro, e onde desde muito me esperavam velhos conhecidos e camaradas. O comandante dessa praça forte e dessa fraca tropa era o Coronel Schwalbach, o qual ao tempo em que D. Miguel usurpava o trono português se distinguiu como chefe duma força de constitucionais, pela sua impavidez e proficiência, e cujo nome fulgia gloriosamente em todas as gazetas européias durante essa insensata guerra fratricida.

Já não era moço, mas de constituição forte, robusta, apesar de sua idade era ainda soldado capaz e cabeça empreendedora. A revolução dos negros em S. Domingos e as guerrilhas contra os franceses na Península haviam sulcado profundamente o seu rosto marcial, mas não haviam diminuído o fogo de seu espírito nem a força de seus músculos. Cortês e cordialmente me recebeu o meu futuro comandante e pareceu intimamente feliz por saber que seriam incorporados ao seu batalhão

sessenta soldados alemães que se haviam distinguido pela coragem e valentia na campanha contra a Argentina.

O amável tratamento do coronel e a recepção alegre por parte dos meus camaradas depressa me consolaram da perda das minhas agradáveis relações de S. Catarina; a amizade dos próprios patrícios, como é fácil de compreender, me era mais apreciável e de mais importância que a afeição dos habitantes, sempre estranhos, daquela ilha fértil. Aconteceu comigo como naquele tempo com tanta outra gente, que pensa que mudando de situação melhora: a primeira impressão, sem dúvida, foi surpreendente, e precipitadamente dela tirei ilações.

A desordem geralmente reinante no quartel, a negligência com que se fazia o serviço, a princípio despertaram em mim séria dúvida sobre a louvada capacidade do Coronel Schwalbach, que se havia revelado bom militar na guerra, mas não parecia feito para o serviço de guarnição. Além disso reinavam as mais vis intrigas entre os oficiais, introduzidas por alguns oficiais portugueses do batalhão e – diga-se para vergonha nossa – que grande parte dos oficiais alemães zelosamente nutriram e duplicaram.

A falta de leitura ou de qualquer outra distração espiritual, não podia tardar neste triste sítio o mais horrível tédio, que nem ao menos se podia matar com passeios, pois os arredores da Praia Vermelha são tão tristes como a própria fortaleza. Só a necessidade de respirar uma vez ou outra o ar puro, longe dessa residência de toda espécie de bichos daninhos, levava-me a meter-me n'água até as coxas, a contemplar o jogo das ondas e o divertido nado dos peixes. Tanto para distração como para conservação da saúde, tomava seguidamente banho de mar, com o que restaurava os membros entorpecidos pelo excessivo calor e protegia a pele contra as erupções que ali grassavam. A esplêndida praia de banho junto ao forte era, sem dúvida, grande conforto; mas também era o único. Alguns chamados jardins existiam na arenosa praia próxima, do outro lado, mas além de mal estabelecidos não eram melhor conservados. Seus proprietários eram sem exceção brasileiros e estes não ligam importância aos lindos filhos da flora nem às belezas naturais. E se algum dia algum europeu, com muito zelo e carinho, fez algum bonito jardim, nele plantando os mais lindos exemplares escolhidos dentre a esplêndida vegetação brasileira, mesmo esses definhavam, suplantados

pelas ervas daninhas. Jaziam desfalecidos, incolores, como os pensamentos ardentes de homens liberais, que condenados ao cárcere perpétuo pelo despotismo e o jesuitismo, para sempre renunciavam à luz do sol e só podem comunicar seu elevado espírito e suas amargas queixas às paredes úmidas do cárcere e aos companheiros embotados.

Residências propriamente decentes não se viam nesta *Praia* [sic], apenas aqui e ali apontavam vendas ordinárias, onde muitos dos nossos soldados buscavam por bom dinheiro morte martirizante. Cachaca, com a nocividade e veneno aumentados de cem por cento pela adição de uma pimenta, de tal ardor que comparada com ela a *poivre de Cayenne* [sic] é uma delícia, e por fumo de mascar e vitríolo, tomada desbragadamente por esses homens, estendia em poucas semanas em insuportável astenia sobre a tarimba a muito jovem sadio – talvez outrora a mais risonha esperança de seus pais e parentes – a quem o vendedor de almas Shäffer induzira escandalosamente a emigrar para o Brasil. Promessas não satisfeitas, esperanças decepcionadas e a recordação dos amigos abandonados, da pátria traída, deviam naturalmente suscitar os mais dolorosos sentimentos nos corações desses seres enganados, que em vez do esperado Eldorado encontravam uma Praia Vermelha, onde a vara do cabo lhes ministrava sem cessar o despótico exercício. Para sufocar no nascedouro todo o pensamento que se voltasse para a cara pátria, entregavam-se em parte sem comedimento à bebida dessa *aguardente* [sic], que de fato no momento atordoava os sentidos e produzia uma espécie de satisfação furiosa – não sei de outra designação para esse estado físico-moral cambaleante –, mas ao mesmo tempo como veneno sub-reptício se lhes insinuava nos membros e gradualmente de tal modo entorpecia os nervos e o espírito, que ao cabo de pouco tempo andavam feito aquelas sombras a quem a febre amarela, qual medonho vampiro, sugara o último sangue das veias.

Mal se dissipava no outro dia o obnubilante hálito de Pandora, mal esses infelizes recuperavam a reflexão serena, eis que se lhes apresentava, como espírito avisador, a recordação de passados dias felizes e em séquito o arrependimento, a dor e o torvo aborrecimento com dobrada violência. Para abafar tais sentimentos ia-se outra vez beber, até que a embriaguez vencesse ao asco e o asco à embriaguez, isso até que aparecesse a crise decisiva, que geralmente punha em breve um termo à vida

desses infelizes. Os melhores, ou antes aqueles que ainda não tivessem inteiramente perdido um certo amor-próprio preferiam meter uma bala na cabeça; os menos resolutos morriam pouco a pouco, acabavam-se miseravelmente nalgum hospital. Pode-se afoitamente garantir que em dois anos morreram vergonhosamente quatro vezes mais alemães pelo excesso de visitas a essas vendas, do que honrosamente morreram na campanha contra a Argentina. O suicídio por melancolia veio a ser formalmente doença de moda, contra a qual todos os meios eram ineficazes. Para os brasileiros era tão singular e inexplicável que um homem na plena posse de seu juízo deitasse mão à própria vida, “o maior dos bens”, que mesmo no quartel-general as partes sobre os consecutivos suicídios eram lidas com incrédulo espanto e davam lugar à suspeita de que talvez os assassinios não fossem tão raros entre os alemães, como estes queriam fazer crer.

Para dar seguramente na pista da verdade, o governo impaciente determinou amplas investigações a respeito do verdadeiro motivo que induzia os suicidas a libertar a alma das peias do corpo. Como, porém, o defunto não podia mais pessoalmente responder ao inquérito, eram sumariamente ouvidos os seus camaradas, como testemunhas valiosas, e estes em geral declaravam unânimes que a única culpa do freqüente, honroso crime do suicídio estava no mau tratamento dispensado aos soldados alemães, bem como no não cumprimento das bonitas promessas que lhes haviam sido feitas em Hamburgo e no Rio de Janeiro. Admirados ouviam os sábios senhores da comissão de investigação essas declarações e não podiam compreender como os meus patrícios a podiam não se sentir contentes neste lindo Brasil, como podiam achar desesperadora a sua situação. E de que não havia assassinio, à brasileira, que com uma bem aplicada facada tivesse tirado a vida à vítima inocente da avareza e da tirania, disso davam testemunho geralmente os pedaços de miolos nas paredes, e os pedaços de crânio como cacos de louça, atirados a mais de trinta passos de distância pela força da pólvora ou da água. Quem poderia ficar indiferente ante tais cenas! quem não teria evitado ver um espetáculo capaz de abalar ao mais rude canibal!

Para consolação única, Botafogo ficava bastante perto para que eu pudesse freqüentemente ir a passeio até lá e retemperar o espírito na contemplação da luxuriante vegetação. Diversos camaradas seguiam

o meu exemplo e não tardou que todas as tardes se achassem diversos oficiais alemães reunidos no Trianon, um botequim de um bravo francês que em diversas campanhas havia seguido a tricolor de seu glorioso imperador, e aí, diante de copo cheio e palestra alegre, esqueciam a Praia Vermelha com todas as suas intrigas e mais sofrimentos da estada local.

Naquele tempo Botafogo ainda estava em pleno fulgor, pois uma grande parte dos embaixadores estrangeiros, os principais comerciantes e vários particulares ricos aí tinham suas residências, vivendo longe do burburinho da capital cercados pelas obras-primas da natureza, no gozo imperturbado duma existência meio campestre meio citadina. Sobreretudo aos domingos e feriados encontrava-se na praia da romântica baía tanta gente a passear, a pé, a cavalo e de carro, que se tinha a impressão de estar em uma das mais movimentadas praias de recreio européias.

Também o pastor das almas da colônia inglesa do Rio de Janeiro escolhera residência aí. Sem dúvida o bom homem tinha gosto; ocupava uma habitação indubitavelmente das mais bonitas de Botafogo, sua mesa era igual à do primeiro lorde britânico e de um modo geral levava vida magnífica e divertida. Pena é que a reduzida receita não comportasse a grande despesa. Seis a oito amáveis filhinhas enfeitavam as janelas do seu palácio em vez de plantas exóticas, e não pouco contribuíam para atrair as vistas dos passantes sobre aquele sacerdotal templo de fadas. Para alguns portugueses e brasileiros católicos ortodoxos constituía espetáculo odioso a vista constante de tantas jovens faceiras na casa de um mestre de religião, mas nós protestantes alemães muito nos alegrávamos com aquelas amáveis aparições e atrevidamente, como sentinelas com senha, tomávamos nosso *point de vue* [sic] sobre as vidraças que espelhavam de limpas e através das quais as meninas brejeiras nos sorriam.

Destarte, se o pastor bonachão não zelava assaz o seu rebanho doméstico, qual seria o seu zelo pelo grande rebanho, a colônia inglesa da capital do Império! A prova transubstanciada das diversas marcas de vinhos e dos mais finos petiscos lhe enchiam a tal ponto todas as horas do dia que mal lhe restava o tempo necessário para preparar aos sábados o breve sermão que devia pregar domingo, e naturalmente deviam pouco a pouco aparecer em suas finanças tais quebrados que o mais perito aritmético haveria de quebrar a cabeça para reduzi-las. Credores afluíam de todos os lados como uma torrente de montanha na primavera, a pedir

pagamento de contas atrasadas de anos. Estava pois em apuros, não a Holanda mas a Inglaterra; adeus vinho do Porto e Madeira! A *aurioa* [sic] substituía agora o néctar fluído que espremido das uvas portuguesas dantes paradeava tão garbosamente em garrafas de cristal na mesa do nosso glutão. Constantemente incomodado pelas citações ante a justiça, por toda parte seguido pelos beaguins da polícia, por fim o pobre sacerdote, mandando ao diabo todo o anglicanismo, não sabia mais para que lado voltar-se, quando de repente caiu novamente um raio de esperança na escuridão desse caos financial eclesiástico.

O orgulho nacional britânico sentiu-se ofendido pelas murmurações da cidade que corriam como um rastilho, a respeito da carga de dívidas do pastor, e isso não podia ser; era necessário ajudar, ainda que fosse à custa da bolsa particular; não se compreendia que os ingleses abandonassem o seu pregador inglês, a reputação e a religião. Despertou a especulação, ajuntaram-se acionistas, circulou uma subscrição e em breve estava assinada uma importância largamente suficiente para tirar da desesperadora situação o devoto *gentleman*-vigário. Não só todos os credores foram satisfeitos, mas ainda ficou belo restinho capaz de fazer frente às despesas por algum tempo, causadas necessariamente por um trem de vida tão perdulário. Era mais que grandeza, era legítima liberalidade britânica. O Parlamento de Londres ainda não esqueceu a palavra *liberality* [sic].

Como acontece a toda gente no mundo, que almeja mudança, assim também sucedeu comigo: Botafogo com a sua região romântica e a simpática habitação do único sacerdote protestante do Rio de Janeiro, especialmente suas lindas filhas louras, sequiosas de amor, me haviam atraído irresistivelmente, mas absolutamente não podiam prender-me para sempre. A mudança de situação é tão necessária ao homem como a água aos peixes, o fogo às salamandras – também precisava procurar uma mudança nos meus passeios.

Não ficava muito longe o Jardim Botânico, com já referi um dos mais românticos passeios dos arredores da capital; mas eu não sou Cuvier nem Lineu, de modo que também aí não me agradava levar diariamente o meu bordão de peregrino. Restava o caminho à capital, no qual havia muito que ver. Sebes vivas e vivendas arrançadas com gosto bordavam a larga estrada que passando pela Glória e o Passeio Público leva ao Rio de Janeiro. Por ela pois passeava eu, abaixo e acima, e nada achei de novo a não ser a casa renovada do Marquês de Barbacena o digno

escudeiro dum imperador insensato, que um moderno Cervantes deveria um dia cantar. Agora o velho marquês caíra em desgraça por haver abusado da confiança de seu imperador, por ocasião de um empréstimo contraído na Inglaterra, no qual mais visara o seu interesse próprio que o da pátria.¹³⁹

Barbacena era um homem que onde aparecesse se impunha irresistivelmente, que conhecia radicalmente a grande arte de injetar nos outros o seu próprio eu que pelo seu belo exterior captava toda a gente, e certamente só a esses atributos devia ele o favor imperial, que o fizera general, ministro e *fac totum* [sic] na imperial administração brasileira do estado e doméstica. Outrora favorito de seu amo, tivera deste a incumbência de percorrer diversos países da Europa à cata de noiva, para induzir alguma dama de sangue real a aceitar o lugar da imortal Leopoldina de Áustria no Rio de Janeiro. Bateu em todas as cortes cristãs do Velho Mundo, a perguntar, mas não aparecia jovem insignificante, muito menos princesa, que quisesse atar os laços matrimoniais com a majestade imperial do Brasil.

Na Itália por certo não faltam pessoas femininas com alteza real, que portanto, no que toca a títulos, estariam talhadas para o papel de monarca e como tal dominar esse reino de *castrados* [sic] que Álvares Cabral descobriu em 1500; mas também aí foram baldados todos os esforços e sem nada feito teve que regressar ao Rio de Janeiro o navio de guerra que fora mandado a Gênova para receber a nova imperatriz. Barbacena foi o único que nesse embarço soube achar solução. Foi a Munique e aí solicitou a mão da amável filha do cavalheiresco Eugênio Beauharnais, enteado do grande imperador dos franceses. Seus passos foram bem sucedidos: a corte bávara aprovou o consórcio e Amélia, a segunda esposa do imperador americano, não disse “não”^{*} pois já estava mortalmente enamorada de D. Pedro I antes de conhecê-lo *in natura* [sic].

* Talvez não fosse descabido dar aqui uma explicação sobre a descendência de D. Pedro, pois que os meus leitores alemães provavelmente pouco sabem a respeito. O Imperador deixou um filho, o atual imperador D. Pedro II, nascido a 2 de dezembro de 1825, predileto de Leopoldina, e quatro princesas, a saber: a rainha portuguesa Maria da Glória, que há pouco tempo escolhera para esposo o príncipe francês de Leuchtenberg; Dona Januária Maria, nascida a 11 de março de 1822, que em vão reclama Portugal; Dona Paula Mariana, nascida a 15 de fevereiro de 1823, e Dona Francisca Carolina dos Anjos, nascida a 2 de agosto de 1824. Portanto, D. Pedro II, o mais novo dos filhos do Imperador, tem agora dez anos de idade.



D. Amélia

Dera-lhe o marquês um retrato do imperial pretendente, retrato no qual provavelmente o pintor não poupou retoques; demais, Pedro era homem bonito, robusto, de modo que o retrato conquistou a linda menina, amável, inocente. Ah! quantas vezes em audiência beijei a mão redonda bem conformada, que Amélia perante o altar do casamento deu para sempre ao monarca brasileiro, e de cada vez me trespassava um sentimento doloroso, pois eu refletia sobre a união aqui realizada entre o bem e o mal. Barbacena assim prestara ao seu teimoso soberano inestimável serviço; triunfalmente conduziu ele a caça à mata virgem brasileira. Todo o Império aguardava esperançoso a substituta de Leopoldina; prepararam-se os trajes de gala, os alfaiates no Rio tinham as mãos a arder da agulha. Afinal chegou a muito esperada, divina mulher; o troar dos canhões de todos os fortes do Rio de Janeiro anunciou a chegada da dominadora do Brasil; chegava com todo o fulgor, dotada de todas as excelências que proporcionam ao belo sexo a mocidade, a posição, a beleza e a inocência. Todo o Rio rejubilava. Construíram-se arcos triunfais, que custaram milhares e milhares de piastras. Quem poderia em tão auspicioso acontecimento poupar despesas?!

Entre todos os estrangeiros domiciliados no Rio distinguiram-se os franceses por um monumento de muito gosto, que construíram em honra ao feliz acontecimento, sem avareza nem pequenas considerações. Realmente, não era de admirar que precisamente eles mais se empenhassem por tornar o mais possível brilhante a recepção de Amélia, pois consideravam a linda filha de Eugênio como sua patrícia, se bem que não viesse da alegre França, mas da austera Baviera.

Vestida com as cores da inocência e do amor, mostrou-se a senhora pela primeira vez a seus delirantes súditos; foi um cortejo triunfal no qual ela ganhou todos os corações, ainda antes que se lhe conhecesse o caráter. Parecia que o Brasil rebelde mais uma vez ia tranquilizar-se; os homens de idéias republicanas engoliram mais uma vez a frase terrível: "*Em baixo o imperador!*" [sic] e como mansos cordeiros seguiam a bandeira que tudo conquistava, o vestido branco da nova imperatriz, ricamente bordado com grinaldas de rosas. Certamente ninguém a esse tempo pressentia que a queda de D. Pedro estivesse tão perto da porta.

Mas já despontavam nuvens ameaçadoras junto ao trono imperial, já ao longe roncava o trovão, já fuzilavam os raios que derru-

bariam o tirano. Estava em plena atividade o facciosismo, enquanto o tigre atordado dormia; só uma Amélia poderia suplantar por algum tempo o ambiente revolucionário, mas era fraca demais para opor um dique resistente às medonhas ondas em marcha.

Não somente na capital, mas também na província de Minas Gerais o horizonte político se envolvera em espesso véu nebuloso. Índios, brasileiros, mulatos, negros, portugueses, todos sentiam a aproximação do perigo; só tu, D. Pedro, não pensavas nisso! Em vez de concentrar as tuas tropas, especialmente as estrangeiras, quanto possível, no Rio, tu te deixaste induzir por ministros e oficiais traidores a espalhá-las pelas diversas províncias do império e desta forma tu mesmo meteste a espada na mão de teus inimigos. Lima,¹⁴⁰ o mesmo homem que outrora foi teu favorito e agora é o verdadeiro regente do Brasil, Lima e tuas vistas estreitas puseram-te a perder.

NOTAS AO CAPÍTULO XVI

137 N. do T. – O autor escreve sempre Amália.

138 É tanto mais de assinalar este conceito de Seidler quanto é certo que ele não havia de ignorar a história de sua própria pátria, onde, aos tempos do rei-sargento e de Frederico, o Grande, os soldados temiam ainda mais a vara do sargento do que as balas do inimigo.

139 D. Pedro I e o Marquês de Barbacena tornaram-se realmente inimigos. Como se sabe, o Imperador havia cumulado o seu amigo de grandes honrarias; por sua vez, Barbacena prestara-lhe grandes serviços, quer visitando as várias cortes européias para conseguir-lhe uma esposa, coisa difícil dada a má fama do príncipe, quer acompanhando-lhe a filha, dona Maria da Glória, para livrá-la das garras de Metternich. Diz-se que aconselhado por José Bonifácio, D. Pedro I resolvera pôr por terra o Ministério em que José Clemente Pereira, português, talvez arrependido dos que dera em favor da independência, punha as energias ao serviço do partido lusitano. Barbacena foi encarregado de organizar o novo Ministério, o que levou a efeito em 4 de dezembro de 1829. O Imperador não era poupado e por sua vez contra-atacava. Barbacena continuava sendo amigo íntimo de D. Pedro. Chegados ao dia 27 de setembro de 1830, o Imperador escreveu ao seu amigo e confidente um bilhete, empregando termos usados pela oposição, que não podiam deixar de ser considerados ofensivos aos brios do marquês. Propunha-lhe D. Pedro a passagem

da pasta da Fazenda para a dos Estrangeiros, para que não fosse juiz e parte, uma vez que estava resolvido a fazer examinar as contas da legação de Londres (que foi a base de operações do marquês, quando andou pela Europa em serviço imperial).

Barbacena não aceitou o alvitre e pediu licença para defender-se em público, sendo-lhe respondido que em face da Constituição essa licença era desnecessária. A 18 de outubro aparecia o decreto em que o Imperador declarava haver por bem demiti-lo do cargo de ministro, para que fossem examinadas as grandes despesas feitas pelo mesmo titular, tanto com dona Maria da Glória, como com os emigrados portugueses na Inglaterra e com o seu casamento.

O Marquês de Barbacena publicou em seguida uma exposição minuciosa, acompanhada de vultosa documentação, provando a lisura do seu procedimento. Logo depois, retirava-se para o seu engenho de Jericó, escrevendo a D. Pedro uma carta pouco amável, em que profetizava os próximos acontecimentos políticos. Eis um dos trechos da carta: “Um dos avós de sua M. I. acabou seus dias em uma prisão em Cintra. Vossa M. I. poderá acabar os seus em alguma prisão de Minas a título de doido, e realmente só um doido sacrifica os interesses de uma nação, da sua família e da realza em geral, aos caprichos e seduções de criados, caixeiros portugueses, que aliás constituem a escória do que há de mais vil e ignorante na Europa civilizada.”

Os termos do decreto mostram que não se tratava de qualquer empréstimo.

- 140 Refere-se certamente ao comandante das armas, Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, que veio a fazer parte da regência, após a abdicação de D. Pedro I. Os Lima e Silva constituíram uma família de grande influência nos negócios políticos da época.

.....

Capítulo XVII

DESORDENS NO RIO DE JANEIRO – VIAGEM DO
IMPERADOR À PROVÍNCIA DE MINAS GERAIS
– INTRIGAS DA CÂMARA DOS DEPUTADOS
– LIMA – BARBACENA – MONTEZUMA
– CENAS PRECURSORAS DA REVOLUÇÃO
– DISSOLUÇÃO DAS TROPAS ESTRANGEIRAS

A história universal é um gigantesco templo, fabuloso, pela ação e pela palavra do homem erigido em honra ao Deus imortal; ao passo que a crônica – e até aqui este livro pode ser considerado como quase exclusiva crônica de memórias – é a elevada colunata que sustenta as abóbadas da Igreja, assim como os sucessos do dia, estilizados pelo tempo em tradições e lendas, constituem os magníficos quadros que ornaram os altares.

Na História vemos em sua simples grandeza o mundo antigo e o presente, em suas proporções completas, perspectivamente concentradas; surgem diante de nós toda a natureza, todo o gênero humano, a laborar e a padecer, e quase sucumbimos sob a impressão conjunta de tão formidáveis verdades, pois “a história universal é o juízo universal”.

As crônicas, porém – o termo “memórias” é apenas uma expressão moderna das mesmas – narram singelamente, sem pretensões e

em pormenores os sucessos do dia, da hora, dos séculos; por elas vemos quando e como se fez a sementeira que agora produz frutos bons ou nocivos, quando lhe sorriu o sol, ou a cobriram temporal e furacão. Claramente emergem diante de nós vultos fugidios na superfície do espelho; aqui não é necessário que se retraia, como na História, a individualidade do observador. As memórias nada mais são, nem pretendem ser, senão simples aves cantoras, multicores pintassilgos, que fazem ouvir seus cantos tagarelas, ora na espessura do arvoredor, ora no chão, ora nos mais altos galhos dos álamos. A crônica é o depoimento do mundo.

Tais são crônica e história. Aquele, jardimzinho bem tratado, com flores, pássaros, relva, batatas e outros vegetais clínicos; uma latada, onde é bom viver e contar histórias, pois o sol e a lua meio que fazem parte do jardim. Mas esta, a história, a crônica do mundo perspicazmente concentrada, é mata virgem, com carvalhos e palmeiras, com o céu alto e o mar profundo, com abelhas e mel, com folhagem e latadas, com a palavra divina e a ação humana.

Aqui o pintassilgo guinda-se a um elevado galho, embora não verde, e as memórias pertencem à história universal. D. Pedro foi derrubado e o império deu à luz um imperadorzinho.

As revoluções são parte principal da história de cada país, por isso também aqui tive de começar capítulo novo, para erguer lentamente o véu que até então ocultava a cara de Górgonas do levante popular brasileiro, da explosão da aristocracia sul-americana. Pretendo mostrar como uma massa amotinada, realizando sob a capa de servil cortesia lentamente, mas com segurança, os seus planos de derrocada de um império, finalmente empunhou a bandeira da rebelião, que em breve tremulou em todas as províncias do Império; pretendo demonstrar como uma liga vacilante de aristocratas foi tecendo para vestir-se os fios da diligente aranha democrática; como a República nasceu morta; como a justiça que representou o principal papel nos primeiros atos desse drama, afinal abandonou o palco; e como um sabido arlequim com seu relho transformou a tragédia em *vaudeville* cômico. Direi como Lima, o jesuíta, Lima, o Judas, prestou ao seu Imperador o juramento de fidelidade, como o cumpriu e quebrou; como uma revolução, que, a princípio era mais justa que forte, mais ridícula em sua história do que seria em

suas conseqüências, pouco a pouco, como uma serpente saiu do ovo de pomba.

Aproxima-se o temporal; D. Pedro! é hora, alta hora de tomar uma resolução pronta. Ou então os cavalos do raio assolam o trono usurpado, do qual um dia enxotaste teu próprio pai! Acorda, dorminhoco! Às armas, às armas! Tu mesmo, teu país, tua esposa, teus filhos menores, tudo, tudo corre perigo! Pedro, sê Dom! Pedro, não esqueças que és senhor! Mas Pedro estava surdo.

Por esse tempo uma fermentação generalizada entrou a abalar a capital, como um tremor de terra (Lisboa não era estranha ao fato). Cá e lá já saltavam fagulhas isoladas do cinzeiro mal abafado; já alguns jornalistas especuladores ousavam falar da pessoa do imperador e de uma mudança da Constituição, com uma desenvoltura que todo observador sensato reconhecia como prenúncio de uma época prenhe de desgraças. Caricaturas sem vergonha e sem valor, obras-primas de fábricas norte-americanas e inglesas, vendidas quase de graça eram afixadas em todas as janelas; até os imperiais atores de teatro não poupavam no tablado as alusões a Pedro-Napoleão e ao século das usurpações, ao ex-reino.

O Conde do Rio Pardo¹⁴¹ então ministro da Guerra, que especialmente, como português, se sentia mal com os acontecimentos, procurou finalmente abrir os olhos ao imperador sonhador, sobre a verdadeira situação do seu governo mal conduzido, e sobre as artes altamente ameaçadoras e eminentemente populares da Câmara dos Deputados; procurou remover-lhe a catarata do mais insensato despotismo e com esse fim lhe demonstrou quanto era relevante que a majestade imperial fosse mostrar-se aos habitantes da Província de Minas Gerais, para procurar ganhar para si a opinião pública da mesma.

Tal passo era certamente de todo necessário, pois já se reuniam bandos na província, que instigados pelos deputados mineiros, na esperança de que uma mudança de governo melhorasse sua própria situação, se declaravam prontos a sacrificar o sangue e a vida pelos objetivos de alguns profetas ambiciosos e missionários do misticismo. Tudo agora estava em peitar os mineiros pela benignidade e magnificência. O Rio de Janeiro não era capaz de se opor às forças que aquela província, se quisesse, podia a cada momento desencadear, como uma hidra de inúmeras cabeças.

Uma viagem do par imperial a essa região pareceu ao Conde do Rio Pardo o melhor meio de tranqüilizar os espíritos por algum tempo, e D. Pedro aceitou alegremente esse alvitre, tanto mais que estava irresoluto diante dos numerosos inimigos que o envolviam na própria capital, e não atinavam com outra saída decente.

Todas as providências foram tomadas para cercar os monarcas com a magnificência adequada à sua condição; a cintilação dos brilhantes, o brilho do ouro, o som da prata, a graça condescendente do soberano, tudo deslumbra tão facilmente a população, e o que se queria era somente deslumbrar, ganhar tempo. Número considerável de criados, uma porção de cavalos e bestas, em parte carregando, em parte carregadas, deviam seguir ao préstito triunfal. Em resumo, a proposta ladina do ministro da Guerra assustado, preocupado mais com a sua própria pessoa, ia em vias de execução sem entrave.

Já os partidários de D. Pedro esperavam que esse passeio a cavalo fosse bastante para conquistar o povo fraco e que mais tarde poder-se-ia tanto mais duramente brandir o chicote do absolutismo. Mas o Imperador brasileiro não era César romano a quem assentasse o velho *veni, vidi, vici* [sic], nem havia nenhum Bruto ou Cássio à testa dos conjurados. Havia entretanto dois outros inimigos, quiçá mais difíceis de vencê-los: espírito nacional e senso da liberdade.

Nisso revelou-se a Câmara dos Deputados com todo o seu egoísmo: solicitou ao Imperador que ficasse na capital, “porquanto o atual pendor republicano generalizado no espírito público do Rio de Janeiro tornava absolutamente necessária sua presença pessoal para proteção da Constituição”.

D. Pedro julgou-se ofendido por solicitação tão pretensiosa; como um cão bravio, mostrou os dentes afiados, afirmando por todos os santos do Céu e do Inferno que havia de fazer a viagem a Minas Gerais, ainda que houvesse de custar a vida a centenas de pessoas. Declarou que a Constituição por ele jurada não tolhia o monarca de visitar a todas as províncias, e nisso ele tinha razão, pois, mesmo ao pé da letra nenhum artigo da Constituição contém semelhante proibição. E, na verdade, era uma insensatez barbárica querer impedir o monarca de visitar pessoalmente o país que tem de governar.

As Cortes fizeram todo o imaginável empenho por desviar o Imperador, com intrigas e cabalas, de sua resolução; mas ele dissera “eu quero” e com isso ficava assentado que a viagem seria realizada. Melhor teria sido para ele que nesse caso não insistisse em sua vontade, pois a sua presença ainda retinha a muitos dos grandes a tomarem parte na conspiração abertamente.

Veio o dia da partida; na quinta imperial de S. Cristóvão era um formigueiro de homens e animais de todos os sexos e raças. Viam-se alemães e ingleses, negros e mulatos, índios e italianos, todos ocupados em arrear as bestas com as pesadas selas, e os animais a bater com os cascos e receber gemendo as cargas, que transmudavam seu dorso bem conformado em corcovas de camelo; eram coices à direita e à esquerda, cargas derrubadas, disparadas infrenes. Numerosos criados a correr no encalço, quer para apanhar o animal espantado, quer para recolher as partes da carga da bagagem imperial esparramada. Aqui uma caixa, ali um caixote, cá um chapéu de homem, lá uma liga de mulher, correntes, broches, potes de pomada, tabaqueiras – tudo espatifado na queda pelos pés das bestas. Sansão te apanhe! não faltam queixadas de burro e filisteus. Mas Sansão dorme. Incontável massa popular que afluiu para assistir à partida do par imperial secundou com alegre vozerio a disparada dos animais desembestados, verdadeira pagodeira carnavalesca, singular sátira!

Já outros burros, escondendo menos a sua natureza, reagiam às fortes advertências de possantes relhos, recusando a obediência aos seus condutores e não arredando pé; até os berros de D. Pedro que das janelas da quinta aguardava a partida da caravana retardatária, ecoavam infrutíferos nas orelhas aguçadas, surdas; o seu trovejante “toca este diabo!” [sic], obedecido com redobradas pancadas, de nada valia; muitos dos orelhudos assentavam tão firmemente os cascos no solo pátrio que nem os tormentos do Inferno os fariam andar. A ordem de abatê-los não devia ser cumprida, pois o mestre das cavaliariças bem sabia o prêmio que o esperaria em face de semelhante excesso de zelo. Assim a raça burral conseguiu em parte o seu objetivo: a maior parte dos rebeldes quadrúpedes foram reconduzidos às baias e em vez deles foram trazidos outros, que iam expiar a teimosa preguiça dos camaradas. Isso foi o começo da revolução: é a idéia alegórica do conjunto.

Por fim pareceu terminada a cena ridícula. Os animais estavam carregados, a caravana entrou em movimento e em breve desapareceu atrás das altas sebes verdes da quinta imperial. Um troço de criados agaloados esperava a saída do soberano. E ele veio: o ar torvo, casmurro, o olhar ameaçador, imperativo, revelava que devia ser ele; pela sua mão vinha a bela Amélia. Com estouvada pressa ele a alçou na sela e ela lhe agradeceu sorridente, com a amabilidade cativante que sempre envolvia de graça seu vulto. Por fim D. Pedro também montou seu inglês castanho, em voz forte ainda disse algumas palavras à esposa e partiu a trote rápido sem mais importar-se com o séquito. Lentamente seguia a Imperatriz napoleônica depois de ter dado, com a mão, um adeus afável e condescendente ao povo; mas já não se ouviu o tumultuoso “viva” que dantes nunca faltava onde quer que aparecesse o alto casal.

Era mais um mau sinal, prova de que a atmosfera da capital estava envenenada por ares mornos, prenunciadores de tempestade. Mal responderam ao amável *adeus* [*siç*] da alta princesa, tocando nos chapéus.

Calmamente os deputados haviam assistido aos preparativos da viagem e à partida; seus projetos de reterem o monarca no Rio e desta maneira tornar-lhe impossível de atar relações na Província de Minas Gerais, que poderiam ser fatais aos excessos deles, pareciam totalmente frustrados. O Imperador tinha levado avante a sua vontade e mais uma vez lhes mostrara que era o único senhor regente do Brasil e queria sê-lo sempre; mas justamente a calma com que o deixaram partir revelava que já de muito estavam forjando outros planos para derrubá-lo.

Afastado D. Pedro da capital, tanto mais liberdade tinham aqui, tanto mais fácil era conquistar os ânimos já exaltados e provavelmente tanto melhor podiam preparar-lhe a queda já inevitável. E, com esperteza, as Cortes providenciaram também para que falhassem os objetivos do Imperador junto aos mineiros: procuraram instigar o povo dessa província contra o monarca por meio de boatos, fundados uns, infundados outros, espalhados por emissários do Rio de Janeiro, de tal maneira que não havia mais pensar em restabelecimento da submissão, muito menos se podia esperar que esse povo se decidisse pela causa do Imperador à custa da Constituição.

Qual Tartufo sorridente zombeteiro, Lima,¹⁴² que pela frente era sempre o amigo, pelas costas o inimigo secreto do Imperador, viu partir o seu obediente protetor e pensou consigo: “Vai, raposa! entra na armadilha que eu mesmo preparei como mestre carpinteiro!” Este parasita a quem com toda a família D. Pedro erguera do pó para os mais altos postos no Império, atreveu-se então, segundo afirmam muitos brasileiros conceituados, a alimentar o louco pensamento de usurpar para si e para o seu tronco masculino, se não todo o Brasil, ao menos uma parte. Naturalmente não se podia esperar sentimento de gratidão e de dever da parte de um homem cujo brutal egoísmo se julgava disso desobrigado “porque era filho da terra, ao passo que D. Pedro era estrangeiro”.

Desse insensato princípio constitucional novo partiam, e em geral ainda partem, os brasileiros, pois até os filhos brasileiros de portugueses no seu delírio patriótico acreditam não dever nada a seus pais. Provas horríveis dessa verdade quase incrível houve com a revolução de 7 de abril. Sem o mínimo escrúpulo os filhos declararam a seus pais que ficariam muito satisfeitos se estes se repatriassem, deixando-lhes a sua parte na fortuna; cheguei a ouvir de um moço esta frase: “Se eu soubesse que meu pai era pedrista* eu seria o primeiro, por todos os santos, *que lhe cortaria o pescoço* [sic].” Que sentimentos filiais verdadeiramente edificantes! Que bela política! Os pais portugueses tiveram que verificar pela mais dolorosa experiência quão grande era o amor que por eles nutriam seus caros rebentos e naturalmente não lhes diziam palavra; e mais de cem vezes eu escutei o pai europeu referindo-se a seu filhinho transatlântico dar-lhe a designação honrosa de *filha da... de brasileiro* [sic]. Só isso, a meu ver, basta para dar uma imagem eloqüente da vida íntima das famílias excêntricas em que se acham emparelhados em linha ascendente portugueses e brasileiros.

Lima, pois, o santo aparente, traidor, dissimulado, ardiloso; Lima, o réptil a quem o favor imperial transformou em monstro de dentes ameaçadores.

* Designação dada àqueles que trabalhavam em proveito de D. Pedro, contra a Constituição.

Lima, o sumo-sacerdote do ídolo por ele mesmo criado, o bezerro de cinco pernas abortado duma religião de Apis, atraçou a seu amo e senhor antes que o galo cantasse.

Com que interesses baixos, com que fins escandalosos foi aqui empregada a palavra patriotismo! O mesmo homem que só trabalhava para sua ambiciosa individualidade, poucos meses depois proclamava a seus patrícios: “O que fiz pelo amor por vós e por nossa pátria!” Tímida e cautelosamente, como a matizada cobra de sua pátria, que rastejando lentamente na grama escapa ao pé do homem, Lima ia observando seus planos para o futuro. Desde muito estava ele em secreto entendimento com a maioria dos deputados; mas como que disfarçado sob máscara de ferro, os verdadeiros traços de sua fisionomia dissimulada tinham ficado até agora ignorados pelo Imperador e pelo Conde do Rio Pardo, em muitos sentidos um tanto curto de inteligência. Mas agora, que o Imperador estava bastante distante e não era de esperar que regressasse de pronto, ele entrou a operar mais ousadamente, mas ainda de modo a ter a retirada garantida.

Era então Governador da Província do Rio de Janeiro e como tal chefe de todas as tropas existentes na região; por isso o que mais lhe interessava era assegurar para si a dedicação de seus subordinados e realmente não poupava meios de fazer cursar seus meios como prata, seus fins como cobre.

Em alguns batalhões brasileiros conseguiu mais ou menos o seu intento, mas obteve menos efeitos de seus dons de aplicação na artilharia a cavalo, na guarda de honra e no Batalhão do Imperador, os melhores e mais selecionados corpos do exército; pois estes ainda no dia da expulsão de D. Pedro se lembraram do juramento que lhe haviam prestado e só abandonaram a seu pai e senhor quando este deu às de vila diogo. Não é preciso dizer que ele não se dirigiu com o seu canto sedutor de sereia ao único batalhão alemão então estacionado na capital; teria sido a maior loucura do mundo querer fazer que esquecessem seu dever soldados que então ainda estavam inabalavelmente fiéis a D. Pedro, a quem consideravam seu único protetor na terra estrangeira. Além disso nós perscrutávamos muito mais exatamente as verdadeiras intenções do General Lima, do que o ministro da Guerra e o próprio Imperador, de modo que tanto menor era a esperança de angariar para os planos

duma facção que conspirava nas trevas a adesão de uma tropa, verdade que insignificante em número, mas dedicada com coragem e amor ao seu monarca.

Cada vez mais se foi apertando a corda com que se haviam amarrado os conjurados (na maioria deputados), corda que em breve enforcaria o Imperador. Havia reuniões secretas, noturnas, onde os “cavaleiros da bruma”, os biltres dum jogo de solo aristocrático-republicano, a pretexto de estudarem o bem do país, forjavam os mais negros planos para derrubada do Imperador. Chamo negros a esses planos porque em tais reuniões não se cogitava do respeito à Constituição, mas de pescar nas águas turvas “tubarões com arenques”, pensando com a transformação política arranjar promoção, condecoração ou moeda sonante.

Muitos dos cabeças dessa gente, que na escuridão da noite celebrava as reuniões clandestinas de um tribunal secreto eram movidos pelo espírito de vingança a empreender um negócio que, não obstante a ausência do Imperador, sempre podia custar a cabeça.

Entre eles distinguia-se o nosso muito citado Marquês de Barbacena, outrora vergonhosamente destituído do comando-em-chefe. Caído em desgraça, não havendo mais esperança de nunca mais receber nova incumbência de contrair na Inglaterra empréstimos de usurário para o Brasil, oportunidade de aumentar os seus incomensuráveis bens, nem havendo mais títulos de general e honoríficos a lhe serem concedidos, jurara eterno ódio ao Imperador outrora muito amado. De como esse juramento era a sério provava-o a desconhecida liberalidade desse homem dantes avarento; nada poupava, nem influência, nem chicana ou dinheiro, para arrebanhar todo o rebotalho e engajá-lo em seus planos; as lindas, luzidias piastas espanholas voavam como moedas de cobre em todos os cantos da capital e naturalmente não faltavam mãos bastante sujas para apanhá-las.

Portanto, uma parte dos conspiradores, a maior era impelida pela ambição de bens e honrarias, uma outra por insatisfeito desejo de vingança e só uma terceira fração, a menor, por verdadeiro patriotismo. Dentre os primeiros salientava-se Lima, entre os da segunda categoria Barbacena e entre a última, sem dúvida a melhor, devia-se considerar o Deputado Montezuma, tão empreendedor quanto proficiente. Este homem já antigamente empenhara sua fortuna e sua liberdade pelo bem

do Brasil, sem ter tido em vista outro proveito e gratidão pelos seus sacrifícios do que a estima de seus concidadãos.

Montezuma era zeloso republicano e partia do pensamento de que o Brasil não podia ser feliz enquanto fosse Monarquia. A liberal América do Norte sempre lhe estava diante do espírito, e queria dar à sua pátria Constituição semelhante. Pena que o bom homem não refletisse quanto são diferentes os dois países e seus habitantes. Quando a América do Norte sacudiu o jugo da tirania inglesa estava completamente madura para formar um país livre, independente; achava-se em um grau de civilização que muitos países europeus ainda não haviam atingido. Nas veias desse povo rolava, se não em completa pureza, o sangue ardente de nações pujantes que a natureza em sua exuberância criadora dotara muito mais robustas do que aqueles ingleses, alemães e franceses de que descende na maior parte a geração atual no Império transatlântico; ciências e artes já haviam aqui instalado seu trono, que não podia mais ser derrubado por nenhuma ordem do gabinete inglês. Mas, como era diferente a situação do Brasil! Que provas podia fazer Montezuma de que sua pátria já estivesse suficientemente adiantada para a Constituição com que queria dotá-la? Esses descendentes de portugueses (e estes ainda eram os mais nobres), de índios e de negros de todas as imagináveis raças d'África, não haviam de querer equiparar-se a um povo cuja indústria estava num nível que espanta todo o mundo.

O bom Montezuma certamente teria estreado mal no papel de Washington, ainda que este lhe fosse proporcionado por um evento favorável de seus projetos. O Brasil permanecia acorrentado à superstição e ao catolicismo; ainda estava fraco demais para erguer a cabeça frouxa, insegura, ainda precisava de senhor – porém esse senhor não devia ser nenhum Pedro, mas um monarca de bastante inteligência para remover os inúmeros males do país e, em caso de necessidade, proceder com energia. Seria necessário que aparecesse um Frederico II que amparado em forte poder militar, primeiramente enfrentasse com a lei esse bando de mulatos e depois animasse com zelo os colonos estrangeiros, pois essa gente trazia não só os braços para levar a terra, mas também a civilização e as artes européias. Tudo isso escapara a Montezuma. Atacado de excessiva embriaguez de liberdade não lhe sobrava tempo para refletir se um país não pode ser igualmente feliz e livre sob um

governo monárquico; pelas suas idéias o Brasil devia ser e tinha de ser República. Conhecera um dia em Paris o velho Lafayette e imaginava proceder no sentido desse grande homem desde que derrubasse tudo em seu país, sem pensar na reconstrução. Contudo era ele entre os ligados um dos melhores, como disse, porque suas ousadas ações não visavam interesse pessoal, eram guiadas unicamente pelo mais puro, indisfarçado amor da pátria.

Era-lhe completamente indiferente que espécie de gente fosse essa com que então se ligava para derrubar a D. Pedro, nem indagava dos motivos por que tal gente participava da conspiração, contanto que naquelas circunstâncias realizasse seu objetivo. Mas ele perscrutava o íntimo da maior parte desses hipócritas; disso dão testemunho as suas trovejantes orações na Câmara dos Deputados, principalmente nos ataques violentos contra um tal Evaristo – um lobo em pele de carneiro.

Para aproveitar depressa e decisivamente a ausência do Imperador, tratou-se de conquistar o povo com suborno em dinheiro, o expediente universal, instigando um bando de mulatos a percorrer de noite as ruas da capital aos gritos de “*Viva a liberdade americana*” [sic] e mesmo de “*viva a república!*” [sic]. Armados de cacetes e facas, às vezes em magotes de 30 a 50 indivíduos, zombavam das ameaças da polícia medrosa, a qual além disso tinha ordem de não empregar violência prematura. Ninguém mais de noite estava seguro da vida e da honra nas ruas; o primeiro cidadão pacífico pacatamente a caminho da sua casa era cercado pelos facínoras, que de cacetes erguidos e facas desembainhadas lhe perguntavam: “*quem vive?*” [sic]. Ai de quem respondesse: “D. Pedro P”. O infeliz seria incontinenti morto. Entravam nas vendas, reclamando vinho, cachaça, cigarros e satisfações outras; por fim o bando meio bêbado continuava a peregrinação, sem pagar um vintém. De preferência procuravam para isso os portugueses, pois estes estavam cem vezes jurados de morte, porque eram tidos como adeptos naturais do Imperador e também porque com eles se julgava, talvez com razão, encontrar mais dinheiro.

Era já o prólogo da grande tragédia que não tardaria a começar. Não é a própria revolução de 7 de abril que eu considero uma tragédia; pois deveras deve ser considerada apenas como uma caçada à lebre, em que o medroso D. Pedro, tocado por amestrados cães, fugiu sem que os

atiradores tivessem tido ensejo de disparar as espingardas. Mas as suas conseqüências e os inúmeros assassinatos que a precederam e seguiram foram indubitavelmente trágicas. Dia nenhum o sol iluminava as ruas da capital sem que aparecessem tintas do sangue dos assassinados.

Darei em resumo algumas, apenas, das cenas trágicas que aproximadamente podem dar uma idéia da malvadez e vileza com que esses bastardos procediam de dia e de noite contra os estrangeiros residentes no Rio.

Um moço português, esperançoso filho único de seus pais, um dia se atrasara um pouco num divertimento e regressava à casa pelas onze da noite. Ao chegar à rua de S. José, um tanto estreita e escura, cruza-lhe o caminho um mulato corpulento, com a intimação: “*quem vive?*” [sic].* O moço, um pouco esquentado e atordoado pelo vinho do Porto, que no escuro não pôde logo reconhecer o interlocutor e supôs que fosse uma patrulha, respondeu: “*Amigo!*” [sic]. O mulato chega-se mais a ele, levanta o cacete e repete a pergunta, o português reconhece o seu engano e compreende o sentido da intimação. Mas como não se julga obrigado a manifestar sua opinião política a um vagabundo, também ele corajosamente levanta sua bengala e reclama do mulato em palavras enérgicas que lhe deixe o caminho livre. Mas o brasileiro *sans culotte* [sic] desanca o pau e num momento os dois se engalfinham. A destreza do moço contrabalança a força do mulato e a luta parece indecisa; nisso saltam dois outros da tocaia e atravessado de cinco facadas traiçoeiras o moço infeliz tomba sem vida, banhado de sangue. Em seguida os patrióticos assassinos ainda tomam o dinheiro, o chapéu e o relógio ao morto e muito calmamente se vão, dizendo: “*Um filho do reino de menos!*” [sic].

Toda esta cena selvagem se passou debaixo das janelas de um cidadão de prol, que no outro dia, ainda horrorizado, contava o caso. Era um brasileiro, mas amaldiçoava os assassinos, entretanto não tivera coragem de socorrer o infeliz, mesmo porque já é costume no Rio de Janeiro fechar portas e janelas assim que se ouve gritar “assassino!”, de modo que tanto mais facilmente ficam envolvidos na mais negra escuridão os negros crimes das aves de rapina noturnas. E não é que fossem somente praticados assassinatos de portugueses por ladroagem ou ódio:

* As patrulhas usam, como em alemão, o “quem vem lá?”.

muitas vezes a frase: “Este é pedrista”, servia de capa para vingar ofensas antigas ou para fechar os olhos enamorados ao rival preferido.

Uma senhora do Rio, de nobre origem, que Deus sabe em que afamada ou famigerada escola aprendera radicalmente a arte de conquistar os corações dos homens, tinha entre seus numerosos adoradores um português, ao qual parecia distinguir dentre todos. Um enxame de jovens brasileiros, quase todos tão ricos em antepassados quanto pobres em haveres, há muito tempo se rojava inutilmente aos pés da orgulhosa Leucádia; mas o nosso lusitano, se bem que não fosse nem moço nem bonito, sendo certamente mais rico que todos os rivais, tomou-lhes a frente por meio de numerosos e magníficos presentes. De bom grado ter-lhe-iam deixado o papel principal, de pagador, contanto que uma vez ou outra pudessem representar papel acessório, mas para isso o português era demasiado teimoso e ciumento e impôs à sua leviana Dulcinéia que de futuro afastasse o mais possível da sua casa as assíduas e dispendiosas visitas. A senhora se opôs energicamente a essa ordem cruel, mas o amado persistiu em sua vontade, nem as lágrimas da bela nem o chique que ela simulou não demoveram da teimosia o tirano doméstico nada galante. Que fazer? Despedir o indelicado e atirar-se aos braços de qualquer dos doces trovadores que lhe assediavam a casa, como se a conquista do castelo tivesse tanta importância como outrora a do Capitólio de Roma ou a da fortaleza de Tróia? Sim, ela o faria; entre os numerosos adoradores haveria um que merecesse possuir o seu coração sensível. Num momento ela passou em revista o seu exército de pretendentes e deveras havia mais de vinte que, quanto aos atributos exteriores, mereceriam ter feito conquista muito mais importante que a dela. Mas – mas agora lhe lembrou que para sustentar o seu luxo e uma vida doméstica desordenada era necessário dinheiro, e esse dinheiro, de onde tirá-lo? Foi preciso passar nova revista entre os vinte eleitos e – que horror – não havia um único que possuísse mais que dívidas! Que poderia ela, pois, fazer, senão ficar com o lusitano? e este com as suas exigências agora não lhe parecia mais um amado, mas um bárbaro, que queria ser obedecido, sob pena, talvez, de ter que sentir o seu rebenque, ou ter que morrer de fome. Em tais circunstâncias a gente obedece à férrea necessidade, embora com íntima revolta, e mormente numa meridional o sangue em ebulição sobe ao coração cheio de desejo de vingança

e de tormento. Assim sucedeu com a nossa Leucádia: ela jurou entre mil lágrimas que se vingaria de seu amante, fosse como fosse. Continuando a simular o mesmo amor e dedicação pelo português preferido, ela denunciou aos outros adoradores que ele lhe ordenara de não mais admiti-los em casa. Não falhou o desejado efeito: os brasileiros investiram contra o português, o amaldiçoaram e juraram que na primeira ocasião lhe dariam uma lição, da qual eternamente se recordaria o estrangeiro incivilizado. Talvez Leucádia então não suspeitasse que funestas consequências havia de ter a sua maldosa intriga; provavelmente imaginou que se limitariam a escovar devidamente o fato no corpo ao português apaixonado e era isso o que ela desejava; mas com certeza não pensou que lhe tirariam a vida. O homem pensa, Deus conduz: os brasileiros logo combinaram de escorar o rival numa das suas visitas noturnas à amada e com algumas *facadas* [*si*] extinguir-lhe a chama da vida.

Assim, sem desconfiar de nada, uma noite o amante preferido se encaminha para a casa de sua querida, descuidoso da sorte que o alcançaria nesses passos. O luar claro, o inimigo de todos os atos negros noturnos, ilumina as ruas da capital e ainda mais tranqüiliza o homem, tanto que nem percebe os passos rápidos que o seguem e cada vez mais se aproximam. Nisso ouve-se de repente o traíçoeiro “*quem vive?*” e ao mesmo tempo o trespassa violenta dor: uma facada o ferira no ombro esquerdo. Rápido e destro volta-se o lusitano, erguida a nodosa bengala, e com uma única pancada forte abate o traíçoeiro bandido, mas no mesmo momento cai sobre ele um bando de mascarados. Em vão ele ainda procura algum tempo defender-se, já o sangue lhe escorre de três profundos ferimentos: põe-se em fuga e consegue alcançar a casa de sua amada. Horrorizada, esta grita ante a vista do homem ensangüentado; não lhe ocorre fechar depressa a porta e quando reconhece a vítima da sua intriga é tarde: os assassinos entraram e a facadas dão cabo do infeliz. Soluçando alto, ela se atira sobre o moribundo e em beijos ardentes lhe sorve avidamente o sangue do coração, qual vampiro do ódio, do amor-próprio ofendido, do amor ressuscitado. Ele a repele convulsivamente, pois reconheceu a voz de um dos matadores, ainda tem o senso suficiente para decifrar todo o enredo da escandalosa cabala; formidável maldição sobre a amante infiel é a última coisa que lhe sai pelos lábios a expirar. À família do morto não teriam faltado energia e recursos para

aplicar o *jus taglionis* [sic], não temeria despesas para dar na pista dos autores do crime, mas todos os esforços foram baldados; a arrependida Laís, que temia pela própria vida, nada confessou e como naquele tempo semelhantes assassinatos eram quase diários, depressa o caso caiu em esquecimento.

A polícia também não podia atrever-se a empreender séria investigação, nem inquirir a sanguissedenta Dulcinéia, pois os seus próprios servidores e agentes costumavam andar envolvidos em casos análogos, mormente quando podiam dar algum proveito.

Um outro caso foi o de uma senhora adoentada, idosa, que tivera considerável herança em dinheiro, ao qual guardava em sua casa sem dizer nada a ninguém. Apesar de sua cautela, uns vagabundos farejaram o precioso assado e logo planejaram de subjugar a mulher e apossar-se do dinheiro. Assim, morando ela no centro da cidade e julgando-se plenamente segura, fazia cálculos sobre os juros de um bom emprego de seu capital; certa manhã aparece-lhe uma preta que lhe entrega uma carta anônima na qual a intimam a refugiar-se incontinenti na polícia, pois que está planejando para aquela noite um assalto em sua casa por um bando de gatunos.

Assustada, ela segue imediatamente o conselho do bem intencionado informante e três soldados de polícia com um sargento recebem ordem de pernoitar na casa dela. Pelas três da manhã, realmente, abrem a porta e dois mascarados penetram cautelosamente na casa; depois abrem também a porta do dormitório da velha e por meio de pantomimas ameaçadoras, muito compreensíveis, a obrigam a levantar-se e entregar o sabido tesouro. Trêmula, a senhora conduz os dois gatunos ao quarto contíguo, onde devem estar os alguazis, que no mesmo instante, de fato, os cercam e seguram. Então um dos mascarados puxa o sargento para um canto e pelas costas da senhora tira a máscara e lhe pergunta em voz cortante: “Tu me conheces!” Espantado, o sargento recua alguns passos e faz profunda reverência ao mascarado, o qual instantaneamente repõe o disfarce: por ordem do sargento, toda a guarda se retira, deixa a senhora a sós com os dois mascarados, e ela nada mais tem a fazer senão entregar o seu dinheiro.

Não é fácil imaginar ou esperar prova mais impressionante de mais ignóbil administração policial. Todo o Rio soube da história que

foi mesmo ao conhecimento do Imperador, quando este regressou de sua viagem, mas tudo foi em vão. Devem ter estado envolvidas pessoas importantes, razão por que se julgou melhor abafar a odiosa história: o dinheiro ficou roubado e a pobre mulher conservou apenas o sonho duma grande herança.

Semelhantes cenas eram o prelúdio das coisas que viriam, prelúdio da já composta e secretamente ensaiada *opera buffa* [sic].

Por subornos de toda espécie, os conspiradores conseguiram tal adesão que importou em armar o temporal sobre a cabeça imperial, contra o qual S. Ex^a o Sr. ministro da Guerra não soube mais inventar pára-raio. Cheio de medo, ele se abstinha, quanto possível, dos negócios públicos e em nome de Deus deixou correr tudo na capital à mercê do acaso ou da influência da Câmara dos Deputados rebelde. Ao passo que *Monseñor* [sic] ficava calado, os conjurados, como os pássaros no tempo da cruz, se esgoelavam e continuavam a distribuir dinheiro pelo povo, pois geralmente a chuva de Dânae é a que melhor fertiliza o solo — mormente numa terra onde até a salvação da alma se pode comprar a dinheiro.

Contrariamente ao que se deu nos últimos acontecimentos em Portugal, aqui pelo menos o baixo clero tomou o partido do povo contra o Imperador; só o alto clero, de portugueses natos, permaneceu fiel ao Monarca, por interesse bem compreensível. Mas justamente aqueles frades não ordenados possuíam muito maior influência no povo baixo, do que os seus superiores. Por uma ninharia, com um tostão, dois afagos na face, um beijo, davam plena absolvição dos pecados aos maiores malfeitores e às belas pecadoras, mormente se se tratava do assassinio de um estrangeiro. A edificante canção que ainda ao tempo de Lutero um esbirro papal cantava na Alemanha, tinha pleno vigor no Império brasileiro:

“Cai o dinheiro na caixa, ao som notório,
Livra-se logo a alma do purgatório.”

Pouco a pouco as cenas que inquietavam a capital tornaram-se mais freqüentes e mais ostensivas; de todas as partes ouviam-se queixas e reclamações; chegaram as mais instantes representações para que se fizesse rapidamente cessar os vergonhosos abusos, primeiramente à

polícia, depois ao Ministério, e como nada disso surtisse efeito, à Câmara dos Deputados. Era o que as Cortes queriam, isso já realizava a metade de suas intenções. Sob o pretexto “a pátria está em perigo”, as reuniões até então secretas passaram a ser realizadas publicamente. Sem convocação nem pedido de licença, tinham lugar as reuniões tão súbita e inesperadamente que o Ministério oscilante e intimidado nem pensava em impedi-la. Desde cedo pela manhã até alta noite o amplo edifício, de estilo gótico, onde tinham lugar as deliberações, fervilhava de gente de todas as classes e situações; todos queriam saber que meios seriam tomados para pôr paradeiro à horrível anarquia e sobretudo qual seria verdadeiramente o motivo das deliberações da Câmara dos Deputados. E vejam: a primeira coisa que se discutia era a dissolução de todos os corpos de tropa estrangeira!

Cabe aqui realmente um bem grande ponto de exclamação! Se jamais o Brasil necessitou de um forte poder militar, nunca melhor do que precisamente neste momento em que eram cometidos tão inúmeros, horríveis excessos, crueldade, erros, enganos e crimes. Mas também isso prova que os deputados, ao decretarem a dissolução das tropas estrangeiras¹⁴³ absolutamente não tinham em mira o bem da Pátria, eram apenas movidos por interesses pessoais, visando a queda do Imperador, que, a seu ver, favorecia os estrangeiros contra eles.

Se fosse verdade que os estrangeiros fossem favorecidos, nada poderia ser mais natural: os brasileiros eram ignorantes demais para poderem ser aproveitados em qualquer mister que exigisse inteligência ou conhecimentos, quando muito suas cabeças duras poderiam servir para arrebentar paredes: como, entretanto, a esse tempo nessa terra não havia fortalezas a conquistar, e para semelhante fim também existe a pólvora, inventada simultaneamente pelos chineses e os alemães, os brasileiros deviam ser considerados como máquina, que só pode ser impulsionada por força do exterior.

Ao passo que, desta forma, tudo fervia na capital do Império, o senhor desse formidável território havia placidamente prosseguido em sua viagem a Minas Gerais e achava-se em São João del-Rei, ao lado de sua bela esposa, como outrora Antônio junto à sedutora Cleópatra, descuidado da sorte do país, bem como da que a ele mesmo aguardava. O par imperial havia sido recebido em toda parte jubilosamente, e em

particular toda gente ficara encantada com a jovem imperatriz, na qual julgavam rever a imortal Leopoldina. Flores de todas as cores enfeitavam o caminho por onde passavam as majestades, em toda parte havia arcos de triunfo e os vivas não cessaram desde o momento em que o Imperador transpôs a província do Rio de Janeiro até S. João del-Rei.¹⁴⁴ Ante tal estado de espírito, D. Pedro calculou que facilmente conquistaria o povo para seus planos, de repudiar a Constituição e estabelecer Governo Absoluto. Mas enquanto ele em certos momentos lúcidos ainda refletia sobre a melhor maneira de levar isso a cabo, seus inimigos na capital já tinham operado energicamente e como um trovão estourou aos seus ouvidos a notícia de que os deputados, sem terem sido convocados, e contra a sua vontade, como outrora os revolucionários franceses, espontaneamente se reuniam em massa.

Dissipou-se então de repente, qual espessa névoa oceânica, o sonho do ilimitado amor do povo e da inabalável solidez do trono. Os olhos iludidos abriram-se; para onde olhasse, via perigo, e negro como a entrada do Aqueronte apresentava-se-lhe o futuro sombrio. Em vão voltou-se nessa emergência para o seu séquito; por toda resposta obtinha, em regra, um dar de ombros, sem significação, uma contração dos músculos da face. Então resolveu ele, finalmente, tomar pessoalmente providências, e o mais depressa possível.

S. João, se não é a capital da província de Minas Gerais (pois esta é Vila Rica), é contudo, por muito, a mais rica e maior povoação dessa região rica e grande, como também a mais importante pelo seu muito desenvolvido comércio. Seus habitantes, pelo menos os abastados, são quase todos portugueses natos, cuja influência é notória sobre a população da província, pois que quase todos os moradores do interior devem aos negociantes de S. João e por isso em muitos sentidos lhe são sujeitos. D. Pedro raciocinou muito acertadamente em conduzir sua viagem a começar por aqui, pois era natural que contasse mais seguramente com o ativo apoio a seus projetos por parte dos portugueses ricos e seus sequazes. E a recepção desmedidamente brilhante e dependente de enormes custas que aqui lhe fizeram dava testemunho da lealdade que em geral nessa região nutriam, ou pareciam nutrir pela sua pessoa. Com toda a cautela e reserva o Imperador foi chamando à sua presença, de dia e de noite, os homens mais notáveis da localidade e com eles se

aconselhou sobre os melhores meios e modos, violências e golpes, com que se poderia mais seguramente obviar a tempestade iminente, que ameaçava não somente a ele, mas também a todos os portugueses residentes no Brasil.

“*Em baixo a Constituição!*”, rosnavam-lhe ao ouvido alguns lusitanos resolutos. E o semblante de D. Pedro se desanuviava como risonha alvorada; confessava que essa era sua velha intenção, seu desejo; mas de que maneira realizar essa empresa tão difícil, quanto perigosa? Para isso havia mister armas, dinheiro e um número considerável de cabeças empreendedoras. Os serviçais portugueses em seu zelo egoístico tudo prometiam: o Imperador que desse o começo no Rio de Janeiro, acendesse os brandões, que de Minas Gerais rapidamente lhe acudiriam em auxílio, a contrair com ele o noivado da soberania.

Estavam, pois, ao que parecia, bem concluídos aqui os embrulhados negócios de D. Pedro; tramara uma contraconspiração, uma ultraconspiração, e de coração aliviado podia iniciar a viagem de regresso ao Rio de Janeiro.

Se ele nessa ocasião tivesse reunido os seus quatro batalhões de infantaria e os lanceiros estrangeiros, sem dúvida seus propósitos e esperanças teriam sido levados a efeito. Mas estava tudo disperso, mal eram trezentos homens os alemães aquartelados na Praia Vermelha. Contudo ele contava, segundo se dizia no Rio, que a marinha francesa apoiaria seus planos, até se dizia que havia tratado secreto entre ele e Carlos X, para garantir o mais decidido apoio da França ao plano de tornar-se D. Pedro, senhor absoluto do Brasil.

Não deve ter sido bem assim, mas alguma coisa de verdade deve ter havido nessa história; disso dão prova as audiências extraordinariamente freqüentes que o Imperador deu ao embaixador da França antes da viagem, bem como os numerosos navios de guerra que constantemente apareciam na costa e que, embora assinalados pelo telégrafo, não entravam no porto. Apenas se aproximavam e de novo se afastavam, como a dizer “aqui estamos, se precisarem de nós, é só chamar”. Aliás boatejava-se tanto naquele tempo e a coisa mais insignificante suscitava incontinenti tais desconfianças, que não posso reconhecer no fato qualquer ligação da espécie entre o Brasil e a França. Apenas narro o que todo o país desconfiava e desassombradamente manifestava.

Na mais tensa expectativa nós, trezentos alemães, aguardávamos o momento do regresso do Imperador à capital. Os brasileiros sempre nos haviam odiado sem motivo e nós não os estimávamos; aborrecimento, ódio nacional e um desgosto sopitado durante anos tinham afiado nossas espadas e baionetas; um entrevero por mais sanguinolento que fosse ter-nos-ia agradado.

Forte demonstração da mútua odiosidade fora a revolta dos batalhões estrangeiros, como vimos, na qual sem contemplação de ambas as partes foram cometidas as maiores barbaridades; mas parece que desta vez a fúria seria maior ainda; não teria salvação qualquer alemão que caísse às mãos dos brasileiros e vice-versa. Naquele instante os meus patrícios não eram mais germanos; parecia que lhes fervia nas veias sangue meridional; estavam dispostos a deixar-se despedaçar contanto que os acompanhassem ao mundo subterrâneo algumas dúzias dos inimigos jurados. No meio desta efervescência reapareceu o Imperador no Rio de Janeiro. Pesada calma, opressora, reinava na atmosfera política da capital; ninguém mais se fiava do próximo, o pai desconfiava do filho. A tempestade devia desencadear-se em breve; as nuvens prenhes de desgraça baixavam tanto à terra que tocavam as torres da cidade. No momento em que se divulgou que o Imperador regressava da sua viagem ao interior, a Câmara dos Deputados decretou a dissolução das tropas alemãs.

Má recepção esperava o Imperador; mal a garotada das ruas corria atrás do seu carro, a gritar um “*Viva o Imperador!*” [sic], os cidadãos mais ricos procuravam evitar o encontro com ele, para não cair no desagrado do povo, e a plebe, principalmente os mulatos, lhe dirigia valentes desaforos, o mandava até para o Inferno e a todos os diabos. Em vez duma saudação solene de recepção, apresentaram-lhe para assinar o decreto das Cortes.

Horrorizado, olhou em volta, à procura dos amigos que lhe haviam jurado fidelidade até a morte; onde estariam? Uns, diante da situação desfavorável das coisas, haviam-se apressado em aderir à oposição; outros dando de ombros, preferiam ficar neutros; os poucos que por verdadeira dedicação e sentimento do dever ficaram a seu lado com inabalável firmeza eram em número tão reduzido que não bastavam para se opor ao temporal que avançava nas asas do vento. Só os alemães, esse povo que tingiu com seu sangue todas as partes do mundo por

monarcas estrangeiros, se conservaram serenos e firmes ante os acontecimentos, que entretanto lhes ameaçavam imensamente a própria sorte, até a vida. E justamente a esses poucos em que D. Pedro podia seguramente confiar, queriam agora que os sacrificasse aos traiçoeiros planos de seus inimigos.

Um momento quis resistir; parecia-lhe um pecado, uma ingratidão despedir do serviço, sem mais aquela, homens que mais de uma vez haviam exposto a vida, antes por ele que pelo país; mas olhando de relance o perigo que o cercava, a sua pusilanimidade depressa lhe ditou uma resolução. Ele fez o seguinte cálculo: “Se dispensares as tropas estrangeiras, os brasileiros mais uma vez se deixarão enganar; enxergarão nisso uma prova de confiança que neles depositas e um desmentido ao boato de que estarias premeditando a dissolução da assembléia dos deputados e de instituir um governo despótico; pelo menos de momento se calarão e tu ganharás tempo – e ganhar tempo é ganhar tudo.”

Em vez de por outros meios retardar o mais possível o surto da revolução e enquanto isso tratar em segredo de reorganizar os batalhões estrangeiros na capital, tomou repentinamente da pena, em seu grande medo, e imaginou dar um golpe político de mestre lançando o seu “*Imperador*” [sic] sob a ordem de dissolução das tropas estrangeiras.

É assim que no Brasil se cumprem as promessas, se respeitam contratos escritos, assinados pelo Imperador e doze a quinze dos mais altos funcionários, como acontece com a minha patente de oficial, por exemplo, na qual se lê: “O Tenente Carlos Frederico Gustavo Seidler terá por minha imperial ordem todos os direitos, honras, privilégios, liberdades e prerrogativas que seu posto e seu estado lhe garantem.” E um artigo especial da Constituição diz: “Nenhum oficial poderá ser dispensado do serviço a não ser por falta grave e sentença de conselho de guerra, a menos que o próprio a solicite.” Era bastante claro e compreensível: entre os referidos direitos devia figurar o desse artigo da Constituição; como pois despedir mais de cem oficiais dos mais altos postos, inclusive um marechal (Braun), sem ao menos dizer por quê? Mas estávamos no Brasil, país em que as noções de fidelidade e fé, quando muito, são conhecidas pelos dicionários, mas na prática não se conhece, não se quer saber sua significação. Em suma, a Câmara dos Deputados tinha realizado seu propósito, Pedro lançara seu nome ao funesto papel, e só

restava saber de que modo seria desarmado aquele punhado de homens empreendedores e enraivecidos. Não se ousou proceder aberta e livremente, declarando sem ambages às tropas estrangeiras que estavam dispensadas; preferiu-se um caminho sub-reptício, para primeiramente enfraquecê-las e depois dissolvê-las – nova prova de quanto se temia a esse pugilo de homens e quanto se sentia que era uma vilania o que se praticava em rompendo sem nenhum motivo, sem qualquer consideração, as promessas feitas por escrito, carimbadas com o sinete imperial.

Existia realmente algum motivo para desatar tão cautelosamente quanto possível o laço do mútuo interesse que prendia todos os estrangeiros domiciliados no Brasil, especialmente os militares. Desde muito estávamos preparados para semelhante emergência e tínhamos resolvido firmemente que só mortos entregaríamos as armas aos nossos inimigos. Por insignificante que fosse então o nosso número, pretendemos tentar de ficar com a fortaleza da Praia Vermelha e nos fazer sepultar aos pés do Pão de Açúcar, sob os escombros das muralhas, antes que obedecer a uma ordem ilícita, que vinha destruir todas as promessas outrora recebidas.

Como providências de precaução na execução, ordenou-se ao comandante do batalhão que cada dia excluísse quatro soldados de cada companhia – nada se disse quanto aos oficiais. O nosso comandante, Coronel Schwalbach, pensou entretanto que não devia cumprir semelhante ordem sem primeiro reunir os oficiais e ouvi-los a respeito. Comparecemos pois todos à casa dele e aí fomos cientificados da resolução da Câmara dos Deputados; e logo nos perguntou pelo que pretendíamos fazer diante da situação que tão seriamente nos ameaçara. “Vamos voltar a boca dos canhões do Forte contra a cidade. Vamos experimentar a dureza de nossas espadas e coronhas nas cabeças das Cortes.” Tal foi a nossa resposta. Até Schwalbach asseverou que ele não seria o último, se deveras houvesse necessidade duma sublevação.

E, de fato, teríamos levado avante esse propósito, por mais desfavorável que fossem os aspectos para nós, se não servissem no nosso batalhão alguns oficiais portugueses, tão cobardes quanto traidores. Estes não compreendiam como havia de ser possível que um pequeno punhado de homens pudesse obter pela força, o respeito ao seu direito, que legitimamente lhes cabia, mas que o Governo brasileiro de nenhum

modo pretendia respeitar, a saber: o nosso soldo inteiro, vitalício. Esses portugueses julgavam andar mais acertadamente pela brandura e a manha e alcançar assim muito mais que por um violento *coup de main* [sic]; por isso propuseram que comissionássemos alguns oficiais para se entenderem com o Imperador e obterem dele condições que nos garantissem o futuro. Como nós germanos, por motivos fáceis de compreender, não podíamos fiar-nos dos portugueses e até devêssemos temer que no caso duma empresa ofensiva não só se retrairiam, como até talvez se tornassem traidores, por mera ambição de ganho, nada nos restou a fazer senão aceitar o alvitre, e assim elegemos o Coronel Schwalbach e o já mencionado *Chevalier* [sic] de Carro como nossos enviados ao Imperador. E ambos foram de carro a S. Cristóvão, à quinta, depois de nos haverem prometido que, sem temor, resoluta e abertamente, fariam a D. Pedro as mais instantes ponderações contra aquela inopinada ordem; e lá encontraram S. M. cercado das principais figuras da corte e do Ministério. Com firmeza militar, o Coronel Schwalbach, secundado pelo Capitão de Carro com a política de um cortesão, manifestou a incumbência dos oficiais estrangeiros, na presença, como disse, de quase todos os altos funcionários do estado. Sem ambages fizeram sentir que o Imperador devia só e exclusivamente, quase às tropas estrangeiras a conservação do seu governo despótico, pelo que também a ele, e só a ele, corria a obrigação de cuidar do futuro desses homens. Com uma calma que raiava pela ironia D. Pedro ouviu os dois enviados e friamente declarou que nada podia alterar nas decisões das Cortes.

Irritado em extremo por essa indiferença, Schwalbach declarou: então V. M. terá em breve o país coberto de ladrões e em nenhuma estrada do país haverá segurança. Perguntou o Imperador: e não há polícia no Império? – “Não”, foi a réplica; “para essa gente, a quem uma injustiça que brada aos céus roubou o pão, não há polícia; seis dos seus policiais fogem diante da espada de cada alemão.” – “O Sr. fala muito franco, senhor coronel.” – “Mas só a verdade.” – “E eu nada posso alterar, tornou o Imperador, mas fique tranqüilo, os senhores hão de ser de alguma forma indenizados da perda do seu emprego. Para isso dou-hes a minha imperial palavra.”

Com essa resposta voltaram os dois emissários, e como fosse meio tranqüilizadora e também não tivesse deixado de surtir algum efeito a

dissuasão pelos oficiais portugueses do nosso batalhão, deu-se começo, sem maior desconfiança, ao licenciamento dos soldados. Apenas alguns poucos ainda se opunham, mas foram suplantados pela opinião da maioria. Onde não há união, o resultado de semelhante empresa só pode ser mau.

Outra circunstância veio contribuir muito para facilitar essa dispensa das tropas estrangeiras no Rio de Janeiro: é que a maior parte dos soldados e sargentos tinham algum ofício, ou então imaginavam como colonos, com a pá e a enxada, alcançar melhor futuro do que sob a túnica de soldado. Um hábil marceneiro, sapateiro ou alfaiate ganhava naquele tempo uma a duas piastras por dia; porque, pois, não prefeririam esses homens viver do ofício que haviam aprendido, tanto mais que o soldo era mínguado, nesta terra onde a menor coisa tem que ser paga a ouro?

Foram, assim, primeiramente licenciados os soldados do nosso batalhão, muito espaçosamente; mas foi necessário adotar bem maiores cautelas a respeito das tropas que ao tempo se achavam em S. Catarina, porque estas poderiam ter querido marchar por terra até a colônia alemã de S. Leopoldo e em combinação com os colonos atacar e saquear a capital da província (Porto Alegre).

A precaução convém em todas as coisas e certamente em parte alguma era mais necessária do que justamente aqui.

NOTAS AO CAPÍTULO XVII

141 N. do T. — Brigadeiro Tomás Joaquim Pereira Valente. Ministro da Guerra de 4. XII. 1829 a 19. III. 1931. Antes de subir ao ministério, fora governador das armas da Corte, desde 25. III. 1828. A denominação “governador” foi substituída em 1830 (decreto de 28. VI.) pela de “comandante” e esta função, por sua vez, em 1857 (decreto de 31-I.) pela de Ajudante-General do Exército.

A Repartição do Ajudante-General do Exército foi extinta com a criação do Estado-Maior do Exército, pela lei de 24 de outubro de 1896. “Esta lei, porém, só foi regulamentada em janeiro de 1899.” (Vide *Almanaque da Guerra*.)

142 Refere-se ainda o autor ao Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, pai do futuro Duque de Caxias, e o mais influente dos Limas.

143 Lei de 24 de novembro de 1830.

- 144 N. do T. – Lê-se na *História do Brasil*, de Handelmann: “A 30 de dezembro de 1830, acompanhado de sua esposa, do ministro do Interior, Antônio José da Silva Maia, além de numeroso e brilhante séquito, partiu [D. Pedro] da Quinta Imperial de S. Cristóvão e seguiu diretamente para Ouro Preto... Porém, desenganou-se das suas esperanças de recepção entusiástica ou mesmo cordial..., sob seus olhos celebraram-se exéquias fúnebres em honra do jornalista assassinado Badaró...”
Evidentemente essas exéquias foram um pretexto manejado pela oposição, para fazer dobrar tristemente os sinos em manifestação de desgosto pela presença do Imperador.

.

Capítulo XVIII

DISSOLUÇÃO DAS TROPAS ESTRANGEIRAS
– INGRATIDÃO DE D. PEDRO – AVENTURA
NOTURNA COM UMA LOUCA – REGRESSO
AO RIO DE JANEIRO – REQUERIMENTO SOBRE
REQUERIMENTO – GRATIFICAÇÕES
– “FORA A CACHORRADA!” [sic] – EXPLODE A REVOLUÇÃO
– EXPULSÃO E EMBARQUE DO IMPERADOR

Aproximamo-nos agora do último ato dessa mogi-ganga tragi-heróica; enrolamos em novelo o fio vermelho que atravessa toda a trama e assim, como Ariadne, procuramos sem temor a saída desse labirinto. Deixou de ser um problema o enredo dramático; o palco e o prosclênio já se tocam, a catástrofe está aí, mas quase não é percebida porque ela se forja atrás dos bastidores, sem explosão nem outro qualquer efeito teatral. Não se vê incêndio de castelo, não há fogo-de-bengala a sobredoirar o crepúsculo da tarde, não se ouve troar de artilharia, não corre sangue, não há herói moribundo a proferir frase edificante de despedida. Na verdade quase tenho pena dos meus espectadores, por ver que é mais interessante a soberba de D. Pedro do que a sua queda, que a cobardia de Pedro enfraquece a esperada impressão total da minha peça de cavalheiros e de espectros.

Mas, antes de prosseguirmos, temos que proceder a um processo químico, com ou sem licença do leitor.

Com *aqua regis* [sic] pode-se dissolver o ouro, com intrigas e cabalas dissolvem-se batalhões. E, que coisa há aí que não seja solúvel? Quando muito algumas más charadas em manuais modernos, nas quais naufragam a inteligência e o espírito.

Os deputados tinham, pois, realizado a sua vontade, a assinatura de próprio punho de D. Pedro consagrava o papelucho, pelo qual primeiramente todas as tropas estrangeiras seriam destituídas de seus postos e repostas no Velho Mundo, para depois ser aplicado o mesmo à própria majestade, que por uma imaginária espada chamejante fora arvorado em Querubim. Tremendo e temendo, com uma cautela que assaz revelava a fraqueza do Governo, o Ministério mandou finalmente para S. Catarina o decreto da dissolução. Ladinamente havia-se introduzido a cláusula de que a injusta ordem só se entendia com os oficiais que haviam tomado o serviço do Brasil depois de 1824.

Essa especulação tinha sido calculada com muito acerto segundo um aperfeiçoado sistema de logaritmos de Vega; sabia-se muito bem que entre os alemães do Brasil não havia espírito nacional e que, por isso mesmo, aqueles que haviam transmigrado da Europa antes de 1824 não se considerariam despedidos por semelhante ordem, por isso não tomariam parte numa eventual sublevação contra o Governo brasileiro, talvez até em tal caso, impelidos pelo interesse pessoal, tomassem partido contra seus patrícios. Assim em Santa Catarina foram primeiramente despedidos todos os soldados, ao passo que grande parte dos oficiais eram conservados no serviço, continuando a ganhar o soldo estipulado; mas só os mais tolos se deixaram embair por essa simulação, os mais espertos logo viram que mais dia menos dia também eles teriam a mesma sorte de seus camaradas. Muitos desses heróis *in spe* [sic] desde a mocidade não tinham usado outro traje que não uniforme e espada, nunca cogitaram de outro ofício. Para eles a dissolução das tropas estrangeiras era realmente um desastre que lhes punha em risco todo o futuro. Que fazer nessa situação crítica? Nada lhes restava senão agarrar o primeiro meio que se lhes deparasse para reagirem contra a desgraça iminente.

Certamente naquele tempo não teria havido melhor plano do que esse de que realmente cogitaram, para abalar todo o edifício do Estado da Monarquia brasileira, operando um assalto à colônia de S. Leopoldo, para daí ditar leis a todo o país, de baioneta em punho, não só a respeito dos militares alemães despedidos.

O número, a munição e os recursos externos eram de fato reduzidos para se tentar semelhante empresa; mas teriam sido combatentes o rancor, o arrependimento, o desespero, o ódio e a raiva, que se teriam oposto invencíveis, quais heróis mártires de Roma e da Grécia, aos brasileiros cobardes. Estavam em jogo a vida e a honra, emancipar-se da servidão, mas também aí a traição espreitava: o Governo soube de tudo antes que se tivesse pensado em fazer explodir a sublevação, teve notícia exata da intenção dos oficiais alemães que se achavam na cidade do Desterro e dos planos loucos que alguns cabeças mais empreendedores já tinham forjado; e o Governo já tinha a experiência que a deusa da Fortuna costuma sorrir ao mais ousado, pois a própria Fortuna também faz as suas acrobacias na corda.

O sangue teria corrido em torrentes, tanto na província de S. Pedro do Sul como na de Santa Catarina, se o fruto imaturo dessa conspiração estivesse sazonado e não tivesse o Imperador, como um colegial que acaba de apanhar pancada, corrido para baixo dos bancos da Câmara dos Deputados, a pedir perdão com disfarçado arrependimento. Oh! que cena repugnante! O tirano que dantes tão soberbamente pisava de coturnos, agora andava de carpins; ladrava como um cão, balava feito ovelha e miava como gato – tal qual “Roberto, o diabo”, na velha lenda e na nova ópera sem sentido.

O Governo bem teria merecido que os alemães enganados por tantas promessas sedutoras se tivessem vingado daquela maneira; mas a astúcia, a traição e a autoridade ganharam desta vez a partida.

O Major von Suckow, homem que pelo seu raciocínio claro era tido por perigoso, mais do que realmente era, foi logo chamado ao Rio de Janeiro, pois lhe reconheciam certa acuidade intelectual e sadia capacidade de julgamento, e lá foi retido sob mil pretextos, até ultimação do licenciamento das tropas alemãs. Os outros oficiais alemães de Santa Catarina, em regra, não mereciam a confiança dos soldados, de modo que estes não teriam ousado sob a direção deles uma empresa

que arriscasse cabeça e pescoço. Além disso os comandantes dos dois batalhões ali estacionados eram portugueses natos, que certamente teriam feito tudo por impedir a execução do aludido plano, com certeza na esperança de serem conservados no serviço e de receberem razoável compensação.

Assim o projeto da Câmara dos Deputados assinado pelo Imperador também teve serena execução naquele lugar, onde ao tempo estava concentrada a única força que talvez pudesse por meio de algumas atitudes eficazes e rapidamente assumidas ter dado outro giro às coisas. Como tão freqüentemente acontece em semelhantes circunstâncias, também aqui teve que pagar o justo pelo pecador.

Não se ousou prender os arrojados revolucionários de que se sabia que na cidade do Desterro tinham instigado a sublevação; mas alguns indivíduos, que naquele tempo, na inconsciência de qualquer culpa, passeavam em Porto Alegre, foram metidos na cadeia, sem qualquer investigação, por denúncia de um tal Capitão Schrambach. Entre eles figurava o ajudante do Marechal Braun, um capitão do corpo de engenheiros chamado Kerst, certamente um dos homens que até então a todos os respeitos eram considerados em todo o Brasil com estima. Absolutamente nada, a mínima coisa não se podia dizer contra esse bravo; era conhecido como homem de bem, pacífico, entretanto o Governo não viu a injustiça que praticava em prendê-lo sem motivo e exportá-lo na primeira oportunidade para o Rio de Janeiro. Sob o pretexto de que com mais dois indivíduos, menos importantes pela posição e pela cultura, havia organizado o plano para constituição de um pequeno estado alemão no meio do Brasil, foi ele carregado para bordo de um navio e aí metido num caixão, que mais parecia gaiola de pássaro ou caixão de defunto do que alojamento para um ser vivente; e apesar de seus protestos e da desvelada interferência de cidadãos porto-alegrenses, foi expedido para a capital do Império. Durante toda a viagem não se permitiu ao pobre prisioneiro que ao menos respirasse um pouco de ar puro no convés; deitado no buraco, tão baixo que lhe não permitia assentar-se, tinha que comer o mal cozido feijão preto e o arroz misturado de pedras. E de beber raramente lhe davam um copo com água, pútrida.

Compassivos, os rudes marinheiros olhavam o homem, cujo ótimo talento ainda há pouco durante a campanha tantas vezes valera ao

Marechal Braun, e ao qual todos conheciam como competente e como homem de boa moral. Mas as ordens mais severas lhes vedavam de contribuir por qualquer forma para suavizar a horrível situação do capitão; o infeliz permaneceu na sua gaiola como um pássaro doente, durante a imigração, até que finalmente o navio chegou ao Rio e o prisioneiro foi conduzido para a ilha das Cobras, local habitual de reclusão dos prisioneiros de estado.

Aí começou então demorado processo, do qual nada resultou senão a absoluta inocência do preso, que deveria ser, incontinenti, posto em liberdade. Mas é assim o amor brasileiro pela justiça: primeiramente mete-se por anos num buraco de cachorro o cidadão de quem se suspeita, como ao mais vulgar criminoso, e só depois *cum otium* [sic] se verifica qual é a culpa do preso.

Dos dois outros envolvidos na mesma trama, um deles foi posto a ferros em Porto Alegre e o outro também mandado para o Rio, onde ficou preso por algum tempo e depois, também absolvido em processo, recebeu um passe ou caderneta de peregrino mendigo para o mundo largo.

Assim, não se realizou a única empresa que poderia ter nos ajudado a todos: nós no Rio de Janeiro, menos sonhadores, nada podíamos fazer e em Santa Catarina faltou união. Estavam licenciados os batalhões, cujo aparelhamento ainda há pouco tempo havia custado milhões.

E até nisso havia bem escondida e bem tecida intriga: fornecendo uniformes novos teve-se em vista nos iludir pelo menos por algum tempo de que nem se pensava na dissolução dos corpos estrangeiros; pensou-se mesmo com rematada tolice que essa era a maneira mais segura, se não de impedir pelo menos de retardar o eventual levante dos soldados alemães. Seria para aborrecer ainda mais os oficiais estrangeiros, ou seria por astúcia ou medo, que ainda poucos dias antes do licenciamento diversos segundos-tenentes, eu inclusive, ainda foram promovidos a primeiros-tenentes e diversos desse posto a capitães; alguns até ainda foram transferidos, causando-lhes despesas de alguns centos de táleres.

Estando quebrada, como em resumo narrei, a única força que poderíamos ter oposto àquela ordem despótica, não restava outro meio

senão tentar amigavelmente obter qualquer indenização do Governo ou da Câmara dos Deputados, pois esta governava o país. Portanto, nos dirigimos quase simultaneamente ao Imperador, às Cortes, aos senadores, e a todos recordamos em bem redigida súplica, mas enérgica, os serviços que durante anos os alemães haviam prestado ao Império brasileiro. Segundo parece, essa representação não ficou sem produzir algum efeito; pelo menos D. Pedro mandou nos garantir por intermédio do Coronel Schwalbach que nenhum oficial seria dispensado sem receber uma gratificação razoável, de acordo com o posto. Nunca podíamos confiar das promessas imperiais; como poderíamos subitamente nos tornar crédulos, a tomar por sacrossanta toda palavra de frade baixada do púlpito? Talvez pudéssemos esperar da Câmara dos Deputados mais que do Imperador, pois aquela pelo menos uma vez feita uma concessão não poderia retirá-la. Por isso, também fomos mais insistentes aí, e conseguimos realmente a solene garantia de que o nosso requerimento seria devidamente levado à deliberação na próxima sessão legislativa. E, para andar maia seguro, alguns de nós faziam a corte a estes senhores das Cortes como se um deputado fosse um deus onipotente, entronizado no espaço ilimitado do mundo inteiro.

E enquanto esses títeres republicanos deliberavam se o sangue alemão derramado nas campanhas contra Buenos Aires e pelo trono merecia paga, tomei a resolução de empreender pequena excursão aos arredores da capital e visitar um amigo que há anos não via. Mal concebera a resolução, logo passei à realização, como era de meu costume. À paisana, espingarda de caça ao ombro, marchei pela estrada militar de Minas Gerais, sempre em direção à Serra dos Órgãos.

Sem tardar alcancei o objetivo da minha marcha e diante dum copo de vinho do Porto e em agradável palestra estava esquecido o incômodo da viagem, como também o Rio de Janeiro e a Câmara dos Deputados.

Todos os dias eu percorria a paisagem circundante da morada de meu amigo, encantadoramente situada, e a boa dona da casa deveu à minha pólvora e chumbo muito bom assado, que com escala pela cozinha dela transitava para a nossa mesa. Outra vez uma aventura cômica de arrepiar dissiparia os meus “*grilos*” [sic].

Certo dia a caçada foi má, contra o costume, e eu permanecera até o crepúsculo da tarde sobre uma elevação gramada, no meio dum charco. Não estava contente por ter que sair da posição, pois alguns pombos que eu conseguira abater eram mesquinha safra para o dia. Mas como ao influxo duma vara mágica, repentinamente somem-se os últimos raios solares e poucos minutos depois noite negra cobria a montanha. Estava eu forçado a ficar naquela desagradável situação até que aprouvesse à virginal lua, a prima-dona caçadora da mitologia, acender a sua lanterna. Afinal assim foi, e sem mais pensar meti-me no charco e pus-me em fuga, como perseguido por maus espíritos.

Penosamente ia vencendo a lama viscosa e me julguei feliz quando me vi de novo na estrada real, pela qual poderia pelo menos continuar a caminhada a pé enxuto. Dados alguns passos na estrada plana, surgiu diante de mim um vulto branco, muito levemente vestido, em passos leves. Seu pé mal tocava o tapete da relva, brando zéfiro brincava com os cabelos escuros encaracolados da Juno, de estatura elevada, e a luz pálida da lua iluminava a figura da madona, que parecia transportada pelas nuvens.

“Dar-se-ia que deveras *Nossa Senhora da Conceição* [sic] andava na Terra!”, pensei eu comigo mesmo, a refletir calmamente, o “ou este fantasma saiu do Inferno para nos enlouquecer, a nós pobres filhos de homens?” Pensei em examinar, rapidamente, que coisa era esta que a tais desoras e em tais trajes andava nesta estrada ordinariamente deserta. “*Quem vive?*” [sic], gritei em voz forte, mas não tive resposta; em vez disso o vulto desviou sobre mim o rumo anterior de seus passos. “Pelo diabo!”, empreguei eu, “pára, ou...” e nisto minha mão manejou a espingarda, de tal maneira que o cano fez ruído ao bater na ferragem do cinturão. O vulto não respondeu e calmamente continuou a aproximar-se e só quando se achou junto a mim uma voz feminina balbuciou: “Dá-me tua arma, amigo! Esta noite ainda tem que morrer um *cabrito* [sic], tão grande como nunca viste em tua vida.”

Cabrito em português é bode novo; por mim, ela podia matar bodes quantos quisesse; mas é que os europeus também chamam aos mulatos de bodes e logo farejei que aqui não se tratava dum animal a caçar, mas duma vida humana.

“Minha senhora, por mais que eu quisesse ser-lhe agradável, desta vez não posso satisfazer seu desejo”.

“Mas tens que... passa para cá esta coisa, miserável!” e nisso avançou para mim tão resolutamente que dei alguns passos para trás. E prontamente lhe segurei o braço e com enérgico arranco a fiz parar e refletir. A soluçar e chorar pediu-me que lhe emprestasse a arma somente por algumas horas, ela garantia que ao amanhecer me restituiria agradecida por um portador de confiança. E beijava ardentemente a minha mão; senti as lágrimas e também meus olhos não se conservaram secos. Pareceu-me chegado o momento de interrogá-la sobre o motivo de seu passeio noturno e de seu traje tão esquisito. Profundo suspiro rompeu do peito oprimido. “Ah! amigo: não me pergunte; bem quisera dizê-lo, mas não posso.”

“Singular encontro”, murmurei eu, e de novo perguntei que coisa afinal inquietava a dama sonâmbula. “Pois que o senhor a todo transe quer saber, amigo! saiba que tenho um amante; antes: tive. Escute: conheço um carrasco, cuja cor e cabelo claramente revelam que restam vestígios de sangue africano nas veias dele. Em uma palavra: – mulato. Com malícia e astúcia conseguiu de mim provas de carinho que não lhe posso confessar, pois a casta lua poderia esconder o rosto diante do meu rubor. Apenas conseguiu seu propósito traiçoeiro, apenas arrancara a beijos a honra de meus lábios, o juízo da minha frente, a inocência de meu peito – foi-se embora, como um ladrão noturno, abandonou-me com o meu filho bastardo. Mas agora vou percorrer todo o Império a procurá-lo e hei de matá-lo onde quer que a sua língua perjura brinque qual víbora debaixo de alguma árvore, onde quer que reluzam os tições de seus olhos voluptuosos. Pois há um *Deus da vingança* [sic].”

Logo que acabou de falar voltou o anterior paroxismo; o rosto pálido, mas belo, desfigurou-se horrivelmente, contrações convulsas sacudiam todo o corpo, e muito arregalados me encaravam seus grandes olhos negros, ameaçadores.

E a lua sorria sobre seu peito desnudo, cheio e suave.

Atônito eu a contemplara até então e escutara atentamente suas palavras; mas agora uma febre de frio me abalava, pois verifiquei que a coitada era louca. E quem, de noite, em presença de semelhante criatura, em estrada erma, não havia de sentir-se mal? Um salto por

cima do fosso marginal da estrada e através das sebes talvez me tivesse libertado daquela fatal companhia; mas pensei no que seria então daquela infeliz e, embora sem inquietação constante e freqüentes olhadelas para o lado, onde a lua e a lunática iam a par, me conservei na estrada, com a esperança de que a moça me acompanharia. E, de fato, assim foi: calada e quieta, ora mais depressa, ora mais devagar, ela me acompanhou até a casa do meu amigo, à qual só retornei alta noite com a singular caça viva. O negro que abriu a porta recuou espantado ante aquela figura branca; mas ela sem cerimônia entrou na casa, examinou um pouco a sala, e em seguida sentou-se à vontade em uma cadeira, mostrando-se extenuada. Foi necessário acordar a velha Margarida e assim os três, não sem dificuldade, pusemos a louca na cama, onde em breve pareceu dormir tranqüilamente.

Mas pela manhã houve novo acesso: queria prosseguir caminho e foi mister empregar força para retê-la. Importava saber o nome da infeliz e de onde era, para reconduzi-la a seus pais ou parentes. Mas nada se conseguia saber por ela, soltava as mais horríveis, indecentes imprecações quando se falava da família.

Nisso aponta um cavaleiro na disparada pela estrada, a parar diante das casas e, segundo parece, perguntando alguma coisa. Logo suspeitamos que andasse ao encalço da bela perdida e com os lenços lhe acenamos de longe, para lhe significar que conosco se achava o que procurava.

Chegou-se e perguntou se não víamos passar uma dama em *négligé* [sic] branco. Com o dedo apontei para uma janela ao alto, diante da qual estava a infeliz; com alta exclamação de alegria o mensageiro logo apeou e sem mais ia entrar na casa de meu amigo; mas nós o retivemos à força, porque era mulato e ninguém sabia se não seria ele próprio o sedutor da moça. Espantado, ele se voltou para nós, a pedir com insistência que lhe entregássemos sua senhora. “Porque”, acrescentou ele, “ainda que os senhores tenham-na roubado, os senhores não podem ficar com a moça.” Assustado recuei alguns passes, pois pensei que estivesse às voltas com outro louco.

Mas em breve se verificou que o bom homem nada tinha de louco; apenas ele desconhecia a história de amor da sua senhora e por isso certamente nunca soubera se um bastardo do sponsório da África

com a América, ou um filho da dominadora Europa, enlouquecera de amor e por fim de juízo a sua bonita senhora. Julgou que nós éramos raptos, que eu ou o meu amigo tivesse roubado a moça da casa paterna.

Algumas explicações recíprocas em breve resolveram satisfatoriamente o enigma. Conteí de que maneira encontrara a moça e ele explicou que era criado da família e fora mandado à procura da senhora sonâmbula. E mostrou um bilhete no qual a polícia era solicitada a dar na pista da pobre criatura. Não vacilamos em entregá-la e dentro em breve partia a trote rápido no fogoso cavalo, agarrada fortemente ao criado, montada atrás dele.

Estava ainda a refletir sobre essa singular aventura, quando de repente me lembrei que era tempo de regressar ao Rio de Janeiro, para saber que teria sido do requerimento dos oficiais alemães, com o objeto duma gratificação. Como a vinda, também a viagem de volta decorreu sem incidente digno de nota; cheguei à capital e com espanto soube de um decreto pelo qual o governo concedera a gratificação de um ano de soldo aos oficiais estrangeiros, como recompensa pelos longos anos de serviço fielmente prestados. Era na verdade uma indenização horrivelmente insignificante para os muitos sofrimentos, privações e perigos que passáramos durante a campanha; mas, não deixa de ser extraordinário, numa terra como o Brasil, onde tudo está à mercê do arbítrio, onde, por exemplo, o escravo valetudinário é posto à porta da rua, em vez de ser sustentado até o fim de seus dias, em recompensa dos serviços, recebendo aquele pontapé para gozar as delícias da enganosa liberdade. No momento até sossegaram os espíritos bastante excitados e o comentário era que se devia ficar satisfeito, pois o governo pelo menos demonstrava boa vontade para indenizar na medida de suas forças os oficiais despedidos. Mas estávamos todos iludidos: os deputados tinham sido bastante espertos em acrescentando a essa concessão uma cláusula pela qual dois terços dos oficiais não eram contemplados. Dizia o decreto: “Todos os oficiais contratados pelo governo receberão um ano de soldo como gratificação, pelos serviços prestados.” E justamente nesses termos se descobriu pretexto para sonegar à maioria dos oficiais mesmo essa minguada indenização. Se estávamos todos igualmente ao serviço do Império, era porque houvera contrato; mas as altas autoridades assim interpretavam: só eram considerados contratados pelo governo aqueles que exi-

bissem contrato firmado por escrito com agentes brasileiros na Europa e, em consequência, tivessem feito em navio-transporte a viagem para o Novo Mundo. Todos os outros, portanto, e eram a maior parte, que tivessem vindo por sua própria conta, voluntariamente, para a louvada terra de seus sonhos, ficavam excluídos de tal insignificante favor.

Penso eu que precisamente estes últimos é que tinham merecido serem indenizados de qualquer forma, pois deles era certamente de supor que não tivessem vindo só por necessidade, como os primeiros, muitos dos quais já se sentiam felizes só com a permissão do Major von Schäffer para fazerem grátis a longa viagem, no meio duma leva humana de gente rude, de muitos criminosos, baste lembrar a minha referência aos correccionais meclemburgueses. Mas justamente estes receberam a gorjeta, e nós ficamos no ora veja. Se à minha partida de Hamburgo para o Brasil eu tivesse imaginado que um dia seria tido como crime o pagar eu mesmo o dispendioso transporte, que uma Câmara de Deputados jamais cometeria o contra-senso de excluir duma gratificação justamente homens a quem se devia agradecer por não terem começado por impor despesas à sua futura nova pátria, então realmente eu teria ficado com o meu dinheiro no bolso e sem escrúpulo ter-me-ia utilizado de um navio-transporte schafferiano.

Na esperança de que S. M. o Imperador não podia aprovar semelhante restrição, novamente nos dirigimos a S. M. com um requerimento; mas provavelmente o Imperador a esse tempo já reconheceria que sua permanência no Brasil estava por pouco, pois ele respondeu muito laconicamente: “Nada mais tenho que ver com as tropas alemãs dissolvidas e espero de futuro ser poupado a semelhantes solicitações.”

Mil imprecações e maldições choveram agora sobre D. Pedro, que não só parecia haver totalmente esquecido todas as promessas outrora feitas tão palavrosamente aos alemães, como também pela indiferença para com a sorte a esses seus subordinados demonstrava bem evidentemente que ele só mandara angariar os batalhões estrangeiros para sua segurança pessoal e para opressão dos brasileiros, de nenhum modo, como nós havíamos imaginado, para o verdadeiro bem do Império. Prêmio e castigo por tão inaudita ingratidão não haviam de tardar, já a vingadora Nêmesis esperava pela sua presa segura, pois o

funesto 7 de abril de 1831 estava às portas. Ergue-te, Sansão! Mas Sansão dorme.

“Verter o sangue pela majestade, e por mais nada, somente;
“Dizer que isso é bom, é belo e glorioso; é errar redondamente;
“Pois isso é só a coragem que a pau se infunde ao cão,
“Que engordam as migalhas caídas da régia mesa ao chão.”

(*A Morta*, de Buerger.)

Em suma, a maior parte dos oficiais alemães não receberam a gratificação, pelo simples motivo de que D. Pedro absolutamente não amparou a pretensão certamente modesta. Novamente nos dirigimos à Câmara dos Deputados na esperança de que aqui alguns dos indivíduos que viviam a clamar sobre o *droit de l'homme* [sic] certamente se empenhariam por nós e defenderiam a nossa justa pretensão. Mas aí ressurgiu à luz do dia em suas cores vivas o ódio nacional. Alguns daqueles senhores declararam que nenhum reconhecimento era devido aos alemães, e que cada um tratasse de ver como regressar à pátria; as finanças do Brasil estavam demasiado avariadas para que eu pudesse pensar em conceder gratificações a estrangeiros! Chamam a isso dar brindes! Com os diabos e todos os arcanjos! – impreciação bem brasileira. Se essa gratificação não era obrigatória, então não sei o que seja obrigado. Só um ou outro deputado, mais inteligente e natural das províncias meridionais do Brasil, ousou amparar os nossos direitos e protestar contra aquela escandalosa manifestação. Mas foram suplantados: a recusa foi votada por uma superioridade de votos de dez contra um. Um mulato, natural de Pernambuco, um patife que devia estar contente por haver escapado ao jugo da escravidão, pois ainda seus pais haviam experimentado o chicote de seus rigorosos senhores, este levantou-se para declarar que os oficiais alemães podiam pagar com o seu trabalho a bordo a viagem aos capitães dos navios. “*Na Alemanha a gente está acostumada a trabalhar* [sic], portanto, em nome de Deus, eles que varram o convés, ou puxem os cabos, contanto que nós não tenhamos mais que sustentá-los.”

Altas murmurações se fizeram ouvir na galeria, acompanhadas de ameaças e impropérios que bem podiam ouvir-se, pois a galeria às vezes também tem a palavra. O senhor deputado encolheu-se quietinho no seu lugar e nesta sessão não abriu mais a boca.

O mau-trato por parte dos deputados e por parte do Imperador punham o sinete a todo o procedimento do governo brasileiro para com os estrangeiros. Desde esse momento o imperador dera prova de como não havia que fiar em suas afirmações; ele nos abandonara e nós deixamos de contar com ele.

Quero ainda observar aqui que teria sido pelo menos obrigação do soberano daquele imenso país dar de seu bolso uma gratificação aos oficiais despedidos dos batalhões estrangeiros, uma vez que os representantes do povo a negavam. Para isso ele era bastante rico, como o provavam as enormes somas de dinheiro constantemente empacotadas e remetidas por navios ingleses ao Banco de Londres. A avareza, geralmente acompanha a riqueza, e assim era aqui; mas a avareza muitas vezes é horripilantemente castigada. Pelo menos o Imperador brasileiro, D. Pedro I, muito teve que arrepender-se da sua ganância.

Já a 5 de abril de 1831 ele sentiu o mal que fizera em haver sempre cogitado de sua bolsa e não do governo do país; pois neste dia a população amotinada nas ruas da cidade revelou claramente, por palavras e atos, que os brasileiros não tinham visado somente dissolver os batalhões estrangeiros, mas mudar toda a constituição do país, para o que também importava mandar quanto antes D. Pedro atrás dos seus partidários condenados, já expedidos para a Europa. Deus, o Senhor, em sua ira, expulsou do Paraíso ao rei dos trogloditas, Adão, porque este provaria do fruto proibido; Pedro, o imperador de trogloditas, foi expulso do Éden brasileiro pelo espírito nacional e o senso da liberdade, porque quis deitar a mão à fruta proibida do poder absoluto. A diferença é só que ao primeiro, com sua mulher, nada foi dado levar para a viagem senão umas vestes de folhas de figueira e algumas flores do conhecimento do erro, ao passo que o último levou muitos milhões da terra do ouro.

A 5 de abril desde cedo pela manhã viam-se em todas as esquinas de ruas ajuntamentos de homens a confabular; cochichavam, falavam, discutiam, gritavam. Uns apenas em voz baixa atreviam a dizer sua opinião sobre o estado atual das coisas, mas em atrevido entusiasmo outros gritavam alto: “*Fora estes filhos do reino! Fora a adorrada!*” [sic]. O pensamento compreendia o próprio Imperador. Os soldados de polícia se esgueiravam assustadiços pelas ruas onde ouvissem tais gritos; nenhum se atrevia a tapar-lhes a boca, como na bíblia ao boi na debulha.

Os amotinados estavam armados de cacetes, facas e pistolas; dir-se-ia desaparecida no momento a inata cobardia, pois não havia mais tropas estrangeiras a temer. Todo o dia durou a agitação e quando a noite com suas asas negras cobriu a cidade começaram a voar pedradas às janelas dos portugueses mais ricos, fazendo retinir na calçada os estilhaços das vidraças. E tiros de pistola zuniam pelas cumeeiras das casas.

Só alta noite foi que diminuiu um pouco o escândalo, para recomeçar na manhã seguinte. Mal os primeiros raios do sol douravam o horizonte, reagruparam-se os rebeldes e agora encorajados pelas cenas do dia anterior, gritavam em voz alta: "*Abaixo o Ministério!*" [sic] e vozes meio abafadas acrescentavam: "*Abaixo o Imperador!*" [sic].

Nisso, de repente, um português sozinho, de pistola em punho e uma espada presa por fiador de couro ao pulso, salta no meio dum dos ajuntamentos populares e berra aos mulatos: "*Viva D. Pedro I!*" [sic]. Seu aspecto selvagem e sua roupa manchada de sangue diziam que ele vinha de rude labor, e espavorido dissolveu-se o bando, como quando um pé de vento espalha folhas secas. Sirva isso de prova como teria sido fácil pôr em fuga aquelas lebres, desde que não tivessem faltado cães para lhes darem caça.

Na quinta imperial de S. Cristóvão tinha-se ficado inativo no primeiro dia do motim, tal qual no levante dos batalhões estrangeiros; acreditava-se que tudo cessaria *per se*; mas as informações que chegavam a cada momento, o tiroteio que se ouvia distintamente, o estrépito das viaturas e das peças de artilharia, tudo provava que aqui era necessário entrar a desordem rápida e energicamente. As tropas receberam, pois, ordem de prontidão e foram fartamente municadas. D. Pedro tomara medo, notara que estavam em causa sua coroa e seu cetro; afinal resolveu acudir pessoalmente ao Rio de Janeiro para verificar o que havia de verdade nos boatos espalhados e, caso necessário, tomar as mais sérias providências. Seguido por uma escolta de húsares, de espada desembainhada, ornamentado de preciosas correntes e de bordados de ouro, mostrou-se ele ao povo, e a sua atitude ereta a cavalo, seu aspecto marcial, que ele revestiu o melhor que pôde, demonstravam que pretendia impor-se. Mas acabara o respeito: os plebeus vociferavam atrás dele, apesar da escolta e pareciam não temer as espadas nuas. Cresciam de vulto os ajuntamentos e gritavam em voz alta pela demissão do Ministério. Nessa contingência e na enganadora

esperança de assim restabelecer a tranquilidade, o imperador respondeu que satisfaria ao desejo de seus súditos e mesmo que pensava remover diversos outros males, assim como asseverou que era fiel à Constituição e que como *defensor perpétuo* [sic] do império brasileiro também ampararia os direitos da nação e os de cada indivíduo.

Todas estas promessas, nem a demissão do Ministério, porém, não sossegaram os espíritos excitados; D. Pedro viu-se forçado a regressar a S. Cristóvão e reunir aí o conselho de estado, de cuja inteligência esperava auxílio na sua situação crítica. Mas todos encolheram os ombros e nenhum dos conselheiros sabia aconselhar, até a maioria deles cautelosamente se haviam posto ao fresco, a esperar à beira do mar, com seus barcos perto, que se resolvesse o temporal prestes a desencadear-se sobre as altas cabeças. Estava, pois, o imperador abandonado; com o seu medo esquecera a senha e não havia nenhum ponto a seu lado. Pobre Pedro!

Deve ter tido profundos cuidados nesse dia, pois à noite mandou arrumar todas as suas coisas. Dizem que ultimado esse serviço ele de repente se mostrou de novo muito calmo e indiferente, tanto que teria respondido a um dos camaristas que lhe descrevia em cores vivas o perigo: “Ora! mesmo que me expulsem do país, só nesta mala tenho 25 milhões de cruzados em ouro e em notas de banco inglesas; meto-me num navio e vou-me embora; com esse capital, mais o que o banco inglês ainda me deve, vivo mais feliz na Europa do que aqui no Brasil como soberano imperador.”

Não tardaria a satisfação desse desejo: rompia o sete de abril de 1831. Ainda antes que a luz fulgurante do sol dissipasse inteiramente o crepúsculo matinal, estava reunido o povo em todas as praças públicas, sobretudo no Campo de Santana. Impropérios, maldições e excomunicações choviam sobre o Imperador, o Ministério, o Governo. “Pro inferno estes diabos!”, gritavam uns; “que prazer seria dar uma facada nesta canalha portuguesa!”, acrescentava um corpulento mulato; e viam-se bengalas erguidas e facas mal ocultas brilhavam debaixo das mangas dos casacos de chita dos descontentes.

Quanto mais avançava o ponteiro do relógio do estado brasileiro em seu movimento incessante, mais cresciam os ajuntamentos, que ameaçadoramente bloqueavam todos os acessos à cidade. Não se dava mais crédito às promessas de D. Pedro; todos queriam saber os nomes dos novos ministros e ao mesmo tempo melhor garantia para o

respeito à Constituição. “É necessário mostrar a essa gente que não lhe temos medo”, gritavam uns; “Para o Campo de Santana, e de lá, reunidos com os nossos patrícios vamos cercar a quinta imperial e exigir pela força o que não nos querem dar por bem!” E assim toda a massa afluíu para a praça principal da capital do Império. Não tardou muito estavam aí reunidos uns 20.000 homens, na maioria negros e mulatos, todos armados na forma referida.

Presenciei o tumulto e nunca como então tive o desejo de poder deitar um olhar ao futuro, para saber de antemão o resultado dessas cenas ameaçadoras. Sem querer lembrei-me do verso de Blumenauer na paróquia do Enéias de Virgílio, onde diz:

“O’ tu, que tens o dom de levantar o véu ao futuro,
Que se nos mostra na vida tão esquivo.
“Oh! tem a bondade! desvenda-mo só até o joelho,
“Que com isso te ficarei cativo.”

Em breve havia de se me desvendar a figura de Sais; faltavam poucos minutos e D. Pedro estaria sem o trono.

No Campo de Santana tumultuava o povo, como um mar tempestuoso, a bramir e a fazer barulho, pronto a cada momento para marchar sobre S. Cristóvão. Enquanto isso, o imperador estava a uma das janelas de seu paço e de olhar turvo, turbado, olhava a risonha paisagem, sobre a qual até então dominara onipotente. Nisso chega a galope o general Lima, apeia depressa do cavalo, galga sem ser anunciado os largos degraus da escadaria do palácio imperial.

“Então, Lima, como estão as coisas!”, pergunta-lhe D. Pedro.

“Mal, Vossa Majestade; o povo reclama melhor garantia para a Constituição e um Ministério que não sufoque a mentalidade liberal.”

“E o Sr., que pensa disso, general?”

“Penso com o povo, e se necessário desembainharei a minha espada pela justa causa.”

Esta resposta era boa e nobre; mas Lima não pensara sempre assim, pois fora até servo do tirano, e só pelo favor deste chegara ao alto posto, em que agora se fazia tão importante. Egoísmo é o nome da estrela-guia que lhe ditou aquelas palavras; pois pouco pensou nos benefícios recebidos e a gratidão não existia no coração daquele homem tão inculto, quanto, pelo menos militarmente, inexperiente. Irritado, D. Pedro apon-

tou-lhe a porta. Lima partiu, montou de novo a cavalo, correu para o Campo da Honra, a colocar-se, como rebelde, à testa da massa amotinada, que reclamava aos gritos e impropérios o cumprimento das promessas.

Foi então que diversos oficiais se dirigiram às pressas a S. Cristóvão, a instar com o imperador que finalmente desse às tropas a ordem de atacar os rebeldes. O monarca retardatário resolveu; ele pessoalmente avançou com toda a força então existente no Rio de Janeiro para o Campo de Santana, e intimou o ajuntamento a que todos se recolhessem a suas casas, sem reclamação.¹⁴⁵

Verificou-se então que nem tudo aqui partira da classe baixa do povo, pois pessoas de alta categoria, entre elas o Marquês de Barbacena, secundadas por quantidade de mulatos, se manifestavam com um atrevimento que espantava e que fazia tremer ao próprio senhor absoluto do império transatlântico.

“V. M. mande fazer fogo contra essa canalhada!”, gritou um certo tenente, que aqui se chamava “de Maia”, mas cujo verdadeiro nome, da família alemã, era *Meyer*, e como os brasileiros desconhecem a organização da nobreza alemã aqui se fazia passar por fidalgo. Aliás a aristocracia no Novo Mundo, como no Velho, está mais ou menos condenada à morte; contudo o Sr. Meyer imaginara que com o seu “de” arranjaría certos privilégios.

D. Pedro não ousou executar a proposta daquele gritador, pois ainda não perdera a esperança de tranquilizar por meio de palavras o povo excitado. Apeou do cavalo e, embora pálido e tremendo por todos os membros, foi para o meio dos oradores do ajuntamento, a passos firmes, e secamente perguntou pelo que queriam dele. Levantou-se então generalizada gritaria. Um queria a demissão do Ministério, outro a do Imperador, terceiro fazia outra reclamação e um quarto ainda outra; e daquela algazarra era quase impossível decifrar qual era afinal o objetivo do motim. Cacetes e pedras cortavam o ar, como fogos-fátuos no prado; espadas e facas brilhavam e, até ao fundo de cenário estouraram tiros de pistola.

Ao mesmo tempo a maior parte das tropas tomaram o partido do povo; só a artilharia a cavalo, a guarda de honra e o Batalhão do Imperador pareciam dispostos a cumprir fielmente seu dever. Com sua voz de leão, Lima berrou um “*Viva a Constituição!*” [sic], que teve eco nas vozes de milhares de mulatos e negros.

Agora D. Pedro perdeu completamente a cabeça e a coragem; como uma caça perseguida partiu à disparada, a cavalo, e como se no seu encalço seguissem todas as fúrias do Inferno, voltou para seu palácio de S. Cristóvão. Aí, o recebeu, banhada em lágrimas, mas não desanimada, embora consternada, sua esposa, que como legítima filha de um Beauharnais tratava de reanimar o espírito fraco, desalentado de seu esposo, insuflar-lhe a devida varonilidade. Foi baldado o seu esforço, pois o Imperador já estava em xeque-mate antes de ser assediado pelos oficiais e campônios. Cheio de medo e assustado, procurava com os olhos pelos seus amigos, os ingleses, que lhe deviam muita gratidão pela permissão de sugarem à vontade o império brasileiro.

E eis que já se apresentavam junto à quinta de S. Cristóvão diversos botes, prontos para recolherem o fugitivo peixe de ouro. De nada valeram os pedidos e advertências da esposa, a implorar, que, segundo se diz, rojou-se-lhe aos pés, para demovê-lo do propósito de sumariamente abandonar o Brasil; ela foi tratada com a maior grosseria e teve ordem para se aprontar imediatamente e acompanhar a majestade em fuga. A toda pressa foram levados para bordo duma fragata inglesa o Imperador, a Imperatriz e a atual rainha de Portugal, D. Maria da Glória. Ali chegado, D. Pedro sem atender às ponderações dos que o acompanhavam, escreveu um bilhetezinho aos emissários do povo, no qual abdicava de todos os seus direitos à coroa brasileira em favor de seu filho.¹⁴⁶

Por aquele tempo contavam no Rio de Janeiro diversas anedotas, pela veracidade das quais não respondo, pois que não fui testemunha ocular, mas que mereceu certo crédito porque correspondem perfeitamente ao caráter do ex-imperador. Para terminar este capítulo registarei apenas uma delas.

Dizem que mal o Imperador chegara a bordo da fragata inglesa, sabendo seus tesouros em segurança, tomou de um violino e tocou uma das mais reles canções populares brasileiras. Um dos cortesãos que o acompanhava na fuga entendeu de fortalecer ainda mais a graça imperial de que gozava, por meio de um dito espirituoso improvisado e, todo lisonjeador, lhe disse que só um Frederico Segundo poderia ter tamanha serenidade e firmeza. Aliás o bom homem não conhecia os grandes feitos do grande Frederico nem pela História Universal, quando muito da leitura de algum jornal, desses que de vez em quando citam o imortal herói.

“Oral”, teria respondido D. Pedro ao bajulador, “que grande coisa perdi eu? Tinha que incomodar-me com problemas de governo e na Europa viverei de futuro em feliz *far niente* [sic] e quando muito tocarei de vez em quando, para mim e a minha roda, um miudinho.”*

Quem pensa assim, a meu ver, não merece uma coroa, pois a pouca gente foi concedida essa sorte e esta gente não deve levianamente abrir mão dela. Foi por isso bem feito que o enxotassem do paraíso brasileiro; já por isso devera ter sido cortada a grande vara de condão com a qual se haveria de chicotear a Pedro de regresso à terra de seus maiores.

Agora uma outra ocorrência havida a bordo da fragata inglesa antes dela sair do porto do Rio de Janeiro. A bela, amável Imperatriz, que acompanhara seu marido fugitivo como *par ordre du grand Seigneur* [sic], chamada à mesa, ter-se-ia recusado, provavelmente porque as cenas antes referidas lhe teriam tirado o apetite. Mas nova ordem de D. Pedro obriga a encantadora a comparecer à mesa, contrariada, e aí o monarca, tão grosseiro quanto fácil de irritar, tem a brutalidade de forçar sua linda esposa a tomar imediatamente lugar à mesa e participar na refeição, proibindo-lhe de chorar, sob ameaça de esbofeteá-la, e tratando-a com os termos mais chulos, na presença de quinze oficiais ingleses.

Estes poucos traços aqui mencionados da vida do ex-Imperador bastam largamente para caracterizar todo o homem, por isso posso aqui interromper a narrativa e passar a descrever sucintamente o estado das coisas no Rio de Janeiro depois da revolução.

Muita coisa poderia contar ainda, não estivesse já o tinteiro quase seco, o papel amarelado e a pena rombuda, e não tivesse receio de submeter a paciência de meus leitores a uma prova demasiado dura, de fogo e d'água. Apesar de todos os navios a vapor e caminhos de ferro, o continente sul-americano ainda está longe de ficar bastante perto de nós, para que uma simples descrição sem interesse histórico aqui tivesse cabimento.

Nosso herói, que representava o papel principal, saiu do palco, e não é culpa nossa que não o tivesse feito com mais linha. Um escre-

* Como já referi, é uma dança nacional brasileira, altamente indecente.

vedor de memórias não pode sempre montar em cavalo de parada; às vezes, para divertir a plebe, ele tem que fazer dançar o urso, exhibir macacos e cães amestrados. Semelhantes evoluções militares aleijadas sempre caem no canhestro ou ridículo e eu não quero acrescentar um fabuloso bailado romântico à minha tragédia histórico-clássica. Não faltam pantomimas, mas as coisas não nos parecem suficientemente plebéias-burlescas; deixemos tudo,¹⁴⁷ para só falar da mímica, ou das caretas feitas com sorriso azedo pela parturiente brasileira.

O parto foi fácil e só as parteiras tagarelam por profissão; memórias nem sempre cabem na casa de expostos.

NOTAS AO CAPÍTULO XVIII

145 Há muita fantasia de Seidler em sua narrativa dos acontecimentos em torno da abdicação de D. Pedro. Assim, por exemplo, o Imperador não saiu de S. Cristóvão, nem falou às massas; a abdicação foi redigida na própria Quinta da Boavista, de próprio punho, e aí mesmo entregue ao Major Frias de Vasconcelos.

146 Carlos Seidler necessitava de algo sensacional, nesta parte de seu trabalho, para agradar ao leitor alemão. Nestas condições, inventou este remate à história de D. Pedro I como Imperador do Brasil. Sabemos todos que as coisas não se passaram como ele narra neste seu fim de capítulo.

O tradutor nota, citando o historiador alemão Handelman, que D. Pedro I fez calmamente os preparativos da viagem, embarcando em paz.

Uma das melhores descrições dos acontecimentos pode ser lida em Rio Branco – *Efenérides*. A agitação popular começou a transformar-se em verdadeira sublevação no dia 6 de abril de 1831. À 1 hora da tarde, haviam-se reunido na atual Praça da República cerca de 600 pessoas; esse número elevava-se logo depois a três ou quatro mil homens, o que era um número muito considerável, atendendo à população daqueles tempos.

À tarde, um grupo de deputados e de outras personagens dirigiu-se ao Imperador, que se achava em S. Cristóvão, não sendo atendido. A pedido dos descontentes, o comandante das armas, Brigadeiro Francisco de Lima e Silva, foi pessoalmente procurar o Imperador, porém, nada conseguiu. Logo depois, começaram as tropas a juntar-se aos populares, abandonando a causa do monarca. Lima e Silva mandou então o Major Frias de Vasconcelos comunicar ao Imperador o que se estava passando e pedir-lhe mais uma vez que fizesse a vontade do povo.

Pouco antes de 1 hora do dia 7 de abril, o Imperador entregava ao emissário do comandante das armas a sua abdicação.

A comitiva imperial embarcou na manhã de 7, indo para bordo da nau inglesa *Warspite*, que só a 13 deixou o porto do Rio.

- 147 N. do T. – O autor aí empregou o sinônimo grego de “tudo” e fê-lo imprimir no alfabeto respectivo: *pan* ou *pantos*.

.....

Capítulo XIX

FESTEJOS – DUELO – O NEGRO SANGUINÁRIO
– REVOLTA DOS PRESOS NA ILHA DAS COBRAS
– DESORDENS NO CAMPO DA HONRA
– O CEMITÉRIO DA MISERICÓRDIA – EXCURSÃO A
S. ANA DO PIRÁÍ – A MULHER FURIBUNDA
– DESPEDIDA – DIVISÃO DAS PROVÍNCIAS
– PORTOS DE MAR – RAÇAS HUMANAS
– ARTIGOS DE EXPORTAÇÃO – CONCLUSÃO

A casa dos expostos é e continua sempre a ser, pelas leis duma era convencional-jurística-diplomática, o armazém de carga, o pátio da alfândega, o único arquivo dos bibliógrafos, para gáudio de todos os bibliófobos, para surda raiva de todos os bibliófilos. Ainda é questão aberta do século e do dia se as casas de expostos devem ou não ser organizadas como são, se o autor e o editor podem dar-se as mãos, se a catedral de Leipzig tem bastantes sinos e autoridade; pois, que coisa é uma igreja sem frade, sem direitos e sem bênçãos? Quer-se saber também se os bezerros não nascidos gostam que se amarre a boca ao touro na debulha. A esse respeito decida alguma bolsa oficial de livreiros; lá não temos assento nem voto, ainda mesmo que reinasse a mesma balbúrdia que outrora no parlamento polonês.

Um autor sempre povoa a grande casa literária de expostos, mesmo que não seja um J.-J. Rousseau, que espiritualiza as imagens e abstrações de sua própria existência e que, como Maomé, adora a si mesmo e ao seu profetismo numa bem ideada teoria de fé. Pobre, louco Jean-Jacques, infeliz filósofo da Rue Platrière!

Perdoem-me esta excursão, que entretanto cabe melhor neste lugar do que à primeira vista se poderia crer! O Brasil também almeja uma cultura literária, como a criança muitas vezes sente vontades insopitáveis, tal seja a de montar a cavalo, a imitar o cavaleiro que passa a galope, e para isso arvora o cabo de vassoura em cavalo. Bela cavalaria! Como pode esse povo de mulatos arranjar uma literatura, ter livraria? Em que língua hão de falar os heróis da Babel transatlântica? Qual o interesse patriótico a inspirar as canções desses mercenários? Reconsidere-se o que já disse nos primeiros capítulos desta obra sobre as suas produções de teatro. A América do Norte aí está como modelo brilhante, mas cumpre não esquecer que esta terra foi colônia da Inglaterra anglicana e que o Brasil, em que pese à sua coroa imperial constitucional, ainda neste momento é colônia do Portugal radicalmente católico. Eia! mineiros das minas da cultura brasileira! Só achareis pedras surdas, grotas de trogloditas e enredanças. Ainda está longe de ser tempo de organizardes casa de expostos.

Deixo este assunto para não mais voltar a ele; já tive bastante ocasião de falar da formação intelectual do Brasil, dos diversos degraus em que assentam a religião, a moralidade, o trato social e comercial, as escolas populares, as forças armadas, a política, a agricultura e a indústria; e quando muito isso tudo se reduz a zero, que, qual distinto senhor que viaja incógnito, sem os necessários precursores, não conta para nada.

Estava terminado o ato principal do grande drama. O autócrata do império brasileiro flutuava, expulso da sua capital, do porto do Rio de Janeiro, sobre o oceano Atlântico, de onde velejaria para a Inglaterra, a França, a ilha Terceira, e finalmente para Portugal, para aqui fazer valer, como Duque de Bragança, os títulos de sua filha D. Maria da Glória, à coroa da Lusitânia.

Tal qual Bóreas, que depois de muito fustigar as ondas espumantes do mar pouco a pouco se abonança, assim pouco a pouco sossega-

ram os espíritos excitados e mais lentamente corria o sangue nas veias da população amotinada. Sua vontade tinha vencido, desde que D. Pedro deixara para sempre o Império. É verdade que ainda havia alguns gritadores que faziam ouvir o seu “*Viva a Republica!*” [sic], mas a estes a parte mais sensata do povo depressa fez calar por meio de certas ameaças bem intencionadas.

D. Pedro II foi proclamado Imperador constitucional do Brasil, com altas manifestações de júbilo, e instalou-se solenemente uma regência, composta de três pessoas, à frente dela o astucioso Lima, para regular os negócios do país em nome do Imperador menor. Para tutor, D. Pedro ainda antes de sua partida nomeara o Sr. José Bonifácio de Andrada, digno ancião e competente diplomata, o qual tendo viajado pela maior parte dos países europeus era bastante familiarizado com os negócios dos nossos gabinetes. Ficou como enigma o motivo por que o Imperador confiou a educação de seus filhos justamente a esse homem que ainda pouco antes caíra em desgraça. Provavelmente D. Pedro reconheceu que, apesar de seus sentimentos hostis ao mesmo, não havia em todo o Império outro súdito mais próprio para tão elevada missão.

Fogos de vista, iluminações, em suma festejos de toda espécie transformaram de repente no mais puro azul etéreo o céu político até então toldado e prenhe de temporal. Sonhavam os brasileiros com um futuro feliz, que julgavam próximo, entretanto estava longe.

O esfuziar dos foguetes e o troar das salvas de artilharia reuniram novamente no Campo de Santana o povo disperso e agora a canalha do Rio de Janeiro fez mudar-lhe o nome para Campo da Honra, assim substituindo o antigo batismo cristão, abjurando a antiga religião, desconsiderando a Santana, mostrando-se petulante renegado. Ébrios da vitória, tontos de alegria, como das libações alcoólicas raiando pela loucura, contavam uns aos outros coisas do heroísmo brasileiro, do amor à liberdade e do “espírito nacional que atingia as estrelas”. Não havia na Terra povo mais enérgico, mais grandioso; todo mulato esfarrapado imaginava que era príncipe, porque a seu ver o nobilitava o “*eu sou brasileiro verdadeiro*” [sic], que pronunciava com orgulho. Mas, infelizmente, não havia distribuição de atestados; atritos isolados estragaram em breve o júbilo generalizado e deitaram o traje escuro do luto sobre a alegria. Cenas sangrentas, provocadas pelos portugueses, que sustentavam ainda

o partido do patricio enxotado, em grande número, pingaram amargo vermute no cálice do contentamento. Rixas individuais outrora ocorridas eram agora feitas casos nacionais – amplo manto de carbonários, a encapar vingança, cobiça de dinheiro ou simples ciúme e inveja.

As desordens começaram na ilha das Cobras. Um oficial que há muito tempo sofria naquele ninho de cobras, como preso, porque o acusavam de ser inveterado *pé de chumbo* [siđ]* e partidário do Imperador expulso, estava um dia assentado, a refletir sobre sua sorte imerecida e sua triste situação, diante do local ruim que lhe fora designado para recolhimento. Inesperadamente sobe uma pessoa a elevação, sobre a qual se acham as fortificações parecendo o casco de um navio soçobrado, arranca de uma adaga enorme debaixo do capote e grita ao preso que se defenda. Este ergue os olhos e reconhece no agressor um antigo rival, tanto no posto quanto em amor, sendo que neste devia residir o motivo principal do seu ódio. Num momento estavam dissipados os fantásticos sonhos de amor, a que parecia entregue o herói deste episódio; a passos rápidos entra no seu alojamento baixo e a mão que agora mesmo apoiava a cabeça preocupada, apanha a afiada espada para se opor energicamente ao adversário. Devemos notar aqui a circunstância característica de que naquele tempo era permitido aos oficiais presos conservarem sua espada, contanto que possuísem mais de uma e entregassem uma delas ao ajudante.

Bem armado, com vantagem sobre o antagonista pela sua força de destreza, apareceu o ofendido em poucos momentos e se defrontou sereno, consciente e marcial, com seu inimigo enfurecido. Realmente, singular duelo! Não havia testemunhas, só os moradores da ilha acudiram para assistir ao desusado espetáculo. Cruzaram-se os ferros, golpes de ponta e de prancha eram trocados com indescritível furor; o brasileiro brandia a espada mais manhosamente, o português mais forte e seguramente. Ambos sangravam de profundos ferimentos, mas não davam por isso, o furor estava no auge. Por fim afrouxou o braço do brasileiro várias

* A expressão “*pé de chumbo*” era injuriosa e os brasileiros aplicavam-na a todos os portugueses em geral, e em represália estes honravam aos naturais do país com o apelido de *abms* [siđ]. Dizem que aquela expressão nasceu do calçado dos soldados portugueses, cheio de cravos na sola, ao passo que os brasileiros se lhes avantajam em leveza.

vezes atravessado; enfraquecido pela enorme perda de sangue, deixou pender a mão e com estrépito caiu a pesada espada; o agredido, com cálculo frio vibrou mais uns golpes enérgicos ao agressor, com toda a raiva, e abandonou triunfante o teatro da luta.

Só então, por ordem do Governador da praça, aproximou-se a guarda, constituída de alguns artilheiros inválidos, para transportar o Duro brasileiro, meio morto, fortemente esvaído em sangue. A pena imposta ao preso não foi absolutamente agravada por motivo dessa cena, pois, embora os naturais do país naquele tempo tivessem predomínio, ainda havia entre os oficiais mais graduados, sobretudo entre os comandantes de praças, muitos portugueses legítimos, aos quais o Governo não ousava despedir, porque já antes de 1822, isto é, antes do reconhecimento da Constituição, estavam ao serviço imperial. O comandante da ilha das Cobras era um destes e tratou de proteger o preso vitorioso, seu patrício, quanto pôde, contra a fúria dos cabritos circunstantes, que o teriam estraçalhado.

Tais ocorrências interrompiam freqüentemente a alegria generalizada e contentamento do povo; eram entreatos do grande drama. Mas Lima, o esperto Lima, soube depressa apagar a má impressão que semelhantes cenas deviam causar. Paradas, nas quais tomava parte a Guarda Nacional recém-criada, procissões, bailes, representações e festejos de toda espécie foram realizados e nessas ocasiões também se exibia, como interessante bonequinha, o pequeno Imperador. Costumava então o Sr. tutor ir à esquerda, o regente à direita e esses dois inimigos jurados levavam no meio a criancinha sobrecarregada de estrelinhas e brilhantes — José Bonifácio de Andrada inclinando-se amigável, amorosamente e falando à criança, Lima, a olhar por cima da massa, arrogante, com exagerada presunção. De cada vez ajuntavam-se milhares de negros e mulatos e faziam ouvir em choro inarmônico o seu “*Viva D. Pedro II*” [sic]; hinos enchiam o ar, acompanhados do incenso do catolicismo, fogos chineses e *bombas* [sic] de estouro marcavam o compasso.

Mas os habitantes mais distintos da cidade raramente compareciam a tais exhibições públicas, pois tinham que temer a linguagem hábil dos dedos daqueles bastardos ou suas afiadas facas. Seria inacreditável que dia claro e numa cidade tão populosa ocorressem tais excessos, entretanto eram coisa vulgar e em parte ainda são. Recordo-me de um

exemplo daquela quadra de horror, bastante notável para merecer registro aqui.

Um negro, que por causa de seus graves crimes, segundo as leis européias de muito devia ter pendido duma forca, teve ensejo de fugir à prisão, graças à má organização desta e à desídia das autoridades. Esse negro jurara morte aos brancos e sabia muito bem que era difícil escapar aos policiais que o perseguissem no centro da cidade; só o animava o desejo de ver sangue e, condenado à morte, queria antes de deixar este mundo saciar sua ânsia assassina, levar mais alguns companheiros para o Além. Armado com um ferro curto, pontiagudo, desce a correr pela rua mais próxima, sem importar-se com seus irmãos de cor, procurando somente um branco. A sorte caprichosa atravessa-lhe no caminho uma senhora já idosa; vendo ela aquele diabo negro tão apressado, foge para o outro lado da rua, mas antes de atravessar o meio da rua, está ela atravessada pelo ferro.

“Pega ladrão! pega assassino!” gritam de todos os lados, mas o facínora já ganhou distância e suas mãos malditas já sangraram inocente criança. “*Nossa Senhora da Conceição!*” gritam uns; “*fecha a porta!*”, bradam outros, e na corrida o monstro mete-se num beco transversal para continuar em sua selvageria.

Sete pessoas jazem mortas ou feridas nas ruas e o bandido consegue chegar ao Campo da Honra, de onde lhe acena a esperança de alcançar os morros próximos, cobertos de mato; nisto, no meio do campo, o alcança a vingadora Nêmesis. Saltam dois cavalarianos da Rua dos Ciganos e de espada desembainhada intimam o fugitivo a parar. Este perdeu toda a esperança de escapar ao merecido castigo; sua vida está perdida e em desespero vai reagir, mas um golpe formidável o estende no chão, a arma ensanguentada lhe é tirada da mão e ele é reconduzido à prisão. Não sei que fizeram dele, mas é provável e de desejar que lhe tenham arranjado um lugarzinho entre o céu e a terra.

Tais cenas de horror, em pequenas proporções, eram precursoras de outras em maior escala, e deviam convencer os brasileiros de que nada haviam ganho. Os heróis da revolução, os homens do povo, mostravam-se dia a dia mais exigentes; o mérito de haverem enxotado um imperador, a seu ver a nação jamais poderia agradecê-los bastante. Eles próprios que haviam expulsado o tirano, tornavam-se agora tiranos; a

aristocracia brandia a vara roubada. Quando, porém, num país como o Brasil, país da superstição, do partidarismo e da cobiça, tanta gente se julga chamada a governar, certamente o resultado não pode ser nenhuma grande felicidade. O povo baixo facilmente deixa-se arrastar a violência, a troca de dinheiro e de promessas; quem mais dá e mais promete, mais vale, é o homem mais digno do leme do estado. E quando está no trono um imperador menino, um pequeno imperador, não um “pequeno caporal”, a quem uma camareira, severa ou não, ainda tem que vestir as calcinhas, cujo nome, porém, serve de capa a muitos abusos, então as coisas não podem correr bem. Ainda mais se o tutor e o regente se defrontam como inimigos rancorosos, observando-se mutuamente com ciúme e, sem atenção ao bem do estado, reciprocamente se caluniam e perseguem.

E para agravar ainda o mal, o Marquês de Barbacena, este baiano¹⁴⁸ tão soberbo quanto ambicioso, angariou muitos adeptos com o seu dinheiro e entrou como terceira pessoa principal no palco, nessa grande comédia brasileira de macacos, ou, para dizer melhor, pôs-se a dançar entre a orquestra e o proscênio. Estava pois a revolução às portas, conspirações e *complots* [*sic*] secretos se faziam em todos os cantos.

Se as três partes da folha de trevo se tivessem unido, talvez não houvesse mais Império do Brasil, talvez o rico, majestoso país estivesse hoje como a Itália, desmembrado, dissolvido; mas cada qual queria ser chefe e por isso nenhum deles o foi.

Como nesse *charituri* [*sic*] ninguém soubesse ao certo quem era cozinheiro ou copeiro, também os presos da ilha das Cobras entenderam que era chegado o momento de reconquistarem a sua liberdade à viva força. Irromperam das suas casamatas, desarmaram a guarnição de inválidos, e assenhorearam-se das fortificações e de toda a ilha, situada exatamente defronte do Rio de Janeiro. Com a ajuda de ligações secretamente estabelecidas na Capital, pretendia-se derrubar o Governo e – como então as coisas eram – uns queriam estabelecer a República, outros a Federação, outros ainda queriam reconduzir Pedro I.

Alguns disparos de canhão troaram ameaçadores na ilha, como sinal para a cidade, anunciando-lhe que ainda estava longe de terminar o derramamento de sangue. A briga não era pelas barbas do Imperador, mas pela sua coroa.

Parecia iminente a guerra civil, com todos os seus horrores e misérias; toda a gente armava-se, cada qual queria pelo menos defender quanto possível seus teres e haveres.

De qualquer modo teria acabado muito mal se tivesse havido união verdadeira entre os criminosos da ilha das Cobras¹⁴⁹ e os mulatos da cidade.

Os últimos, porém, cobardes como são por natureza, queriam primeiramente aguardar o que seus parceiros poderiam realizar sós, e mesmo, provavelmente, contassem mais com uma boa oportunidade para roubar e furtar, do que visassem a mudança de Governo. Pela resultante vacilação, pela protelação, no Rio ganhou-se tempo bastante para reunir a Guarda Nacional, como a Guarda Permanente, e requisitar todas as embarcações do Arsenal de Marinha. Colocaram-se canhões no mosteiro de S. Bento, ia-se bombardear de terra e do mar aquele ninho, se os rebeldes não se submetessem imediatamente.

Tangido pelo medo e o susto, Lima veio às pressas de sua casa de campo, mas não se atreveu a mandar logo atirar, mandou primeiramente uma deputação que, meio suplicante, meio ameaçadora, devia tranquilizar os amotinados. Mas da ilha estalam tiros de espingarda e batem n'água, junto aos botes dos emissários; estes retrocederam mais que depressa, pois os brasileiros não gostam de semelhantes brincadeiras. Não se podendo parlamentar, não havia outro recurso do que fazer atirar de S. Bento. A primeira bala desmontou uma peça na fortaleza, mas isso pouco intimidou os rebeldes, que responderam sem cerimônia três vezes ao descortês cumprimento. Então foi embarcada a Guarda Nacional, para cercar a ilha com os barcos e assaltá-la.

Teria sido um combate mortífero, se os presos estivessem fartamente providos de armas, pólvora e chumbo; mas nada possuíam a não ser o pesado canhão de sítio, em mau estado, com que em todo caso poderiam atirar contra navios de guerra, mas que dificilmente acertaria nas pequenas embarcações, mais os poucos mosquetes e espadas que haviam tomado da guarda de inválidos, e alguns mais, enferrujados e imprestáveis, que se achavam depositados em um quartinho da fortaleza. Desta maneira toda a heróica empresa da Guarda Nacional Imperial brasileira era um brinquedo de criança, como esses em que certamente muitos de meus leitores em sua juventude tomaram parte, brinquedo a

que chama de “ladrões e soldados”, com a diferença que aqui geralmente são batidos os soldados, mas no caso atual o foram os ladrões. A passo de carga avançaram contra a guarnição quase desarmada e com superioridade numérica de sete para um, e o mais empreendedor de todos esses heróis morenos, o escrivão de um juiz de paz, foi o primeiro a subir à muralha meio derrocada.

Triunfalmente ia ele dar o seu viva ao Imperador e à Constituição quando uma bala lhe trespassou o pulmão e cortou pelo meio as palavras. Caiu para trás e rolou do penhasco que constitui a ilha e pouco depois expirava. Felizmente foi esta a única vítima da parte da Guarda Nacional, que agora por todos os lados invadiu a praça, de baioneta calada, e a conquistou quase sem encontrar um adversário. A guarnição fraca, descoroçoada, há muito tempo se metera nos esconderijos, pois bem reconhecera que à falta da ajuda esperada da cidade, diante de tão grande superioridade, não se tratava de apanhar rosas. Alguns deles foram abatidos, os outros reencarcerados.

Ah! como se gabava a nobre Guarda Nacional! A destruição de Tróia ou de Magdeburgo era nada diante do assalto à ilha das Cobras. Um Aquiles ou Ulisses não passava de criança diante de um segundo-tenente da Guarda Nacional; nem se podiam lembrar os heróis da Guerra dos Trinta Anos.

Mal se pode descrever que exageradas histórias foram geradas por essa insignificante história. Fizeram-se poesias em honra dos bravos conquistadores da ilha e do único guarda nacional sucumbido no combate. Milhares de homens, muitos fardados, muitos à paisana, acompanharam o féretro, em que jazia descoberto o morto, mãos cruzadas sobre o peito e em uniforme de gala. Jamais fora sepultada com tamanha pompa nenhum general, nem mesmo o pai da Marquesa de Santos. Orgulhosos os guardas nacionais se vangloriavam de terem já se sacrificado pela pátria. E por que não reconheciam os muitos sacrifícios a ela prestados por estrangeiros, pelos alemães?

Quem melhor soube tirar partido de toda a ocorrência foi um certo livreiro, um tal Plancher, francês, o qual sem perder tempo fez litografar o acompanhamento fúnebre e fez vender a sua droga ordinária por bom preço ao povo entusiasmado. Foi sem dúvida uma boa especulação, melhor do que outras que ele efetuara em sua pátria, as quais quase o haviam levado ao patíbulo, razão por que fugira para o

Rio de Janeiro, onde em pouco teve ensejo de calafetar de novo seu barco naufragado. Só essa pintura ordinária lhe rendeu de lucro líquido mais de 500 a 600 piastras espanholas.

Conquistados estes louros, a Guarda Nacional regressou jubilosa de sua sortida triunfal; voltou o sapateiro à sua sovela e o alfaiate, pendurada a espada à parede, retomou sua agulha.

Mas o sossego não durou muito, já se armava novo temporal, desta vez muito mais sério. José Bonifácio de Andrada, o tutor do pequeno Pedro II, desde muito tempo se sentia melindrado pela soberba do regente Lima e finalmente tomara a resolução de pôr um forte dique contra a petulância de seu adversário, com todos os recursos de que pudesse dispor.

Concebeu o plano ousado de depor a regência e substituí-la por outra, pela força. Toda a criadagem palaciana e os moradores de S. Cristóvão lhe eram fiéis; podia contar seguramente com a ajuda deles, faltava apenas uma cabeça esclarecida que entabulasse ligações secretas na cidade e fosse capaz de assumir o comando do conjunto.

José Bonifácio julgou havê-la encontrado na pessoa de um homem que dava no Rio de Janeiro pelo nome de Barão von Bülow,¹⁵⁰ mas que, segundo depois se soube, nem era barão, mas descendente duma família muito ordinária do Hannover, e tinha por verdadeiro nome o de Hoiser.

Era um homem extremamente talentoso, mas muito trapaceiro, sabendo falar quase todas as línguas européias, embora nenhuma bem, e tinha o dom de se fazer estimado apesar de seu cabelo ruivo e do seu exterior nada agradável; sabia gabar-se a valer e mesmo, sendo preciso, mentir; escrevia com habilidade; não indagava quem era o amo a quem servia; tanto sabia lisonjear como ser grosseiro – em resumo, era inteiramente o homem que convinha ao objetivo do tutor. Como oficial estivera outrora na guarda de corpo de Fernando VII da Espanha, mas aí teve que fugir, conforme ele mesmo reconhecia, por haver dado sumiço a uma sentença de morte lançada contra um seu patrício. Depois estivera em Buenos Aires, onde se envolveu nos negócios públicos e, com a sem-cerimônia que a República usa em relação aos faladores desautorizados, foi metido na cadeia e condenado à força. Foi perdoado e solto, com a condição de abandonar incontinenti o país. Tantas vicissitudes, porém, não quebrantaram o ânimo aventureiro desse D. Quixote ale-

mão; ou era o aperto do dinheiro o que o impelia – o certo é que Bülow aceitou a proposta, sem vacilar. Ainda há pouco pobremente trajado, apresentou-se de repente a cavalo, como um fidalgo, e em poucas semanas fez mais conhecimentos interessantes e vantajosos do que qualquer outro estrangeiro no melhor dos casos em muitos anos.

A seus brilhantes escritos, seu zelo incansável, seu dom irresistível de convencer, santarrão, deveu exclusivamente o tutor imperial, (que só tramava no escuro, não permitia o uso de seu nome na conspiração) que em poucos dias estivesse armado um complô, que contava com 500 a 600 pessoas, como um cuco emplumado no ninho do pintasilgo. Na cidade sabia-se mais ou menos do caso e diariamente se esperava ver de novo as ruas tintas de sangue e semeadas de cadáveres.

De fato, era altamente ridículo naqueles dias passar pelas ruas da cidade e observar os habitantes: desde cedo muito agitados, como formigas incomodadas, com diligente irresolução, a correrem para cá e para lá, de porta em porta, a conversar e a olhar para o céu, a ver se choveria. “*Graças a Deus! Vem chuva, hoje não há nada!*” [sic], dizia um ao outro. Um pouco de chuva era o bastante para fazer adiar a revolução. Que lamentável, que insensato! Eu pensaria que quem intentasse tais empresas não se poderia arrecear de algumas gotas de chuva, se deveras encarasse a morte. Mas isso é brasileiro, genuinamente brasileiro. Em semelhantes sublevações, mangueiras fazem as vezes de canhões.

Entretanto não podia chover todos os dias e certa manhã uma confusão de correrias, ainda antes de ter-se rasgado inteiramente de alto a baixo o véu da noite, demonstrou aos habitantes do Rio de Janeiro que algo extraordinário se passava, a revolta devia ter estourado.

Por dois caminhos diferentes vieram de S. Cristóvão os rebeldes, sob a chefia do referido pseudo Bülow e postaram-se no Campo da Honra, de onde, assim que rompeu o dia, por meio de alguns disparos de canhão e aos gritos de “*Embaixo o Governo!*” [sic], despertaram do tranqüilo sono Lima e consortes.

Provavelmente os rebeldes tinham contado que além da Guarda Permanente ninguém se lhes oporia; mas enganaram-se. Toda a Guarda Nacional, por ordem do Governo, tomou armas e em número de alguns milhares de homens avançou contra os rebeldes. Tentou-se primeiramente uma capitulação, mas em vão: Bülow mandou fazer fogo e as

balas caíram na massa compacta dos permanentes. Estes não tardaram em retribuir a saudação e fortemente apoiados pela Guarda Nacional atacaram o adversário, e travou-se mortífero combate. As casas da cidade estremeciam do troar dos canhões.

Uma porção de curiosos avançaram pela Rua dos Ciganos, que, como já referi, sai no Campo da Honra, para apreciar de longe o resultado da luta desigual; mas as balas também caíam lá e muitos tiveram que pagar com a vida a curiosidade. Finalmente a cavalaria atacou os rebeldes e em poucos minutos decidiu a ação. Sem a necessária disciplina para operarem uma retirada em regra pela rua estreita, sobre S. Cristóvão, os rebeldes se dispersaram aos quatro ventos, procurando ocultar-se na vegetação dos morros próximos.

O Sr. generalíssimo v. Bülow logo no início da batalha prudentemente tomara o alvitre de fugir, para esconder-se na propriedade de campo dum amigo norte-americano, onde se meteu numa cavalição, com todo o seu uniforme de general. Não tardou que descobrissem seu esconderijo, e foi por denúncia de um oficial alemão, que, segundo dizem, recebeu 200 piastras espanholas por essa façanha honrosa, e cujo nome quero calar por considerações especiais, se bem que ele merecesse divulgação, para vergonha da Alemanha.

Covarde demais para se lançar sobre sua própria espada, como o falecido Catão, depois de perdida a batalha, deixou-se calmamente agarrar pelos satélites de Lima e levar para o cárcere, acompanhado de forte escolta.

É de crer que pela influência e o dinheiro do honrado D. José Bonifácio ele esteja de novo em liberdade, pois já antes de minha partida do Rio de Janeiro falava-se de seu perdão, assim como logo no começo de sua prisão tivera permissão para residir com a Guarda da mesma, o que lhe proporcionava mil oportunidades de escapar-se sem risco. Mas Bülow, por não lhe faltar dinheiro, certamente sentia-se bem na sua situação, ou então conhecia bastante exatamente o culto da justiça no Brasil, para estar firmemente convencido de que brevemente seria solto. Entretanto, que teria acontecido na Europa a semelhante criminoso? Em vão bradava por vingança o sangue dos mortos do Campo da Honra; com toda a pressa e no possível sigilo puseram-se os cadáveres sobre viaturas, e transportaram-nos para o cemitério da Misericórdia, onde foram

enterrados sem aparato. Nisso estava concluído todo o negócio e uma calma abafada desceu sobre a capital.

Ao referir esse cemitério acodem-me lembranças que me arrepiam. Na verdade é indiferente que um dia nosso cadáver repouse aqui ou ali, que o comam os tubarões ou os vermes; o morto nada percebe. Mas a questão muda para os queridos sobreviventes; para estes deve ser horrível saberem o parente ou amigo enterrado de uma forma que causa horror ainda ao mais indiferente passante. Sem esquife, muitas vezes sem a menor peça de roupa, em absoluta nudez, são atirados os mortos desse hospital de pobres numa cova que nem tem dois pés de profundidade. Dois negros conduzem o morto para a sepultura, em uma padiola ou rede presa a comprida vara, atiram-no ao buraco, como a um cão morto, põem um pouco de terra solta por cima e então, se por causa da pouca profundidade da cova, alguma parte do corpo fica descoberta, socam-na com pesados tocos de madeira, de forma que acaba formando-se um horrível mingau de terra, sangue e excrementos. E se alguns dias depois com uma forte chuvarada, dessas que, como referi, aqui pela sua maior energia e fortes gotas se distinguem das descargas de nuvens nas nossas zonas, a terra frouxa é arrastada pela água, não raro uma perna ou um braço esmagado, como que erguido em protesto à profanação, assustam ao infeliz que nesse campo-santo vai chorar alguma pessoa da família.

Nem todos aqueles que a esse tempo aqui eram entregues à metamorfose do pó eram do povo baixo ou africano; também vi enterar aqui um nobre alemão, de boa família, ex-oficial. O infeliz, estimado por todos os seus camaradas pelo seu bom caráter, desde jovem só se dedicara à profissão das armas e, como tantos outros, na tola esperança de alcançar melhor sorte no Brasil, tivera a idéia de vir de Hamburgo para o Rio de Janeiro onde seu nome, igualmente bem conhecido pelo Conde do Rio Pardo, imediatamente lhe proporcionou emprego que ultrapassava a todas as suas levianas esperanças. Depois da época infeliz da dissolução das tropas estrangeiras ele se viu só e abandonado; seus antigos colegas não lhe podiam ajudar, pois também se achavam na mesma dificuldade, e os negociantes alemães do Rio de Janeiro – entre os quais havia alguns bem importantes, como por exemplo um Sr. Blass, um Heinrich, um Froehlich Jor. – dos quais em resumo nada de bom se

pode dizer, nada queriam fazer por ele. Estabelecendo um pequeno comércio tentou ele viver, mas também nisso não teve sorte e vergonhosamente enganado perdeu o resto de seus insignificantes haveres, ficou à mercê da mais negra miséria. Em semelhante situação faltou-lhe coragem para afrontar com firmeza a desventura, caiu em desespero e para esquecer os sofrimentos buscou consolo na cachaça, o melhor meio de despachar-se depressa para o outro mundo.

Esse veneno, que a tantos tem levado ao túmulo, que tantas vezes tem feito de heróis, covardes, de gente sensata, loucos, e que domestica até os rudes selvagens da mata virgem brasileira, também aqui não falhou em seu resultado; o corpo já enfraquecido pelos incômodos e preocupações não suportou por muito tempo as excessivas doses de álcool; o infeliz foi definhando e afinal teve de ser recolhido ao hospital da Misericórdia, com o que se evitou pelo menos que um oficial alemão e nobre morresse como um cão leproso de fome e tristeza nas ruas do Rio de Janeiro. Quem dera tivesse esse pássaro infeliz permanecido em casa, em seu ninho!

Que impressão dolorosa e ao mesmo tempo horrível para os antigos camaradas tornarem a ver aqui esse homem entre dois negros atacados da mais asquerosa doença, num quarto estreito, abafado, pestilento! Sentimento revoltante! Maldição sobre os infames que não tiveram consciência e quebraram contratos sagrados! Excomungados sejam os malditos aliciadores de Hamburgo!

Por felicidade os sofrimentos físicos do coitado não duraram muito, pois da segunda vez que pretendi visitá-lo já ele migrara para o reino das sombras e, dez minutos depois de expirado, o cadáver tinha sido sepultado pela forma que descrevi, no cemitério do hospital, sem bênção nem sino, sem acompanhamento e sem esquife! Descansa em paz, amigo!

*"Quand tout est perdu quand on n'a plus d'espoir,
"La vie est un opprobre, et la mort un devoir." [sic]*

Nestes três últimos capítulos só sangue, morte e desgraça; e ainda não basta de sangue e miséria: agora facadas por mão de mulher!

Como não me prendesse mais ao Rio de Janeiro nenhum dever de serviço, passei a fazer excursões para o interior, longe; comprava

e revendia peles, couros, e achei-me financeiramente muito melhor do que antes, quando metido em brilhante uniforme com dourados; não obstante não lograva esquecer-me da perda de meu emprego. Seja como for, esses tempos passaram; como qualquer outra ferida, também esta cicatrizou pouco a pouco.

Numa das referidas excursões fui ter a um lugarejo chamado S. Ana do Pirai, onde tomei casa exatamente em frente à venda dum tal Antônio Vieira. Este homem, como brasileiro homem bom e honesto, mas violento e irritável, vivia amancebado com uma Dulcinéia que, conquanto não fosse bonita, mantinha enredado em mágico encantamento o bonachão dono da venda. Ele era casado e pai de considerável família, mas abandonara mulher, filhos e filhas, só por amor a esta rapariga; e só comprara a venda como pretexto para se afastar dos seus e viver às ocultas com essa incasta dona. Enquanto ele aqui servia por 10 ou 20 Rs. um cálice de cachaça a todo negro que passasse, sua mulher vivia com os filhos na boa casa da fazenda que lhe pertencia, a qual para as condições locais podia até ser considerada esplêndida, e aí, segundo a fama, ela exercia o direito de represália tendo já concedido ouvido favorável e mais alguma coisa a determinado chichisbéu. Em resumo, o nosso fazendeiro preferira a uma vida confortável de família viver com a amante numa miserável vendola. Em geral porém, mulheres capazes de arrancar um marido à sua esposa e envolvê-lo na sua teia, não estão representando a primeira intriga amorosa, já antes praticaram na *ars amandi* [sic]. Era o caso presente.

Não tardou muito, apareceu na região um mulato, que por causa do tamanho era chamado de *João Grande* [sic] e procurou reatar com a Sr^a Petronina as relações já esquecidas, mas muito íntimas que outrora haviam tido. Mas isso não era tão fácil como talvez imaginasse o vagabundo; a bela esperta há muito esquecera com a bolsa do rico fazendeiro o esfarrapado adorador de antanho. Além disso ela sabia muito bem que o João Grande fazia a corte mais ao seu dinheiro do que à sua beleza já bastante esmaecida; o espelho indelicado mostrava-lhe apesar de sua vaidade, cada dia mais, inexoravelmente, traços e rugas de seu rosto indicativos de ativa vida pretérita.

Entretanto o nosso empreendedor mulato não se deu por achado com a latinha bem forjada pela Sr^a Petronina; ela continuava

mais ou menos nas unhas dele, porquanto se revelasse ao irascível Antônio Vieira as suas antigas relações, em que outrora estivera para com a virtuosa virgem, nada seria mais provável do que dar ele um pontapé e à porta da rua à devota criatura. Para evitar semelhante desgraça, viu-se ela forçada a fornecer obra fina da sua latoaria e tratar com muita sutileza ao importuno adorador. Este, porém, começou a perder a paciência, pois já consumira o último vintém, de maneira que matreiramente imaginou um plano para se insinuar na casa do rival. Sob o pretexto de estar à procura de trabalho e ocupação, entrou ele certa manhã na venda do fazendeiro, que justamente estava a namorar com a sua querida, entre garrafas de vinho e cachaça. A Dulcinéia empalideceu, mas teve que calar.

Estava-se na colheita do café e nesta região havia falta de braços, pelo que aquele homem forte pareceu mesmo vindo a propósito ao Antônio Vieira. Contento o tomou a seu serviço e lhe prometeu a metade do café que colhesse.

Logo lhe foi indicado um quartinho ao lado da peça onde dormia o dono da casa com a mulher, e assim ficava o bode feito jardineiro. Mas por mais bem sucedido que fosse o espertalhão nesse começo da sua intriga, a sua esperteza malograva ante a firmeza da mulher; ela absolutamente não queria dar-lhe ouvidos.

O mulato ameaçava, mas ela ousava. Por fim o fazendeiro farejou o assado roubado. Quando ele se via ocupado no terreiro, com seus escravos, a colher o fruto do qual as nossas matronas preparam sua bebida predileta, sempre o seu novo empregado, em vez de ajudar diligentemente, tinha alguma coisa que fazer em casa, onde Petronina ficara só, atendendo ao reduzido negócio da venda. Muitas vezes ele corria à venda sob o pretexto de ter esquecido a faca, de que aliás não necessitava para o serviço, mas sem a qual não se vê nenhum brasileiro no interior do país, e só voltava ao trabalho depois de horas. Era certamente de propósito que ele deixava a arma em casa, bem o percebeu Antônio Vieira; não podia ser esquecimento, pois o brasileiro dá muita importância à faca. Isso revoltou o homem ciumento, e ele interpelou sua amada; esta lhe jurou alto e bom som que jamais esquecera seus deveres, sempre lhe fora fiel, mas confessou que o bastardo moreno lhe fazia a corte. Enfurecido, sem dar explicação, Vieira enxotou o mulato do templo; João foi-se embora, jurando terrível vingança ao seu senhor. Primeira-

mente tomou serviço num fazendeiro vizinho, o qual semelhantemente a Vieira também preferira uma venda ordinária com uma amante à sua bela casa de campo e esposa.

Continuaram as visitas à venda do Antônio, mas agora João Grande não se apresentava mais como empregado submisso, porém como freguês exigente; atirava o dinheiro ao balcão, e dinheiro então não lhe faltava, pois estava ganhando muito no jogo, e em tom de ordem pedia o que lhe apetecesse; o pobre dono da venda, torturado pelo ciúme, tinha que fazer boa cara à brincadeira de mau gosto. Veio o tempo em que, seco o café e debulhado era ensacado e expedido para o Rio de Janeiro. Apresentou-se então o mulato a exigir a paga prometida.

Antônio Vieira prontificou-se logo a pagar, mas surgiu grande diferença nas contas dos dois rivais, pois um afirmava ter colhido o dobro do que o outro lhe creditava ao querer pagar. Daí surgiu uma tarde violenta disputa, que seria talvez terminada com sangue, se por acaso não estivessem presentes na venda diversos homens e mulheres, que se divertiam a jogar, beber e dançar, e que separaram os dois contendores esquentados. Ao retirar-se, João Grande ameaçou que voltaria na manhã seguinte a reclamar a paga e que se não lhe fosse pago até o último vinho que ele exigia acabaria com a vida do vendeiro.

No outro dia, domingo, foram chegando a pé e a cavalo os moradores da redondeza, que iam assistir à missa da freguesia. Como de costume, primeiramente matava-se o bicho na venda,* para que se pudesse depois ouvir a missa com maior entusiasmo. Deveras, um ouvinte completamente em jejum de bebida poderia facilmente sentir cólicas de estômago a ouvir a litania latina lida não muito certo e em mau dialeto português. O João Grande também compareceu em roupa domingueira, isto é, de casaco de chita, mas não para ir da venda à igreja, sim para beber coragem e depois entrar na discussão com o seu ex-patrão.

Da minha janela observei sossegadamente a cena, da qual desde logo previ que não acabaria bem. O dono da casa foi buscar o seu

* *Matar o bidio* [sic], como já referi, é uma expressão vulgar, que significa tomar a pinga matinal.

livro de apontamentos e procurou demonstrar que já havia pago mais do que devia, ao passo que o outro vociferava, praguejava e reclamava satisfação imediata. A princípio a dona não aparecia, mas havia muita gente presente, da qual entretanto ninguém queria meter-se na briga.

Quando o mulato viu que palavras nada resolviam, puxou do cinto comprida e larga faca, espetou-a diversas vezes no balcão que os separava e berrou com voz terrível: “Quero beber o teu sangue, cachorro! e é hoje.” O outro também se armou às pressas, mas além duma faca também trouxe espingarda, e assim se defrontaram como dois galos de rinha ingleses, enfurecidos e prontos para a briga, não esquecendo nenhum dos impérios de que a língua portuguesa é tão rica.

Ainda mais irritado pela inesperada resistência, João Grande declarou afinal ao fazendeiro que a sua Dulcinéia era mulher à-toa, tanto que antes de ser dele fora muito tempo sua; nisto abriu-se de repente a porta da cozinha e irrompeu raivosa a mulher, descabelada, rangendo os dentes, como uma fúria, ou como uma tigre a que se roubaram os filhos, e atacou o homenzarrão, desferindo-lhe mortal facada que atravessou o casaco e a camisa e penetrou fundo na carne. Assustado empurrou de si a fera e banhado em sangue correu para fora da venda. Ao ar livre parou; tremia-lhe convulsamente a mão em que segurava a larga faca. Então alguns dos homens que se achavam na venda seguraram a mulher enfurecida e trataram de tomar-lhe a faca, mas ela mordía, arranhava, batia e procurava ferir a torto e a direito, com enérgico desespero, e queria a todo transe sair porta afora para acabar com o mulato, e tanto gritou e berrou que acabou caindo sem sentidos. Agora Antônio Vieira também se encorajou: saiu da casa, armou o gatilho da espingarda e trê-mulo apontou ao adversário.

Extenuado pela forte perda de sangue, este parecia já nas vacas da agonia; fugira-lhe a velha bravura, implorou que lhe poupassem a vida. De medo da punição, o vendeiro ofendido em seu direito de amor, não quis acarretar culpa de morte: atirou fora a arma, correu à casa e logo voltou com uma comprida vara de ponta ferrada e com a mesma pôs-se a bater no moribundo, na cabeça e nas costas, de maneira que de todo caiu e não dava mais sinal de vida. Felizmente nisso chegou o seu novo patrão e como pelo menos houvesse uma centelha de compaixão em seu peito, com um movimento destro segurou os braços de Antônio

Vieira e o obrigou a afastar-se. Ao quase morto João Grande, ensanguentado, arroxeadado, ele o fez transportar para sua casa e lá ele foi pouco a pouco restabelecendo-se.

Parecia impossível que uma cena tão séria, ocorrida na presença de tantas testemunhas pudesse passar em sigilo; por isso o esperto fazendeiro achou acertado dar ele mesmo a parte e figurar como acusador. Com esse objeto dirigiu-se primeiramente ao escrivão do juiz de paz, a quem pôs uma boa quantia de dinheiro na mão, e depois em companhia do mesmo foi à presença do próprio senhor juiz de paz, tão avantajado de barriga quando de tolice.

O escrivão, subornado, fez-lhe um relatório tal que o corpulento senhor juiz se viu levado a declarar o João Grande *criminoso* [sic] e expedir ordem de prisão contra ele. E realmente o pobre diabo, apesar de suas feridas e pancadas, ainda teria ido para a cadeia não tivesse o seu patrão sabido a tempo da notícia e tratado de removê-lo rapidamente para outro distrito, onde ficasse fora do alcance do braço daquele pequeno déspota.

Seria demasiado longo se eu quisesse aqui mencionar ainda todos os fatos que comigo sucederam em minhas viagens ao interior, depois da expulsão de D. Pedro; mas tratarei deles mais tarde, em outra obra, na qual abrangerei as minhas digressões pela Espanha e França.

Com zelo, diligência e pelo menos boa vontade de proporcionar um livro que esclareça um pouco a escuridão ainda reinante a propósito deste grande Império, tracei para meus leitores os diversos quadros de antes e depois da revolução e espero apenas, ao despedir-me, que ele saberá entender-me exatamente a julgar com acerto.

Termina aqui uma catástrofe capital da minha existência, cai o pano, está finda a representação do drama. D. Pedro, o Imperador, foi enxotado, em seu lugar está uma criança, sob a égide de José Bonifácio, o revolucionário, e a regência é açambarcada pelo Lima, o tirano.

Devo ainda citar que em parte a falta de dinheiro que desde esse tempo se tornou cada vez mais sensível em todo o Império, em parte as continuadas cenas de horror, e finalmente a ardente saudade da pátria amadureceram em meu espírito o propósito de regressar à Europa,

mas julguei dever a mim mesmo a satisfação de primeiramente visitar alguns países desta nossa parte do mundo, da qual eu saíra tão jovem e que pouco ou nada conhecia, antes de voltar aos braços de minha estre-mecida família, que ansiosa esperava por mim.

Assim tomei um navio genovês, *Estrela Matutina*, e parti, não diretamente para Hamburgo ou Bremen, mas para Cádiz, para daí seguir via Madri e Paris para a Alemanha. O que nestas viagens me sucedeu de notável e aventuroso, como disse, constituirá secção especial desta obra, logo que o tempo e as circunstâncias o permitam e se for reconhecido o meu zelo.

Como adequado anexo, ainda acrescento uma resumida exposição estatístico-geográfica e de história natural a respeito deste incommensurável Império.

DIVISÃO EM PROVÍNCIAS

O Brasil, descoberto no ano de 1500 por Álvares Cabral, deve o nome, segundo se supõe, a uma espécie de madeira denominada *pau-brasil* [sic]. Quando os primeiros portugueses desembarcaram em Porto Seguro, situado entre o Rio de Janeiro e a Bahia, tomaram esse pau avermelhado por *brasa* [sic] e por ele batizaram o atual Império. Primeiramente colônia de Portugal, depois reino e finalmente Império, todo o vasto país foi a princípio dividido em capitânias gerais, mais tarde em 19 províncias, a última das quais ao sul, Cisplatina, pelo tratado de paz de outubro de 1828 foi reconhecida como República do Uruguai, livre e independente. As outras 18 que formam todo o Império são:

1. Pará (Grão-Pará), capital Belém.
2. Maranhão, capital S. Luís do Maranhão.
3. Piauí, capital Oeiras.
4. Ceará, capital Ceará.
5. Rio Grande do Norte, capital Cidade do Natal.
6. Paraíba, capital Paraíba do Norte.
7. Pernambuco, capital Pernambuco.*

* A cidade se decompõe em três partes: Recife, S. Antônio e Boavista.

8. Alagoas, capital Vila do Forte das Alagoas.
9. Sergipe, capital Sergipe ou Cidade de S. Cristóvão.
10. Bahia, capital S. Salvador da Baía de Todos os Santos.
11. Espírito Santo, capital Vitória.
12. Rio de Janeiro, capital Rio de Janeiro.
13. S. Paulo, capital S. Paulo.
14. S. Catarina, capital Cidade do Desterro.
15. S. Pedro do Sul ou Rio Grande do Sul, capital Porto Alegre.
16. Minas Gerais, capital Vila Rica ou Ouro Preto.
17. Goiás, capital Cidade de Goiás.
18. Mato Grosso, capital Vila Bela, hoje Cidade de Mato Grosso.

PORTOS DE MAR

a) Costa Norte. 1. Belém; 2. S. Luís do Maranhão; 3. Piauí; 4. Aracati.

b) Costa Leste. 1. Cidade do Natal; 2. Paraíba; 3. Pernambuco; 4. Porto Calvo; 5. Sergipe d'el-Rei; 6. Bahia; 7. Espírito Santo; 8. Rio de Janeiro; 9. Santos; 10. Rio Grande.

RAÇAS HUMANAS

1. Portugueses ou filhos do reino, genuínos europeus portugueses, incontestavelmente a parte preferível da população do Brasil, tanto no ponto de vista do caráter, como no da inteligência.

2. Brasileiros, ou portugueses nascidos no Brasil, de ascendência mais ou menos pura.

3. Mulatos, nascidos da mescla de brancos com negros.

4. Mamelucos, mestiços de brancos e índios.

5. Negros, legítimos, importados da África.

6. Crioulos, negros nascidos no Brasil.

7. Curibocas, cruza de negro e índio.

8. Índios, puros, aborígenes do Brasil.

A respeito destes últimos escrevi extensamente no primeiro volume e aqui apenas observo ainda que se chamam bugres, gentios ou

tapuias aqueles que ainda vivem em completa selvageria, ao passo que os civilizados se chamam caboclos.

ARTIGOS DE EXPORTAÇÃO

Café, açúcar, algodão, tabaco, pau de tinturaria, cacau, arroz, baunilha, copaíba-bálsamo, salsaparrilha, conchas de tartaruga, papagaios, urucum, açafreão, pimenta, peles de onça, cochonilha, chá do Paraguai, ipecacuanha, diversas espécies de bálsamo e goma, quina cinzenta, cascarilha, jacarandá, óleo de rícino, gengibre, couros de boi, chifres, mercúrio, pedras preciosas.

NOTAS AO CAPÍTULO XIX

148 Como se sabe, o Marquês de Barbacena era mineiro e não baiano, embora tenha passado boa parte de sua vida na Bahia e ali exercido múltiplas atividades.

149 Essa revolta das ilhas das Cobras teve lugar a 7 de outubro de 1831. Então já havia sido criada a Guarda Nacional, milícia destinada a custodiar Exército e Marinha e a garantir a politicagem do grupo do famoso Padre Feijó.

Na ilha estacionava apenas o Corpo de Artilharia de Marinha, que não sendo secundado, como era esperado, pelos elementos de terra, rendeu-se prontamente por falta de recursos, às forças da Guarda Nacional e Polícia, sob o comando do Coronel João Paulo dos Santos Barreto e Major Luís Alves de Lima e Silva.

150 Nesse empreendimento da deposição da regência tomaram parte entre outras personalidades bem conhecidas, José Bonifácio, o Tenente-Coronel Frias de Vasconcelos e outros chefes militares, que se achavam presos em Villegaignon. Sublevaram a guarnição da ilha, desembarcando com ela em Botafogo, e marcharam para o centro da cidade. Foi a 3 de abril de 1832. No Campo de Santana, foram batidos pela Guarda Nacional e Polícia, então chamada “Permanentes”.

Parece que houve nesse prelúdio uma precipitação, porque a 17 do mesmo mês rebenta o movimento largamente preparado a que se refere Seidler, chefiado pelo Barão de Bülow.

Este foi preso, em 1833, e foi condenado a 10 anos de prisão com trabalho, mas em 1834 teve essa pena comutada na de banimento para fora do Império.

.....

Índice Onomástico

A

Abreu (general) – 137, 153, 159, 189
Adriano – 83
Aires Saldanha – 84
Alexandre – 61, 282
Alvarenga Peixoto – 54
Álvares Cabral – 410, 482
Alvear (general) – 125, 154, 156, 160, 161, 162, 215, 217, 241
Amélia (imperatriz) – 45, 410, 412, 413, 420
Andrada, José Bonifácio de – Ver Silva, José Bonifácio de Andrada e
Andrade, Gomes Freire de – 54
Andrezoito – Ver Artigas, André
Artigas, André – 54

B

Bandeira de Melo – 112
Barbacena (marquês de) – Ver Pontes, Felisberto Caldeira Brant
Barreto (marechal) – 247, 248, 253
Barreto, João Paulo dos Santos (coronel) – 484
Beauharnais, Eugênio – 410, 412
Bento Manuel (coronel) – 136, 246, 254, 255
Beresford – 238, 271, 310
Beverina (coronel) – 162
Blass (negociante) – 475
Bobadela – 313
Bösch, Th. – 84

Bragança (duque de) – 464
Brasileira, Isabel Maria de Alcântara – 131, 137
Braun (marechal) – Ver Brown (marechal)
Brown (almirante) – 133, 134, 160, 272, 273, 289, 398
Brown (marechal) – 217, 221, 223, 224, 231, 233, 236, 237, 238, 242, 244, 245, 247, 248, 249, 254, 255, 273, 283, 290, 313, 435, 444, 445
Brown, Gustavo Henrique – 232
Bruto – 100, 418
Bülow, von (barão) – 472, 473, 474, 484

C

Calado, João Crisóstomo (general) – 159
Carlos X – 433
Carlos XII – 298
Carlos, o Temerário – 298
Carro (capitão) – 399
Cássio – 418
Caldas Aulete – 253
Camões – 293
Castro (visconde de) – 279
Castro Alves – 313
Cavendish – 53
Catão – 474
Caxias (duque de) – Ver Silva, Luís Alves de Lima e
Cervantes – 410
César (imperador romano) – 418
Cleópatra – 431

Cochrane – 243
Colombo – 82, 107, 129
Cotter (coronel) – 259, 260
Cunctator – 242
Cunha (conde da) – 52, 54

D

Damásia (dona) – 231, 301, 302, 303
De La Flote – 313
Dell’Hoste (coronel) – 264
Desceliers, Pierre – 342
Dracon – 166
Drago – 261, 262
Duclerc – 54
Duguay-Trouin – 54
“Duro” – 94, 95, 467

E

Ehlers – 189
Ende, Carlos Godofredo von – 189
Epicuro – 341
Eugênio – Ver Beauharnais, Eugênio

F

Feijó (padre) – 484
Fernando VII – 472
Francisca Carolina dos Anjos (dona) – 410
Francisco (dom) – 222, 223
Frederico II – 424
Frias de Vasconcelos (major) – 460, 484
Frochlich (negociante) – 475
Frutuoso – Ver Ribeiro, Frutuoso

G

Goiás (duquesa de) – Ver Brasileira, Isabel Maria de Alcântara

Gonçalves, Bento – 54, 254
Gonzaga, Tomás Antônio – 54
Gordon, Robert (*sir*) – 260
Guimarães – 94

H

Handelmann – 189, 439, 460
Heinrich (negociante) – 475
Hildebrand, João Daniel – 189
Hogarth – 304
Holzen (barão de) – 137
Holzen (baronesa de) – 137
Humboldt (barão de) – 322

I

Itabaiana (visconde de) – 232

J

Januária Maria (dona) – 410
Jesus – Ver Jesus, Luís Manuel de
Jesus, Luís Manuel de (major) – 249, 250, 292, 310, 311, 372, 374, 387, 388
João VI (dom) – 89, 95
João Grande – 477, 479, 480, 481
José Bonifácio – Ver Silva, José Bonifácio de Andrada e

K

Kerst (capitão) – 444
Klinger (general) – 273
Kloss – 129, 132
Kniver, Antônio – 53
Koster – 214
Kotzebue – 33

L

Laguna (visconde de) – Ver Lecór, Carlos
Frederico (general)
Laís – 429
Laje (conde de) – 158
Latorre (coronel) – 245, 247, 255
Lavalleja (general) – 247, 272, 273, 283, 284
Laváter – 304
Lavradio (marquês do) – 54
Lecór, Carlos Frederico (general) – 137,
238, 240, 242, 243, 244, 245, 247, 248,
250, 254, 283, 284, 285, 289, 290, 308
Leopoldina (imperatriz) – 89, 122, 123,
126, 127, 128, 129, 410, 412, 432
Leucádia – 427, 428
Lima – Ver Silva, Francisco de Lima e
Lima e Silva – Ver Silva, Francisco de
Lima e
Lima, José Tomás de – 189
Linhares (conde de) – 205
Lippe (conde de) – 83, 394
Lobo (almirante) – 134, 135
Lobo, Manuel (dom) – 84
Luísa – 105, 106

M

Maciel, Salvador José (brigadeiro) – 341
Maia, Antônio José da Silva – 439
Malheiros, Pedro Machado de Miranda –
Ver Miranda (monsenhor)
Mansfeld, V. – 61, 129, 131, 132
Maquiavel – 259
Maria da Glória (dona) – 87, 410, 413, 414,
458, 464
Maul, Carlos – 255
Mena Barreto (coronel) – 279
Metternich – 413

Meyer (tenente) – 457
Miguel (dom) – 270
Miranda (monsenhor) – 116, 117, 119,
179, 189
Montezuma – 415, 423, 424

N

Napoleão – 122, 166, 282
Nero – 282

O

Oribe (presidente) – 255
Osório (general) – 342

P

Pais, José da Silva – 54
Paula Mariana (dona) – 410
Pedro, o Grande – 298
“Pedro Burro” – ver Pedro I (dom)
Pedro I (dom) – 28, 29, 31, 33, 35, 45, 47,
49, 66, 67, 69, 70, 78, 80, 84, 87, 90, 92,
93, 99, 112, 116, 120, 121, 122, 123,
125, 126, 127, 128, 129, 131, 132, 135,
136, 157, 166, 171, 177, 200, 223, 240,
254, 257, 258, 259, 262, 269, 270, 275,
276, 277, 281, 282, 298, 315, 343, 347,
398, 410, 412, 413, 414, 416, 417, 418,
419, 420, 421, 422, 425, 432, 433, 435,
437, 439, 441, 442, 446, 451, 452, 453,
454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 465,
467, 469, 481
Pedro II (dom) – 73, 99, 347, 410, 465, 472
Pereira, José Clemente – 415
Petronina (dona) – 477
Pinto Guedes (almirante) – 272
Pinto, Sebastião Parreto Pereira (general) –
159, 233

488 *Carl Seidler*

Pizarro (monsenhor) – 55
Plancher – 471
Platão – 185
Pontes, Felisberto Caldeira Brant – 137,
153, 158, 160, 161, 165, 217, 230, 232,
409, 410, 412, 413, 414, 423, 469, 484
Pahl (tenente) – 80, 84
Paz (general) 283, 284

Q

Queirós, Alexandre Luís de (sargento-mor)
– 161
Queirós, José Luís de (soldado) – 161

R

Rau (dr.) – 127
Ribeiro, Frutuoso – 240, 241, 242, 243
Ricardina – Ver Soares, Ricardina
Rio Branco (barão do) – 460
Rio Pardo (conde de) – 266, 270, 271,
417, 418, 422, 475
Rivera, Frutuoso – 54, 242, 254, 255
Romão (capitão) – 281, 300, 301, 302
Rondeau – 255
Rosa – 282, 294
Rosado, Massena (general) – 125, 136,
137, 158, 231
Rosas – 255
Rousseau, Jean-Jacques – 34, 464

S

Sá, Augusto de – 313
Santos (condessa de) – 131
São Leopoldo (Visconde de) – 189
Sarmiento – 254
Saul (rei) – 125
Scevola – 100

Schäffer, von (major) – 34, 36, 59, 166,
168, 249, 259
Schiller – 72, 283
Schlegel – 293
Schrambach (capitão) – 444
Schwalbach (coronel) – 270, 456, 437
Silva, Francisco de Lima e (brigadeiro) –
98, 132, 160, 161, 254, 313, 413, 415,
416, 421, 422, 423, 438, 456, 457, 460,
465, 467, 473, 474, 481
Silva, Luís Alves de Lima e – 112, 438, 484
Silva, José Bonifácio de Andrada e – 99,
347, 413, 467, 472, 474, 481, 484
Soares, Ricardina – 71, 72, 73
Soltau (tenente) – 392
Sousa Doca (tenente-coronel) – 136, 137,
342
Sousa, Fausto de – 55
Steinhausen – 77
Suárez, Joaquim (don) – 255
Suckow, von (major) – 443

T

Tiola (major) – 263
Tiradentes – 54
Tower, André – 53
Trajano – 282
Trenberg (conde de) – 137

V

Valente, Tomás Joaquim Pereira (briga-
deiro) – 438
Vicença (dona) – 385
Viegas, Gaspar de – 342
Vieira, Antônio – 477, 478, 479, 480, 481
Vieira Fazenda – 55
Villegaignon – 53, 54

Virgílio – 456

Vogel, Carlos Leopoldo – 189

W

Wallenstein – 241

Washington – 424

Wellington – 117, 238, 283

Wertheim, von – 374

Wettern, von – 34

Y

Yeats, William Woods – 249

X

Xantipa – 102

Xenócrates – 341

Z

Zagale (coronel) – 159

Dez Anos no Brasil, de Carl Seidler,
foi impresso em papel Vergê Areia 85g/m², nas oficinas
da SEEP (Secretaria Especial de Editoração e Publicações), do Senado Federal,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em março de 2003, de acordo
com o programa editorial e projeto gráfico do
Conselho Editorial do Senado Federal.